

GRANDES ESPERANÇAS

Charles Dicken

InfoLivros.org



SINOPSE DE GRANDES ESPERANÇAS

Grandes esperanças é uma das obras mais importantes de Charles Dickens e uma de suas mais populares. Foi publicado entre 1860 e 1861 na revista *Durante todo o ano*. É um romance de aprendizagem que conta a história de Phillip Pirrip, um ferreiro órfão e novato que aspira a se tornar um cavaleiro.

Desta forma, o personagem descreve sua jornada da infância à vida adulta. Acredita-se que seja um romance de redenção, pois o protagonista se afasta de suas origens de privação em busca de dinheiro e classe social.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [Grandes esperanças por Charles Dickens em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Great Expectations author Charles Dickens](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Grandes Esperanzas autor Charles Dickens](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Les grandes espérances auteur Charles Dickens](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Charles Dickens em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Charles Dickens em formato PDF em InfoLivros.org](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

CAPÍTULO I

Sendo o sobrenome de meu pai Philip, e meu nome de batismo Philip, quando minhas tentativas de pronunciar os dois nomes não resultavam em nada mais longo nem mais explícito do que Philip. Por isso passei a denominar-me Philip, e assim vim a ser chamado.

Digo que Philip era o sobrenome de meu pai com base na sua lápide e na minha irmã — a sra. Joe Gargery, que se casou com o ferreiro. Com o tempo vi meu pai e minha mãe, e nunca vi retrato deles (pois que viveram muito antes

do tempo das fotografias),¹ minhas primeiras fantasias a respeito de sua aparência se fundavam, de modo nada razoável, nas suas lápides. A forma das letras na lápide de meu pai me inspirou a estranha ideia de que ele teria sido um homem quadrado, robusto, moreno, com cabelos negros crespos. A partir do aspecto e fraseado da inscrição, “Também Georgiana Esposa do Acima”, extraí a conclusão infantil de que minha mãe era sardenta e doente. Cinco pequenos losangos de pedra, cada um com cerca de meio metro de comprimento, dispostos numa fileira ordenada ao lado da sepultura dos dois, e dedicados à memória de cinco irmãos meus — que desistiram de tentar viver excepcionalmente cedo nesse conflito universal — me

inspiraram a convicção, à qual me apegava com fervor religioso, de que todos eles haviam nascido de costas, com as mãos nos bolsos das calças, e de lá já mais as tiraram neste estado da existência.

Nossa região era o charco junto ao rio,2 a uma distância, onde o rio fazia curva, de trinta quilômetros do mar. Minhas primeiras impressões vívidas e abrangentes da identidade das coisas, creio eu que as vivenciei numa manhã em orável tarde fria e úmida, já perto do anoitecer. Nessa ocasião descobri com certeza que aquele lugar lúgubre, coberto de urtigas, era o campo-santo; e que Philip Pirrip, paroquiano de lá, e também Georgiana, esposa do acima, estavam mortos e enterrados; e que Alexandre, Bartholomew, Abraham, Tobias e Roger, filhos pequenos dos dois, também estavam mortos e enterrados; e que o descampado escuro e plano que se estendia além do campo-santo, pontuado por diques e outeiros e porteiras, com algumas cabeças de gado esparsas a pastar, era o charco; e que a linha plana e cor-de-chumbo mais além era o rio; e que aquele pasto selvagem e longínquo de onde vinha o vento era o mar; e que o serzinho estremecendo de medo de tudo isso, e começando a chorar, era Pip.

“Para com esse barulho!”, gritou uma voz terrível, e um homem veio vindo

por entre as sepulturas ao lado do alpendre da igreja. “Fica quieto, seu diabrete, senão eu te corto a garganta!”

Um homem assustador, com uma roupa grosseira toda cinzenta, com um

grande ferro na perna.³ Um homem sem chapéu, e com sapatos rasgados, e com um trapo velho amarrado em torno da cabeça.

Um homem que havia afundado na água, e chafurdado na lama, e torcido o pé nas pedras, e se cortado nas pederneiras, e se espetado nas urtigas, e se rasgado nas urzes; que mancava, e estremezia, e rosnavia; e que me olhava com olhar feroz, estalejando os dentes enquanto me agarrava pelo queixo.

“Ah! Não me corte a garganta, senhor”, implorei apavorado. “Por favor, não faça isso, senhor.”

“Diz o teu nome!”, ordenou o homem. “Depressa!” “Por mim, senhor.”

“De novo”, disse o homem, olhando-me e fixando-me. “Fala!” “Por mim, senhor!”

“Mostra onde tu meoras”, disse o homem. “Aponta pro lugar!”

Indiquei a direção de nossa aldeia, na margem plana do rio, em meio aos moinhos e árvores podadas, a quase dois quilômetros da igreja.

O homem, tendo-me olhado por um momento, virou-me de cabeça para baixo e esvaziou-me os bolsos. Neles não havia nada além de um pedaço de pão. Quando a igreja se endireitou — pois ele foi tão repentino e forte que a fez virar de ponta-cabeça diante

de mim, e vi o cam panário debaixo de meus pés —, quando a igreja se endireitou, com o eu dizia, dei por mim sentado numa lápide alta, tremendo, enquanto ele devorava o pão com avidez.

“Filhote de cachorro”, disse o homem, lamendo os beiços, “tuas bochecha é bem gorducha.”

Creio que eram mesmo gordas, em bora na época eu fosse um menino pequeno para minha idade, e nada forte.

“Ora se eu não comia elas”, disse o homem, sacudindo a cabeça de modo ameaçador, “e posso muito bem comer, mesmo!”

Manifestei enfaticamente a esperança de que ele não fizesse tal coisa, e agarrei-me com mais força à lápide em que ele me colocara; em parte para não cair dela, em parte para não chorar.

“Escuta aqui!”, disse o homem. “Que é da tua mãe?” “Ali, senhor!”, apontei.

Ele assustou-se, correu um pouco, parou e olhou para trás.

“Ali, senhor!”, expliquei, tímido. “Tam bém Georgiana. É a minha mãe.” “Ah!”, ele exclamou, voltando. “E aquele ali ao lado da tua mãe é o teu pai?”

“Sim, senhor”, respondi, “paroquiano de cá.”

“Ah!”, ele murmurou então, pensativo. “Tu vives com quem — se é que eu vou ser bonzinho e te deixar viver, coisa que ainda não decidi?”

“Minha irmã, senhor — a senhora Joe Gargery — mulher de Joe Gargery, o ferreiro, senhor.”

“Ferreiro, é?”, disse ele. E olhou para a própria perna.

Depois de olhar feroz para a perna e para mim algum as vezes, aproximou-se

de minha lápide, segurou-me pelos dois braços e inclinou-me para trás até onde pôde fazê-lo, de modo que pudesse me olhar nos olhos do modo mais penetrante, enquanto os meus olhavam para os dele, imponentes.

“Escuta aqui”, disse ele, “o negócio é saber se te deixo viver ou não. Tu sabes o que é uma lima de ferro.”

“Sei, sim, senhor.”

“E sabes o que é com ida.” “Sei, sim, senhor.”

Depois de cada pergunta, ele me inclinava um pouco mais, de modo a acentuar minha sensação de imponente e perigo.

“Me traz uma lima.” Inclinou-me outra vez. “E me traz com ida.” Inclinou-me outra vez. “Me traz as duas coisas.” Inclinou-me outra vez. “Senão eu te ranco o coração e o figo.” Inclinou-me outra vez.

Eu estava terrivelmente assustado, e tão tonto que me agarrei a ele com as duas mãos, dizendo: “Se o senhor por favor parar de me entortar, pode ser que eu não fique enjoado, e preste mais atenção no senhor”.

Ele me virou ao contrário com toda a força, de modo que a igreja pulou por cima de seu próprio cata-vento. Então me segurou pelos braços, de cabeça para cima, sobre a lápide, e continuou, ameaçador:

“Me traz amanhã, de amanhã bem cedo, a limpa e a com ida. Leva tudo pra

minha, na velha bateria4 acolá. Faz isso e não ouse dizer uma palavra a ninguém, nem dar a entender que encontraste uma pessoa como eu, nem pessoa nenhuma, que aí eu te deixo viver. Se não fizeres o que mando, ou se desviares do que eu te digo, por pouco que seja, teu coração e teu figo vai ser arrancado, assado e comido. Olha, eu não estou sozinho não, ao contrário do que podes estar pensando. Tem um rapaz escondido comigo, e em comparação com esse rapaz eu sou um anjo. Esse rapaz está ouvindo tudo que eu digo. Esse rapaz tem um jeito secreto que só ele sabe de pegar um garoto, e rancar o coração dele, e o figo dele. Não adianta tentar se esconder desse rapaz. O garoto pode trancar a porta, se enfiar na cama quentinha, se embrulhar todo nas cobertas, puxar elas até cobrir a cabeça, crente que está muito confortável e bem protegido, mas aí esse rapaz entra sem fazer

barulho, chega até ele e rasga ele ao meio. Eu estou no momento im pedindo esse rapaz de fazer mal a ti, com muita dificuldade. É muito difícil im pedir esse rapaz de te rasgar ao meio. E então, o que me dizes?”

Eu disse que ia lhe trazer a limpa, e os restos de comida que conseguisse pegar, e viria a seu encontro na bateria de manhã cedo.

“Diz que Deus te mate no jardim se não fizeres isso!”, disse o homem. Obedecei, e ele me pôs no chão.

“Poris então”, insisti, “lembrado que foi com binado, e lembra daquele rapaz, e vai pra casa!”

“Boa noite, senhor”, gaguejei.

“Boa um a ova!”, exclamei, correndo a vista pela planície fria e úmida. “Eu queria ser um sapo. Ou então um a enguia!”

Enquanto abraçava o próprio corpo, que tremia, com os dois braços — apertando com força, com o para não se desmanchar — seguia mancando até a mureta da igreja. Fiquei a vê-lo, contornando com cuidado as urtigas, por entre

as sarças que cingiam os montículos verdes, e a meus olhos de criança ele dava a impressão de estar se esquivando das garras dos defuntos, que esticavam os braços cautelosos de suas sepulturas, para lhe agarrar o tornozelo e puxá-lo para dentro.

Chegando à margem, passou por cima dela, com o homem em cujas pernas estão dormidas e duras, e depois se virou para mim e procurar. Quando vi que ele se virava, voltei-me na direção de minha casa, e corri mais depressa que pude correr. Mas pouco depois olhei para trás e vi que ele voltava para os lados do rio, ainda a abraçar-se com os dois braços, pondo com cuidado os pés feridos entre as pedras grandes postas aqui e ali no charco, para servirem de passarelas quando chovia forte, ou quando subia a margem.

O charco era apenas uma longa linha horizontal negra quando parei para tentar encontrá-lo; e o rio não passava de mais uma linha horizontal, bem menos larga e menos negra; e o céu, só um feixe de linhas longas de um vermelho colérico, interrompidas com faixas negras e densas. Na margem do rio eu divisava, com dificuldade, os dois únicos vultos negros em toda a paisagem que pareciam estar em posição vertical; um deles era o farol que orientava os marinheiros — parecia um barril sem aros no alto de um poste — uma coisa feia quando vista de perto; o outro, um patíbulo onde pendiam umas correntes, no qual outrora fora enforcado um pirata. O homem seguia mancando em direção a esse patíbulo, como se fosse o pirata redivivo, que dele tendo descido agora voltava, para lá se pendurar outra vez. Esse pensamento fez-me muito mal; e, ao ver os bois levantando as cabeças e olhando para o homem, perguntei a mim mesmo se eles também teriam a mesma impressão. Corri a vista à minha volta, tem

endo deparar com o rapaz terrível, e não vi nenhum sinal dele. Porém, com o coração cheio de medo de novo, fui para casa correndo sem parar.

CAPÍTULO II

Minha irmã, a sra. Joe Gargery, era mais de vinte anos mais velha que eu, e já era grande reputação junto a si própria e à vizinhança por ter me criado “com a mão”.¹ Sendo, na época, obrigado a descobrir por conta própria o significado da expressão, e sabendo que sua mão era dura e pesada, e que ela tinha o hábito de usá-la com frequência contra o marido e contra mim, concluí que tanto eu quanto Joe Gargery tinham os sido criados com a mão.

Não era uma mulher bonita, a minha irmã; e tinha eu a impressão geral de que ela havia obrigado Joe Gargery a casar-se com ela com a mão. Joe era um homem claro, com cachos de cabelo cor de palha dos dois lados do rosto liso, e olhos de um azul tão indeciso que pareciam de algum modo misturar-se com os brancos à sua volta. Era um homem tranquilo, bondoso, bem-humorado, de fácil trato, simpático e amável — uma espécie de Hércules² em força, e também na fraqueza.

Minha irmã, a sra. Joe, de cabelos e olhos negros, tinha uma pele tão vermelha que por vezes eu ficava a imaginar se era possível que ela se lavasse com um ralador de noz-moscada em vez de sabão. Era alta e ossuda, e quase sempre usava um avental grosseiro, amarrado a sua pessoa com dois laços atrás, e tendo

um peitilho quadrado inexpugnável à frente, cheio de agulhas e alfinetes cravados. Precisa-lhe um grande mérito seu, e uma grave acusação contra Joe, o fato de que ela usava tanto esse avental. Sei bem que não consigo entender por que motivo ela o usava: ou por que, se o usava, não poderia tirá-lo, todos os dias de sua vida.

A ferraria de Joe ficava ao lado de nossa casa, que era de madeira, com o eram muitas das casas de nossa região — a maioria delas, na época. Quando cheguei correndo do campo-santo, a ferraria estava fechada, e encontrei Joe a sós na cozinha. Sendo eu e Joe com panheiros de infortúnio, trocávamos confidências, e ele me fez uma confidência tão logo levantei a tranca da porta e pela fresta olhei para ele, sentado no canto da chaminé.

“A senhora Joe já saiu umas doze vezes, à tua procura, Pip. E está lá fora

outra vez, com pletando uma dúzia de frade.”³ “É mesmo?”

“É, sim, Pip”, disse Joe, “e o pior é que ela levou o pau-de-cosca.”

Diante dessa terrível informação, fiquei a torcer o único botão de meu colete, olhando com muito desânimo para o fogo. O pau-de-cócega era um

pedaço de bengala com cera na ponta, já liso de tanto me fazer cócegas no couro.

“Ela sentou”, disse Joe, “e levantou, e garrou no pau-de-cosca, e saiu espumando. Foi o que ela fez”, disse Joe, lentamente abrindo espaço para o fogo entre as barras inferiores com o atiçador, e olhando para ele: “Saiu espumando, Pip.”

“Ela já saiu há muito tempo, Joe?” Eu sempre o tratava com o um a espécie maior de criança, e com o um igual.

“Bom”, ele respondeu, olhando de relance para o relógio além do, “ela saiu espumando, da última vez, há coisa de cinco minutos, Pip. Lá vem ela! Te esconde atrás da porta, meu velho, e fica atrás da toalha rolante.”

Segui seu conselho. Minha irmã, a sra. Joe, escancarando a porta, e encontrando um obstáculo atrás dela, de imediato adivinhou a causa, e valeu-se do pau-de-cócega para investigar. Terminou jogando-me — eu amá-lo lhe servia de projétil conubial — em cima de Joe, o qual, satisfeito por se apoderar de mim, mesmo dessa maneira, me pôs dentro da chaminé e discretamente protegeu-me com sua perna enorme.

“Adonde que te enfiaste, macaquinho?”, disse a sra. Joe, batendo com o pé no chão. “Me diz logo o que andaste fazendo pra me matar de preocupação e aflição, senão eu te tiro desse canto, mesmo que fosses cinquenta Pips, e houvesse quinhentos Gargerys na frente.”

“Fui só lá no cam po-santo”, respondi, de m eu banquinho, chorando e m e esfregando.

“Cam po-santo!”, repetiu m inha irm ã. “Se não fosse eu, j á tinhas ido parar no cam po-santo há m uito tem po, e de lá não saías. Quem que te criou com a m ão?”

“A senhora”, respondi.

“E por que foi que eu fiz isso, m e diz, hein?”, exclam ou m inha irm ã. Choram inguei: “Não sei”.

“Eu é que não sei!”, retrucou m inha irm ã. “Nunca que eu fazia isso de novo!

Isso eu sei. Com toda certeza, nunca que tirei esse m eu avental desde que nasceste. Com o se não bastasse ser m ulher de ferreiro (e de um Gargery inda por cim a), inda fui ser tua m ãe.”

Meus pensam entos se desviaram dessa questão enquanto m eus olhos

desconsolados contem plavam o fogo. P ois o fugitivo lá no charco, com o ferro na perna, o rapaz m isterioso, a lim a, a com ida e o horrível j uram ento que eu fizera, com prom etendo-m e a com eter um furto contra o lar que m e servia de abrigo, surgiam diante de m im nas brasas vingativas.

“Ah!”, exclam ou a sra. Joe, recolocando o pau-de-cócega em seu devido lugar. “Cam po-santo, ora, essa é boa! Vocês dois falando

de cam po-santo.” Um de nós, aliás, não havia tocado no assunto. “Vocês dois, um dia desses, ainda vão me fazer parar no cam po-santo, e quero só ver o que será dessa bela dupla sem mim !”

Enquanto ela cuidava dos apetrechos do chá, Joe olhou de esguelha para mim por cima da perna, como se estivesse mentalmente nos somando os dois, eu e ele, e calculando que dupla haveríamos de fazer, nas mesmas circunstâncias

antevistas. Em seguida, ficou a cofiar os cachos e as suíças cor de palha do lado direito, e acompanhando a sra. Joe com os olhos azuis, como sempre fazia em momentos de tempestade.

Minha irmã tinha um modo vigoroso de cortar pão com a faca antiga para nós, que nunca variava. Primeiro, com a mão esquerda apertava o pão com força contra o peitilho — onde por vezes nele se cravava um alfinete, e por vezes uma agulha, que depois terminava em nossas bocas. Depois pegava um pouco de manteiga (não muita) com a faca e espalhava-a no pão, como um boticário

preparando um emplastro — usando os dois lados da faca com uma destreza abrupta, aparando e aplainando a manteiga em torno da côdea. Então dava um último golpe preciso com a faca na beira do emplastro, e em seguida cortava um pedaço bem grosso do pão: o qual, por fim, antes de separá-lo do resto do pão,

ela serrava ao meio, dando a Joe uma das metades e a mim a outra.

Na ocasião em questão, em bora estivesse com fome, não ousei comer minha fatia. Julgava eu que era necessário guardar alguma coisa para meu terrível conhecido e seu aliado mais terrível ainda, o rapaz. Eu sabia que a sra. Joe era muito inuciosa quanto aos gastos da família, e que se eu explorasse o cofre talvez não encontrasse nada. Por isso resolvi enfiar minha fatia de pão com manteiga na perna de minha calça.

O esforço de determinação necessário para atingir esse objetivo foi, conforme verifiquei, terrível. Era como se eu tivesse de me obrigar a saltar do telhado de uma casa alta, ou me ergulhar em águas muito profundas. E tudo se tornava mais difícil por não estar Joe a par do que acontecera. Na nossa maçanaria de com panheiros de infortúnio, já mencionada, e numa atitude de camaradagem simpática, tinham os o hábito de com parar, todas as noites, a maneira com o mordiam as nossas fatias, exibindo-as em silêncio para a admiração mútua, de vez em quando, o que nos incentivava a emprender novos esforços. Naquela noite, Joe várias vezes me convidou, exibindo sua fatia cada vez maior, a participar de nossa costumeira com petição amistosa; porém a cada vez ele deparava com minha caneca com arela de chá num dos olhos e minha fatia intacta de pão com manteiga no outro. Por fim, concluí em desespero que era preciso

fazer o que havia de ser feito, e que devia fazê-lo da maneira mais provável com patível com as circunstâncias. Aproveitei-me e de um momento em que Joe tinha acabado de olhar para mim e enfiei o pão na perna da calça.

Joe, sem dúvida, estava preocupado com o que julgou ser minha perda de apetite, e deu em sua fatia uma mordida que pareceu não lhe dar prazer. Revirou o bocado na boca por muito mais tempo do que era seu costume, pensando profundamente, e no fim engoliu-o como se fosse uma pílula. Ia dar mais uma mordida, e já havia posicionado a cabeça em um dos lados do pão para abocanhá-lo com jeito, quando olhou para mim e percebeu que minha fatia havia desaparecido.

O espanto e a consternação com que Joe se deteve no instante antes de morder e ficou a olhar para mim eram evidentes demais para que minha irmã não os observasse.

“O que foi, agora?”, indagou ela, vigorosa, pondo a xícara na mesa.

“Ora, o que é isso!”, murmurou Joe, sacudindo a cabeça para mim numa

repreensão muito séria. “Pip, meu velho! Isso vai te fazer mal. Há de ficar entalado em algum lugar. Não é possível que tenhas mastigado, Pip.”

“O que foi, agora?”, repetiu minha irmã, com mais vigor ainda que antes.

“Se conseguires botar para fora, P ip, recom endo-te que o faças”, disse Joe, assustado. “Boas maneiras é importante, mas a saúde é saúde.”

A essa altura, minha irmã estava desesperada, e assim avançou sobre Joe e, pegando-o pelas duas suíças, bateu-lhe a cabeça por algum tempo contra a parede atrás dele; enquanto isso, no meu canto, eu assistia à cena, cheio de culpa. “Agora, quem sabe, vais me dizer o que houve”, falou minha irmã, ofegante, “estafermo de uma figa.”

Joe olhou-a, impotente; depois deu uma mordida impotente, e voltou a olhar para mim.

“Sabes, P ip”, disse Joe, muito sério, com a última bocada na bochecha, e falando num tom confidencial, com o se nós dois estivéssemos a sós, “somos sempre amigos, tu e eu, e eu seria a última pessoa a te delatar, em qualquer ocasião. Mas...” — ele mudou de posição a cadeira e olhou para o trecho de chão entre nós dois, e depois voltou a olhar para mim — “... engolir tudo assim sem mastigar!”

“Então ele anda engolindo a comida sem mastigar, é?”, exclamou minha irmã.

“Tu sabes, meu velho”, disse Joe, olhando para mim, e não para a sra. Joe, com o bocado ainda na bochecha, “eu também fazia isso, quando tinha a tua idade — fazia muito — e quando menino

conheci muitos que faziam a mesma coisa; mas nunca vi nada igual ao que fizeste, Pip, e não sei como não morreste entalado.”

Minha irmã saltou sobre mim e me fisgou pelos cabelos, dizendo apenas as palavras terríveis: “Vem tomar o remédio”.

Algum médico sem alma havia restituído o prestígio medicinal da água

alcatroada,⁶ e a sra. Joe sempre tinha uma provisão da substância em seu armário, pois acreditava que suas virtudes eram tão grandes quanto era horrendo seu gosto. Na melhor das hipóteses, fazia-me ingerir uma quantidade tamanha desse elixir, tido com o tônico excelente, que depois eu percebia que estava exalando um cheiro de cerca recém-erigida. Na noite em questão, a urgência de meu caso exigia meio litro dessa mistura, que foi despejada em minha goela, para meu maior conforto, enquanto a sra. Joe segurava minha cabeça debaixo do braço, com o quem prende uma bota numa descalfadeira. Joe se safou com apenas um quarto de litro; porém foi obrigado a tomar a mistura (muito a contragosto, lentamente a mastigar e meditar diante da lareira), “porque ele estava com um achaque”. Do meu ponto de vista, eu diria que sem dúvida ele teve um achaque depois, ainda que nada tivesse antes.

A consciência é uma coisa terrível quando ela acusa um homem ou um menino; mas quando, no caso de um menino, esse ônus

secreto coopera com outro ônus secreto enfiado na perna de suas calças, o resultado (com o posso testem unhar) é um tremendo castigo. O pensam ento culposo de que eu iria roubar a sra. Joe — j am ais pensei que ia roubar Joe, pois nunca encarei os

obj etos da casa com o propriedade dele — associado à necessidade de m anter sem pre um a das m ãos no pão com m anteiga, estando eu sentado ou realizando algum a tarefa na cozinha, quase m e enlouqueceu. Então, quando os ventos que vinham do charco atiçaram o fogo, im aginei que ouvia a voz lá fora, a voz do hom em com ferro na perna, que m e obrigara a j urar m anter segredo, afirm ando que ele não podia e não queria m orrer de fom e esperando até am anhã, porém precisava da com ida agora. Em outros m om entos, eu pensava: e se o rapaz, que com tanta dificuldade ele im pedia de suj ar as m ãos com o m eu sangue, cedesse a sua im paciência constitucional, ou se enganasse a respeito do com binado e j ulgasse ter direito a m eu coração e m eu fígado naquela noite, e não no dia seguinte? Se algum a vez alguém ficou com o cabelo em pé de terror, certamente terei sido eu. Mas talvez isso j am ais tenha acontecido com ninguém .

Era noite de Natal, e eu tinha que ficar a m exer o pudim para o dia seguinte no tacho de cobre, das sete às oito pelo relógio alem ão. Tentei m exer com o tacho em cim a da perna (o que m e fez pensar outra vez no hom em com o ferro na perna) e verifiquei que era

im possível fazê-lo com o pão com m anteiga querendo a toda hora escapular pela boca da calça. Felizmente, consegui sair de fininho e guardar esse pedaço de minha consciência na água-furtada que me servia de quarto.

“Que foi isso?”, exclamei, quando, tendo terminado de mexer o pudim, estava a me aquecer no canto da chaminé antes de ser mandado para a cama. “Foi tiro de canhão, Joe?”

“Ah!”, disse Joe. “Mais um forçado que se escafedeu.” “O que quer dizer isso, Joe?”, perguntei.

A sra. Joe, que sempre assumia as explicações, disse, irritada: “Fugiu. Fugiu”. Admistrando a definição com o se fosse água alcatroada.

Estando a sra. Joe debruçada sobre sua costura, formei as palavras com a boca em silêncio olhando para Joe: “O que é forçado?”, Joe formou com a boca as palavras de uma resposta tão complicada que a única coisa que entendi foi: “Pip”.

“Ontem um forçado escapou”, disse ele em voz alta, “depois do tiro do pôr do sol. E deram outro tiro pra anunciar a fuga dele. E agora, parece que estão anunciando mais outra.”

“Quem é que está atirando?”, perguntei.

“Diabo de menino”, interveio minha irmã, fechando a cara para mim sem interromper o trabalho, “não para de fazer pergunta. Não faça perguntas que não lhe dirão mentiras.”

Ela não estava sendo muito delicada consigo própria, pensei, dando a entender que mentiria para mim se eu lhe fizesse perguntas. Mas ela nunca era delicada, a menos que estivesse em presença de visitas.

A essa altura, Joe em muito aumentou minha curiosidade dando-se o trabalho de escancarar a boca ao máximo, e formar uma palavra que me pareceu ser “esgana”. Naturalmente, apontei para a sra. Joe, e formei a palavra “ela?”. Mas Joe sacudiu a cabeça com veemência, e mais uma vez escancarou a boca, formando com ela uma palavra muito enfática. Mas não consegui entender que palavra seria.

“Senhora Joe”, arrisquei, com o último recurso, “eu queria saber — se a senhora não se incomodar — de onde vêm esses tiros?”

“Deus abençoe esse menino!”, exclamou minha irmã, num tom que parecia

expressar o sentimento contrário. “Das presigangas.”⁷ “Ah!”, disse eu, olhando para Joe. “As presigangas!”

Joe repreendeu-me com uma tosse cujo sentido era: “Eu não te disse?” “E, por favor, o que é presiganga?”

“Com esse menino é sempre assim!”, exclamou minha irmã, apontando para mim com a agulha e a linha, e sacudindo a cabeça. “A gente responde uma pergunta, e ele faz mais uma dúzia na mesma hora. As presigangas são navios- prisões, do outro lado do chaco.” Era esse o nome que sempre davam os ao charco, na nossa região.

“Quem será que mandam pra esses navios- prisões, e por que será que fazem isso?”, perguntei eu, uma pergunta de caráter geral, com um desespero contido.

Foi demais para a sra. Joe, que imediatamente se levantou. “Eu vou te dizer uma coisa, rapazinho”, disse ela, “eu não te criei com a mão pra ficares a machucar a vida dos outros. Desse jeito o que fiz não merece elogio, e sim censura. Mandam pras presigangas quem mata, e quem rouba, e quem frauda, e quem faz tudo que é errado; e quem faz essas coisas sempre com você fazendo pergunta. Já para cá!”

Nunca me deixavam levar uma vela para ir até a cama, e, enquanto subia a escada no escuro, com a cabeça latejando — por efeito do dedal da sra. Joe, que nela tocara pandeiro com o acompanhamento de suas palavras finais — tive a impressão preocupante de que as presigangas eram muito práticas para gente com o eu. Sem dúvida, meu destino era lá. Eu com você fazendo perguntas, e agora ia roubar a sra. Joe.

Desde aquele tempo, já muito distante agora, com frequência me ocorre o pensamento de que poucas pessoas sabem quantos segredos guardam as crianças sob o impacto do terror. Não importa que o terror seja ilógico, desde que o terror seja. Inspirava-me um terror mortal o rapaz que queria me no coração e me no fígado; e também o meu interlocutor com ferro na perna; e também eu mesmo, que fora obrigado a fazer uma promessa tremenda; não tinha eu esperança de me salvar através de minha irmã todopoderosa, que me repelia a cada passo; tremo de pensar no que eu teria sido capaz de fazer, se me mandassem, sob o impacto de meu terror secreto.

Se dormi naquela noite, foi para imaginar-me descendo o rio numa forte maré de sizígia, até chegar às presilhas; um pirata spectral gritou para mim através de um porta-voz, quando passei pelo patíbulo, que era melhor eu ir-me enforcar logo de uma vez, em vez de adiar o inevitável. Eu tentava adormecer, mesmo que tal fosse possível, pois sabia que assim que o dia começasse a raiar seria obrigado a saquear a despensa. Não havia como fazê-lo à noite, pois era

impossível acender o fogo com um atrito suave na época; para tal seria necessário usar pederneira e aço, o que faria tanto barulho quanto o pirata a chocalhar suas correntes.

Tão logo o grande manto de veludo negro do lado de fora de minha pequena

que anela com eçou a tingir-se de cinza, levantei-me e desci; cada tábuca do caminho, e cada rachadura em cada tábuca, gritava atrás de mim: “Pega ladrão!” e “Acorde, senhora Joe!”. Na despensa, que estava muito mais bem abastecida do que de costume, por ser Natal, fiquei muito assustado com uma lebre dependurada pelas patas, a qual me deu a nítida impressão, quando fui lhe dar as costas, de ter piscado o olho. Não havia tempo para nenhuma verificação, para escolhas, para coisa alguma, pois eu corria contra o relógio. Roubei um pouco de pão, um pedaço de casca de queijo, cerca de meio pote de recheio de torta* (que guardei numa trouxa feita com meu lenço, junto com minha fatia de pão da véspera), um pouco de brande de uma garrafa de pedra (que eu verti dentro de uma garrafa de vidro em que, secretamente, eu preparara uma bebida inebriante, sumo de alcaçuz,⁹ no meu quarto: com pensando o brande roubado com água tirada de uma jarra no armário da cozinha), um osso com muito pouca carne nele, e um belo pastelão de porco, redondo e com pacto. Por um triz não saí sem o pastelão, porém senti-me tentado a subir até uma prateleira, para ver o que fora guardado com tanto cuidado num prato de cerâmica, coberto, num canto, lá encontrei o pastelão e o peguei, na esperança de que a intenção fosse consumi-lo mais tarde, e que, portanto, não se desse por sua falta por algum tempo.

Havia na cozinha um a porta que dava direto para a ferraria; destranquei-a e levantei a retranca, e peguei um a lim a em m eio às ferram entas de Joe. Depois fechei tudo tal com o estava antes, abri a porta pela qual eu entrara na véspera, quando voltei correndo para casa, fechei-a e saí correndo em direção ao charco nevoento.

* Recheio de torta: no original, mincemeat, m istura de frutas secas, passas, cravo, canela, noz-m oscada, brande (isto é, conhaque, às vezes substituído por rum) e outros ingredientes, além de carne m oída e banha bovina, para servir de recheio de tortas servidas no Natal. (n. t.)

CAPÍTULO III

Era um a m anã de geada, m uito úm ida. Eu vira a um idade do lado de fora de m inha j anelinha, com o se um duende tivesse ficado ali a noite inteira a chorar, usando a j anela à guisa de lenço. Agora eu a via nas sebes desfolhadas e na gram a rala, form ando com o que teias de aranha de um a espécie m ais grosseira, pendendo de graveto a graveto e de folha a folha. Em cada grade e portão a um idade form ava um a cam ada grudenta; e a névoa do charco era tão espessa que a placa de m adeira do poste que indicava a direção da nossa aldeia — um a direção que ninguém tom ava, pois ninguém j am ais ia lá — só se tornou visível para m im quando fiquei bem em baixo dela. Então, quando levantei a vista para a placa, que pingava, ela tom ou form a na m inha consciência oprim ida com o um espectro que m e sentenciava às presigangas.

A névoa ficou m ais pesada ainda quando penetrei o charco, de m odo que, em vez de eu correr em direção às coisas, tudo parecia correr em m inha direção. Essa sensação era m uito desagradável para um espírito cheio de culpa. As porteiras e diques e barrancos surgiam -m e de repente em m eio à névoa, com o se gritassem de m odo perfeitam ente claro: “Um m enino com um pastelão de porco que não é dele! P eguem esse m enino!”. Os bois tam bém surgiam diante de m im subitam ente, olhando-m e com seus olhos fixos, vapor saindo de suas narinas: “Ora essa, um ladrãozinho!”.

Um boi preto, com uma gravata branca — o qual parecia à minha consciência despertada ter um ar clerical — fixou-me os olhos de modo tão obstinado, e girava a cabeçorra de maneira tão acusadora, que chorei e inguei para ele: “Não foi por querer, senhor! Não foi para mim que eu peguei!”. Quando então o animal baixou a cabeça, exalou uma nuvem de fumaça pelo nariz e desapareceu, com um coice e um floreio da cauda.

Enquanto isso, eu me aproximava do rio; mas por mais depressa que caminhasse, não conseguia aquecer os pés, aos quais o frio úmido parecia estar pregado, tal como o ferro estava preso à perna do homem com quem eu ia me encontrar. Eu conhecia bem o caminho da bateria, pois já estivera lá uma vez, num domingo, com Joe, o qual, sentado num canhão velho, me dissera que

quando eu fosse seu aprendiz,¹ com contrato e tudo, nós haveríamos de fazer grandes patuscadas ali! Porém, na confusão da névoa, terminei-me dando conta de que me desviara demais para a direita, e por isso tive que tentar voltar seguindo o rio, pela margem de pedras soltas acima da lama e estacas que traçavam o limite da margem. Caminhando com toda a pressa, tinha eu acabado de

atravessar uma vala que sabia ser bem próxima à bateria, e subira o montículo do outro lado dela, quando vi o homem sentado à

inha frente. Estava de costas para mim, de braços cruzados, a cabeça caída para a frente, pesada de sono.

Julguei que o homem ficaria mais satisfeito se eu me aproximasse dele, com seu desejo, de modo inesperado; assim fui chegando pé ante pé e toquei-o no ombro. No mesmo instante ele levantou-se de um salto, e não era o mesmo homem, e sim outro!

E, no entanto, ele estava com a mesma roupa de pano cinzento grosseiro, e também tinha um ferro grande na perna, e estava magro, e rouco, e transido de frio, e era sob todos os aspectos igual ao outro homem; só que não tinha o mesmo rosto, e usava um chapéu de feltro chato, de aba larga e copa baixa. Tudo isso vi num momento, pois tive apenas um momento para ver: ele xingou-me, tentou golpear-me — um golpe fraco e confuso que não me atingiu e teve o efeito de fazê-lo tropeçar e quase cair — e depois saiu correndo pela névoa adentro, tropeçando duas vezes no caminho, até que o perdi de vista.

“É o rapaz!”, pensei, sentindo meu coração disparar ao identificá-lo. Creio que teria sentido uma dor no fígado também, se soubesse onde ele ficava.

Logo cheguei à bateria, e lá estava o homem certo — abraçando o próprio corpo e mancando de um lado para o outro, com o se tivesse passado a noite inteira a abraçar-se e mancar sem

interrupção — à minha espera. Ele estava mesmo com muito frio. Eu meio que esperava que a qualquer momento ele caísse duro diante de meus olhos, morto de frio. Havia também tanta fome em seu olhar que, quando lhe entreguei a limpa e ele a depôs na grama, ocorreu-me que teria tentado comê-la se não tivesse visto minha trouxa. Não me virou de cabeça para baixo, dessa vez, para pegar o que eu tivesse, porém me deixou na posição normal enquanto eu abria a trouxa e esvaziava os bolsos.

“O que tem nessa garrafa, menino?”, ele perguntou. “Brande”, respondi.

Ele já estava enfiando o recheio de torta goela abaixo de um modo muito curioso — mais parecia um homem que estivesse guardando a comida em algum lugar com muitíssima pressa do que alguém comendo — porém interrompeu o processo para tomar um gole de bebida. Enquanto isso, estremecia de modo tão violento que era com dificuldade que conseguia manter o gargalo entre os dentes sem trincá-lo.

“Acho que o senhor está com sezoão”,² disse eu.

“Sou mais ou menos da tua opinião, menino”, disse ele.

“Aqui é muito ruim”, prossegui. “O senhor tem dormido no chaco, e isso sem pré-dá sezoão. E reumatismo também.”

“Vou fazer meu desejo um antes que eles me pegue pra me matar”, disse ele. “Eu havia de comer mesmo que eles me fosse

pendurar naquela forca acolá, logo adespóis. Duvido que a sezão m e derrube, sou capaz de apostar.”

Ele devorava recheio de torta, osso, pão, queijo e pastelão de porco, tudo ao mesmo tempo: olhando desconfiado, enquanto corria, para a névoa que nos cercava, e a toda hora parando — parando até de mastigar — para escutar. Algum som ouvido ou imaginado, algum estalido no rio ou respiração de animal no charco, assustou-o, e ele disse de repente:

“Tu não és um diabrete traiçoeiro? Não trouxeste ninguém junto contigo?” “Não, senhor! Ninguém!”

“Nem me andaste ninguém não vir atrás?” “Não!”

“Bom”, disse ele, “acredito em ti. Só mesmo sendo um filhote de cão feroz pra, pequeno como és, ajudar a caçar um rato desgraçado, já quase morto e jogado no lixo, como esse pobre rato desgraçado de mim!”

Alguma coisa estalou em sua garganta, como se ele tivesse dentro dele um mecanismo como o de um relógio, que estivesse prestes a dar a hora. E ele passou a mangar ruda e rasgada nos olhos.

Apiedando-me de seu desamparo, e vendo-o atacar aos poucos o pastelão, criei coragem de dizer: “Que bom que o senhor gostou”.

“Falaste?”

“Eu disse que bom que o senhor gostou.” “Obrigado, meu menino. Gostei, sim.”

Muitas vezes eu vi um cão grande que tinha os dentes devorando seu alimento; e me dei conta então de que havia uma semelhança nítida entre a maneira de comer do cachorro e a dele. O homem dava mordidas fortes, intensas, súbitas, tal como o animal. Ele engolia, ou melhor, abocanhava, cada bocado, cedo demais e rápido demais; e olhava para os lados, para lá e para cá, enquanto comia, como se acreditasse haver o perigo, em todas as direções, de que alguém viesse lhe tomar o pastelão. De tal modo o perturbava essa possibilidade que ele não aproveitava direito a comida, pensei, nem suportaria ter algum comensal a seu lado sem ficar trincando os dentes para ele. Sob todos esses aspectos ele muito se assemelhava ao cão.

“Acho que o senhor não vai deixar nada pra ele”, comentei, tímido; após um silêncio durante o qual hesitei, não sabendo se minha observação seria educada. “Lá de onde veio essa comida tem mais.” Foi a certeza desse fato que me levou a fazer a insinuação.

“Deixar nada pra quem? Ele quem?”, disse meu amigo, parando de mastigar um pedaço de pastelão.

“O rapaz. De quem o senhor falou. Que estava escondido com o senhor.” “Ah, ah!”, ele retrucou, com uma espécie de riso áspero. “Ele? Sei, sei! Ele

não quer saber de com ida.”

“Ele me deu a impressão de que queria, sim”, disse eu.

O homem parou de comer, e me encarou com uma atenção intensa e uma enorme surpresa.

“Ele? Quando?” “Logo agora.” “Adonde?”

“Ali”, respondi, apontando, “onde ele estava cochilando, e pensei que fosse o senhor.”

O homem agarrou-me pelo colarinho e olhou-me de tal modo que comecei a achar que ele voltara a pensar na ideia de cortar-me a garganta.

“Vestido tal como o senhor, sabe, só que com chapéu”, expliquei, trêmulo, “e... e...” — eu queria dizê-lo do modo mais delicado — “e com ... a mesma

razão para querer uma limpa em prestada. O senhor não ouviu o canhão ontem à noite?”

“Então deram tiro mesmo!”, disse ele a si próprio.

“Não entendo como o senhor pode ter dúvida”, retruquei, “pois nós ouvimos lá em casa, que é mais longe, e ainda por cima estavam os com as janelas fechadas.”

“Ora, vê lá”, explicou ele, “quem está sozinho nesse descampado, com a cabeça tonta e a barriga vazia, morrendo de frio e fome, não faz outra coisa a noite toda que não ouvir tiro de canhão e

gente gritando. Ouvir? Ele vê os soldados, de túnica vermelha iluminada pelos archotes, vindo cercar o lugar onde ele está. Ouve chamar o número dele, ouvi gente provocando, ouve o barulho dos mosquetes, ouve as ordens de ‘Parar! Apontar! Bala nele, soldados!’, sente as mãos agarrando — e não tem nada! Ora, essa noite mesmo eu vi um esquadrão de busca — vindo tudo em ordem, os desgraçados, marchando, marchando — vi bem uns cem. E os tiros! Ora, eu vi a bruma da tremida com os tiros de canhão, depois que já tinha clareado. — Mas esse homem — ele falava até então como se tivesse esquecido a minha presença — “reparaste alguma coisa nele?”

“O rosto dele estava muito machucado”, disse eu, relembro algo que eu mal sabia que sabia.

“Não aqui?”, exclamou o homem, batendo na face esquerda de modo impiedoso, com a mão aberta.

“Isso, aí mesmo!”

“Que é dele?” Enfiou o pouco de comida que restava no peito do casaco cinzento. “Mostra pra que lado que ele foi. Eu matei ele feito um cachorro. O diabo leve esse ferro na minha perna machucada! Me dá a limpa, menino.”

Apontei a direção onde a névoa havia ocultado o outro homem, e ele levantou a vista por um instante. Mas logo se escarrapachou na gramínea crescida e úmida, atacando o ferro com

a lim a com o um louco, sem ligar para mim nem para sua própria perna, onde havia um a escoriação antiga e tam bém sangue, mas que ele manipulava com brutalidade, com o se ela fosse tão insensível quanto a lim a. Ele voltara a mim e fazer muito medo, agora que estava possuído por aquela pressa feroz, e além disso eu tinha muito medo de prolongar aquela minha saída por mais tempo. Disse-lhe que tinha de ir em bora, mas ele sequer percebeu, e assim julguei que o melhor a fazer era escapulir. Quando vi o homem pela última vez, ele estava debruçado sobre o joelho e limpando com força o grilhão, murmurando im precações im pacientes dirigidas ao ferro e à perna. Quando ouvi o homem pela última vez, ao parar na névoa e aguçar os ouvidos, a lim a continuava em ação.

CAPÍTULO IV

Eu realmente imaginava que encontraria um policial na cozinha, esperando para levar-me e preso. Porém, não apenas não havia policial algum, com o tempo também ninguém ainda se dera conta do furto. A sra. Joe estava ocupadíssima com os preparativos das festividades, e Joe fora instalado no degrau da porta da cozinha para não ir parar na pá de lixo — lugar onde seu destino sem pre acabava por levá-lo mais cedo ou mais tarde, quando minha irmã estava a ceifar vigorosamente os soalhos de seu estabelecimento.

“E onde foi que te enfiaste?” foi a saudação natalina da sra. Joe, quando eu e minha consciência nos fizemos os presentes.

Eu disse que tinha ido ouvir os cânticos de Natal. “Ah, bom!” observou a sra. Joe. “Podia ter sido coisa pior.” Quanto a isso, não havia dúvida, pensei.

“Quem sabe, se eu não fosse um filho de ferreiro, e (o que é a mesma coisa) um escravo que nunca tira o avental, eu também tinha ido ouvir as cantigas”, disse a sra. Joe. “Gosto bastante de cânticos de Natal, e é justamente por isso que eu nunca ouço nenhum.”

Joe, que se havia aventurado a adentrar a cozinha atrás de mim, já que a pá de lixo tinha sido recolhida, passou as costas da mão no nariz com uma expressão conciliatória quando a sra. Joe lhe

dirigiu um olhar faiscante, e, quando ela desviou a vista, em segredo cruzou os dois indicadores para mim, um gesto que entre nós queria dizer que a sra. Joe estava mal-humorada. Essa condição era seu estado natural, de modo que eu e Joe por vezes passávamos os sem-anos a fio com

os dedos na mesma posição que as pernas dos cruzados nos monumentos.¹

Teriam os um almoço magnífico, que consistiria em um pernil de porco no vinagre com verduras e duas galinhas assadas recheadas. Uma bela torta tinha sido preparada na manhã da véspera (motivo pelo qual não se deu pela falta do recheio de torta que eu roubara), e o pudim já estava fervendo. Esses complexos preparativos justificavam que nosso desejo fosse suspenso sem a menor cerimônia; “porque eu”, explicou a sra. Joe, “não quero saber de ninguém engolindo comida e se entupindo pra depois ter que lavar tudo, com tanta coisa pra fazer pela frente, ora essa!”

Assim, nossas fatias foram dispostas na mesa, com o se fossem os dois mil soldados numa marcha forçada e não um homem e um menino em casa; e bebem os goles de leite com água, com expressões comungidas, de uma jarra posta no aparador. Nesse ínterim, a sra. Joe instalou cortinas brancas limpas, e um falbalá novo com padrão de flores em frente à chaminé larga para substituir

o velho, e descobriu a saleta especial do outro lado do corredor, a qual já antes era aberta em qualquer outra ocasião, porém passava o resto do ano numa névoa fresca de folha de estanho, que se estendia até os quatro pequenos poodles brancos de louça no console da lareira, cada um com um focinho preto e um cesto de flores na boca, um igual ao outro. A sra. Joe era uma dona de casa asseadíssima, porém dominava a sutil arte de tornar sua limpeza mais desconfortável e insuportável do que a própria sujeira. Limpeza vem logo depois da santidade, e há pessoas que agem do mesmo modo quanto à sua religião.

Minha irmã, de tão ocupada que estava, iria à igreja por procuração; ou seja, eu e Joe é que iríamos em seu lugar. Com suas roupas de trabalho, Joe era o típico ferreiro; endominguado, mais parecia um espantalho próspero do que qualquer outra coisa. Nessas ocasiões, nada que usava lhe caía bem nem parecia lhe pertencer; e tudo que usava o incomodava. Na ocasião festiva em questão, ao emergir de seu quarto, quando soaram os sinos alegres, Joe era a própria imagem da infelicidade, ostentando um traje com pleto de penitência dominical. Quanto a mim, creio que minha irmã imaginava que eu era um jovem criminoso que um parteiro da polícia havia detido (no dia de meu nascimento) e entregado a ela, para que lidasse com o problema da minha estada lesada da lei. Sempre fui tratado como se houvesse insistido em nascer, em oposição aos ditames da razão, da fé e da

m oral, e ignorando os argumentos de meus irmãos mais velhos. Mesmo quando eu era levado para adquirir roupas novas, o alfaiate tinha ordens de fazê-

las com o se fossem um a espécie de reformatório,² e que não me deixassem de modo algum ter a liberdade de usar meus membros.

Assim, eu e Joe indo para a igreja certamente haviam se formado um espetáculo com ovente para espectadores com passivos. No entanto, o que eu sofria por fora não era nada em comparação com o que se passava em meu interior. Os terrores que me haviam dominado cada vez que a sra. Joe passava perto da despensa, ou saía da cozinha, só eram comparáveis ao remorso com que meinha mente relembrava o que minhas mãos tinham feito. Sob o ônus de meu segredo alévol, eu me perguntava se a Igreja teria poderes suficientes para me proteger da vingança do terrível rapaz, se eu o divulgasse àquela instituição. Estava convicto de que, quando fossem lidos os proclamas e o sacerdote dissesse “que fale agora!”, eu teria de me levantar e propor uma conversa reservada na sacristia. Não estou de modo algum certo de que não teria sido capaz de surpreender nossa pequena congregação com essa medida extrema, não fosse o fato de que era Natal e não domingo.³

O sr. Wopsle, o sacristão, vinha almoçar conosco; e também o sr. Hubble, o segeiro, com a sra. Hubble; e o tio P um blechook (era tio de Joe, mas a sra. Joe se apropriara dele), um próspero comerciante de cereais que morava na cidade mais próxima, e que conduzia sua própria carruagem. O almoço estava marcado para uma reunião. Quando eu e Joe chegamos em casa, encontramos a mesa posta, e a sra. Joe vestida, e o almoço preparado, e a porta da frente destrancada (vivia trancada, em qualquer outra ocasião) para que os convidados entrassem, e tudo esplêndido. E, por enquanto, nada a respeito do roubo.

Deu uma reunião, sem trazer nenhum alívio para meus sentimentos, e os

convidados chegaram. O sr. Wopsle, portando um nariz romano e uma testa larga, calva e reluzente, tinha uma voz grave que lhe inspirava um orgulho descomunal; de fato, dava a entender que, se permitissem que ele lesse em voz alta, o pároco entraria em pânico; ele próprio confessava que, se a Igreja fosse “escancarada”, isto é, aberta para a concorrência, ele não estava certo de que não deixaria sua marca nela. Não estando “escancarada” a Igreja, ele era, como já disse, nosso sacristão. Porém seus acentos eram tremendos; e quando lia o salmo — sempre dando o versículo com pleito — antes corria os olhos por toda a congregação, como se dissesse: “Vocês ouviram meu cântico lá de cima; 4 por favor, digam-me o que acham do meu estilo!”.

Fui abrir a porta para os convidados — fazendo de conta que para nós era habitual abrir aquela porta — primeiro para o sr. Wopsle, depois para o sr. e a sra. Hubble, e por fim para o tio P um blechhook. N. B. Eu não tinha permissão para chamá-lo tio, estando sujeito a castigos severíssimos.

“Senhora Joe”, disse o tio P um blechhook: um homem grandalhão e lerdo, de meia-idade, de respiração pesada, com boca de peixe, olhos mortuários e parados e cabelos ruivos que ficavam espetados em sua cabeça, dando a impressão de que fora estrangulado quase até a morte e tinha acabado de recobrar os sentidos; “eu lhe trouxe, com o presente de Natal — eu lhe trouxe, senhora, uma garrafa de xerez — e lhe trouxe, senhora, uma garrafa de vinho do Porto.”

Todo Natal ele se apresentava, com o se fosse uma novidade profunda, com exatamente as mesmas palavras, e carregando as duas garrafas com o se fossem halteres. Todo Natal a sra. Joe respondia, tal como o fazia agora: “Ah tio P um - ble -c hook! Muita bondade sua!”. Todo Natal ele respondia, tal como o fazia

agora: “A senhora merece. E então, estão todos patuscos, e com o vai o nosso

Meio-Tostão?”. A referência era a mim.

Nessas ocasiões, almoçavam na cozinha, e depois, na hora das frutas secas, laranjas e maçãs, nos transferíamos para a sala

de visitas; mudança essa que muito se assemelhava à mudança de traje de Joe, das roupas de trabalho para as de domingo. Minha irmã estava excepcionalmente animada na ocasião em questão, e de modo geral derramava-se em gentilezas com a sra. Hubble mais do que com qualquer outro convidado. Lembro-me da sra. Hubble com o um a mulherzinha de cabelos crespos e feições bem definidas, com um traje azul-celeste, que ocupava uma posição convencionalmente juvenil por ter desposado o sr. Hubble — não sei em que período remoto — quando era muito mais jovem que ele. Lembro-me do sr. Hubble com o um velho durão, de ombros altos e costas recurvas, com uma fragrância de serragem, que andava com as pernas extraordinariamente afastadas uma da outra: tanto assim que, quando pequeno, eu sempre via uma grande extensão de campo aberto entre elas quando me deparava com ele subindo a rua.

Em meio a tão boa companhia eu deveria sentir-me, mesmo que não tivesse tomado de assalto a despensa, com o um impositor. Não por ter sido instalado num ângulo agudo da toalha da mesa, com a mesa no meu peito e o cotovelo proeminente no meu olho, nem por não ter permissão para falar (eu não queria falar), nem por me regalarem com as pontas escamosas das coxas dos

frangos e com aqueles recantos obscuros do porco de que o animal, quando vivo, tinha muitos motivos para se orgulhar. Não; nada

disso me impediria, se eles me deixassem em paz. Porém eles não me deixavam em paz. Parecia-lhes que estariam perdendo uma oportunidade se não conseguissem me tornar assunto da conversa, de vez em quando, e me alfinetar. Era como se eu fosse um pequeno touro infeliz numa arena espanhola, de tanto que me feriam essas agulhoadas maldosas.

Como aconteceu em que nos sentamos para comer. O sr. Wopsle deu as graças com uma declamação teatral — em retrospecto, parecia um cruzamento religioso do fantasma do pai de Hamlet com Ricardo III — e terminou com a aspiração muito apropriada de que fossem os sinceramente gratos. Ao ouvir isso, minha irmã fixou o olhar em mim e disse, em voz baixa e em tom de reprovação: “Ouviste? Sê grato”.

“Especialmente”, disse o sr. Pumblechook, “sê grato, menino, a quem te criou com a mãe.”

A sra. Hubble sacudiu a cabeça e, contendo-me com o melancólico pressentimento de que eu haveria de terminar mal, perguntou: “Por que será que os jovens nunca são gratos?”. Esse mistério oral parecia estar além da compreensão dos comentários, até que o sr. Hubble o resolveu de modo sumário, dizendo: “Ruindade natural”. Todos então murmuraram: “É verdade!”, e olharam para mim de um modo particularmente desagradável e pessoal.

A posição e a influência de Joe eram um pouco mais fracas (se tal era possível) na presença de visitas do que na ausência delas. Porém ele sempre ajudava e confortava quando podia, lá a sua maneira, e durante as refeições sua maneira de fazê-lo era meter o olho, quando o olho havia. Com o naquele dia o olho era farto, Joe pôs no meu prato, a essa altura, cerca de um quarto de litro.

Um pouco mais tarde, ainda durante o almoço, o sr. Wopsle criticou o sermão com certa severidade, e nos deu uma ideia — sob a hipótese habitual de ser a Igreja “escancarada” — que espécie de sermão ele teria feito. Após

brindar os convivas com alguns dos tópicos desse discurso, comentou que a seu ver o tema da homilia que tinham ouvido fora mal escolhido; o que era tão menos desculpável, acrescentou, por haver tantos temas “por aí”.

“É verdade, mais uma vez”, disse o tio Plumchuck. “O senhor acertou em cheio! Há muitos temas por aí, é só saber pegá-los no ar. É só isso que falta. Não é preciso ir longe para achar um tema, desde que se esteja atento.” O sr. Plumchuck acrescentou, após um curto intervalo para reflexão: “Por exemplo, o porco. Eis um tema! Quer um tema, tome o porco!”

“É verdade, meu senhor. Muitas coisas para os jovens”, retorquiu o sr. Wopsle; e eu já sabia que seria o alvo da estocada antes mesmo que ele prosseguisse, “podem ser deduzidas desse texto.”

(“Escuta bem”, disse-me minha irmã, num parêntese severo.) Joe me deu mais um pouco de olhar.

“Os porcos”, prosseguiu o sr. Wopsle, com sua voz mais grave, apontando com seu garfo para minhas faces enrubescidas, com o se estivesse me chamando

pelo nome de batismo, “os porcos eram os com panheiros do filho pródigo.”⁵ A

gula do porco nos é apresentada com o exemplo para os jovens.” (Achei muito boa essa, vindo de quem pouco antes tinha elogiado o porco por ser tão gorducho e suculento.) O que é detestável num porco, é mais detestável ainda num menino.”

“Ou num menina”, sugeriu o sr. Hubble.

“Sim, claro, ou num menina, senhor Hubble”, concordou o sr. Wopsle, um tanto irritado, “mas não há nenhuma menina aqui.”

“Além disso”, disse o sr. Pumblechook, virando-se diretamente para mim, “pensa nos motivos que tens para agradecer. Se tivesses nascido um porquinho...”

“E ele era mesmo um porquinho, quando pequeno”, disse minha irmã, com muita ênfase.

Joe me deu mais um olho.

“Sim, mas quero dizer um porquinho mesmo, quadrúpede”, disse o sr. Plumblehook. “Se tivesses nascido assim, estarias aqui agora? Não...”

“A menos que fosse nessa forma”, disse o sr. Wopsle, indicando a travessa. “Mas não me refiro a essa forma, meu senhor”, devolveu o sr.

Plumblehook, que não gostava de ser interrompido; “e sim a desfrutar da companhia dos mais velhos e mais sábios, e aprender com a conversa deles, e desfrutar tantos luxos. Ele estaria fazendo isso? Não. E qual seria o teu destino?”, virando-se para mim outra vez. “Serias vendido por tantos xelins de acordo com o preço de mercado do artigo, e o Dunstable, o açougueiro, vinha buscar-te na palha onde estavas deitado, e te enfiava debaixo do braço esquerdo, e com a mão direita levantava o avental para pegar um canivete no bolso do colete, e então te tirava o sangue e a vida. Ninguém havia de te criar com a mão. Nem pensar!”

Joe ofereceu-me mais um olho, que tive medo de aceitar.

“Ele deu muitíssimo o trabalho à senhora”, disse a sra. Hubble, apiedando-se de minha irmã.

“Trabalho?”, ecoou minha irmã, “trabalho?” E então deu início a um tremendo catálogo de todas as doenças de que eu fora culpado, e todos os atos de insônia que eu cometera, e todos os

lugares altos de que eu havia caído, e todos os lugares baixos em que eu havia caído, e todos os machucados que eu infligira a mim mesmo, e todas as vezes que ela desejara me ver no túmulo e eu, teimosamente, me recusara a ir para lá.

Imagino que os romanos deviam irritar-se mutuamente sobremaneira, com aqueles narizes. Talvez fosse por isso que se tornaram um povo tão inquieto. Fosse com o fosse, o nariz romano do sr. Wopsle de tal modo me irritou, durante o recital de minhas infrações, que tive vontade de puxá-lo até que ele urrasse. Mas tudo que eu havia suportado até aquele momento não foi nada em comparação com os sentimentos terríveis que me dominaram quando foi interrompida a pausa que se seguiu ao recital de minha irmã, durante a qual todos ficaram a meu olhar (com o que percebi dolorosamente) com indignação e repugnância.

“E, no entanto”, disse o sr. Plumchuck, levando os meus ensaios delicadamente de volta para o tema de que se haviam afastado, “o porco, considerado no estado cozido, também tem seu lado bom ; é ou não é?”

“O senhor aceita um brande, tio?”, disse minha irmã.

Meu Deus, era agora! Ele acharia a bebida fraca, diria que estava fraca, e eu estaria perdido! Agarrei com força a perna da mesa por baixo da toalha, com as duas mãos, e fiquei aguardando meu destino.

Minha irmã foi pegar a garrafa de pedra, voltou com a garrafa de pedra e serviu um a dose: ninguém mais ia beber brande. O desgraçado brincou com a taça — levantou-a, olhou para a luz através dela, pousou-a na mesa — prolongando meu sofrimento. Enquanto isso, a sra. Joe e Joe, eficientes, tiravam a mesa para servir a torta e o pudim .

Eu não conseguia tirar os olhos dele. Sem pre-agarrando com força a perna da mesa, com as mãos e os pés, vi a desgraçada criatura dedilhar sua taça, brincaço, levantá-la, sorrir, jogar a cabeça para trás e beber o brande de um só gole. No instante seguinte, todos os comensais foram tomados por uma consternação indizível, porque ele se levantou de um salto, correu de um lado para o outro várias vezes numa horrenda dança espasmódica de coqueluche e saiu correndo pela porta afóra; em seguida, vim o-lo pela janela, abaixando-se e expectorando violentamente, fazendo as caretas mais horrendas, aparentemente enlouquecido.

Continuei agarrado ao pé da mesa, enquanto a sra. Joe e Joe corriam para acudir-lo. Eu não sabia com o que fizera, mas sem dúvida tinha dado um jeito de assassiná-lo. Na minha terrível situação, foi um alívio quando o trouxeram de volta, e ele, correndo a vista por todos com o que se eles tivessem discordado dele,

jogou-se em sua cadeira exclamando apenas: “Alcatrão!”.

Eu havia enchido a garrafa com água alcatroada. Eu sabia que ele ia acabar se sentindo pior ainda. Fiz a mesa deslocar-se, com o um médium de nossos

tempos, pelo vigor com que minha mão invisível a apertava.

“Alcatrão!”, exclamou minha irmã, perplexa. “Ora, como foi que isso foi parar lá?”

Mas o tio P um blehook, que era onipotente naquela cozinha, não queria ouvir a palavra, nem queria que se tocasse no assunto, com um gesto impetuoso pôs de lado todo o incidente e pediu um gim com água quente. Minha irmã, que estava ficando perigosamente pensativa, teve que providenciar o gim, a água quente, o açúcar e a casca de limão, e misturá-los. Por ora, ao menos, eu estava salvo. Continuei agarrado à perna da mesa, mas agora eu a agarrava com o fervor da gratidão.

Pouco a pouco, fui me acalmado, até que pude largar a perna da mesa e provar o pudim. O sr. P um blehook provou o pudim. Todos provaram o pudim. Terminado o pudim, o sr. P um blehook já sorria sob o efeito benévolo do gim com água. Comecei a pensar que escaparia incólume e naquele dia, quando minha irmã disse a Joe: “P ratos limpos — frios”.

Imediatamente voltei a agarrar a perna da mesa, apertando-a contra o peito como se fosse a companheira de minha juventude

e am iga de m inha alm a. Eu previa o que estava por vir, e sentia que dessa vez eu estava m esm o perdido.

“Vocês precisam provar”, disse m inha irm ã, dirigindo-se aos convivas do m odo m ais afável, “vocês precisam provar, pra terminar, o presente delicioso do tio P um blechook!”

P recisavam m esm o? Ah, que eles não quisessem provar!

“Vou lhes dizer”, insistiu m inha irm ã, levantando-se, “é um a torta; um a deliciosa torta de porco.”

Os com ensais m urm uraram elogios. O tio P um blechook, côm scio de ser m erecedor dos bons sentim entos de seus sem elhantes, disse — de m odo bem vivaz, dadas as circunstâncias: “Bem , senhora Joe, vam os fazer o possível; provem os essa fam osa torta”.

Minha irm ã foi pegá-la. Ouvi seus passos indo em direção à despensa. Vi o senhor P um blechook brincar com a faca. Vi o apetite do sr. Wopsle redespertar em suas narinas rom anas. Ouvi o sr. Hubble dizer que “um pouco de torta de porco, por cim a de qualquer outra coisa, m al não faz”, e ouvi Joe dizer: “Hás de comer um pouco tam bém , P ip”. Nunca consegui determ inar com certeza se soltei um grito lancinante de terror apenas em espírito ou se concretam ente, nos ouvidos dos convivas. Senti que não aguentava m ais, e que tinha de fugir dali. Soltei a perna da m esa, e saí correndo a toda velocidade.

Porém, não passei da porta da frente, pois lá esbarrei num grupo de soldados armados de mosquetes, um dos quais me mostrou um par de algemas, dizendo: “Até que enfim, depressa, vamos!”.

CAPÍTULO V

A aparição de uma coluna de soldados batendo com as coronhas dos mosquetes carregados na soleira de nossa casa fez os comensais se levantarem da mesa atabalhoadamente, e a sra. Joe, ao voltar para a cozinha de mãos abanando, parou de súbito de olhos arregalados, com o laminto atrapalhado: “Meu Deus, Deus do céu, com o foi, o que foi — o que é — da torta!”.

Eu e o sargento estávamos na cozinha quando a sra. Joe lá ficou parada com o olhar fixo; e nessa crise recobri em parte o juízo. Quem se dirigira a mim fora o sargento, e ele agora corria o olhar pelos convivas, estendendo-lhes as algemas, num gesto convidativo, com a mão direita, estando a esquerda pousada em meu ombro.

“Pardão, senhoras e senhores”, disse o sargento, “mas com o já disse ao entrar pra esse rapazinho esperto” (coisa que ele não havia feito), “estou fazendo uma busca em nome do rei, e quero falar com o ferreiro.”

“E, diga lá, o que é que o senhor quer com ele?”, retrucou minha irmã, irritada só de saber que alguém queria alguma coisa com Joe.

“Minha senhora”, respondeu o galante sargento, “falando por mim, eu diria que é pra ter a honra e o prazer de travar conhecim

com a senhora esposa dele; falando em nome do rei, digo que é por conta de um pequeno serviço.”

Essa resposta do sargento foi julgada muito boa; tanto assim que o sr. P um blecho exclamou, para todos ouvirem : “Muito bem dito!”.

“Ferreiro”, disse o sargento, que a essa altura já havia identificado Joe e para ele olhava, “tem os um problema com estas algemas, a tranca de uma delas não funciona, não engata direito. Com os tem os precisão delas pra uso imediato, você poderia lhes dar uma olhadela?”

Joe olhou-as rapidamente, e diagnosticou que o serviço exigiria que fosse acesa a fornalha da forja, e levaria mais para duas horas do que para uma. “É mesmo? Então trate de começar agora mesmo, ferreiro”, disse o sargento, sem maiores cerimônias, “pois é a serviço do rei. E se meus homens puderem lhes dar uma mãozinha, pode contar com eles.” Em seguida, convocou os soldados, que entraram na cozinha um por um, e em pilharam suas armas num canto. Depois ficaram parados, como fazem os soldados; ora com as mãos entrelaçadas frouxamente caídas a sua frente; ora descansando um joelho ou um ombro; ora afrouxando um cinto ou um bernal; ora abrindo a porta para lançar uma cusparada, por cima dos colarinhos altos e duros, no quintal.

Todas essas coisas eu via sem saber que as via, tão anha a angústia de minha

apreensão. Porém, com o passar do tempo, ao entender que as algemas não eram destinadas a mim, e que os militares haviam conseguido relegar a tortura ao segundo plano, consegui juntar mais um pouco os cacos de meu juízo.

“O senhor me diria as horas?”, indagou o sargento, dirigindo-se ao sr. Plumbehook, com o qual reconheci nele um homem cuja capacidade de apreciação justificava a inferência de que ele seria capaz de saber as horas.

“Passa um pouco das duas e meia.”

“Nada mais”, refletiu o sargento; “mesmo se eu tivesse que ficar aqui quase duas horas, está bom. A que distância fica o charco, mais ou menos? Menos de dois quilômetros, imagino?”

“Um e meio”, respondeu a sra. Joe.

“Está bom. Vão os com o passar do tempo a cercá-los por volta do entardecer. Um pouco antes do entardecer, foram as ordens que recebi. Está bom.”

“Forçados, sargento?”, perguntou o sr. Wopsle, num tom bem natural. “Exato!”, retrucou o sargento. “Dois. Não há dúvida que estão ainda soltos no

charco, e não vão tentar sair de lá antes do anoitecer. Alguém aqui viu algum a coisa suspeita?”

Todos, menos eu, responderam que não, confiantes. Ninguém pensou em mim.

“Bom !”, exclamou o sargento. “Eles vão ficar cercados, calculo, mais cedo do que imaginam. Vam os, ferreiro! Se você estiver pronto, sua majestade o rei também está.”

Joe já havia tirado o paletó e o colete e a gravata, e vestido o avental de couro, e entrado na ferraria. Um dos soldados abriu as janelas de madeira, outro acendeu o fogo, outro se ocupou com o fole e os demais ficaram parados em torno das chamas, que logo começaram a rugir. Então Joe pôs-se a martelar e tinir, martelar e tinir, e todos nós ficamos olhando.

O interesse pela iminente caçada não apenas absorveu a atenção de todos com o que também tornou até mesmo minha irmã generosa. Ela encheu uma jarra com cerveja do barril, para os soldados, e ofereceu ao sargento uma taça de brande. Mas o sr. Plumtree interveio, severo: “Dê-lhe vinho, senhora. Esse eu garanto que não tem alcatrão”. E assim o sargento agradeceu-lhe, dizendo que, com a preferência bebida sem alcatrão, ia ficar com o vinho, se não fosse nenhum incômodo. Quando o vinho lhe foi servido, bebeu à saúde de sua majestade e desejou a todos um feliz Natal, e bebeu tudo de um gole só e estalou os lábios.

“Bom , hein, sargento?”, exclamou o sr. P um blechhook.

“Vou lhe dizer uma coisa”, retrucou o sargento; “desconfio que quem trouxe foi o senhor.”

O sr. P um blechhook, com uma espécie de gargalhada gorda, perguntou: “É

mesmo? Por quê?”

“Porque”, explicou o sargento, apertando-lhe o ombro, “o senhor é um homem que sabe das coisas.”

“O senhor acha isso mesmo?”, disse o sr. P um blechhook, com o mesmo riso de antes. “Aceite mais um copo!”

“Com o senhor. À sua, à minha”, retrucou o sargento. “Meu pé sobre o seu

— seu pé sobre o meu — bate copo até estalar — melhor música não há! Sua saúde. Que o senhor viva mil anos, e seja sempre tão bom juiz dos homens como é no atual momento da sua vida!”

O sargento virou seu copo mais uma vez e parecia pronto para mais um. Percebi que o sr. P um blechhook, com sua hospitalidade, parecia ter esquecido que dera o vinho de presente e o tomara de volta da sra. Joe, chamando para si a generosidade do gesto de oferecê-lo numa explosão de jovialidade. Até eu ganhei um pouco. E tão prodigamente o distribuiu que chegou a pedir a outra

garrafa e serviu-a com a mesma liberalidade, quando a primeira terminou.

Observando-os agrupados ao redor da forja, a divertirem-se tanto, ocorreu-me que meu amigo fugitivo no charco era um molho terrivelmente bom para um jantar. Todos estavam aproveitando muito mais a ocasião antes da animação fornecida por ele. E agora, quando todos antecipavam alegremente a apreensão dos “dois malfeitores”, e quando o fole parecia rugir para os fugitivos, o fogo arder para eles, a fumaça ir correndo a persegui-los, Joe martelar e tinir para eles, e todas as sombras turvas na parede estremecer para amaldiçoá-los, enquanto as chamas subiam e desciam e as fagulhas rubras caíam e morriam, a tarde pálida lá fora quase parecia, à minha fantasia com passiva, ter em palidecido por pena daqueles pobres-diabos.

Por fim, Joe concluiu seu serviço, e as marteladas e o rugido cessaram. Enquanto vestia o paletó, ele criou coragem e propôs que alguns de nós fossem com os soldados para ver no que dava a caçada. O sr. Plumblehook e o sr. Hubble não aceitaram o convite, argumentando que preferiam fumar seus cachimbos e privar da companhia das senhoras; mas o sr. Wopsle disse que iria, se Joe fosse. Joe retrucou que estava inclinado a ir, e que me levaria, se a sra. Plumblehook permitisse. Jamais teríamos tido autorização para ir, disso estou certo, se a sra. Plumblehook não estivesse curiosa para saber tudo sobre a caçada, e com o haveria de acabar. Assim, ela

limitou-se a estipular: “Se trouxeres o menino com a cabeça esmagalhada por um tiro de mosquete, depois não me vás pedir que eu junte os cacos”.

O sargento despediu-se educadamente das senhoras, e disse adeus ao sr. P com um bechuck com o se ele fosse um camarada de armas; porém duvido que reconhecesse tantos méritos naquele cavalheiro em condições mais secas, quanto em situações mais úmidas. Os soldados retomaram suas armas e entraram em formação. O sr. Wopsle, Joe e eu fomos advertidos a ficar sempre na retaguarda e não dizer palavra tão logo chegassem ao charco. Quando já estavam todos no frio lá fora, avançando em direção ao nosso objetivo, cochichei para Joe, com o um traidor: “Espero, Joe, que não encontrem os ninguém”. E Joe cochichou para mim: “Eu daria um xelim para que eles cortassem as correntes e fugissem, Pip”.

Ninguém da aldeia nos acompanhou, pois o tempo estava gelado e o caçador, o caminho era lúgubre, a pista era ruim, estava escurecendo e as pessoas tinham boas lareiras acesas em casa e celebravam o Natal. Uns poucos rostos apareceram afobados nas janelas iluminadas e ficaram a olhar para nós, mas ninguém saiu. Passamos pelo poste indicador, e seguimos diretamente para o campo-santo. Lá, paramos por alguns minutos, a um sinal de mão do sargento,

enquanto dois ou três de seus homens se espalhavam por entre as sepulturas e examinavam o pórtico. Voltaram sem ter encontrado nada, e então seguimos para o charco vazio, pelo portão lateral do cemitério. Castigava-nos uma chuva cortante e instigada com gelo, trazida pelo vento leste, e Joe me colocou nas suas costas.

Agora que estavam os no descampado lúgubre onde ninguém imaginava que eu estivera oito ou nove horas antes e vi os dois homens a esconder-se, ocorreu-me pela primeira vez uma ideia, acompanhada por intenso terror: se os encontrassem, será que o meu fugitivo, em particular, pensaria que fora eu quem tinha levado os soldados até aquele lugar? Ele me perguntara se eu não seria um diabrete traiçoeiro, e dissera que eu havia de ser um filhote de cão feroz se me juntasse a seus perseguidores. Não me veria com o um diabrete e um cão traiçoeiro, que o havia entregado?

Era inútil fazer a mim mesmo essa pergunta agora. Lá estava eu, nas costas de Joe, e lá estava Joe em baixo de mim, avançando sobre as valas com o um caçador, e animando o sr. Wopsle para que ele não caísse de ponta em seu nariz romano, e não ficasse para trás. Os soldados seguiam à nossa frente, formando uma fileira bem larga, com um bom intervalo cada homem e seu vizinho. Íamos pelo caminho que eu tomara de início, e do qual acabara por me afastar no meio da névoa. Ou bem a névoa ainda não

havia descido, ou bem o vento a dissipara. Sob o brilho avermelhado do poente, o farol, o patíbulo, o montículo da bateria e a margem oposta do rio eram todos claramente visíveis, ainda que todos assumissem um tom agudo de chumbo.

Com o coração a martelar feito um ferreiro sobre os ombros largos de Joe, eu olhava para todos os lados, procurando algum sinal dos forçados. Não via ninguém, não ouvia ninguém. O sr. Wopsle já havia me assustado mais de uma vez, ao bufar e respirar de modo ruidoso; mas a essa altura eu aprendera a reconhecer esses sons e distingui-los do alvo da caçada. Levei um susto terrível quando julguei ouvir o ruído da lima ainda sendo esfregada; mas era só a sineta de um carneiro. Os carneiros paravam de pastar e ficavam a nos olhar, tímidos; e os bois, virando as cabeças para o lado contrário ao do vento e do gelo, encaravam-nos zangados, como se nos julgassem responsáveis pelos dois incômodos; fora essas coisas, porém, e o estremecimento do dia moribundo em cada folha de relva, nada perturbava a imobilidade desoladora do charco.

Os soldados caminhavam em direção à velha bateria, e nós os seguíamos a curta distância, quando, de súbito, todos paramos. Pois chegara até nós, nas asas do vento e da chuva, um grito prolongado. Ele se repetiu. Vinha de certa distância ao leste, mas era alto e demorado. Não, eram dois ou mais gritos simultâneos — até onde era possível julgar naquela confusão dos sons.

Era o que diziam o sargento e os homens que estavam mais próximos dele, aos sussurros, quando eu e Joe nos aproximamos. Depois de ficar à escuta mais um momento, Joe (que era bom em tais questões) concordou, e o sr. Wopsle (que não era bom em tais questões) concordou. O sargento, um homem decidido, mandou que não respondessem ao grito, mas que alterassem o curso, e que os soldados seguissem em “marcha acelerada”. Assim, guinamos para a direita (em direção ao leste), e Joe caminhava tão depressa que eu era obrigado a

segurar-me com força para manter-me em meu lugar.

Agora estavam os correndo mesmo, uma corrida, com o disse Joe, com as únicas palavras que pronunciou em todo aquele tempo, “de tirar o fôlego”. Íamos descendo taludes e subindo taludes, e passando por porteiras, e chafurdando nos diques, e irrompendo pelo meio dos juncos grossos: ninguém se importava onde pisava. À medida que nos aproximávamos da origem dos gritos, foi ficando cada vez mais evidente que havia mais de uma voz a gritar. Por vezes a gritaria parecia parar por completo, e então os soldados se detinham. Quando recomçava, os homens voltavam a correr ainda mais depressa do que antes, e nós íamos atrás deles. Após algum tempo estavam os tão perto que podemos ouvir uma voz gritando: “Assassino!”, e uma outra: “Prisioneiros! Fugitivos! Guarda! Os fugitivos foram por lá!”. Então as vozes pareciam ser sufocadas numa luta, e logo irrompiam outra vez. E

quando isso acontecia, os soldados corriam com o gazelas, e Joe também .

O sargento foi o primeiro a entrar correndo, quando chegaram ao local de onde vinham os gritos, e dois de seus homens o seguiram de perto. Suas armas estavam engatilhadas e apontadas quando todos nós entramos.

“Lá estão os dois!”, exclamou o sargento, ofegante, lutando no fundo da vala. “Rendam-se, vocês dois! O diabo os carregue, suas feras danadas! Parem!”

Água espirrava, e lama voava, e xingamentos soavam, e socos eram desferidos, e mais homens entraram na vala para ajudar o sargento, e de lá arrastaram, separadamente, o meu prisioneiro e o outro. Os dois estavam sangrando, ofegantes, xingando-se e debatendo-se; mas é claro que reconheci ambos.

“Viu só!”, disse o meu forçado, enxugando o sangue do rosto com as mangas esfarrapadas, e sacudindo os dedos cheios de cabelos arrancados. “Fui que eu

peguei ele! Eu que entreguei ele pra vocês! Vocês todos viu!”

“Não te fies muito nisso”, disse o sargento; “de pouco isso te vai valer, meu caro, pois estás na mesma situação que ele. Passe as algemas!”

“Sei que não vai me valer de nada. Basta o bem que me faz agora”, disse o meu forçado, com uma risada ávida. “Eu peguei ele. Ele sabe disso. Para mim, isso me basta.”

O outro prisioneiro era um espetáculo terrível de se ver, pois, além do machucado antigo no lado esquerdo do rosto, parecia ter contusões e feridas por todo o corpo. Ele só conseguiu recuperar o fôlego suficientemente para falar quando os dois já haviam sido algemados separadamente, apoiando-se num soldado para não cair.

“Veja lá, seu guarda — ele tentou me matar”, foram suas primeiras palavras.

“Tentei matar?”, disse meu prisioneiro, com desdém. “Tentei e não matei? Eu peguei ele, e depois larguei; foi isso que eu fiz. Eu não só não deixei ele fugir pro charco mas também arrastei ele até aqui — lá de longe até aqui. É um cavalheiro, mesmo, esse malfeitor. Agora esse cavalheiro vai voltar pra presiganga, graças a mim. Matar ele? Matar pra quê, se eu posso fazer coisa muito pior, que é levar ele de volta pra lá!”

O outro ainda estava ofegante. “Ele tentou... tentou... me matar. Vocês...

são testem unhas.”

“Olha aqui!”, disse o meu forçado ao sargento. “Sozinho eu escapuli do navio-prisão; saí correndo e caí fora. Eu podia ter

saído desse brejo gelado tam bém — olha pra minha perna: vocês vai ver que não tem mais quase ferro nela — se eu não descobro que ele está aqui. Deixar ele escapar? Deixar ele

escapar pelo caminho que eu descobri? Deixar ele me fazer de bobo outra vez? Mais uma vez? Não, não e não. Se eu tivesse morrido lá em baixo”, e com um gesto vigoroso das mãos algemadas indicou a vala, “eu ia agarrar ele com tanta força que vocês iam encontrar grudado nele.”

O outro fugitivo, que claramente sentia um horror extremo de seu

com panheiro, repetiu: “Ele tentou me matar. Eu estaria morto agora se vocês não tivessem chegado”.

“É mentira!”, exclamou o meu prisioneiro, com energia feroz. “Ele nasceu mentindo, e vai morrer mentindo. Olha só pra cara dele; não está escrito nela? Manda ele olhar nos meus olhos. Duvido que ele olha.”

O outro, esforçando-se para esboçar um sorriso de deboche — sem conseguir, porém, conter o tremor nervoso dos lábios numa expressão fixa — olhava para os soldados, e olhava para o charco à sua volta, e para o mar, mas certamente não para o outro.

“Está vendo?”, insistiu o meu forçado. “Está vendo que pulha que ele é? Está vendo essa cara de lambe-botas e esse olho arisco?”

É assim que ele estava quando nós foi julgado junto. Não olhou pra mim nem uma vez.”

O outro, retorcendo sem parar os lábios secos e voltando os olhos para tudo que o cercava, longe e perto, finalmente fixou-os por um momento no primeiro, com as palavras: “Sua cara não é coisa que se olhe”, e com um olhar algo desafiador para as mãos atadas. Nesse momento, o meu forçado foi tomado por tal frenesi de exasperação que teria se jogado sobre ele, não fosse a interposição dos soldados. “Eu não disse”, observou o outro, “que ele me mataria, se pudesse?” E todos podiam ver que ele tremia de medo, e que se formaram sobre seus lábios curiosos flocos brancos, como de neve fina.

“Chega de conversa”, disse o sargento. “Acendam os archotes.”

Enquanto um dos soldados, que levava uma cesta em vez de arma, ajoelhava-se para abri-la, o meu forçado olhou à sua volta pela primeira vez, e me viu. Eu havia descido dos ombros de Joe à beira da vala assim que chegaram os, e desde então não me movea. Olhei para ele ansioso quando ele olhou para mim, e de leve acenei com as mãos e sacudi a cabeça. Eu estava aguardando o momento em que ele me veria, para tentar convencê-lo de minha inocência. Não ficou claro para mim se ele sequer compreendeu minha intenção, pois ele me dirigiu um olhar que não compreendi, e tudo se passou num momento. Mas mesmo se ele tivesse ficado olhando para mim por uma hora ou por um dia, eu não teria

guardado na lem branca um a expressão m ais atenta do que aquela.

O soldado da cesta fez fogo, e acendeu três ou quatro archotes, ficando com um deles e distribuindo os outros. Antes estava quase escuro, mas agora a escuridão se aprofundara, e logo depois se tornou absoluta. Antes de sairmos daquele lugar, quatro soldados em círculo dispararam dois tiros para o alto. Logo

em seguida vim os outros archotes ardendo a alguma distância atrás de nós, e outros no charco, na margem oposta do rio. “Muito bem”, disse o sargento. “Ordinário, m archa.”

Não haviam os avançado muito quando três canhões dispararam à frente de nós, com um estrépito que pareceu estourar algo dentro de meu ouvido. “Estão à tua espera a bordo”, disse o sargento ao meu forçado, “sabem que estás vindo. Não faças corpo mole, meu caro. Anda mais depressa.”

Os dois eram meus antidos separados, e cada um com inhava cercado por uma guarda diferente. Agora eu seguia de mãos dadas com Joe, e Joe carregava um dos archotes. O sr. Wopsle havia manifestado o desejo de voltar para casa, mas Joe estava decidido a ver a coisa até o fim, e assim seguimos com o grupo. O caminho agora era razoavelmente bom, e seguiamos a maior parte do tempo à beira-rio, fazendo um ou outro desvio quando surgia um dique, com um olho de vento em miniatura e uma com porta lam

acenta. Olhando a minha volta, eu via as outras luzes que vinham atrás de nós. Os archotes que levávamos deixavam cair grandes manchas de fogo na pista, e eu as via também, a fumaça e emitir clarões. Fora isso, eu só via uma escuridão negra. Nossas luzes aqueciam o ar que nos cercava com seu brilho resinoso, e os dois prisioneiros pareciam apreciá-lo, enquanto seguiam mancando entre os osquetes. Não podíamos ir depressa por estarmos cansados; e tão cansados era a exaustão deles que duas ou três vezes tivemos de parar para que descansassem.

Depois de cerca de uma hora de caminhada, chegamos a uma cabana rústica de madeira e um desembarcadouro. Havia um guarda na cabana; ele deu a senha, e o sargento respondeu com a contrassenha. Então entramos na cabana, onde havia um cheiro de fumo e calor, e um fogo vivo na lareira, e uma luminária, e um porta-osquetes, e um tambor, e um estrado de cama baixo, de madeira, com uma calandra enorme sem aquecimento, onde caberia uma dúzia de soldados ao mesmo tempo. Os três ou quatro que lá estavam deitados, por cima de seus sobretudos, não estavam muito interessados em nós, e limitaram-se a levantar as cabeças e dirigir-nos um olhar sonolento, para depois reassumirem a posição original. O sargento fez uma espécie de relatório, e um registro num livro, e em seguida aquele a quem me refiro com o outro forçado foi levado por sua guarda, para ser o primeiro a voltar à prisão.

O meu forçado não voltou a olhar para mim, após aquela única vez. Quando estavam os na cabana, ele postou-se diante do fogo, contemplando-o pensativo, pondo ora um pé, ora o outro, junto à lareira, e contemplando-os pensativo, como se deles se apiedasse pelas recentes desventuras que haviam sofrido. De repente voltou-se para o sargento, e com entou:

“Quero dizer uma coisa sobre essa minha fuga. Para que ninguém mais vire suspeito junto comigo.”

“Podes dizer o que quiseres”, retrucou o sargento, olhando-o tranquilo, de braços cruzados, “mas não carece de ser aqui. Depois não te faltará ocasião para falar sobre isso, e ouvir falar, antes de encerrar o processo, como sabes.”

“Sei, sim, mas é uma outra coisa, uma questão separada. Ninguém aguenta passar fome; eu, pelo menos, não aguento. Eu peguei comida, na aldeia acolá — perto da igreja já quase no meio do charco.”

“Tu roubaste, é o que queres dizer”, disse o sargento. “E vou dizer donde que foi. Da casa do ferreiro.” “Ora, ora!”, exclamou o sargento, olhando para Joe. “Ora, Pipi!”, exclamou Joe, olhando para mim.

“Foi uns restos de comida — só isso — e um trago de bebida, e uma torta.” “Você deu pela falta de alguma coisa assim, como uma torta, ferreiro?”

perguntou o sargento, em tom confidencial.

“Minha mulher deu, no momento exato em que o senhor chegou. Não foi, Phipps?”

“Então”, disse o meu prisioneiro, voltando um olhar melancólico para Joe, e sem dirigir o mais rápido relance a mim, “então você é o ferreiro, é? Vamos então dizer que comi a sua torta.”

“Deus sabe que por mim, espero que tenha aproveitado — até onde ela era minha”, retrucou Joe, lembrando-se da sra. Joe. “A gente não sabe o que você fez, mas nós não ia querer que um pobre semelhante morresse de fome. É ou não é, Phipps?”

Aquela coisa em que eu havia reparado antes estalou na garganta do homem em outra vez, e ele nos deu as costas. O barco havia voltado, e sua guarda estava pronta, por isso o acompanhamos até o desembarcadouro feito de pedras e estacas grosseiras, e o vimos sendo levado para dentro do bote, que tinha ao redor uma tripulação de forçados com o ele. Ninguém parecia surpreso por vê-lo, nem interessado em vê-lo, nem alegre por vê-lo, nem triste por vê-lo, nem disse palavra; apenas uma voz no barco resnou, como se se dirigisse a cães: “Força, vocês aí!”, que era o sinal para que começassem a remar. À luz dos archotes, vimos os a presiganga negra a pouca distância do lado da margem, com o um a arca de Noé perversa. Cercado de troncos e barras e atracado com correntes pesadas e enferrujadas, o navio-prisão parecia a meus

olhos de menino estar agrilhado, tal com os prisioneiros. Vim o barco aproximar-se dele, e vim o homem sendo levantado e depois desaparecer. Então os restos dos archotes foram jogados dentro d'água, a silvar, e apagaram-se, como se para ele tudo estivesse terminado.

CAPÍTULO VI

Meu estado mental com relação ao furto de que eu fora inocentado tão inesperadamente não me impeliu a fazer uma confissão sincera; porém continha, espero, alguma coisa de bom, no fundo.

Não me lembro de ter sentido algum peso na consciência quanto à sra. Joe, quando fui libertado do medo de ser descoberto. Mas eu gostava de Joe — talvez pelo simples motivo, nessa fase de minha vida, de que esse excelente sujeito me permitia gostar dele — e, quanto a ele, meu eu interior não se aquietou com tanta facilidade. Assediava-me a ideia (em particular depois que o vi procurando a limpa) de que eu devia contar a ele toda a verdade. No entanto, não o fiz, e não o fiz por temer que, se o fizesse, ele me julgaria pior do que eu era. O medo de perder a confiança de Joe, e doravante permanecer no canto junto à chaminé olhando desconsolado para o com panheiro e amigo que eu perdera, prendia minha língua. Ocorreu-me o pensamento órbido de que, se ele soubesse, nunca mais eu poderia vê-lo junto ao fogo cofiando as suíças louras, sem pensar que ele estaria meditando sobre o assunto. Que, se Joe soubesse, nunca mais eu poderia vê-lo, mesmo de relance, comendo a carne ou pudim de ontem servido à mesa hoje, sem pensar se ele estaria perguntando a si próprio se eu teria feito uma incursão à despensa. Que, se Joe

soubesse, e se em qualquer momento subsequente de nossa vida doméstica ele com entasse que a cerveja estava choca ou espessa, a convicção de que ele suspeitava haver alcatrão nela faria o sangue me subir às faces. Em suma, fui covarde demais para fazer o que eu sabia ser certo, tal como fora covarde demais para evitar fazer o que sabia ser errado. Eu ainda não travara contato com o mundo nesse tempo, e assim sendo não imitei os muitos de seus habitantes que agem desse modo. Verdadeiro gênio inato, descobri essa linha de ação sozinho.

Com o que fiquei sonolento ainda antes de nos termos afastado muito do navio- prisão, Joe pôs-me nas costas de novo e carregou-me para casa. A viagem deve ter sido um tanto cansativa para ele, pois o sr. Wopsle, exausto, estava de tal modo mal-humorado que, se a Igreja tivesse sido escancarada, ele provavelmente teria excomungado toda a expedição, a começar por Joe e por mim. Na condição de leigo, insistia em sentar-se no chão molhado de modo tão enlouquecido que, quando tirou seu casaco para secá-lo junto ao fogo, na cozinha, as provas circunstanciais em suas calças haveriam de levá-lo à forca se a coisa fosse crime capital.

A essa altura, eu camaleava no chão da cozinha com o que fosse um

ebriozinho, por ter sido colocado de pé ainda há pouco, e por ter dormido a sono solto, e por ter sido despertado num lugar quente

e iluminado e cheio de vozes. Quando acordei (com a ajuda de um tapa pesado entre os ombros e a exclamação restauradora “Eh! Onde já se viu um menino igual a este!”, da minha irmã), Joe estava a falar-lhes sobre a confissão do forçado, e todas as visitas propunham hipóteses diferentes sobre o modo como ele conseguira entrar na despensa. O sr. Plumblehook concluiu, tendo examinado o recinto com cuidado, que ele primeiro subira ao telhado da ferraria, em seguida passara para o telhado da casa, e depois descera pela chaminé da cozinha usando uma corda feita com tiras com pridas a que havia reduzido seus lençóis; e como o sr. Plumblehook estava muito certo do que dizia e conduzia sua própria carruagem

— passando por cima de qualquer um — concordou-se que certamente fora assim. O sr. Wopsle, é bem verdade, exclamou loucamente “Não!”, com a malícia débil de um homem cansado; porém, não tendo ele uma teoria, nem um casaco que pudesse vestir, foi unanimemente desprezado — ainda por cima, saía-lhe muita fumaça do traseiro, estando ele parado em frente à lareira da cozinha para secar-se: o que sem dúvida não haveria de inspirar confiança.

Isso foi tudo que ouvi aquela noite antes que minha irmã me agarrasse, por estar minha sonolência ofendendo os olhos dos presentes, e me ajudasse a subir para o quarto com mão tão pesada que me dava a impressão de estar eu calçando

cinquenta pares de botas, arrastando todas elas contra as beiras dos degraus. Meu estado mental, tal com o que descrevi, continuou antes mesmo de eu me levantar pela manhã, e perdurou muito depois de o assunto ter sido esquecido, só voltando a ser mencionado em ocasiões excepcionais.

CAPÍTULO VII

Na época em que fui ao campo-santo e fiquei a ler as lápides da minha família, eu sabia ler apenas o suficiente para decifrar as inscrições. Meu entendimento do significado delas, tão simples, não era muito correto, pois julgava eu que “esposa do Acima” se referia à condição elevada de meu pai num mundo melhor; e se alguma referência fosse feita a um de meus falecidos familiares com o “Abaixo”, sem dúvida eu teria formado uma péssima opinião a respeito desse indivíduo. Do mesmo modo, os conceitos que eu formara a respeito das posições teológicas que me impunha o catecismo¹ não eram de modo algum corretos; pois, com o mesmo lembro muito bem, pensava que “assim caminhar por todos os dias de minha vida” me obrigava a caminhar em nossa aldeia, a partir de nossa casa, sem nenhuma direção, e jamais me desviar dela entrando no caminho do sequeiro ou subindo até o moinho.

Quando atingisse a idade apropriada, haveria de tornar-me aprendiz de Joe, e até poder assumir esse digno cargo eu não devia ser “papá-ricado”, ou (com o interpretado o termo) paparicado. Assim, não apenas eu atuava com o pau para toda a obra na ferraria, com o também se algum vizinho precisasse de um menino para enxotar aves, ou catar pedras, ou executar qualquer tarefa afim, era eu o escolhido para o cargo. Porém, para que

nossa posição de superioridade não fosse com prom etida por isso, um a caixa de dinheiro era m antida no console da cozinha, na qual, com o era divulgado para o público em geral, todos os pagam entos por m im recebidos eram colocados. Tenho a im pressão de que eles seriam utilizados futuram ente em prol da liquidação da dívida nacional, m as sei que não tinha eu nenhum a esperança de ter qualquer participação pessoal nesse tesouro.

A tia-avó do sr. Wopsle m antinha um a escola noturna na aldeia; em outras palavras, era um a velha ridícula de renda lim itada e debilidade ilim itada, que cochilava das seis às sete todas as tardes na com panhia de j ovens que pagavam dois pence por sem ana cada, para ter a instrutiva oportuna de vê-la cochilar.

Ela alugava um a casa pequena, e o sr. Wopsle ficava no quarto do andar de cim a, onde nós, os alunos, o ouviam os ler em voz alta de m aneira m ui digna e terrível, e de vez em quando esbarrar no teto. Nutria-se a ficção de que o sr. Wopsle “exam inava” os alunos um a vez a cada trim estre. O que ele fazia em tais ocasiões era arregaçar as m angas, pôr o cabelo para cim a e recitar para nós a oração de Marco Antônio sobre o cadáver de César. Essa fala era sem pre

seguida pela “Ode sobre as paixões” de Collins,² sendo que conquistava m inha veneração em particular o sr. Wopsle no papel de Vingança, jogando a espada ensanguentada troy ante, e tom

ando a trombeta que anuncia a guerra com olhar tremendo. Eu não era ainda com o m e tornei mais tarde, quando, passando a conviver com as paixões, com parei-as com Collins e Wopsle, com paração essa que resultou desvantajosa para ambos os cavalheiros.

A tia-avó do sr. Wopsle, além dessa instituição educacional, tinha também — no mesmo comércio — uma pequena venda. Não fazia ela ideia do estoque que tinha, nem do preço de qualquer mercadoria; havia, porém, um caderninho enfiado guardado numa gaveta, que servia como o catálogo de preços, e era com base nesse oráculo que Bidly pautava todas as transações comerciais. Bidly era a neta da tia-avó do sr. Wopsle; confesso-me incapaz de fazer os cálculos necessários para determinar qual seu grau de parentesco com o sr. Wopsle. Era, tal como eu, uma órfã; também como eu, fora criada com a mãe. O que mais nela chamava a atenção, a meu ver, eram suas extremidades; pois o cabelo estava sempre precisando ser escovado; as mãos, ser lavadas; e os sapatos, ser consertados e ganhar saltos novos. Essa descrição, porém, deve ser tomada com uma limitação sem análise. Aos domingos, ela ia à igreja toda paramentada.

Muitas vezes sem ajuda, e, quando ajudado, mais por Bidly do que pela tia-avó do sr. Wopsle, atravessei o alfabeto com o quem atravessa uma sarça, sendo mordido e arranhado por cada letra. Depois disso, caí nas mãos daqueles

salteadores,³ os nove algarismos, que a cada noite pareciam fazer algo de novo para se disfarçarem e não serem reconhecidos. Porém, por fim com ecei, à maneira de um catacego que anda tateando, a ler, escrever e fazer contas, na mais mínima escala.

Uma noite, estava eu no meu cantinho da chaminé com minha lousa, produzindo com muito esforço uma carta a Joe. Creio que deve ter sido um ano após nossa caçada no charco, pois foi um bom tempo depois, era inverno e fazia muito frio. Com um alfabeto a meus pés para me servir de referência, em uma ou duas horas com pus, após muito rabiscar e apagar, esta epístola:

cAru JO ispEru Q sTej aS bEm ispEru Q em bREvi eu P oço enCinArti
JO ai vAi Se MunTo Bom quAnDu eu fOr tEu apRenDis JO vaMu faZe
gRAndiS BatUsCaDas saUdasOns P iP .

Não era absolutamente indispensável que eu me comunicasse com Joe através de uma carta, já que ele estava sentado ao meu lado e estavam os sozinhos. Porém, entreguei-lhe essa comunicação escrita (com lousa e tudo) pessoalmente, e Joe recebeu-a com o um milagre de erudição.

“Olha só, Pip, meu velho!”, exclamou Joe, arregalando os olhos azuis, “que estudioso tu te tornaste! És ou não és um estudioso?”

“Eu bem que gostaria de ser”, respondi, olhando para a lousa enquanto ele a segurava: constrangido por ser minha letra um tanto acidentada.

“Ora, eis aqui um J”, disse Joe, “e um O muito bem -feito! Eis um J e um O, P ip, e J-O, Joe.”

Eu nunca ouvira Joe ler em voz alta um texto mais longo do que esse monossílabo, e já havia observado na igreja, no domingo anterior, quando por engano segurei nosso Livro de Oração de cabeça para baixo, que para ele isso lhe convinha tanto quanto se estivesse de cabeça para cima. Querendo aproveitar a oportunidade para descobrir se, para ensinar Joe, seria necessário comçar bem no início, eu disse: “Ah! Mas lê o resto, Joe”.

“O resto, é, P ip?”, retrucou Joe, percorrendo a lousa lentamente com o olhar. “Um , dois, três. Ora, tem três J, e três O, e três J-O, Joes, P ip!”

Debrucei-me sobre Joe e, com a ajuda do meu indicador, li para ele toda a carta.

“Espantoso!”, disse Joe quando terminei. “És mesmo um estudioso.”

“Com o que tu escreves Gargery, Joe?”, perguntei-lhe, com uma condescendência modesta.

“Eu não escrevo”, disse Joe.

“Mas, vam os supor, e se escrevesses?”

“Não há com o supor isso”, disse Joe. “Apesar de que eu gosto m uitíssim o de ler.”

“É m esm o, Joe?”

“Mui-tíssim o. Dá-m e”, disse Joe, “um bom livro, ou um bom j ornal, e põe- m e ao pé de um bom fogo, e não peço m ais nada. Meu Deus!”, prosseguiu ele, depois de esfregar as m ãos nos j oelhos. “Quando a gente acha um J e um O, e diz: ‘Olha aqui, finalm ente, J-O, Joe’, com o é interessante ler!”

Concluí, com base nisso, que a instrução de Joe, tal com o a m áquina a vapor, ainda estava em seus prim órdios. Insisti, perguntando:

“Nunca foste à escola, Joe, quando eras pequeno com o eu?” “Não, P ip.”

“E por que nunca foste à escola, Joe, quando eras pequeno com o eu?”

“Bom , P ip”, disse Joe, pegando o atiçador e assum indo sua ocupação habitual sem pre que estava pensativo, de lentam ente atiçar o fogo por entre as grades m ais baixas, “vou te contar. Meu pai, P ip, era chegado à bebida, e quando ficava chum bado ele m artelava a m inha m ãe sem dó. Era quase que só nessas vez que ele m artelava algum a coisa, quer dizer, e tam bém quando m

artelava eu. E ele me martelava com toda a força que ele não punha quando me martelava a bigorna dele. — Estás escutando e compreendendo, Pip?”

“Estou, Joe.”

“E em consequência eu e a minha mãe fugiu do meu pai, mais de uma vez; e aí minha mãe ia trabalhar, e ela me dizia: ‘Joe’, dizia ela, ‘agora, se Deus quiser, vais estudar um pouco’, e aí ela me punha na escola. Mas o meu pai tinha bom coração e não conseguia viver sem nós. E aí ele vinha com um monte de gente e fazia um barulheira tamanha na porta da casa onde nós estava, que aí eles não tinham jeito de não entregar nós pra ele. E aí ele levava nós pra casa e me martelava nós. E isso, Pip, tu entendes”, disse Joe, fazendo uma pausa no seu pensativo atiçar do fogo, e olhando para mim, “prejudicou um bocadinho os meus estudos.”

“É claro, Joe, pobre de ti!”

“Mas, vê lá, Pip”, disse Joe, com um ou dois toques precisos do atiçador na

grade de cima, “dando a César o que é de Deus, e fazendo justiça de homem a homem, meu pai tinha bom coração, não vê?”

Eu não via tal coisa, mas nada disse.

“Pois bem!”, Joe prosseguiu. “Alguém tem que pôr pão na despensa, senão na despensa pão não há, não vê?”

Eu via, e disse que sim .

“E em consequência m eu pai não via nenhum pobrem a de eu com eçar a trabalhar; foi assim que passei a trabalhar no m eu ofício, que era tam bém o dele, só que ele não praticava, e eu trabalhava com m uito afinco, P ip, isso eu posso te garantir. Em pouco tem po eu j á sustentava ele, e fiquei sustentando até que um ataque pepiléptico levou ele. E eu queria m andar escrever no tum o dele assim :

‘P erfeito ele não era, não, Mas porém tinha bom coração’.”

Joe recitou esse dístico com tanto orgulho explícito e tam anha perspicácia cuidadosa que lhe perguntei se ele próprio o havia com posto.

“Foi eu que fiz”, respondeu, “sozinho. Foi coisa de um m om ento. Foi que nem aprontar um a ferradura inteirinha de um a m artelada só. Nunca fiquei tão dim irado na m inha vida — eu não conseguia im aginar que aquilo saiu da m inha cabeça — pra falar com franqueza, eu quase não acreditava que era da m inha cabeça m esm o que tinha saído. Com o eu ia dizendo, P ip, eu queria m andar escrever no tum o dele; m as poesia custa dinheiro, com letra pequena ou grande, e a coisa acabou que não se fez. P ra nem falar nos carregador do caixão, todo o dinheiro que havia era pra m inha m ãe. Ela estava ruim de saúde, e sem um tostão. Não dem orou m uito, coitada, e ela tam bém acabou descansando.”

Os olhos azuis de Joe ficaram um pouco úmidos; ele esfregou-os, primeiro um, depois o outro, de um modo nada característico e bem constrangido, com o cabo redondo do atizador.

“Aí eu fiquei muito sozinho”, disse Joe, “morando aqui só eu, e aí conheci a tua irmã. Sabe, Pip”, Joe olhou firme e para mim, com o que se soubesse que eu não iria concordar com ele, “a sua irmã é uma bela dum mulher.”

Não pude deixar de desviar a vista para o fogo, num evidente estado de dúvida.

“Diga o que disser a família, ou o mundo todo, Pip, a tua irmã”, Joe batia na grade de cima, um toque para cada palavra, “é — uma — bela — dum — mulher!”

Não me ocorreu nada melhor para dizer do que: “Ainda bem que pensas assim, Joe”.

“Ainda bem, sim”, retrucou Joe, reforçando minhas palavras. “Ainda bem que eu penso assim, Pip. Um pouco vermelha aqui, um pouco ossuda ali, e o que me importa isso?”

Fiz o comentário sagaz de que, se ela não importava, a quem haveria de importar?

“Isso mesmo!” concordou Joe. “É isso. Tens razão, meu velho! Quando conheci tua irmã, todo mundo falava que ela tinha criado você com a mãe. Muita bondade dela, toda a gente dizia, e eu dizia

tam bém , j unto com os outro. Quanto a ti”, Joe insistiu, com cara de quem vê algo de muito desagradável, “se tu pudesses saber na época o quanto eras pequenino e fraquinho e m irrado, tu terias formado um a ideia muito ruim de ti próprio!”

Não muito feliz de ouvir tal coisa, eu disse: “Não liguês pra mim , Joe”.

“Mas eu ligava pra ti, Pip”, ele retrucou, com terna simplicidade. “Quando me ofereci à tua irmã pra lhe fazer companhia, e pra perguntar a ela na igreja se ela viria de bom grado ficar comigo na ferraria, eu disse a ela: ‘E traz também a pobre criancinha. Deus abençoe a pobre criancinha’, eu disse à tua irmã, ‘que há lugar pra ela na ferraria!’.”

Com ecei a chorar e a pedir perdão, e a abraçar o pescoço de Joe, o qual largou o atizador para me abraçar, dizendo: “A gente é amigo de verdade, não é, hein, Pip? Não chores, meu velho!”.

Finda essa pequena interrupção, Joe recom eçou:

“Pois é, Pip, e cá estão os nós! A coisa é mais ou menos essa, e cá estão os nós! Pois se vais te ocupar de me ensinar, Pip (e devo te avisar logo de saída que sou muito bronco, muito bronco), é bom que a senhora Joe não fique sabendo o que estão fazendo. A coisa tem que ser feita, diguem os assim , às escondida. E às escondida por quê? Eu te digo por quê, Pip.”

De novo tinha na mão o atizador; sem ele, creio que dificilmente teria sido capaz de prosseguir em sua demonstração.

“Tua irmã é dada ao governo.”

“Dada ao governo, Joe?” Fiquei atônito, pois formei a ideia vaga (e, devo confessar, a vaga esperança) de que Joe havia se divorciado dela, cedendo-a ao almirante ou ao Tesouro nacional.

“Dada ao governo”, repetiu Joe. “Quer dizer, a governar eu e tu.”
“Ah!”

“E ela não há de gostar da ideia de ter estudioso na casa dela”, prosseguiu Joe, “principalmente de eu virar estudioso, com medo de eu me revoltar. Um a espécie de rebelde, não vê?”

Eu ia retrucar com uma pergunta, e cheguei mesmo a articular um “Por que...”, quando Joe me deteve.

“Espera um pouco. Sei o que vais dizer, Pip, espera um pouco! Não nego que

tua irmã seja um verdadeiro grão-mogol pra nós, vez em quando. Não nego que ela nos derruba no chão, e que cai em cima de nós com vontade. Nessas horas que a tua irmã está espumando, Pip”, Joe baixou a voz, reduzindo-a a um sussurro e olhando de esguelha para a porta, “confesso que ela é uma fera.”

Joe pronunciou a palavra com o selo dela com ênfase com pelo menos uma dúzia de Fm maiúsculos.

“Por que eu não me revolto? Era isso que eu queria perguntar quando eu te conheci, não era, Philip?”

“Era, sim, Joe.”

“Por isso bem”, disse Joe, passando o alicatador para a mão esquerda, para poder confiar a suíça; eu perdia as esperanças quanto a ele sempre que ele se entregava a essa ocupação plácida; “a tua irmã é um crânio. Um crânio.”

“O que é isso?”, perguntei, com alguma esperança de detê-lo. Mas Joe tinha a definição mais na ponta da língua do que eu esperava, e foi ele quem me deteve de vez algum tempo quando eu estava a responder, com o olhar parado: “É o que ela é”.

“E eu não sou um crânio”, prosseguiu Joe, quando seu olhar se despregou de seu ponto fixo, e retomou a suíça. “E, por fim, Philip — e isso eu queria te dizer muito sério, meu velho — minha pobre mãe se matando tanto de trabalhar, e sofrendo tanto que partiu o coração, e nunca teve paz em vida, que tenho muito medo de não fazer direito o que se tem que fazer com uma mulher, e na dúvida prefiro errar pro outro lado, e ser um pouco maltratado por isso. Eu preferia que fosse só eu a me dar mal, Philip, que o pau-de-cosca fosse só pra eu e não pra ti também; eu preferia que caísse tudo em mim; mas é assim que as coisas são, Philip, e espero que tu aguentes tudo que é pobreza.”

Apesar de minha tenra idade, creio que foi a partir dessa noite que se formou em mim uma nova admiração por Joe. Continuamos a ser iguais, tal como já éramos; porém, quando eu ficava a olhar para Joe e pensar nele em momentos de tranquilidade, a partir daí passei a experimentar uma nova sensação, consciente de que, em meu coração, eu tomava Joe por meu deus.

“Seja lá com o for”, disse Joe, levantando-se para pôr mais lenha na lareira, “o relógio alemão já está quase dando as oito, e ela ainda não voltou! Tomara que a égua do tio Plumblehook não tenha pisado numa pedra de gelo e caído.”

Ocasionalmente a sra. Joe acompanhava o tio Plumblehook em dias de feira, para ajudá-lo a fazer compras de casa e outros bens que requeriam o discernimento de uma mulher; pois o tio Plumblehook era solteiro e não confiava muito em sua criada. Era dia de feira, e a sra. Joe saía numa dessas expedições.

Joe acendeu o fogo e varreu a lareira, e em seguida fomos até a porta para aguardar a chegada da sege. Era uma noite fria e seca, com um vento cortante, e uma geada branca e dura. Se houvesse um homem hoje deitado no chão do charco, pensei, ele haveria de morrer de frio. E depois olhei para as estrelas, e pensei como seria terrível virar o rosto para elas ao morrer congelado, e não encontrar nenhuma ajuda nem piedade em toda aquela imensidão cintilante.

“Lá vem a égua”, disse Joe, “tilintando que nem um m onte de sino!”

O som das ferraduras contra o piso duro da estrada era bem musical, pois ela vinha trotando num passo bem mais rápido que o costum eiro. Levam os para fora um a cadeira, a fim de ajudar a sra. Joe a desmontar, e atizam os o fogo para que eles vissem a janela bem iluminada, e examinam os a cozinha pela última vez, para verificar se não havia nada fora do lugar. Quando terminam os esses preparativos, eles chegaram, agasalhados de modo que só os olhos ficavam de fora. A sra. Joe logo desmontou, e pouco depois o tio P um blehook fez o mesmo, cobrindo a égua com um pano, e em seguida fomos todos para a cozinha, trazendo tanto frio conosco que era como se todo o calor do fogo tivesse ido em bora.

“Ora”, disse a sra. Joe, tirando os agasalhos afobada e excitada, e jogando para trás o capuz, que lhe caiu sobre os ombros, dependurado pelos cordéis, “se esse menino não ficar grato hoje, nunca mais há de ficar!”

Exibiu o máximo de gratidão de que seria capaz um menino que não fizesse ideia alguma do motivo que tinha para assumir tal expressão.

“Só espero”, disse minha irmã, “que ele não fique papá-ricado. Mas fico preocupada.”

“Ela não é dessas”, disse o P um blehook. “Ela não é boba.”

Ela? Olhei para Joe, fazendo movimentos com os lábios e as sobrancelhas. “Ela?” Joe olhou para mim, fazendo os mesmos movimentos com os lábios e as sobrancelhas: “Ela?”. Com o meu irmão apanhasse em flagrante fazendo isso, ele passou as costas da mão na frente do nariz, com seu ar conciliador de sempre em tais ocasiões, e encarou-a.

“E então?”, exclamou meu irmão, com seu jeito brusco. “O que é que estás olhando? A casa está pegando fogo?”

“É que se falou em algum indivíduo”, explicou Joe, delicadamente, “ela”.

“E ela não é ela?”, insistiu meu irmão. “A menos que queiras chamar a senhora Havisham de ele. E duvido que sejas capaz disso.”

“A senhora Havisham, da cidade?”, perguntou Joe.

“E há alguma senhora Havisham fora da cidade?”, redarguiu meu irmão. “Ela quer que este menino vá brincar lá. E é claro que ele vai. E é bom ele brincar lá, mesmo”, disse meu irmão, sacudindo a cabeça para mim, de modo a me estimular a ser extremamente alegre e brincalhão, “senão ele vai ver.”

Eu ouvira falar da sra. Havisham, da cidade — todo mundo em toda a região ouvira falar da sra. Havisham, da cidade — com o meu irmão, mulher muito rica e severa que morava numa casa grande e lúgubre, fortificada para proteger-se de ladrões, e vivia isolada do mundo.

“Claro, claro!”, exclamou Joe, perplexo. “Não sei como ela ficou sabendo do Pip!”

“Pateta!”, retrucou minha irmã. “E quem que disse que ela sabia dele?”

“É que algum indivíduo”, mais uma vez Joe explicou, delicadamente, “falou que ela queria que ele fosse brincar lá.”

“E ela não podia perguntar ao tio Pip um blechook se ele conhecia algum menino que podia ir brincar lá? Será que não dá para imaginar que o tio Pip um blechook seja inquilino dela, e que às vezes — já não digo de três em três meses nem de seis em seis, porque aí seria pedir demais de ti — mas só às vezes

— ele tem que ir lá pra pagar o aluguel? E nessa ocasião ela não podia perguntar se ele conhecia algum menino que podia ir brincar lá? E o tio Pip um blechook, que sem pre pensar em nós e se preocupa conosco — ainda que tu penses que não, Joseph”, num tom profundamente acusatório, como se ele fosse o mais ingrato dos sobrinhos, “não podia então falar nesse menino que está aqui a dar pinotes”

— coisa que, afirmo solenemente, eu não estava fazendo — “de quem sou uma verdadeira escrava voluntária há tantos anos?”

“Muito bem dito!”, exclamou o tio Pip um blechook. “Muito bem expresso! Falou muito bem! Muito bem, mesmo! Pois agora, Joseph, sabes de tudo.”

“Não, Joseph”, disse minha irmã, ainda em tom de acusação, enquanto Joe, conciliador, passava as costas da mão à frente do nariz vez após vez, “ainda não sabes — mesmo o que penses o contrário — de tudo. Talvez penses que sabes, mas não sabes, Joseph. Pois não sabes que o tio Pumblechook, percebendo que é bem

possível que a fortuna deste menino seja garantida por essa ida à casa da senhora Havisham, ofereceu-se para levá-lo à cidade hoje e na carruagem dele, para ele passar a noite na casa dele, e entregá-lo pessoalmente à senhora Havisham amanhã de manhã. E Deus me perdoe”, exclamou minha irmã, jogando para o lado o capuz num desespero súbito, “cá estou a falar com esses dois basbaques,

enquanto o tio Pumblechook está esperando, e a égua está no frio lá fora, e o menino coberto de fuligem e sujeira da ponta dos cabelos até a sola dos pés!”

Dizendo isso, saltou sobre mim, com o um a águia sobre um cordeiro, e meu rosto foi espremido em vasilhas de madeira dentro de pias, e minha cabeça foi posta debaixo de bicas, e fui ensaboado, e esfregado, e enxugado, e sacudido, e arranhado, e raspado, até não aguentar mais. (Vale a pena observar neste ponto que, na minha opinião, não há ninguém vivo que conheça tão bem quanto eu a sensação de ter o rosto riscado por uma aliança enfiada num dedo nem um pouco delicado.)

Findas minhas abluções, vestiram-me e um a roupa de baixo limpa e muito dura, com o se eu fosse um penitente com um cilício, e enfiaram-me e no meu traje mais apertado e terrível. Fui então entregue ao sr. P um blechok, o qual me recebeu como alma em corpo com o se fosse o xerife e me fez o sermão que, eu sabia, ele estava me orrendo de vontade de fazer desde o início: “Menino, sê sem pregrato a todos os teus amigos, mas principalmente a quem te criou com a mãe!”.

“Até logo, Joe!”

“Deus te abençoe, Papai, meu velho!”

Eu nunca me separara dele antes, e sob o impácto das emoções e da espuma de sabão, de início não vi estrela alguma pela janela da sege. Mas elas foram surgindo, a tremeluzir, uma por uma, sem iluminar nem um pouco a questão do motivo inimaginável pelo qual eu ia brincar na casa da sra. Havisham, e que brincadeira inimaginável eu haveria de brincar lá.

CAPÍTULO VIII

As instalações do sr. P um blechhook, na High-street* da cidade onde era realizada a feira, eram pim entosas e farinhentas, com o era de se esperar em se tratando de um com erciante de cereais e sem entes. P arecia-m e que ele haveria de ser um hom em m uito feliz, por ter tantas gavetinhas em sua loj a; e fiquei a im aginar, quando exam inei um a ou duas delas, das m ais baixas, e vi os pacotes de papel pardo am arrados que lá havia, se as sem entes e bulbos não teriam vontade, num dia de sol, de escapulir daquelas prisões e florescer.

Foi de m anã bem cedo, no dia após a m inha chegada, que elaborei essa especulação. Na noite da véspera eu fora posto para dorm ir num sótão de telhado inclinado, telhado esse que era tão baixo no canto onde ficava a cam a que, segundo m eus cálculos, as telhas ficariam a no m áxim o trinta centím etros de m inhas sobancelhas. Nessa m esm a m anã, constatei a existência de um a afinidade singular entre as sem entes e as calças de veludo. O sr. P um blechhook usava calças de veludo, e o caixeiro de sua loj a tam bém usava; e de tal m odo havia nas calças de veludo certa atm osfera e um sabor que eram da natureza das sem entes, e havia nas sem entes certa atm osfera e um sabor que eram da natureza das calças de veludo, que eu m al conseguia distinguir um a coisa da outra. Nessa m esm a oportunidade, verifiquei que

o sr. P um blechook, ao que parecia, realizava seu trabalho olhando para o seleiro do outro lado da rua, enquanto o seleiro parecia cumprir suas tarefas sem pre de olho no segeiro, o qual parecia passar a vida com as mãos enfiadas nos bolsos olhando para o padeiro, o qual, por sua vez, ficava de braços cruzados olhando para o merceiro, que, parado à porta de sua loja, bocejava olhando para o boticário. O relojoeiro, sem pre sentado a um a pequena mesa, examinando um mecanismo com um a lupa no olho, e sem pre examinado por um grupo de homens de guarda-pó que o viam através do vidro de sua vitrine, parecia ser a única pessoa na High-street cujo trabalho exigia atenção.

O sr. P um blechook e eu fizemos o desjejum às oito horas numa sala nos fundos da loja, enquanto o caixeiro bebia sua caneca de chá e comia seu pão com manteiga sentado num saco de ervilhas na loja. Eu considerava o sr. P um blechook péssimo companhia. Além de com partilhar com minha irmã a ideia de que minha dieta deveria ter um caráter mortificador e penitencial — além de me dar o máximo de miolo de pão e o mínimo de manteiga, e pôr tanta quantidade de água quente no meu leite que seria mais honesto omitir o leite por completo — sua conversação consistia exclusivamente em aritmética.

Quando educadamente lhe desejei bom-dia, ele retrucou, pomposo: “Sete vezes nove, menino!”. E com o poderia eu lhe dar resposta sendo ignorado daquela maneira, num lugar estranho, e

de estômago vazio! Eu tinha fome e, mas antes de ter engolido o primeiro bocado ele deu início a uma longa sonda que durou todo o dia seguinte. “Sete?” “Mais quatro?” “Mais oito?” “Mais seis?” “Mais dois?” “Mais dez?” E assim por diante. Uma vez resolvida mais uma sonda, mas ali tinha eu tempo de engolir mais um pedaço ou beber mais um gole antes que viesse mais uma; enquanto isso, ele ficava à vontade, sem ter que calcular nada, comendo toucinho com pães quentes, de um modo (se me permitirem a expressão) voraz e glutônico.

Por tais motivos, muito me alegrei quando deram as dez horas e partimos em direção à casa da sra. Havisham, embora eu não me sentisse nem um pouco seguro quanto à maneira com a qual deveria me comportar sob o teto dessa senhora. Em um quarto de hora chegamos à casa da sra. Havisham, que era uma estrutura velha, de tijolo, de aparência lúgubre, cercada de grades de ferro. Algumas das janelas haviam sido fechadas com tijolos; das que restavam, todas as do andar de baixo eram protegidas por grades enferrujadas. Havia um pátio na frente, cercado por grades; assim, tivemos que esperar, após tocar a campainha, até que alguém viesse abrir. Enquanto aguardávamos junto ao portão, dei uma espiada lá dentro (mesmo nesse momento o sr. Pumblechook perguntou: “Mais catorze?”, porém fingi que não ouvia), e vi que ao lado da casa havia uma cervejaria grande.

A fábrica não estava funcionando no momento, e parecia não funcionar há muito, muito tempo.

Abriu-se uma janela, e uma voz límpida perguntou: “Nome?”. A quem eu portador respondeu: “Pumplehook”. A voz retrucou: “Muito bem”, e a janela voltou a se fechar; e uma jovem veio atravessando o pátio, com um chaveiro na mão.

“Este”, disse o sr. Pumplehook, “é Pip.”

“Então este é o Pip?”, retrucou a jovem, que era muito bonita e parecia muito orgulhosa. “Entra, Pip.”

O sr. Pumplehook ia entrar também, quando ela o deteve no portão. “Ah!”, ela exclamou. “O senhor queria falar com a senhora Havisham?”

“Se a senhora Havisham quiser falar comigo”, respondeu o sr. Pumplehook, desconcertado.

“Ah”, disse a jovem, “mas, o senhor entende, ela não quer.”

Ela falou de modo tão definitivo, num tom tão inquestionável, que o sr. Pumplehook, apesar de sua dignidade ofendida, não conseguiu protestar. Porém olhou para mim com ar severo — como se eu tivesse feito alguma coisa a ele!

— e partiu com estas palavras ditas em tom de acusação: “Menino! Que a sua conduta aqui seja motivo de orgulho para quem o criou com a mãe!”. Não estava eu livre do temor de que ele

voltaria para mim e perguntar, do outro lado do portão: “Mais dezesseis?”. Mas tal não se deu.

Minha jovem guia trancou o portão, e atravessamos o pátio. Era pavimento e estava limpo, porém cresciam fendas em cada rachadura. Os prédios da cervejaria eram ligados a ele por um pequeno caminho; e os portões de madeira desse caminho estavam abertos para toda a cervejaria, também aberta, que se estendia até o muro alto ao longe; e tudo estava vazio e abandonado. O

vento frio parecia mais frio ali dentro do que fora dos portões; e uivava de modo estridente ao entrar e sair pelas portas abertas da cervejaria, e era um som semelhante ao do vento no cordão e de um navio em alto-mar.

A jovem viu que eu olhava para lá, e disse: “Podias sem te prejudicar beber toda a cerveja forte que lá se faz agora, menino”.

“Acho que podia, sim, moço.”

“Melhor nem tentar fazer cerveja lá agora, pois ela ficaria azeda, menino;

não achas?”

“É o que parece, moço.”

“Não que alguém vá tentar tal coisa”, ela acrescentou, “pois isso agora é passado, e o prédio há de ficar ocioso com o está, até cair

de podre. Quanto à cerveja forte, o que há no celeiro já é bastante para inundar a mansão.”

“Esse é o nome da casa, moça?” “É um dos nomes dela, menino.”

“Então ela tem mais de um, moça?”

“Tem dois. O outro era Satis; 1 o que em grego, ou latim, ou hebraico, ou nas três línguas — e, pra mim, tanto se me dá — quer dizer ‘bastante’.”

“A Casa Bastante”, disse eu; “é um nome curioso, moça.”

“É”, concordou ela; “mas queria dizer mais do que isso. Queria dizer, quando foi dado a casa, que quem dela era dono não podia querer mais nada. Naquele tempo as pessoas se satisfaziam com pouca coisa, eu diria. Mas não fiques aí a vaguear, menino.”

Embora me chamasse “menino” tantas vezes, e num tom descuidado que estava longe de ser elogioso, ela era mais ou menos da minha idade. Parecia muito mais velha do que eu, é claro, por ser menina, e bonita, e senhora de si; e me tratava com tanto desdém quanto se tivesse vinte e um anos e fosse uma rainha.

Entramos na casa por uma porta lateral — a grande porta da frente era atravessada por duas correntes do lado de fora — e a primeira coisa de que me dei conta foi que todos os corredores estavam às escuras, e que a moça deixara uma vela acesa ali. Ela pegou a vela, e passamos por mais alguns corredores e subimos

um a escada, e tudo ainda estava escuro, e só a vela nos ilum inava o cam inho.

P or fim chegam os à porta de um quarto, e ela disse: “Entra”.

Respondi, m ais por tim idez do que por delicadeza: “P rim eiro a senhora, m oça”.

Ao ouvir isso, ela retrucou: “Não sej as ridículo, m enino; eu não vou entrar”. E afastou-se, desdenhosa, e — o que era pior — levou consigo a vela.

Isso era desagradável, e senti um pouco de m edo. P orém , com o a única coisa a fazer era bater à porta, bati à porta, e um a voz vinda lá de dentro m e m andou entrar. Entrei, pois, e m e vi num quarto bem grande, m uito bem ilum inado com velas de cera. Nenhum raio de luz solar entrava ali. Era um toucador, a j ulgar pelos m óveis, se bem que boa parte deles tinha form as e funções que eu desconhecia por com pleto. P orém ocupava um lugar de destaque um a m esa coberta por um a toalha, com um espelho dourado, e que identifiquei à prim eira vista com o um a bela penteadeira.

Se eu teria identificado esse m óvel tão rapidam ente se não houvesse um a senhora im ponente sentada diante dele, não sei dizer. Num a cadeira de braços, cotovelo apoiado na m esa e cabeça pousada na m ão, estava a senhora m ais estranha que eu j am ais vira ou hei de ver.

Trajava roupas de materiais nobres — cetins, rendas e sedas — tudo branco. Os sapatos eram brancos. E um longo véu branco caía-lhe dos cabelos, e nos cabelos havia flores, como se ela fosse uma noiva, mas os cabelos eram brancos. Algumas jóias brilhantes cintilavam no pescoço e nas mãos, e outras cintilavam sobre a penteadeira. Outros vestidos, não tão esplêndidos quanto o que ela estava usando, estavam espalhados pelo recinto. Ela ainda não havia terminado de se vestir, pois só calçara um pé do sapato — o outro estava na penteadeira, perto de sua mão — o véu não estava ainda disposto de modo correto, o relógio e a corrente e uma peça de renda para usar no busto também aguardavam sobre a penteadeira, juntamente com o lenço, e as luvas, e algumas flores, e um livro de orações, tudo isso amontoado de modo confuso em torno do espelho.

Não foi nos primeiros momentos que vi todas essas coisas, se bem que delas vi mais nos primeiros momentos do que se pode imaginar. Porém vi que tudo no meu campo de visão que era para ser branco fora branco há muito tempo, e perdera o brilho, e estava desbotado e amarelado. Vi que a noiva com seu vestido de noiva havia fenecido tal como o vestido, e como as flores, que não havia nela nada que brilhasse senão os olhos fundos. Vi que o vestido havia sido usado antes por uma jovem de formas arredondadas, e o corpo que ele agora cobria, em dobras folgadas, reduzira-se a pele e osso. Uma vez levaram-me a um horrendo

useu de cera na feira, representando sei lá qual personagem absurdo em câmara ardente. Num a outra vez, levaram -m e para um a das velhas igrejas do charco para ver um esqueleto coberto pelas cinzas de um vestido elegante, que fora escavado de uma cova debaixo do piso da igreja. Agora, a figura de cera e o esqueleto pareciam ter olhos negros que se mexiam e olhavam para mim. Eu teria gritado, se pudesse gritar.

“Quem é?”, indagou a dama, junto à penteadeira. “É o Pip, senhora.”

“Pip?”

“O menino do senhor Plumblehook, senhora. Que veio... para brincar.” “Chega mais perto, quero te ver. Chega mais perto.”

Foi quando me plantei diante dela, evitando seus olhos, que pude observar os objetos que a cercavam em detalhe, e vi que seu relógio havia parado às oito e quarenta, e que o relógio do quarto havia parado às oito e quarenta.

“Olha para mim”, disse a sra. Havisham. “Não tens medo de uma mulher que não vê o sol desde que nasceste?”

Lamentei confessar que tive medo de dizer a tremenda mentira que estaria resumida na palavra “Não”.

“Sabes onde ponho a mão, aqui?”, perguntou ela, pondo as mãos, uma sobre a outra, no lado esquerdo do peito.

“Sei, sim, senhora.” (Aquilo me fez pensar no rapaz.) “Onde estou pondo a mão?”

“No seu coração.”

“Partido!”

Peronunciou a palavra com uma expressão ávida, e muita ênfase, e um sorriso estranho que parecia conter uma espécie de bravata. Depois, me anteviu as mãos no lugar por mais algum tempo, e lentamente tirou-as do peito como se fossem pesadas.

“Estou cansada”, disse a sra. Havisham. “Quero uma distração, e cansei dos homens e das mulheres. Brinca.”

Creio que até mesmo o meu leitor mais disputativo há de reconhecer que ela não poderia ter andado um menino infeliz fazer nada no mundo mais difícil que isso, dadas as circunstâncias.

“Por vezes tenho fantasias doentias”, prosseguiu ela, “e tenho a fantasia doentia de que quero ver uma brincadeira. Vão os, vão os!”, com um movimento impaciente dos dedos da mão direita; “brinca, brinca, brinca!”

Por um momento, tendo vir a ver fosse o que fosse que minha irmã me amecara de ver, tive a ideia desesperada de comecar a correr ao redor da sala fazendo de conta que era a carruagem do sr. Plumchuck. Senti-me, porém, tão incapaz de fazer tal coisa que desisti, e fiquei parado olhando para a sra. Havisham de

um modo que, imagine, ela deve ter considerado insistente, pois, depois que passaram os dois tempos olhando um para o outro, perguntou-me:

“És aborrecido e obstinado?”

“Não, senhora; lamento muito pela senhora, e lamento muito não conseguir brincar agora. Se a senhora se queixar de mim, minha irmã vai-me castigar, por isso eu bem que brincava se pudesse; mas aqui é tudo tão novo para mim, tão estranho, e tão bonito... e melancólico...” Parei, temendo dizer demais, ou mesmo já ter dito demais, e passaram os dois tempos olhando um para o outro.

Antes de voltar a falar, ela desviou os olhos de mim e voltou-os para o vestido que usava, e a penteadeira, e, por fim, à sua própria imagem no espelho.

“Tão novo para ele”, ela murmurou, “tão velho para mim; tão estranho para ele, tão familiar para mim; tão melancólico para nós dois! Chama a Estella.”

Como ela continuava a olhar para seu próprio reflexo, julguei que estivesse falando sozinha, e permaneci calado.

“Chama a Estella”, repetiu, dirigindo-me um rápido relance. “Isso podes fazer. Chama a Estella. Da porta.”

Ficar parado no escuro num corredor misterioso de uma casa desconhecida, gritando “Estella” para uma moça desdenhosa que não se podia ver e que não me respondia, achando que gritar seu nome era tomar uma liberdade terrível, era quase tão desagradável quanto brincar por obrigação. Porém ela respondeu por fim, e sua luz veio descendo o longo corredor escuro como se fosse uma estrela.

A sra. Havisham fez sinal para que ela se chegasse, e pegou uma jóia na penteadeira, e experimentou seu efeito sobre seu seio jovem e formoso e sobre seus belos cabelos castanhos. “Será tua, um dia, minha querida, e tu a usarás bem. Quero ver-te jogando cartas com este menino.”

“Com este menino! Ora, mas ele é um trabalhadorzinho vulgar!”

Julguei ouvir o que a sra. Havisham disse em resposta — só que parecia uma resposta improvável — “E daí? Podes partir o coração dele.”

“O que sabes jogar, menino?”, perguntou Estella a mim, com o máximo de desdém.

“Só batalha, moça.”

“Derrota-o na batalha”, disse a sra. Havisham a Estella. E assim sentamos-nos e comecemos a jogar.

Foi então que me dei conta de que tudo naquele quarto havia parado, tal com os dois relógios, muitos anos antes. Percebi que a sra. Havisham colocou a jóia exatamente no lugar onde estava antes. Enquanto Estella dava as cartas, voltei a olhar para a penteadeira, e vi que o sapato que estava nele, outrora branco, agora amarelado, já havia sido usado. Olhei de relance para o pé a que faltava o sapato, e vi que a meia de seda que o envolvia, outrora branca, agora amarela, estava rasgada com o uso. Se não fosse essa interrupção de todo movimento, essa imobilidade de todos os objetos pálidos e gastos, nem mesmo o vestido de noiva fenecido que recobria aquele corpo destruído poderia assemelhar-se tanto ao traje de um defunto, nem o véu tanto a uma mortalha.

Assim, ela permaneceu imóvel com o um cadáver enquanto nós dois jogávamos as cartas; os babados e enfeites de seu vestido de noiva pareciam papel esfarelado. Na época, eu não sabia que por vezes são descobertos cadáveres enterrados na antiguidade, que se reduzem a pó no instante em que são vistos com clareza; mais posteriormente vim a refletir muitas vezes que a sra. Havisham certamente tinha a aparência de quem, se atingida pela luz do dia, teria se transformado em poeira.

“Ele chama os valetes de jotas, este menino!”, exclamou Estella com desprezo, antes de terminarmos nossa primeira

partida. “E com o são grosseiras as mãos dele. E que botas mais pesadas!”

Nunca me ocorrera envergonhar-me e de minhas mãos; mas comeci a achá-las bem ordinárias. O desprezo de Estella era tão forte que se tornava infeccioso, e contaminou-me.

Estella ganhou a partida, e eu dei as cartas. Errei ao fazê-lo, o que era natural, pois eu sabia que ela estava aguardando a hora de me ver errar; e a moça me acusou de ser um trabalhadorzinho boçal e desajeitado.

“Não dizes nada dela”, dirigiu-se a mim a sra. Havisham, enquanto assistia à partida. “Ela diz muitas coisas ruins de ti, mas não dizes nada a respeito dela. O que pensas dela?”

“Não quero falar”, gaguejei.

“Fala no meu ouvido”, disse a sra. Havisham, abaixando-se. “Acho que ela é muito orgulhosa”, respondi, num cochicho. “Mais alguma coisa?”

“Acho que ela é muito bonita.” “Mais alguma coisa?”

“Acho que ela é muito desdenhosa.” (No momento, ela olhava para mim com uma expressão de aversão extrema.)

“Mais alguma coisa?”

“Acho que eu queria voltar para casa.”

“E nunca mais voltar a vê-la, embora ela seja tão bonita?”

“Não sei se não quero voltar a vê-la, mas eu queria mesmo voltar para casa.”

“Vais voltar daqui a pouco”, disse a sra. Havisham, em voz alta. “Terminar a partida.”

Não fosse aquele sorriso estranho que ela sorria no início, eu teria quase certeza de que o rosto da sra. Havisham não era capaz de sorrir. Sua face assumiu uma expressão atenta e pensativa — muito provavelmente no momento em que tudo que a cercava se imobilizara — e parecia que nada seria capaz de reanimá-la. Seu peito caíra, de modo que ela ficara recurva; e sua voz caíra, de modo que ela falava baixo, e com uma quietude de morte que a envolvia; no todo, dava a impressão de ter caído, corpo e alma, por dentro e por fora, sob o peso de um golpe esmagador.

Joguei até o fim a partida com Estella, e ela me derrotou. Lançou as cartas na mesa depois que as ganhou todas, com o se as desprezasse por tê-las ganhado de mim.

“Quando vou te mandar voltar?”, disse a sra. Havisham. “Deixa-me pensar.” Ia eu dizer-lhe que era uma quarta-feira, quando ela me calou com mais um

momento im paciente dos dedos da mão direita.

“Não, não! Não sei nada dos dias da semana; não sei nada das semanas do ano. Volta daqui a seis dias. Ouviste?”

“Sim, senhora.”

“Estella, leva-o daqui. Dá-lhe algo de comer, e deixa-o ficar a andar e olhar à sua volta enquanto come. Vai, Pip.”

Fui seguindo a vela ao sair, tal como o seguira a vela ao entrar, e Estella colocou-a no lugar onde a encontraram os outros. Até o momento em que ela abriu a porta lateral, eu imaginava, sem pensar de fato no assunto, que haveria de ser noite. O impacto da luz do dia me confundiu bastante, e me deu a impressão de que eu havia ficado muitas horas naquele quarto à luz de velas.

“Tu tens que esperar aqui, menino, ouviu?”, disse Estella; e desapareceu, fechando a porta.

Aproveitei a oportunidade de estar sozinho no pátio e olhei para minhas mãos grosseiras e minhas botas ordinárias. Minha opinião a respeito desses acessórios não era favorável. Eles já antes haviam me incomodado antes, mas agora me incomodavam, por serem apêndices vulgares. Resolvi perguntar a Joe por que ele me ensinara a chamar de jotas aquelas cartas de figura que deviam ser chamadas de valetes. Pensei com o seria bom se Joe houvesse sido criado com o um cavalheiro, pois aí eu também teria sido criado assim.

Ela voltou, com um pouco de pão e carne e um pequeno caneco de cerveja. Pôs o caneco no pavimento de pedra do pátio, e deu-me o pão e a carne sem olhar para mim, tão insolente com o se eu fosse um cachorro caído em desgraça. Eu estava tão humilhado, magoado, desprezado, ofendido, zangado, triste — não consigo encontrar o nome exato para a dor — Deus sabe qual seria tal nome — que me vieram lágrimas aos olhos. Assim que elas surgiram, minha mãe olhou-me, subitamente contente por tê-las causado. Isso me deu forças para contê-las e olhar para ela: assim, ela levantou a cabeça de repente e jogou-a para trás, com desdém — porém com a consciência, pareceu-me, de ter-se excedido ao verificar se eu estava mesmo tão magoado — e deixou-me.

Porém, depois que ela saiu, olhei à minha volta, à procura de um lugar onde pudesse esconder a cara, e enfiei-me atrás de um dos portões do caminho da cervejaria, e apoiei o braço na parede, e encostei a testa na mangada da cama e chorei. Enquanto chorava, eu dava pontapés na parede, e retorcia com força meu cabelo; tais amargos eram meus sentimentos, e tão intensa a dor sem nome, que exigiam alguma reação.

Minha mãe me criara de tal modo que eu me tornara sensível. No pequeno mundo em que vivem as crianças, seja quem for que as crie, nada é percebido com tanta intensidade, e sentido com tanta intensidade, quanto a injustiça. As injustiças a que a criança é exposta podem ser pequenas; mas a criança é pequena, e seu

mundo é pequeno, e seu cavalo de balanço é tão alto, guardadas as proporções, quanto um Irish hunter de ossos grandes. No meu íntimo, eu vivia,

desde a mais tenra infância, um conflito perpétuo com a injustiça. Eu sabia, desde que aprendi a falar, que minha irmã, com sua coerção caprichosa e violenta, era injusta comigo. Eu nutria a convicção profunda de que ter ela me criado com a mão não lhe dava o direito de me criar aos cachações. Em meio a todos os castigos, vexames, jejuns e vigílias, e outras penitências, eu nutria essa certeza; e é a intensa convivência com ela, de um modo solitário e desprotegido, que me parece ser a principal causa de eu ter-me tornado moralmente tímido e muito sensível.

Livreimei-me de meus sentimentos feridos por algum tempo, golpeando-os com meus pés contra a parede da cervejaria, e arrancando-os de meu cabelo ao torcê-lo, e depois alisei o rosto contra a mangá da cama, e saí detrás do portão. O pão e a carne eram aceitáveis, e a cerveja me aquecia e animava, e logo tive ânimo de olhar à minha volta.

Sem dúvida, era um lugar deserto, com o estava deserto o pombo no pátio da cervejaria, no alto de um poste que algum vento forte entortara, de tal modo que os pombo haveriam de se imaginar em alto-mar, se pombo lá houvesse a balouçar-se. Mas não havia pombo no pombo, nem cavalos na estrebaria, nem porcos na pocilga, nem malte no armazém, nem cheiros de cereais e

cerveja no tacho nem no tonel. Era com o se todas as funções e todos os cheiros da cervejaria houvessem evaporado junto com o último fiapo de fumaça. Num pátio adjacente, havia uma selva de barris vazios, em torno dos quais ainda pairava uma névoa branca azeda de dias melhores; mas era azeda demais para ser tomada com a amargura da cerveja que não havia mais — e, sob esse aspecto, esses reclusos, assim me pareceu, eram semelhantes à maioria dos reclusos.

Atrás da extremidade mais distante da cervejaria havia um jardim abandonado, cercado por um muro velho: não tão alto que eu não pudesse subir nele e me segurar o tempo suficiente para olhar por cima dele, e ver que o jardim abandonado era o jardim da casa, e que ele estava tomado por um emaranhado de mato, mas que havia marcas de passos nas pistas verdes e amarelas, com o se alguém por vezes andasse lá, e vi Estella afastando-se de mim naquele exato momento. Mas ela parecia estar em toda parte. Pois quando não resisti à tentação e comecei a caminhar sobre os barris, vi Estella andando

sobre eles no outro lado do pátio. Estava de costas para mim, e segurava com as

duas mãos o lindo cabelo castanho, e não olhava para trás, e logo saiu de meu campo de vista. Assim, entrei na cervejaria em si — ou seja, no prédio amplo e majestoso onde outrora se fabricava cerveja, e onde os implementos usados para fazer cerveja ainda

estavam em seus lugares. Tão logo entrei, e, um tanto oprimido pela escuridão, parei junto à porta olhando à minha redor, vi Estella passar por entre os fogões apagados, e subir por uma escada de ferro leve, e sair por uma galeria bem elevada, com o se fosse penetrar no céu.

Foi nesse lugar, e nesse momento, que uma coisa estranha sucedeu com minha fantasia. Julguei estranho o que vi então, e julguei-o ainda mais estranho por muito tempo depois. Voltei os olhos — um pouco ofuscados por estarem virados para a fria luz do dia — em direção a uma grande viga de madeira num recanto baixo do prédio perto de mim, à minha direita, e vi um vulto pendurado ali pelo pescoço. Um vulto todo de branco amarelado, com apenas um dos pés calçados; e pendurado de tal modo que me permitia ver que os babados desbotados do vestido pareciam papel esfarelento, e que o rosto era o da sra. Havisham, a quem over-se com o se ela estivesse tentando chamar-me. Apavorado por me ver diante daquele vulto, e apavorado por estar certo de que ele não estivera ali um momento antes, de início fugi correndo, e depois corri em direção ao vulto. E fiquei ainda mais apavorado quando verifiquei que não havia vulto algum ali.

Nada menos que a luz fria do céu alegre, a visão de gente passando do outro lado das grades do portão e a influência revivificante do que restava do pão, da carne e da cerveja teria feito com que eu recuperasse os sentidos. Mesmo com esses estímulos

ulos, eu talvez não tivesse recuperado os sentidos tão depressa se não tivesse visto Estella se aproximando com as chaves, vindo abrir o portão para mim. Ela teria bons motivos para me desprezar, pensei, se me visse assustado; e eu não queria que ela tivesse bons motivos.

Estella voltou-me um olhar triunfal quando passou por mim, como se estivesse se regozijando com minhas mãos grosseiras e minhas botas pesadas, e abriu o portão, e ficou a segurá-lo. Eu estava saindo sem olhar para ela, quando ela me tocou com um olhar tão provocante.

“Por que não choras?” “Porque não quero.”

“Choras, sim”, disse ela. “Choraste até não poder mais, e agora estás quase chorando de novo.”

Ela riu, desdenhosa, e purrou-me para fora e trancou o portão na minha cara. Fui direto à casa do sr. P um blechook, e fiquei muito aliviado quando soube que ele não estava em casa. Assim, tendo dito ao caixeiro em que dia a sra. Havisham queria que eu voltasse, comecei a caminhar as quatro milhas que me separavam da nossa ferraria; pensando, enquanto seguia, em tudo que eu vira, e remoendo profundamente a ideia de que eu era um trabalhadorzinho vulgar; que minhas mãos eram grosseiras, que minhas botas eram pesadas; que eu adquirira o hábito desprezível de chamar os valetes de jotas; que eu era muito mais

ignorante do que julgava ser na véspera, e, de modo geral, que minha vida era muito vil e má.

* High-street: a rua principal de uma cidade. (n. t.)

CAPÍTULO IX

Quando cheguei em casa, minha irmã estava curiosíssima para que eu lhe contasse tudo a respeito da sra. Havisham, e me fez um a série de perguntas. E logo em seguida comeci a levar cachações fortes na nuca e no lombo, e minha cabeça foi em purrada contra a parede da cozinha do modo mais humilhante, por não ter eu dado respostas suficientemente longas a essas perguntas.

Se o pavor de não ser compreendido se oculta no coração das outras crianças tanto quanto se ocultava no meu — o que me parece provável, pois não tenho nenhum motivo para me considerar uma espécie de monstro — ele explica muitos casos de reserva. Eu estava convicto de que, se descrevesse a sra. Havisham tal com meus olhos a virem, não seria compreendida. Não só isso, como também estava convicto de que também a sra. Havisham não seria compreendida; e em bora ela fosse de todo incompreensível para mim, tinha eu a impressão de que seria de algum modo grosseiro e traiçoeiro eu evocar a imagem real dessa senhora (para não falar na da jovem Estella) para a contemplação da sra. Joe. Assim, falei o mínimo possível, e terminei com a cabeça em purrada contra a parede da cozinha.

O pior de tudo foi que P um blechook, aquele velho tirânico, consumido por uma curiosidade doentia, queria ser informado de tudo que eu vira e ouvira, e chegou sequioso em sua carruagem na hora do chá, para que os detalhes lhe fossem divulgados. E, diante daquele tom ento, com seus olhos de peixe e boca entreaberta, o cabelo ruivo espetado com o se num a interrogação, o peito arfando de aritm ética gasosa, por pirraça tornei-me e ainda mais reticente.

“Bem , menino”, foi dizendo o tio P um blechook, tão logo se instalou no lugar de honra ao pé do fogo. “Com o foi lá?”

Respondi: “Muito bem , senhor”, e minha irmã sacudiu o punho para mim . “Muito bem ?”, repetiu o sr. P um blechook. “Muito bem ’ não é resposta.

Explique o que queres dizer com ‘m uito bem ’, menino?”

Cal de parede na testa endurece o cérebro, tornando-o obstinado, talvez. Seja com o for, tendo eu a testa suj a de cal, minha obstinação tornou-se férrea. Refleti por algum tempo, e em seguida respondi, com o se tivesse tido uma nova ideia: “Quero dizer que fui muito bem ”.

Minha irmã, com uma exclamação de impaciência, estava prestes a partir para cima de mim — eu não tinha qualquer esperança de proteção, pois Joe estava trabalhando na ferraria — quando o sr. P

um blechook interveio: “Não! Não perca as estribeiras. Deixe o rapazinho com igo, m inha senhora; deixe o rapazinho com igo”. O sr. P um blechook virou-m e para si, com o se fosse cortar m eu cabelo, e disse:

“P rim eiro (para pôr em ordem as ideias): quarenta e três pence.”¹

Calculei as consequências de responder “quatrocentas libras”, e concluindo que elas seriam negativas para m im , aproxim ei-m e da resposta certa tanto quanto pude — ou seja, errando por cerca de oito pence. Então o sr. P um blechook m e fez recitar a tabuada dos pence desde “doze pence dão um xelim ” até “quarenta pence dão três xelins e quatro pence”, e em seguida exigiu, triunfante, com o se m e houvesse encurralado: “Agora! Quarenta e três pence dão quanto?”. Respondi, após um longo intervalo de reflexão: “Não sei”. E eu estava tão irritado que quase chego a pensar que não sabia, m esm o.

O sr. P um blechook retorceu a cabeça com o se fosse um parafuso, para com

ele abrir m eu raciocínio, e indagou: “Quarenta e três pence dão sete xelins, seis

ponce e três farthings,* por exemplo?”.

“Isso!”, exclam ei. E em bora m inha irm ã na m esm a hora socasse m eus ouvidos, para m im foi m uito gratificante ver que

minha resposta tirou a graça de sua brincadeira, e o fez calar-se por completo.

“Menino! Com quem é a senhora Havisham?” O sr. Pumblechook voltou à carga depois que se recuperou, com os braços cruzados sobre o peito e apertando seu parafuso.

“Muito alta e morena”, respondi.

“É mesmo o, tio?”, perguntou minha irmã.

O sr. Pumblechook fez que sim com um piscadela, com base na qual deduzi naquela mesma hora que ele já mais virava a sra. Havisham, pois ela em nada correspondia a tal descrição.

“Bom!” exclamou o sr. Pumblechook, presunçoso. (“É assim que vamos pegá-lo! Estamos começando a avançar, creio eu, não é, senhora?”)

“Certamente, tio”, retrucou a sra. Joe. “Eu queria muito que o senhor o pegasse sem pressa: o senhor sabe lidar com ele muito bem.”

“Mas sim, menino! O que ela estava fazendo quando chegaste lá hoje?”, perguntou o sr. Pumblechook.

“Ela estava sentada”, respondi, “dentro de uma carruagem de veludo preto.” O sr. Pumblechook e a sra. Joe entreolharam-se — e não era para menos —

repetindo ambos: “Dentro de uma carruagem de veludo preto?”.

“Isso mesmo”, respondi. “E a Estella — a sobrinha dela, eu acho — serviu-lhe bolo e vinho pela janela da carruagem, num prato de ouro. E nós todos comemos o bolo e tomamos o vinho em pratos de ouro. E eu subi atrás da carruagem para comer meu bolo, porque ela mandou.”

“Havia mais alguém lá?”, perguntou o sr. Pumblechook. “Quatro cachorros”, respondi.

“Grandes ou pequenos?”

“Enormes”, disse eu. “E eles ficaram brigando por umas costeletas de vitelas servidas numa cesta de prata.”

O sr. Pumblechook e a sra. Joe entreolharam-se outra vez, em total perplexidade. Eu estava completamente frenético — uma testemunha

desarvorada sob tortura — e seria capaz de lhes dizer qualquer coisa. “Onde estava essa carruagem, Deus do céu?”, indagou minha irmã.

“No quarto da senhora Havisham.” Os dois entreolharam-se de novo. “Mas não havia cavalo nenhum.” Fiz essa ressalva salvadora imediatamente após rejeitar quatro corcéis ricamente ajazados, que tive a ideia louca de atrelar à carruagem.

“Isso é possível, tio?”, indagou a sra. Joe. “O que esse menino está querendo dizer?”

“Eu sei o que é, minha senhora”, replicou o sr. P um blechhook. “A meu ver, é uma liteira. Ela é caprichosa, sabe — muito caprichosa — o bastante pra ficar o tempo todo dentro de uma liteira.”

“O senhor já a viu na liteira, tio?”, perguntou a sra. Joe.

“Mas com o?”, retrucou ele, obrigado a confessar-se. “Com o, se eu nunca a vi na minha vida? Nunca pus os olhos nela!”

“Meu Deus, tio! E, no entanto, o senhor já falou com ela?”

“Ora, a senhora não sabe”, ele explicou, irritado, “que quando vou lá, levam-me até junto à porta do quarto dela, e a porta fica entreaberta, e ela fala comigo pela fresta? Não me diga que a senhora não sabia disso. Mas, enfim, o menino foi

lá para brincar. De que brincaste, menino?”

“Brincam os com bandeiras”, respondi. (Peço licença para comentar que vejo a mim mesmo com perplexidade, quando relembro as mentiras que contei nessa ocasião.)

“Bandeiras!”, repetiu minha irmã.

“Isso mesmo”, respondi. “A Estella sacudia uma bandeira azul, e eu sacudia uma vermelha, e a senhora Havisham uma toda salpicada de estrelinhas douradas, pela janela da carruagem. E depois todos nós sacudíamos as nossas espadas e gritávamos hurra.”

“Espadas!”, repetiu minha irmã. “Onde vocês pegaram as espadas?”

“Num armário”, expliquei. “E vi que dentro dele tinha pistolas também — e geleia — e pílulas. E não entrava a luz do dia na sala, era só luz de velas.”

“Isso é verdade, sim, senhora”, disse o sr. P um blechhook, balançando a cabeça, solene. “É essa a situação, pois eu próprio já verifiquei.” E então os dois olharam para mim, e eu, com uma expressão atrevida de espontaneidade no rosto, olhei para eles, enquanto pregueava a perna direita das calças com a mão direita.

Se eles houvessem feito mais perguntas, sem dúvida eu terminaria por me entregar, pois estava prestes a acrescentar que havia um balão no quintal, e só não cheguei a arriscar tal afirmação porque minha inventividade estava dividida entre esse fenômeno e a presença de um urso na cervejaria. Eles, porém, estavam tão entretidos em comentar as maravilhas por mim expostas a sua consideração, que escapei. O assunto ainda os ocupava quando Joe veio da ferraria para tomar uma xícara de chá. E a ele minha irmã, mais para aliviar sua própria mente do que para gratificar a dele, relatou minhas supostas experiências.

Ora, quando vi Joe arregalar os olhos azuis e correr a vista por toda a cozinha, sem saber o que fazer de tão atônito, fui tomado pelo remorso; mas o

sentim ento era dirigido a ele apenas — nem um pouco aos outros dois. Em relação a Joe, e só a Joe, eu m e sentia um m onstrinho, enquanto eles conversavam sobre as possíveis consequências de eu travar conhecim ento com a sra. Havisham e cair nas graças dela. Estavam certos de que a sra. Havisham “faria algum a coisa” por m im ; m as não tinham certeza a respeito do que essa coisa viria a ser. Minha irm ã apostava na “propriedade”. O sr. P um blechook era a favor de um generoso pagam ento para que eu m e tornasse aprendiz de algum ofício refinado — por exem plo, o com ércio de cereais e sem entes. Joe caiu em desgraça j unto a am bos, por dar a brilhante sugestão de que talvez apenas eu ganhasse de presente um dos cães que haviam disputado as costeletas de vitela. “Se na tua parvoíce não tens opiniões m elhores para dar”, disse m inha irm ã, “e tens trabalho a fazer, m elhor ir trabalhar.” Foi o que Joe fez.

Depois que o sr. P um blechook voltou para sua casa, e quando m inha irm ã foi se lavar, escapuli para a ferraria para ficar com Joe, e lá perm aneci até que ele encerrasse o expediente. Então eu lhe disse: “Antes de apagar o fogo, Joe, queria te contar um a coisa”.

“É m esm o, P ip?”, disse Joe, puxando seu banquinho para perto da fornalha. “Então dize lá. O que foi, P ip?”

“Joe”, com ecei, segurando a m anga enrolada de sua cam isa e retorcendo-a entre o indicador e o polegar, “lem bra tudo que falei sobre a casa da senhora Havisham ?”

“Se lem bro?”, disse Joe. “Acredito em ti! Maravilhoso!” “É terrível, Joe; mas não é verdade.”

“O que estás dizendo, Pip?”, exclamou Joe, jogando-se para trás na maior perplexidade. “Não é possível que estejas a dizer-me isso...”

“Isso mesmo, Joe; é mesmo.”

“Mas não tudo? Ora, não vais a dizer, Pip, que não havia nenhum a carruagem de veludo pr... hein?” Pois eu sacudi a cabeça.

“Mas pelo menos tinha cachorro, Pip. Ora, Pip”, disse Joe, num tom persuasivo, “se não tinha costeleta de vitela, pelo menos cachorro tinha?”

“Não, Joe.”

“Nem unzinho?”, insistiu ele. “Um filhote? Hein?” “Não, Joe, não havia nada disso.”

Enquanto eu olhava fixamente para Joe, desconsolado, ele me olhava com desânimo. “Pip, meu velho! Isso não se faz, rapaz! Ora veja! Onde que pretendes ir parar?”

“É terrível, Joe, não é?”

“Terrível?”, exclamou ele. “É horrendo! O que deu em ti?”

“Não sei o que deu em mim, Joe”, respondi, soltando a manga de sua camisa e me sentando em meio às cinzas a seus pés, de cabeça baixa; “mas eu queria que tu não tivesses me ensinado a

chamar os valetes do baralho de jotas; e queria que minhas botas não fossem tão pesadas, e minhas mãos não fossem tão grosseiras.”

Então disse a Joe que era muito infeliz, que não conseguira me explicar à sra. Joe e ao sr. P um blechhook que me tratavam tão mal, e que havia uma moedinha muito bonita na casa da sra. Havisham que era terrivelmente orgulhosa, e que ela

dissera que eu era vulgar, e que eu sabia que era vulgar, e que eu queria não ser vulgar, e que as mentiras haviam surgido a partir disso, se bem que eu não sabia com o.

Tratava-se de uma questão metafísica, ao menos tão difícil para Joe quanto era para mim. Mas Joe retirou o problema da esfera da metafísica, e desse modo o resolveu.

“De uma coisa não deves ter dúvida, Pip”, disse Joe, após ruminar por algum tempo, “é que mentira é mentira. Seja lá com o ela aparece, ela não devia de aparecer, e ela vem do pai das mentiras, e todas elas dão no mesmo. Não contes mais mentiras, não, Pip. Não é assim que vais deixar de ser vulgar, meu velho. E quanto a ser vulgar, não entendi muito bem essa. Não tens nada de vulgar numa coisa. És muito pequeno pra tua idade, o que não é vulgar. E também em matéria de estudo não és vulgar.”

“Sou, sim, Joe. Sou muito ignorante, Joe.”

“Ora, então eu não vi a carta que escreveste ontem ! E em letra de imprensa ainda por cima! Já vi carta — e carta escrita por gente de qualidade — que juro que não era escrita em letra de imprensa”, disse Joe.

“Não aprendi quase nada, Joe. Tu me tens em alta conta. É só isso.”

“Bem, Pip”, disse Joe, “seja ou não seja verdade, o fato é que tens que comêçar sendo vulgar em matéria de estudo pra depois poder ser invulgar, a meu ver! O rei lá, sentado no trono dele, com a coroa na cabeça, não pode escrever as leis do Parlamento em letra de imprensa sem antes comêçar, quando ainda era príncipe, antes de ser promovido, a aprender as letras do alfabeto — Ah!”, acrescentou Joe, com um meneio de cabeça cheio de significados, “e tem que comêçar no A, e seguir até o Z. E eu sei o que é fazer isso, mesmo não tendo

feito muito direitinho.”

Havia alguma esperança nessa sabedoria, e ela me animou um bocadinho.

“E se pra quem é vulgar em matéria de profissão e renda”, prosseguiu Joe, pensativo, “não é melhor mesmo continuar andando com quem é vulgar, em vez de ir brincar com os invulgares — aliás, por falar nisso, tinha mesmo a bandeira, não tinha? Eu espero que sim.”

“Não tinha, não, Joe.”

“(P ena que não tinha bandeira, P ip.) Se isso é ou não é verdade, é coisa que não dá pra descobrir agora, sem a tua irmã ficar espumando, e fazer isso de propósito, nem pensar. Olha aqui, P ip, quem te fala é amigo de verdade. Ouve o que te diz este amigo de verdade. Se não conseguires ser invulgar andando à direita, não vais conseguir andando à torta. Então não contes mais mentira, não, P ip, e vive bem e muito feliz.”

“Não estás zangado com amigo, não, Joe?”

“Não, meu velho. Mas levando-se em conta que as que contaste eram , diguem os assim , de uma natureza muito assombrosa e exagerada — inclusive com alusões a costeleta de vitela e briga de cachorro — meu conselho de amigo, P ip, é que tu penses nelas quando fizeres tuas edições, na hora de te deitares. Só isso, meu velho, e nunca mais voltas a fazer isso.”

Quando subi a meu quartinho e pus-me a rezar, não me esqueci da recomendação de Joe, e, no entanto, minha mente infantil estava em tal estado

de perturbação ingrata que muito após me deitar continuava pensando que Estella acharia Joe, um velho ferreiro, muito vulgar: botas tão pesadas, mãos tão grosseiras. Pensei que Joe e minha irmã estavam na cozinha e que eu viera da cozinha a meu quarto, e que a sra. Havisham e Estella nunca ficavam na cozinha, porém estavam muito acima dessas vulgaridades. Adorm

eci pensando no que eu “costumava fazer” quando ia à casa da sra. Havisham, com o se eu a frequentasse há semanas e meses, e não horas; com o se fosse um tema que há muito ocupasse minhas recordações, e não um que surgira apenas naquele dia.

Foi para mim um dia memorável, pois ocasionou grandes mudanças em mim. Mas é assim com todas as vidas. Imagine que um determinado dia fosse eliminado de sua vida, e pense em todas as consequências que isso teria sobre o resto dela. Para e pensa, tu que me lêes, por um momento, na longa cadeia de ferro ou ouro, de espinhos ou flores, que já mais te teria cingido, não fosse a formação do primeiro elo num dia memorável.

* O farthing era uma moeda que valia um quarto de um pênny. (n. t.)

CAPÍTULO X

Ocorreu-me, um a ou duas m anãs depois, ao despertar, a ideia feliz de que o m elhor a fazer, no sentido de m e tornar invulgar, era extrair de Bidy tudo que ela sabia. Tendo em vista esse plano luminoso, disse eu a Bidy, quando fui à casa da tia-avó do sr. Wopsle naquela noite, que tinha um m otivo especial para querer subir na vida, e que eu lhe ficaria m uito agradecido se ela m e transm itisse todos os seus conhecimentos. Bidy, que era a m ais prestativa das m oças, de imediato prom eteu-me que o faria, e de fato com eçou a cumprir sua promessa cinco m inutos depois.

O plano ou curso educacional estabelecido pela tia-avó do sr. Wopsle pode ser resumido na sinopse que se segue. Os alunos corriam m açãs e punham palha um nas costas do outro, até que a tia-avó do sr. Wopsle reunia suas forças e esboçava em direção a eles um gesto indiscriminado com um a vara de vidoeiro. Tendo reagido a esse ataque com m uitas m anifestações de deboche, os alunos entravam em fila e ruidosamente passavam um livro rasgado de m ão em m ão. O livro continha um alfabeto, algumas cifras e tabuadas e um pouco de ortografia — m elhor dizendo, contivera tais coisas outrora. Tão logo esse volume com eçava a circular, a tia-avó do sr. Wopsle entrava num estado de com a, provocado pelo sono ou por algum paroxismo reumático. Quanto aos alunos, esses com eçavam a disputar um a espécie de sabatina com

petitiva a respeito do assunto botas, com o fito de determinar quem era capaz de pisar com mais força nos pés de quem. Esse exercício mental perdurava até o momento em que Bidy se precipitava sobre eles e distribuía três Bíblias desfiguradas (cuja forma levava a pensar que eram extremidades mal cortadas de alguma coisa), cuja impressão era mais ilegível do que qualquer outra curiosidade literária que me tenha caído nas mãos desde então, bíblias todas salpicadas de tinta e contendo diversos espécimes de insetos esmagados entre suas páginas. Essa parte do curso costumava ser animada por uma série de combates individuais entre Bidy e alunos refratários. Findas as lutas, Bidy dava o número da página e todos nós liamos em voz alta o que conseguíamos ler — ou o que não conseguíamos ler — num coro horrendo, puxado por Bidy com uma voz alta, estridente e monótona, sendo que nenhum de nós fazia a menor ideia, nem sentia a mínima reverência, pelo que estavam lendo. Quando essa barulheira terrível se prolongava por certo tempo, tinha o efeito automático de despertar a tia-avó do sr. Wopsle, que avançava sobre um menino aleatório e lhe puxava as orelhas. Este era o sinal convencional que assinalava o término da aula daquela noite, e saíam os para a

rua com gritos de vitória intelectual. Há que admitir que os alunos não eram proibidos de se entreterem com uma lousa ou mesmo com tinta (quando havia tinta), porém não era fácil entregar-se a

tais atividades no inverno, porque a pequena loja onde eram realizadas as aulas — e que era também a sala de estar e o quarto de dormir da tia-avó do sr. Wopsle — era mal iluminada por uma única e desanimada vela de imersão, sem espevitadeiras.¹

Parecia-me que seria necessário muito tempo para me tornar invulgar em tais circunstâncias; não obstante, resolvi tentar, e naquela mesma noite Bidy começou a pôr em prática o que haviam os combinado, repassando-me informações de seu pequeno catálogo de preços, referentes ao açúcar mascavo, e me empenhando, para que eu copiasse em casa, um D grande e antiquado que ela imitara do cabeçalho de algum jornal, e que me parecera, até ela me explicar o que era, o desenho de uma fivela.

Havia, é claro, uma taberna na aldeia, e Joe, é claro, gostava de ir lá às vezes para fumar seu cachimbo. Eu recebera ordens rigorosas de minha irmã para ir chamá-lo nesse estabelecimento, chamado Aos Três Barqueiros Alegres, naquela noite, quando voltasse da escola, e o trouxesse para casa, senão eu seria punido. Assim sendo, segui para o Três Barqueiros Alegres.

Havia na Três Barqueiros um salão de bebidas, com umas contas assustadoras e longas escritas em giz na parede ao lado da porta, que me pareciam já mais ter sido pagas. Estavam ali desde que eu me tinha por gente, e haviam crescido mais do

que eu. Mas havia muito giz na nossa região, e talvez as pessoas não quisessem perder uma oportunidade de utilizá-lo.

Com o era sábado, encontrei o proprietário a contem plar essas anotações com ar um tanto tristonho, mas com o eu estava ali para falar com Joe e não com ele, lim itei-me e a desejar-lhe boas-noites e segui em direção ao salão no final do corredor, onde um fogão grande estava aceso, e onde Joe fumava seu cachimbo acompanhado pelo sr. Wopsle e um desconhecido. Joe me saudou, com o sem pre, com “Olá, Pip, meu velho!”, e tão logo ele me saudou o estranho virou-se e olhou para mim .

Era um homem de ar misterioso que eu já mais vira antes. A cabeça estava inclinada para um lado, e um de seus olhos estava entrefechado, como se ele me mirasse algum alvo com uma arma invisível. Tinha na boca um cachimbo, e tirou-o, e após soprar lentamente toda a fumaça, olhando para mim o tempo todo, acenou com a cabeça. Fiz o mesmo, e depois ele repetiu o gesto, e chegou-se para o lado no banco de madeira para que eu pudesse me sentar também .

Mas, com o costumava sentar-me ao lado de Joe sem pre que ia àquele lugar, eu disse: “Não, obrigado, senhor”, e instalei-me no lugar que Joe abria para mim no banco em frente. O estranho, após olhar para Joe, e vendo que a atenção de Joe estava voltada para outro foco de interesse, acenou outra vez para mim depois

que me sentei, e em seguida esfregou a mão na perna — de um modo muito estranho, foi o que me pareceu.

“O senhor estava dizendo”, disse o desconhecido, virando-se para Joe, “que era ferreiro.”

“Sim . Foi o que eu disse”, respondeu Joe.

“O que o senhor vai tomar, senhor...? Aliás, ainda não me disse sua graça.”

Joe identificou-se, e o desconhecido chamou-o pelo nome. “O que o senhor vai tomar, senhor Gargery ? Às minhas custas? Para fechar?”

“Sabe”, disse Joe, “pra falar com franqueza, não tenho o hábito de beber às custas dos outros, não.”

“Hábito? Ora”, retrucou o estranho, “mas uma vez na vida só, e numa noite de sábado ainda por cima. Vamos lá! Diga o que vai tomar, senhor Gargery .”

“Não quero ser má com panhia”, disse Joe. “Rum .”

“Rum ”, repetiu o desconhecido. “E o outro cavalheiro vai manifestar sua preferência?”

“Rum ”, disse o sr. Wopsle.

“Três rum !”, exclamou o estranho, dirigindo-se ao proprietário.

“Copo pra todo mundo!”

“Este outro cavalheiro”, observou Joe, com o form a de apresentar o sr. Wopsle, “o senhor havia de gostar de ouvir este cavalheiro fazendo um a leitura. É o sacristão da nossa igrej a.”

“Ahá!”, disse o estranho, m ais que depressa, inclinando a cabeça e olhando para m im . “A igrej a solitária, no m eio do charco, cercada de túm ulo!”

“Essa m esm a”, disse Joe.

O desconhecido, pitando com um grunhido de prazer, pôs as pernas em cim a do banco que ocupava sozinho. Usava um chapéu de viaj ante, de abas largas e m oles, debaixo do qual havia um lenço am arrado na cabeça à guisa de capuz: de m odo que dele não se via o cabelo. Enquanto ele olhava para o fogo, j ulguei divisar em seu rosto um a expressão astuciosa, seguida por um m eio riso.

“Não conheço esta terra, m as parece ser um lugar solitário, ali perto do rio.” “Chaco é sem pre um lugar solitário”, disse Joe.

“Sem dúvida, sem dúvida. P or lá hoj e em dia a gente encontra cigano, ou vagabundo, ou algum a outra espécie de gente vadia?”

“Não”, disse Joe, “só um que outro forçado fugido de vez em quando. E

esses, a gente nunca que encontra, com facilidade. Não é, senhor Wopsle?”

O sr. Wopsle concordou, com um gesto majestoso que reconhecia a lembrança de um desconforto antigo; mas sem entusiasmo.

“Pelo visto, vocês já saíram atrás de um deles?”, indagou o estranho.

“Um a vez”, respondeu Joe. “Não que a gente quisesse pegar eles, veja lá;

nós fomos só pra ver; eu, o senhor Wopsle, e meus pais o Philip. Não foi, Philip?” “Foi, Joe.”

O desconhecido olhou-me e outra vez — ainda de cabeça inclinada, como se estivesse me seguindo com sua arma invisível — e disse: “Sim pático, esse rapazinho me agricela. Como foi que o senhor chamou ele?”.

“Philip”, respondeu Joe. “Nome de batismo?”

“Não, não é nome de batismo, não.” “Sobrenome?”

“Não”, explicou Joe, “é uma espécie de apelido que ele se deu quando pequeno, e a gente chamou ele assim.”

“Seu filho?”

“Bem”, respondeu Joe, pensativo — não, é claro, que fosse necessário

m editar acerca da questão, mas porque, na Três Barqueiros, as pessoas pareciam m editar profundamente a respeito de tudo enquanto pitavam seus cachimbos, “bem ... não. Não é, não.”

“Sobrinho?”, perguntou o estranho.

“Bem ”, disse Joe, com o mesmo ar de cogitação profunda, “não — não, não vou lhe enganar, ele não é — m eu sobrinho.”

“Mas então, o que cargas-d’água ele é?”, indagou o estranho. O que m e pareceu uma interrogativa excessivamente enfática.

Nesse momento, interveio o sr. Wopsle, um entendido em relacionamentos, que tinha oportunidades profissionais de saber quais parentes um homem não

podia desposar,² e explicou o vínculo que havia entre mim e Joe. Tendo entrado na conversa, o sr. Wopsle aproveitou para encaixar uma passagem terrivelmente violenta de Ricardo III,³ e pelo visto julgou ter justificado muito bem a citação acrescentando: “...como diz o poeta”.

E aqui cabe observar que quando o sr. Wopsle se referia a mim, ele via

com a parte necessária dessa referência os gestos de despentear meu cabelo e enfiá-lo em meus olhos. Não consigo entender porque motivo todas as pessoas da mesma condição social que ele, ao visitar nossa casa, sempre me faziam passar pelo mesmo

processo inflamatório em circunstâncias semelhantes. Não me lembro de uma única ocasião na minha infância em que, sendo objeto de algum comentário no círculo social de nossa família, alguma pessoa de mãos grandes não tenha recorrido ao mesmo método oftálmico de me tratar com condescendência.

Durante todo esse tempo, o homem estranho olhava apenas para mim, e olhava-me como se estivesse decidido a encontrar uma oportunidade de por fim atirar em mim, e me derrubar. Não disse nada, porém, após sua observação sobre as cargas-d'água, enquanto não foram trazidos os copos de rum com água; e foi então que deu seu tiro, um tiro dos mais extraordinários.

Não foi um comentário verbal, e sim um procedimento de mimica, claramente endereçado a mim. Mexeu seu copo de rum com água de maneira ostensivamente dirigida a mim, e provou seu rum com água de maneira ostensivamente dirigida a mim. E o mexeu e o provou: não com a colher que lhe foi entregue, e sim com uma lima.

Fez isso de tal modo que ninguém, além de mim, viu a lima; e, tendo-o feito, enxugou a lima e guardou-a num bolso interno. Percebi que era a lima de Joe, e que o homem conhecia o meu forçado, tão logo pus os olhos na ferramenta. Fiquei a olhá-lo fixamente, fascinado. Depois, porém, o estranho reclinou-se no banco, dando-me muito pouca atenção, e falando principalmente sobre nabos.

Havia uma deliciosa sensação de arrumar as coisas e fazer uma pausa tranquila antes de tocar a vida para a frente, na nossa aldeia, nas noites de sábado, algo que estimulava Joe a ousar voltar para casa naquela hora mais tarde aos sábados do que nos outros dias. Com o já chegavam ao fim daquela hora e o copo de rum com água, Joe levantou-se para sair, e pegou-me pela mão.

“Espere só um instante, senhor Gargery”, disse o desconhecido. “Acho que tenho um xelim novinho em folha no bolso, e se tiver mesmo, vou dá-lo ao menino.”

Encontrou o xelim num punhado de moedas, embrulhou-o num papel amassado e entregou-o a mim. “É teu!”, disse ele. “Veja lá! Só teu.”

Agradei, olhando para ele muito além dos limites da boa educação, agarrado a Joe. Ele deu as boas-noites a Joe, e deu as boas-noites ao sr. Wopsle (que saiu conosco), e a mim limitou-se a dirigir um olhar com seu olho de fazer pontaria — não, não foi um olhar, pois ele fechou o olho, mas coisas maravilhosas podem ser feitas com um olho escondendo-o.

A caminho de casa, se estivesse com vontade de conversar, eu teria de falar sozinho, pois o sr. Wopsle despediu-se de nós à porta da Três Barqueiros, e Joe foi até em casa com a boca escancarada,

para que o ar levasse em bora o cheiro de rum tanto quanto possível. Mas eu estava de certo m odo estupefato diante dessa consequência da m á ação que eu com etera e do conhecim ento que eu travara no passado, e não conseguia pensar em m ais nada.

Minha irm ã não estava de hum or m uito m au quando nos apresentam os na cozinha, e Joe sentiu-se estim ulado por essa circunstância inesperada para lhe falar do xelim novo em folha. “Deve ser falso, aposto”, disse a sra. Joe, triunfal, “senão ele não dava pro m enino! Mostra cá.”

Desem brulhei a m oeda do papel, e ela se revelou verdadeira. “Mas o que é isso?”, disse a sra. Joe, largando o xelim e pegando o papel. “Duas notas de um a

libra?”⁴

Nada m enos do que duas notas gordas e suadas, que pareciam ter gozado da m aior intim idade com todos os m ercados de gado do condado. Joe pegou o chapéu e saiu correndo para devolvê-las ao dono. Na sua ausência, sentei-m e em m eu banquinho costum eiro e fiquei olhando para m inha irm ã com um olhar sem expressão, certo de que o hom em não estaria lá.

P ouco depois Joe voltou, dizendo que o hom em tinha ido em bora, m as que ele, Joe, deixara um recado para ele na Três Barqueiros Alegres a respeito das notas. Então m inha irm ã em brulhou-as num pedaço de papel que ela lacrou, e colocou-as debaixo de um as

folhas de roseira secas num bule ornamental em cima de um armário na sala de visitas de cerimônia. E lá ficaram, um pesadelo para mim, por muitos dias e muitas noites.

Quando me deitei, meu sono foi interrompido por pensamentos do estranho a mim irar-me e com sua arma invisível, e do que havia de culpados entre grosseiro e vulgar em ter relações clandestinas e secretas com forçados — um momento da minha carreira de vilezas que eu havia esquecido. Também me assombrava aquela limpa. Dominava-me o medo de que, quando eu menos esperasse, a limpa reaparecesse. Convinco-me a dormir pensando na ida à casa da sra. Havisham, na quarta-feira seguinte; e num sonho vi a limpa saindo de uma porta e aproximando-se de mim, sem que eu visse quem a segurava, e acordei gritando.

CAPÍTULO XI

À hora com binada, voltei à casa da sra. Havisham , e quando toquei a cam painha do portão, hesitante, Estella veio abrir. Ela trancou o portão assim que entrei, com o da outra vez, e tal com o antes foi seguindo à minha frente pelo corredor escuro onde ficava a sua vela. Ignorou minha presença até o momento em que pegou a vela, quando então se virou para trás, numa atitude arrogante, e disse: “Hoje tens que vir por aqui”, e conduziu-me por um caminho que levava a outra parte bem diferente da casa.

Este corredor era longo, e parecia estender-se por todo o porão quadrado da mansão. Porém atravessamos apenas um lado do quadrado; ao final ela parou, largou a vela e abriu uma porta. Então a luz do dia reapareceu, e me vi num pequeno pátio pavimentado, o lado oposto do qual era formado por uma casa separada, que parecia ter pertencido outrora ao administrador ou diretor da cervejaria extinta. Havia um relógio na parede externa dessa casa. Tal como o relógio do quarto da sra. Havisham , e com o relógio de bolso dela, ele estava parado indicando as oito e quarenta.

Entramos pela porta, que estava aberta, e fomos dar num cômodo escuro de teto baixo, no andar térreo, nos fundos da casa. Havia outras pessoas presentes, e Estella me disse ao juntar-se

a elas: “Fica parado ali, menino, até que te chamem”. Com o “ali” se referia à janela, fui até ela, e fiquei “ali”, num estado mental de grande desconforto, olhando para fora.

A janela dava para o terreno, para um canto muito desolador do jardim abandonado, com pés de repolho transformados em mato e um buxo que fora podado muitos anos antes, em forma de pudim, do alto do qual brotara um outro ramo, de forma e cor diferentes, com o se aquele pedaço do pudim tivesse grudado na panela e queimado. Foi esse o pensamento singelo que tive ao contemplar o buxo. Havia nevado um pouco durante a noite, e que eu soubesse não restava mais neve em lugar algum; porém nem toda a neve havia derretido na sombra fria daquele trecho de jardim, e o vento levantava-a em pequenos torvelinhos e lançava-a contra a vidraça, com o se protestando por estar eu ali.

Eu imaginava que minha chegada houvesse interrompido as conversas na sala, e que os outros presentes estivessem olhando para mim. Da sala eu nada via além do brilho do fogo refletido na vidraça, mas enrijei todas as minhas articulações por ter consciência de que estava sendo examinado detidamente.

Havia na sala três senhoras e um cavalheiro. Antes que eu completasse cinco minutos parado à janela, essas pessoas de algum modo me fizeram entender que

eram todas baj uladoras e im postoras, mas que cada um a delas fingia não saber que as outras eram baj uladoras e im postoras: pois se adm itisse que sabia disso, então ficaria claro que tam bém ela era um a baj uladora e um a im postora.

Todas essas pessoas tinham o ar desanimado e entediado de quem está à disposição de alguém, e a mais falante das senhoras tinha de falar com certa rigidez para não bocejar. Essa senhora, que se chamava Camilla, em muito me lembrou minha irmã, com a diferença de que era mais velha, e (com o percebi quando olhei para ela) tinha feições mais duras. De fato, depois que a conheci melhor, comecei a achar que era de admirar que tivesse feições de alguma espécie, pois seu rosto era um muro sem vida, alto e nu.

“Coitado!”, exclamou esta senhora, com um jeito abrupto igual ao de minha irmã. “Só tem a si próprio por inimigo!”

“Seria bem mais aceitável ser inimigo de outra pessoa”, observou o cavalheiro; “bem mais natural.”

“Primo Raymond”, comentou outra senhora, “nós devemos os amarrar o próximo.”

“Sarah Pocket”, redarguiu o primo Raymond, “se um homem não é seu próprio próximo, quem haverá de ser?”

A sra. Pocket riu, e Camilla riu e disse (contendo um bocejo): “Que ideia!”. Porém pareceu-me que todos achavam a ideia muito

boa tam bém . A outra senhora, que ainda não havia falado, disse, muito séria e enfática: “Tem toda a razão!”.

“Coitado!”, prosseguiu Camilla depois de algum tempo (eu sabia que todos tinham ficado a olhar-me e nesse ínterim). “Ele é tão estranho! Vocês acreditariam se eu dissesse que quando a mulher do Tom morreu, não foi possível convencê-lo que era importante que os filhos usassem o luto mais profundo? ‘Meu Deus!’ ele disse, ‘Camilla, que diferença faz desde que os pobrezinhos estejam de preto?’ Só mesmo o Matthew! Que ideia!”

“Ele tem lá suas qualidades, tem lá suas qualidades”, comentou o primo Raymond; “Deus me livre de negar que ele tem qualidades; mas nunca teve, e nunca vai ter, o senso da medida.”

“Imaginem que fui obrigada”, prosseguiu Camilla, “fui obrigada a ser firme. Eu disse: ‘Isso é inadmissível, pelo bom nome da família’. Eu disse a ele que, sem o luto mais profundo, a família cairia em desgraça. Chorei desde o despertar até o almoço. Perjudiquei minha digestão. E por fim, daquele modo violento dele, ele exclamou, com uma imprecação: ‘Então faz o que bem entenderes’. Graças a Deus que sempre hei de me consolar com o pensamento de que na mesma hora saí no meio de um temporal e com minhas coisas.”

“Foi ele quem pagou, não foi?”, perguntou Estella.

“A questão, minha querida menina, não é quem pagou”, respondeu Camilla, “mas que fui eu quem comprovei. E hei de lembrar disso muitas vezes, com alívio, quando acordar no meio da noite.”

O soar de uma campainha ao longe, juntamente com o eco de um grito no

corredor pelo qual eu viera, interrompeu a conversa e fez com que Estella me dissesse: “Vai, menino!”. Quando me virei, todos olhavam para mim com o

máximo de desprezo, e, quando saí, ouvi Sarah Pocket dizendo: “Mas que coisa! Era só o que faltava!”, e Camilla acrescentar, indignada: “Onde já se viu um capricho assim! Que idiota!”.

Enquanto seguíamos os com nossa vela pelo corredor escuro, Estella parou de repente e, virando-se para trás, disse, com seu jeito provocador, aproximando bem o rosto do meu:

“E então?”

“E então, moça?”, respondi, tendo que me deter para não cair em cima dela. Ela ficou parada olhando para mim, e, é claro, eu fiquei parado olhando para ela.

“Sou bonita?”

“É, sim ; acho a senhora muito bonita.” “Sou desdenhosa?”

“Menos do que da outra vez”, disse eu. “Menos?”

“É.”

Ela abespinhou-se ao fazer essa última pergunta, e deu-me um tabefe com

toda a sua força, quando respondi.

“E agora?”, ela perguntou. “Monstrinho grosseiro, o que achas de mim agora?”

“Não vou dizer, não.”

“Porque vai dizer a ela, lá em cima. Não é?” “Não”, respondi, “não é.”

“Porque não choras de novo, criaturinha desgraçada?”

“Porque nunca mais vou chorar pela senhora”, respondi. O que, creio eu, foi uma mentira deslavada; pois por dentro eu estava chorando por ela naquele exato momento, e sei o que sei da dor que ela me proporcionou depois.

Tomamos a escada depois desse episódio; e, enquanto subíamos, encontramos um cavalheiro descendo a escada escura, tateando.

“Quem é que está aí?”, perguntou ele, parando e olhando para mim. “Um menino”, disse Estella.

Era um homem corpulento, de tez muito escura, com uma cabeça grandíssima e mãos proporcionais a ela. Pegou-me pelo queixo com sua manzorra e virou-me o rosto para cima a fim de vê-lo à luz da vela. Tinha uma calva prematura no cocuruto, e sobrancelhas espessas e negras que não ficavam no lugar, porém erguiam-se, espetadas. Tinha olhos muito fundos, desagradavelmente penetrantes e desconfiados. Do bolso pendia uma corrente de relógio avançada, e no rosto havia pontos negros grandes nos lugares que seriam cobertos pela barba e pelas suíças se ele não as raspasse. O homem não era nada para mim, e eu não poderia prever naquele momento que ele viria a ser alguma coisa para mim, mas por acaso tive essa oportunidade de observá-lo bem.

“Um menino da vizinhança? Hein?”, ele perguntou. “Sim, senhor”, respondi.

“O que fazes aqui?”

“A senhora Havisham me andou-me e vir, senhor”, expliquei.

“Ora! Com porta-te. Eu tenho muita experiência com meninos, e os meninos não são flor que se cheire. Vê lá”, disse ele, mordendo o lado do dedo médio com prido, franzindo o cenho para mim, “com porta-te!”

Com essas palavras, soltou-me — o que me aliviou, pois sua mão cheirava a sabonete perfumado — e continuou descendo a escada.

Fiquei a pensar se ele seria médico; mas não, pensei; não devia ser médico, senão teria um jeito mais discreto e persuasivo. Não havia muito tempo para pensar na questão, pois logo estavam os entrando no quarto da sra. Havisham, onde ela e tudo o mais estavam tal como estavam quando eu lá estivera antes. Estella deixou-me junto à porta, e ali fiquei parado até que a sra. Havisham, sentada à penteadeira, olhou para mim.

“Pois então!”, ela exclamou, sem parecer assustada nem surpresa; “os dias se passaram, não?”

“Sim, senhora. Hoje é...”

“Não, não, não!” Fez aquele gesto de impaciência com os dedos.

“Não quero saber. Estás pronto para brincar?”

Fui obrigado a responder, um tanto constrangido: “Acho que não estou não, senhora”.

“Nem para jogar cartas, de novo?”, ela indagou, com um olhar perscrutador. “Sim, senhora; isso eu posso fazer, se a senhora quiser.”

“Com o esta casa te parece velha e severa, menino”, disse a sra. Havisham, impaciente, “e não estás disposto a brincar, estás disposto a trabalhar?”

Essa pergunta eu podia responder com mais ânimo do que a anterior, e disse que sim, que estava muito bem-disposto a trabalhar.

“Então vai pra aquele quarto, ali em frente”, ordenou, apontando para a porta atrás de mim com a mão engelhada, “e espera até eu chegar.”

Atravessei o patamar da escada e entrei no cômodo por ela indicado. Dentro dele, também, a luz do sol estava de todo excluída, e havia um cheiro abafado que era opressivo. O fogo fora aceso pouco antes na lareira úmida e antiquada, e estava mais disposto a apagar do que a pegar, e a fumaça relutante que pairava no recinto parecia mais fria que o ar mais limpo — tal como a névoa do nosso charco. Alguns galhos hibernais de velas no console alto da lareira iluminavam o ambiente fracamente; ou, para ser mais expressivo, perturbava de leve a escuridão. O cômodo era espaçoso, e pareceu-me que outrora fora belo, mas tudo que ali se podia ver estava coberto de poeira e mofo, e estava caindo aos pedaços. O objeto que mais se destacava era uma mesa com prida com uma toalha, como se uma festa estivesse sendo preparada no momento em que a casa e os relógios pararam todos juntos. Havia uma espécie de centro de mesa no ponto central da toalha; estava de tal modo recoberto de teias de aranha que era impossível distinguir sua forma; e, enquanto eu contemplava aquela extensão amarela da qual, lembro-me, ela

parecia brotar com o se fosse um fungo escuro, vi aranhas de patas pintadas e corpos manchados correndo para ela ou dela saindo, com o se algum evento da maior importância pública tivesse acabado de ocorrer na comunidade das aranhas.

Eu ouvia ratos também, a tam borilar atrás dos lambris de madeira, com o se o mesmo acontecimento também fosse importante para eles. As baratas, porém,

não se davam conta da agitação, e arrastavam-se em torno da lareira lerdas e desajeitadas com os velhos, com o se enxergassem e escutassem mal, e não falassem umas com as outras.

Esses seres rastejantes me antinham-me e fascinado, e eu os contemplova à distância quando a sra. Havisham pousou a mão no meu ombro. Na outra mão ela levava uma bengala que era com o um amentueta no alto, na qual se apoiava, e parecia a bruxa daquele lugar.

“É aqui”, disse ela, apontando para a mesa com prida com a bengala, “que vão-me deitar quando eu estiver morta. Eles vão vir-me ver aqui.”

Com o vago temor de que ela pudesse subir na mesa naquele exato instante e morrer de imediato, tornando-se a concretização completa da figura de cera que eu vira na feira, recuei de seu toque.

“O que pensas que é aquilo?”, perguntou-me e ela, novam ente apontando com a bengala; “aquilo, cheio de teias de aranha.”

“Não posso im aginar, não, senhora.”

“É um bolo grande. Um bolo de casam ento.1 Meu!”

Ela olhou a seu redor com os olhos arregalados, e depois disse, apoiando-se em m im enquanto apertava m eu om bro: “Vem , vem , vem ! Anda com igo, anda com igo!”.

Entendi que o trabalho que m e cabia era andar com a sra. Havisham , dando voltas e m ais voltas na sala. Assim , com ecei a andar de imediato, com ela apoiada em m eu om bro, seguindo nós dois num ritm o que parecia um a im itação (fundada no prim eiro im pulso que eu tivera naquela casa) da carruagem do sr. P um blehook.

A sra. Havisham tinha pouca força física, e não dem orou para que ela dissesse: “Mais devagar!”. Assim m esm o, seguim os a um ritm o espasm ódico e im paciente, e enquanto seguíam os ela m e apertava o om bro, e contorcia a boca, e m e fazia pensar que estávam os andando depressa porque seus pensam entos eram rápidos. Depois de algum tem po ela ordenou: “Cham a a Estella!”. Assim , fui até o patam ar da escada e gritei o nom e tal com o na ocasião anterior. Quando a luz de Estella apareceu, voltei para o lado da sra. Havisham , e recom eçam os a dar voltas e m ais voltas na sala.

Se Estella viesse sozinha para ser espectadora de nossa caminhada, eu já haveria de ficar um tanto desconcertado; mas com o ela trouxe consigo as três senhoras e o cavalheiro que eu vira no andar de baixo, eu não sabia o que fazer. Por educação, teria parado; mas a sra. Havisham apertou meu ombro, e seguimos adiante — eu, com muita vergonha de que as pessoas achassem que a ideia era minha.

“Cara senhora Havisham”, disse a sra. Sarah Pickett, “a senhora está muito bem!”

“Não estou, não”, redarguiu ela. “Sou só pele e ossos.”

Camilla alegrou-se quando a sra. Pickett recebeu essa resposta; e murmuro, enquanto contempava a sra. Havisham com olhar melancólico: “Coitadinha! Com o poderia estar bem a pobrezinha. Que ideia!”.

“E com o está você?”, a sra. Havisham perguntou a Camilla. Com o

estávamos naquele momento perto dela, naturalmente inclinei-me a parar, só que a sra. Havisham não quis parar. Seguimos em frente, e senti que estava sendo muito indelicado com Camilla.

“Obrigada, senhora Havisham”, ela respondeu. “Estou tão bem quanto era de se esperar.”

“Ora, qual o seu problema?”, perguntou a sra. Havisham, num tom muito áspero.

“Nada que valha a pena dizer”, retrucou Camilla. “Não quero fazer um espetáculo de meus sentimentos, mas tenho pensado mais na senhora à noite do que posso suportar.”

“Então não pense em mim”, retorquiu a sra. Havisham.

“Falar é fácil!”, respondeu Camilla, simpaticamente reprimindo um soluço, enquanto seu lábio superior começou a tremer, e as lágrimas transbordavam os olhos. “Pergunte ao Raymond quanto eu tenho de tomar de gengibre e sais

voláteis² toda noite. Pergunte ao Raymond quantos espasmos nervosos eu tenho nas pernas. Mas sufocações e espasmos nervosos não são novidade para mim, quando penso com ansiedade nos meus entes queridos. Se eu conseguisse ser menos afetuosa e sensível, minha digestão seria melhor e eu teria nervos de aço. Quisera eu. Mas quanto a não pensar na senhora à noite... que ideia!” Mais uma explosão de lágrimas.

Entendi que o Raymond por ela mencionado era o cavalheiro ali presente, e entendi também que ele seria o sr. Camillo. A essa altura ele veio a seu auxílio, e disse, num tom de consolação e elogio: “Camilla, minha querida, todos sabem que teus sentimentos pela família estão aos poucos te abalando de tal modo que uma das tuas pernas está ficando mais curta que a outra”.

“Que eu saiba”, observou a senhora severa cuja voz eu só ouvira uma vez, “pensar em os num a pessoa não nos dá mais direitos sobre essa pessoa, minha cara.”

A sra. Sarah Pocket, a qual, verifiquei nesse momento, era uma velhinha seca, de pele escura e enrugada, com um rostinho que parecia feito de cascas de nozes, e uma boca larga como a boca de um gato, sem os bigodes, concordou, dizendo: “Não dá, não, minha cara. Hm!”.

“Pensar é fácil”, disse a senhora severa.

“Haverá coisa mais fácil do que pensar?”, concordou a sra. Sarah Pocket.

“É mesmo, é mesmo!”, exclamou Camilla, cujos sentimentos pareciam, ao fermentar, subir das pernas para o peito. “É verdade, sim! É uma fraqueza ser tão afetuosa, mas não posso fazer nada. Sem dúvida, minha saúde seria muito melhor se eu não fosse assim, mas eu não gostaria de ser diferente, mesmo que eu pudesse. Por mais sofrimento que me cause, é um consolo saber que sou assim, quando acordo no meio da noite.” Mais uma explosão de sentimentos.

Eu e a sra. Havisham não paramos nenhum a vez durante todo esse tempo, porém continuávamos dando voltas e mais voltas, ora roçando nas saias das visitas, ora afastando-nos delas para o outro lado daquela sala lúgubre.

“Veja o Matthew!”, disse Camilla. “Nunca se aproxima dos parentes, nunca vem aqui ver com o está a senhora Havisham! Já fui levada a um sofá com o laço do espartilho cortado, e fiquei três horas deitada, desacordada, com a

cabeça caída para um lado, todo o cabelo solto, e meus pés não sei onde...” (“Bem mais altos que tua cabeça, meu amor”, disse o sr. Camillo.)

“Já passei horas nesse estado, horas e horas, por conta do comportamento estranho e inexplicável do Matthew, e ninguém me agradece.”

“Mas, falando sério, não veja o porquê!”, interveio a senhora severa.

“Minha cara”, acrescentou a sra. Sarah Pocket (uma personagem suavemente repugnante), “a pergunta que deves fazer a ti própria é: quem haveria de te agradecer, querida?”

“Sem esperar agradecimento, nem nada semelhante”, prosseguiu Camilla, “já permaneci nesse estado horas e horas, e perguntem ao Raymond quantas vezes não sufoquei, sem que o gengibre tivesse o mesmo efeito, a ponto de eu ser ouvida da casa do afinador de pianos do outro lado da rua, onde as crianças, pobrezinhas, chegaram a pensar que fossem pombo arrulhando ao longe — e agora vêm me dizer...” Nesse ponto Camilla levou a mão à garganta, e novos compostos químicos pareceram formar-se ali.

Quando o tal de Matthew voltou a ser mencionado, a sra. Havisham deteve a mim e a si própria e ficou parada olhando para quem falava. Essa mudança teve o efeito de fazer com que a química de Camilla terminasse de súbito.

“O Matthew há de vir me ver no final”, disse a sra. Havisham, grave, “quando eu estiver estendida nessa mesa, morta. Ali é onde ele vai ficar”, batendo com a bengala na mesa, “junto à minha cabeça! E o seu lugar será ali! E o do seu marido ali! E o da Sarah Pocket ali! E o da Georgiana ali! Agora vocês todos sabem quais são os seus lugares, quando vierem me devorar. Agora vão em bora!”

Ao mencionar cada nome ela batia na mesa com a bengala, cada vez num lugar diferente. Então se virou para mim: “Anda comigo, anda comigo!”. E voltamos a caminhar.

“Acho que não há outra coisa a fazer”, exclamou Camilla, “senão obedecer e partir. Não é pouca coisa ver o objeto do nosso amor e nosso dever, mesmo que seja por tão pouco tempo. Vou pensar nisso com uma satisfação melancólica quando acordar no meio da noite. Eu queria muito que o Matthew pudesse ter esse conforto, mas ele o renega. Estou decidida a não exibir meus sentimentos, mas é muito difícil ouvir alguém me dizer que quero devorar um parente —

com o se eu fosse um gigante³ — e ser mandada em bora. Mas que ideia!”

Com o sr. Camillo interveio no momento em que a sra. Camilla pôs a mão no seio arfante, a senhora em questão assumiu uma postura de firmeza forçada, que, imaginei, significava seu propósito de cair no chão sufocada tão logo saísse de cena, e após beijar a mão da sra. Havisham ela foi levada para fora da sala. Sarah Picket e Georgiana ficaram disputando quem deveria ser a última a sair; mas Sarah era esperta demais para ser passada para trás, e ficou a andar em torno de Georgiana de modo tão ardiloso que a outra foi obrigada a ir em bora primeiro. Sarah Picket então pôde partir sozinha exclamando “Deus a abençoe, querida senhora Havisham!”, com um sorriso em seu rosto de casca de noz que exprimia piedade magnânima para as fraquezas das outras pessoas.

Enquanto Estella iluminava a escada para as visitas, a sra. Havisham continuava a caminhar com a mão no meu ombro, porém cada vez mais

devagar. Por fim parou diante da lareira, e disse, depois de resmungar e olhar para o fogo por alguns instantes:

“Hoje é meu aniversário, Pip.”

Eu ia dar-lhe os parabéns quando ela levantou a bengala.

“Não permito que falem no meu aniversário. Não permito que as pessoas que acabam de sair daqui, ou quem quer que seja, falem nele. Elas vêm aqui no dia, mas não ousam falar nele.”

Naturalmente, eu não esbocei mais nenhuma tentativa de me referir à data.

“Neste dia do ano, muito antes de nasceres, esse monte de podridão”, apontando com a bengala a pilha de teias de aranha na mesa, mas sem tocá-la, “foi trazido aqui. Ele e eu decaímos juntos. Os ratos o roeram, e dentes mais afiados que os dos ratos me roeram.”

Apertou a parte de cima da bengala contra o coração enquanto contemplava a mesa; ela, com seu vestido outrora branco, todo amarelado e fenecido; a toalha de mesa outrora branca toda amarelada e fenecida; tudo que a cercava prestes a desmoronar ao menor toque.

“Quando a ruína for completa”, disse ela, com um olhar horrendo, “e quando me deitarem morta, com meu vestido de noiva, na mesa da festa do casamento — o que há de ser feito, e há de ser a maldição final sobre a cabeça dele — tanto melhor se for neste dia!”

Ficou olhando para a mesa com o seu contemplasse seu próprio corpo nela estendido. Permaneci mudo. Estella voltou, e também ela ficou muda. Tive a impressão de que ficaram os assim por um

bom tempo. No ar pesado da sala, e na escuridão pesada que pairava nos cantos mais remotos, tive a fantasia assustadora de que eu e Estella logo com eçariam os a apodrecer também .

Por fim , saindo de seu estado de perturbação não aos poucos, mas de repente, a sra. Havisham disse: “Quero ver vocês dois jogando cartas; por que ainda não com eçaram ?”. Com isso, voltou para seu quarto, e nós nos sentamos como antes; fui derrotado na batalha, como antes; e mais uma vez, como antes, a sra. Havisham ficou a observar-nos o tempo todo, dirigindo minha atenção para a beleza de Estella, e fazendo-me percebê-la mais ainda ao colocar suas jóias no peito e no cabelo da moça.

Estella, por sua vez, tratou-me como antes; só que dessa vez não condescendeu em me dirigir a palavra. Depois que jogamos meia dúzia de partidas, foi marcado o dia em que eu voltaria, e fui levado ao quintal para ser alimentado tal como antes, como se fosse um cachorro. Lá, também , permitiram-me que ficasse a andar para todos os lados, conforme me desse na veneta.

Pouco importa se o portão no muro do jardim , em que da vez anterior eu subira para olhar do outro lado, estava, nesta ocasião, aberto ou fechado. O importante é que da outra vez não vi portão algum , e nesta ocasião eu o vi. Como estava aberto, e como eu sabia que Estella o abria para as visitas — pois ela voltara com as chaves na mão — entrei no jardim e andei por todo ele. Era um a

verdadeira selva, e havia alguns estufins velhos para melões e pepinos, que pareciam ter produzido, em sua decadência, rebentos espontâneos que eram tentativas malsucedidas de produzir pedaços de botas e chapéus velhos, com um ou outro broto em forma de frigideira estragada.

Tendo visto todo o jardim, e uma estufa na qual não havia nada além de uma videira caída e algumas garrafas, dei por mim naquele cantomelancólico que eu via pela janela. Absolutamente convicto de que a casa estava vazia, olhei para dentro de uma das outras janelas e dei por mim, com grande espanto, trocando um olhar direto com um jovem cavalheiro pálido de pálpebras avermelhadas e cabelo claro.

Esse jovem pálido rapidamente desapareceu, reaparecendo a meu lado. Estava ocupado com seus livros quando me vi olhando para ele, e percebi agora que estava sujode tinta.

“Ei!”, exclamou ele. “Garoto!”

Com o “ei” é uma observação de caráter geral que, com o aprendi por observação, deve ser respondida do mesmo modo, também eu exclamei “ei!”, mas por educação não repeti “garoto”.

“Quem deixou você entrar?”, ele perguntou.

“A senhora Estella.”

“Quem deixou você ficar andando por aí?” “A senhora Estella.”

“Venha lutar”, disse o jovem cavalheiro pálido.

O que podia eu fazer senão segui-lo? Muitas vezes tenho dirigido essa pergunta a mim mesmo desde então; mas, de fato, que outra coisa eu poderia fazer? Seu tom era tão decidido e eu estava tão atônito que segui atrás dele, com o efeito de um encantamento.

“Mas espere um pouco”, disse ele, dando-me uma volta após dar os apenas uns poucos passos. “Preciso lhe dar uma razão para lutar, também. É esta!” De modo mais irritante, na mesma hora ele bateu uma mão contra a outra, delicadamente jogou uma das pernas para trás, puxou-me o cabelo, bateu palmas de novo, abaixou a cabeça e deu-me uma cabeçada no estômago.

Este último gesto taurino, além de ser indubitavelmente um abuso, era mais desagradável ainda por ocorrer logo após a ingestão de pão e carne. Assim sendo, investi contra ele, e ia investir de novo quando ele exclamou: “Ah, é? Então é assim?”, e começou a dançar para a frente e para trás, de uma maneira de todo inédita para a minha limitada experiência.

“As leis do jogo!”, disse ele. Nesse ponto, pulou, jogando o peso da perna esquerda para a direita. “As regras regulares!” Nesse ponto, pulou, jogando o peso da perna direita para a esquerda. “Venha ao campo, e passe pelas preliminares!” Nesse ponto, ficou a

saltar para trás e para a frente, fazendo uma série de movimentos enquanto eu olhava para ele, imponente.

Fiquei, no íntimo, com medo dele ao ver que era tão ágil; sentia-me, porém, moral e fisicamente convicto de que aquela cabeça loura não tinha o direito de intrometer-se no meu estômago, e que eu tinha o direito de considerá-la irrelevante quando ela de tal modo se impunha à minha atenção. Portanto, segui-o sem dizer palavra até um recanto remoto do jardim, formado pela junção de dois muros e ocultado por um monte de lixo. Quando ele me perguntou se eu estava satisfeito com a escolha do lugar, e respondi que sim, ele me pediu permissão para ausentar-se por um momento, voltando mais que depressa com

uma garrafa d'água e uma esponja embebida em vinagre. “É para nós dois”, disse, colocando os objetos junto ao muro. E então se pôs a despir não apenas o paletó e o colete, mas também a camisa, de um modo ao mesmo tempo tranquilo, eficiente e sanguissedento.

Embora ele não parecesse muito saudável — pois tinha espinhas no rosto, e uma erupção na boca — esses terríveis preparativos me horrorizaram. Eu calculava que ele teria mais ou menos a minha idade, mas era muito mais alto, e tinha um jeito de rodopiar que era muito impressionante. No mais, era um jovem cavalheiro com um terno cinzento (antes de se despir para o combate), com

cotovelos, joelhos, pulsos e calcanhares bem mais avançados que o resto do corpo em seu desenvolvimento.

Meu ânimo fraquejou quando o vi assumindo a posição de luta, dando todas as demonstrações de habilidade mecânica, e encarando minha anatomia com o se estivesse escolhendo um osso com todo o cuidado. A maior surpresa de toda a minha vida foi, ao dar o primeiro soco, vê-lo caído no chão, olhando-me com o nariz ensanguentado e o rosto visto por um ângulo que o deformava.

Mas na mesma hora ele se pôs de pé, e após limpar-se com a esponja, dando grandes mostras de agilidade, voltou a assumir a posição de combate. A segunda maior surpresa de minha vida foi vê-lo caído outra vez, olhando para mim com um olho roxo.

Sua disposição despertou em mim um profundo respeito. Ele parecia não ter força alguma, e não me acertou um único golpe violento, e sempre era derrubado; porém levantava-se logo em seguida, limpando-se com a esponja ou bebendo um gole d'água, reanimando-se com muita satisfação da maneira apropriada, e depois investindo contra mim com um ar e um ânimo tais que eu era levado a acreditar que finalmente ele ia acabar comigo dessa vez. Ele acabou ficando bem machucado, pois lamento dizer que quanto mais eu batia nele, mais força eu usava; mas ele se levantava vez após vez após vez, até que por fim levou um tombo feio e deu com a cabeça no muro. Mesmo após essa crise

nas nossas relações, ele se pôs de pé e deu algumas voltas, confuso, sem saber onde eu estava; mas por fim foi de joelhos até a esplanada e jogou-a para o alto, exclamando ao mesmo tempo, ofegante: “Isto quer dizer que você ganhou”.

Ele parecia tão corajoso e inocente que, em bora não tivesse sido eu quem propusera a disputa, senti apenas uma satisfação melancólica com minha vitória. De fato, chego a desejar que eu tenha pensado, enquanto me vestia, que não passava de uma espécie de filhote de lobo selvagem, ou de alguma outra fera. Porém, vesti-me, de vez em quando enxugando meu rosto sanguíneo com um gesto soturno, e perguntei: “Podia ajudá-lo?”, e ele respondeu: “Não, obrigado”, e eu disse: “Boa tarde”, e ele respondeu: “Para você também”.

Quando voltei para o pátio, encontrei Estella esperando com as chaves na mão. Mas ela não me perguntou onde eu estivera, nem por que eu a fizera esperar-me; e seu rosto estava corado de alegria, como se tivesse acontecido alguma coisa que lhe dera enorme prazer. Além disso, em vez de ir diretamente ao portão, ela deu um passo atrás e fez sinal para mim.

“Vem cá! Podem me beijar, se quiseres.”

Beijei-lhe o rosto quando ela o virou para mim. Creio que teria sido capaz de

sofrer muito para poder beijar-lhe o rosto. Mas senti que aquele beijo fora dado ao trabalhadorzinho grosseiro tal com o se fosse um amada, e não valia nada.

Com as visitas de aniversário, e os jogos de cartas, e a luta, minha estada se prolongara tanto que, quando me aproximiei de minha casa, a luz do farol na ponta de areia que saía do cabo no charco brilhava contra um céu negro, e a fornalha de Joe lançava uma faixa de fogo que atravessava a rua.

CAPÍTULO XII

Eu estava intranquilo com relação à luta com o jovem cavalheiro pálido. Quanto mais eu pensava no assunto, e mais me lembrei brava do jovem cavalheiro caído no chão, o rosto cada vez mais inchado e vermelho, mais me parecia certo que haveriam de fazer alguma coisa comigo. Tinha eu a impressão de ser culpado por derramar o sangue do jovem cavalheiro, e que a lei haveria de vingá-lo. Sem ter uma ideia nítida das penas em que eu incorrera, estava claro para mim que os meninos da aldeia não podiam andar por aí, invadindo as casas das pessoas de bem e atacando os jovens estudiosos da Inglaterra, sem se expor a castigos severos. Por alguns dias, evitei afastar-me muito de casa, e fiquei a olhar para fora pela porta da cozinha com todo o cuidado e muito temor antes de sair para realizar alguma tarefa, julgando que os homens da cadeia do condado poderiam pegar-me. O nariz do jovem cavalheiro pálido havia sujado minhas calças, e tentei lavar a prova do crime na alta madrugada. Eu havia ferido os nós dos dedos nos dentes do jovem cavalheiro pálido, e retorcia minha imaginação de milhares de maneiras, concebendo justificativas incríveis para aquelas circunstâncias incriminadoras, a serem utilizadas quando eu fosse levado a julgamento.

Quando chegou o dia de voltar ao local de meu ato de violência, meu terror

atingiu o auge. Haveria mirmídones da justiça,¹ vindos especialmente de Londres, aguardando-me em busca atrás do portão? A sra. Havisham, preferindo vingar-se pessoalmente do ultraje ocorrido em sua casa, haveria de levantar-se, envolta naquelas suas roupas de defunto, sacar uma pistola e matar-me? Meninos contratados — um bando numeroso de mercenários — viriam atacar-me na cervejaria, socando-me até à morte? Tãntão era minha confiança na honra do jovem cavalheiro pálido que jamais concebi a possibilidade de que ele fosse cúmplice de tais retaliações; elas sempre vinham à mente com o atos de seus parentes insensatos, movidos pelo estado de seu rosto e pela solidariedade indignada com os traços fisionômicos da família.

Porém eu tinha de ir à casa da sra. Havisham, e para lá fui. E, maravilha das maravilhas, nada aconteceu em consequência da luta. Não foi feita nenhuma menção a ela, e nenhum jovem cavalheiro pálido foi visto na propriedade. Encontrei aberto o mesmo portão, e explorei o jardim, e cheguei mesmo a olhar pelas janelas da casa dos fundos; porém minha visão esbarrou nas persianas baixadas por dentro, e não havia sinal de vida. Apenas no canto onde a luta tivera

lugar pude detectar sinais da existência do jovem cavalheiro. Havia marcas de sangue no lugar, e com terra do jardim ocultei-as de olhares humanos.

No largo patam ar entre o quarto da sra. Havisham e a sala onde ficava a m esa grande, vi um a cadeira de j ardim — um a cadeira leve com rodas, dessas que são em purradas por detrás. Fora colocada ali após m inha últim a visita, e nesse m esm o dia passei a ocupar-m e regularm ente com a tarefa de em purrar a sra. Havisham nessa cadeira (quando ela se cansava de andar apoiada no m eu om bro) dando voltas em seu próprio quarto, e atravessando o patam ar, e dando voltas na sala da m esa. Vez após vez após vez, percorriam os essa traj etória, em algum as ocasiões por três horas corridas. Dou-m e conta de que passei a m e referir a essas viagens com o num erosas, porque foi na m esm a hora decidido que eu voltaria um dia sim , outro não, ao m eio-dia, com esse fim , e porque passo agora a resum ir um período de no m ínim o oito ou dez m eses.

À m edida que nos fom os acostum ando um com o outro, a sra. Havisham com eçou a falar m ais com igo, e perguntar-m e coisas com o o que havia eu aprendido, e que seria eu na vida. Respondi-lhe que ia m e tornar aprendiz de Joe, ao que parecia; e m uito m e estendi sobre o fato de que eu nada sabia e queria saber tudo, na esperança de que ela m e oferecesse algum a aj uda no sentido de atingir essa m eta desej ável. Mas ela não o fez; pelo contrário, dava a im pressão de preferir que eu perm anecesse ignorante. Tam bém nunca m e deu dinheiro algum — nada além de m eu j antar — nem sequer estipulou que eu fosse pago pelos m eus serviços.

Estella estava sempre por perto, e sempre abria o portão para eu entrar e sair, mas nunca me permitiu que a beijasse outra vez. Às vezes me tolerava friamente; às vezes agia comigo com muita familiaridade; às vezes afirmava com veemência que me odiava. A sra. Havisham com frequência perguntava-me num cochicho, ou quando estavam os dois: “Ela está cada vez mais bonita, Pip?”. E quando eu respondia que sim (pois de fato Estella estava cada vez mais bonita), ela parecia saborear minha resposta com avidez. Além disso, quando jogávamos as cartas a sra. Havisham assistia, gozando com um prazer avarento os estados de espírito de Estella, quaisquer que fossem. E por vezes, quando esses estados de espírito eram tantos e tão contraditórios que eu ficava sem saber o que dizer ou fazer, a sra. Havisham abraçava-a com uma abundância de carinhos, murmurando em seu ouvido algo que parecia ser: “Parte-lhes os corações, meu orgulho e esperança, parte-lhes os corações sem piedade!”.

Havia uma canção que Joe gostava de cantarolar de modo fragmentário na

ferraria, que tinha no estribilho o velho Clem.² Não era uma maneira muito respeitosa de homenagear um santo padroeiro; mas creio que o velho Clem era mesmo muito íntimo dos ferreiros. Era uma canção que imitava o ritmo de quem bate no ferro, e era apenas uma desculpa lírica para introduzir o nome respeitável do velho Clem. Assim, todos devem martelar — velho Clem! —

fazendo a bigorna vibrar — velho Clem ! — bate forte, bate sem pre — velho Clem ! — para os fortes e valentes — velho Clem ! — sopra o fogo sem parar — velho Clem ! — para a chama avivar — velho Clem ! Um dia, pouco depois do aparecimento da cadeira, a sra. Havisham de repente me ordenou, com aquele meu olhar impaciente dos dedos: “Vam os, vam os, vam os! Canta!”. E dei por mim, surpreso, cantando essa cançoneta enquanto ela me punha a cantar pelo quarto. A canção de tal modo me agradou que ela cometeu a cantá-la também, em voz baixa, como se cantasse dormindo. Depois disso, adquirimos o hábito de cantá-la enquanto passeávamos, e Estella muitas vezes fazia coro; mas o canto era discreto, mesmo quando nós três cantávamos, e fazia menos barulho na velha casa soturna do que a brisa mais leve.

O que eu podia me tornar num tal ambiente? Com o poderio meu caráter não seria influenciado por ele? Não era de se esperar que meus pensamentos ficassem deslumbrados, tanto quanto meus olhos, quando eu emergia para a luz do dia ao sair daqueles cômodos nevoentos e amarelados?

Talvez eu tivesse falado com Joe sobre o jovem cavalheiro pálido, se antes não me houvessem levado a inventar aqueles detalhes que depois havia confessado. Dadas as circunstâncias, parecia-me que Joe sem dúvida veria o jovem cavalheiro pálido como um provável passageiro da carruagem de veludo negro; por isso nada lhe falei a respeito dele. Além do mais, tinha aversão a falar sobre

a sra. Havisham e Estella, que eu sentia desde o início, foi se tornando muito mais forte com o passar do tempo. Eu só depositava total confiança em Bidy ; mas à pobre Bidy eu contava tudo. Por que isso me parecia natural, e por que ela se interessava profundamente por tudo que eu lhe contava, eu não sabia na época, se bem que agora, creio, o sei.

Nesse ínterim , lá em casa realizavam -se reuniões na cozinha, que proporcionavam uma irritação quase insuportável a meu espírito indignado. O idiota do P um blehook vinha com frequência à noite com o fito de conversar com minha irmã a respeito das minhas perspectivas; e estou convicto (e até hoje me penitencio menos do que deveria) de que se minhas mães fossem capazes de retirar uma cavilha de uma das rodas de sua carruagem , elas o teriam feito. O miserável era de tal modo insensível que não conseguia conversar sobre minhas perspectivas sem me ter diante de si — para, por assim dizer, atuar sobre mim — e assim me arrastava de meu banquinho (normalmente pelo colarinho) onde eu estava quieto em meu canto, e, pondo-me diante do fogo com o se fosse me assar, começava com as palavras: “Mas sim , minha senhora, cá está o menino! O menino que a senhora criou com a mãe. Levanta a cabeça, menino, e seja por todo o sempre grato por quem fez isso por ti. Mas sim , minha senhora, quanto às perspectivas desse menino!”. E então virava meu cabelo para o lado errado — algo que, desde a mais

tenra infância, com o já dei a entender, no fundo de minha alma sempre achei que nenhum semelhante tinha o direito de fazer — e segurava-me diante de si pela manga: um espetáculo de imbecilidade de que só ele mesmo era capaz.

Então ele e minha irmã entregavam-se a tais especulações insensatas a respeito da sra. Havisham, sobre o que ela haveria de fazer comigo e para mim, que me dava vontade — o que era muito doloroso — de me debulhar em lágrimas de despeito, partir para cima de Pumblechook e socá-lo dos pés à cabeça. Nesses diálogos, minha irmã falava de mim como se estivesse moralmente arrancando cada um de meus dentes cada vez que me mencionava; enquanto Pumblechook, que se autoprotetorava meu protetor, me inspecionava com um olhar depreciativo, como se fosse o arquiteto de meu destino a considerar que seu encargo era muito pouco remunerativo.

Nesses colóquios, Joe não tinha nenhuma participação. Mas muitas vezes lhe dirigiam comentários, durante as conversações, porque a sra. Joe julgava que ele não aprovava a ideia de me retirar da ferraria. Eu já estava em idade de me tornar aprendiz de Joe; e quando Joe, com o atizador entre os olhos, revestia pensativo as cinzas entre as grades mais baixas, minha irmã concluía com tanta certeza que esse ato inocente era uma manifestação de oposição de sua parte que corria para cima dele, tirava-lhe das mãos o atizador, sacudia Joe e guardava o instrum

ento. Todos esses debates terminavam sem pre do modo mais irritante. De uma hora para a outra, sem nenhuma preparação, minha irmã se detinha com um bocejo e, percebendo minha presença com o se por acaso, investia contra mim dizendo: “Vamos! Chega de aturar a ti! Já para a cama; já me deste trabalho bastante por uma noite, espero eu!”. Com o se eu tivesse lhes implorado que me fizessem o favor de me infernizar a vida.

Assim prosseguimos por muito tempo, e tudo indicava que assim haveríamos de continuar por muito tempo, quando um dia a sra. Havisham parou de repente, durante uma de nossas caminhadas, apoiada no meu ombro; e disse, com um pouco de desprazer:

“Estás ficando alto, Pip!”

Julguei melhor dar a entender, através de uma expressão meditativa, que talvez isso fosse consequência de circunstâncias sobre as quais eu não tinha controle.

Ela nada mais disse naquele momento; pouco depois, porém, parou e olhou-me de novo; e em seguida fez o mesmo; e depois disso ficou carrancuda e mal-humorada. Na vez seguinte em que fui a sua casa, quando terminamos nosso exercício habitual, depois que a deixei diante de sua penteadeira, ela me deteve com um movimento dos dedos impacientes:

“Diz-me outra vez o nome desse teu ferreiro.” “Joe Gargery, senhora.”

“É dele que ias te tornar aprendiz?” “Sim , senhora.”

“Melhor que te tornes aprendiz o quanto antes. Crês que esse Gargery viria aqui contigo, e traria teu contrato de aprendizagem ?”

Dei a entender que ele sem dúvida se sentiria honrado se tal lhe fosse pedido. “Então que venha.”

“Em algum dia em particular, senhora Havisham ?”

“Ora, ora! Não sei nada sobre dias. Que ele venha em breve, e venha contigo e mais ninguém .”

Quando voltei para casa à noite e dei esse recado a Joe, minha irmã com eçou a “espumar”, num grau mais assustador do que em qualquer ocasião anterior. Ela perguntou a mim e a Joe se imaginávamos que ela fosse um capacho sob nossos pés, e com o tinham os o desprante de usá-la desse modo, e a que ambiente julgávamos ser apropriado levá-la? Tendo esgotado uma torrente de tais indagações, ela jogou um castiçal em Joe, com eçou a chorar ruidosamente, pegou a lata de lixo — o que era sempre péssimo sinal — vestiu seu avental mais grosseiro e com eçou a limpar a casa num grau terrível. Não

satisfeita em fazer uma limpeza a seco, pegou um balde e um esfregão, e expulsou-nos de nossa casa e lar, de modo que ficamos a tiritar no quintal dos fundos. Foi só às dez da noite que ousamos entrar de fininho, e então ela perguntou a Joe

por que motivo ele não se casara com uma escrava negra logo de uma vez? Joe, coitado, não deu resposta, porém ficou a confiar as suíças e a olhar-me e com desânimo o, com o se lhe parecesse que talvez tivesse mesmo sido o melhor tal opção.

CAPÍTULO XIII

Foi um a provação para meus sentimentos, dois dias depois, ver Joe endomingar-se para mim e acompanhar até a casa da sra. Havisham. Porém, com o ele julgava que seu melhor terno era requerido pela ocasião, não cabia a mim lhe dizer que sua aparência ficava bem melhor quando ele trajava suas roupas de trabalho; ainda mais por saber eu que ele submetia àquele desconforto terrível apenas por mim, e que era por mim que ele levantara o colarinho da camisa ao máximo na nuca, a ponto de fazer com que os cabelos de seu cocuruto ficassem em pé com o um tufo de penas.

No dia seguinte, minha irmã declarou sua intenção de ir à cidade conosco, para que a deixassem os na casa do tio Pumblechook e a fossem buscar depois que tivessem os tratado com as nossas “senhoras elegantes” — uma maneira de encarar a situação que parecia levar Joe a esperar o pior. A ferraria não abriu naquele dia, e Joe rabiscou a giz na porta (com o sempre fazia nas raríssimas vezes em que não estava trabalhando) a palavra sai, acompanhada por uma seta que supostamente indicava a direção por ele tomada.

Cam inham os até a cidade, minha irmã indo à frente com uma touca de castor muito grande, e levando uma cesta que era com o Grande Selo da

Inglaterra em palha trançada,1 tamancos para proteger os sapatos, um xale sobressalente e um guarda-chuva, em bora fosse um belo dia de sol. Não sei bem se esses artigos eram levados por penitência ou por ostentação; mas tendo a crer que eram exibidos com o propriedades — do mesmo modo com o Cleópatra ou qualquer outra soberana, espumando de raiva, poderia exhibir sua riqueza num cortejo ou desfile.

Quando chegaram à casa de Plumchuck, minha irmã foi logo entrando e nos deixou. Com o já se aproximava o meio-dia, eu e Joe seguimos direto para a casa da sra. Havisham. Estella abriu o portão com o sempre, e, tão logo ela apareceu, Joe tirou o chapéu e ficou a sopesá-lo pela aba com as duas mãos: como se tivesse um motivo urgente para verificar seu peso exato, até o último décimo de grama.

Estella não deu atenção a mim nem a ele, porém nos conduziu pelo caminho que já me era familiar. Eu ia imediatamente atrás dela, e Joe por último. Quando olhei para trás e vi Joe no longo corredor, ele continuava a sopesar o chapéu com o maior cuidado, seguindo-nos com passos largos nas pontas dos pés.

Estella disse-me que nós dois deveríamos os entrar, e por isso puxei Joe pela bainha do casaco e conduzi-o até a sra. Havisham. Ela estava sentada à penteadeira, e de imediato virou-se para nós.

“Ah!”, ela exclamou para Joe. “O senhor é o marido da irmã deste menino?”

Eu já me poderia ter imaginado meu querido Joe tão diferente da sua aparência normal, ou tão semelhante a uma ave extraordinária; parado, mudo, com seu tufo de penas eriçadas e a boca aberta, como se aguardasse que lhe servissem uma minhoca.

“O senhor é o marido”, repetiu a sra. Havisham, da irmã deste menino?”

Era muito irritante; mas durante toda a entrevista Joe insistiu em dirigir-se a mim e não à sra. Havisham.

“O que eu quero dizer, Pip”, observou Joe então, num tom que ao mesmo tempo exprimia uma argum entação irrespondível, uma confiança íntima e uma extrema polidez, “é que eu casei com a tua irmã, sendo que na época eu era, por assim dizer (se é isso que queres dizer), solteiro.”

“Bem!”, disse a sra. Havisham. “E o senhor criou o menino, com a intenção de torná-lo seu aprendiz — é isso, senhor Gargery?”

“Sabes, Pip”, respondeu Joe, “com o tu e eu sem pre fumo o amigo, isso era uma coisa que eu sempre achei que era bom de acontecer, porque nós ia fazer grandes patuscadas. Se bem que, Pip, se algum a vez tu levantasses algum a objeção a esse tipo de trabalho — quer dizer, isso da gente ficar suj o de fulige, e coisa e tal — é claro que, nesses caso, a gente ia levar isso em conta, não é?”

“O menino”, perguntou a sra. Havisham, “levantou alguma objeção? Ele gosta desse ofício?”

“De formas que, com o bem sabes, Pip”, respondeu Joe, fortalecendo a mistura de alguma entação, confiança e polidez, “é o que desejas do fundo do coração.” (Percebi que de súbito lhe ocorreu a ideia de adaptar seu epitáfio à ocasião, antes de prosseguir.) “E se da tua parte não há objeção, e sendo o que desejas do fundo do coração!”

Era inútil tentar fazê-lo dar-se conta de que deveria dirigir-se à sra. Havisham. Quanto mais eu fazia caretas e gestos nesse sentido, mais confidencial, algum entativo e polido ele se tornava em relação a mim.

“O senhor trouxe o contrato de aprendizagem dele?”, indagou a sra. Havisham.

“Bom, Pip, tu sabes”, respondeu Joe, com o se essa pergunta não fosse muito razoável, “tu mesmo me viste botar ele dentro do m

eu chapéu, de forma que bem sabes que o cujo está aqui.” Ao dizer isso, tirou o contrato e estendeu-o não à sra. Havisham, mas a mim. Creio que tive vergonha do meu bom amigo — sei que tive vergonha dele — quando vi que Estella estava atrás da cadeira da sra. Havisham, e que seus olhos riam travessos. Tirei o contrato de sua mão e entreguei-o à sra. Havisham.

“O senhor não esperava”, disse a sra. Havisham, enquanto lia o documento, “nenhuma gratificação associada ao menino?”

“Joe!”, adverti-o, pois ele nada disse em resposta. “Por que não respondes...”

“Pip”, interrompeu-me e Joe, como se estivesse magoadado, “o que eu quis dizer é que isso não era uma pergunta que precisava de resposta entre eu e tu, pois

bem sabes que a resposta é não. Tu sabes disso, Pip, e assim por que é que tenho que responder?”

A sra. Havisham olhou-o como se o compreendesse tal como ele era, melhor do que eu julgava possível, vendo-o ali; e pegou um pequeno saco na mesa a seu lado.

“Pip fez jus a uma gratificação aqui”, disse ela, “e ei-la aqui. Nesse saco há

vinte e cinco guinéus.² Entrega-o ao teu mestre, Pip, sim?”

Com o se estivesse de todo fora de si por efeito do deslumbramento nele causado pela figura estranha da sra. Havisham e por aquela sala estranha, Joe, mesmo depois disso, continuou se dirigindo a mim.

“Muito generoso da sua parte, Pip”, disse ele, “e assim sendo aceito com muita gratidão, se bem que nunca pensei nem esperei por isso, de jeito nenhum maneira. E agora, meu velho”, disse Joe, proporcionando-me uma sensação primeiro de ardência e depois de frio intenso, pois tive a impressão de que aquela expressão familiar se aplicava à sra. Havisham, “e agora, meu velho, vamos cumprir nossa obrigação! Que tu e eu cumprimos nossa obrigação, da parte de um tanto quanto do outro, de formas que o teu generoso presente... nos... proporciona... para a satisfação... de... quem nunca...” Neste ponto, Joe demonstrou estar esbarrando em dificuldades terríveis, até que se salvou, triunfalmente, com as palavras: “e longe de mim tal coisa!”. Essas palavras tinham para ele um som tão retumbante e convincente que ele as pronunciou duas vezes.

“Adeus, Pip!”, disse a sra. Havisham. “Abre a porta para eles, Estella.” “Devo voltar outra vez, senhora Havisham?”, indaguei.

“Não. Agora teu mestre é Gargery. Gargery! Só mais uma coisa!” Chamando-o quando eu já saía pela porta afóra, ouvi-a dizer a Joe num tom

enfático: “Esse menino se portou bem aqui, e essa é a recompensa dele. É claro que o senhor, com o um homem honesto, não há de esperar mais nada”.

De que modo Joe saiu da sala, já mais pude descobrir; só sei que, quando o fez, começou a subir a escada em vez de descer, e fez-se surdo a todas as minhas advertências até que fui atrás dele e o agarrei. Um minuto depois estavam os dois do lado de fora do portão, e o portão estava trancado, e Estella se foi.

Quando nos vimos a sós à luz do dia, Joe andou para trás até encostar num muro, e disse-me: “Espantoso!”. E ali ficou por tanto tempo, repetindo “Espantoso!” de quando em quando, e tantas vezes, que comecei a pensar que ele já mais haveria de recuperar a razão. Por fim ele prolongou o comentário neste outro: “Pip, eu te digo, isso é es-pan-to-so!”. E assim, aos poucos, voltou a conversar e conseguiu começar a calmar inhar.

Tenho motivos para crer que o intelecto de Joe foi beneficiado por aquele encontro, e que a calma da casa de Plumblehook ele elaborou um plano sutil e ladino. Digo isso com base no que se passou na sala do sr. Plumblehook: onde, quando nos apresentamos, minha irmã estava confabulando com o detestável comerciante de grãos.

“E então?”, exclamou minha irmã, dirigindo-se a nós dois ao mesmo tempo. “E o que aconteceu contigo? Muito mais admirado de

ver que ainda te dignas a misturar-te com gente tão pobre quanto nós!”

“A senhora Havisham”, disse Joe, olhando fixamente para mim, com o seu esforço de memória, “deixou muito claro que nós devíamos andar... era saudações ou cumprimentos, Pip?”

“Saudações”, respondi.

“O que, aliás, era a minha opinião...”, afirmou Joe, “as saudações dela à senhora J. Gargery ...”

“E de muita valia elas mereçam de ser!”, observou minha irmã, porém um tanto gratificada.

“E desejando”, prosseguiu Joe, olhando-me e fixamente outra vez, com o seu fazendo outro esforço de memória, “que o estado de saúde da senhora Havisham permitisse que ela tivesse... o que mesmo, Pip?”

“Tivesse o prazer”, acrescentei.

“Da companhia de senhoras”, disse Joe. E respirou fundo.

“Pois bem!”, exclamou minha irmã, com um olhar apaziguado para o sr. Pumblechook. “Ela podia ter tido a delicadeza de mandar esse recado antes, mas

antes tarde do que nunca. E o que foi que ela deu ao nosso pequeno Rantipole?”³ “A ele”, respondeu Joe, “não deu nada.”

A sra. Joe ia irromper, mas Joe prosseguiu:

“O que ela deu”, disse Joe, “ela deu pros amigos dele. ‘E por amigos dele’, ela explicou, ‘me refiro-me às mãos da irmã dele, a senhora J. Gargery.’ Foi assim mesmo o que ela falou: ‘a senhora J. Gargery’. Acho que ela nem sabia”, acrescentou Joe, com ar reflexivo, “se era Joe ou Jorge.”

Minha irmã olhou para P um blechook, o qual alisou os braços de sua cadeira e acenou com a cabeça para ela e para a lareira, como se já soubesse de tudo de antemão.

“E quanto ganhaste?”, indagou minha irmã, rindo. Rindo, sim! “O que diriam vocês se eu disser dez libra?”, perguntou Joe.

“Diriam os”, respondeu minha irmã, seca, “razoável. Não muito, mas razoável.”

“Pois é mesmo que isso”, disse Joe.

O terrível im postor, P um blechook, de imediato fez que sim e disse, esfregando as mãos nos braços da cadeira: “É mesmo que isso, minha senhora”.

“O senhor não vai me dizer que...”, cometeu minha irmã.

“Isso mesmo, minha senhora”, disse P um blechook, “mas espere um pouco. Continue, Joseph. Muito bem! Continue!”

“O que diriam vocês”, prosseguiu Joe, “se eu disser vinte libra?” “Uma bela quantia”, respondeu minha irmã.

“Pois”, disse Joe, “é mesmo de vinte libras.”

O abjeto hipócrita, P um blechook, fez que sim outra vez e com entou, com um riso condescendente: “É mais que isso, minha senhora. Muito bem ! Continue, Joseph!”.

“Então, pra terminar”, disse Joe, entregando o saco à minha irmã com muita alegria, “são vinte e cinco libra.”

“São vinte e cinco libras, senhora”, repetiu o mais vil dos patifes, P um blechook, levantando-se para apertar a mão dela; “e a senhora bem mereceu (com o eu disse quando me pediram a opinião), e que faça bom proveito do dinheiro!”

Se o calhorda tivesse ficado por aí, já teria sido terrível, mas ele também entou ainda mais sua culpa ao se apropriar de mim, assumindo um poder que deixava longe todos os seus atos criminosos anteriores.

“Com o vocês sabem, Joseph e esposa”, disse P um blechook, enquanto segurava meu braço acima do cotovelo, “sou dessas pessoas que não deixam nada pelo meio. É preciso contratar este menino, imediatamente. Comigo é assim. É contratar imediatamente.”

“Ah, tio P um blechook”, disse minha irmã (agarrando o dinheiro), “Deus sabe o quanto devem os ao senhor.”

“Que nada, minha senhora”, retrucou o diabólico com erciante de grãos. “Um prazer é um prazer, aqui e na China. Mas quanto a este menino, sabe, há que contratá-lo. Eu disse que eu mesmo o faria — para lhe falar a verdade.”

Os juizes estavam reunidos na prefeitura ali perto, e lá fomos os de imediato para lavrar meu contrato de aprendizagem com Joe na presença dos magistrados. Digo que fomos lá, mas na verdade fui em purrado por Plum blehook, tal como se eu tivesse acabado de bater uma carteira ou incendiado uma medida de trigo; de fato, todos no tribunal tiveram a impressão de que eu fora apanhado em flagrante, pois, quando Plum blehook abriu caminho pela multidão em purrando-me a sua frente, ouvi pessoas dizendo: “O que foi que ele fez?” e “É pequenino, mas tem má cara, não é?”. Uma pessoa de aspecto mansueto e benévolo chegou mesmo a me entregar um folheto com uma estampa que representava um rapaz alévolo recebendo toda uma panóplia de grilhões, com o título para ser lido na minha cela.

A prefeitura era um lugar estranho, pensei, com bancos mais altos que os da igreja — e com pessoas debruçadas sobre os bancos para assistir ao que se passava — e juizes poderosos (um deles com uma peruca em poadá) recostados em suas cadeiras, de braços cruzados, ou cheirando rapé, ou cochilando, ou escrevendo, ou lendo jornais — e alguns retratos reluzentes nas paredes, que

para meus olhos nada artísticos pareciam com posições feitas com tofe de amêndoas e

em plastros adesivos.⁴ Ali, num canto, meu contrato de aprendizado foi devidamente assinado e atestado; o tempo todo o sr. Plumblehook me segurava, como se estivessem os ali de passagem a caminho da forca, para cuidar daqueles pequenos detalhes preliminares.

Quando saímos do tribunal, e nos livramos dos garotos que estavam animadíssimos com a perspectiva de me ver sendo torturado em público e ficaram muito decepcionados ao compreender que meus amigos estavam apenas reunidos a meu redor, voltamos à casa de Plumblehook. E lá minha irmã ficou tão entusiasmada com a história dos vinte e cinco guinéus que só se aquietou quando resolvemos jantar fora, com o dinheiro obtido de modo tão inesperado, no Javali Azul, e Plumblehook foi em sua carruagem buscar os Hubble e o senhor Wopsle.

Assim foi feito; e vivi um dia dos mais melancólicos. Pois, por motivos inescrutáveis, parecia claro, para todos os convivas, que eu era uma excrescência naquela comemoração. E, para piorar as coisas, todos me

perguntavam de vez em quando — em suma, sempre que não tinha outra coisa para fazer — por que eu não estava me divertindo. E

que poderia eu fazer, nesse caso, senão dizer que estava me divertindo, sim — em bora não estivesse?

Porém, eles eram adultos, e foi feita a vontade deles, e eles aproveitaram ao máximo a ocasião. O trapaceiro do P um blechhook, que assumira ares de benfeitor responsável por tudo, chegou-me a instalar-se na cabeceira; e quando falou à mesa sobre meu contrato de aprendizagem, e diabolicamente regozijou-se ao afirmar que eu estava sujeito à prisão se jogasse cartas, bebesse bebidas destiladas, ficasse na rua até tarde ou me entregasse a outras práticas irregulares que, nos termos do contrato, pareciam praticamente inevitáveis, ele me fez ficar em pé numa cadeira a seu lado, para ilustrar seus comentários.

Minhas únicas outras lembranças do grande festejo são as que se seguem. Não me deixavam dormir, e toda vez que me viam cochilando me despertavam com ordens de que eu me divertisse. Quando já era bem tarde, o sr. Wopsle

brindou-nos com a ode de Collins,⁵ e jogou sua espada ensanguentada com um estrondo, e foi tamanho o estardalhaço que veio um garçom dizer que os comerciantes do andar de baixo me andavam seus cumprimentos, e que ali não era o Recanto dos Acrobatas.⁶ Todos estavam na maior animação no caminho de volta para casa, e cantaram “O Lady fair!”.⁷ O sr. Wopsle cantava a parte do baixo, afirmando com uma voz tonitruante (em resposta ao abelhudo que canta essa canção do modo mais im

pertinente, querendo saber tudo sobre os assuntos particulares de todos) que ele era o homem com os cachos brancos ao vento, e que era, sob todos os aspectos, o homem mais fraco de todos os peregrinos.

Por fim, lembro que, ao entrar em meu quartinho, eu me sentia realmente

infeliz, e estava convicto de que não gostaria jamais do ofício de Joe. Eu gostara dele outrora, mas outrora não era agora.

CAPÍTULO XIV

É terrível ter vergonha do próprio lar. Talvez seja a mais negra ingratidão, e o castigo seja proporcional e bem merecido; mas que é uma coisa terrível, isso posso afirmar com conhecimento de causa.

O lar nunca fora um lugar muito agradável para mim, por causa do temperamento da minha irmã. Mas Joe o santificava, e antes eu acreditava no meu lar. Antes eu acreditava na sala de visitas decorada, com o um salão dos mais elegantes; acreditava na porta da frente, com o um portal misterioso do templo sagrado cuja abertura solene era marcada por um sacrifício de aves assadas; acreditava na cozinha com o um cômodo casto, ainda que não magnífico; acreditava na ferraria com o o caminho reluzente da maturidade e da independência. No decorrer de um ano, tudo isso mudara. Agora, tudo lá era grosseiro e vulgar, e eu fazia tudo para que a sra. Havisham e Estella não vissem minha casa em quaisquer circunstâncias.

Até que ponto essa minha atitude ingrata era culpa minha, da sra. Havisham ou da minha irmã, é algo que agora não tem mais nenhum a relevância para mim nem para ninguém. A mudança ocorrera em mim; era um fato consumado. Bom ou mau, desculpável ou indesculpável, era um fato.

Antes, parecia-me que no dia em que por fim arregaçasse as mangas e entrasse na ferraria com o aprendiz de Joe, eu me tornaria uma pessoa distinta e feliz. Agora que isso se tornara realidade, tudo que eu sentia era que estava coberto de pó de carvão, e que tinha na minha consciência cotidiana um peso em comparação com o qual a bigorna era leve com o um a pluma. Na minha vida subsequente, houve ocasiões (com o imágino que ocorra com a maioria das pessoas) em que por algum tempo tive a impressão de que uma cortina grossa havia caído por cima de tudo que havia de interessante e romântico, reduzindo-me apenas à sobrevivência pura e simples. Essa cortina já mais foi tão pesada e escura quanto no momento em que vi minha vida estendida à minha frente pela estrada recém-aberta do aprendizado com Joe.

Lembro que numa época posterior da minha vida eu costumava ir ao campo-santo aos domingos, ao cair da tarde, e lá ficava a contemplar minhas perspectivas com a vista do charco percorrido pelo vento, observando as semelhanças que havia entre eles, pensando que ambos eram monótonos e baixos, e que a ambos chegava um caminho desconhecido, uma névoa escura e por fim o mar. No meu primeiro dia de trabalho na ferraria, eu me sentia tão desanimado quanto nesse período posterior; mas dá-me satisfação pensar que

jamais esbocei a menor queixa para Joe durante toda a minha época de aprendizagem. É praticamente a única coisa de que me orgulho, no que diz respeito a esse assunto.

Pois, em bora isso inclua o que vou acrescentar, todo o mérito do que vou acrescentar cabe a Joe. Não foi por eu permanecer fiel, mas por Joe permanecer fiel, que jamais fugi para me tornar soldado ou marinheiro. Não foi por eu ter a firme e consciência da virtude do trabalho, e sim porque Joe tinha a firme e consciência da virtude do trabalho, que trabalhei com uma dedicação razoável, contra minha própria inclinação. É impossível saber até onde a influência de um homem simpático, honesto e cumpridor de seus deveres se estende no mundo; mas é perfeitamente possível saber até que ponto essa influência tocou a nós, e sei muito bem que tudo de bom que porventura tenha havido na minha aprendizagem se deveu a Joe, esse homem simples e contente, e não a mim, sempre inquieto, cheio de aspirações e de descontentamento.

O que eu queria, quem poderá dizer? Que posso eu dizer, se jamais o soube?

O que eu jamais temia era a possibilidade de, num momento particularmente infeliz, em que eu estivesse mais sujo e vulgar, eu levantar os olhos e deparar com Estella olhando para dentro da ferraria por uma das janelas de madeira. Atravesava-me o medo de que ela, mais cedo ou mais tarde, me encontrasse ali, com

as mãos e o rosto negros, realizando as tarefas mais grosseiras de meu trabalho, e tripudiasse sobre mim e me desprezasse. Muitas vezes, depois que escurecia, quando eu estava acionando o fole para Joe, e nós dois cantávamos a canção do velho Clem, e me vinha à lembrança do tempo em que cantava essa música na casa da sra. Havisham, eu parecia ver o rosto de Estella no fogo, com seu belo cabelo ao vento, zombando de mim com o olhar — muitas vezes, nessas ocasiões, eu olhava para os quadrados negros na parede formados pelas janelas de madeira, e imaginava ver o rosto dela a se afastar naquele exato momento, e pensava que finalmente ela havia aparecido.

Depois, quando iam ao jantar, a casa e a refeição me pareciam mais feias do que nunca, e eu sentia mais vergonha do lar do que nunca, no meu coração ingrato.

CAPÍTULO XV

Com o eu já estava ficando crescendo demais para a sala da tia-avó do sr. Wopsle, meus estudos sob os auspícios daquela mulher absurda terminaram. Mas só depois que Biddy me ensinou tudo que ela sabia, desde o pequeno catálogo de preços até uma canção humorística que ela compunha uma vez por meio mês. Embora o único trecho coerente dessa obra literária fossem os dois primeiros versos:

Eu fui a Londres no passado, Ta-ra-lá, ta-ra-lá

Ta-ra-lá, ta-ra-lá

E fui muito bem enganado, Ta-ra-lá, ta-ra-lá

Ta-ra-lá, ta-ra-lá¹

— me esmoreci assim, movido pelo desejo de me tornar mais sábio, decorei essa composição com a maior seriedade; tão pouco me lembro de lhe ter questionado o mérito, ainda que pensasse (como ainda penso) que a quantidade de ta-ra-lás era um tanto excessiva em relação à de poesia. Na minha fome de conhecimento, propus ao sr. Wopsle que me concedesse algumas migalhas intelectuais; e ele teve a bondade de me atender. Com

o, porém, verifiquei que ele me queria apenas para me usar como um maneirismo teatral, a ser contradito, abraçado, lametido, intimado, agarrado, esfaqueado e derrubado de várias maneiras, em pouco tempo recusei tal curso de estudos, mas não antes que o sr. Wopsle, possuído de sua fúria poética, tivesse me machucado bastante.

Tudo que eu adquiria eu tentava transmitir a Joe. Esta afirmativa pode causar tão boa impressão que minha consciência não me permite que ela seja feita sem uma ressalva. Eu queria fazer com que Joe se tornasse menos ignorante e vulgar para que ele se tornasse mais digno da minha companhia e ficasse menos exposto às críticas de Estella.

A velha bateria no charco era nosso lugar de estudo, e uma lousa quebrada e um toco de lápis de lousa eram nossos instrumentos educacionais: a eles Joe sempre acrescentava um cachimbo cheio de fumo. Não me lembro de Joe ter lembrado uma única vez, num domingo, de algo que aprendera no domingo anterior, ou de ter ele adquirido, sob minha instrução, qualquer informação.

Porém, lá na bateria ele fumava seu cachimbo com um ar bem mais sagaz do que o fazia em qualquer outro lugar — até mesmo com um ar de sapiência — como se julgasse estar realizando progressos extraordinários. Espero que meu querido amigo de fato o tenha feito.

O lugar era agradável e tranquilo, com as velas singrando o rio além do aterro, e por vezes, quando a maré era vazante, elas pareciam fazer parte de navios naufragados que continuavam a navegar no fundo do mar. Sem pre que eu ficava a ver as embarcações seguindo rumo ao alto-mar com suas velas brancas ao vento, por algum motivo lembrei-me da sra. Havisham e de Estella; e sem pre que a luz atingia em ângulo, ao longe, uma nuvem ou vela ou encosta verdejante ou linha-d'água, era a mesma coisa — a sra. Havisham e Estella e a casa estranha e aquela vida estranha pareciam ter algo a ver com tudo que era pitoresco.

Num domingo em que Joe, regozijando-se com seu cachimbo, tanto se gabou de ser “terrivelmente bronco” que desisti de continuar insistindo naquele dia, fiquei deitado no chão por algum tempo, com o queixo na mão, descobrindo vestígios da sra. Havisham e de Estella em toda a paisagem, no céu e no mar, até que por fim me decidi a falar sobre uma coisa que vinha ocupando meus pensamentos.

“Joe”, disse eu, “não achas que eu devia visitar a senhora Havisham?” “Ora, Pip”, redarguiu Joe, pensando lentamente, “por quê?”

“Por quê, Joe? Por que é que a gente visita as pessoas?”

“Tem umas visitas, talvez”, disse Joe, “que essa pergunta fica pra sempre sem resposta, Pip. Mas no caso da senhora Havisham ela

pode ficar achando que queres algum a coisa — que esperas algum a coisa da parte dela.”

“E achas que eu não posso dizer que não quero nada, Joe?”

“Poder, podes, m eu velho”, respondeu Joe, “e ela pode acreditar. Mas tam bém ela pode não acreditar.”

Joe julgava ter dado um bom argum ento, no que eu estava de acordo, e com eçou a tirar baforadas de seu cachim bo para impedir-se de enfraquecê-lo ao repeti-lo.

“Sabes, Pip”, insistiu Joe, assim que esse perigo passou, “a senhora Havisham foi m uito boa contigo. Adespois do que ela fez o que fez por ti, ela m e chamou pra dizer que não ia fazer m ais nada.”

“Eu sei, Joe. Eu ouvi o que ela disse.”

“Mais nada”, repetiu Joe, com m uita ênfase.

“Eu sei, Joe, com o j á falei, ouvi o que ela disse.”

“Quer dizer, Pip, pode ser que ela quis dizer com isso: Acabou! — Volta tudo com o era antes! — Eu pro norte, tu pro sul! — Cada um prum lado!”

Eu tam bém tinha pensado nisso, e não m e era nem um pouco confortador saber que ele tam bém o pensara; pois isso parecia tornar a possibilidade m ais provável.

“Mas, Joe.”

“Sim, meu velho.”

“Estou cumprindo meu primeiro ano de aprendizagem, e desde o dia do contrato que não agradei senhora Havisham, nem pedi notícias dela, nem dei sinais de que me lembro dela.”

“É verdade, Pip; e a menos que levasses pra ela quatro pés de sapato — e olha que até mesmo o quatro pés de sapato pode não ser um presente aceitável, já que ninguém tem quatro patas nessa história...”

“Não estou falando em lembrar-me dela nesse sentido; não estou falando em lhe dar um presente.”

Mas Joe havia enfiado na cabeça a ideia do presente, e agora não largava do assunto. “Até mesmo”, disse ele, “se fizesses pra ela um a corrente nova pra porta da rua — ou um a ou duas grosas de parafuso de cabeça redonda de uso geral — ou um a coisa mais leve e bonita, que nem um garfo pra tostar bolinho — ou um a grelha de fritar peixe ou então...”

“Não estou falando em presente, não, Joe”, interrompeu.

“Bom”, prosseguiu Joe, com o seu costume de insistir em dar um presente, “se eu fosse tu, Pip, eu não fazia isso não. Não mesmo. Pois pra quê corrente na

porta pra quem já tem um a sem pre fechada? E parafuso pode dar em mal-entendido. E garfo de torrarias ter de mexer com latão e a coisa ia acabar não ficando boa. E o ferreiro mais invulgar não tem com o demonstrar que é invulgar fazendo um a grelha — porque um a grelha é um a grelha”, disse Joe, arguindo de modo implacável, com o se tentasse me arrancar de um a ideia fixa, “e façás o que fizeres, um a grelha acaba saindo apenas um a grelha, ou porque querias mesmo o que assim fosse, ou porque não querias que assim fosse, e não tens com o...”

“Meu querido Joe”, exclamei, em desespero, agarrando-o pelo casaco, “para com isso. Eu nunca pensei em dar presente nenhum à senhora Havisham.” “Não, Pip”, concordou Joe, com o se estivesse tentando me convencer esse

tempo todo; “e o que te digo é: tens razão, Pip.”

“Sim, Joe, mas o que eu queria dizer era que, com o não estarmos com muito trabalho no momento, se me desses meio feriado amanhã, creio que eu iria visitar a senhora Est... Havisham.”

“O nome da criança”, disse Joe, muito sério, “não se chama Estavisham, Pip, só se ela foi batizada outra vez.”

“Eu sei, Joe, eu sei. Fui eu que troquei na hora de falar. O que achas disso, Joe?”

Em resumo, Joe achava que, se eu achava que era um a ideia, também para ele a ideia era boa. Mas ele fez questão de estipular que

se eu não fosse recebido com cordialidade, e se eu não fosse estimulado a voltar a visitar na condição de um visitante que não tinha segundas intenções, e sim queria apenas manifestar a gratidão pelo favor que lhe foi feito, então essa experiência não devia ser repetida. Porém, eu não aceitaria essas condições.

Ora, Joe tinha um emprego que recebia um salário sem anal, chamado Orlick. Dizia ele que seu nome de batismo era Dolge — algo claramente impossível — porém era um homem de tal modo obstinado que, a meu ver, não devia ter nenhuma ilusão a esse respeito, porém impunha esse nome à aldeia com o um afronta a seu entendimento. Era um sujeito moreno, ágil, de ombros largos e uma força extraordinária, que já mais tinha pressa e andava sempre recurvado. Nunca parecia vir ao trabalho com determinação, porém entrava

todo recurvado, como se ali estivesse por acaso; e quando ia à Três Barqueiros almoçar, saía de lá recurvado, com o Caim ou o Judeu Errante,² como se não fizesse ideia de para onde ia e não tivesse intenção de já mais voltar. Morava na casa de um guardador de eclusa no charco, e nos dias de trabalho vinha de seu refúgio caminhando recurvado, as mãos nos bolsos e o almoço numa trouxa pendurada no pescoço, que lhe caía às costas. Nos domingos ficava a maior parte do tempo deitado o dia inteiro junto às comportas da barragem, ou então parado ao lado de m edas e celeiros. Andava sempre recurvado, os olhos no chão; e quando o

abordavam ou de algum outro modo o obrigavam a levantar a vista, ele o fazia com um misto de irritação e perplexidade, com o que se o único pensamento que jamais tivesse na cabeça fosse a ideia estranha e enervante de que ele nunca estava pensando em nada.

Este empregado mal-humorado não tinha simpatia por mim. Quando eu era bem pequeno e medroso, ele me convenceu de que o Demônio morava num canto escuro da ferraria, e que ele o conhecia muito bem: e também que era necessário alimentá-lo com fogo, uma vez a cada sete anos, com um menino vivo, e que eu podia me considerar com sorte. Quando me tornei aprendiz de Joe, Orlick talvez visse confirmada alguma suspeita sua de que eu viria a substituí-lo; fosse com o fosse, passou a gostar de mim ainda menos que antes. Não que jamais dissesse alguma coisa, ou fizesse alguma coisa que abertamente manifestasse hostilidade; eu apenas percebia que ele sempre batia as fagulhas na minha direção, e que sempre que eu cantava a canção do velho Clem ele entrava no canto fora do tom.

Dolge Orlick estava no trabalho e presente, no dia seguinte, quando lembrei Joe de que eu me havia ferido. Não disse nada na hora, pois ele e Joe naquele instante estavam ambos trabalhando com um pedaço de ferro quente, e eu estava acionando o fole; mas pouco depois ele observou, apoiado no martelo:

“Ora, mestre! O senhor não vai querer privilegiar um de nós. Se o jovem Pip vai ter me ferido, então o senhor podia fazer o mesmo

o pelo velho Orlick.” Creio que ele tinha cerca de vinte e cinco anos, porém costumava referir-se a si próprio com o um ancião.

“Mas o que é que vais fazer com um meio feriado, se o tiveres?”, perguntou

Joe.

“O que eu vou fazer? O que é que ele vai fazer? Eu faço o mesmo que ele

fizer”, respondeu Orlick.

“O Pip vai à cidade”, disse Joe.

“Então o velho Orlick também vai à cidade”, retrucou o ilustre cavalheiro. “Dois pode ir à cidade. Não carece de ser só um, não.”

“Não vás perder as estribeiras”, disse Joe.

“Se quiser, eu perco, sim”, rosnou Orlick. “Então ele vai à cidade! Ora, mestre! Isso, não. Nada de privilégios. Seja homem!”

Com o mestre se recusava a discutir a questão enquanto o empregado não recuperasse a calma, Orlick atacou a fornalha, dela tirou uma barra de ferro em brasa, fez um enção de enfiá-la em meu corpo, girou-a em torno da minha cabeça, a pôs na bigorna, martelou-a — com o se ela fosse eu, pensei, e as

faíscas fossem em meu sangue a esguichar — e por fim, quando ele já havia ficado quente e o ferro havia ficado frio de tanto ele malhar, voltando a apoiar-se no martelo, disse:

“Agora, meu mestre!”

“Então, estás bem agora?”, perguntou Joe. “Ah! Estou bem, sim”, rousnou o velho Orlick.

“Então, com o normal em te costumaste trabalhar direito com o todo mundo”, disse Joe, “que seja meio feriado pra todos.”

Minha irmã estivera esse tempo todo parada no quintal, a escutar — ela era uma espiã e bisbilhoteira sem escrúpulo algum — e na mesma hora pôs a cabeça numa das janelas.

“És mesmo um pateta!”, disse ela a Joe. “Dando feriado a dois maganões ociosos. Pelo visto, és muito rico, pra desperdiçar salários assim. Ah, se eu fosse

meu mestre!”

“A senhora seria meu mestre de todos, se pudesse”, retorquiu Orlick, com um sorriso mau.

(“Deixa ela em paz”, disse Joe.)

“Comigo, bobo e malandro não tinha vez”, respondeu minha irmã, com o rosto a enraivecêr-se. “E se bobo comigo não tinha vez, imagina então o meu mestre, que é o rei dos bobalhões. E se

m alandro não tinha vez, o que seria de você, que é o m alandro m ais feio e m ais sem -vergonha do país. Ora!”

“E a senhora é um a m egera”, rosnou o em pregado. “Se quem é m egera entende de m alandro, então a senhora é a m aior entendida que há.”

(“Deixa ela em paz, ouviu?”, disse Joe.)

“O que foi que você disse?”, exclamou minha irmã, começando a gritar. “O que foi que você disse? O que foi que esse tal de Orlick disse a mim, Pip? Ele me chamou do quê, com o meu marido do lado? Ah! Ah! Ah!” Cada uma dessas interjeições era um berro; e devo dizer a respeito de minha irmã algo que se aplica a todas as mulheres violentas que já conheci: a emoção não era uma desculpa para ela, pois não havia dúvida de que, em vez de sucumbir à emoção, ela deliberadamente se esforçava de modo extraordinário no sentido de se emocionar, e chegava a uma fúria cega por etapas regulares. “De que nome ele me xingou, na cara do homem que jurou me defender? Ah! Me segurem! Ah!”

“Há-há-há!”, rosnou o em pregado entre os dentes. “Eu bem que segurava a senhora, se fosse minha mulher. Segurava debaixo da bica aberta, até ficar engasgada.”

(“Eu já disse pra deixar ela em paz”, insistiu Joe.)

“Ah! Olha só!”, exclamou minha irmã, batendo palmas e gritando ao mesmo tempo — era essa a etapa seguinte. “Olha só

com o ele m e xinga! Esse Orlick! Na minha casa! Eu, um a m ulher casada! E na cara do m eu m arido! Ah!

Ah!” Nesse ponto, após um acesso de palm as e gritos, m inha irm ã com eçou a bater com as m ãos no peito e nos j oelhos, e j ogou no chão a touca, e puxou os cabelos para baixo — as últim as etapas rum o ao frenesi. Com o j á se havia transform ado num a verdadeira Fúria,* e obtido total sucesso, ela partiu com o um a bala em direção à porta, a qual felizm ente eu havia trancado.

O que podia fazer agora o pobre Joe, tendo sido ignoradas suas intervenções parentéticas, senão abordar seu em pregado, e perguntar-lhe que ideia era aquela de se m eter entre ele e a sra. Joe, e tam bém se ele era hom em o bastante para enfrentá-lo? O velho Orlick sentiu que a situação não adm itia outra alternativa senão o enfrentam ento, e na m esm a hora assum iu um a postura defensiva; e assim , sem que sequer tirassem seus aventais cham uscados e queim ados, os dois partiram um para cim a do outro, com o dois gigantes. Mas se havia algum hom em na nossa vizinhança capaz de resistir a Joe por m ais tem po, não cheguei a conhecê-lo. Orlick, com o se fosse tão fraco quanto o j ovem cavalheiro pálido, em pouco tem po deu por si caído no m eio do pó de carvão, sem a m enor pressa de em ergir de lá. Então Joe destrancou a porta e pegou m inha irm ã, que havia caído desacordada j unto à j anela (m as que antes assistira à luta, creio eu) e foi levada para dentro de casa e deitada, e estim ulada a

acordar, não fazendo outra coisa senão debater-se e puxar os cabelos de Joe. Então sobrevieram aquela calma e silêncio singulares que sempre se seguem a todos os tumultos; e depois, com a vaga sensação que sempre associa a tais calmas — a de que era domingo e alguém havia morrido — subi a escada e fui me vestir.

Quando mais tarde desci, encontrei Joe e Orlick varrendo a ferraria, tendo com o único vestígio do ocorrido um corte numa das narinas de Orlick, que não era nem expressivo nem ornamental. Uma jarra de cerveja viera da Três Barqueiros, e os dois bebiam um de cada vez, de modo pacífico. A calma teve um efeito sedativo e filosófico em Joe, que foi comigo até a rua para me dar, à guisa de despedida, uma espécie de conselho: “Uma hora está espumando, depois para de espumar, Pip — a vida é assim!”.

Que sentimentos absurdos (pois os sentimentos que são muito sérios num homem parecem-nos cômicos num menino) me tomaram quando me vi outra vez indo em direção à casa da sra. Havisham, não interessa dizer agora. Tam pouco interessa relatar quantas vezes passei e repassei pelo portão até criar coragem de tocar a campainha. Nem tam pouco o quanto perguntei a mim mesmo se deveria ir em bora sem tocá-la; nem que eu sem dúvida teria ido em bora, se fosse dono de meu tempo, e pudesse voltar depois.

A sra. Sarah P ocket veio abrir o portão. Ela, e não Estella.

“O quê, tu por aqui outra vez?”, disse a sra. P ocket. “O que queres?”

Quando respondi que viera apenas para saber com o estava a sra. Havisham , Sarah claram ente ficou a pensar se devia ou não despachar-m e na hora. P orém , não querendo arcar com a responsabilidade, deixou-m e entrar, e pouco depois voltou trazendo o recado seco de que eu devia “subir”.

Tudo perm anecia tal com o antes, e a sra. Havisham estava a sós. “Sim ?”, disse ela, fixando os olhos em m im . “Espero que não queiras nada? Não vais ganhar nada.”

“Não, senhora Havisham . Só queria lhe dizer que estou indo m uito bem no aprendizado, e que sou sem pre m uito grato à senhora.”

“Ora, ora!” com aqueles velhos dedos irrequietos. “Venha de vez em quando; venha no seu aniversário. — Isso!”, exclam ou de repente, virando o corpo e a cadeira em m inha direção. “Estás à procura de Estella? Hein?”

De fato, eu estava olhando à m inha volta — sim , à procura de Estella — e

respondi, gaguej ando, que esperava que ela estivesse bem .

“No estrangeiro”, disse a sra. Havisham , “educando-se para se tornar um a dam a; fora do teu alcance; m ais bela do que nunca; adm irada por todos que a veem . Achas que a perdeste?”

Havia tanto prazer em alinhar nessas suas últimas palavras, e foi tão desagradável a gargalhada que lhe irrompeu dos lábios, que fiquei sem saber o que dizer. Ela poupou-me o trabalho de decidir, despachando-me. Quando o portão se fechou após minha saída, pelas mãos de Sarah, a de rosto de noz, senti-me mais do que nunca insatisfeito com minha casa e meu ofício e tudo o mais; e foi esse o único resultado do meu impulso.

Enquanto eu perambulava pela rua principal, olhando desanimado para as vitrines e pensando no que eu haveria de fazer se fosse um cavalheiro, vi saindo da livraria ninguém menos que o sr. Wopsle. Ele tinha nas mãos a tocante

tragédia de George Barnwell,³ livro em que ele naquele momento investira seis pence, com o objetivo de derramar cada palavra ali contida na cabeça de P um blechook, com quem ia tomar chá. Tão logo me viu, pareceu dar sinais de julgar que uma providência especial pusera um aprendiz à sua frente para ouvir a leitura da peça, e insistiu para que eu o acompanhasse até o salão pum blechookiano. Como eu sabia que haveria de me sentir muito infeliz em casa, e as noites eram escuras e lúgubres e caminhar, e quase qualquer companhia na estrada era melhor do que ir sozinho, não lhe opus muita resistência; assim, entramos na casa de P um blechook na hora em que se acendiam as luzes da rua e das lojas.

Com o já amais assisti a outra encenação de George Barnwell, não sei quanto

tempo o espetáculo costumava durar; sei muito bem, porém, que naquela noite durou até as nove e meia, e que quando o sr. Wopsle entrou em Newgate, ** achei que já amais chegaria ao cadafalso, porque se tornou muito mais lento do que em qualquer etapa anterior de sua vergonhosa carreira. Achei um pouco excessivo ele queixar-se de ser abatido na flor da vida, com o se desde o começo de sua trajetória, folha após folha, já não estivesse sendo seu fim. Mas isso era apenas uma questão de duração excessiva e tédio. O que me indignou foi a identificação de toda aquela história com minha inofensiva pessoa. Quando Barnwell começou a enveredar pelo mal, confesso que senti um impulso de pedir desculpas, tão indignado era o olhar que Plumblehook passou a mim e dirigir. Também Wopsle fazia questão de me pintar com as mais feias cores. Ao mesmo tempo feroz e sentimental, fui levado a assassinar meu tio sem quaisquer circunstâncias atenuantes; Millwood me derrotava em todas as discussões; tornou-se uma obsessão da parte da filha de meu mestre importá-lo por mim o mínimo que fosse; e tudo que posso dizer da minha atitude hesitante e procrastinadora na manhã fatal é que ela esteve bem à altura da debilidade geral de meu caráter. Mesmo depois que fui felizmente enforcado e Wopsle fechou o livro, Plumblehook continuou a olhar para mim e sacudir a

cabeça, dizendo: “Cuida bem , m enino, cuida bem !”, com o se fosse um fato sabido de todos que eu planejei assassinar um parente próximo, bastando para tal que eu conseguisse convencer um deles a cair no erro de se tornar meu benfeitor.

Era uma noite muito escura quando tudo terminou, e quando saí com o sr. Wopsle em direção a minha casa. Fora da cidade, havia uma névoa pesada, que descia úmida e espessa. O lampião da barreira era apenas um borrão, parecendo estar fora de seu lugar habitual, e sua luz parecia transformar-se numa substância sólida na neblina. Estávamos observando esse fato, e comentando que a névoa surgia quando o vento vinha de certa direção do charco, quando vimos um homem, todo encurvado, protegendo-se do vento junto à cabine da barreira.

“Olá!”, disseram os, parando. “É o Orlick?”

“Ah!”, ele respondeu, aproximando-se, recurvo. “Eu estava ali, parado, um minuto, vendo se vinha alguém .”

“É tarde pra você estar aí”, comentei.

Orlick retrucou, não sem razão: “E pra vocês, não é?”.

“Nós”, respondeu o sr. Wopsle, entusiasmado por seu desempenho de ainda há pouco, “estávamos desfrutando, senhor Orlick, de um sermão intelectual.”

O velho Orlick rosnou, com o se não tivesse nada a com entar sobre tal assunto, e seguim os em frente j untos. Depois de algum tem po, perguntei-lhe se ele havia passado seu m eio feriado andando de alto a baixo.

“Isso m esm o”, disse ele, “andei por toda a cidade. Eu estava andando atrás de vocês. Não vi vocês, m as devia estar logo atrás. Aliás, estão dando tiro de novo.”

“Lá nas presigangas?”, indaguei.

“É! Tem m ais uns pássaro aí fora da gaiola. Estão dando tiro desde o entardecer, m ais ou m enos. Daqui a pouco vocês vai ouvir m ais um .”

De fato, haviam os cam inhado m ais uns poucos m etros apenas quando o estrondo bem conhecido veio em nossa direção, am ortecido pela névoa, e foi ecoando pesado pelas terras baixas à m argem do rio, com o se perseguindo e am eaçando os fugitivos.

“Um a boa noite pra fugir”, disse Orlick. “Hoj e é que não ia ser fácil de derrubar um desses pássaro que estiver voando por aí.”

Aquele assunto era sugestivo para m im , e fiquei a pensar sobre ele em silêncio. O sr. Wopsle, no papel do tio vitim ado da tragédia daquela noite, pôs-se

a m editar em voz alta em seu j ardim em Cam berwell.⁴ Orlick, com as m ãos nos bolsos, cam inhava a m eu lado, m uito encurvado.

Era um a noite m uito escura, m uito úm ida, m uito lam acenta, e assim andávam os espadanando água. De vez em quando um tiro de canhão nos surpreendia outra vez, e m ais um a vez ecoava, som brio, ao longo do curso do rio. Eu perm anecia calado, im erso em m eus pensam entos. O sr. Wopsle m orreu am avelm ente em Cam berwell, com m uito estoicism o em Bosworth Field, e em m eio a agonias indizíveis em Glastonbury. 5

Orlick rosnava às vezes: “Bate forte, bate sem pre — velho Clem ! — para os fortes e valentes — velho Clem !”. Achei que Orlick havia bebido, m as ele não estava bêbado.

Chegam os enfim à aldeia. O cam inho que seguíam os nos fez passar pela porta da Três Barqueiros Alegres, e ficam os surpresos de ver que o lugar — em bora j á fossem onze horas — estava em estado de com oção, a porta escancarada, luzes não habituais acesas às pressas espalhadas pelo lugar. O sr.

Wopsle entrou para perguntar o que ocorrera (im aginando que um forçado tivesse sido apreendido), m as saiu correndo afobado.

“Ocorreu algum a coisa séria”, disse ele, sem parar, “na sua casa, P ip. Vam os correr!”

“O que foi?”, perguntei, correndo ao lado dele. Orlick corria tam bém .

“Não entendi direito. Parece que a casa foi arrombada quando Joe Gargery não estava. Parece que por forçados. Uma pessoa foi atacada e ferida.”

Estávamos os correndo depressa demais para continuar conversando, e só paramos ao chegarmos à cozinha de nossa casa. Estava cheia de gente; toda a aldeia estava lá dentro ou no quintal; e lá estavam um médico, e Joe, e um grupo de mulheres, todos reunidos em torno do chão do meio da cozinha. Os curiosos desocupados recuaram ao mesmo tempo, e assim foi que deparei com minha irmã — deitada desacordada e imóvel sobre as tábuas nuas, tendo sido derrubada por um golpe fortíssimo dado por trás na cabeça, por uma mão desconhecida, quando ela estava voltada para a lareira — claramente condenada a nunca mais espumar de raiva enquanto fosse esposa de Joe.

* Fúria: na mitologia clássica, as Fúrias, ou Eríneas, eram três divindades vingativas, que castigavam os criminosos. (n. t.)

** Newgate: famosa prisão em Londres. (n. t.)

CAPÍTULO XVI

Com a história de George Barnwell na cabeça, de início fui levado a pensar que eu estaria de algum modo envolvido na agressão contra minha irmã, ou ao menos que, na condição de seu parente mais próximo, que sabidamente lhe devia obediência, eu era um objeto de suspeita mais legítimo do que qualquer outro. Mas quando, à luz clara da manhã seguinte, voltei a pensar na questão e a ouvi discutida a meu redor por todas as partes, passei a encarar o caso por um ângulo diferente, e mais razoável.

Joe tinha ficado na Três Barqueiros Alegres, fumando seu cachimbo, das oito e quinze às quinze para as dez. Enquanto estava lá, minha irmã fora vista parada à porta da cozinha, e trocara boas-noites com um camponês que voltava para casa. O homem não fora capaz de especificar melhor a hora em que a vira (quando tentou fazê-lo, confundiu-se todo) senão que teria sido antes das nove. Quando Joe chegou em casa às cinco para as dez, encontrou-a derrubada no chão, e imediatamente pediu ajuda. O fogo na lareira não estava excessivamente baixo, nem o murrão da vela estava longo demais, porém a vela fora soprada.

Nenhum objeto fora levado de nenhum cômodo da casa. E, além do fato de que fora soprada a vela — a qual estava numa mesa entre a porta e minha irmã, atrás dela no momento em que, em

pé diante da lareira, e voltada para o fogo, ela fora atingida — nada na cozinha fora mexido, fora as consequências de ter minha irmã caída no chão sangrando. Mas havia uma prova notável no local do crime. A vítima tinha sido atingida por algum objeto contundente pesado, na cabeça e na coluna; depois que ela fora golpeada, alguma coisa pesada foi jogada sobre seu corpo com muita violência, estando ela caída de bruços. E no chão, a seu lado, quando Joe a levantou, havia um grilhão de ferro de forçado, que havia sido aberto com uma lima.

Ora, examinando o grilhão com seu olho de ferreiro, Joe afirmou que ele teria sido limado algum tempo antes. Tendo o clamor público chegado até as presenças, veio gente de lá examinar o grilhão, e a opinião de Joe foi confirmada. Não afirmaram quando o objeto fora retirado dos navios-prisões dos quais sem dúvida ele provinha; porém disseram ter certeza de que aquele grilhão em particular não fora usado por nenhum dos dois forçados que haviam fugido na noite da véspera. Ademais, um deles já fora recapturado, e não havia conseguido livrar-se de seus grilhões.

Sabendo o que eu sabia, fiz minha própria inferência neste ponto. Julgava eu que o grilhão pertencesse ao meu forçado — o grilhão que eu vira e o ouvira

limando no charco — porém não acreditava que fosse ele quem o utilizara na véspera. A meu ver, uma de duas outras pessoas se

havia apossado dele, usando-o com aquele fim cruel. A pessoa era ou Orlick ou o desconhecido que me havia mostrado a limpa.

Quanto a Orlick, ele havia ido à cidade tal com o nos dissera quando o encontramos na cabine da barragem, fora visto em vários lugares da cidade ao longo de toda a noite, estivera em companhia de diversas pessoas em mais de uma taberna, e voltara comigo e com o sr. Wopsle. Nada havia que o incriminasse, senão a discussão da véspera; e minha irmã discutira com ele, e com quase todas as outras pessoas a seu redor, dez mil vezes. Quanto ao desconhecido, se ele voltara para pegar suas duas cédulas não poderia ter havido briga por esse motivo, pois minha irmã estava perfeitamente disposta a devolvê-las. Além disso, não houvera briga; o agressor entrara de modo tão silencioso e súbito que ela fora derrubada antes que tivesse tempo de olhar para trás.

Era horrível concluir que eu providenciara a arma do crime, ainda que sem intenção, mas era impossível tirar outra conclusão. Sofri uma agonia indizível ao pensar e repensar se devia por fim me livrar daquele encantamento da minha infância e contar tudo a Joe. Durante os meses que se sucederam, todos os dias eu decidia a questão de modo categórico na negativa, e a reabria e reconsiderava na manhã seguinte. No final das contas, a questão resumia-se a isto: o segredo era tão antigo, de tal modo criara raízes em mim e se tornara uma parte de meu ser, que eu já não podia arrancá-lo. Além do medo de que, tendo tido

consequências tão terríveis, mais do que nunca ele teria agora o efeito de afastar Joe de mim se ele acreditasse no que lhe fosse dito, paralisava-me e também o meu medo de que ele não acreditasse, porém pusesse a revelação na mesma conta que os cães fabulosos e os pratos de vitela, com o mesmo invento monstruosa. Mas contem porizei comigo mesmo, é claro — pois não estava eu hesitando entre o certo e o errado, quando não havia dúvida do que havia de ser feito? — e decidi que contaria tudo se uma nova situação constituísse mais uma oportunidade de ajudar a descobrir a identidade do criminoso.

Os policiais e os homens da Bow-Street¹ vindos de Londres — pois isto se deu nos tempos da extinta força policial que usava coletes vermelhos — frequentaram a casa por uma ou duas semanas, fazendo mais ou menos o que, conforme já li e ouvi dizer, tais autoridades costumam fazer em casos assim. Detiveram várias pessoas que claramente nada tinham a ver com o caso, e se apegaram do mesmo modo mais obstinado a ideias erradas, insistindo em adaptar as circunstâncias às ideias, em vez de tentar extrair ideias das circunstâncias. Além disso, ficavam parados à porta da Três Barqueiros com expressões sagazes e reservadas que inspiravam admiração a toda a vizinhança; e tinham um jeito misterioso de beber que quase equivalia a prender o culpado. Não mais que quase, porém; pois isso eles nunca conseguiram fazer.

Por muito tempo depois que esses poderes constitucionais se dispersaram, minha irmã permaneceu acamada, em péssimo estado. Sua visão foi prejudicada, de modo que ela via os objetos multiplicados, e tentava segurar xícaras de chá e taças de vinho imaginárias em vez das reais; sua audição ficou muito reduzida; sua memória também foi afetada; e sua fala tornou-se

ininteligível. Quando, por fim, ela já conseguia, com ajuda de alguém, descer a escada, ainda assim era necessário manter minha lousa sempre a seu lado, para que ela pudesse exprimir por escrito o que não conseguia falar. Com o (além de ter péssima letra) ela escrevia muito mal, e com o Joe lia pior ainda, com plicações extraordinárias surgiam entre eles, para as quais eu era sempre chamado para esclarecer. Servir repolho em vez de remédio, confundir Joe com pão e tesoura com toucinho foram alguns dos erros menos sérios que cometi.

O gênio de minha irmã, porém, melhorou muito, e ela tornou-se paciente. Uma incerteza tremula quanto ao funcionamento de todos os seus membros logo se tornou uma parte de seu estado normal, e posteriormente, com intervalos de dois ou três meses, ela muitas vezes levava as mãos à cabeça e em seguida permanecia por cerca de uma semana imersa num estado mental aberrante de melancolia. Não sabíamos como encontrar uma acompanhante apropriada para ela, até que uma circunstância

conveniente veio a nosso auxílio. A tia-avó do sr. Wopsle livrou-se do hábito teimoso de viver que havia adquirido, e Bidy passou a morar conosco.

Foi talvez um mês depois que minha irmã voltou a frequentar a cozinha que Bidy veio a nossa casa com uma caixinha sarapintada contendo todos os seus bens, e tornou-se uma bênção para toda a família. Acima de tudo, foi uma bênção para Joe, pois essa adorável criatura não suportava ter que contemplar constantemente os destroços de sua esposa, e adquirira o costume de virar-se para mim de vez em quando, ao cuidar dela à noite, e dizer-me, com os olhos azuis rasos d'água: "E pensar que ela já foi uma bela mulher, Pip!". Bidy imediatamente assumiu os cuidados de minha irmã com tanta destreza quanto se fizesse isso desde a infância, e Joe pôde aproveitar um pouco a tranquilidade maior que sua vida conquistara, podendo ir de vez em quando à Três Barqueiros para uma caminhada de ares que lhe fazia bem. Era típico dos policiais todos eles meio que desconfiarem do pobre Joe (se bem que disso ele jamais teve ciência), e acreditarem de comum acordo que ele era um dos mais refinados ladinos que eles jamais conheceram.

O primeiro triunfo de Bidy em seu novo cargo foi resolver um problema que me derrotara por completo. Eu me esforçara muito, mas nada conseguira. Eis a questão:

Veza após veza após veza, minha irmã traçava na lousa um símbolo que parecia um T curioso, e depois com muita ansiedade chamava nossa atenção para ele, com o algo que ela desejava em particular. Eu tentara em vão trazer-lhe todos os objetos que começassem com a letra T, fosse terebintina, torrada ou tábua. Depois de algum tempo comeci a pensar que o símbolo parecia um martelo, e quando pronunciei a palavra com ênfase no ouvido de minha irmã ela pôs-se a martelar na mesa e manifestar uma aprovação limitada. Em seguida, eu lhe trouxe todos os martelos da casa, um após o outro, mas sem êxito. Em seguida, ocorreu-me que a forma era bem semelhante a uma muleta, e assim tomei uma emprestada na aldeia, exibindo-a a minha irmã com muita confiança. Ela, porém, sacudiu a cabeça de tal modo que ficaram os apavorados, tendo que, no seu estado de fraqueza e invalidez, ela deslocasse o pescoço.

Quando minha irmã se deu conta de que Biddy conseguia compreender-la

com muita rapidez, o símbolo misterioso reapareceu na lousa. Biddy olhou-o pensativa, ouviu minha explicação, olhou pensativa para minha irmã, olhou pensativa para Joe (o qual era sempre representado na lousa por sua inicial maiúscula) e correu para a ferraria, seguida por Joe e por mim.

“Ora, é claro!”, exclamou Biddy, com uma expressão triunfal no rosto. “Vocês não veem? É ele!”

Orlick, sem dúvida! Minha irmã perdera seu nome, e só conseguia representá-lo por seu martelo. Explicam os-lhe por que queriam os que ele viesse à cozinha, e ele lentamente largou o martelo, enxugou a testa no braço, enxugou-a de novo com o avental e veio, com o nariz recurvado, com aqueles olhos dobrados do modo curioso, típico dos vagabundos, que o caracterizava de modo tão enfático.

Devo confessar que esperava que minha irmã o denunciasse, e que fiquei decepcionado quando vi o que aconteceu. Ela revelou-se muito ansiosa por fazer as pazes com ele, ficou claramente satisfeita por conseguir estar com ele depois de tanto tempo, e indicou que gostaria que lhe fosse servido algo para beber. Ela observava-lhe o rosto com o desejo de certificar-se de que Orlick aceitava de bom grado aquela recepção, demonstrou toda intenção de reconciliar-se com ele, e havia em tudo o que ela fazia aquele ar de propiciação que tenho observado na conduta de uma criança para com um mestre rigoroso. Desde então, era raro que se passasse um dia sem que ela desenhasse o martelo na sua lousa, e sem que Orlick entrasse, todo recurvo, e se postasse à sua frente, claramente, com o que entendesse tão pouco quanto eu o que estava acontecendo.

CAPÍTULO XVII

Mergulhei então na rotina da vida de aprendiz, que teve com o única variação, levando-me além dos limites da aldeia e do charco, a circunstância nada notável da chegada de meu aniversário e mais uma visita à sra. Havisham. Encontrei a sra. Sarah Pocket ainda ocupando o posto de porteira, e encontrei a sra. Havisham tal como a havia deixado, e ela falou sobre Estella exatamente do mesmo modo que antes, se não com as mesmas palavras. A conversa durou apenas alguns minutos, e ela me deu um guinéu quando nos despedimos, e me disse que voltasse no próximo aniversário. Aproveito para observar que essas visitas anuais se tornaram costumeiras. Tentei não aceitar o guinéu nessa primeira ocasião, mas o único efeito de minha recusa foi fazê-la me perguntar, muito zangada, se eu esperava mais. Depois dessa, aceitei.

Era tão inútil aquela casa velha e poeirenta, a luz amarela no quarto escurecido, a aparição súbita na cadeira diante do espelho da penteadeira, que me dava a impressão de que, quando os relógios foram parados, também o Tempo parara naquele lugar misterioso, e embora fora dela tudo se tornasse mais velho, eu inclusive, ali nada mudava. A luz do dia já mais entrava na casa em todos os meus pensamentos e lembranças associados a ela, tal como não entrava na casa em si. Isso me

deixava perplexo, e sob tal influência continuava, no fundo do coração, a odiar meu ofício e a ter vergonha de minha casa.

De modo imperceptível, fui tomando consciência de uma mudança em Bidy, porém. Seus sapatos não estavam mais amarfanhados nos calcanhares, seu cabelo ficou mais reluzente e asseado, suas mãos estavam sempre limpas. Ela não era bela — era vulgar, e não podia ser com o Estella — porém era agradável, saudável e bem-humorada. Estava conosco há apenas um ano (lembro-me que ela havia acabado de tirar o luto nessa época) quando percebi uma noite que seus olhos eram curiosamente pensativos e atentos; olhos muito bonitos e muito bons.

Isso ocorreu quando levantei meus olhos, interrompendo uma tarefa em que estava absorto — a de copiar trechos de um livro, para me aperfeiçoar de duas maneiras ao mesmo tempo através de uma espécie de estratégia — e vi que Bidy me observava. Larguei a pena, e Bidy deteve sua agulha sem largar a costura.

“Bidy”, disse eu, “como é que consegues? Ou eu sou muito burro ou tu és muito inteligente.”

“O que é que eu consigo? Não sei”, respondeu ela, sorrindo.

Ela administrava toda a nossa vida doméstica, e de um modo maravilhoso; mas não era a isso que eu me referia, em boca disso tornasse ainda mais surpreendente aquilo a que eu me referia.

“Com o é que consegues, Biddy”, expliquei, “aprender tudo que eu aprendo, e sem preme e acompanhar?” Eu estava com o coração a ficar um tanto vaidoso de meus conhecimentos, pois eu gastava meus guinéus de aniversário e a maior parte do meu dinheiro miúdo em investimentos tais; em bora hoje me pareça claro que o pouco que eu sabia fora adquirido a um preço extremamente caro.

“Eu é que bem podia te perguntar”, devolveu Biddy, “com o é que tu

consegues?”

“Não; porque quando volto da ferraria à noite, qualquer um pode me ver estudando. Mas tu nunca estás estudando, Biddy.”

“Acho que pego — com o se fosse um resfriado”, disse ela, em voz baixa; e continuou a costurar.

Ainda a pensar nessa ideia, recostei-me em minha cadeira de madeira e fiquei a olhar para Biddy, costurando com a cabeça inclinada, e comecei a achar que ela era uma moça extraordinária. Pois, disse a mim mesmo, ela conhecia igualmente bem os termos de nosso ofício, e os nomes dos diferentes tipos de trabalho que faziam os, e nossas diversas ferramentas. Em suma, tudo que eu sabia, Biddy sabia também. Teoricamente, ela já era uma ferreira tão boa quanto eu, se não melhor.

“Tu és um a dessas pessoas, Bidy ”, disse eu, “que aproveitam ao máximo o cada m udança. Antes de vires para cá, não tinhas nenhum a oportunidade; e vê com o m elhoraste de vida!”

Bidy olhou-m e por um instante, e continuou a costurar. “Mas eu fui tua prim eira professora, não é?”, disse, enquanto costurava.

“Bidy !”, exclam ei, perplexo. “O quê, estás chorando?”

“Não estou, não”, disse ela, levantando a cabeça e rindo. “Quem te pôs essa ideia na cabeça?”

O que poderia ter posto essa ideia na cabeça senão o brilho de uma lágrima a pingar na costura de Bidy ? Perm aneci em silêncio, lem brando a vida dura que ela levava até que a tia-avó do sr. Wopsle conseguiu livrar-se daquele seu péssimo hábito de viver, do qual algumas pessoas têm tanta necessidade de se livrar. Relem brei as circunstâncias desanim adoras que a haviam cercado na loja m iserável e na escolinha noturna barulhenta e m iserável, sem pre tendo de arrastar e am parar aquele m iserável fardo de incompetência. Refleti que m esmo naqueles tempos difíceis deviam estar latentes em Bidy aquelas qualidades que agora se desenvolviam , pois no m eu prim eiro m om ento de inquietude e descontentam ento eu recorrera a ela sem pensar duas vezes. Bidy continuava a costurar em silêncio, sem chorar m ais nem uma lágrima, e enquanto eu a fitava e pensava, ocorreu-m e que talvez não tivesse m anifestado m inha gratidão a ela de

um odor suficiente. Talvez tivesse sido excessivamente reservado, e devesse tê-la favorecido mais (em bora não fosse essa a palavra exata que usei em minha edição) com minha confiança.

“É verdade, Biddy”, concordei, quanto terminei essas considerações, “foste mesmo a minha primeira professora, e isso numa época em que jamais

imaginávamos que um dia estaríamos juntos com o estamos agora, nesta cozinha.”

“Ah, coitada!”, replicou Biddy. Era típico de sua generosidade transferir o comentário para minha irmã, e levantar-se para ocupar-se com ela, para lhe dar mais conforto. “É verdade, que tristeza!”

“Pois é”, arrematei, “precisamos conversar um pouco mais, como fazíamos antigamente. E preciso consultar-te um pouco mais, como eu costumava fazer. Vamos passear no charco neste domingo, Biddy, e ter uma longa conversa.”

Minha irmã agora já mais ficava a sós; mas Joe assumiu de bom grado os cuidados dela naquela tarde de domingo, e eu e Biddy saímos juntos. Era verão, e era um dia muito bonito. Depois que deixamos para trás a aldeia, a igreja e o campo-santo, e nos vimos no charco e começamos a ver as velas dos navios ao longe, comecei a associar a sra. Havisham e Estella àquela vista, como de costume. Chegando à beira do rio, sentamos-nos na

argem , com a água chegando até nossos pés, um ruído que apenas realçava o silêncio, e decidi que era a hora e o lugar para eu me abrir com Biddy .

“Biddy ”, disse eu, após lhe pedir que guardasse segredo, “quero ser um cavalheiro.”

“Ah, eu também havia de querer, se fosse tu!”, ela retrucou. “Acho que não daria certo.”

“Biddy ”, insisti, com certa severidade, “tenho meus motivos para querer ser um cavalheiro.”

“Tu é que sabes, Pip; mas não achas que serias mais feliz sendo quem és?” “Biddy ”, exclamei, impaciente, “não sou nem um pouco feliz tal com o sou.

Detesto meu ofício e minha vida. Nunca gostei de nenhum dos dois, desde que me tornei aprendiz. Não seja boba.”

“Eu fui boba?”, disse Biddy, levantando as sobrancelhas um pouco. “Desculpa; foi sem querer. Só quero que te sintas bem , e viva em conforto.”

“Por isso então, quero que entendas de uma vez por todas que nunca vou poder viver em conforto — nunca vou deixar de ser infeliz — isso mesmo, Biddy ! — se não conseguir levar uma vida muito diferente dessa que levo agora.”

“É um a pena!”, respondeu Bidy, sacudindo a cabeça com um a expressão de tristeza.

Ora, eu tam bém havia pensando tantas vezes que era um a pena, que, naquela curiosa discussão com igo m esm o que eu vivia tendo, senti-m e um pouco inclinado a chorar de aflição e am argura quando Bidy exprim iu aquele sentim ento seu que tam bém era m eu. Disse-lhe que ela tinha razão, que eu sabia que era m esm o lam entável, m as que não havia j eito.

“Se pudesse m e acom odar”, disse eu a Bidy, arrancando a gram a a m eu lado tal com o um a vez eu arrancara m eus sentim entos dos cabelos e os chutara contra as paredes da cervej aria, “se pudesse m e acom odar e gostar da ferraria ao m enos um pouco, a m etade do que eu gostava quando era pequeno, sei que seria m uito m elhor pra m im . Então não faltaria nada para ti, para m im e para Joe, e talvez eu m e tornasse sócio de Joe quando chegasse a hora, e fizesse com panhia a ti, e viéssem os nos sentar bem aqui, à beira do rio, nos dom ingos de bom tem po, duas pessoas m uito diferentes. Eu seria bom o bastante pra ti; não é,

Bidy ?”

Bidy suspirou enquanto olhava para os navios que passavam , e disse, à guisa de resposta: “É, sim ; não sou m uito exigente”. O com entário não era m uito lisonj eiro, m as eu sabia que sua intenção fora boa.

“Em vez disso”, prossegui, arrancando-me a gramela e mastigando uma folha ou duas, “vê com o estou. Insatisfeito, amargurado e — que importância isso teria, isso de eu ser grosseiro e vulgar, se ninguém nunca me tivesse dito que eu era!”

Biddy virou-se para mim de repente, e olhou-me com mais atenção do que olhara para os navios até então.

“Isso que te disseram não é de toda verdade, e não é muito educado”, comentei ela, voltando a olhar para os navios. “Quem disse isso?”

Fiquei desconcertado, pois havia puxado o assunto sem me dar conta da direção que estava tomando. Agora não havia como voltar atrás, porém, e respondi: “A moça bonita da casa da senhora Havisham, ela é a pessoa mais bonita que já existiu, e eu tenho uma admiração tremenda por ela, e é por causa dela que quero ser um cavalheiro”. Tendo feito essa confissão maluca, pus-me a jogar no rio a gramela que eu arrancara, como se tivesse alguma intenção de ir atrás dela.

“Queres ser cavalheiro pra despeitá-la ou pra conquistá-la?”, Biddy perguntou em voz baixa, após uma pausa.

“Não sei”, respondi, em burrado.

“Porque se é pra despeitá-la”, prosseguiu Biddy, “a meu ver — mas tu és quem sabe — a maneira melhor e mais independente de fazer isso é não dar importância ao que ela diz. E se é para

conquistá-la, — mas tu és quem sabe — ela não merece ser conquistada.”

Exatamente o que eu próprio já havia pensado, muitas vezes. Exatamente o que estava bem claro para mim naquele momento. Mas como podia eu, um rapazinho pobre e deslumbrado que morava numa aldeia, evitar aquela maravilhosa incoerência em que os homens melhores e mais sábios incidem todos os dias?

“Isso pode ser verdade”, disse eu a Bidy, “mas o fato é que tenho uma admiração tremenda por ela.”

Em suma, virei-me para o outro lado ao dizer isso, e agarrei meu cabelo de ambos os lados da cabeça, e puxei-o também. Sabendo o tempo todo que a loucura de meu coração era de fato loucura e desatino, que eu tinha consciência de que meu rosto bem merecia que eu o levantasse pelo cabelo e o batesse contra as pedras do chão, para castigá-lo por pertencer a um idiota.

Bidy era a mais sábia das moças, e não tentou mais argumentar comigo. Pôs sua mão, que era agradável em boca tornada áspera pelo trabalho, nas minhas, uma depois da outra, e delicadamente tirou-as de meu cabelo. Então acariciou-me o ombro para me tranquilizar, enquanto eu, com o rosto enterrado na manga da camisa, chorava um pouco — tal como fizera no pátio da cervejaria — e me sentia vagamente convencido de

que eu era muito maltratado, não sei se por alguém, ou se por todo mundo.

“Uma coisa me anima”, disse Bidy, “é que tu te sentiste capaz de confiar

em mim, Pip. E outra coisa também, é claro que sabes que podes ter certeza de que podes ter confiança em mim e de que jamais vou traí-la. Se a sua primeira professora (e que pobre professora, pois ela própria precisava aprender tanta coisa!) fosse sua professora no momento, ela acha que saberia que lição te haveria de dar. Mas seria uma lição difícil de aprender, e tu já a deixaste para trás, e agora de nada adiantaria.” Assim, com um suspiro suave dirigido a mim, Bidy pôs-se de pé, e perguntou-me, com uma mudança de tom agradável: “Vam os caminhar mais um pouco, ou voltam os para casa?”.

“Bidy”, exclamei, levantando-me e abraçando-lhe o pescoço, e beijando-a, “vou sempre te contar tudo.”

“Até te tornares um cavalheiro”, respondeu ela.

“Sabes que nunca vou ser, e por isso é mesmo pra sempre. Não que eu tenha alguma ocasião de te dizer mais coisas, pois sabes tudo que eu sei — com o que eu te disse lá em casa aquela noite.”

“Ah!”, exclamou Bidy, num sussurro, enquanto desviava o olhar para os navios. E depois repetiu, no mesmo tom agradável de

antes: “Vam os cam inhar m ais um pouco, ou voltam os para casa?”.

Respondi que cam inharíam os m ais um pouco, e foi o que fizemos, e a tarde de verão foi se transformando numa noite de verão, e uma noite muito bonita. Comecei a pensar se seria para mim mais natural e saudável, no final das contas, estar ali naquelas circunstâncias, do que jogando batalha à luz de vela no quarto dos relógios parados, sendo desprezado por Estella. Pensei que seria muito bom para mim se eu conseguisse tirá-la da cabeça, juntamente com todas aquelas outras lembranças e fantasias, e pudesse retomar o trabalho decidido a gostar do que tinha de fazer, e me aplicar a meu ofício, e aproveitá-lo da melhor maneira possível. Perguntei a mim mesmo se eu não sabia muito bem que se Estella estivesse a meu lado naquele momento em vez de Bidy, ela me faria sentir infeliz. Fui obrigado a reconhecer que sabia disso, sim, e disse a mim mesmo: “Pip, és mesmo um idiota!”.

Conversamos bastante durante a caminhada, e tudo que Bidy dizia me parecia razoável. Ela nunca era desdenhosa, nem caprichosa, nem era Bidy hoje e outra pessoa amanhã; para ela seria apenas doloroso, e não um prazer, me fazer sentir dor; ela preferiria sem dúvida ferir a si própria do que a mim. Com o que podia ser, então, que eu não gostasse muito mais dela que da outra?

“Bidy”, disse eu, quando caminhávamos de volta para casa, “queria muito que pudesses dar um jeito em mim.”

“Eu tam bém queria!”, exclamou Bidy .

“Se eu pudesse me fazer apaixonar-me e por ti — tu não te incomodas de me ouvir falar tão às claras com uma velha amiga?”

“Ah, não, que nada!”, respondeu ela. “Não te importes comigo.”

“Se eu conseguisse isso, seria o melhor pra mim .”

“Mas nunca vais, não é?”, disse Bidy .

A coisa não me parecia tão improvável naquela noite quanto teria parecido se tivessem os falado no assunto algum as horas antes. Assim , observei que eu não tinha tanta certeza disso. Mas Bidy disse que ela, sim , tinha certeza, e afirmou-o

num tom decidido. No fundo do coração, eu achava que ela tinha razão; e, no

entanto, não me agradou nem um pouco ouvi-la fazer tal afirmação de modo tão categórico.

Quando nos aproximávamos do campo-santo, tinham os de atravessar uma barragem , e passar por uma cancela junto a uma eclusa. Apareceu então, saído da cancela, ou do meio dos juncos, ou da lama (que era tão estagnada quanto ele), o velho Orlick.

“Olá!”, rosnou ele. “Adonde que vocês dois estão indo?”

Onde estaríamos indo, senão para casa? “Então”, disse ele, “me estrepem se eu não levar vocês em casa!”

Este castigo de ser estrepado era um a de suas suposições favoritas. Ele não atribuía nenhum significado específico à palavra, que eu saiba, porém a utilizava, tal com o seu suposto nome e de batismo, para afrontar a humanidade, e exprimir a ideia de algo terrivelmente danoso. Quando eu era menino, imaginava que, se Orlick me estrepasse pessoalmente, haveria de fazê-lo com um gancho afiado e torto.

Biddy era totalmente contrária à ideia de ele nos acompanhar, e disse a mim num cochicho: “Não o deixes vir; não gosto dele”. Com o tempo bem eu não gostava de Orlick, tomei a liberdade de lhe dizer que agradecíamos, mas que não queríamos ser levados para casa. Ele recebeu essa informação com uma gargalhada, e deixou-se ficar para trás, mas veio andando atrás de nós, todo recurvado, a uma pequena distância.

Curioso, querendo saber se Biddy desconfiava de que Orlick tivesse participado daquela agressão assassina que minha irmã já jamais conseguira explicar, perguntei-lhe por que ela não gostava dele.

“Ah!”, respondeu ela, olhando de relance para a figura que vinha atrás de nós, “porque eu... acho que ele gosta de mim.”

“Ele alguma vez te disse que gostava de ti?”, perguntei, indignado.

“Não”, respondeu Biddy, olhando para trás de relance outra vez, “nunca me disse isso; mas fica dançando à minha frente, sem pre que consegue atrair meu olhar.”

Por mais estranha e inusitada que fosse essa prova de interesse, não duvidei que sua interpretação estivesse correta. Fiquei muito irritado de saber que Orlick ousava admitir irá-la; tanto quanto se isso fosse uma agressão dirigida a mim.

“Mas pra ti, isso não faz diferença, tu sabes”, disse Biddy, tranquila. “Não, Biddy, não faz diferença pra mim; mas não gosto; não aprovo.”

“Eu também não”, disse Biddy. “Se bem que isso também não faz diferença pra ti.”

“Certamente”, retruquei; “mas devo te dizer que faria mau juízo de ti, Biddy, se ele dançasse a tua frente com tua aprovação.”

Fiquei de olho em Orlick a partir daquela noite, e sempre que as circunstâncias lhe permitiam dançar diante de Biddy, colocava-me à frente dele, para criar um obstáculo para tais demonstrações. Orlick havia criado raízes na ferraria, por ter minha irmã de repente se interessado por ele; não fosse isso, eu tentaria fazer com que ele fosse demitido. Orlick compreendia e reciprocava minhas boas intenções, com o pude concluir depois.

E agora, porque minha cabeça ainda não estava suficientemente confusa,

aum entei essa confusão cinquenta vezes mais, passando por fases e tem poradas em que tinha certeza de que Biddy era incomensuravelmente melhor do que Estella, e que a vida simples e honesta de trabalhador que me cabia por berço não me dava motivo algum para me envergonhar, porém oferecia-me meios suficientes de conquistar o amor-próprio e a felicidade. Nesses momentos, eu concluía de modo decisivo que minha implicância com meu querido Joe e a ferraria havia passado, e que eu estava caminhando para um dia me tornar sócio de Joe e fazer companhia a Biddy — quando de repente alguma lembrança acachapante da casa da sra. Havisham desabava em mim, com o um projétil destruidor, e despedaçava meu juízo. Leva-se tempo para catar os pedaços do juízo; e muitas vezes, antes de eu conseguir juntá-los outra vez, eles eram espalhados para todos os lados por um único pensamento errante, a ideia de que talvez, no final das contas, a sra. Havisham viesse a fazer minha fortuna quando chegasse minha hora.

Se minha aprendizagem tivesse ido até o fim, ela me deixaria ainda no auge da minha perplexidade, creio eu. Porém ela não chegou a concluir-se, e assim foi interrompida prematuramente, com o passo a relatar.

CAPÍTULO XVIII

Foi no quarto ano de meu aprendizado com Joe, e foi numa noite de sábado. Havia um grupo reunido em torno da lareira na Três Barqueiros Alegres, ouvindo o sr. Wopsle a ler o jornal em voz alta. Nesse grupo estava eu.

Um assassinato muito popular fora cometido, e o sr. Wopsel estava mergulhado em sangue até as sobrancelhas. Ele deleitava-se com cada adjetivo horrendo da descrição, e identificava-se com cada testemunha na investigação. Gemia em voz baixa: “É o fim”, no papel da vítima, e gritava com o um bárbaro: “Vais ter o que mereces”, no papel do assassino. Apresentou o testemunho médico, imitando claramente o clínico local; e com uma voz aguda, trêmulo, deu o depoimento do velho guardador da cabine da barreira que ouvira os golpes, de modo tão paralítico que lançou dúvida sobre a competência mental dessa testemunha. O médico-legista, nas mãos do sr. Wopsle, tornou-se Timão de

Atenas; o oficial de justiça, Coriolano.¹ Ele divertia-se à grande, e todos nós nos divertíamos, e estavam os deliciosamente à vontade. Nesse estado mental agradável, chegaram os ao veredicto: assassinato doloso.

Neste momento, não antes, me dei conta de que havia um cavalheiro desconhecido debruçado sobre o encosto do banco em

frente ao meu, assistindo à cena. Havia uma expressão de desprezo em seu rosto, e ele mordia o lado de seu avantajado dedo indicador enquanto observava aquele grupo de rostos. “Pois bem!”, disse o cavalheiro para o sr. Wopsle, ao final da leitura. “Então o senhor resolveu tudo e está satisfeito, não é mesmo?”

Todos levantaram a vista, surpresos, com o se ele fosse o assassino. O

homem dirigiu a todos um olhar frio e sarcástico. “Culpado, é claro?”, insistiu. “Digam lá. Vam os!”

“Meu senhor”, retrucou o sr. Wopsle, “ainda que não tenha a honra de conhecê-lo, digo, sim: culpado.” Em seguida, todos nós criamos a coragem de nos unirmos num murmúrio de aprovação.

“Sei que vocês pensam assim”, disse o desconhecido; “eu já sabia. Eu lhes disse. Mas agora vou lhes fazer uma pergunta. Vocês sabem, ou não sabem, que na Inglaterra a lei pressupõe que todo homem é inocente, até que sua culpa seja provada — provada?”

“Meu senhor”, foi dizendo o sr. Wopsle, “eu mesmo, na condição de inglês...”

“Ora!”, exclamou o desconhecido, mordendo o dedo para ele. “Não se esquive da minha pergunta. Ou o senhor sabe, ou não sabe. Qual das alternativas?”

Ele estava em pé, com a cabeça inclinada para um lado e o corpo para o outro, numa postura agressiva e inquisidora, e apontou com o indicador para o sr. Wopsle — com o se para m arcá-lo — antes de m order o dedo outra vez.

“Agora!”, disse ele. “O senhor sabe ou não sabe?” “É claro que sei”, respondeu o sr. Wopsle.

“É claro que sabe. Então por que não disse isso antes? Pois agora vou lhe fazer outra pergunta”, apossando-se do sr. Wopsle com o se tivesse direitos sobre ele. “O senhor sabe que nenhum a dessas testem unhas ainda foi subm etida a um interrogatório detalhado?”*

O sr. Wopsle com eçou: “Só posso dizer...”, quando o desconhecido o interrompeu.

“O quê? O senhor não vai responder à pergunta, sim ou não? Pois vou tentar outra vez.” Apontando para ele outra vez. “Ouça-me. O senhor sabe, ou não sabe, que nenhum a dessas testem unhas ainda foi sujeita a um interrogatório detalhado? Vam os, só quero uma palavra do senhor. Sim, ou não?”

O sr. Wopsle hesitou, e todos nós com eçamos a formar uma opinião um tanto desfavorável a seu respeito.

“Vam os lá!”, disse o desconhecido. “Vou aj udá-lo. O senhor não m erece ser aj udado, m as vou aj udá-lo assim m esm o. Olhe para o papel que o senhor tem na m ão. O que é isso?”

“O que é isso?”, repetiu o sr. Wopsle, olhando para o j ornal, sem saber o que dizer.

“Seria isso”, insistiu o desconhecido no seu tom m ais sarcástico e desconfiado, “o papel im presso que o senhor estava lendo ainda há pouco?”

“Sem dúvida.”

“Sem dúvida. Agora pegue esse papel, e m e diga se nele está escrito com clareza que o prisioneiro afirm ou com todas as letras que seus representantes legais o instruíram a abster-se de se defender?”

“Acabei de ler isso”, argum entou o sr. Wopsle.

“Não vem ao caso o que o senhor acabou de ler; não estou lhe perguntando o que o senhor acabou de ler. O senhor pode ler o padre-nosso de trás para frente, se quiser — e pode, talvez, ter feito isso ontem . Volte ao j ornal. Não, não, não, m eu am igo; não para o alto da coluna; o senhor sabe m uito bem que não é aí; para a parte de baixo, de baixo.” (Todos nós com eçam os a pensar que o sr. Wopsle era cheio de subterfúgios.) “E então? Encontrou?”

“Cá está”, disse o sr. Wopsle.

“Agora, percorra com o olho esse trecho, e me diga se aí se diz com clareza que o prisioneiro afirmou ou com todas as letras que seus representantes legais o instruíram a abster-se por completo de se defender? Vam os! Com o senhor entende isso?”

Respondeu o sr. Wopsle: “Não são essas as palavras exatas”.

“Não são as palavras exatas!”, repetiu o cavalheiro, cáustico. “O teor exato é esse?”

“É”, respondeu o sr. Wopsle.

“É”, repetiu o desconhecido, olhando para os demais presentes com a mão

direita estendida em direção à testemunha, Wopsle. “E agora eu lhes pergunto o que me dizem da consciência deste homem, o qual, tendo essa passagem diante de seus olhos, é capaz de dormir à noite depois de afirmar que um semelhante seu é culpado, sem tê-lo ouvido?”

Todos nós comecemos a suspeitar que o sr. Wopsle não era o homem por quem o tomávamos, e que ele estava comecemos a ser desmascarado.

“E este mesmo o homem, lembrem”, insistiu o cavalheiro, apontando o dedo para o sr. Wopsle de modo enfático, “este mesmo o homem pode ser convocado para atuar com o jurado neste exato julgamento, e, tendo-se comprometido profundamente

ente, pode voltar ao seio de sua família e dormir à noite, depois de jurar explicitamente que iria julgar de modo com petente e veraz a questão envolvendo sua majestade, nosso rei e senhor, e o réu presente, e que daria um veredicto verdadeiro de acordo com as provas apresentadas, com a ajuda de Deus!”

Todos nós estávamos os inteiramente convencidos de que o infeliz Wopsle tinha ido longe demais, e seria melhor interromper aquela trajetória perigosa enquanto ainda era tempo.

O cavalheiro desconhecido, com um ar de autoridade inquestionável, e com modos de quem conhecia um segredo a respeito de cada um de nós que seria nosso fim se ele resolvesse revelá-lo, saiu detrás do banco e veio para o espaço entre os dois bancos, à frente da lareira, onde permaneceu em pé: com a mão esquerda no bolso, enquanto mordida o indicador da mão direita.

“Com base em informações que recebi”, disse ele, olhando para nós, que tremíamos os diante de seu olhar, “sou levado a crer que há entre vocês um ferreiro chamado Joseph — ou Joe — Gargery. Quem é esse homem?”

“Sou eu”, disse Joe.

O cavalheiro desconhecido fez sinal para que ele se levantasse, e Joe o fez. “O senhor tem um aprendiz”, prosseguiu o desconhecido, “chamado por

todos de Pip? Ele está aqui?” “Estou aqui!”, exclamou ele.

O desconhecido não me reconheceu, mas eu o reconheci: era o cavalheiro que eu encontrara na escada, na ocasião da minha segunda visita à casa da sra. Havisham. Eu o reconheci no momento em que o vi do outro lado do banco, olhando para nós, e agora que eu estava diante dele, tendo ele a mão em meu ombro, observei outra vez cada detalhe, a cabeçorra, a pele escura, os olhos fundos, as sobrancelhas espessas e negras, a enorme corrente de relógio, os pontos negros grandes da barba e das suíças, até mesmo o cheiro de sabonete perfumado em sua manzorra.

“Gostaria de ter uma conversa em particular com vocês dois”, disse ele, depois de me observar por alguns instantes. “Vai levar algum tempo. Talvez seja melhor irmos até a sua residência. Prefiro não antecipar aqui o que tenho a dizer; vocês transmitirão a seus amigos depois o quanto quiserem do que lhes direi; quanto a isso, sou de todo indiferente.”

Em meio a um silêncio atônito, nós três saímos da Três Barqueiros, e num silêncio atônito caminhamos para casa. No caminho, o cavalheiro desconhecido de vez em quando olhava para mim, e de vez em quando mordida o lado do dedo

indicador. Ao nos aproximarmos de nossa casa, tendo uma vaga ideia de que a ocasião era importante e cerimoniosa, Joe adiantou-se e abriu a porta da frente. Nossa reunião realizou-se na sala de visitas decorada com uma vela.

Com efeito quando o cavalheiro desconhecido sentou-se à mesa, puxou a vela para perto de si e consultou algumas anotações em sua caderneta de bolso. Depois pôs sobre a mesa a caderneta e colocou a vela a seu lado: depois olhou para Joe e para mim na escuridão, para certificar-se de quem era quem.

“Meu nome”, disse ele, “é Jaggery, e sou um advogado londrino. Sou bem conhecido. Tenho um negócio pouco habitual a realizar com vocês, e com efeito por dizer que não fui eu quem teve a iniciativa. Se tivessem pedido meu conselho, eu não estaria aqui. Não me pediram, e cá estou eu. Faço o que faço com o representante confidencial de um terceiro. Nada mais, nada menos que isso.”

Constatando que não conseguia nos ver muito bem de onde estava, levantou-se, jogou uma perna sobre o encosto de uma cadeira e apoiou-se nela; assim, tinha um pé no assento da cadeira e o outro no chão.

“Poris bem, senhor Joseph Gargery, vim trazer uma oferta para retirar de suas mãos esse seu jovem aprendiz. O senhor não se importa de cancelar o contrato de aprendizagem, a pedido dele e para o bem dele? O senhor não pediria nada em troca?”

“Deus me livre de pedir alguma coisa pra não atrapalhar a vida do Pip”, disse Joe, com os olhos arregalados.

“Que Deus o livre é um a expressão piedosa, m as irrelevante”, retrucou o sr. Jaggars. “A pergunta é: o senhor quereria algo? O senhor quer algo?”

“A resposta”, disse Joe, sério, “é não.”

P areceu-me que o sr. Jaggars olhou de relance para Joe, com o se o considerasse um tolo por ser tão desinteressado. Mas eu estava dem asiadam ente perplexo, dividido entre um a curiosidade e um a surpresa intensas, para ter certeza disso.

“Muito bem ”, disse o sr. Jaggars. “Lem bre-se do que o senhor acaba de afirm ar, e não tente voltar atrás depois.”

“Quem que vai tentar?”, retorquiu Joe.

“Eu não disse que ninguém ia tentar nada. O senhor tem um cachorro?” “Tenho um cachorro, sim .”

“P ois então não esqueça que a Gabolice é um bom cachorro, m as a

Reticência é m elhor ainda.² Não esqueça, ouviu?”, repetiu o sr. Jaggars, fechando os olhos e acenando com a cabeça para Joe, com o se lhe perdoasse algum a falta. “Voltem os a este rapazinho. E a com unicação que lhe trago é que ele tem grandes esperanças.”

Joe e eu ficam os boquiabertos e nos entreolham os.

“Fui instruído a com unicar-lhe”, disse o sr. Jaggars, apontando o dedo para m im , de lado, “que ele vai herdar um a bela

propriedade. Ademais, o atual dono da propriedade em questão deseja que ele seja imediatamente retirado de suas atuais circunstâncias e deste lugar, e passe a ser criado com o um cavalheiro — em suma, com o um jovem com grandes esperanças.”

Meu sonho fora revelado; minha louca fantasia fora ultrapassada pela fria

realidade; a sra. Havisham ia fazer minha fortuna numa escala grandiosa.

“Poris bem, senhor Pip”, prosseguiu o advogado, “o resto do que tenho a dizer destina-se ao senhor. É preciso dizer-lhe, em primeiro lugar, que a pessoa que me instruiu lhe faz o pedido de que seu nome continue sem pre sendo Pip. Creio que o senhor não fará objeção a que suas grandes esperanças dependam dessa condição tão fácil. Mas se há alguma objeção, agora é o momento de levantá-la.”

Meu coração batia tão depressa, e era tão alto o zumbido em meus ouvidos, que mal consegui gaguejar que não tinha objeção alguma.

“Era de se esperar! Em segundo lugar, senhor Pip, o nome de seu benfeitor generoso permanecerá em segredo absoluto, até que a pessoa em questão resolva revelá-lo. Fui instruído a lhe dizer que a intenção dessa pessoa é que seu nome seja revelado em primeira mão oralmente, por mim, para o senhor. Quando ou

onde essa intenção deverá se realizar, não sei dizer; ninguém sabe. Talvez daqui a anos. Ora, é importante que o senhor compreenda que é terminantemente proibido fazer qualquer indagação quanto a esse ponto, qualquer alusão ou referência, por mais remota que seja, a qualquer indivíduo, quem quer que seja, com o sendo a pessoa em questão, em todas as comunicações que o senhor vier a ter comigo. Se o senhor guarda alguma suspeita em seu coração, mantenha essa suspeita em seu coração. Não vem em absoluto ao caso quais seriam as razões dessa proibição; podem ser as mais fortes e sérias, ou podem ser um mero capricho. Não cabe ao senhor investigar essa questão. A condição foi estabelecida. Que o senhor a aceite, e continue a aceitá-la, é a única outra condição que fui incumbido de transmitir, pela pessoa que me instruiu, e pela qual não tenho qualquer outra responsabilidade. É dessa pessoa que decorrem suas esperanças, e o segredo só é conhecido por essa pessoa e por mim. Mais uma vez, não se trata de uma condição muito difícil de aceitar em troca de uma mudança de vida tão afortunada; mas se o senhor tiver alguma objeção, agora é o momento de levantá-la. Fale.”

Mais uma vez, gaguejei com dificuldade que não tinha nenhuma objeção. “Era de se esperar! Pois bem, senhor Pip, terminei com as estipulações.”

Em bora m e chamasse de senhor, e já com eçasse a m e adular um pouco, ainda assim ele não conseguia livrar-se de certo ar de desconfiança intimidadora; e m esmo agora ele de vez em quando fechava os olhos e apontava para mim enquanto falava, com o se para dar a entender que era sabedor de muitas coisas que depunham contra mim, e que poderia mencioná-las se bem o entendesse. “Agora passem os a m eros detalhes de disposições. É preciso deixar claro que, em bora eu tenha usado o termo ‘esperanças’ mais de um a vez, não se trata apenas de esperanças. Já tenho em mãos um a quantia mais que suficiente para garantir sua instrução e seu sustento. O senhor pode passar a m e ter por seu tutor. Ah!”, pois eu estava prestes a agradecer-lhe, “apresso-me a lhe dizer que estou sendo pago por meus serviços, senão não os estaria prestando. Considera-se que o senhor precisa de um a form ação melhor, tendo em vista sua nova situação na vida, e que o senhor há de com preender a importância e a necessidade de valer-se o quanto antes dessa vantagem.”

Observei que eu sem pre desejava tal coisa.

“Não importa que o senhor sem pre a tenha desejado, senhor Pip”, retorquiu ele; “atenha-se aos termos acordados. Se o senhor a deseja agora, é o que basta. Devo entender que sua resposta é que o senhor está disposto a encontrar imediatamente algum preceptor? É isso?”

Gaguejei que era isso, sim.

“Muito bem . Pois bem , devo consultar suas inclinações. Não me parece uma boa ideia, veja lá, mas é o que me cabe fazer. O senhor conhece algum preceptor que tenha sua preferência?”

Eu já mais ouvira falar de outras preceptoras que não Biddy e a tia-avó do sr. Wopsle, e assim respondi na negativa.

“Há um determinado preceptor, de quem tenho algum conhecimento, que a meu ver talvez seja adequado”, disse o sr. Jaggars. “Não estou a recomendar-lo, veja lá, pois nunca recomendo ninguém . O cavalheiro que tenho em mente é um certo senhor Matthew Pocket.”

Ah! Reconheci o nome imediatamente. O parente da sra. Havisham . O Matthew de quem a sra. Camilla e o sr. Camillo haviam falado. O Matthew que deveria ficar à cabeceira da sra. Havisham , quando ela estivesse morta, com seu vestido de noiva, estendida na mesa da festa nupcial.

“O senhor reconhece o nome?”, perguntou o sr. Jaggars, dirigindo-me um olhar arguto, e depois fechando os olhos enquanto aguardava minha resposta.

Minha resposta foi que eu já ouvira aquele nome, sim .

“Ah!”, exclamou ele. “O senhor já ouviu o nome. Mas a pergunta é: o que o senhor pensa dele?”

Respondi, ou tentei responder, que lhe agradecia muito a recomendação... “Não, meu jovem amigo!”, ele interrompeu, sacudindo a cabeça bem

vagarosamente. “Lembre o que eu disse!”

Não lembrou, com efeito de novo a dizer que lhe agradecia muito a recomendação...

“Não, meu jovem amigo”, ele interrompeu, sacudindo a cabeça, franzindo a testa e sorrindo ao mesmo tempo, “não, não e não; está muito bem dito, mas nada disso; o senhor é muito jovem para fazer isso comigo. Recomendação não é a palavra, senhor Pook. Tente outra.”

Corrigindo-me, disse então que lhe agradecia muito por mencionar o sr. Matthew Pooket...

“Melhorou!”, exclamou o sr. Jaggars.

...E (acrescentei) eu gostaria de experimentar o cavalheiro em questão. “Muito bem. Melhor experimentá-lo na casa dele. Tudo será providenciado,

e o senhor falará primeiro com o filho dele, que está em Londres. Quando é que o senhor irá a Londres?”

Respondi (olhando de relance para Joe, que assistia a tudo, imóvel) que imaginava poder ir imediatamente.

“Antes”, disse o sr. Jaggery, “o senhor vai precisar de roupas novas, e não devem ser roupas de trabalho. Digam os dentro de um a semana. O senhor vai precisar de dinheiro. P oosso lhe dar vinte guinéus?”

Sacou um a bolsa com prida, com a maior naturalidade, contou o dinheiro na mesa e depois o empurrou em minha direção. Foi a primeira vez que ele tirou a

perna de cima da cadeira. Ficou escarrapachado sobre a cadeira depois que empurrou o dinheiro, a balançar a bolsa e encarar Joe.

“Bem , Joe Gargery ? Parece aparvalhado?” “E estou mesmo!”, disse Joe, muito decidido.

“Ficou estabelecido que o senhor não queria nada para si, lembra?”

“Ficou estabelecido”, disse Joe. “E continua estabelecido. E assim há de ficar.” “Mas”, disse o sr. Jaggery, balançando a bolsa, “e se eu tivesse sido instruído

a lhe dar um presente, com o que com pensação?” “Para com pensar o quê?”, perguntou Joe. “A perda dos serviços do senhor Pip.”

Joe pousou a mão no meu ombro com um toque feminino. Desde então tenho pensado nele muitas vezes assim , com o martelo-pilão, que pode esmagar um homem ou tocar numa casca de ovo, em sua combinação de força com delicadeza. “O Pip”, disse Joe, “pode levar os serviços dele para adonde ele quiser, em

busca de honra e fortuna, nem é preciso falar. Mas se o senhor acha que tem dinheiro nesse mundo... capaz de com pensar... a perda de um menino... que veio pra ferraria... e o melhor amigo que há!...”

Ah, meu querido Joe, que eu estava disposto a abandonar tão prontamente sem sequer agradecer, vejo-te outra vez, com teu braço musculoso de ferreiro cobrindo os olhos, e teu peito largo arquejando, e tua voz morrendo aos poucos. Ah, querido, bom, fiel e terno Joe, sinto o tremor amorooso de tua mão em meu braço, tão solene ainda hoje e como se fosse o roçar da asa de um anjo!

Mas na hora dei força a Joe. Estava eu perdido nos labirintos de minhas fortunas futuras, e não podia reencontrar as veredas que haviam os trilhado juntos. Implorei-lhe que se sentisse confortado, pois (como ele mesmo dizia) sempre haviam os sido os melhores amigos, e (como eu dizia) assim seriam os para sempre. Joe passou o punho livre nos olhos, como se quisesse arrancá-los, mas não disse mais nada.

O sr. Jaggery assistia à cena como se visse em Joe o bobo da aldeia, e em mim a pessoa que dele cuidava. Quando terminou, ele disse, sopesando a bolsa que havia parado de balançar:

“Bem, Joe Gargery, aviso-lhe que esta é a sua última oportunidade. Comigo não há medidas. Se quer aceitar o presente que fui encarregado de lhe dar, diga, e ele será seu. Se, pelo contrário, o senhor quer dizer...” Neste ponto, para grande

espanto seu, ele foi interrompido por Joe, que dele se aproximou dando todas as mostras de estar cheio de terríveis intenções pugilistas.

“O que eu quero dizer”, exclamou Joe, “é que se o senhor entra na minha casa me provocando e me desafiando, vá lá pra fora! Quero dizer que se o senhor é homem, pode vir! Quero dizer que o que eu digo, eu digo mesmo, e é pra valer, sim senhor!”

Afastei Joe, e ele imediatamente acalmou-se; limitou-se a me dizer, do modo mais amigável e polido, apenas a título de informação dirigida a quem interessar pudesse, que ele não ia deixar que o provocassem e incitassem em sua própria casa. O sr. Jagers havia se levantado quando Joe se abespinhou, e recuara em direção à porta. Sem manifestar nenhuma inclinação de voltar a entrar, ali mesmo fez seus comentários finais. Disse então:

“Pois bem, senhor Pip, creio que quanto mais cedo o senhor se for em bora daqui — já que vai se tornar um cavalheiro — melhor. O senhor pode pegar um carro de aluguel na estação da diligência em Londres, e vir direto até mim. Com prenda que não manifesto qualquer opinião, contra ou a favor, em relação à tarefa que me foi imposta. Estou sendo pago para desempenhá-la, e assim o faço. Com prenda isso, por fim. Com prenda isso!”

Ele apontava o dedo para nós dois, e creio que teria continuado a fazê-lo, se não lhe parecesse que Joe oferecia perigo, e por isso foi-se em bora.

Surgiu-me um a ideia na cabeça que me levou a sair correndo atrás do sr. Jaggars, que já seguia para a Três Barqueiros, onde havia deixado um a carruagem de aluguel.

“Com licença, senhor Jaggars.”

“Mas sim !”, exclamou ele, virando-se para trás. “O que foi?”

“Eu queria-me certificar de um a coisa, senhor Jaggars, e respeitar as suas instruções; por isso achei-me melhor perguntar. Haveria algum problema se eu-me despedisse de um a pessoa que conheço, daqui, antes de ir em bora?”

“Não”, respondeu ele, com o se não estivesse-me entendendo direito. “Não-me refiro a alguém cá na aldeia, mas na cidade?”

“Não”, disse ele. “Problema nenhum.”

Agradei e voltei para casa correndo, e lá constatei que Joe já havia trancado a porta da frente e saído da sala de visita de cerimônia, e estava sentado junto à lareira da cozinha com um a mão em cada olho, contemplando fixamente as brasas ardentes. Também eu sentei-me junto ao fogo e fiquei a olhar para as brasas, e ninguém disse nada por um bom tempo.

Minha irmã estava em sua poltrona no canto, e Bidly costurava diante da lareira, e Joe estava ao lado de Bidly, e eu estava ao lado de Joe no canto em frente ao de minha irmã. Quanto mais eu olhava para as brasas ardentes, mais difícil me era olhar para Joe; quanto mais se prolongava o silêncio, mais difícil me era falar. Por fim, consegui dizer: “Joe, contaste à Bidly?”

“Não, Pip”, retrucou Joe, ainda olhando para a lareira, e segurando os olhos com força, como se tivesse sido informado de que eles pretendiam escapular, “deixei isso pra ti, Pip.”

“Eu preferia que tu falasses, Joe.”

“O Pip é um cavalheiro de fortuna”, disse Joe, “e que Deus o abençoe!” Bidly largou a costura e olhou para mim. Joe segurava os olhos e olhava

para mim. Olhei para os dois. Depois de uma pausa, ambos me felicitaram efusivamente; mas havia um certo toque de tristeza naquelas felicitações que me incomodou deveras.

Fiz questão de deixar claro para Bidly (e, através dela, para Joe) que era da maior importância que meus amigos não soubessem nada e não dissessem nada a respeito do responsável pela minha fortuna. A coisa viria à tona quando fosse a hora, observei, e nesse ínterim nada deveria ser dito, apenas que eu tinha agora grandes esperanças, graças a um misterioso protetor. Bidly fez que sim, pensativa, olhando para a lareira, enquanto retomava o

trabalho, e disse que seria muito sigilosa; e Joe, ainda contendo os olhos, disse: “Isso, e eu também vou ser

muito sigiloso, Pip”; em seguida, os dois me felicitaram outra vez, e manifestaram tanto espanto diante da ideia de que eu agora era um cavalheiro, que seu espanto não me agradou nem um pouco.

Em seguida, Bidy não me deu esforços para dar a minha irmã alguma ideia do que havia ocorrido. Não me entendi, essas tentativas fracassaram por completo. Ela riu e balançou a cabeça muitas vezes, e chegou mesmo a repetir, instigada por Bidy, as palavras “Pip” e “propriedade”. Mas creio que nelas havia tanto sentido quanto num bordão eleitoral, e não posso imaginar um indicador mais terrível de seu estado mental.

Não teria acreditado que tal era possível se não o tivesse vivido, mas, à medida que Joe e Bidy voltavam a ficar mais alegres e tranquilos, tornei-me um tanto melancólico. Insatisfeito com minha fortuna, certamente eu não estava; é possível, porém, que eu estivesse, sem ter plena consciência disso, insatisfeito comigo mesmo.

Fosse com o fosse, permaneci sentado com o cotovelo apoiado no joelho e o rosto na mão, contemplando o fogo, enquanto os dois falavam sobre minha partida, e o que fariam sem mim, e coisas assim. E sempre que surpreendia um deles olhando para mim,

ainda que do modo mais simpático (e eles olhavam para mim a toda hora — principalmente Bidy), eu me sentia ofendido: com o se eles estivessem exprimindo alguma desconfiança em relação a mim. Muito embora Deus saiba que eles já mais fizeram tal coisa, nem por palavras nem por sinais.

Nesses momentos eu me levantava, ia até a porta e olhava para a rua, pois a porta de nossa cozinha dava direto para a noite, e ficava aberta nas noites de verão para arejar o recinto. Até as estrelas para as quais eu levantava a vista me pareciam, creio eu, meras estrelas pobres e humildes, por lançarem seu brilho sobre os objetos rústicos em meio aos quais eu vivera minha vida.

“Hoje é sábado”, disse eu, quando nos sentamos à mesa para jantar pão com queijo e cerveja. “Mais cinco dias, e então vamos estar na véspera do grande dia! Eles vão passar depressa.”

“É, Pip”, observou Joe, com uma voz que parecia vazia dentro do caneco de cerveja. “Vai passar depressa.”

“Muito, muito depressa”, disse Bidy.

“Estive pensando, Joe, que quando eu for à cidade na segunda-feira, para ir andar fazer roupas novas, é melhor dizer ao alfaiate que vou experimentar-las lá mesmo, ou então pedir que elas sejam entregues na casa do senhor Plumblehook. Aqui todo mundo ficaria me olhando, o que seria muito desagradável.”

“O senhor e a senhora Hubble tam bém iam gostar de te ver com tua nova aparência distinta, Pip”, disse Joe, laboriosam ente cortando seu pão, já com o queijo, na palma da mão esquerda, e olhando de relance para meu jantar ainda intacto com o se relembrasse o tempo em que com parávam os nossas fatias. “E o Wopsle tam bém . E o pessoal da Três Barqueiros iam ficar sastifeito.”

“É justam ente o que eu não quero, Joe. Eles fariam tam anho escarcéu — de um jeito tão grosseiro e vulgar — que eu não ia aguentar a mim mesmo.”

“Ah, sim , Pip!”, respondeu Joe. “Se tu não ias aguentar a ti mesmo...”

Biddy perguntou-me e então, enquanto segurava o prato de minha irmã: “Já pensaste em quando vais te apresentar ao senhor Gargery, e à tua irmã, e a mim ? Vais te apresentar a nós, não vais?”.

“Biddy ”, retruquei, um tanto ressentido, “tu és tão incrivelmente rápida que é difícil acompanhar-te.”

(“Ela sempre foi rápida”, observou Joe.)

“Se tivesses esperado mais um instante, Biddy, me ouvirias dizer que vou trazer minhas roupas aqui numa trouxa um a noite — provavelmente na véspera da minha partida.”

Biddy não disse mais nada. Perdoando-a com generosidade, despedi-me e afetuosa mente dela e de Joe, e fui-me deitar. Quando entrei em meu quarto, sentei-me e olhei por um bom tempo para aquele quarto estreito e vulgar do qual em breve eu me afastaria, para ficar muito acima dele, para sempre. Ele era mobiliado com lençóis brancos frescos e jovens também, e naquele exato momento me vi no mesmo estado de confusão, dividido entre ele e os quartos melhores que seriam meus no futuro, tal como me sentira tantas vezes dividido entre a ferraria e a casa da sra. Havisham, entre Biddy e Estella.

O sol passara todo o dia batendo forte no telhado de meu sótão, e o quarto estava quente. Abri a janela e fiquei a olhar para fora, quando vi Joe sair com passos lentos da porta escura lá em baixo, e dar um a ou duas voltas para tomar ar; e depois vi Biddy sair também, trazendo um cachimbo e fogo para ele. Joe nunca fumava tão tarde da noite, e tive a impressão de que ele precisava ser confortado, por algum motivo.

Depois de algum tempo ele parou à porta, imediatamente abaixo de mim, fumando seu cachimbo, e Biddy ficou a seu lado, falando-lhe em voz baixa, e eu sabia que eles conversavam sobre mim, pois ouvi meu nome mencionado com ternura pelos dois, mais de uma vez. Eu não queria ouvir mais, mesmo se pudesse escutar o que diziam: assim, afastei-me da janela e sentei-me em minha única cadeira junto à cama, achando muito triste e

estranho que esta primeira noite de minha vida nova fosse a noite mais solitária que eu já mais vivera.

Olhando em direção à janela aberta, eu via espirais de luz vindas do cachimbo de Joe a pairar no ar, e imaginei que eram uma espécie de bênção de Joe — não imposta a mim, nem exibida diante de mim, porém espalhando-se pelo ar que compartilhávamos. Apaguei minha luz e deitei-me; e agora aquela cama era intranquila, e nunca mais voltei a dormir nela em meu velho sono profundo.

* Submetida a um interrogatório detalhado: no original, cross-examined, isto é, submetida a um interrogatório pela parte adversa: as testemunhas de acusação devem ser interrogadas também pelo advogado de defesa, e as testemunhas de defesa, pelo promotor. (n. t.)

CAPÍTULO XIX

A manhã fez uma diferença considerável na minha visão geral da vida, tornando-a tão mais positiva que nem parecia a mesma de antes. O que mais me pesava era a consciência de que seis dias ainda me separavam do dia da partida; pois eu não conseguia me livrar da apreensão de que alguma coisa poderia acontecer com Londres nesse ínterim tal que, quando eu chegasse lá, a cidade ou estaria muito deteriorada ou simplesmente teria desaparecido.

Joe e Biddy eram muito carinhosos e agradáveis sem que eu lhes falava sobre nossa separação próxima, mas só se referiam a ela quando eu o fazia. Depois do desjejum, Joe pegou meu contrato de aprendizagem, guardado no armário na sala de visitas de cerimônia, e o pusei no fogo, e senti que estava livre. Com toda a novidade de minha emancipação ardendo em mim, fui à igreja com Joe, e pensei que talvez o pastor não tivesse lido aquela passagem sobre o

rico e o reino dos céus,¹ se ele estivesse sabendo de tudo.

Após almoçarmos cedo, saí para caminhar sozinho, com o objetivo de me despedir do charco logo de uma vez. Quando passei pela igreja, senti (como havia sentido durante o culto naquela manhã) uma coisa com paixão sublime e pelas pobres criaturas que

estavam fadadas a ir lá, domingo após domingo, durante todas as suas vidas, para por fim repousarem, obscuras, em meio àqueles montículos verdes. Prometi a mim mesmo o que faria algum dia coisa por elas um dia desses, e esbocei o plano de conceder um almooço com posto de carne assada e pudim de passas, uma garrafa de cerveja e um galão de condescendência a cada habitante da aldeia.

Se eu pensara muitas vezes antes, com algo próximo à vergonha, em minha complicity com o fugitivo que eu virava mancando em meio àquelas sepulturas, que pensamentos teria eu naquele domingo, quando o lugar me fez pensar no miserável, esfarrapado e tiritando, com seus grilhões e distintivo de forçado! O que me tranquilizava era que a coisa acontecera muito tempo antes, e que ele certamente já teria sido degredado anos antes, e que estava morto para mim, e podia muito bem estar morto de verdade.

Nunca mais aquelas várzeas alagadas, nunca mais os diques e eclusas, nunca mais aquele gado a passar — em bora essas coisas parecessem, à sua maneira tediosa, ostentar um ar mais respeitoso agora, e virar-se para olhar-me, para contemplar pelo máximo de tempo possível o detentor de tão grandes esperanças — adeus, monótonos conhecidos de minha infância; doravante cabiam-me

Londres e a grandeza: e não a ferraria e vós! Cam inhei exultante até a bateria, e,

deitando-me e para cogitar se a sra. Havisham me destinava a Estella, adormeci.

Quando acordei, constatei com muita surpresa que Joe estava sentado a meu lado, fumando seu cachimbo. Ele me saudou com um sorriso alegre quando abri os olhos, e disse:

“Com o que era a última vez, Pip, resolvi ir atrás.” “Pois, Joe, fizeste muito bem.”

“Obrigado, Pip.”

“Podes ter certeza, meu querido Joe”, prossegui, depois que trocamos um aperto de mãos, “que nunca vou me esquecer de ti.”

“Não, não, Pip!”, disse Joe, num tom tranquilo, “disso eu tenho certeza.

Claro, claro, meu velho! Deus te abençoe, disso, depois que entra na cabeça da gente, não pode haver dúvida, não. Mas levou um tempo pra entrar, porque a mudança foi tão derrepente, não é?”

Por algum motivo, não fiquei muito feliz de ver que Joe se sentia tão seguro em relação a mim. Eu preferiria que ele manifestasse alguma emoção, ou dissesse: “Que bom que dizes isso, Pip”, ou algo assim. Assim, eu nada disse a respeito do primeiro com

entário de Joe, limitando-me a observar, sobre o segundo, que as coisas realmente haviam acontecido de modo repentino, mas que eu sempre quisera ser um cavalheiro, e muitas vezes me pusera a especular sobre o que eu faria se de fato fosse um cavalheiro.

“Pensaste mesmo?” , exclamou Joe. “Espantoso!”

“É uma pena, Joe”, comentei, “que tu não progrediste um pouco mais, quando tínhamos as nossas lições aqui, não é?”

“Ah, não sei, não”, retrucou ele. “Eu sou muito bronco. Só entendo mesmo do meu ofício. Sempre foi uma pena eu ser tão bronco; mas agora não é mais do que era — um ano atrás — não vê?”

O que eu queria dizer era que, quando me apoderasse de minha propriedade e pudesse fazer alguma coisa por Joe, seria muito mais agradável se ele estivesse mais qualificado para uma ascensão social. Ele não percebeu em absoluto o que eu queria dizer, porém, tanto assim que achei melhor falar depois com Biddy .

Assim, depois que voltamos para casa e tomamos o chá, levei Biddy para nosso pequeno jardim perto da rua e, depois de dizer em termos gerais, com o intuito de animá-la, que já mais me esqueceria dela, acrescentei que tinha um favor a lhe pedir.

“E o que te peço, Biddy”, prossegui, “é que já mais percas uma oportunidade de ajudar o Joe a progredir um pouquinho.”

“Ajudá-lo a progredir, com o assim?” perguntou Bidy, com um olhar fixo. “Bem! O Joe é uma pessoa adorável — eu diria até que é a pessoa mais

adorável que já existiu — mas é um tanto atrasado sob certos aspectos. Por exemplo, Bidy, quanto à sua instrução e suas boas maneiras.”

Embora eu estivesse olhando para Bidy enquanto falava, e embora ela arregalasse os olhos bastante depois que falei, Bidy não olhou para mim.

“Ah, as boas maneiras dele! Então elas não servem?”, perguntou Bidy, arrancando uma folha de groselheira-preta.

“Minha cara Bidy, elas servem muito bem aqui...”

“Ah! Elas servem muito bem aqui?”, interveio Bidy, olhando com atenção

para a folha que segurava.

“Ouve-me — mas se eu levasse Joe para uma esfera mais elevada, com o espero fazer quando tiver total controle sobre minha propriedade, elas não lhe fariam justiça.”

“E tu pensas que ele não sabe disso?”, perguntou ela.

Era uma pergunta tão provocadora (pois já mais me ocorrera nem de longe)

que reagi, irritado: “Bidy, o que queres dizer?”.

Tendo esmagalhado a folha entre os dedos — e desde então o cheiro de uma groselheira-preta sempre me evoca para mim aquela tarde no jardimzinho perto da rua — Biddy perguntou: “Nunca te ocorreu que ele possa ter orgulho?”.

“Orgulho?”, repeti, com uma ênfase desdenhosa.

“Ah! Há muitos tipos de orgulho”, disse Biddy, encarando-me e sacudindo a cabeça; “o orgulho não é de apenas um tipo...”

“Sim? Por que paraste?”, insisti.

“Não é de apenas um tipo”, retomou Biddy. “Ele pode ser orgulhoso demais para deixar que o tirem de um lugar que ele tem competência para ocupar, e ocupar bem e com respeito. Para te dizer a verdade, acho que ele tem orgulho, sim: ainda que pareça pretensão minha dizer-te isso, pois tu o conheces muito melhor do que eu.”

“Ora, Biddy”, repliquei, “lá me veio muito ver isso em ti. Não esperava vê-lo. Tu tens inveja, Biddy, e ressentimento. Estás insatisfeita por ter eu subido na vida, e não consegues não demonstrá-lo.”

“Se és capaz de pensar assim, podes dizê-lo”, devolveu Biddy. “Podes dizê-lo. Podes dizê-lo vez após vez, se és capaz de pensar assim.”

“Se tu és capaz de ser assim , é o que queres dizer, Biddy ”, retruquei, num tom virtuoso e superior; “não o atribuas a mim . Lam ento muito ver isso, que é... é um lado ruim da natureza humana. Eu realmente pretendia pedir-te que aproveitasse qualquer oportunidade que tivesses depois de minha partida, de ajudar meu querido Joe a progredir. Mas, depois disso, não te peço nada. Lam ento muitíssimo ver isso em ti, Biddy ”, repeti. “É um ... é um lado ruim da natureza humana.”

“Não importa se me condenas ou se me aprovas”, retrucou a pobre Biddy, “podes sempre contar comigo, pois vou tentar fazer tudo que posso, sempre. E, qualquer que seja a opinião que tenhas de mim , isso não vai alterar nada minha lealdade de ti. Mas um cavalheiro não deve ser injusto”, disse Biddy, virando o rosto.

Mais uma vez, repeti com ênfase que aquilo era um lado ruim da natureza humana (um sentimento que, malgrado a má aplicação no caso, verifiquei posteriormente ser correto), e me afastei de Biddy enquanto ela voltava para dentro de casa, e saí pelo portão do jardim e fiquei a caminhar, desanimado, até a hora do jantar, mais uma vez achando que era muito triste e estranho que aquela noite, a segunda da minha nova vida, fosse tão solitária e frustrante quanto a primeira.

Amãhã, porém , mais uma vez tornou minha visão mais positiva, e estendi minha clemência a Biddy, e não tocamos os mais

no assunto. Vestindo as melhores roupas que tinha, fui à cidade assim que me pareceu que as lojas já estariam

abertas e apresentei-me ao sr. Trabb, o alfaiate: ele estava tomando seu desjejum na sala de visita nos fundos de sua loja, e não achou que valia a pena sair para me atender, preferindo chamar-me para ir até ele.

“Sim!”, exclamou o sr. Trabb, com uma cordialidade superficial. “Com o vai, e com o posso ajudá-lo?”

O sr. Trabb havia cortado seu pão quente em três colchõezinhos separados, e estava passando manteiga entre os cobertores, e juntando-os. Era um solteirão próspero, e a janela aberta de sua sala dava para um jardimzinho e um pomar prósperos, e havia um próspero cofre de ferro encaixado na parede ao lado da lareira, e eu não tinha dúvida de que sua prosperidade estava guardada ali dentro, em sacos.

“Senhor Trabb”, disse eu, “é uma coisa desagradável de se dizer, porque pode parecer que estou me gabando; mas herdei uma propriedade considerável.” Uma mudança ocorreu no sr. Trabb. Ele esqueceu a manteiga sobre a cama, levantou-se da cabeceira e limpou os dedos na toalha de mesa, exclamando:

“Valha-me Deus!”.

“Vou ter com meu tutor em Londres”, disse eu, tirando do bolso alguns guinéus, com um gesto displicente, e olhando para eles, “e

quero umas roupas boas pra levar nessa viagem . Queria pagar por elas” — acrescentei, para que ele não pensasse que eu estava apenas fazendo de conta — “adiantado.”

“Meu caro senhor”, disse o sr. Trabb, curvando-se respeitosamente, abrindo os braços e tomando a liberdade de tocar-me nos dois cotovelos, “não me constranja mencionando tal coisa. O senhor me permite que o congratule? O senhor me faria o obséquio de entrar na minha loja?”

O empregado do sr. Trabb era o mais audaz de toda a região. Quando entrei, ele estivera a varrer a loja, e para tornar mais agradável sua tarefa ele varreram também . Continuava varrendo quando voltei à loja com o sr. Trabb, e ele esbarrou a vassoura em todos os cantos e obstáculos, para deixar claro (foi assim que entendi) que ele estava à altura de qualquer ferreiro, vivo ou morto.

“Para com esse barulho”, exclamou o sr. Trabb, com a maior severidade, “senão eu te arranco a cabeça! Faça-me o obséquio de sentar-se, meu senhor. Isto aqui”, disse o sr. Trabb, pegando um corte de tecido e abrindo-o sobre o balcão, preparando-se para pô-la mão debaixo dele para mostrar o brilho, “é artigo de primeira. Posso recomendar-lo ao senhor, porque realmente é da maior qualidade. Mas vou lhe mostrar outros também . Pega cá o número quatro!” (Dirigindo-se ao rapaz, e com um olhar de severidade

terrível: prevendo o perigo de que aquele m alfeitor roçasse o corte de tecido em m im , ou desse algum outro sinal de fam iliaridade.)

O sr. Trabb não tirou o olho severo do rapaz enquanto este não pôs o núm ero quatro no balcão e se afastou a um a distância prudente. Então lhe ordenou que trouxesse o núm ero cinco e o núm ero oito. “E não m e venhas com tretas”, disse o sr. Trabb, “senão vais te arrepender, seu sacripantazinho, ah, se não vais.”

Em seguida, o sr. Trabb debruçou-se sobre o núm ero quatro, e num a espécie de confiança respeitosa recom endou-o a m im com o um artigo leve para uso no verão, m uito em voga entre os nobres, e que seria um a honra para ele saber que um distinto conterrâneo (se lhe fosse perm itido conceder-m e tal título) o havia

usado. “Vais m e trazer os núm eros cinco e oito, seu tratante”, disse o sr. Trabb ao em pregado depois disso, “ou vou ter que expulsar-te da loja a pontapés e ir pegá- los eu m esm o?”

Escolhi o tecido para um terno, com a aj uda do sr. Trabb, e voltei à sala para que ele m e tom asse as m edidas. P ois, em bora o sr. Trabb já tivesse m inhas m edidas, e antes estivesse perfeitam ente satisfeito com elas, ele disse, com o se pedindo desculpas, que elas “não servem nas atuais circunstâncias, m eu senhor

— não servem em absoluto”. Assim , o sr. Trabb m ediu-m e e calculou-m e, na sala, com o se eu fosse um terreno e ele, um agrim ensor de escol, e o fez com tam anhos escrúpulos que tive a im

pressão de que não havia roupa no mundo que pudesse compensar tanto trabalho. Quando terminou por fim, e ficou acertado que os artigos seriam enviados à casa do senhor P um blechook na tarde de quinta-feira, ele disse, com a mão na porta da sala: “Eu sei, meu senhor, que não se pode exigir que os cavalheiros londrinos frequentem lojas das províncias; mas se o senhor pudesse me prestigiar de vez em quando, na qualidade de conterrâneo, eu ficaria muito grato. Bom dia, meu senhor, e muito obrigado. — Porta!”.

A última palavra foi gritada para o empregado, que não atinara em absoluto com seu significado. Mas vi que ele desabou ao ver seu patrão desfazer-se em mesuras ao despedir-se de mim, e minha primeira experiência decisiva com o poder estupendo do dinheiro foi verificar que ele moralmente derrubou o empregado do sr. Trabb.

Depois desse evento memorável, fui ao chapeleiro, e ao sapateiro, e ao

vendedor de meias, e me senti com o cachorro da velha Hubbard,² cujo traje exigia os serviços de tantos artesãos. Fui também ao escritório do serviço de diligências para reservar um lugar no carro das sete da manhã de sábado. Não era necessário explicar em todos os lugares que eu havia herdado uma propriedade considerável; mas sempre que eu mencionava o fato, a atenção do comerciante em questão deixava de se desviar

para a janela da rua e concentrava-se em mim. Tendo encomendado tudo que queria, dirigi-me à casa de P um blechook, e, ao aproximarme da casa de comércio desse cavalheiro, vi-o parado à porta.

Ele me aguardava com muita impaciência. Havia saído cedo em sua carruagem, fora até a ferraria e ouvira a notícia. Tinha preparado um lanche para mim na sala da leitura de Barnwell, e também ele deu ordem a seu

empregado que “saísse do caminho” quando minha sagrada pessoa passou a seu lado.

“Meu caro amigo”, disse o sr. P um blechook, tomando minhas duas mãos, quando eu, ele e o lanche estávamos os três, “eu te felicito pela sua boa sorte. Bem merecido, bem merecido!”

Isso era relevante, e pareceu-me uma maneira sensata de se exprimir.

“E pensar”, disse o sr. P um blechook, depois de fungar em admiração a mim por alguns momentos, “que fui eu o humilde instrumento que levou a isso, é uma recompensa de que me orgulho.”

Implorei ao sr. P um blechook que se lembrassem de que nada poderia ser dito ou insinuado quanto a esse assunto.

“Meu querido amigo”, disse o sr. P um blechook, “se me permites que o trate assim ...”

Murmurei: “Certamente”, e o sr. P um blechook tomou em suas mãos outra vez, e com uniu um ovo em seu colete, o qual tinha uma aparência emocional, embora fosse um tanto baixo: “Meu querido amigo, podes confiar em mim que farei o pouco de que sou capaz na tua ausência, lembrando o Joseph desse fato. — O Joseph!”, exclamou o sr. P um blechook, no tom de uma adjuração passional. “O Joseph!! O Joseph!!!” Em seguida, sacudiu a cabeça e deu um tapinha nela, para exprimir a deficiência de Joseph.

“Mas, meu querido amigo”, disse o sr. P um blechook, “deves estar com fome, deves estar exausto. Senta-te. Eis um frango que mandei vir do Javali, e uma língua que mandei vir do Javali, uma ou duas coisinhas que mandei vir do Javali, que espero tu não desprezes. Mas será que vejo”, disse o sr. P um blechook, levantando-se um instante depois de ter-se sentado, “diante de mim, aquele menino com quem brinquei em sua infância feliz? E posso... posso...?”

A esse “posso?”, cujo sentido era “posso apertar-te a mão?”, consenti, e ele o fez com fervor, e depois voltou a sentar-se.

“Eis o vinho”, disse o sr. P um blechook. “Bebamos, agradecendo à Fortuna, e que ela sempre escolha seus favoritos com o meu critério! E, no entanto, não posso”, disse o sr. P um blechook, levantando-se outra vez, “ver diante de mim uma pessoa... e do

me esmoreço a beber a essa pessoa... sem novamente manifestar.... posso... posso...?”

Respondi que ele podia, sim, e ele apertou-me a mão novamente, e esvaziou seu copo e virou-o de cabeça para baixo. Fiz o mesmo; e se eu próprio me tivesse virado de cabeça para baixo antes de beber, o vinho não teria ido de modo mais direto para a minha cabeça.

O sr. Pumblechook me serviu a asa do fígado e a melhor fatia da língua (agora não eram mais aqueles bicos sem saída de porco), e para si próprio, em termos relativos, não pegou quase nada. “Ah, frango, frango! Nem imaginas”, disse o sr. Pumblechook, apostrofando a ave na travessa, “quando ainda eras um pinto, o que o destino te reservava. Nem imaginas que serviria de alimento, sob este humilde teto, para alguém que... Chamam isto de fraqueza, se quiseres”, disse o sr. Pumblechook, levantando-se mais uma vez, “mas posso... posso...?”

Já estava se tornando desnecessário responder que ele podia, sim, portanto ele o fez de imediato. Com o que repetiu o gesto tantas vezes sem se ferir com minha faca, isso não sei.

“E tua irmã”, prosseguiu, depois de alguns momentos comendo a sério, “que teve a honra de te criar com a mãe! É uma tristeza pensar que ela não pode se dar conta da honra. Posso...”

Vi que ele ia atacar outra vez, e o detive. “Vam os beber à saúde dela”, disse eu.

“Ah!”, exclamou o sr. P um blechook, jogando-se para trás em sua cadeira, flácido de adm iração, “é assim que se conhece um a pessoa, m eu senhor!” (Não sei quem era o senhor em questão, m as certam ente eu não era, e não havia um a terceira pessoa presente.) “É assim que se conhece um a m ente nobre, m eu senhor! Sem pre perdoando, sem pre afável. P ara um a pessoa com um ”, disse o servil P um blechook, pondo sobre a m esa o copo intacto apressadam ente e levantando-se de novo, “pode parecer um a repetição... m as posso...?”

Feito isso, voltou a sentar-se e bebeu à saúde de m inha irm ã. “Não devem os ser cegos”, disse o sr. P um blechook, “para o fato de que ela tinha um gênio difícil, m as podem os crer que as intenções eram boas.”

Mais ou m enos a essa altura, com ecei a observar que ele estava ficando com o rosto verm elho; quanto a m im , eu m e transform ara num grande rosto, encharcado de vinho e ardendo.

Expliquei ao sr. P um blechook que eu gostaria que m inhas roupas novas fossem entregues em sua casa, e ele entrou em êxtase ao saber que eu lhe conferia tal distinção. Expliquei-lhe que era porque eu não queria ser observado na aldeia, e ele cobriu-m e de elogios. Não havia outra pessoa, ele deu a entender, que m

erecesse minha confiança, e — em suma, ele podia? Então perguntou-me e carinhosamente se eu me lembrava de nossa brincadeira infantil de fazer contas, e do dia em que fomos juntos ao tribunal para eu me tornar aprendiz, e de como ele sempre fora meu predileto, meu amigo do peito? Mesmo se eu tivesse bebido dez vezes a quantidade de vinho que bebera, eu teria consciência de que ele jamais fora tal coisa para mim, e no fundo do coração repudiaria tal ideia. E, no entanto, apesar de tudo, lembro que me senti convicto de que eu me enganara muito a seu respeito, e que ele era um sujeito sensato, prático, de bom coração, uma flor de pessoa.

Pouco a pouco, ele foi revelando tanta confiança em mim que começou a pedir meu conselho com relação a seus negócios. Comentei que havia oportunidade para uma grande consolidação e monopólio no comércio de cereais e grãos com base em seu estabelecimento, porém ampliado, tal como já ocorrera antes, naquela região e em qualquer outra. A única coisa que faltava para que fosse conquistada uma grande fortuna, a seu ver, era mais capital. Eram estas as duas palavrinhas: mais capital. Ora, na opinião dele (Pumplechook), se entrasse capital naquele negócio, através de um sócio com anditório, meu senhor — o qual não teria nada a fazer senão entrar, ele próprio ou um seu representante, quando bem entendesse, para examinar os livros — e aparecer duas vezes por ano para embolsar seus

lucros, à taxa de cinquenta por cento — na sua opinião, isso poderia interessar a um jovem cavalheiro que tivesse iniciativa tanto quanto propriedade, seria algo que mereceria sua atenção. Mas o que pensava eu? Ele tinha grande confiança na minha opinião, e o que pensava eu? Dei minha opinião. “Espere aí!” A insistência e a originalidade dessa opinião de tal modo o surpreenderam que ele já não me perguntou se podia trocar um aperto de mãos comigo, porém disse que precisava fazê-lo — e foi o que fez.

Bebem os todo o vinho, e o sr. P um blehook com prometeu-se vez após vez a mim antes Joseph na linha (não sei que linha) e a mim e prestar serviços constantes e eficientes (não sei que serviços). Também me revelou, pela primeira vez em minha vida, e após ter me contado o segredo de maneira extraordinária, que sem pre dissera a mim eu respeito: “Esse menino não é um qualquer, e escrevam o que estou dizendo, a sorte dele não vai ser a de qualquer um, não”. Disse, com um sorriso

lacrimoso, que era curioso pensar nisso agora, e eu concordei com ele. Por fim, saí ao ar livre, com a vaga percepção de que havia algo de inusitado no comportamento da luz solar, e verifiquei que havia chegado até a estrada principal com o sono dormindo, sem me dar conta do caminho.

Lá, fui despertado pela voz do sr. P um blehook a mim e chamar. Estava a uma boa distância de mim na rua ensolarada, fazendo

gestos expressivos para que eu parasse. Parei, e ele se aproximou, ofegante.

“Não, meu caro amigo”, disse ele, depois que recuperou o fôlego.

“Não há com o não fazê-lo. Esta ocasião não vai passar sem essa afabilidade da sua parte.

— Parei, com o meu velho amigo que te quer bem? Posso?”

Trocamos um aperto de mãos pela centésima vez, no mínimo, e ele gritou com um jovem carreteiro para que saísse de minha frente, com a maior indignação. Em seguida, abençoou-me e ficou a acenar para mim até que eu dobrasse a curva da estrada; em seguida, entrei num campo e tirei um longo cochilo à sombra de um arbusto antes de retomar o caminho de casa.

Era pequena a bagagem que eu levaria para Londres, pois poucas de minhas poucas posses eram adequadas à minha nova condição. Porém comeci a fazer as malas naquela mesma tarde, e de modo insensato pus na mala coisas que eu sabia que teriam de ser usadas no dia seguinte, fazendo de conta que não havia um momento a perder.

Assim passaram-se terça, quarta e quinta-feira; e na manhã de sexta fui à casa do sr. Plumblehook, para vestir minhas novas roupas e visitar a sra. Havisham. O sr. Plumblehook cedeu-me seu próprio quarto para que nele eu me vestisse, e nele havia toalhas limpas a enfeitá-lo, expressamente para aquela ocasião.

Minhas roupas me decepcionaram muito, é claro. É provável que toda roupa nova, ansiosamente aguardada, desde que foram inventadas as roupas, sempre tenha ficado aquém das expectativas do dono. Mas depois que vesti meus trajes novos, após cerca de meia hora fazendo uma infinidade de poses diante do limpidíssimo espelho do sr. Pumblechook, numa vã tentativa de ver minhas pernas, eles pareceram-me servir-me melhor. Como era dia de feira numa cidadezinha a cerca de dez milhas da nossa, o sr. Pumblechook não estava em casa. Eu não lhe dissera exatamente quando pretendia ir embora, e o mais provável era que não pudesse trocar um aperto de mãos com ele de novo antes de partir. Isso era de se esperar, e assim saí com minha roupa nova: um ortó de vergonha por ter de passar pelo empregado, e temendo que aquilo me colocasse numa situação de desvantagem, tal como a roupa de domingo de Joe.

Segui em direção à casa da sra. Havisham por vielas secundárias, da maneira mais indireta, e toquei a campainha com dificuldade, porque as luvas deixavam meus dedos rígidos. Sarah Pocket veio abrir o portão, e quase caiu para trás quando me viu tão mudado; e seu rosto de casca de noz mudou de castanho para verde e amarelo.

“Você?”, disse ela. “É você, Deus do céu! O que é que você quer?”

“Vou para Londres, senhora Pocket”, respondi, “e quero-me despedir da senhora Havisham.”

Eu não era esperado, pois ela me deixou trancado no quintal, enquanto ia perguntar se devia me deixar entrar. Após um intervalo bem curto ela voltou e

veio me conduzir até o andar de cima, olhando espantada para mim o tempo todo.

A sra. Havisham estava se exercitando na sala da mesa com prida, apoiando-se em sua bengala. A sala estava iluminada tal com o antes, e ao ouvir-nos chegar ela parou e virou-se. Estava justamente ao lado do bolo de casamento apodrecido.

“Fique aí, Sarah”, disse ela. “Mas sim, Pip?”

“Vou para Londres amanhã, senhora Havisham”, respondi, medindo escrupulosamente minhas palavras, “e imaginei que a senhora não se incomodaria se eu viesse me despedir.”

“Estás muito bem, Pip”, disse ela, gesticulando com sua bengala ao meu redor, como se ela, a fada madrinha que havia causado a mudança em mim, estivesse dando os toques finais.

“Tive muita sorte desde a última vez que a vi, senhora Havisham”, murmurei. “E estou muito grato!”

“Sei, sei!”, disse ela, olhando com prazer para Sarah, que estava desconcertada e invejosa. “Falei com o senhor Jagers. Já estou sabendo de tudo, Pip. Então partes amanhã?”

“Sim, senhora.”

“E foste adotado por um a pessoa rica?” “Sim , senhora.”

“Não identificada?” “Não, senhora.”

“E o senhor Jaggars é seu tutor?” “Sim , senhora.”

A sra. Havisham se deliciava com essas perguntas e respostas, tal era o prazer que lhe dava o desânimo o invejoso de Sarah P ocket. “Muito bem !”, ela prosseguiu; “tens um a carreira prom issora pela frente. Sê bom — sê m erecedor

— segue as instruções do senhor Jaggars.” Olhou para mim , e olhou para Sarah, e a expressão do semblante de Sarah arrancou-lhe do rosto atento um sorriso cruel. “Adeus, Pip! — Teu nome será sempre Pip, tu sabes.”

“Eu sei, sim , senhora Havisham .” “Adeus, Pip!”

Ela estendeu a mão, e ajoelhei-me e levei-a aos lábios. Eu não havia planejado o modo com o me despediria dela; fiz o que me ocorreu naturalmente na hora. Ela olhou para Sarah P ocket com uma expressão de triunfo, e assim deixei minha fada m adrinha, com as duas mãos apoiadas na bengala, em pé no meio da sala fracamente iluminada, ao lado do bolo podre oculto em meio às teias de aranha.

Sarah P ocket conduziu-me escada abaixo, como se eu fosse um fantasma que fosse necessário levar para fora da casa. Não conseguia acostumar-se com minha aparência, e estava

absolutamente atônita. Despedi-me dela: “Adeus, senhora Pocket”; ela, porém, ficou de olhar parado, e parecia não ter consciência de que eu havia falado. Saindo de lá, voltei para a casa de P um blechhook, despi minhas roupas novas, fiz com elas um a trouxa e voltei para minha casa usando as roupas velhas — para dizer a verdade — bem mais à vontade, muito em bora tivesse que carregar a trouxa.

E agora, aqueles seis dias que deveriam ter-se passado tão devagar, haviam voado e terminado, e o dia de amanhã me encarava de modo bem mais direto do que eu podia encará-lo. À medida que as seis noites foram se esvaindo, reduzindo-se a cinco, a quatro, a três, a dois, eu dava cada vez mais valor à companhia de Joe e Bidy. Nessa última noite, vesti as roupas novas, para deliciá-los, e assim fiquei, em todo meu esplendor, até a hora de me deitar. Nessa ocasião, tivemos os um jantar quente, coroados pelo inevitável frango assado, e o arrematamos com um pouco de ponche. Estávamos todos muito tristes, e não nos alegrava nem um pouco a obrigação de fingir alegria.

Ficara com binado que eu partiria de nossa aldeia às cinco da manhã, levando minha mala de mão, e eu havia combinado com Joe que preferia ir em bora sozinho. Creio — e tem o — que isso se devia à ideia que eu formara do contraste que haveria entre mim e Joe se fossemos até a diligência juntos. Eu me convencera a mim mesmo de que nossa combinação não era

conspurcada por tal cálculo; mas quando subi para meu quartinho nessa última noite, senti-me obrigado a admitir que talvez o fosse, e senti um impulso de descer a escada e insistir com Joe para que ele caminhasse comigo na manhã seguinte. Não o fiz.

Durante toda a noite, meu sono espasmódico foi povoado por diligências que iam para o lugar errado em vez de para Londres, e presos aos tirantes ora eram cães, ora gatos, ora porcos, ora homens — já mais cavalos. Viagens fantásticas e fracassadas me ocuparam até que o dia nasceu e os pássaros começaram a cantar. Então me levantei e comecei a me vestir, e sentei-me à janela para olhar para fora pela última vez, e assim adormeci.

Biddy havia se levantado tão cedo para preparar meu desjejum que, em bora eu não chegasse a dormir por uma hora à janela, senti o cheiro da fumaça da cozinha quando acordei de súbito com a terrível impressão de que já devia ser o final da tarde. Mas muito depois disso, e muito depois de ouvir os estalidos das xícaras de chá e estar perfeitamente pronto, faltava-me a resolução para descer a escada. E acabei ficando em meu quarto, a destrancar e desafivelar minha mala e trancá-la e afivelá-la outra vez, até que Biddy me chamou, dizendo que eu estava atrasado.

Foi um desjejum apressado, em que não senti o gosto da comida. Levantei-me depressa, dizendo num tom enérgico, com o se só agora me tivesse ocorrido a ideia: “É, acho que preciso ir!”. Em

seguida, beijei minha irmã, que estava rindo e balançando a cabeça e tremendo em sua cadeira habitual, e beijei Bidy, e abracei o pescoço de Joe. Então peguei minha mala e saí. Vi-os pela última vez quando ouvi um barulho atrás de mim, e voltando-me para olhar vi Joe jogando

um sapato velho⁴ em minha direção e Bidy jogando outro sapato velho. Então parei, para acenar com meu chapéu, e meu querido Joe acenou com o braço forte levantado, gritando com voz rouca: “Hurra!”, e Bidy cobriu o rosto com o avental.

Afastei-me com passos rápidos, pensando que era mais fácil ir embora do que eu pensara, e refletindo que não seria admirável que jogassem um sapato velho atrás da diligência, à vista de todo o mundo na High-street. Assobiei, com o se partir não fosse nada demais. Mas a aldeia estava muito tranquila e silenciosa, e

as névoas leves estavam subindo solenemente, com o se para mostrar-me o mundo, e eu fora tão inocente e pequeno ali, e tudo que havia além da aldeia era tão desconhecido e grande, que no instante seguinte, arfando e soluçando forte, comecei a chorar. Isso se deu junto ao poste indicador ao final da aldeia, e pus a mão nele, dizendo: “Adeus, ó meu querido, querido amigo!”.

Deus sabe que não há por que nos envergonharmos de nossas lágrimas já mais, pois elas são a chuva que cai sobre a poeira da terra que nos cega, descendo sobre nossos corações endurecidos.

Depois de chorar, senti-me melhor do que estava antes — mais triste, mais consciente de minha própria ingratidão, mais delicado. Se eu tivesse chorado antes, teria Joe a meu lado naquele momento.

De tal modo me afetaram aquelas lágrimas, e as que irromperam outra vez durante aquela caminhada silenciosa, que já na diligência, depois que ela saíra da aldeia, cheguei a pensar, com uma dor no coração, se não devia saltar quando parássem os para trocar os cavalos e voltar a pé, para passar mais uma noite em casa e me despedir melhor no dia seguinte. Chegamos à posta, e eu ainda não me decidira, e continuava a pensar, para me confortar, que ainda seria perfeitamente possível saltar e voltar a pé quando parássem os para a segunda muda de cavalos. Enquanto eu me ocupava com essas deliberações, eu imaginava uma semelhança exata entre Joe e um homem que eu via na estrada aproximando-se de nós, e meu coração batia mais forte. Com o se fosse possível ele estar ali!

Mudamos de cavalos outra vez, e mais outra, e agora era tarde demais, e eu estava longe demais, para voltar atrás, e segui em frente. E todas as névoas

havam se dissipado solenemente, e o mundo se abria para mim

.5

fim da primeira parte das grandes esperanças de pip

CAPÍTULO XX

A viagem da nossa cidadezinha à metrópole levava cerca de cinco horas. Passava um pouco do meio-dia quando a diligência de quatro cavalos em que eu ia com o passageiro chegou ao trecho de tráfego pesado na vizinhança da Cross Keys, 1 Wood-street, Cheapside, Londres.

Nós, britânicos, naquela época tinham a certeza de que constituía traição duvidar que tudo que havia de nosso era sem pre o melhor: não fosse por isso, em bora me assustasse aimensidão de Londres, creio que teria me ocorrido uma impressão vaga de que a cidade era feia, torta, estreita e suja.

O sr. Jagers me havia enviado seu endereço; era em Little Britain, e ele acrescentara em seu cartão: “logo depois de Smithfield, e perto da estação da diligência”. No entanto, um cocheiro de fiacre, que parecia usar tantos minutos por cima do sobretudo seboso quantos anos tinha de idade, colocou-me dentro de sua carruagem e espremeu-me dentro dela com uma escadinha dobrável, que tinha e estalava, como se fosse levar-me numa viagem de cem quilômetros. Para subir em sua boleia, a qual, lembro-me bem, era enfeitada com um pano verde-ervilha, velho, reduzido a um farrapo pelas traças, ele levou um tempo

considerável. Era uma carruagem maravilhosa, com seis grandes diademas pintados no exterior, e umas coisas esfarrapadas atrás para não sei quantos lacaios nelas se segurarem, e um rastelo por baixo, para impedir que lacaios e adores caíssem em tentação.

Mal tive tempo de aproveitar o fiacre e pensar que ele era muito semelhante a um celeiro de feno, e, no entanto, lembrou também um belchior, e me perguntar por que motivo as cevadeiras dos cavalos eram guardadas dentro dele, quando vi que o cocheiro estava começando a descer, com o se estivessem os prestes a parar. E foi o que de fato aconteceu logo em seguida, numa rua escura, diante de um prédio de escritórios com a porta aberta, onde havia um letreiro pintado: sr. Jaggars.

“Quanto é?”, perguntei ao cocheiro.

Respondeu ele: “Um xelim — a menos que o senhor queira pagar mais”. Naturalmente, retruquei que não queria pagar mais.

“Então há de ser um xelim”, observou o cocheiro. “Não quero meter-me em confusão. Eu conheço esse aí!” Piscou um olho para o nome do sr. Jaggars, e sacudiu a cabeça.

Tendo ele recebido seu xelim, e tendo depois de algum tempo completado a ascensão à sua boleia, e ido em bora (o que aparentemente lhe proporcionou

alívio), entrei na antessala com minha mala e perguntei: o sr. Jaggars estava? “Não está, não”, respondeu o funcionário. “No momento, está no tribunal.

Estou falando com o senhor Pip?”

Informei-lhe que ele estava de fato falando com o sr. Pip.

“O senhor Jaggars mandou dizer para o senhor esperar no gabinete dele. Não sabia quanto tempo ia demorar, por estar com um cliente. Mas como o tempo dele é valioso, não deve demorar mais do que o estritamente necessário.”

Com essas palavras, o funcionário abriu uma porta e me conduziu a um recinto interior. Lá encontram os um cavalheiro caolho, com paletó de belbutina e calções, o qual enxugou o nariz na manga quando sua leitura do jornal foi interrompida.

“Espere lá fora, Mike”, disse o funcionário.

Com ele a dizer que esperava não estar interrompendo — quando o funcionário pôs o cavalheiro para fora com a maior sem-cerimônia, jogando seu boné de pele para ele depois que ele saiu, deixei-me a sós.

O gabinete do sr. Jaggars era iluminado apenas por uma claraboia, e era um lugar muito lúgubre; a claraboia era cheia de remendos excêntricos, lembrando uma cabeça quebrada, e as casas vizinhas distorcidas pareciam estar se torcendo para olhar

para mim através dela. Vi muitos papéis ali do que esperava encontrar; e havia alguns objetos que eu não esperava encontrar — com o um a velha pistola enferrujada, um a espada em bainhada, algumas caixas e em brulhos de aparência estranha e duas máscaras de gesso horrendas numa prateleira, de rostos inchados de maneira inusitada, e narizes retorcidos. A cadeira de espaldar alto do sr. Jagers era de crina, de um negro e mortal, contornada por fileiras de pregos de latão, com o um ataúde; e imaginei-o recostando-se nela, mordendo o indicador para seus clientes. O cômodo era pequeno, e os clientes pareciam ter o costume de encostar-se na parede: pois a parede, especialmente no trecho em frente à cadeira do sr. Jagers, estava enebada pelo contato com muitos ombros. Lembrei, também, que o cavalheiro caolho havia roçado na parede ao sair, quando inocentemente acabei fazendo com que ele fosse expulso dali.

Sentei-me na cadeira dos clientes, situada em frente à do sr. Jagers, fascinado com a atmosfera lúgubre do lugar. Ocorreu-me que o funcionário tinha, tal com o seu patrão, um ar de quem sabe dos podres de todo mundo. Eu me perguntava quantos outros funcionários não haveria no andar de cima, e se todos eles também ostentariam o mesmo domínio deletério sobre seus semelhantes. Eu me perguntava qual seria a história por trás daqueles objetos aleatórios espalhados pela sala, e com o eles haviam chegado ali. Eu me perguntava se aqueles dois rostos

inchados seriam de parentes do sr. Jaggery, e, se ele tivera o infortúnio de possuir dois parentes de tão má aparência, por que motivo eles os colocava naquele poleiro elevado, para servir de pouso a baratas e moscas, em vez de encontrar-lhes um lugar em sua casa. É bem verdade que eu já jamais vivera a experiência de um dia de verão em Londres, e meu ânimo talvez estivesse oprimido pelo ar quente e viciado, e pela poeira e a terra que formavam uma camada espessa sobre todos os objetos. Porém fiquei sentado, pensando e esperando na saleta do sr. Jaggery, até que me dei conta de que não suportava mais ver as duas máscaras na prateleira acima da cadeira do sr.

Jaggery, e assim levantei-me e saí.

Quando expliquei ao funcionário que ia sair para tomar ar enquanto esperava, ele me aconselhou a dar a volta na esquina, pois eu me veria em

Smithfield.³ Assim, cheguei a Smithfield; e aquele lugar vergonhoso, todo coberto de imundície, gordura, sangue e escumada, pareceu grudar-se em mim. Por isso livre-me dele o mais depressa que pude entrando numa rua onde vi a grande cúpula negra da catedral de São Paulo a protuberar por detrás de uma estrutura de pedra sinistra que um transeunte me disse ser a prisão de Newgate. Seguindo ao longo do muro da prisão, observei que a pista estava coberta de palha para atenuar o barulho dos veículos que passavam; e com base nesse fato, e na quantidade de pessoas

que estavam paradas ali, com um hálito pesado de cerveja e aguardente, inferi que havia julgamentos em curso.

Enquanto eu olhava ao meu redor, um agente da justiça extremamente sujeito e parcialmente bêbado perguntou-me se eu gostaria de entrar e assistir a algum julgamento: informando-me que por meia coroa ele poderia indicar-me um lugar na primeira fila, do qual eu teria uma visão desimpedida do presidente do Supremo Tribunal, de peruca e beca — mencionando essa personagem tremenda como se fosse um boneco de cera, e depois de algum tempo oferecendo-o pelo preço reduzido de dezoito pence. Como declinei a oferta

alegando um compromisso, ele teve a bondade de levar-me a um pátio e mostrar-me o lugar onde ficava a forca, e também o lugar onde as pessoas eram publicamente açoitadas, e em seguida levou-me à porta dos devedores, da qual saíam os réus para serem enforcados: atizando-me interesse por aquela porta horrenda ao dar a entender que “quatro deles” sairiam dali dois dias depois às oito da manhã, para serem mortos um depois do outro. Isso era horrível e me proporcionou uma péssima imagem de Londres: ainda mais porque o proprietário do presidente do Supremo Tribunal trajava (desde o chapéu até as botas, passando pelo lenço) roupas usadas que claramente não lhe pertenciam originalmente, e que ele, disso parecia não haver dúvida, comprara barato do verdugo. Sob tais circunstâncias,

pareceu-me e que um xelim era um bom preço para me ver livre dele.

Por assim no escritório para perguntar se o sr. Jaggars já havia chegado, fui informado de que ele ainda tardava, e voltei a sair. Dessa vez, dei uma volta por Little Britain e entrei na Bartholomew Close; e então me dei conta de que havia outras pessoas além de mim aguardando o sr. Jaggars. Dois homens com um ar de segredo faziam hora na Bartholomew Close, a encaixar os pés nas rachaduras da calçada, pensativos, enquanto conversavam, e um deles disse ao outro, quando passaram por mim pela primeira vez, que “Jaggars faria a coisa se fosse possível fazê-la”. Havia um grupo de três homens e duas mulheres parados numa esquina, e uma das mulheres chorava com o rosto enfiado no xale sujo, enquanto a outra a confortava dizendo, enquanto cobria os ombros com o seu próprio xale: “O Jaggars está trabalhando pra ele, Melia, o que mais que você podia querer?”. Um judeuzinho de olhos vermelhos entrou na Close enquanto eu estava por lá, acompanhado de um segundo judeu que o primeiro despachou em alguma missão; e depois que o outro partiu, fiquei a observar o judeuzinho, que era de

temperamento muito nervoso, a dançar uma espécie de giga de ansiedade sob um lambeção, acompanhando seus próprios movimentos, numa espécie de frenesi, com as palavras: “Ah, Jaggars, Jaggars! perto do senhor, os outros não valem nada, eu quero é

Jaggers!”. Esses testem unhos da popularidade de m eu tutor m e impressionaram profundamente, e m inha admiração e m eu espanto aumentaram ainda mais.

Por fim, enquanto eu olhava pelo portão de ferro da Bartholomew Close para Little Britain, vi o sr. Jaggers atravessando a rua, vindo em minha direção. Todos os outros que estavam à espera o viram também ao mesmo tempo, e um a tremenda multidão correu em seu encalço. O sr. Jaggers, pondo uma das mãos em meu ombro e caminhando comigo a seu lado sem me dizer nada, dirigia-se a seus seguidores.

Primeiro, dirigiu-se aos dois homens com ar de segredo.

“A vocês, não tenho nada a dizer”, disse o sr. Jaggers, apontando para eles

com seu dedo. “Não quero saber mais do que já sei. Quanto ao resultado, é uma questão de sorte. Eu lhes disse desde o começo que só dependia da sorte. Vocês pagaram o Wemmick?”

“Juntamos o dinheiro hoje, senhor”, disse um dos homens, sobre isso, enquanto o outro examinava o rosto do sr. Jaggers.

“Não estou lhe perguntando quando vocês juntaram o dinheiro, ou onde, ou mesmo se conseguiram juntá-lo. O dinheiro está com o Wemmick?”

“Sim, senhor”, disseram os dois homens juntos.

“Muito bem ; então podem ir em bora. Não, não quero ouvir nada!”, disse o sr. Jaggars, fazendo sinal para que os dois ficassem para trás. “Se m e disserem um a só palavra, eu largo o caso.”

“Nós pensamos, senhor Jaggars...”, um dos homens começou a dizer, tirando o chapéu.

“Foi justamente o que eu disse para vocês não fazerem”, interrompeu o sr. Jaggars. “Vocês pensaram ! Eu é que penso por vocês, e basta. Se eu precisar de

vocês, sei onde encontrá-los; não quero que vocês me procurem . Não quero ouvir mais nada. Nem uma palavra.”

Os dois homens entreolharam-se enquanto o sr. Jaggars fez sinal para que eles recuassem outra vez, e imediatamente eles ficaram para trás, e não disseram mais nada.

“E agora vocês!”, disse o sr. Jaggars, parando de súbito e virando-se para as

duas mulheres de xale, das quais os três homens haviam se afastado, submissos. “Ah! É você, Amelia?”

“Sou eu, sim , senhor Jaggars.”

“E você está lembrada”, retorquiu o sr. Jaggars, “de que se não fosse eu você não estaria aqui e não poderia estar aqui?”

“Ah, sim , senhor!”, exclamaram as duas mulheres juntas. “Que Deus abençoe o senhor, a gente sabe o disso muito bem !”

“Então”, perguntou o sr. Jaggars, “por que é que vocês estão aqui?”

“O meu Bill, senhor!”, im plorou a mulher que chorava.

“Pois escute o que vou lhe dizer!”, exclamou o sr. Jaggars. “De uma vez por

todas. Se você não sabe que o seu Bill está em boas mãos, eu sei. E se você vier aqui e incomodar com histórias do seu Bill, eu faço de você e do seu Bill um exemplo, e largo mão do caso. Você pagou o Wemmick?”

“Paguei, sim, senhor! Direitinho.”

“Muito bem. Então você já fez tudo que tinha que fazer. Se me disser mais uma palavra — uma única palavra — o Wemmick lhe devolve o seu dinheiro.”

Essa terrível ameaça fez com que as duas mulheres ficassem para trás na mesma hora. Agora só restava o judeu nervoso, que já levava aos lábios a fralda do casaco do sr. Jaggars várias vezes.

“Não conheço este homem!”, disse o sr. Jaggars, no mesmo tom devastador. “O que quer este sujeito?”

“Meu caro senhor Jaggars. O irmão de Abrahão Lazarrus!”

“Quem é ele?”, perguntou o sr. Jaggars. “Largue o meu casaco.”

O petionário, beijando de novo a bainha do casaco antes de soltá-lo, respondeu: “Abrahão Lazarrus, suspeito”.

“Você chegou muito tarde”, disse o sr. Jaggars. “Já estou indo.”

“Déus do céu, senhór Jaggers!”, exclamou o homemzinho nervoso, em palidecendo, “nom me diga que o senhór está contrra Abrraham Lazarrus!”

“Estou”, disse o sr. Jaggers, “e não se fala mais nisso. Saia da minha frente.” “Senhór Jaggers! Méio homem ento apenas! Meu primo foi ter com o senhor Vem meick nésse instante, parra lhe oferecer quaisquer condições. Senhór Jaggers! Um oitavo de um homem ento! Se o senhór se dignar a ser com prrado pela outra parte — a um prresso maior, qualquer que séja! — dinheirra nom é prproblem a! — Senhór Jaggers! — Senhór...”

Meu tutor livrou-se de seu suplicante com suprema indiferença, e deixou-o dançando na calçada com o se o chão estivesse em brasa. Sem outras interrupções, chegam os à antessala, onde encontram os o funcionário e o homem com paletó de belbutina e boné de pele.

“Este é o Mike”, disse o funcionário, levantando-se de seu banco e aproximando-se do sr. Jaggers, num tom confidencial.

“Ah!”, exclamou o sr. Jaggers, virando-se para o homem, o qual puxava um cacho de cabelo caído no meio da testa, com o o Touro na história do Tordo,

puxando a corda do sino;⁴ “o homem vem hoje à tarde. E então?”

“Bom , siô Jaggars”, respondeu Mike, com a voz de quem sofre de um resfriado constante, “deu um m ucado de trabalho, m as acabei achando um que deve servir.”

“Ele está disposto a j urar o quê?”

“Bom , siô Jaggars”, disse Mike, dessa vez enxugando o nariz no boné, “de m odo geral, ele pode j urar qualquer coisa.”

O sr. Jaggars de repente ficou indignadíssim o. “Olhe, eu j á lhe avisei um a vez”, disse ele, apontando o dedo para o cliente apavorado, “que se você voltasse a falar desse j eito aqui, eu faria de você um exem plo. Seu patife infernal, com o é que você ousa dizer isso a m im ?”

O cliente parecia assustado, m as tam bém perplexo, com o se não entendesse o que havia feito de errado.

“Bestalhão!”, disse o funcionário em voz baixa, cutucando-o com o cotovelo.

“P alerm a! P recisa dizer isso assim na cara?”

“Volto a lhe perguntar, seu basbaque”, disse m eu tutor, m uito severo, “de novo, e pela últim a vez: esse hom em que você trouxe aqui está disposto a j urar o quê?”

Mike olhou fixam ente para m eu tutor, com o se tentasse aprender um a lição a partir de seu rosto, e lentam ente respondeu: “Ou

atestar a reputação dele, ou então falar que ficou junto com ele o tempo todo na noite em questão”.

“Agora, tenha cuidado. Qual é a condição social desse homem?”

Mike olhou para o boné, e olhou para o chão, e olhou para o teto, e olhou para o funcionário, e olhou até para mim, antes de começar a responder, nervoso: “A gente vestiu ele de...”, quando então meu tutor explodiu:

“O quê? Você insiste, é?”

(“Bestalhão!”, acrescentou o funcionário novamente, com outra cutucada.) Depois de olhar para todos os lados, impotente, Mike animou-se e

recomeçou:

“Ele está vestido que nem um pasteleiro de respeito. Um espécie de confeitoiro.”

“Está aqui?”, perguntou meu tutor.

“Eu deixei ele”, disse Mike, “sentado num degrau ali na esquina.”

“Faça-o passar por aquela janela, para que eu o veja.”

A janela indicada era a do escritório. Nós três fomos para perto dela, por trás da corredeira de metal, e logo em seguida vimos o cliente passar, com o por acaso, com um indivíduo alto, com cara de assassino, trajando um paletó curto de linho branco com um chapéu de papel. Esse confeitoiro inocente não estava de modo

algum sóbrio, e tinha um olho roxo em recuperação, já ficando esverdeado, o qual estava pintado.

“Diga-lhe que leve em bora essa testem unha im ediatamente”, disse meu tutor ao funcionário, “e pergunte a ele que ideia foi essa de me trazer um sujeito assim.”

Em seguida, meu tutor levou-me a seu gabinete, e enquanto almoçava, em pé, com uma caixa de sanduíche e um frasco de bolso de xerez (ele parecia amassar o próprio sanduíche que comia), informou-se a respeito dos

preparativos que fizera para mim. Eu deveria ir para o “Barnard’s Inn”⁵ e procurar os aposentos do jovem sr. Pocket, onde uma cama fora instalada para mim; eu ficaria com o jovem sr. Pocket até segunda-feira; na segunda-feira eu iria com ele visitar seu pai, para ver se eu gostava de lá. Além disso, meu tutor me disse qual seria minha mesada — era uma quantia muito generosa — abriu uma gaveta e entregou-me alguns cartões de visitas de certos comerciantes com os quais eu deveria obter toda espécie de roupas, e quaisquer outras coisas que eu desejasse. “O senhor vai verificar que seu crédito é bom, senhor Pip”, disse meu tutor, cujo frasco de xerez trespalava com o se fosse um barril inteiro, quando ele rapidamente tomou um gole, “mas dessa maneira poderei verificar suas contas, e cortar suas asas se começar a gastar mais do que pode. É claro que de algum modo o senhor há de acabar fazendo o que não deve, mas disso não tenho culpa.”

Depois que ponderei um pouco essas palavras animadoras, perguntei ao sr.

Jaggers se eu podia ir andar vir um fiacre. Ele respondeu que não valia a pena, pois eu estava bem perto do lugar aonde ia; Wemmick caminharia comigo até lá, se eu o desejasse.

Foi então que compreendi que Wemmick era o funcionário que ficava na antessala. Outro funcionário foi chamado do andar de cima para substituí-lo na sua ausência, e saí com ele para a rua, depois de trocar um aperto de mãos com meu tutor. Encontramos mais um grupo de pessoas esperando lá fora, mas Wemmick passou por elas dizendo-lhes num tom tranquilo, porém decisivo: “Eu lhes garanto que é perda de tempo; ele não tem nada a dizer a nenhum de vocês”; logo as deixamos para trás, e seguimos caminhando lado a lado.

CAPÍTULO XXI

Voltando a vista para o sr. Wem m ick enquanto cam inhávam os, para ver com o ele era à luz do dia, observei que era um hom em seco, de baixa estatura, com o rosto quadrado e im passível, cuj a expressão parecia ter sido entalhada de m odo im perfeito com um cinzel cego. Nele havia algum as m arcas que poderiam ser covinhas, se o m aterial fosse m ais m acio e o instrum ento m ais afiado, m as, sendo ele tal com o era, não passavam de m ossas. O cinzel fizera três ou quatro dessas tentativas de enfeitar-lhe o rosto acim a do nariz, m as desistira sem se esforçar no sentido de aplinar a superfície. Concluí que devia ser solteiro, pois sua cam isa estava puída, e que parecia ter sofrido m uitas perdas, pois usava no m ínim o quatro anéis de luto,¹ além de um broche que representava um a senhora e um salgueiro-chorão diante de um túm ulo em que havia um a urna. Notei tam bém que havia anéis e selos pendendo da corrente de seu relógio, com o se ele arcasse com o fardo de lem branças de am igos falecidos. Tinha olhos que brilhavam — pequenos, penetrantes e negros — e lábios finos, largos e m osqueados; e teria, eu calculava, de quarenta a cinquenta anos.

“Então o senhor nunca esteve em Londres antes?”, perguntou- m e o sr. Wem m ick.

“Não”, respondi.

“Tam bém eu j á fui novo aqui”, disse o sr. Wem m ick. “Engraçado pensar isso agora!”

“Agora o senhor conhece bem a cidade?”

“Ah, conheço, sim ”, respondeu. “Conheço bem suas m anhas.”

“É um lugar m uito pecam inoso?”, perguntei, m ais para dizer algum a coisa do que para pedir um a inform ação.

“P ode-se ser enganado, roubado e assassinado em Londres. Mas há m uitas pessoas em qualquer lugar dispostas a isso.”

“Se houver anim osidade entre a vítim a e o agressor”, com entei, para suavizar um pouco sua observação.

“Ah! Não estou falando em anim osidade”, retrucou o sr. Wem m ick; “não se trata disso. Eles fazem essas coisas para levar algum a vantagem .”

“P ior ainda.”

“O senhor acha?”, indagou o sr. Wem m ick. “Dá no m esm o, m ais ou m enos, a m eu ver.”

Ele usava o chapéu no cocuruto, e olhava bem para a frente: cam inhava de m odo absorto, com o se não houvesse nada nas ruas que m erecesse sua atenção.

Sua boca assemelhava-se a um a caixa de correio, tanto assim que seu sorriso parecia mecânico. Foi só quando chegaram ao alto de Holborn Hill que percebi que era apenas um a semelhança mecânica, pois ele não estava sorrindo em absoluto.

“Sabe onde mora o senhor Matthew Pocket?”, perguntei.

“Sei”, respondeu, indicando com a cabeça a direção. “Em Hammersmith, a oeste de Londres.”

“É longe?”

“Bem ... uns oito quilômetros.” “O senhor o conhece?”

“Mas o senhor parece um promotor num tribunal!”, exclamou o sr. Wemnick, olhando-me com um ar de aprovação. “Conheço, sim. E com o!”

Havia um tom de tolerância ou crítica em suas palavras que me desanimou bastante; e eu continuava a olhar de lado para aquele rosto inflexível, à procura de algum toque mais esperançoso, quando ele disse que haviam os chegado a Barnard's Inn. Meu desânimo não foi aliviado por tal informação, pois eu imaginava que o estabelecimento em questão fosse um hotel administrado por um sr. Barnard, em comparação com o qual o Javali Azul de nossa aldeia não passaria de um botequim. Verifiquei, no entanto, que o tal Barnard não passava de um espírito desencarnado, ou uma ficção, e seu hotel era na verdade um m

insuportável amontoado de prédios reles espremidos numa esquina fétida, para servirem com o um clube para gatos.

Entram os nesse refúgio por um postigo, e foram os vomitados por um corredor inicial numa pracinha melancólica que me pareceu um cemitério plano. Pareceu-me que lá estavam as árvores mais desoladoras, e os jardins mais desoladores, e os gatos mais desoladores, e as casas mais desoladoras (cerca de meia dúzia delas) que eu já não via. Pareceu-me que as janelas dos cômodos em que eram divididas essas casas estavam nos mais variados estados de correções e cortinas esfarrapadas, vasos de plantas aleijados, vidros rachados, abandono em poeirado e arremedo de conserto; e “Aluga-se Aluga-se Aluga-se” encaravam-me eu olhar das salas vazias, como se a elas já não viesse nenhum novo infeliz, e a vingança da alma de Barnard estivesse cumprindo-se pouco a pouco pelo gradual suicídio dos atuais ocupantes e seu enterro profano sob o cascalho do chão. Uma manhã bafienta de fuligem e fumaça vestia essa melancólica criação de Barnard, espargindo cinzas em sua cabeça, e ela penitenciava-se e humilhava-se na condição de um mero buraco cheio de poeira. Até aí me levava minha visão; enquanto isso, o caruncho, o mofo e todas as podridões silenciosas que apodrecem num telhado e num porão abandonados — podridão de ratazana e camundongo e barata e das estrebarias vizinhas, ainda por cima — apelavam

sutilmente para meu olfato, gemendo: “Experimente a Mistura de Barnard”.

Tão im perfeita foi essa realização da primeira das minhas grandes esperanças que olhei com desânimo para o sr. Wemnick. “Ah!”, exclamou ele, compreendendo minha reação; “o silêncio o faz pensar no campo. Assim também.”

Ele levou-me até uma esquina e fez-me subir um lance de escada — cujos

degraus me pareciam estar lentamente se dissolvendo em serragem, de modo que um belo dia os moradores dos andares de cima abririam a porta e se veriam impossibilitados de descer — chegando a um conjunto de aposentos no andar mais alto. sr. pocket, Jr., estava pintado na porta, e havia na caixa de correspondência uma etiqueta: “Volto logo”.

“Ele não imaginava que o senhor viria tão cedo”, explicou o sr. Wemnick. “Não precisa mais de mim?”

“Não, obrigado”, respondi.

“Com o meu cuidado do dinheiro”, observou o sr. Wemnick, “é bem provável que nos encontrem os com frequência. Bom dia.”

“Bom dia.”

Estendi minha mão, e o sr. Wemnick de início pareceu pensar que eu queria algo. Então olhou-me e, corrigindo-se, disse:

“Ah, sim ! Claro. O senhor tem o hábito de apertar a mão?”

Fiquei um tanto confuso, pensando que devia estar fora de moda em

Londres, mas respondi que sim .

“Pois eu livre-me dele!”, disse o sr. Wick. “Só nas despedidas. Mas, sim , muito prazer em conhecê-lo. Bom dia!”

Depois que trocam os um aperto de mãos e ele partiu, abri a janela da escada e quase fiquei sem a cabeça, pois a corda estava tão podre que o caixilho despencou com o num a guilhotina. Por sorte, caiu tão depressa que eu ainda não tivera tempo de pôr a cabeça para fora. Depois de escapar por um triz, contentei-me com uma vista bem enevoada do Inn pela vidraça imunda, olhando para fora com tristeza e dizendo a mim mesmo que, sem dúvida, Londres era superestimada.

Para o sr. Pocket, Jr., o significado de “já” não era o mesmo que tinha a palavra para mim , pois eu estava ficando enlouquecido de tanto olhar pela janela por meia hora, tendo escrito meu nome com o dedo várias vezes na poeira de todas as vidraças que nela havia, quando ouvi passos subindo a escada. Pouco a pouco foram surgindo diante de mim o chapéu, a cabeça, o lenço de pescoço, o colete, as calças e as botas de um homem que teria mais ou menos a mesma condição social que eu. Levava um saco de papel

debaixo de cada braço e um pequeno cesto de m orangos num a das m ãos, e estava ofegante.

“Senhor P ip?”, ele perguntou. “Senhor P ocket?”, perguntei eu.

“Ah, Deus!”, exclam ou. “Lam ento m uitíssim o; m as sabendo que viria um a diligência da sua região ao m eio-dia, im aginei que o senhor viesse nela. Na verdade, eu estava j ustam ente fazendo algo pelo senhor — não que isso sej a um a desculpa — pois achei que, com o o senhor é do interior, talvez fosse de seu agrado com er um as frutas após o alm oço, e fui até o m ercado de Covent Garden para com prar frutas frescas.”

P or um certo m otivo, tive a im pressão de que m eus olhos iam saltar das órbitas. Agradei sua intenção de m odo incoerente, e com ecei a pensar que estava sonhando.

“Ah, Deus!”, exclam ou o sr. P ocket, Jr. “Esta porta prende sem pre!”

Com o estava rapidam ente transform ando em geleia as frutas que levava ao

debater-se com a porta tendo os sacos de papel debaixo dos braços, pedi-lhe que m e perm itisse segurá-los. Ele entregou-m e os sacos com um sorriso sim pático, e atacou a porta com o se ela fosse um a fera selvagem . Ela cedeu de m odo tão súbito, por fim , que ele caiu para trás em cim a de m im , e eu caí para trás sobre a porta em frente, e nós dois rim os. P orém , eu continuava tendo

a im pressão de que meus olhos iam saltar das órbitas, e de que aquilo devia ser um sonho.

“Entre, por obséquio”, disse o sr. Pocket, Jr. “Se me permite, vou à frente. As instalações aqui são um tanto austeras, mas espero que o senhor fique razoavelmente confortável até segunda-feira. Meu pai julgou que seria mais agradável para o senhor esperar até amanhã comigo do que com ele, e talvez quisesse dar uma volta por Londres. Certamente terei muito prazer em lhe mostrar a cidade. Quanto à nossa mesa, o senhor verá que não é muito mal

servida, pois somos abastecidos pelo café daqui,² e (é preciso deixar isto claro) a conta vai para o senhor, pois são essas as ordens do sr. Jagers. Quanto aos nossos aposentos, não são de modo algum esplêndidos, porque sou eu que me sustento, e meu pai não tem nada para me dar, e mesmo se tivesse eu não aceitaria. Esta é a nossa sala de estar — as cadeiras e mesa e tapete e tudo mais, com o que o senhor vê, são coisas que estavam sobrando lá em casa. Não me elogie a toalha de mesa, os talheres e os galheteiros, pois pertencem ao café. Este é meu quartinho; um tanto bolorento, porque o Barnard’s é mesmo bolorento. Este é o seu quarto; os móveis foram alugados para a ocasião, mas espero que sirvam; se quiser alguma coisa, é só me pedir. Os aposentos são retirados, e vamos os ficar juntos aqui só nós dois, mas não vamos nos brigar, creio eu. Mas, ah, Deus, o senhor está esse tempo todo segurando as

frutas. Por favor, deixe-me ficar com esses sacos. Peço desculpas.”

Enquanto eu, parado em frente ao sr. Pocket, Jr., lhe entregava os sacos, primeiro um, depois o outro, vi surgir em seus olhos a expressão de espanto que eu sabia estar nos meus, e ele disse, recuando:

“Que Deus me guarde, o senhor é o garoto intruso!”

“E o senhor”, disse eu, “é o jovem cavalheiro pálido!”

CAPÍTULO XXII

O jovem cavalheiro pálido e eu ficamos a contemplar um ao outro no Barnard's Inn, até que nós dois caímos na gargalhada. “Mas com o pode ser o senhor!”, exclamou ele. “Com o pode ser o senhor!”, devolvi. E então voltamos a contemplar um ao outro, e rimos outra vez. “Bom!”, disse o jovem cavalheiro pálido, estendendo-me a mão, bem-humorado, “está tudo acabado, espero, e será magnanimidade de sua parte me perdoar por ter lhe dado tamanha surra.”

Com base nessa fala, concluí que o sr. Herbert Pocket (pois Herbert era o

nome do jovem cavalheiro pálido) continuava confundindo sua intenção com sua execução. Porém dei-lhe uma resposta modesta, e trocamos um caloroso aperto de mãos.

“Naquela ocasião, o senhor ainda não tinha tido seu golpe de sorte?”, perguntou Herbert Pocket.

“Não”, respondi.

“Não”, ele concordou; “ouvi dizer que a coisa é muito recente. Eu mesmo, naquela época, bem que estava querendo um golpe de sorte assim.”

“É mesmo?”

“É, sim . A senhora Havisham cham ou-m e à sua casa, para ver se ela se interessaria por m im . Mas não conseguiu — ou, sej a com o for, o fato é que não se interessou.”

P or delicadeza, observei que isso m e surpreendia.

“Mau gosto”, disse Herbert, rindo, “m as é fato. É verdade, ela m e convocou a título de experiência, e se eu tivesse sido aprovado, im agino que teria sido favorecido; talvez tivesse virado com o-se-diz da Estella.”

“O quê?”, perguntei, subitam ente sério.

Ele estava dispendo as frutas em pratos enquanto conversávam os, e foi por estar com a atenção dividida que a palavra lhe faltou. “Noivo”, explicou, ainda ocupado com as frutas. “Com prom etido. P rom etido. Ou lá o que sej a. Qualquer um a dessas palavras.”

“Com o foi que o senhor suportou a decepção?”, indaguei.

“Ora!”, exclam ou. “Não foi nenhum a grande decepção. Ela é um a m egera.”

“A senhora Havisham ?”, arrisquei.

“Tam bém ela, sim , m as eu m e referia à Estella. Essa m oça é dura, orgulhosa, caprichosa até não poder m ais, e foi criada pela senhora Havisham para se vingar de todo o sexo m asculino.”

“Qual o parentesco dela com a senhora Havisham ?” “Nenhum ”, ele respondeu. “Foi só adotada por ela.”

“Mas por que se vingar de todo o sexo masculino? Que vingança é essa?” “O quê, senhor Pip!”, exclamou. “O senhor não sabe?”

“Não”, respondi.

“Ah, Deus! É uma história e tanto, e vou guardá-la para o almooço. E agora vou tomar a liberdade de lhe fazer uma pergunta. Com o que é que o senhor foi parar lá, naquele dia?”

Respondi sua pergunta, e ele prestou atenção até eu terminar a narrativa; depois caiu na gargalhada outra vez, e me perguntou se eu tinha ficado doído depois. Não lhe perguntei com o que ele ficara, pois minha convicção quanto a esse ponto era absoluta.

“O senhor Jaggers é seu tutor, imagino?”, ele prosseguiu. “É.”

“O senhor sabe que ele é o advogado da senhora Havisham e o encarregado de seus negócios, e que é a única pessoa em quem ela confia?”

Isso estava me levando (senti) para um terreno perigoso. Respondi, com um constrangimento que não fiz nenhuma tentativa de disfarçar, que tinha visto o sr. Jaggers na casa da sra. Havisham no exato dia de nossa luta, mas só essa vez, e que eu imaginava que ele não se lembrasse de me ter visto lá.

“O senhor Jaggers chegou a sugerir que meu pai fosse seu tutor, e foi falar com ele para fazer a proposta. É claro que o conhecia

através da senhora Havisham . Meu pai é primo dela; mas não tem contato com ela, pois não tem vocação para cortesão e se recusa a lhe fazer agrados.”

Herbert Pocket tinha um jeito franco e espontâneo que era muito cativante. Eu nunca conhecera, e nunca mais conheci, alguém que manifestasse de modo mais enfático, no olhar e no tom de voz, uma incapacidade inata de fazer alguma coisa secreta ou esquinha. Havia algo de maravilhosamente esperançoso em sua expressão, e algo que ao mesmo tempo me sussurrava que ele jamais teria muito sucesso nem muito dinheiro. Não sei como veio essa ideia. Ela se apossou de mim naquela primeira ocasião, antes mesmo de nos sentarmos para almoçar, mas não sei dizer de que modo isso se deu.

Ele continuava a ser um jovem cavalheiro pálido, e exibia certo langor de derrota em meio à sua animação e sua vivacidade que não parecia indicar uma força natural. Seu rosto não era belo, mas era melhor do que isso: extremamente simpático e alegre. Seu corpo era um pouco desajeitado, tal como no tempo em que meus punhos tomaram tantas liberdades com ele, mas sua aparência indicava que haveria de permanecer sempre jovem . Se o produto da alfaiataria provinciana do sr. Trabb ficaria melhor nele que em mim é uma questão em aberto; mas sei que ele fazia muito melhor figura com suas roupas um tanto surradas do que eu com meu traje novo.

Por ser ele tão comunitário, parecia-me que qualquer reserva da minha parte seria uma má retribuição, pouco adequada à nossa juventude. Assim, contei-lhe minha pequena história, enfatizando que não tinha permissão de fazer indagações a respeito da identidade de meu benfeitor. Disse-lhe também que fora criado por um ferreiro no interior, e que nada entendia de boas maneiras, e

que seria muita bondade de sua parte orientar-me sem que me visse em estado de perplexidade ou fazendo a coisa errada.

“Com prazer”, disse ele, “se bem que me arrisco a profetizar que não vai precisar quase nunca da minha orientação. Creio que vamos estar juntos boa parte do tempo, e não quero que haja nenhum constrangimento desnecessário entre nós. Pode-me fazer o obséquio de me chamar a partir de agora pelo meu nome de batismo, Herbert?”

Agradei e concordei. Em troca, informei-lhe que o meu era Philip.

“Não gosto de Philip”, disse ele, sorrindo, “pois me lembra o menino

oralista da cartilha,¹ que de tão preguiçoso caiu no lago, ou que de tão gordo não enxergava porque a gordura cobria seus olhos, ou que de tão avarento trancou seu bolo no armário até que os ratos o comeram, ou que de tão decidido a pegar um ninho de

passarinho acabou sendo comido pelos ursos que estavam ali por perto só para isso. Vou lhe dizer o que me agradaria. Som os tão harmoniosos, e você já foi ferreiro — você se incomodaria?”

“Nada que você proponha há de me incomodar”, respondi, “mas não entendi.”

“Você se incomodaria se eu o apelidasse de Handel? Há uma música

encantadora de Handel chamada ‘O ferreiro harmonioso’.”² “Isso me agradaria muito.”

“Então, meu caro Handel”, disse ele, virando-se enquanto a porta se abria, “eis o almooço, e peço-lhe que fique à cabeceira, já que é você quem paga a conta.”

Não aceitei a proposta de modo algum, e assim ele se instalou à cabeceira, e eu fiquei de frente para ele. Foi um almooço agradável — a mim, na época, pareceu-me um banquete digno do prefeito de Londres — e tinha por atrativo adicional ser consumido naquelas circunstâncias de independência, sem nenhuma pessoa velha por perto, e Londres se espalhando à nossa volta. Além disso, o efeito era acentuado por certa atmosfera cigana que caracterizava nosso banquete; pois, ainda que houvesse sobre a mesa, como diria o sr. Plumblehook, tudo do bom e do melhor — os itens todos sendo provenientes do café local —, a região circunjacente da nossa sala era de caráter relativamente árido e im

provisado: isso im punha ao garçom os hábitos nô m ades de pô r as tam pas das

travessas no chão (onde ele tropeçava nelas), a m anteiga derretida na poltrona, o pão na estante de livros, o queij o no balde de carvão e o frango cozido na m inha cam a, no quarto ao lado — onde encontrei boa parte da m anteiga com salsa em estado de coagulação quando fui m e deitar à noite. Tudo isso tornava o festim um a delícia, e quando o garçom não estava presente para m e observar, m eu prazer era absoluto.

O alm oço j á estava em andam ento quando lem brei Herbert de sua prom essa de m e falar sobre a sra. Havisham .

“É verdade”, respondeu ele. “Vou cum pri-la agora m esm o. Antes de iniciar a história, Handel, devo lhe dizer que em Londres não é com um levar a faca à boca — para evitar acidentes — e que em bora o garfo sej a usado com esse fim , ele só é enfiado na boca até onde é necessário fazê-lo. Nada de im portante,

apenas não custa fazer com o fazem as outras pessoas. Além disso, segura-se a colher não com a m ão por baixo, m as por cim a. Isso tem duas vantagens. Chega- se com m ais facilidade à boca (que, afinal, é o obj etivo), e a posição do cotovelo direito não faz pensar que se está a abrir ostras.”

Herbert ofereceu essas sugestões sim páticas de m odo tão anim ado que nós dois rim os, e eu quase não corei.

“Bem”, prosseguiu, “vamos à senhora Havisham. A senhora Havisham, é preciso dizer, foi uma criança estragada. A mãe morreu-lhe quando ela ainda era bebê, e o pai não lhe negava nada. Ele era um cavalheiro do interior, lá da sua região, e era dono de uma cervejaria. Não entendo por que motivo é tão admirável ser cervejeiro; mas é inquestionável que, em bora seja impossível ser cavalheiro e ser padeiro, pode-se ser a fina flor do cavalheirismo e ser cervejeiro. É coisa que se vê todos os dias.”

“Mas um cavalheiro não pode ter um botequim, não é?”, perguntei.

“De modo algum”, retrucou Herbert; “mas um botequim pode ter um cavalheiro. Pois bem! O senhor Havisham era muito rico e muito orgulhoso. E a filha dele também.”

“Ela era filha única?”, arrisquei.

“Espere um pouco; eu chego lá. Não, não era filha única; tinha um irmão-

irmão. O pai dela casou-se de novo em segredo — com a cozinheira, creio eu.” “Mas ele não era orgulhoso?”, indaguei.

“Meu bom Handel, orgulhoso ele era. Casou-se com a segunda esposa em segredo por ser orgulhoso, e depois de algum tempo ela também morreu. Com a esposa morta, creio que só então contou à filha o que havia feito, e a partir daí o filho entrou para a família, indo morar na casa que você conheceu. Quando ficou rapaz, tornou-se licencioso, extravagante, desobediente — um

péssimo o filho. Por fim o pai o deserdou; porém amoleceu quando estava a ponto de morrer, e legou-lhe uma fortuna razoável, ainda que muito menor que a que ficou com a senhora Havisham. Tomou mais um copo de vinho, e não me leve a mal se eu lhe disser que na sociedade não é necessário ser tão consciencioso ao esvaziar o copo a ponto de virá-lo de cabeça para baixo, com a borda encostada no nariz.”

Eu vinha fazendo isso mesmo, por estar excessivamente atento à sua narrativa. Agradei e pedi desculpas. Ele disse: “Não há por que se desculpar”, e prosseguiu.

“A senhora Havisham agora era uma herdeira, e pode-se imaginar que todos a consideravam um excelente partido. O meio-irmão tinha bastante dinheiro outra vez, mas logo se endividou e gastou a torto e a direito em suas loucuras, e voltou à penúria. Havia mais diferenças agora entre ele e ela do que antes entre ele e o pai, e acredita-se que ele nutrisse um rancor profundo e mortal contra a irmã, julgando que ela influenciara a raiva do pai. Agora vem a parte cruel da história — a qual interrompo, meu caro Handel, apenas para comentar que o guardanapo não cabe dentro do copo.”

Por que motivo eu estava tentando enfiar meu guardanapo no meu copo, não faço a menor ideia. Só sei que dei por mim, com uma perseverança digna de uma causa bem melhor, fazendo as

tentativas mais extenuantes de comprimá-lo dentro de tais limites. Mais uma vez, agradei e pedi desculpas, e mais uma vez

ele retrucou, da maneira mais alegre: “Não há do que se desculpar, em absoluto!”. E retomou a narrativa.

“Eis que então entrou em cena — digamos, no hipódromo, ou nos bailes públicos, ou onde você quiser — um certo homem, que fez a corte da senhora Havisham. Nunca conheci esse homem, pois isso foi há vinte e cinco anos (quando nem eu nem você ainda eram os nascidos, Handel), mas ouvi meu pai dizer que era um exibido, o tipo de homem adequado para esse tipo de coisa. Mas era impossível tomá-lo, salvo por ignorância ou preconceito, por um cavalheiro, isso meu pai afirmava com veemência; pois ele tem por princípio que nenhum homem que não seja um cavalheiro de verdade no âmago jamais foi, desde que o mundo é mundo, um cavalheiro de verdade na aparência. Segundo ele, não há verniz que esconda os veios da madeira; e quanto mais se enverniza a madeira, mais os veios se manifestam. Pois bem! Esse homem assediou a senhora Havisham com insistência, afirmando sua devoção a ela. Creio que ela não demonstrara muita suscetibilidade até então; porém, toda a suscetibilidade que possuía veio à tona nesse momento, e ela apaixonou-se perdidamente pelo tal. Sem dúvida, ela o idolatrava. De modo tão sistemático esse homem exerceu seu afeto sobre a senhora Havisham que dela obteve quantias vultosas, e convenceu-a a comprar de

seu irmão sua participação na cervejaria (que o pai, num momento de fraqueza, legara ao filho) por um preço altíssimo, argumentando que depois de casados ele exigia a posse e controle completos da empresa. O seu tutor, Handel, nessa época não era um dos consultores da senhora Havisham, e ela era tão orgulhosa, e estava tão apaixonada, que não ouvia conselhos de ninguém. Seus parentes eram pobres e traiçoeiros, com exceção de meu pai; pobre ele era, mas não era nem bajulador nem invejoso. Sendo o único parente independente da senhora Havisham, ele a alertou, dizendo-lhe que estava fazendo coisas demais por esse homem, e entregando-se sem reservas ao poder dele. Na primeira oportunidade, ela expulsou meu pai de sua casa, num acesso de raiva, na presença do tal homem, e meu pai nunca mais a viu.”

Lembrei-me de tê-la ouvido dizer: “O Matthew há de vir me ver no final, quando eu estiver estendida nessa mesa, morta”; e perguntei a Herbert se seu pai continuava tão inflexível em relação a ela.

“Não se trata disso”, ele respondeu. “A questão é que ela o acusou, na presença do noivo, de estar decepcionado em sua tentativa de bajulá-la para ser favorecido por ela. Assim, se meu pai voltasse a procurá-la agora, a acusação pareceria verdadeira — até mesmo para ele — até mesmo para ela. Mas voltem os olhos ao homem e terminem os negócios com ele. A data do casamento foi marcada, o vestido de noiva foi comprado, a viagem nupcial foi planejada, foram despachados os convites para a festa.

Chegou o dia, mas o noivo não chegou. Ele escreveu uma carta para ela...”

“A qual ela recebeu”, interrompi, “quando estava se vestindo para a cerimônia? Às vinte para as nove?”

“Na exata hora”, concordou Herbert, “em que depois ela parou todos os relógios. O que havia nessa carta, além do cancelamento cruel do casamento, não posso lhe dizer, porque não sei. Depois que se recuperou de uma doença grave que então lhe acometeu, ela deixou que toda a propriedade caísse aos

pedaços, tal como você a viu, e desde então nunca mais vi a luz do dia.” “Isso é tudo?”, perguntei, depois de pensar um pouco.

“É tudo que sei; e na verdade o que sei foi obtido aos pedaços, pois meu pai sempre evita o assunto; e a senhora Havisham, quando me convidou para ficar lá, só me contou o que era absolutamente necessário que eu soubesse. Porém esqueci uma coisa. Especula-se que o homem que traiu a confiança da senhora Havisham estava agindo em conluio com o meio-irmão dela, que foi tudo uma conspiração montada pelos dois, e que eles dividiram os lucros.”

“Não entendo por que ele não se casou com ela e ficou com toda a propriedade”, argui.

“Talvez ele já fosse casado, e a crueldade da mortificação fosse parte da trama do meio-irmão dela”, disse Herbert. “Mas, veja lá, isso eu não sei se é mesmo verdade.”

“Que fim levaram os dois homens?”, perguntei, depois de pensar um pouco, como antes.

“Mergulharam ainda mais fundo na vergonha e na degradação — se tal coisa é possível — e na ruína.”

“Ainda estão vivos?” “Não sei.”

“Você disse ainda há pouco que a Estella não era parenta da senhora

Havisham, porém foi adotada por ela. Adotada quando?”

Herbert deu de ombros. “Desde que ouço falar na senhora Havisham que a Estella está lá. Não sei mais nada. E agora, Handel”, disse ele, com o peso pontofinal na história, “agora está tudo claro entre nós. Tudo que sei sobre a senhora Havisham você também sabe.”

“E tudo que eu sei”, retorqui, “você também sabe.”

“É o que acredito. De modo que não pode haver nenhuma perplexidade entre nós. E quanto à condição de que depende a sua subida na vida

— isto é, a de que você não deve fazer indagações nem conversar sobre a identidade do seu benfeitor — pode estar certo

de que ela jamais será violada, nem de longe, por mim, nem por ninguém ligado a mim.

De fato, Herbert disse isso com tanta delicadeza que senti que o assunto estava encerrado, ainda que eu viesse a viver na casa de seu pai por anos e anos. Entretanto, ele falou num tom que me fez pensar que para ele estava tão claro quanto estava para mim que minha benfeitora era a sra. Havisham.

Não me ocorrera antes que ele havia abordado aquele assunto com o objetivo de remover qualquer obstáculo entre nós; mas nos sentimos tão mais leves e descontraídos depois dessa conversa que nesse momento me dei conta do fato. Ficamos muito alegres e sociáveis, e eu lhe perguntei, durante a conversa, o que ele era na vida. Respondeu-me Herbert: “Capitalista — segurador de navios”. Creio que ele me viu olhando à minha volta em busca de alguma coisa associada a navios ou ao capital, pois acrescentou: “Na City”.

Eu tinha uma concepção grandiosa da riqueza e importância dos seguradores de navios que trabalhavam na City de Londres, e comecei a pensar, com espanto, que havia derrubado um jovem segurador, arroxeadado seu olho em preendedor e

feito um corte em sua cabeça responsável. Porém, mais uma vez, para meu alívio, veio-me aquela estranha impressão de que Herbert Pocket jamais teria muito sucesso nem muito dinheiro.

“Não vou me contentar apenas com aplicar meu capital em seguros de navios. Vou comprar um das boas ações de seguro de vida, e diversificar-me nessa direção. Quero também exercer um pouco com minha ineração. Nenhum a dessas coisas vai me impedir de fretar alguns milhares de toneladas por minha conta. Creio que vou começar”, disse ele, recostando-se na cadeira, “com as Índias Orientais — sedas, xales, especiarias, corantes, drogas e madeiras de lei. É um comércio interessante.”

“E os lucros são grandes?”, perguntei. “Imensos!”, respondeu.

Oscilei mais uma vez, e comecei a pensar que as esperanças dele eram maiores que as minhas.

“Creio que vou começar também”, disse ele, enfiando os polegares nos bolsos do colete, “com as Índias Ocidentais — açúcar, fumo e rum. E também com o Ceilão, especialmente presas de elefantes.”

“Vai precisar de muitos navios”, comentei. “Uma frota perfeita”, disse ele.

Muito impressionado com a magnificência dessas transações, perguntei-lhe onde começavam no momento os navios de que ele fazia o seguro.

“Ainda não entrei no ramo de seguros”, respondeu ele. “Ainda estou olhando à minha volta.”

De algum modo, isso me pareceu mais condizente com o Barnard's Inn. Exclamei (num tom de convicção): "Ah-ah!".

"É. Estou num escritório de contabilidade, e estou olhando à minha volta." "Um escritório de contabilidade dá lucro?", perguntei.

"Para... você se refere ao rapaz que trabalha nele?", Herbert indagou, em resposta.

"É, para você."

"Ora, não: não para mim." Disse isso com o ar de quem pensa com cuidado e faz uma afirmação equilibrada. "Não diretamente. Quer dizer, não me paga nada, e eu tenho que... me sustentar."

Pelo visto, a coisa não era lá muito lucrativa, e sacudi a cabeça com o para dizer que seria difícil acumular muito capital com tal fonte de renda.

"Mas a vantagem", disse Herbert Pocket, "é que posso olhar à minha volta.

Isso é que é fundamental. Você está num escritório de contabilidade, você sabe, e olha à sua volta."

Parecia-me uma implicação curiosa de sua afirmação que não estando num escritório de contabilidade, você sabe, você não podia olhar à sua volta; mas em silêncio submeti-me à sua experiência.

“Então chega um a hora”, disse Herbert, “em que você vê a sua oportunidade. E você entra, e aproveita, e faz o seu capital, e pronto! Um a vez obtido o capital, não há mais nada a fazer senão em pregá-lo.”

Isso era muito semelhante a sua maneira de agir durante o em bate no jardim; muito semelhante. Também seu modo de enfrentar a pobreza

correspondia com precisão ao modo com o ele enfrentara aquela derrota. Parecia-me que ele suportava todos os golpes e estocadas agora com o mesmo ar que suportara os meus. Estava claro que ele só tinha à sua volta as necessidades mais básicas, pois tudo mais em que eu reparara ou havia sido encomendado do café por minha conta ou então vinha de algum outro lugar.

No entanto, em bora já tendo feito sua fortuna semelhante, ele era tão desprezioso a respeito dela que eu sentia gratidão por ele não ser orgulhoso. Era um acréscimo agradável a seu jeito naturalmente agradável, e nos entendemos às maravilhas. À noite fomos caminhar nas ruas, e pagamos

meia-entrada no teatro;⁵ no dia seguinte fomos ao culto na abadia de Westminster, e à tarde passeamos nos parques; e eu me perguntava quem haveria de ferrar todos aqueles cavalos, e desejava que fosse Joe.

Num a com putação m oderada, j á se haviam passado m uitos m eses, naquele dom ingo, desde o dia em que m e despedi de Joe e Biddy. O espaço que m e separava deles fazia parte desse distanciam ento, e nosso charco parecia rem otíssim o. Que eu pudesse ter ido à nossa velha igrej a com m inhas velhas roupas de dom ingo, naquele dom ingo últim o de todos, parecia um a com binação de im possibilidades, geográficas e sociais, solares e lunares. No entanto, nas ruas de Londres, tão apinhadas de gente e tão fortem ente ilum inadas no lusco-fusco do entardecer, havia sinais deprim entes de reproche por ter eu m e afastado de tal m odo de nossa pobre velha cozinha; e no silêncio da m adrugada, os passos de algum pretenso porteiro a zanzar pelo Barnard's Inn, supostam ente m ontando guarda, ecoavam vazios no m eu coração.

Na m anhã de segunda-feira, às quinze para as nove, Herbert foi ao escritório de contabilidade para apresentar-se — e para olhar à sua volta tam bém , im agino

— e acom panhei-o. Ele deveria sair dentro de um a ou duas horas para ir com igo a Ham m ersm ith, e fiquei de esperá-lo. P arecia-m e que os ovos de que nasciam os j ovens seguradores eram incubados na poeira e no calor, tal com o os ovos dos avestruzes, a julgar pelos lugares onde esses futuros gigantes iam trabalhar nas m anhãs de segunda. Tam pouco o escritório de contabilidade onde Herbert trabalhava m e parecia de m odo algum um bom

observatório, pois ficava nos fundos de um segundo andar num pátio, encardido sob todos os aspectos, e dava vista para os fundos de outro segundo andar, e não para a rua.

Esperei até meia-hora e fui até a Bolsa,⁶ e vi homens cobertos de poeira sentados debaixo dos cartazes sobre navios, homens que julguei serem grandes comerciantes, embora não entendesse por que todos pareciam estar desanimados. Quando Herbert chegou, fomos almoçar numa casa célebre que na época me inspirava veneração, mas que agora considero ter sido a mais abjeta superstição da Europa, e onde não tive com o não reparar, mesmo naquele momento, que havia muito mais olho nas toalhas e nas facas e nas roupas dos garçons do que nos bifes. Feita esta refeição a um preço módico (levando-se em conta a sujeira, a qual não foi cobrada), voltamos para o Barnard's Inn, onde peguei minha mala, e em seguida tomamos a diligência para Hamersmith. Chegamos às duas ou três da tarde e caminhamos um trecho bem pequeno até a casa do sr. Pocket. Levantando a aldraba de um portão, entramos num

quardinzinho com vista para o rio, onde os filhos do sr. Pocket estavam a brincar. E a menos que eu esteja enganado a respeito de algo que nada tem a ver com meus interesses e minhas preocupações, os meninos e meninas do sr. e da sra. Pocket não estavam crescendo nem sendo criados, e sim caindo de um lado para o outro.

A sra. P ocket estava sentada numa cadeira no jardim à sombra de uma árvore, lendo, com as pernas apoiadas em outra cadeira; e as duas amigas da sra. P ocket olhavam à sua volta enquanto as crianças brincavam. “Mãe”, disse Herbert, “este rapaz é o senhor Pip.” Ao ouvir isso, a sra. P ocket recebeu-o com um ar de dignidade simpática.

“Alick e Jane”, gritou uma das amigas para duas das crianças, “se vocês se jogarem nesses arbustos vocês vão cair no rio e se afogar, e aí o que é que o pai de vocês vai dizer!”

Ao mesmo tempo, essa amiga pegou no chão o lenço da sra. P ocket, dizendo: “Ora, se não é a sexta vez que a senhora deixou ele cair!”. Ao ouvir isso, a sra. P ocket riu e disse: “Obrigada, Flopson”, e reinstalando-se numa única cadeira retomou a leitura. Seu rosto assumiu de imediato uma expressão concentrada e atenta, como se estivesse lendo há um mês sem parar, mas antes de ter tido tempo de ler meia dúzia de linhas fixou os olhos em mim, dizendo: “E sua mãe está bem, eu espero?”. Essa pergunta inesperada me colocou numa dificuldade tamanha que comeci a dizer, do modo mais absurdo, que se tal pessoa existisse ela sem dúvida estaria muito bem e agradeceria e mandaria seus cumprimentos, quando então a amiga veio em meu socorro.

“Ora!”, ela exclamou, pegando o lenço, “se não é a sétima vez! Mas o que a senhora está fazendo hoje!” A sra. P ocket recebeu sua propriedade, de início com um ar de surpresa indizível, com o se

nunca a tivesse visto antes, e disse: “Obrigada, Flopson”, e esqueceu-se de mim, e continuou a ler.

Observei, agora que tinha tempo de contá-los, que havia nada menos que seis Pocketzinhos no jardim, caindo de diversas maneiras. Pouco depois de minha chegada, um sétimo se fez ouvir, com o se nas regiões aéreas, chorando melancolicamente.

“Ora se não é o bebê!”, exclamou Flopson, parecendo surpreender-se com essa descoberta. “Vá logo, Millers.”

Millers, a outra manhã, foi para dentro de casa, e pouco a pouco o choro da criança foi diminuindo e cessou, com o se fosse um pequeno ventríloquo cuja boca tivesse sido tapada. Enquanto isso, a sra. Pocket lia, e eu estava curioso para saber que livro seria aquele.

Esperávamos, creio eu, que o sr. Pocket saísse para ter conosco; fosse com o fosse, ficamos à espera, e assim tive oportunidade de observar um notável fenômeno familiar: cada vez que alguma das crianças se aproximava da sra. Pocket no meio de seus folgedos, elas quase sempre davam um jeito de tropeçar e cair por cima dela — o que sempre causava grande espanto momentâneo na mãe, e uma tristeza um pouco mais duradoura nas crianças. Eu não conseguia entender essa circunstância surpreendente, e não podia deixar de me entregar a especulações

a seu respeito, até que por fim Millers desceu com o bebê, que foi entregue a Flopson, a qual Flopson foi entregá-lo à sra. P ocket, quando tam bém ela quase caiu de cabeça em cim a da sra. P ocket, com bebê e tudo, sendo salva por Herbert e por m im .

“Deus m e acuda, Flopson!”, disse a sra. P ocket, desviando a vista do livro por um m om ento, “todo m undo está caindo!”

“Deus acuda a senhora, sim !”, retrucou Flopson, com o rosto m uito verm elho. “O que é que a senhora tem aí?”

“O que eu tenho, Flopson?”, indagou a sra. P ocket.

“Ora, se não é o seu escabelo!”, exclam ou Flopson. “E se a senhora deixa ele aí debaixo das suas saia, com o é que a gente pode não cair! Tom e! A senhora fique com o bebê, e m e dê o seu livro.”

A sra. P ocket fez o que a outra disse, e sem m uito j eito balançou a criança no colo um pouco, enquanto as outras brincavam ao redor dela. Isso durou apenas alguns instantes, pois logo a sra. P ocket deu ordens sum árias de que todos fossem levados para dentro de casa para um a soneca. Assim fiz m inha segunda descoberta nessa prim eira ocasião, que o m étodo de criação adotado com os P ocketzinhos era ora cair, ora ficarem deitados.

Nessas circunstâncias, depois que Flopson e Millers levaram as crianças para dentro de casa, com o um pequeno rebanho de carneiros, e o sr. P ocket dela saiu para m e receber, não m e

surpreendeu muito verificar que o sr. Pocket era um cavalheiro com uma expressão um tanto perplexa no rosto, e com os cabelos muito grisalhos despenteados, com o se ele não conseguisse organizar coisa alguma.

CAPÍTULO XXIII

O sr. P ocket disse que era um prazer m e ver, e que esperava que eu não lam entasse vê-lo. “P ois na verdade”, acrescentou, com o sorriso do filho, “não sou um a pessoa assustadora.” Era um hom em de aparência j ovem , apesar de suas perplexidades e de seu cabelo m uito grisalho, e seu j eito parecia m uito natural. Uso a palavra “natural” no sentido de não ter qualquer afetação; havia algo de côm ico em seu ar de preocupação, que pareceria de fato ridículo se ele próprio não tivesse consciência de que estava às raias do ridículo. Depois de falar com igo um pouco, dirigiu-se à sra. P ocket, com um a contração um tanto ansiosa das sobrancelhas, que eram negras e belas: “Belinda, espero que você tenha dado as boas-vindas ao senhor P ip”. E ela levantou a vista do livro e respondeu: “Dei”. Em seguida, sorriu para m im com um ar distraído, e perguntou-m e se eu gostava do sabor de água de flor de laranj eira. Com o a pergunta não tinha nenhum a relação, próxim a ou rem ota, com nenhum a afirm ação anterior ou posterior, concluo que foi feita, tal com o suas intervenções anteriores, por pura condescendência social.

Algum as horas depois, fiquei sabendo, e devo dizê-lo logo de um a vez, que a sra. P ocket era filha única de certo cavaleiro que m orrera de form a m uito acidental, e que havia convencido a si próprio de que seu falecido pai só não foi feito baronete por causa

da oposição cerrada de um a pessoa m ovida por razões inteiram ente pessoais — j á não sei que pessoa, se é que algum dia soube — o rei, o prim eiro-ministro, o lorde chanceler, o arcebispo de Cantuária, alguém — e vivia grudado nos nobres deste m undo com base nesse fato totalm ente hipotético. Creio que ele fora feito cavaleiro por atacar a gram ática inglesa com a ponta de sua pena, num discurso desesperado traçado em pergam inho, por ocasião do lançam ento da pedra fundam ental de sei lá qual prédio, e por entregar a algum a personagem real ou a colher de pedreiro ou a argam assa. Fosse com o fosse, ele havia criado a sra. P ocket desde o berço com o alguém que, no curso natural dos coisas, haveria de desposar um nobre, e que devia ser protegida da aquisição de conhecim entos dom ésticos plebeus. Foi tão bem - sucedido em tal propósito esse pai j udicioso que ela se tornou um a criatura altam ente ornam ental, porém de todo incapaz e inútil. Tendo seu caráter se estabelecido desse m odo feliz, ainda na flor da j uventude ela conheceu o sr. P ocket, o qual tam bém estava na flor da j uventude e ainda não decidira se haveria de sentar-se na alm ofada de lã ou de

proteger a cabeça com um a m itra.¹ Com o fazer um a ou outra coisa era m era

questão de tem po, ele e a sra. P ocket haviam agarrado o Tem po pelo topete ² (e, a j ulgar pelo com prim ento, o Tem po devia estar

precisando de um barbeiro), e se casaram sem o conhecimento do pai judicioso. Este, não possuindo nada que pudesse legar ou negar ao casal senão sua bênção, generosamente conferiu-a aos dois após um curto conflito, e informou o sr. Pocket de que sua esposa era “um tesouro digno de um príncipe”. Desde então, o sr. Pocket investiu seu tesouro de príncipe nas atividades mundanas, o que não lhe parecia ter rendido lucros muito vultosos. Mesmo assim, a sra. Pocket era alvo de uma curiosidade misturada de piedade e respeito, por não ter-se casado com um nobre, enquanto o sr. Pocket era alvo de uma curiosidade misturada de reproche e perdão, por não ter jamais se tornado nobre.

O sr. Pocket levou-me para dentro da casa e mostrou-me o meu quarto, o qual era agradável e mobiliado de tal modo que eu podia utilizá-lo confortavelmente também com o meu sala particular. Em seguida, bateu às portas de dois outros quartos semelhantes e apresentou-me a seus ocupantes, Drummler e Startop. Drummler, um jovem com cara de velho e uma arquitetura de uma ordem pesada, estava assobiando. Startop, mais jovem em idade e em aparência, estava lendo e segurando a cabeça, como se julgasse correr o perigo de fazê-la explodir com uma carga de conhecimento excessivamente forte.

Tanto o sr. Pocket quanto sua esposa tinham um ar tão óbvio de estarem nas mãos de alguma outra pessoa que eu me perguntava quem seria o verdadeiro proprietário da casa que lhes permitia

orar ali, até que descobri que esse poder desconhecido pertencia aos criados. Era um a maneira tranquila de viver, talvez, no sentido de evitar problemas; porém parecia ser cara, pois os criados julgavam ter a obrigação de ser exigentes quanto à comida e à bebida, e de receber muitas visitas no andar de baixo. Concediam um a mesa bem farta ao sr. Pocket e sua esposa, e, no entanto, eu tinha sempre a impressão de que a melhor parte da casa para se hospedar seria a cozinha — desde que o hóspede fosse capaz de se defender, pois, antes mesmo de eu completar um a semana na casa, um a senhora vizinha conhecida da família mandou um bilhete dizendo que tinha visto Millers dando um tapa no bebê. Isso causou grande sofrimento à sra. Pocket, que se debulhou em lágrimas ao receber o bilhete, dizendo que era extraordinário com os vizinhos se metiam na vida alheia.

Aos poucos fiquei sabendo, principalmente a partir de Herbert, que o sr. Pocket estudara em Harrow* e Cambridge, onde obtivera distinção; mas que, ao ter a felicidade de desposar a sra. Pocket ainda muito jovem, sua carreira foi prejudicada e ele assumiu a ocupação de “explicador”. Tendo dado lustre a um certo número de alunos de pouco brilho — sendo notável o fato de que seus pais, quando eram pessoas influentes, sempre prometiam ajudá-lo, mas sempre se esqueciam de cumprir o prometido depois que terminavam as explicações —, ele se cansou desse trabalho mal pago e veio para Londres. Ali, pouco a pouco frustrado em suas

esperanças mais elevadas, estudava com alguns que não tiveram oportunidades ou que as desperdiçaram, preparava vários outros para ocasiões especiais, e utilizava seus talentos nas tarefas de com pilção e correção literária, e com base nesses recursos, além de um a renda pessoal muito modesta, conseguia ainda manter a casa que conheci.

O sr. Pocket e sua esposa tinham um a lambe-botas por vizinha, viúva de natureza tão solidária que concordava com todos, abençoava a todos e dispensava sorrisos e lágrimas a todos, conforme as circunstâncias. Seu nome era sra. Coiler, e eu tive a honra de descer com ela para a sala de jantar no dia em que me instalei na casa. Ao descer a escada, ela me deu a entender que era terrível para a querida sra. Pocket que o querido sr. Pocket se visse obrigado a receber cavalheiros para estudar com o ele. O comentário não se estendia a mim, ela me disse num a explosão de amor e confiança (naquele momento, eu a conhecia há menos de cinco minutos); se todos fossem com o eu, aí seria muito diferente.

“Mas a querida senhora Pocket”, disse a sra. Coiler, “depois de sua primeira decepção (não que o querido senhor Pocket tivesse algum a culpa), exige tanto luxo e elegância...”

“Sim, senhora”, disse eu, para detê-la, pois temia que ela começasse a chorar.

“E ela tem um temperamento tão aristocrático...”

“Sim, senhora”, repeti, com o mesmo objetivo de antes.

“... que é muito difícil”, prosseguiu a sra. Coiler, “fazer com que o querido

senhor Pocket dedique tempo e atenção a qualquer outra coisa que não seja a querida senhora Pocket.”

Não pude evitar o pensamento de que talvez fosse ainda mais difícil se o açougueiro dedicasse menos tempo e atenção à querida sra. Pocket; porém não disse nada; a necessidade de vigiar minhas boas maneiras discretamente já me ocupava o bastante.

Fiquei sabendo, através da conversa entre a sra. Pocket e Drumme enquanto eu prestava atenção no garfo, na faca, na colher, nos copos e nos outros instrumentos de autodestruição, que Drumme, cujo nome de batismo era Bentley, na verdade vinha logo depois do herdeiro de um título de baronete na linha de sucessão. Também fiquei sabendo que o livro que eu via a sra. Pocket lendo no jardim dizia respeito a títulos de nobreza, e que ela sabia a data exata em que seu avô teria entrado no livro, se tal houvesse de fato acontecido. Drumme não dizia muita coisa, mas lá à sua maneira limitada (ele parecia um sujeito rabugento) falava com o um dos eleitos, e reconhecia a sra. Pocket com o mulher e com o irmão. Ninguém, além deles dois e da sra. Coiler, a vizinha lambe-botas, manifestava qualquer interesse nessa parte

da conversa, a qual parecia constranger Herbert; entretanto, a conversa prometia estender-se por algum tempo quando entrou o pajem anunciando um problema doméstico. O que acontecera fora que a cozinheira havia perdido a carne. Para meu indizível espanto, vi pela primeira vez o sr. Pocket aliviar sua tensão através de um comentário que me pareceu absolutamente insólito, mas que não causou impressão em mais ninguém, e com o qual terminei por me acostumar tal com os outros. Ele largou o trinchante e o garfo — pois estava trinchando naquele momento —, pôs as duas mãos nos cabelos despenteados e pareceu fazer uma tentativa extraordinária de levantar a si próprio pelos cabelos. Feito isso, e não tendo conseguido levantar-se nem um pouco, continuou em silêncio a fazer o que estava fazendo antes.

Nesse ponto a sra. Coiler mudou de assunto e começou a bajular-me. Por

alguns momentos aquilo me agradou, mas a bajulação era tão gritante que o prazer logo passou. Ela possuía um jeito serpenteante de se aproximar de mim quando afetava um interesse profundo pelos amigos e lugares que eu deixara para trás, um jeito positivamente ofídico; e quando ela vez por outra dava o bote em Startop (que lhe dizia muito pouco) ou Drumble (que dizia menos ainda), eu sentia certa inveja dos dois por estarem do outro lado da mesa.

Depois do jantar, as crianças foram trazidas para a sala, e a sra. Coiler fez com entusiasmados elogios sobre seus olhos, narizes e pernas — um a maneira sagaz de lhes estimular a inteligência. Eram quatro meninas e dois meninos, além do bebê que poderia ser uma coisa ou outra, e do sucessor do bebê, que ainda não era nem uma coisa nem outra. Foram trazidas por Flopson e Millers, tal como se as duas fossem oficiais subalternos incumbidos de recrutar crianças em algum lugar que tivessem acabado de alistar aquelas: enquanto isso, a sra. Pocket contemplava os futuros nobres que elas deveriam ser, com um ar de quem tinha a impressão de que já tivera o prazer de inspecioná-las antes, mas não sabia muito bem o que pensava delas.

“Vá lá! A senhora vá e passe o garfo e fique com o bebê”, disse Flopson. “Não segura assim não, senão a cabeça dele vai ficar debaixo da mesa.”

Devidamente alertada, a sra. Pocket pegou a criança do jeito errado, ficando a sua cabeça debaixo da mesa; fato esse que foi anunciado a todos os presentes por uma concussão prodigiosa.

“Meu Deus, meu Deus! Me devolve ele”, disse Flopson; “vem cá, Jane, vem dançar pro bebê!”

Uma das meninas, uma coisinha pequena que parecia ter prematuramente assumido uma parcela de responsabilidade sobre as outras, e que estava a meu lado, começou a dançar para o bebê,

aproximando-se e afastando-se dele até que o pequenino parou de chorar e riu. Então todas as crianças riram, e o sr. Pocket (que nesse ínterim havia tentado levantar a si próprio pelos cabelos duas vezes) riu, e todos nós rimos e ficamos alegres.

Flopson, dobrando o bebê em todas as articulações com o se ele fosse um a

boneca alemã, colocou-o sobre o colo da sra. Pocket e deu-lhe para brincar o quebra-nozes, ao mesmo tempo recomendando à sra. Pocket que ficasse atenta para o fato de que as pontas desse instrumento não fariam bem se entrassem em choque com os olhos da criança, e advertindo severamente a pequena Jane para que ficasse atenta pelo mesmo motivo. Em seguida, as duas amigas saíram da sala, e tiveram um entrevisto animado com um pajem dissipado que havia servido o jantar e que havia claramente perdido metade dos seus botões na mesa de jogo.

Fiquei muito preocupado quando a sra. Pocket entrou numa discussão com Drumhleb a respeito de dois títulos de baronete, enquanto comia uma laranja fatiada em bebida com açúcar e vinho e esquecendo-se por completo do bebê que tinha no colo, o qual fazia as coisas mais apavorantes com o quebra-nozes. Por fim, a pequena Jane, percebendo que o cérebro do bebê corria risco, discretamente saiu de seu lugar e por meio de artifícios sutis afastou a arma perigosa. A sra. Pocket, terminando

de comer a laranja mais ou menos nesse momento e não aprovando o que Jane fizera, disse a ela:

“Menina levada, onde já se viu? Vai sentar-te agora mesmo!”

“Mamãezinha”, ceceou a garota, “o bebê ia furar os olhos dele.”

“Onde já se viu, dizer-me uma coisa dessas?”, retorquiu a sra. Pocket. “Vai sentar-te na tua cadeira agora mesmo!”

A dignidade da sra. Pocket era tão esmagadora que fiquei intimidado, como se eu próprio tivesse feito alguma coisa para feri-la.

“Belinda”, protestou o sr. Pocket, da outra extremidade da mesa, “você não está sendo nada razoável. A Jane só interferiu para proteger o bebê.”

“Não permito que ninguém interfira”, disse a sra. Pocket. “Fico admirada, Matthew, de você me expor à afronta da interferência.”

“Meu Deus!”, exclamou o sr. Pocket, numa explosão de desespero desolado. “Então vamos deixar que um quebra-nozes leve uma criança para o túmulo sem que ninguém faça nada?”

“Não permito que Jane interfira comigo”, disse a sra. Pocket, dirigindo um olhar majestoso à pequena transgressora inocente. “Então eu não tenho consciência da posição ocupada pelo meu pobre avô? Ora, a Jane, imagine!”

O sr. Pocket enfiou as mãos nos cabelos novamente, e dessa vez conseguiu de fato levantar-se alguns centímetros da cadeira.

“Ouçam só!”, bradou ele, im potente, para os elementos. “Então tem os que deixar um bebê ser assassinado por um quebra-nozes, por conta da posição ocupada por um pobre avô!” Em seguida, voltou a sentar-se e calou-se.

Todos nós ficamos a olhar para a toalha, constrangidos, enquanto essas coisas se passavam. Seguiu-se uma pausa, durante a qual o bebê honesto e irreprimível dirigiu uma série de saltos e gritos à pequena Jane, a qual parecia ser o único membro da família (sem contar a criadagem) com o qual ele parecia estar de fato familiarizado.

“Senhor Drummele”, disse a sra. Pocket, “por favor, chame Flopson com a cam painha. Jane, menina desobediente, já para a cama. Vem cá, meu bebê querido, vem com a mamãe!”

O bebê, cuja honra era sem jaca, protestou com toda a sua força. Ele dobrou-se para o lado errado sobre o braço da sra. Pocket, exibindo aos presentes um par de sapatinhos de tricô e tornozelos com covinhas em vez do rosto suave, e foi levado da sala em estado de rebelião completa. E acabou conseguindo o que queria, pois alguns minutos depois vi pela janela que a pequena Jane estava cuidando dele.

Por acaso as outras cinco crianças foram deixadas à mesa, porque Flopson foi ocupar-se com um assunto pessoal e não havia mais ninguém tomando conta delas. Foi assim que verifiquei de que m

odo elas se relacionavam com o sr. P ocket, o que pode ser exemplificado pelo que se segue. O sr. P ocket, com a perplexidade normal de seu rosto acentuada e os cabelos despenteados, contemplou-as por alguns minutos, como se não entendesse por que motivo elas estavam morando e comendo naquela casa, em vez de terem sido instaladas pela natureza na casa de outro alguém. Então, de um modo distante, como se fosse um missionário, dirigiu-lhes algumas perguntas — por exemplo, por que o pequeno Joe tinha um furo em seu babado; o menino respondeu que a Flopson, papai, ia remendá-lo assim que tivesse tempo — e por que a pequena Fanny

estava com aquele panarício; a menina respondeu que a Millers, papai, ia colocar um cataplasma nela quando se lembrar. Por fim, ele derreteu-se em ternuras paternas e deu um xelino a cada uma, dizendo-lhes que saíssem e fossem brincar; enquanto elas saíam, após uma única tentativa muito enfática de se levantar pelos cabelos ele deixou de lado aquela questão insolúvel.

À tarde, fomos remar no rio. Com o Drumble e Startop tinham, cada um, um barco, resolvi pegar um para mim e passar os dois para trás. Eu era muito bom na maioria dos exercícios a que se dedicam os meninos do interior, mas, consciente de que me faltava a elegância de estilo necessária no Tamisa — para não falar de outras águas —, resolvi-me colocar na condição de discípulo do vencedor de uma competição de barcas que fazia ponto na nossa casa. Essa

autoridade prática me confundiu muito ao dizer que eu tinha braço de ferreiro. Se ele soubesse que seu elogio por um triz não o faria perder o aluno, creio que ele não teria dito tal coisa.

Foi servida uma ceia quando voltamos para casa à noite, e imagino que todos nós teríamos nos divertido se não fosse por um episódio doméstico um tanto desagradável. O sr. Pocket estava alegre quando uma empregada entrou e disse: “Com licença, eu queria falar com o senhor”.

“Falar com o seu patrão?”, exclamou a sra. Pocket, cuja dignidade mais uma vez foi ferida. “Onde já se viu uma coisa dessas? Vá falar com a Flopson. Ou então comigo — numa outra hora.”

“Com licença, madame”, insistiu a empregada, “eu queria falar agora, e falar com o patrão.”

Nesse ponto, o sr. Pocket saiu da sala, e ficaram os dois sem saber o que fazer até ele voltar.

“Essa é demais, Belinda!”, disse o sr. Pocket, voltando com um rosto que exprimia dor e desespero. “A cozinheira está estatelada no chão da cozinha, totalmente bêbada, com um embrulho grande de manteiga fresca na despensa, pronta para ser vendida com o gordura!”

A sra. Pocket imediatamente demonstrou muitas emoções amigáveis, dizendo: “Isso é coisa dessa peste da Sophia!”.

“Com o assim, Belinda?”, perguntou o sr. P ocket.

“Foi a Sophia que lhe disse isso”, replicou a sra. P ocket. “Então eu não vi com meus próprios olhos, e não ouvi com meus próprios ouvidos, a Sophia entrar na sala agora mesmo e pedir para falar com você?”

“Mas ela não me levou lá em baixo, Belinda”, devolveu o sr. P ocket, “e me mostrou a mulher, e o em brulho também?”

“E você defende essa bisca, Matthew”, disse a sra. P ocket, “que está fazendo intrigas?”

O sr. P ocket emitiu um gemido de desânimo.

“Então eu, a neta de meu avô, não conto nada nesta casa?”, disse a sra. P ocket. “Além disso, a cozinheira sempre foi uma mulher muito boa e respeitosa, e me disse da maneira mais natural, quando veio procurar emprego, que sentia que eu nascera para ser duquesa.”

Havia um sofá ao lado do sr. P ocket, e ele caiu sobre esse móvel na posição

do Gladiador Moribundo.⁴ Ainda nessa atitude, ele disse, com uma voz

cavernosa: “Boa noite, senhor Pip”, quando então julguei aconselhável despedir-me dele e ir-me deitar.

* Harrow: um a das m ais exclusivas escolas para m eninos da elite britânica. (n. t.)

CAPÍTULO XXIV

Depois de dois ou três dias, quando eu já estava instalado em meu quarto, tinha ido e voltado de Londres algumas vezes e havia encomendado tudo que eu queria de meus abastecedores, tive uma longa conversa com o sr. Pocket. Ele sabia mais a respeito da carreira que eu pretendia seguir do que eu mesmo sabia, pois observou que o sr. Jagger lhe dissera que eu não estava preparado para nenhuma profissão liberal, e minha formação deveria ser suficiente para meu destino desde que eu conseguisse manter “em pé de igualdade” com a média dos jovens mais prósperos. Concordei, é claro, pois não sabia de nada em sentido contrário.

Ele aconselhou-me a frequentar certos lugares em Londres, para adquirir alguns rudimentos que me eram necessários, e a atribuir-lhe as funções de explicador e diretor de todos os meus estudos. Imaginava que eu, se recebesse uma orientação inteligente, não teria motivos para desanimar, e em pouco tempo não precisaria da ajuda de nenhuma outra pessoa que não ele. Dizendo essas coisas e muitas outras semelhantes, colocava-se numa relação confidencial comigo de um modo admirável; e devo dizer de saída que ele foi de tal modo zeloso e honrado quanto a cumprir seus compromissos comigo, que me tornou zeloso e honrado em retribuição. Se ele se mostrasse indiferente

com o professor, eu teria agido de igual modo com o aluno; ele não me deu tal desculpa, e eu fiz justiça ao outro. Também pouco mais percebi nada de ridículo nele — nada que não fosse sério, honesto e bom — em sua relação de professor com o aluno.

Tendo estabelecido esses pontos, e tendo eu começado a trabalhar a sério, ocorreu-me que, se pudesse manter meu quarto no Barnard's Inn, minha vida seria agradável e variável, e minhas boas maneiras só teriam a ganhar por efeito da convivência com Herbert. O sr. Pocket não fez nenhuma objeção a isso, porém insistiu que antes de tomar qualquer decisão eu deveria consultar meu tutor. Imaginei que essa delicadeza fosse motivada pela ideia de que o plano proporcionaria alguma economia a Herbert, e assim fui à Little England comunicar meu desejo ao sr. Jagers.

“Se me fosse possível comprar a mobília que está alugada para mim”, disse eu, “e mais um a ou duas coisas pequenas, eu me sentiria perfeitamente em casa aqui.”

“Pois com pre!”, disse o sr. Jagers, com um riso seco. “Eu lhe disse que o senhor ia se dar bem. Quanto o senhor quer?”

Respondi que não sabia quanto.

“Ora!”, redarguiu o sr. Jagers. “Quanto? Cinquenta libras?” “Ah, não, bem menos que isso.”

“Cinco libras?”, perguntou ele.

Foi um a queda tão grande que respondi, constrangido: “Ah! Mais do que isso”.

“Mais do que isso, não é?”, repetiu o sr. Jaggars, à minha espreita, com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada para um lado e os olhos fixos na parede atrás de mim. “Mais quanto?”

“É tão difícil especificar uma quantidade”, disse eu, hesitando.

“Ora!”, disse o sr. Jaggars. “Vam os chegar a ela. Cinco vezes dois; isso é bastante? Cinco vezes três; isso é bastante? Quatro vezes cinco; isso é bastante?”

Respondi que daria folgadoamente.

“Quatro vezes cinco dá folgadoamente, não é?”, repetiu o sr. Jaggars, franzindo o sobrolho. “Então, quanto o senhor calcula que seja quatro vezes cinco?”

“Quanto eu calculo?”

“Ah!”, exclamou o sr. Jaggars. “Quanto?”

“O senhor diria que são vinte libras”, respondi, sorrindo.

“Não importa o que eu diria, meu amigo”, observou o sr. Jaggars, com um

arrogante de cabeça astuto. “Quero saber o que você diria.” “Vinte libras, é claro.”

“Wem m ick!”, cham ou o sr. Jagggers, abrindo a porta de seu gabinete. “Anote

o pedido do senhor P ip, e pague-lhe vinte libras.”

Essa m aneira tão enfática de fazer negócios causou-m e um a im pressão enfática, e não m uito agradável. O sr. Jagggers j am ais ria; porém , usava botas com pridas, lustradas, que rangiam , e ao m udar de posição, com a cabeçorra virada para baixo e as sobrelhas franzidas, aguardando um a resposta, por vezes fazia as botas rangerem , com o se elas estivessem rindo de um m odo seco e

desconfiado. Com o Wem m ick tam bém estava saindo no m om ento, e era um a pessoa direta e conversadora, com entei com ele que não conseguia entender o j eito do sr. Jagggers.

“Diga-lhe isso, que ele vai tom á-lo com o um elogio”, disse-m e Wem m ick; “ele não quer que o senhor o entenda. Ah!”, exclam ou, pois fiz um a expressão de surpresa. “Não é nada pessoal; é profissional: só isso.”

Wem m ick estava à sua m esa, alm oçando — e m astigando ruidosam ente — um biscoito seco e duro, pedaços do qual ele de vez em quando punha na nesga da boca, com o se os pusesse num a caixa de correio.

“Ele sempre me dá a impressão”, disse Wemmick, “de estar montando uma armadilha e ficar olhando para ela. De repente — pleque! — você está preso!”

Sem comentar que as armadilhas não faziam parte das amenidades da vida, observei que imaginava que ele fosse muito astuto.

“Quando a gente ainda está aqui”, disse Wemmick, “ele já está lá na Austrália.” Com a pena apontava para o chão do escritório, exprimindo que a Austrália, para os fins daquela sua imagem, era o ponto simetricamente oposto do globo. “Se houvesse algum lugar mais longe”, acrescentou Wemmick, levando a pena ao papel, “ele estaria lá.”

“Nesse caso”, disse eu, “imaginava que ele teria uma firma muito próspera”, e Wemmick concordou: “Mui-tí-ssi-mo!”. Em seguida, perguntei quantos funcionários ele tinha.

“Não tem os muitos, porque só existe um Jagers, e as pessoas não o querem de segunda mão. O senhor gostaria de vê-los? O senhor é um de nós, por assim dizer.”

Aceitei a oferta. Depois que o sr. Wemmick terminou de pôr o biscoito no correio, e me deu o dinheiro que estava guardado numa caixa dentro do cofre, cuja chave ele escondia em algum lugar nas suas costas, retirando-a do colarinho do casaco com o se fosse um rabicho de ferro, subimos para o segundo andar. O prédio era

escuro e maltratado, e os ombros sebosos que haviam deixado suas marcas no gabinete do sr. Jaggars pareciam subir e descer a escada há muitos anos. Na sala da frente, um funcionário cuja aparência sugeria algo intermediário entre um taberneiro e um apanhador de ratos — um homem grande, pálido e inchado — estava muito envolvido com pessoas maltrapilhas as quais tratava sem nenhuma cerimônia, tal com o qual todos tratavam as pessoas que contribuíam para os cofres do sr. Jaggars. “Recolhendo provas”, disse o sr.

Wemrick, depois que saíram os, “para o Bailey.”¹ Na sala em cima dela, um funcionáriozinho que parecia um terrier flácido de cabelos longos (pelo visto, não fora tosado quando filhote) estava igualmente envolvido com um homem de vista fraca, que me foi apresentado pelo sr. Wemrick com o dono de uma fundição que sempre mantinha a caldeira acesa, e que fundiria qualquer coisa que eu quisesse — e que suava muito, com o suor estivesse praticando seu ofício em si próprio. Num sala de fundos, um homem de ombros altos com uma flanela suja amarrada em torno do rosto nevrálgico, trajando roupas negras velhas que pareciam ter sido enceradas, debruçava-se sobre sua mesa, passando a limpo as anotações dos dois outros cavalheiros, para serem usadas pelo sr. Jaggars.

A isso se resumia o escritório. Quando descem os a escada, Wem m ick levou-me até o gabinete de meu tutor, dizendo: “Este o senhor já conhece”.

“Por favor”, perguntei, quando minha vista novamente se fixou nas duas detestáveis máscaras de rostos careteiros, “quem são aqueles dois?”

“Esses aí?”, respondeu Wem m ick, subindo numa cadeira e soprando a poeira daquelas cabeças horrorosas antes de pegá-las. “Esses dois são célebres. São dois famosos clientes nossos, que nos deram muito crédito. Este cidadão (ora, deves ter descido lá de cima no meio da noite para ficares bisbilhotando o tinteiro, senão não estarias com essa mancha na sobrancelha, seu alandro!) matou o patrão, e levando-se em conta que ele não entendia nada de provas, até que não planejou a coisa mal.”

“É uma cópia fiel?”, perguntei, recuando da carantonha enquanto Wem m ick cuspi na sobrancelha e a esfregava com a manga.

“Cópia fiel? Não é cópia, é o próprio. A máscara foi feita em Newgate, logo

depois que o desceram da forca.² Tu gostavas muito de mim, não era, Tinhoso?”, disse Wem m ick. Em seguida, explicou esse apelido afetuosamente, levando a mão ao broche que representava a dama e o salgueiro-chorão diante do túmulo com um

urna, e dizendo: “Mandou fazer pra mim!”.

“A dam a é algum a pessoa em particular?”, indaguei.

“Não”, respondeu Wem m ick. “Só um a presa dele. (Bem que tu gostavas desse tipo de presa, não é?) Não; não havia nenhum a dam a na história, senhor P ip; ou por outra, havia um a só — e não era desse tipo de dam a esguia e refinada, e essa eu garanto que nunca havia de ir visitar a urna dele — a m enos que na urna houvesse algum a coisa de beber.” Com o sua atenção fora atraída para o broche, Wem m ick largou a m áscara e lustrou o broche com o lenço.

“Aquela outra criatura teve o m esm o fim?”, perguntei. “Porque tem o m esm o ar.”

“O senhor tem razão”, disse Wem m ick, “é o ar autêntico. Parece que um a das narinas enganchou num anzol. É verdade, esse teve o m esm o fim ; o que cá por estas bandas é o fim natural, eu lhe digo. Este j anota forj ava testam entos, e quem sabe aproveitava e m atava o testador tam bém . Mas tu eras um cavalheiro de verdade” (o sr. Wem m ick estava m ais um a vez apostrofando), “e dizias que sabias escrever grego. Grandessíssim o parlapatão! Mas que m entiroso tu eras. Nunca conheci alguém tão m entiroso assim !” Antes de recolocar seu falecido am igo na prateleira, Wem m ick tocou o m aior de seus anéis de luto, dizendo: “Mandou com prar pra m im , na véspera”.

Enquanto punha a segunda máscara na prateleira e descia da cadeira, ocorreu-me que todas as suas jóias teriam origem sem elhante. Com o não demonstrava reticência em relação a esse tema, tomei a liberdade de lhe fazer essa pergunta enquanto ele batia a poeira das mãos.

“Ah, sim”, respondeu ele, “são todos presentes desse mesmo tipo. Um leva ao outro, o senhor entende; é assim que são as coisas. Eu sempre aceito. São curiosidades. E são valores. Podem não valer muito, mas sempre valem alguma coisa, e são portáteis. Não são grande coisa para uma pessoa como o senhor, com um futuro brilhante, mas para mim, minha estrela-guia sempre foi esta: ‘Acumule valores portáteis.’”

Quando elogiei esse pensamento, ele prosseguiu, dizendo, num tom simpático:

“O dia em que o senhor não tiver nada melhor para fazer, podia me visitar lá em Walworth, que posso oferecer-lhe uma cama, e para mim seria uma honra. Não tenho muita coisa para lhe mostrar, mas uma ou duas curiosidades que talvez o interessem; e gosto do meu jardimzinho, com um pavilhão.”

Respondi que seria para mim um prazer aceitar sua hospitalidade. “Obrigado”, disse ele; “então vamos considerar que a coisa é certa, quando

for conveniente para o senhor. Já j antou com o senhor Jagggers?”
“Ainda não.”

“Bem ”, disse Wem m ick, “ele há de lhe servir vinho, e vinho do bom . Eu vou lhe servir ponche, um ponche nada m au. E agora vou lhe dizer um a coisa. Quando for j antar com o senhor Jagggers, observe a em pregada dele.”

“Vou ver algum a coisa de m uito incom um ?”

“Bem ”, disse Wem m ick, “o senhor vai ver um a fera selvagem dom ada. Nada de m uito incom um , o senhor dirá. E eu lhe respondo: depende do grau de ferocidade original da fera, e do grau de dom esticação. Sua opinião dos poderes

do senhor Jagggers será reforçada. P reste bem atenção.”

Afirm ei que o faria, com todo o interesse e toda a curiosidade que essa preparação despertara em m im . Enquanto eu m e despedia, ele m e perguntou se eu gostaria de dedicar cinco m inutos à observação do sr. Jagggers “em ação”.

P or m ais de um m otivo, sendo um dos m ais im portantes o fato de eu não entender m uito bem que espécie de “ação” o sr. Jagggers estaria praticando, respondi na afirm ativa. Mergulham os na City, e subim os à tona num j uizado de

causas crim inais apinhado de gente, onde um parente de sangue (no sentido crim inoso da palavra) do falecido que gostava de

broches sofisticados estava diante do tribunal, m astigando algum a coisa, visivelm ente contrafeito; enquanto m eu tutor interrogava um a m ulher — não sei se testem unha sua ou se da outra parte — infundindo nela, e nos m agistrados, e em todos os outros presentes, um m edo terrível. Se alguém , fosse quem fosse, pronunciasse um a palavra que lhe causasse desagrado, na m esm a hora ele solicitava que ela fosse “registrada”. Se alguém não adm itia algo, ele dizia: “Ainda vou arrancá-lo do senhor!”. E se alguém adm itia algo, ele dizia: “Agora o peguei!”. Os m agistrados trem iam cada vez que ele m ordia o dedo. Os ladrões e os perseguidores de ladrões, fascinados e tem erosos, atentavam para cada palavra sua, e encolhiam -se quando um fio de suas sobranceiras apontava na direção deles. De que lado ele estava, não consegui descobrir, pois parecia im por a m esm a opressão a todo o tribunal; só sei que, quando saí de cena na ponta dos pés, ele não estava do lado da m agistratura, pois as pernas do velho cavalheiro que presidia a sessão estavam trem endo convulsivam ente debaixo da m esa, por estar o sr. Jaggars denunciando sua conduta na condição de representante da lei e da j ustiça britânicas naquele tribunal naquele dia.

CAPÍTULO XXV

Bentley Drum me le, sujeito tão rabugento que encarava um livro com o se o autor o houvesse ofendido, encarava os conhecidos de modo igualmente desagradável. Pesado em matéria de corpo, movimentos e entendimento — na tez preguiçosa do rosto, e na língua grande e desajeitada que parecia vagar em sua boca tal como ele próprio vagava pela sala — era ocioso, orgulhoso, avarento, reservado e desconfiado. Vinha de uma família rica de Somersetshire, a qual acalentara aquele com posto de qualidades até fazer a descoberta de que ele se transformara num adulto e num idiota. Assim, Bentley Drum me veio ficar com o sr. Pocket quando já tinha uma cabeça mais de altura que aquele cavalheiro, e uma cabeça doze vezes mais dura do que as cabeças da maioria dos cavalheiros.

Startop fora estragado por uma mãe fraca e mentido em casa quando deveria estar na escola, porém tinha por ela uma devoção desmedida. Suas feições eram de uma delicadeza feminina, e eram — “com o você pode ver, embora nunca a tenha visto”, disse-me Herbert — exatamente iguais às da mãe. Era natural que eu simpatizasse com ele mais do que com Drum me le, e que, mesmo nas primeiras tardes em que saímos de barco, eu e ele voltássemos para casa com nossos barcos lado a lado, conversando, enquanto Bentley Drum me le vinha em nossa cola,

sozinho, à sombra dos barrancos elevados e em meio aos juncozinhos. Ele sempre se aproximava da costa vagarosamente, com o um animal criatura anfíbia sem jeito; e sempre me lembro dele vindo atrás de nós na escuridão ou pelo remanso, enquanto nossos dois barcos rasgavam o poente ou o luar no meio do rio.

Herbert era meu companheiro íntimo e amigo. Dei-lhe de presente metade de meu barco em sociedade, e assim com frequência ele vinha a Hammersmith; sendo inquilino de metade de seus aposentos, eu ia muito a Londres. Costumavam os caminhar de um dos lugares ao outro a qualquer hora do dia ou da noite. Tenho um certo afeto pela estrada ainda hoje (embora a estrada não seja mais tão agradável quanto era naquele tempo), um afeto que se formou na juventude, época impressionável, de pouca experiência e muita esperança.

Quando eu já estava vivendo um ou dois meses com a família do sr. Pocket, o sr. Camillo e a sra. Camilla apareceram. Georgiana, a qual eu vi na casa da sra. Havisham na mesma ocasião, também veio. Era uma prima — uma solteirona dispéptica, que chamava sua rigidez de religião, e seu fígado de amor. Essas pessoas me odiavam com o ódio da cupidez e da decepção. Com o era de se esperar, bajulavam-me e agora que eu estava próspero da maneira mais vil.

Em relação ao sr. Pocket, uma criança grande incapaz de reconhecer seus próprios interesses, eles demonstravam a

tolerância com placente que eu já os ouvira manifestar. Quanto à sr. Pocket, desprezavam-na; porém admitiam que a pobre criatura sofrera uma terrível decepção em sua vida, pois tal admissão refletia uma luz pálida sobre eles.

Tal foi o meio em que me instalei, e onde passei a cuidar da minha própria educação. Não demorei para adquirir hábitos caros, e comeci a gastar quantias que, em poucos meses, me pareceriam fabulosas; mal ou bem, no entanto, apeguei-me a meus livros. Nisso não havia nenhum mérito, apenas bom senso suficiente para perceber minhas deficiências. Com a ajuda do sr. Pocket e de Herbert, fiz progressos rápidos; e, sempre com um ou outro a meu lado para me dar a mãozinha de que eu necessitava e tirar os obstáculos da minha frente, eu teria que ser um idiota tão completo quanto Drummele para fazer menos do que fiz.

Eu não via o sr. Wick há algumas semanas quando me ocorreu a ideia de escrever-lhe um bilhete propondo acompanhá-lo até sua casa numa determinada tarde. Respondeu-me ele que seria um grande prazer, e que me esperaria no escritório às seis horas. Para lá fui, e lá o encontrei, jogando para trás das costas a chave do cofre enquanto o relógio dava as horas. “O senhor estava pensando em ir a pé até Walworth?”, perguntou-me. “Certamente”, respondi, “se o senhor aprovar a ideia.”

“Com entusiasmo”, foi o que ele me disse, “pois passei o dia inteiro com as pernas debaixo da escrivaninha, e esticá-las me fará bem. Vou lhe dizer o que tenho para a ceia, senhor Pip. Tenho carne cozida — preparada em casa — e um frango assado frio — esse foi comprado. Creio que está me acio, pois o dono da loja foi jurado num dos nossos casos recentes, e não lhe demos muito trabalho. Lembrei o ocorrido a ele quando comprei um frango, dizendo: ‘Melhor escolher um que seja bom, meu velho, porque, se quiséssemos obrigá-lo a ficar no tribunal mais um ou dois dias, poderíamos fazê-lo com facilidade’. Ele respondeu: ‘Vou lhe dar de presente o melhor frango da loja’. Aceitei, é claro. Pois é um valor e é portátil. O senhor não tem nada contra um pai idoso, eu espero?”

Realmente, pensei que continuasse falando sobre o frango, até que ele acrescentou: “Pois tenho um pai idoso morando comigo”. Dei a resposta que a polidez requeria.

“Então o senhor ainda não juntou com o senhor Jagers?”, ele insistiu, enquanto caminhávamos.

“Ainda não.”

“Ele me disse isso hoje à tarde, quando soube que o senhor viria encontrar-se comigo. Imagino que ele lhe fará um convite amanhã. Vai convidar os seus amigos, também. São três, não é?”

Em bora não fosse m eu costum e incluir Drum m le entre m eus amigos m ais próximos, respondi que sim .

“P ois bem , ele vai convidar todo o bando”, um a palavra que não m e pareceu um elogio, “e o que ele der a vocês será de qualidade. Não espere variedade, e sim excelência. E há m ais um a coisa engraçada a respeito da casa dele”,

continuou Wem m ick, após um a pausa breve, com o se desse prosseguim ento ao com entário a respeito da em pregada; “ele nunca deixa que tranquem nenhum a porta ou j anela à noite.”

“E nunca é roubado?”

“Justam ente!”, retrucou Wem m ick. “Ele diz, e o diz em público: ‘Quero ver quem é hom em capaz de roubar a minha casa’. P or tudo que é m ais sagrado, j á o

ouvi dizer isso um as cem vezes, e dizer isso a m ais de um gatuno aqui no escritório. ‘Você sabe onde eu m oro; lá não há tranca em lugar algum ; por que não arrisca algum a coisa com igo? Venha; então não posso tentá-lo?’ Nenhum deles, m eu senhor, tem coragem de arriscar, de j eito nenhum .”

“Eles têm tanto m edo dele assim ?”, perguntei.

“Medo dele”, disse Wem m ick. “Ora se eles têm m edo dele! E além de desafiá-los, ele tam bém é m uito esperto. Nada de prata, m eu senhor. Não há

talher lá que não seja de metal Britânia.”¹

“Assim, eles não ganhariam muito”, observei, “mesmo se...”

“Ah! Mas ele ganharia muito”, interrompeu Wemmick, “e eles sabem disso.

Ele ganharia a vida deles, de dezenas deles. Quantos quisesse ganhar. É impossível saber o que ele não seria capaz de obter, se realmente resolvesse obtê-lo.”

Eu estava começando a meditar sobre a grandeza de meu tutor quando

Wemmick comentei:

“Quanto à ausência de prata, e isso é apenas a esperteza natural dele, você sabe. É tão profunda quanto deve ser. Olhe para a corrente do relógio dele. A corrente é de verdade.”

“É bem pesada”, comentei.

“Pesada?”, repetiu Wemmick. “E com o! E o relógio dele é de ouro, um

relógio de repetição,² e vale cem libras, cem libras por baixo. Senhor Pip, deve haver uns setecentos ladrões nesta cidade que sabem muito bem desse relógio; não há entre eles um homem, mulher ou criança que não seja capaz de identificar o enorme elo daquela corrente, e que não a deixaria cair no chão com o se estivesse em brasa, se alguém o levar a pegá-la, por meio de algum

em buste.” De início com essa conversa, e depois com assuntos mais gerais, o sr. Wemnick e eu estávamos o tempo enquanto caminhávamos, até que ele me

deu a entender que havíamos chegado ao bairro de Walworth.

Parecia ser um emaranhado de becos, valas e jardins pequenos, dando-lhe um aspecto de recolhimento um tanto monótono. A casa de Wemnick era uma casinha de madeira cercada de canteiros de jardim, e seu telhado era recortado e pintado com o que fosse uma bateria de artilharia.

“Eu mesmo o que fiz”, disse Wemnick. “Ficou bonito, não é?”

Desmanchei-me em elogios. Creio que era a maior casa que eu já havia visto; com as mais estranhas janelas góticas (em sua maioria esmagadora, imitação de gótico) e uma porta também gótica, tão pequena que era quase impossível passar por ela.

“Esse astro de bandeira é de verdade, está vendo?”, disse Wemnick. “E

aos domingos eu hasteio uma bandeira de verdade. Olha aqui. Depois que

atravesso essa ponte, eu a recolho — veja — e assim fico isolado.”

A ponte era uma tábua, e ela cruzava uma vala de pouco mais de um metro de largura e pouco mais de meio metro de profundidade. Mas era muito agradável ver com que orgulho ele

levantava a prancha e a prendia; sorrindo enquanto o fazia, com um prazer real, e não apenas de modo mecânico.

“Às nove horas da noite, todas as noites, hora de Greenwich”,³ disse Wem ick, “a arma dispara. Lá está ela, está vendo? E quando o senhor ouvi-la disparando, creio que vai dizer que é mesmo o Poderosa.”

A peça de artilharia a que ele se referia estava montada num outro forte, construído com treliças. Protegia-a das intempéries um engenhosa geringonça de lona que lem brava um guarda-chuva.

“Então, nos fundos”, disse Wem ick, “onde ninguém vê, pra que a ideia de uma fortificação não seja com prometida — pois pra mim é uma questão de princípios, se a pessoa tem uma ideia, há que pô-la em prática e levá-la adiante

—, não sei se o senhor é da mesma opinião...” Respondi que era, sem dúvida.

“Nos fundos, tem um porco, e galinhas e coelhos; então, eu mesmo o faço

uma estufa fria,⁴ o senhor sabe, e planto pepinos; e no jantar o senhor vai me dizer o que acha da minha salada. Assim ”, disse Wem ick, sorrindo de novo, porém sério ao mesmo tempo, sacudindo a cabeça, “se o senhor imaginar essa casinha sitiada, em matéria de provisões ela conseguiria se sustentar por um bom tempo.”

Em seguida, conduziu-me a um pavilhão a pouco mais de dez metros dali, mas ao qual se chegava por um caminho tão engenhosamente tortuoso que se levava um tempo considerável para atingir o destino; e nesse refúgio nossos copos já estavam preparados. O ponche esfriava num laguinho ornamental, à margem do qual se elevava o pavilhão. Esse espelho d'água (com uma ilha no meio que poderia servir de salada para nosso jantar) era de forma circular, e Wemwick construíra uma fonte nele, a qual, quando se fazia funcionar um pequeno moinho e se desenvolhia um cano, esguichava água suficiente para me olhar as costas da mão.

“Sou meu próprio engenheiro, carpinteiro, encanador e jardineiro, meu próprio pau pra toda a obra”, disse Wemwick, quando o elogiei. “Bom, isso é uma coisa boa, o senhor sabe. Serve para afastar as teias de aranha de Newgate, e agrada o idoso. O senhor não se incomodaria se eu o apresentasse de imediato ao idoso, não é? Não seria um constrangimento para o senhor?”

Manifestei a disposição que de fato sentia, e entramos no castelo. Lá dentro encontramos, sentado ao lado da lareira, um homem muito velho com um casaco de flanela: limpo, alegre, bem instalado e bem cuidado, porém completamente surdo.

“Bem, pai idoso”, disse Wemwick, apertando-lhe a mão de modo cordial e jocoso. “Com o vai o senhor?”

“Bem , John; bem !”, respondeu o velho.

“Este aqui é o senhor P ip, pai idoso”, disse Wem m ick, “e é um a pena o senhor não poder ouvir o nom e dele. Acene bastante com a cabeça para ele,

senhor P ip; é disso que ele gosta. P ode acenar bastante, se o senhor não se incom oda, com o quem pisca o olho!”

“Um a beleza, esta casa do m eu filho, m eu senhor”, disse o velho, enquanto eu balançava a cabeça com toda força. “É um lugar m uito agradável, m eu senhor. Este lugar e as coisas tão bonitas construídas nele deviam ser m antidas pela nação, depois que m eu filho se for, para o desfrute da população.”

“O senhor está feliz com o o filho do padre, não é, idoso?”, disse Wem m ick, contem plando o velho, com um toque real de suavidade em seu rosto duro; “vou acenar para o senhor”, acenando com a cabeça de m odo trem endam ente enfático, “e m ais um a vez”, repetindo o gesto com um a ênfase m aior ainda; “o senhor gosta, não gosta? Se não estiver cansado, senhor P ip — em bora eu saiba que é cansativo para os desconhecidos — podia acenar m ais um a vez? O senhor não im agina o quanto ele gosta.”

Acenei para ele m ais algum as vezes, e o velho ficou felicíssim o. Deixam o-lo levantando-se para dar com ida às galinhas, e fom os tom ar nosso ponche no pavilhão; lá Wem m ick m e disse, enquanto fum ava seu cachim bo, que levava m uitos anos para

conseguir fazer com que sua propriedade atingisse seu atual estado de perfeição.

“A propriedade é sua, senhor Wem m ick?”

“É, sim”, respondeu Wem m ick. “Consegui adquiri-la, pouco a pouco. É

propriedade alodial, ora se não é!”

“Não diga! Espero que o senhor Jaggers a adm ire!”

“Nunca a viu”, respondeu Wem m ick. “Nunca ouviu falar nela. Nunca viu o idoso. Nunca ouviu falar nele. Não; o escritório é um a coisa, e a vida privada é outra. Quando vou pro escritório, deixo o castelo pra trás, e quando venho pro castelo, deixo o escritório pra trás. Se não for desagradável pro senhor, peço-lhe que faça o m esm o. Não gostaria que isso aqui fosse m encionado em caráter profissional.”

Naturalm ente, percebi que m inha boa-fé estava envolvida na observância desse pedido. Com o o ponche era m uito gostoso, ficam os a beber e conversar até quase as nove horas. “Quase na hora da salva”, disse então Wem m ick, largando o cachim bo. “É a delícia do idoso.”

Voltando para dentro do castelo, encontram os o idoso aquecendo o atiçador da lareira, os olhos cheios de expectativa, com o preparativo para o desem penho dessa grande cerim ônia diária.

Wem m ick ficou com o relógio na mão, até chegar o momento em que ele retirava o atizador em brasa da mão do idoso e ia para a bateria. Ele o pegou e saiu, e pouco depois a Poderosa disparou, com uma explosão que fez a caixinha frágil daquela casinha estremecer com o se ela fosse cair aos pedaços, e fez tinirem todos os copos e xícaras que havia dentro dela. Ao ouvir o som, o idoso — o qual, creio-o eu, teria sido lançado de sua poltrona se não estivesse agarrado a ela — gritou, exultante: “Ela disparou! Eu ouvi!”, enquanto eu acenava para ele até, sem exagero, não conseguir enxergá-lo mais.

No intervalo entre essa hora e o jantar, Wem m ick exibiu-me sua coleção de curiosidades. Em sua maioria, as peças eram de natureza criminosa; lá estavam a caneta com que fora perpetrada uma célebre falsificação, uma ou duas navalhas de distinção, vários cachos de cabelo e várias confissões manuscritas com postas após a condenação — às quais o sr. Wem m ick atribuía valor em particular por serem, para citar suas exatas palavras, “todas elas intactas, meu senhor”. Estavam dispostas, de modo atraente, em meio a diversos pequenos espécimes de porcelana e vidro, vários objetos engenhosos feitos pelo proprietário do museu e alguns calcadores de fumo5 entalhados pelo idoso. Todas essas peças ficavam em exposição naquele cômodo do castelo a que eu fora conduzido ao entrar nele, e que funcionava não apenas com o sala de estar geral mas também

com o cozinha, a julgar pela presença de uma caçarola junto à lareira, e um anel de latão acima do fogo feito para nele pendurar-se um espeto giratório.⁶

Uma menina bem asseada punha a mesa; era ela quem cuidava do idoso durante o dia. Depois que ela estendeu a toalha de mesa, a ponte foi baixada para a menina ir em bora, e ela se foi. O jantar foi excelente; e em bora o castelo fosse muito sujeito ao caruncho, o que lhe dava um gosto de noz estragada, e em bora o porco pudesse estar mais distante da sala, fiquei muito satisfeito com a refeição. Também não me desagradou meu quartinho no torreão, se bem que era tão fino o teto que me separava do mastro da bandeira que me dava a impressão de ser eu obrigado a equilibrá-lo na minha testa a noite toda.

Wemrick levantou-se muito cedo, e creio tê-lo ouvido limpando minhas botas. Depois disso, foi cuidar do jardim, e de minha janela gótica vi que ele fingia atribuir tarefas ao idoso, acenando para ele com extrema dedicação. Nosso desjejum foi tão bom quanto a ceia, e às oito e meia em ponto partimos para Little Britain. Enquanto caminhávamos, pouco a pouco Wemrick foi ficando mais seco e mais duro, e sua boca voltou a ficar tensa, reduzindo-se à condição de fenda de caixa de correio. Por fim, quando chegamos a seu escritório e ele tirou a chave do colarinho do casaco, Wemrick parecia não ter qualquer consciência de sua propriedade em Walworth, com o seu castelo,

e a ponte levadiça, e o pavilhão, e o lago, e a fonte, e o idoso, tivessem todos sido lançados ao espaço pelo último tiro da Poderosa.

CAPÍTULO XXVI

Tal como fora previsto por Wemmick, logo tive oportunidade de comparecer ao escritório de meu tutor com a ajuda de seu guarda-livros e empregado. Meu tutor estava em seu gabinete, lavando as mãos com seu sabonete perfumado, quando entrei no escritório vindo de Walworth; ele chamou-me e dirigiu a mim e a meus amigos o convite que Wemmick já me havia preparado para receber. “Nada de cerimônias”, estipulou ele, “e nada de traje a rigor, e pode ser amanhã.” Perguntei-lhe aonde deveriam os ir (pois eu não fazia ideia de onde ele morava), e creio que foi sua relutância em geral a atender qualquer pedido que o levou a responder: “Venham aqui, que eu os levo para casa comigo”. Aproveitei esta oportunidade para comentar que ele se lavava de seus clientes como se fosse um cirurgião ou um dentista. Tinha em seu gabinete um armário adaptado para esse fim, que cheirava a sabonete perfumado como se fosse um aparador perfumado. Nele havia uma toalha rolante de tamanho extraordinário adaptada do lado de dentro da porta, e ele lavava as mãos e as enxugava e secava nessa toalha, sempre que vinha do tribunal de causas criminais ou despachava um cliente em seu gabinete. Quando eu e meus amigos chegamos ao seu gabinete às seis da tarde do dia seguinte, ele parecia estar envolvido num caso mais tenebroso do que de costume, pois o encontramos com a cabeça enfiada nesse armário.

ário, lavando não apenas as mãos mas também o rosto, e gargarejando. Mesmo depois de fazer tudo isso, e dar uma volta com a pleta na toalha rolante, tirou do bolso um canivete e raspou debaixo das unhas os últimos vestígios do caso antes de vestir o paletó.

Lá fora havia pessoas à espreita com o sempre, quando saímos para a rua, pessoas que estavam claramente ansiosas para falar com ele; mas havia algo de tão conclusivo no halo de sabonete perfumado em torno de sua presença que elas desistiram de abordá-lo naquele dia. Enquanto caminhávamos em direção ao oeste, ele foi reconhecido várias vezes por rostos na multidão, e sempre que isso acontecia ele falava mais alto com vigor; mas jamais reconhecia ninguém, nem dava atenção a ninguém que o reconhecesse.

Levou-nos à Gerrard-street, no Soho, até uma casa no lado sul da rua. Uma casa um tanto imponente, porém muito precisada de uma demão de tinta, e com janelas sujas. Ele tirou do bolso a chave e abriu a porta, e todos nós entramos num saguão de pedra, nu, escuro e pouco utilizado. Daí subimos uma escada preta escura e chegamos a uma série de três aposentos pardos e escuros no andar de cima. Nas almofadas das portas havia grinaldas entalhadas na madeira, e quando ele se colocou entre elas dando-nos as boas-vindas, pensei na espécie

de laços em que aquelas formas me faziam pensar.

O jantar foi servido no melhor desses aposentos; o segundo era o quarto de vestir; o terceiro, o quarto de dormir. Ele nos disse que alugava a casa toda, mas quase nunca usava os outros cômodos que não estavam os vendo. A mesa era farta — não havia prata, é claro — e ao lado de sua cadeira ficava um aparador móvel avantajado, com uma variedade de garrafas e quatro pratos de frutas para a sobremesa. Percebi que, durante toda a refeição, ele mantinha tudo à mão, e distribuía tudo ele próprio.

Havia uma estante no recinto; vi, pelas lombadas, que eram obras sobre direito probatório, direito penal, biografias de criminosos, processos, leis e coisas semelhantes. Os móveis eram todos muito sólidos e bons, tal com o da corrente de seu relógio. Tinham, porém, um aspecto oficial, e não havia nada à vista que fosse puramente ornamental. Num canto havia uma mesinha cheia de papéis com um abajur: pelo visto, ele parecia trazer o escritório para casa também sob esse aspecto, e dedicar-se ao trabalho à noite.

Com o até então mal-vira meus três com panheiros — pois eu e ele viéramos caminhando lado a lado — o sr. Jaggars plantou-se no tapete diante da lareira, depois de tocar o sino, e ficou a perscrutá-los atentamente. Para minha surpresa, demonstrou de imediato estar interessado principalmente, se não exclusivamente, em Drummond.

“Pip”, disse ele, pondo a manzorra no meu ombro e levando-me até a janela. “Não sei distinguir um do outro. Quem é o Aranha?”

“Aranha?”, indaguei.

“O sujeito de pele manchada, grandalhão, fechado.”

“É Bentley Drum m le”, respondi; “o de rosto delicado é Startop.”

Sem dar a menor importância ao de “rosto delicado”, ele me disse: “Então o nome dele é Bentley Drum m le? Gostei da cara do sujeito”.

E pôs-se na mesma hora a conversar com Drum m le; não se incomodou nem um pouco com o jeito do outro de responder de modo pesado e lacônico, porém esse fato parecia estimulá-lo a arrancar palavras dele. Eu estava a olhar para os dois quando se colocou entre mim e eles a empregada, pondo sobre a mesa a primeira travessa.

Era uma mulher de cerca de quarenta anos, pareceu-me — mas é possível que eu a tenha tomado por mais jovem do que era. Um tanto alta, um corpo esguio e ágil, extremamente pálida, com olhos grandes de cor desmaiada, e uma abundância de cabelos lisos. Não sei dizer se alguma doença do coração fazia com que seus lábios ficassem entreabertos como se ela estivesse ofegante, e em prestava a seu rosto uma curiosa expressão de alarme e agitação; mas sei que eu já assistira a Macbeth no teatro, uma ou duas noites antes, e que seu rosto me

parecia distorcido pelo fogo no ar, tal com os rostos que eu vira elevando-se do caldeirão das bruxas.¹

Ela pôs sobre a mesa a travessa, tocou-me no braço com o

dedo para avisá-lo de que o jantar estava servido e desapareceu. Sentamos-nos em torno da mesa redonda, e meu tutor fez Drummond instalar-se num de seus lados, colocando Startop do outro lado. A empregada pusera sobre a mesa um

peixe finíssimo, em seguida foi-nos servido um carneiro de igual qualidade, e por fim uma ave de igual qualidade. Os molhos, os vinhos, todos os acessórios de que necessitávamos, tudo do bom e do melhor, eram distribuídos por nosso anfitrião, que os retirava da despensa móvel a seu lado; e quando completavam o circuito da mesa, ele os recolocava no lugar. Do mesmo modo, entregavam-nos pratos e talheres limpos para cada prato, e jogava os usados em duas cestas que ficavam ao lado de sua cadeira, no chão. Não apareceu nenhum outro criado além da empregada. Ela trazia cada prato; e eu sempre via em seu rosto um rosto saído do caldeirão. Anos depois, obtive uma imagem terrível daquela mulher, fazendo com que um rosto cuja única semelhança com a dela era a longa cabeleira lisa passasse por trás de um recipiente com álcool em chama numa sala escura.

Tendo sido levado a prestar atenção na empregada, tanto por sua própria aparência surpreendente quanto pela recomendação de Wemick, observei que sempre que estava na sala ela mantinha os olhos atentos voltados para meu tutor, e que retirava as mãos

de qualquer travessa que punha diante dele, hesitante, com o se-
tem esse que ele a chamasse de volta, e quisesse que ele lhe
dirigisse a palavra quando ela estava presente, se tivesse algo a
dizer. Imaginei perceber que ele tinha consciência desse fato, e que
fazia questão de mantê-la sempre em suspense.

O jantar foi alegre, e, embora meu tutor parecesse acompanhar
os assuntos que surgiam em vez de propô-los, eu sabia que ele
estava arrancando de nós as nossas maiores fraquezas. Quanto a
mim, dei-me conta de estar manifestando minha tendência a
fazer gastos excessivos, e a tratar Herbert com
condescendência, e a gabar-me de meu futuro promissor, antes
mesmo de dar conta de que tinha aberto os lábios. O mesmo se
deu com cada um de nós, mas principalmente com Drummond:
ele foi levado a manifestar sua tendência a fechar-se de modo
ressentido e suspeito diante dos outros antes mesmo que a
travessa do peixe fosse retirada da mesa.

Não foi neste momento, e sim quando já estavam os no queij
o, que a conversa recaiu sobre nossos feitos aquáticos, e que Drum
mond foi ridicularizado por vir remando atrás de nós daquele seu j
eito lerdo e anfibio. Ao ouvir isso, Drummond disse ao nosso anfitrião
que preferia o quarto à nossa companhia, e que com o remador
ele era um mestre em relação a nós, e que em matéria de força ele
podia jogar-nos para o alto como fossem os palhaços. De
algum modo invisível, meu tutor conseguiu levá-lo quase à

ferocidade a partir dessa insignificância; e Drum m le chegou a desnudar o braço e contraí-lo para exibir os m úsculos, e todos nós com eçam os a fazer o m esm o do m odo m ais ridículo.

Ora, a essa altura a em pregada estava tirando a m esa; m eu tutor, sem dar atenção a ela, com o rosto virado para o outro lado, estava encostado em sua cadeira, m ordendo o lado do dedo indicador e dem onstrando um interesse por Drum m le que, para m im , parecia quase inexplicável. De súbito, pousou a m anzorra sobre a m ão da em pregada com o se fosse um a arm adilha, no m om ento em que a m ulher tinha a m ão aberta sobre a m esa. Fez isso de m odo tão súbito e engenhoso que todos nós interrom pem os nossa tola exibição.

“Já que o assunto é força”, disse o sr. Jagggers, “vou m ostrar a vocês o que é um punho. Molly , m ostra a eles o teu punho.”

A m ão da em pregada estava presa sobre a m esa, porém ela j á havia colocado a outra atrás da cintura. “P atrão”, disse ela, em voz baixa, com os olhos fixos nele, atentos, im plorando. “Não!”

“Vou m ostrar a vocês o que é um punho”, repetiu o sr. Jagggers, com um a determ inação irrem ovível. “Molly , m ostra a eles o teu punho.”

“P atrão”, ela m urm urou outra vez. “P or favor!”

“Molly ”, disse o sr. Jaggery, sem olhar para ela, porém fixando a vista de modo obstinado no lado oposto da sala, “mostra a eles os teus dois punhos.

Mostra. Vam os!”

Ele tirou sua mão de cima da dela, e virou-lhe o punho para cima sobre a mesa. A empregada tirou a outra mão de trás das costas e exibiu ambas lado a lado. A segunda mão estava muito desfigurada — cheia de sulcos e cicatrizes profundas de um lado ao outro. Ao exibir as duas mãos, ela desviou o olhar do sr. Jaggery e voltou-o, atenta, para cada um de nós, um por um .

“São mãos poderosas”, disse o sr. Jaggery, percorrendo friamente os tendões com o dedo. “Pouquíssimos homens têm punhos fortes como os dessa mulher. É notável a força preensil dessas mãos. Já tive oportunidade de examinar muitas mãos; mas nunca vi tão fortes quanto estas, nem em homens, nem em mulheres.”

Enquanto o sr. Jaggery dizia essas palavras num tom crítico e tranquilo, a empregada continuava a olhar para cada um de nós sucessivamente. Tão logo seu patrão se calou, ela voltou a olhar para ele. “Está bem , Molly ”, disse o sr. Jaggery, com um ligeiro aceno de cabeça; “já foste admirada; podes ir.” Ela retirou as mãos da mesa e saiu da sala, e o sr. Jaggery, pegando na despensa móvel as garrafas, encheu sua taça e passou o vinho.

“Às nove e meia, senhores”, disse ele, “tem os que nos recolher. Por favor, aproveitem da melhor maneira seu tempo. Foi uma satisfação vê-los a todos. Senhor Drummond, a sua saúde.”

Se seu objetivo ao destacar Drummond fora atingido ainda mais, seu sucesso foi absoluto. Com um tom humoral triunfal, Drummond manifestou sua má opinião de todos nós, tornando-se cada vez mais ofensivo, até ficar realmente intolerável. Em cada uma das etapas desse processo, o sr. Jagger o observava com o mesmo interesse estranho. Era como se Drummond desse mais sabor ao vinho do sr. Jagger.

Com nossa indiscrição juvenil, creio que bebem os demais, e sei que falam os demais. Ficamos particularmente indignados quando Drummond fez um comentário grosseiro a respeito do modo como desperdiçavam os nossos dinheiro. Isso me levou a observar, com mais zelo do que discrição, que era ingratidão de sua parte dizer tal coisa, pois Startop lhe havia em prestado dinheiro na minha presença cerca de uma semana antes.

“Ora”, retorquiu Drummond, “ele vai ser pago.”

“Não estou dizendo o contrário”, disse eu, “mas esse fato talvez devesse fazê-lo não nos criticar por gastarmos tanto dinheiro, eu diria.”

“O senhor diria!”, exclamou Drummond. “Ah, meu Deus!”

“Eu diria”, prossegui, com intenção de ser muito severo, “que o senhor não

em prestaria dinheiro a nenhum de nós, se lhe pedíssemos.”

“Tem razão”, disse Drummele. “Eu não em prestaria a vocês nem seis pence.

Eu não em prestaria seis pence a ninguém.”

“Nesse caso, me parece um tanto mais esquisito pedir dinheiro em prestado, eu diria.”

“O senhor diria”, repetiu Drummele. “Ah, meu Deus!”

Isso era tão irritante — ainda mais porque eu sentia que não conseguia nada contra sua obtusidade carrancuda — que prossegui, ignorando as tentativas de Herbert no sentido de me conter:

“Ora, senhor Drummele, já que estão os falando sobre isso, vou lhe dizer o que se passou entre Herbert e mim, quando o senhor pegou aquele dinheiro em prestado.”

“Eu não quero saber o que se passou entre Herbert e o senhor”, rosnou Drummele. E creio que acrescentou, num rosnado mais baixo, que nós dois podíamos ir para o inferno.

“Mas vou lhe dizer assim mesmo”, insisti, “querendo ou não. Dissemos, no momento em que o senhor punha o dinheiro no bolso, muito satisfeito por tê-lo conseguido, que o senhor parecia

achar muita graça de ver que nós éramos os fracos o bastante para lhe fazer o empréstimo.”

Drummele riu abertamente, e ficou rindo de nós, com as mãos nos bolsos e os ombros redondos levantados: deixando bem claro que aquilo era verdade e que ele nos desprezava a todos, por sermos um bando de idiotas.

Neste ponto Startop passou a dirigir-se a ele, ainda que de modo mais delicado que eu, exortando-o a ser um pouco mais agradável. Sendo Startop um rapaz animado e inteligente, e sendo Drummele exatamente o contrário, este sempre guardava ressentimentos em relação àquele, vendo no outro uma afronta pessoal dirigida a ele. Assim, deu-lhe uma resposta grosseira e estúpida, e Startop tentou desviar o assunto dizendo algum gracejo que nos fez a todos rir. Encarando esse pequeno sucesso com a maior afronta de todas, Drummele, sem qualquer ameaça ou aviso, tirou as mãos dos bolsos, abaixou os ombros arredondados, solou uma imprecisão, pegou um copo grande e o teria jogado na cabeça de seu adversário se nosso anfitrião com muita destreza não o tivesse agarrado num momento em que ele o levantou com tal fim.

“Senhores”, disse o sr. Jagers, pondo sobre a mesa o copo com um gesto decidido e consultando o relógio de ouro, pendurado em sua corrente pesada, “lamentavelmente informar-lhes que são nove e meia.”

Diante dessas palavras, todos nos levantamos para ir em bora. Antes de chegarmos à porta da rua, Startop já estava chamando Drummele “meu velho”, como se nada houvesse acontecido. Mas “meu velho” não apenas não respondeu como também se recusou a caminhar até Hammersmith pela mesma calçada que ele; assim, Herbert e eu, que íamos ficar na cidade, vimos os dois caminhando pela rua cada um de um lado; Startop à frente, e Drummele a uma certa distância atrás, pelas sombras das casas, tal como fazia em seu barco.

Como a porta ainda não estava fechada, resolvi deixar Herbert a minha espera por um momento e subi correndo para falar com meu tutor. Encontrei-o

em seu quarto de vestir, cercado por sua provisão de botas, já lavando suas mãos de nós.

Disse-lhe que havia voltado para dizer que lamentava muito o incidente tão desagradável que ocorrera, e que eu esperava que ele não pusesse a culpa em mim.

“Ora!”, exclamou ele, jogando água no rosto e falando por entre as gotas d’água, “não foi nada, Philip. Mas gostei do tal do Aranha.”

Havia se virado para mim e sacudia a cabeça, e bufava, enquanto se enxugava.

“Agrada-me que o senhor tenha gostado dele”, retruquei; “mas eu não gosto.”

“Não, não”, disse em eu tutor; “é bom não se envolver muito com ele. Mantenha distância dele se puder. Mas eu gosto do sujeito, Pip; esse é um tipo verdadeiro. Ora, se eu fosse vidente...”

Olhando por detrás da toalha, fixou em eu olhar.

“Mas não sou vidente”, prosseguiu, afundando a cabeça na toalha e enxugando as duas orelhas. “Você sabe o que eu sou, não sabe? Boa noite, Pip.”

“Boa noite, senhor Jagers.”

Cerca de um mês depois desse incidente, expirou o prazo de residência do Aranha com o sr. Pocket, e para grande alívio de todos na casa, menos da sra. Pocket, ele voltou para a toca de sua família.

CAPÍTULO XXVII

“Meu caro sr. Pip:

Escrevo a pedido do sr. Gargery, para informá-lo de que ele vai amanhã a Londres na companhia do sr. Wopsle, e gostaria de ter permissão de visitar o senhor. Ele chegaria ao Barnard's Hotel na manhã de terça às nove horas, e pede que avise se essa hora não lhe for propícia. Sua pobre irmã está do mesmo jeito que estava quando o senhor partiu. Falam os a seu respeito na cozinha todas as noites, e querem os muito saber o que o senhor anda dizendo e fazendo. Se eu estiver tomando uma liberdade excessiva, peço desculpas em nome dos dias pobres de outrora. É tudo, caro sr. Pip, de
Sua criada obrigada, com afeto, Biddy.

P. S. Ele me pede com insistência que eu escreva grandes patuscadas. Diz ele que o senhor há de compreender. Espero que para o senhor seja um prazer vê-lo, e tenho certeza de que será, muito embora o senhor agora seja um cavalheiro, pois seu coração sempre foi bom e ele é um homem muito muito honrado. Li para ele toda essa carta, omitindo apenas essa última frase, e ele insiste comigo que eu escreva de novo grandes patuscadas.”

Essa carta me foi entregue pelo correio na manhã de segunda-feira, e assim o encontro seria no dia seguinte. Deixem-me confessar exatamente com que sentimentos eu aguardava a chegada de Joe.

Não com prazer, em bora tantos vínculos me unissem a ele; não; com muita perturbação, certa mortificação e uma intensa sensação de incongruência. Se eu pudesse mantê-lo afastado pagando determinada quantia, certamente o teria feito. O que mais me tranquilizava era saber que ele viria ao Barnard's Inn, e não a Hammersmith, e, por conseguinte, não teria contato com Bentley Drummond. Não me incomodava que ele fosse visto por Herbert ou por seu pai, duas pessoas que tinham meu respeito, porém desagradava-me muito a ideia de ele ser visto por Drummond, que eu desdenhava. Assim é que, no decorrer de nossas vidas, nossas maiores fraquezas e mesquinhasias costumam ser motivadas pelas pessoas que mais desprezam os.

Eu havia adquirido o hábito de viver reformando meus aposentos das maneiras mais desnecessárias e impróprias, e muito me custavam esses emba-

com o Barnard's Inn. A essa altura, os aposentos já estavam muito diferentes do que eram quando lá fui morar, e eu tinha a honra de ocupar algumas páginas de destaque nos livros de um estofador da vizinhança. Nos últimos tempos, havia até mesmo o passado a empregar um rapaz de botas¹ — botas de cano alto — de quem

se podia dizer que eu havia me tornado escravo. Pois, tendo criado o monstro² (a partir do refúgio da família de minha lavadeira) e tendo-o vestido com um paletó azul, um colete amarelo-canário, um lenço branco no pescoço, calças creme e as botas já mencionadas, eu era obrigado a providenciar-lhe alguma coisa para fazer e muita coisa para comer; e com essas duas horrendas exigências ele atormentava minha vida.

Esse fantasma vingador recebeu ordem de apresentar-se para o trabalho às oito da manhã de terça-feira no hall de entrada (um quadrado com sessenta

centímetros de lado, conforme a conta da lona³ para o soalho), e Herbert sugeriu alguns itens para o desejo um que imaginava haveriam de agradar a Joe. Embora eu me sentisse sinceramente agradecido por ele demonstrar tanto interesse e consideração, uma estranha suspeita sem i-induzida me levava a pensar que, se Joe tivesse vindo visitar a ele, Herbert não seria tão expedito.

Entretanto, vim à cidade na noite de segunda a fim de me preparar para Joe, e levantei-me cedo na manhã seguinte, e dei a aparência mais esplêndida possível à sala de estar e à mesa de desejo um. Infelizmente, era um a manhã de garoa, e nem mesmo o um anjo teria conseguido ocultar o fato de que o Barnard estava chorando lágrimas de fuligem do lado de fora da janela, com o se fosse um limpacham inés gigantesco, porém fraco.

À medida que se aproximava a hora, eu tinha vontade de fugir, porém o vingador, obedecendo às ordens recebidas, estava no hall, e depois de algum tempo ouvi Joe subindo a escada. Sabia que era ele, por seu jeito desajeitado de subir as escadas — suas botas de domingo eram sempre grandes demais para ele

— e pelo tempo que levou para ler os nomes nos outros andares no decorrer de sua ascensão. Quando por fim parou diante da porta, ouvi seu dedo a percorrer as letras pintadas de meu nome, e depois ouvi claramente sua respiração no buraco da fechadura. Finalmente, deu um a única batida fraca na porta, e Pepper — era esse o nome com prometedor* do rapaz vingador — anunciou: “O senhor Gargery!”. Pareceu-me que ele já iamais ia terminar de limpar os pés no capacho, e que seria necessário ir até lá para arrastá-lo para dentro, mas por fim ele entrou.

“Joe, como estás, Joe?” “Pepper, como estás, Pepper?”

Com seu rosto bom e honesto brilhando, e o chapéu posto no chão entre nós, tomou minhas duas mãos e ficou a sacudi-las para cima e para baixo, como se eu fosse um novo modelo de bomba recém-patenteado.

“É um prazer ver-te, Joe. Dá-me teu chapéu.”

Mas Joe, pegando-o cuidadosamente com as duas mãos, como se fosse um ninho cheio de ovos de pássaros, recusou-se a

separar-se daquela sua propriedade, e continuou em pé, falando por cima do chapéu de modo muito desconfortável.

“O cujo está tão crescido”, disse Joe, “e tão engordado, e cavalheirado”, Joe pensou um pouco antes de encontrar a palavra, “que certamente há de ser uma honra para o seu rei e o seu país.”

“E tu, Joe, estás muitíssimo bem.”

“Graças a Deus”, disse Joe, “não sou mais pior que ninguém. E a sua irmã, ela não está mais pior do que já estava. E a Bidy, essa continua muito boa e prestativa. E os amigos, nenhum não foi para trás nem foi para frente, não. Tirando o Wopsle; esse aí piorou.”

Todo esse tempo (enquanto as duas mãos continuavam segurando cuidadosamente o ninho de passarinho), os olhos de Joe davam voltas e mais voltas pela sala, e voltas e mais voltas pelo padrão de florzinha do seu roupão.

“Piorou, Joe?”

“Ah, piorou, sim”, disse Joe baixando a voz, “largou da Igreja e deu de ser ator. Pela cuja ideia de ser ator é que veio a Londres juntamente comigo. E ele pediu”, disse Joe, colocando o ninho debaixo do braço esquerdo por um momento e procurando um ovo dentro dele com a mão direita, “se não te for incômodo, para mim entregar isso.”

Peguei o que Joe me deu, e verifiquei que era o programa amassado de um pequeno teatro metropolitano, anunciando a primeira aparição, naquela exata semana, do “célebre ator provinciano de renome toscano, cujo incomparável desempenho nas mais elevadas passagens trágicas do nosso bardo nacional⁴ recentemente causou tamanha sensação nos círculos dramáticos locais.”

“E foste assistir o desempenho dele, Joe?”, perguntei. “Fui, sim”, respondeu Joe, com ênfase e solenidade. “E foi mesmo o um grande sensação?”

“Ora”, disse Joe, “até que jogaram um casca de laranja.⁵ Ainda mais na hora que ele vê o fantasma. Se bem que eu pergunto se é coisa que se faça com um homem de bom coração ficar se metendo entre ele e o fantasma, com

‘amém!’ Está certo que ele teve lá os seus problemas e já foi da Igreja”, disse Joe, abaixando a voz e adotando um tom argumentativo e solidário, “mas nem por isso se pode fazer uma coisa dessa numa hora dessa. Quer dizer, se nem o fantasma do pai dele pode falar com ele, então quem é que pode, o senhor não acha? E o pior é que a roupa de luto dele é tão pequena que o peso das penas pretas faz ela cair a toda hora, mesmo ele puxando pra cima o tempo todo.”

Um a expressão de quem estava vendo um fantasma, surgida no rosto de Joe, me informou que Herbert havia entrado no recinto. Assim, apresentei Joe a Herbert, o qual lhe estendeu a mão, mas Joe recuou, agarrando-se a seu ninho de passarinho.

“Seu criado, senhor”, disse Joe, “o cujo eu espero que o senhor e o Pip” — nesse momento, viu o vingador, que estava colocando torradas sobre a mesa, e de tal modo manifestou a intenção de incorporar aquele jovem cavalheiro à família que o fuzilei com o olhar, confundindo-o ainda mais — “quer dizer, os dois cavalheiros presentes — os cujos eu espero que esse lugar fechado não faz mal pra saúde dos senhores? Porque essa estalage pode até ser muito boa, de

acordo com as opiniões londrinas”, disse Joe, em tom confidencial, “o que pode até ser verdade; mas eu por mim é que não ia guardar nem o meu porco aqui dentro — se eu quisesse que ele ficasse bem gordinho e saudável e com um gosto bem suave.”

Tendo dado esse depoimento lisonjeiro com referência aos méritos de nossa moradia, e tendo demonstrado sua tendência a me chamar de senhor, Joe, sendo convidado a sentar-se à mesa, correu os olhos por toda a sala procurando um lugar adequado em que deixar seu chapéu — como se fossem muito poucas as substâncias existentes na natureza que lhe podiam servir de local de repouso — e, por fim, colocou-o no canto mais distante do console da lareira, de onde ele passou a cair de quando em quando.

“O senhor tom a chá ou café, senhor Gargery?”, perguntou Herbert, que sem pre presidia os desjejuns.

“Obrigado, senhor”, respondeu Joe, rígido dos pés à cabeça, “eu tom o o que o senhor mais preferir.”

“Que tal café?”

“Obrigado, senhor”, disse Joe, claramente desanimado com essa perspectiva, “já que o senhor tem a bondade de escolher o café, não vou contrariar suas opiniões. Mas o senhor não acha que esquentar um de pouco demais?”

“Então chá”, disse Herbert, servindo.

Nesse momento o chapéu de Joe caiu do console, e ele levantou-se da cadeira num salto e recolocou-o exatamente no mesmo lugar. Com o se a boa educação exigisse que ele voltasse a cair em breve.

“Quando o senhor chegou à cidade, senhor Gargery?”

“Foi ontem à tarde?”, disse Joe, após tossir atrás da mão, com o se já tivesse tido tempo de pegar coqueluche desde sua chegada.

“Não, não foi não. Foi, sim. Foi. Foi ontem à tarde” (com um ar que com binava sabedoria, alívio e absoluta imparcialidade).

“O senhor já viu alguma coisa de Londres?”

“Ah, vi, sim, senhor”, disse Joe, “Eu e o Wopsle fomos direto ver a Casa da

Graxa.⁶ Mas a gente acham os que era muito diferente da figura que aparece naqueles cartaz vermelho que eles põe nas porta das loja; ou seja”, acrescentou Joe, didático, “na figura é muito mais arquitetônico.”

Creio mesmo que Joe teria prolongado a palavra (o que aliás evoca em minha mente muito bem algumas obras de arquitetura que conheço) até transformá-la num verdadeiro estribilho, se sua atenção não tivesse sido providencialmente atraída pelo chapéu, que estava quase caindo. De fato, essa peça de vestuário exigia sua atenção constante, e uma presteza de olho e mão não inferior à do jogador de críquete. Seu desempenho era extraordinário, e sua destreza era imensa; ora corria e pegava o chapéu com jeito no chão; ora limitava-se a pegá-lo em pleno ar no momento da queda, socando-o e acariciando-o em vários pontos da sala, esfregando-o em diversos trechos do papel de parede, até sentir que podia deixá-lo de lado sem perigo; por fim, deixou-o cair na tigela de restos de chá, onde tomou a liberdade de pegá-lo.

Quanto ao colarinho da camisa e ao colarinho do casaco de Joe, eles

provocavam muita perplexidade — eram ambos mistérios insolúveis. O que levaria um homem a arranhar-se a tal ponto, para que pudesse considerar-se bem vestido? Por que motivo ele julgaria necessário purificar-se pelo sofrimento vestindo aqueles

trajes de domingo? Além disso, Joe me orgulhava em inescrutáveis períodos de meditação, o garfo pousado a meio caminho entre o prato e a boca; seus olhos se voltavam para as direções mais estranhas; ele era acometido de notáveis acessos de tosse; por ficar muito afastado da mesa, deixava cair mais comida que conseguia levar a boca, e depois fingia que não havia deixado cair nada; assim, fiquei profundamente animado quando Herbert se despediu e foi para o trabalho.

Eu não tinha nem bom senso nem bons sentimentos o bastante para saber que tudo aquilo era culpa minha, que se eu tivesse ficado mais à vontade com Joe, Joe teria ficado mais à vontade comigo. Ele me inspirava impaciência e irritação; e assim estava eu quando ele despejou brasas sobre minha cabeça.

“Agora que nós dois estamos a sós, senhor...”, cometeu Joe.

“Joe”, interrompi, implicante, “que história é essa de me chamar de senhor?”

Joe olhou-me por um breve instante com algo que parecia um tímido lampejo de reprimenda. Por mais absurdo que fosse o lenço em torno de seu pescoço, tanto quanto seus colarinhos, percebi que havia uma espécie de dignidade em seu olhar.

“Agora que nós dois estamos a sós”, retomou Joe, “e não tendo eu intenção nem capacidade de ficar muito mais tempo, assim vou concluir — ou pelo menos comear — dizendo o que foi que

me fez ter esta honra. Pois”, disse Joe, com sua velha expressão de explicação lúcida, “se me eu único desejo não fosse lhe ser útil, eu não teria tido a honra de repartilhar um a refeição na companhia de dois cavalheiro.”

Para não ter que ver aquele olhar outra vez, não me opus àquele tom de voz. “Pois bem, senhor”, prosseguiu Joe, “assim é que foi. Estava eu na Três

Barqueiros um a noite dessas, Pip” — sempre que ele se tornava afetuoso, chamava-me Pip, e sempre que recaía na polidez, chamava-me senhor — “quando chegou na carruagem dele o Plumblehook. O cujo”, disse Joe, tomando um a direção diferente, “tem vez que me deixa meio que aperreado, espalhando pra tudo que é lado que ele foi grande amigo seu quando menino e que lhe tinha por companheiro de brincadeira.”

“Bobagem. Tu é que eras meu companheiro, Joe.”

“O qual eu sempre achei que foi, Pip”, disse Joe, com um movimento brusco de cabeça, “se bem que isso agora pouco importa, senhor. Pois bem, Pip; esse mesmo cujo, com aquele jeito dele de fanfarrão, vem me procurar na Três Barqueiros (um cachimbo e um caneco de cerveja é muita coisa na vida de um trabalhador, senhor, sem excesso), e ele vira e diz assim: ‘Joseph, a senhora Havisham quer falar contigo’.”

“A senhora Havisham, Joe?”

“Ela quer’, foi o que disse o P um blechook, ‘falar contigo.’” E Joe ficou olhando para o teto, revirando os olhos.

“E aí, Joe? Continua, por favor.”

“No dia seguinte, senhor”, olhando-me com o se eu estivesse a uma grande distância dele, “depois de me lavar fui ter com a senhora A.”

“Senhora A., Joe? A senhora Havisham ?”

“Foi com o eu disse, senhor”, respondeu Joe, com um ar de formalidade legal, com o se estivesse fazendo seu testamento. “A senhora A., ou senhora Havisham . A qual então falou com o se segue: ‘Senhor Gargery. O senhor me antém correspondência com o senhor Pip?’. Tendo recibo carta sua, eu pude com veracidade dizer: ‘Sim ’(quando eu me desposei com a senhora sua irmã, eu disse ‘sim ’; e quando eu respondi a sua am ígia, Pip, eu disse ‘sim ’). ‘Nesse caso’, disse ela, ‘peço que o senhor diga a ele que a Estella está de volta e gostaria de vê-lo.’”

Senti que me o rosto pegava fogo enquanto eu olhava para Joe. Espero que uma das causas desse fenômeno tenha sido minha consciência de que, se eu soubesse qual o objetivo da visita de Joe, eu teria sido mais receptivo.

“A Biddy ”, prosseguiu Joe, “quando eu cheguei em casa e pedi que ela escrevesse uma mensagem para si, ela me deu que relutou. A Biddy falou assim :

‘Sei que ele vai gostar muito de ver-te em pessoa, é feriado, queres vê-lo, então vai!’. Falei e disse, senhor”, concluiu Joe, levantando-se de sua cadeira, “e, P ip, espero que tu progredas e prospires a uma altitude cada vez maior.”

“Mas não estás indo em bora agora, Joe?” “Estou sim”, respondeu Joe.

“Mas voltas para o almooço, Joe?” “Volto não”, respondeu Joe.

Nossos olhares encontraram-se, e o “senhor” esvaiu-se daquele coração viril no momento em que ele se estendeu a mão.

“P ip, meu querido, a vida é feita de muitas separações soldadas uma na outra, por assim dizer, e um homem é ferreiro, o outro é funileiro, o outro é ourive, o outro é caldeireiro. As separações ocorrem sempre, e o jeito é enfrentar elas. Se alguém tem culpa do que houve hoje, fui eu. Eu e tu não é pra se encontrar em Londres; nem em nenhum outro lugar que não seja em particular, entre amigos. Não é que eu seja orgulhoso, mas é que eu quero ficar bem, e nunca mais vais me ver com uma roupa assim. Eu não fico bem com essa roupa. Não fico bem fora da ferraria, da cozinha, nem longe do chaco. Não há de pôr defeito em mim se pensares em mim com minha roupa de ferreiro, com um martelo na mão, ou até um cachimbo. Não há de pôr defeito em mim, no caso de queres me visitar, quando puseres a cabeça na janela da ferraria e vires Joe, o ferreiro, lá na bigorna de sempre, com o velho avental

queimado, fazendo seu trabalho de sempre. Eu sou muito bronco, mas acho que consegui dizer alguma coisa direito finalmente. E assim, que Deus te abençoe, meu querido Pip, meu velho com panheiro, Deus te abençoe!”

Eu não estava enganado quando imaginei haver uma dignidade simples nele. Seu traje não era nenhum obstáculo para o sentido dessas palavras, com o tempo também não haveria de ser para ele nas portas do Céu. Joe tocou-me e de leve na testa e saiu. Assim que consegui recuperar-me o bastante, saí às pressas atrás dele e procurei-o nas ruas vizinhas, porém Joe já se fora.

* O nome comprometedor: A palavra pepper significa “pimenta”.
(n. t.)

CAPÍTULO XXVIII

Estava claro que eu teria de ir à nossa cidadezinha no dia seguinte, e ainda sob o primeiro impacto de meu arrependimento estava igualmente claro que eu teria de ficar na casa de Joe. Porém, depois que reservei meu lugar ao lado do cocheiro na diligência do dia seguinte e fui à casa do sr. Pocket e de lá voltei, não estava mais de modo algum seguro a respeito do segundo ponto, e comeci a inventar razões e desculpas para não hospedar no Javali Azul. Eu daria trabalho a Joe se ficasse em sua casa; eu não era esperado por lá; e minha cama não estaria pronta; eu estaria muito longe da sra. Havisham, e ela era exigente e talvez não gostasse. Todos os outros trapaceiros do mundo não são nada em comparação com aquele que fraudava a si próprio, e foi desse modo que enganei a mim mesmo. Sem dúvida, é uma coisa curiosa. Que eu inocentemente aceitasse uma moeda forjada por alguém é até razoável; mas que eu, com conhecimento de causa, desse valor à moeda falsa por mim mesmo fabricada! Um estranho prestativo, com a desculpa de estar dobrando de modo com pacto as minhas cédulas por uma questão de segurança, fica com as cédulas e me entrega cascas de nozes; mas em matéria de prestidigitação, com o com parar o que ele faz com o que eu faço, a dobrar eu mesmo as cascas de nozes e embolsá-las com o dinheiro!

Tendo decidido que ficaria no Javali Azul, fui tomado por uma terrível indecisão quanto a levar ou não o vingador. Seduzia-me a imagem daquele mercenário dispendioso a arejar suas botas em público no pátio do Javali Azul; pensava com seriedade em levá-lo, com ar displicente, à oficina do alfaiate, para confundir a atitude desrespeitosa do empregado de Trabb. Por outro lado, o empregado de Trabb poderia insinuar-se na sua intimidade e dizer-lhe coisas; ou então, afoito e desesperado como era, como bem eu sabia, seria capaz de apupá-lo na High-street. Minha protetora, além disso, poderia ouvir falar dele e não aprovar. Assim, pensando bem, decidi não levar o vingador.

Eu havia reservado um lugar na diligência da tarde, e como já estavam os invernos eu só chegaria duas ou três horas depois do anoitecer. Partiriam os da Cross Keys às duas da tarde. Cheguei ao terminal um quarto de hora antes, acompanhado pelo vingador — se faz sentido usar essa expressão para me referir a alguém que só me servia quando não havia outro jeito.

Naquela época, era comum transportar forçados até o estaleiro por diligência. Como eu já ouvira dizer várias vezes que eles viajavam do lado de fora, e mais de uma vez viram na estrada suas pernas, presas por grilhões,

pendendo do alto da carruagem, não me surpreendi quando Herbert, encontrando-se comigo no terminal, disse-me que dois forçados viajariam comigo. Porém eu tinha um m

otivo, já antigo, para hesitar toda vez que ouvia a palavra “forçado”.

“Você não se incomoda com eles, Handel?”, disse Herbert.
“Absolutamente!”

“Eu tinha a impressão de que você não gostava deles.”

“Não diria que gosto, com o imagine que você também não goste. Mas não me incomodo, não.”

“Olhe! Lá estão eles”, disse Herbert, “saindo do bar. Que cena mais degradante e vil!”

Imagine que haviam bebido junto com o guarda que vinha com eles, pois os três saíram enxugando os lábios nas costas da mão. Os dois prisioneiros estavam presos um ao outro por algemas, e levavam ferros nas pernas — grilhões de um tipo que eu conhecia bem. Usavam o traje que eu também conhecia bem. O guarda estava munido de um par de pistolas, e tinha também um porrete grosso debaixo do braço; mas mantinha boas relações com os prisioneiros, e parado ao lado deles contemplava a preparação dos cavalos, com um ar que dava a impressão de que os forçados eram uma exposição interessante que ainda não fora inaugurada, da qual ele era o curador. Um dos homens era mais alto e robusto que o outro, e parecia ter recebido, com o era de se esperar, segundo a lógica misteriosa do mundo dos prisioneiros e dos homens livres, roupas pequenas demais para ele. Seus braços

e pernas pareciam grandes almofadas de alfinetes, e seu traje o disfarçava de modo absurdo; mas reconheci seu olho sem icerrado de imediato. Lá estava o homem que eu vira sentado no banco da Três Barqueiros Alegres numa noite de sábado, e que me atingira com uma arma invisível!

Não foi difícil perceber que, até então, ele não me reconhecera; era como se jamais me tivesse visto na vida. Olhou para mim de relance, avaliou com o olhar a corrente de meu relógio; então cuspiu e disse alguma coisa ao outro forçado, e os dois riram e viraram-se, com um estalido metálico das algemas que os uniam, e passaram a olhar para outra coisa. Os números avantajados escritos em suas costas, como se eles fossem portas de casas; sua aparência exterior esquelética e grosseira, como se fossem animais inferiores; suas pernas presas com grilhões, tímidamente enfeitados com lenços; e o modo como todas as pessoas os olhavam e mantinham-se afastadas deles — tudo isso resultava (como dissera Herbert) num espetáculo muito desagradável e degradante.

Mas isso não era o pior. Formos informados de que toda a parte de trás da diligência seria ocupada por uma família que estava se mudando de Londres, e que não restavam outros lugares para os dois prisioneiros que não no banco da frente, atrás do cocheiro. Ao ouvir isso, um cavalheiro colérico, que havia reservado o quarto lugar naquele banco, teve um violento acesso de raiva, e disse que era

um a infração contratual obrigá-lo a viajar com aquela companhia infame, que era venenoso e pernicioso e infame e vergonhoso e não sei que mais. A essa altura a carruagem estava pronta e o cocheiro estava impaciente, e os prisioneiros haviam se aproximado juntamente com o guarda — e mais

aquele curioso odor de cataplasma de pão, baeta, estopa e pó de pedra¹ que sempre acompanha a presença de forçados.

“Não se apoque tanto assim, senhor”, pediu o guarda, dirigindo-se ao passageiro irritado. “Eu fico sentado junto ao senhor. Eles ficam do outro lado. Eles não vão incomodá-lo, senhor. Faça de conta que eles não estão lá.”

“E não ponha a culpa em mim”, rosnou o forçado que eu havia reconhecido.

“Eu é que não quero ir. Por mim, eu ficava aqui mesmo. Se alguém quiser, pode ir no meu lugar.”

“Ou no meu”, disse o outro, ríspido. “Se dependesse da minha vontade, eu

não ia incomodar ninguém.” Então os dois riram, e começaram a quebrar nozes e cuspir as cascas. — Creio que era o que eu mesmo teria feito, se me visse no lugar deles, sendo alvo de tanto desprezo.

Por fim, decidiu-se que não havia nada a fazer a respeito do cavalheiro irritado, o qual teria de ir com seus companheiros indesejáveis ou então desistir da viagem. Assim, ele assumiu seu lugar, ainda reclamando, e o guarda instalou-se a seu lado, enquanto os forçados se acomodaram com o puderam; aquele que eu havia reconhecido sentou-se atrás de mim, de modo que eu sentia sua respiração nos meus cabelos.

“Até logo, Handel!”, gritou Herbert quando partimos. Pensei que era uma sorte ele resolver-me chamar de outra coisa que não Pip.

É impossível exprimir a intensidade com que eu sentia a respiração do presidiário, não apenas na minha nuca, mas ao longo de toda a minha espinha dorsal. Era como ser tocado na medula por alguma substância pungente e ácida, algo que me fazia trincar os dentes. Ele parecia respirar mais do que os outros homens, e de modo mais ruidoso; e eu me dava conta de que estava levantando um dos ombros, para afastar-me dele.

Era um dia pavoroso, e os dois xingavam o frio. A temperatura nos tornou todos letárgicos em pouco tempo, e quando estavam os na metade do caminho, cochilavam os, tiritavam os e permaneciam os calados. Quanto a mim, adormeci pensando se deveria devolver as duas libras daquela criatura antes de perdê-la de vista, e com o poderia fazer tal coisa da melhor maneira. Quando eu estava me inclinando para a frente, como se fosse me

banhar em meio aos cavalos, acordei assustado e recomencei a pensar na questão.

Mas devo ter dormido mais do que imaginava, pois, ainda que não pudesse reconhecer nada na escuridão, nem à luz incerta de nossos lampiões, senti a presença dos charcos no vento frio e úmido que soprava sobre nós. Encolhidos para a frente a fim de aquecer-se e usar-me com a proteção contra o vento, os forçados estavam mais próximos do que antes. As primeiras palavras que os ouvi trocar quando recuperei a consciência eram as mesmas que ocupavam meus pensamentos: “Duas notas de uma libra”.

“Com o que ele arranjou?”, disse o prisioneiro que eu nunca vira antes. “Com o que eu vou saber?”, retrucou o outro. “Guardava escondido em

algum lugar, sei lá. Algum amigo que deu para ele, imagino.”

“Que falta”, disse o outro, xingando o frio, “isso me faz agora.”

“Dinheiro ou amigo?”

“Dinheiro. As duas notas de uma libra. Eu vendia todos os amigos que eu já tive por uma libra, e ia achar que fiz um ótimo negócio. E aí? Aí ele falou o quê?” “Aí ele falou”, prosseguiu o presidiário que eu reconhecera, “— a coisa toda aconteceu em meio a um minuto, atrás de uma pilha de lenha no estaleiro — ‘Você vai ser solto?’ Eu ia ser solto, sim. Eu prometia que ia procurar o garoto que deu com ida

a ele e guardou o segredo dele, e dar as duas nota de um a libra pra ele?

Eu falei que prom etia, sim . E foi o que eu fiz.”

“Um a besta é o que você é”, rosnou o outro. “Se fosse eu, gastava tudo em com ida e bebida. Esse suj eito devia ser m uito bobo. Entonce ele não sabia nada sobre você?”

“Coisa nenhum a. De um outro bando e de um outro navio. Foi a j ulgam ento de novo porque fugiu da prisão, e aí pegou perpétua.”

“E essa vez — palavra de honra! — foi a única que você cum priu pena aqui nessas bandas?”

“A única vez.”

“E o que é que você acha daqui?”

“Lugar horroroso. Lam a, nevoeiro, pântano e trabalho; trabalho, pântano, nevoeiro e lam a.”

Os dois reclam aram do lugar num linguaj ar m uito pesado, e de tanto rosnar acabaram se calando, não tendo m ais nada a dizer.

Tendo ouvido esse diálogo, eu certam ente teria saltado da diligência e procurado a solidão e a escuridão da estrada, se não estivesse certo de que o hom em não tinha nenhum a suspeita a respeito da m inha identidade. De fato, eu estava não apenas tão m odificado pela passagem natural do tem po, m as tam bém vestido de m odo tão diferente e em circunstâncias tão diversas

que era muito improvável que ele me reconhecesse se ninguém o ajudasse a tal. Mesmo assim, a coincidência de nos encontrarmos na diligência era estranha o bastante para me inspirar o medo de que alguma outra coincidência a qualquer momento associasse minha pessoa a meu nome, e ele escutasse. Por esse motivo, resolvi saltar assim que chegassem os à cidade, para que ele não pudesse ouvir nada. Foi o que fiz, com sucesso. Minha pequena valise estava no bagageiro sob meus pés; bastava abrir uma portinhola para pegá-la; joguei-a na rua, saltei em seguida e assim me vi junto ao primeiro lambeão nas primeiras pedras do calçamento da cidade. Quanto aos prisioneiros, eles seguiram viagem, e eu sabia em que lugar que eles seriam transportados para o rio. Na minha imaginação, vi o navio com sua tripulação de presidiários à espera deles na escada coberta de limo — mais uma vez ouvi o grito “Força, vocês aí!”, com a ordem dada a um cão — mais uma vez vi a arca de Noé perversa sobre as águas negras.

Eu não seria capaz de dizer o que me inspirava medo, pois era um sentimento totalmente indefinido e vago, porém um medo imenso pairava sobre mim. Enquanto caminhava em direção ao hotel, sentia que um pavor muito maior do que a mera expectativa de um reconhecimento doloroso ou desagradável me fazia tremer. Estou certo de que esse medo não tinha nenhum

a forma distinta, e que era o redespertar, por alguns minutos, dos terrores da infância.

A sala do café do Javali Azul estava vazia, e eu já havia não apenas feito o

pedido do meu jantar com o tam-bém com-êdo a comer quando o garçom me reconheceu. Depois de pedir desculpas pelo lapso de memória, perguntou-me se deveria mandar o criado chamar o sr. P um blehook.

“Não”, respondi, “de modo algum.”

O garçom (fora ele quem viera transmitir a queixa dos comerciantes no dia em que me fiz aprendiz) pareceu surpreso, e na primeira oportunidade pôs um exemplar velho e sujo de um jornal local tão perto de mim que o peguei e li o seguinte parágrafo:

Nossos leitores ficarão sabendo, não sem algum interesse, a respeito da recém-ocorrida e romântica virada ocorrida na vida de um jovem artífice de ferro da nossa vizinhança (um excelente tema, diga-se de passagem, para a pena mágica desse nosso conterrâneo que ainda não é universalmente conhecido, tooby, o poeta de nossas colunas!) que o primeiro protetor, companheiro e amigo do jovem em questão foi um indivíduo muito respeitado, de modo associado ao comércio de cereais e sem entes, cujo estabelecimento comercial, muitíssimo

conveniente e am plio, situa-se num raio de cem quilômetros da High-street. Não é de todo indiferente a nossos sentimentos pessoais o fato de ser ele o Mentor do nosso jovem Telêmaco, pois é bom saber que nossa cidadezinha produziu o fundador da fortuna desse jovem. Será que o cenho franzido do sábio local ou o olho reluzente da beleza local se pergunta a quem pertence tal fortuna? Creiam os que Quinto Mácio era o ferreiro de Antuérpia. verb. sap.2

Tenho uma convicção, fundada em larga experiência, de que, se em meus tempos de prosperidade eu tivesse ido ao Polo Norte, lá teria encontrado alguém, fosse um esquimó nômade ou um civilizado, o qual me teria dito que Pólo Norte fora meu primeiro protetor e o fundador de minha fortuna.

CAPÍTULO XXIX

De manhã cedo me levantei e saí. Ainda não era hora de ir à casa da sra. Havisham, portanto fiquei a perambular pelo campo no lado da cidade onde ficava a casa dela — que não era o lado da casa de Joe; eu poderia ir lá no dia seguinte — pensando na minha protetora e pintando imagens magníficas dos planos que ela teria para mim.

Ela havia adotado Estella, praticamente havia adotado a mim, e sua intenção não poderia ser senão a de nos unir. Caberia a mim, segundo seus planos, reformar a casa desolada, deixar o sol entrar nos cômodos escuros, dar corda nos relógios, acender o fogo nas lareiras frias, limpar as teias de aranha e exterminar os insetos — em suma, realizar todos os feitos brilhantes de um jovem cavaleiro andante e desposar a princesa. Eu havia parado para ver a casa ao passar por ela; e suas paredes de tijolos vermelhos ressequidos, janelas fechadas e hera verde espessa enredando até mesmo as chaminés com seus ramos e tendões, com o se fossem braços velhos e musculosos, com punham um mistério rico e atraente, do qual eu era o protagonista. Estella era a inspiração, o âmago de tudo, é claro. Porém, em bora ela se houvesse apossado de mim de modo tão poderoso, em bora minha fantasia e minha esperança estivessem de tal modo investidas nela, em bora ela houvesse exercido uma influência imensa sobre

em minha vida e em meu caráter quando menino, nem mesmo naquela manhã romântica eu lhe concedia outros atributos que não os que ela de fato possuía. Menciono isso aqui com um objetivo específico, pois é a pista por meio da qual é necessário me seguir em meu pobre labirinto. De acordo com minha experiência, o conceito convencional de apaixonado não pode ser sem pre verdadeiro. A verdade pura e simples é que, ao amar Estella com um amor viril, eu a amava simplesmente por achá-la irresistível. De uma vez por todas; eu tinha a dolorosa consciência, muitas vezes, ainda que nem sempre, de que eu a amava apesar da razão, apesar das probabilidades, apesar da minha paz, apesar das minhas esperanças, apesar da minha felicidade, apesar de tudo aquilo que me desanimava. De uma vez por todas; eu não a amava menos por saber o que sabia, e o que eu sabia não tinha o menor efeito no sentido de me desestimular; era tal com o se eu estivesse absolutamente convicto de que ela era a própria encarnação da perfeição humana.

Programei minha caminhada de tal modo que chegasse ao portão da casa na hora costumeira. Tendo tocado a campainha com mão trêmula, dei as costas para o portão, tentando conter a respiração ofegante e impedir que o coração

batesse forte demais. Ouvi abrir-se a porta lateral, e ouvi passos atravessando o pátio; mas fingi que nada ouvia, mesmo quando o portão se abriu, rangendo nos gonzos enferrujados.

Quando alguém tocou em meu ombro, assustei-me e virei-me. Então assustei-me com muito mais naturalidade, ao ver diante de mim um homem com um sóbrio traje cinzento. A última pessoa que eu imaginava encontrar fazendo as vezes de porteiro da casa da sra. Havisham.

“Orlick!”

“Ah, patrãozinho, há coisas que mudaram ainda mais que o senhor. Mas entre, entre. É contra minhas ordens manter o portão aberto.”

Entrei e ele fechou o portão, trancou-o e pegou a chave. “Pois é!”, disse ele, virando-se para mim, depois de dar alguns passos à minha frente em direção à casa. “Agora estou aqui!”

“Com o que você veio para cá?”

“Vim pra cá”, ele retorquiu, “a pé. Meu baú foi trazido num carrinho de mão.”

“Você veio para ficar?”

“O senhor acha que eu vim pra não ficar, patrãozinho?”

Eu não o via com bons olhos. Fiquei a pensar nas suas palavras enquanto ele levantava lentamente o olhar pesado do chão, subindo minhas pernas e braços, até pousar em meu rosto.

“Então você largou a ferraria?”, perguntei.

“Isso aqui tem cara de ferraria?”, respondeu Orlick, olhando à sua volta com ar de indignação. “Tem ?”

Perguntei-lhe há quanto tempo ele saíra da ferraria de Gargery .

“Aqui um dia é tão igual ao outro”, ele respondeu, “que só sei fazendo as contas. Mas vim pra cá um tempo depois que o senhor foi em bora.”

“Isso até eu sabia, Orlick.”

“Ah!”, ele respondeu, seco. “Mas pra saber isso tem que ter estudo.”

A essa altura já haviam os chegado a casa, onde verifiquei que o quarto dele ficava logo depois da porta lateral, com uma pequena janela que dava para o pátio. Era um cômodo reduzido, semelhante ao que costumava ser reservado aos porteiros em Paris. Havia na parede algumas chaves penduradas, e a elas Orlick acrescentou a do portão; sua cama, coberta por uma colcha de retalhos, ficava num pequeno nicho interior. Havia ali um ar de confinamento, desmazelo e sono, como se o lugar fosse uma gaiola para um arganaz humano: e ele, um vulto escuro e pesado num canto à sombra junto à janela, parecia o exato arganaz humano para quem aquele quarto fora preparado — e era isso mesmo que ele era.

“Nunca vi esse quarto”, comentei; “mas antigamente não havia porteiro nesta casa.”

“Não”, ele respondeu; “foi só quando se espalhou a notícia que aqui não tinha proteção nenhuma, e com eles acharam que era perigoso, com esse tanto de forçado solto por aí. E então me recomendaram pro cargo com o tipo do homem que devolve aquilo que recebe, e eu aceitei. É mais fácil que mexer com fole e martelo. — Está carregada.”

Meu olhar fora atraído por uma arma com coronha de latão, junto ao console da chaminé, e o olhar de Orlick seguira o meu.

“Mas sim”, disse eu, não querendo prolongar aquela conversa, “não devo ir logo falar com a senhora Havisham?”

“Macacos me mandam se eu sei!”, ele retorquiu, primário espreguiçando-se e depois sacudindo-se; “meinhas ordens só vai até aqui, patrãozinho. Eu dou uma martelada nesse sino aqui, e o senhor vai andando pelo corredor até encontrar alguém.”

“Estão à minha espera, imagino?”

“Macacos me mandam e remandam se eu sei!”, respondeu.

Diante dessa resposta, entrei no longo corredor que eu pisara pela primeira vez com minhas botas grosseiras, e ele fez o sino soar. Ao final do corredor, enquanto o sino ainda reverberava, vi Sarah Pockett, a qual parecia ter adquirido em caráter permanente um tom verde e amarelo, de inveja de mim.

“Ah!”, ela exclamou. “É o senhor, senhor Pip?”

“Sou eu, sim, senhora Pocket. Tenho o prazer de lhe dizer que o senhor

Pocket e sua família vão bem de saúde.”

“E criaram juízo?”, indagou Sarah, sacudindo a cabeça com desânimo; “o importante era eles terem juízo, mais que saúde. Ah, Matthew, Matthew! O senhor conhece o caminho, não é?”

Mais ou menos, pois subira aquela escada no escuro, muitas vezes. Subi-a agora, com botas mais leves que as de outrora, e bati à maneira de sempre à porta da sra. Havisham. “É a batida do Pip”, ouvi-a dizer imediatamente; “entra, Pip.”

Ela estava sentada na sua cadeira ao lado da velha mesa, com o velho vestido, as duas mãos cruzadas sobre a bengala, o queixo apoiado nelas, os olhos voltados para o fogo. Sentada a seu lado, segurando o sapato branco que nunca fora usado, e olhando para ele com a cabeça baixa, estava uma mulher elegante que eu jamais vira.

“Entra, Pip”, a sra. Havisham continuava murmurando, sem olhar para os lados nem levantar a vista. “Entra, Pip, com o vais, Pip? Então beija minha mão com o se eu fosse uma rainha, hein? — E então?”

De repente, ela levantou a vista para mim, movendo apenas os olhos, e repetiu, num tom brincalhão implacável:

“E então?”

“Eu soube, senhora Havisham”, disse eu, um tanto perdido, “que a senhora teve a bondade de me pedir para vir, e assim vim imediatamente.”

“E então?”

A mulher que eu nunca vira antes levantou os olhos e fitou-me com alicia, e então vi que aqueles olhos eram os olhos de Estella. Mas ela estava tão mudada, tão mais bonita, tão mais feminina, estava tão diferente sob todos os aspectos dignos de admiração, que eu parecia não ter mudado nada. Imaginei, olhando para ela, que regressava, imponente, à condição de garoto grosseiro e vulgar de outrora. Ah, a sensação de distância e disparidade que me dominou, e o ar de inacessibilidade que ela assumiu!

Estella me estendeu a mão. Gaguejei que era um prazer voltar a vê-la, e que

há muito, muito tempo eu aguardava aquele momento.

“Achas que ela está muito mudada, Pip?”, perguntou a sra. Havisham, com seu olhar ávido, e bateu com a bengala numa cadeira que estava entre elas, com o sinal para que eu me sentasse ali.

“Quando entrei, senhora Havisham, pensei que não havia nada de Estella no rosto nem no corpo; mas agora, curiosamente, tudo parece formar a mesma...”

“O quê? Você ia dizer a mesma Estella de antigamente?”, interrompeu a sra. Havisham. “Ela era orgulhosa e desdenhosa, e tu querias fugir dela. Não lembra?”

Respondi, confuso, que aquilo fora muitos anos antes, e que na época eu era ignorante, e coisas semelhantes. Estella sorriu, com perfeita tranquilidade, e disse que eu sem dúvida tinha razão, ela fora muito desagradável.

“Ele está mudado?”, a sra. Havisham perguntou a ela.

“E muito”, disse Estella, olhando para mim.

“Menos grosseiro e vulgar?”, perguntou a sra. Havisham, brincando com o cabelo de Estella.

Estella riu, e olhou para o sapato que tinha na mão, e riu novamente, e olhou para mim, e largou o sapato. Ela continuava a tratar-me com o mesmo menino, porém me instigava.

Ali, naquele quarto de sonho, em meio às estranhas influências de outrora que tanto me haviam afetado, fiquei sabendo que ela acabava de voltar da França, e que estava indo para Londres. Orgulhosa e caprichosa como sempre, havia submetido essas qualidades à sua beleza de tal modo que era impossível e

antinatural — ou assim me parecia — separá-las de sua beleza. Em verdade, era impossível dissociar sua presença de todos aqueles miseráveis anseios por dinheiro e refinamento que haviam perturbado minha mente — de todas aquelas aspirações desregradas que me fizeram pela primeira vez ter vergonha de minha casa e de Joe — de todas aquelas visões que faziam o rosto dela surgir da fornalha, brotar do ferro malhado na bigorna, aparecer na escuridão da noite à janela de madeira da ferraria para desvanecer-se em seguida. Em suma, era-me impossível separá-las, no passado ou no presente, do que de mais íntimo havia na minha vida.

Ficou combinado que eu ficaria lá o resto do dia, e voltaria para o hotel à noite, e no dia seguinte iria para Londres. Depois de conversarmos por algum tempo, a sra. Havisham me andou-nos sair para caminhar no jardim abandonado; quando voltássemos para dentro de casa, disse ela, eu a levaria a passear em sua cadeira com o antigo ente.

Assim, eu e Estella fomos para o jardim pelo portão através do qual eu havia saído para encontrar-me com o jovem cavalheiro pálido, o atual Herbert; eu, tremendo por dentro e adorando a barra do vestido dela; ela, perfeitamente tranquila e claramente não adorando a barra de minha calça. Quando nos aproximamos do lugar do encontro, ela parou e disse:

“Eu devia ser uma criaturinha muito estranha, para esconder-me e assistir àquela luta naquele dia: mas foi o que fiz, e me diverti muito.”

“Tu me recom pensaste muito.”

“É mesmo?” , ela replicou, como se falasse por falar. “Lembro que sentia

muita aversão pelo teu adversário, pois não gostei que o trouxessem aqui para me açar-me com sua companhia.”

“Eu e ele agora somos os amáveis”, disse eu.

“É mesmo? Mas creio que me lembro que estudaste com o pai dele, não foi?”

“Foi, sim .”

Reconheci esse fato com alguma relutância, porque parecia-me tornar infantil, e ela já me tratava como se eu fosse um menino.

“Depois que a tua vida mudou, mudaste de amigos”, disse Estella.

“Naturalmente”, concordei.

“É claro”, ela acrescentou, num tom altivo, “que as companhias que te eram apropriadas não seriam nem um pouco apropriadas agora.”

Na minha consciência, duvido muito que eu ainda tivesse alguma intenção de ir visitar Joe; mas se eu a tinha, essa observação teve o efeito de dissipá-la.

“Nem imaginas que terias essa boa sorte, naquele tempo?”, perguntou

Estella, com um gesto leve na mão que indicava o tempo da luta. “De modo algum.”

O ar de complacência e superioridade com que ela caminhava ao meu lado, e o ar de impetuosidade e a submissão com que eu caminhava ao lado dela formavam um contraste que eu sentia de modo intenso. Isso me teria incomodado mais do que de fato me incomodou se eu não julgasse que era eu mesmo o que provocava, por me sentir escolhido para ela e atribuído a ela.

O jardim estava tão tomado pelo mato que não era fácil caminhar por ele, e depois de darmos as duas ou três voltas voltamos para o pátio da cervejaria. Mostrei a ela com precisão o lugar onde eu a vira caminhando sobre os barris, naquele primeiro dia, e ela disse, olhando na direção por mim indicada de modo frio e descuidado: “É mesmo?”. Apontei para o lugar por onde ela saíra da casa trazendo-me carne e bebida, e ela disse: “Não me lembro”. “Não te lembras que me fizeste chorar?”, perguntei. “Não”, ela respondeu, e sacudiu a cabeça enquanto olhava à sua volta. Sou capaz de jurar que o fato de que ela não lembrava e não se importava nem um pouco com isso me fez chorar novamente, por dentro — e não há pranto mais doloroso que esse.

“É importante que saibas”, disse Estella, com o tom de condescendência de uma mulher brilhante e bela, “que não tenho coração — se é que isso tem alguma coisa a ver com a minha memória.”

De algum modo tartamudeei que eu tomava a liberdade de discordar dessa afirmação. Que eu sabia que não era assim. Que era impossível tanta beleza não ter coração.

“Ah! Eu tenho um coração para levar uma punhalada ou um tiro, disso não tenho dúvida”, disse Estella, “e é claro que se ele parasse de bater eu deixaria de existir. Mas tu sabes o que quero dizer. Não tenho nada de suave ali, não — piedade — sentimo — essas bobagens.”

O que foi que surgiu na minha mente quando ela se deteve e ficou olhando para mim com atenção? Alguma coisa que eu via na sra. Havisham? Não. Em alguns olhares e gestos dela, havia algo de semelhante à sra. Havisham, a espécie de semelhança que muitas vezes observamos nas crianças, adquirida de adultos

com que elas tiveram muito contato e com quem viveram em isolamento, e que, quando a infância fica para trás, produz um notável semelhança de expressão ocasional entre rostos os quais, sob outros aspectos, são bem diferentes. E, no entanto, eu não conseguia associar aquilo que eu percebera à sra. Havisham. Olhei

mais um a vez, e em bora ela continuasse olhando para mim, a impressão havia desaparecido.

O que seria?

“Estou falando sério”, disse Estella, não exatamente franzindo a testa (pois sua frente estava lisa), porém com um a sombra no rosto; “se calhar de nos encontrarmos com certa frequência, é bom que entendas isso de um a vez por todas. Não!”, fazendo com que eu me calasse quando abri os lábios. “Minha ternura não está voltada em nenhuma outra direção. Nunca tive tal coisa.”

No instante seguinte, vim o-nos dentro da cervejaria há tanto tempo em desuso, e ela apontou para a galeria elevada de onde eu a vira saindo naquele primeiro dia, e disse-me que se lembrava de que estivera ali, e que me vira cá em baixo, assustado. Enquanto meu olhar seguia sua mão alva, mais um a vez aquela vaga impressão se apossou de mim. Meu estremecimento involuntário fez com que ela pousasse a mão em meu braço. No mesmo instante, o fantasma desapareceu mais um a vez.

O que seria?

“O que houve?”, indagou Estella. “Estás com medo de novo?”

“Eu estaria, se acreditasse no que disseste ainda pouco”, respondi, para desviar o assunto.

“Então não acredita? Muito bem . O fato é que foste avisado. A senhora Havisham vai querer que cum pras tua antiga função agora, em bora a m eu ver isso devesse ser deixado de lado, j untamente com outras velharias. Vam os dar m ais um a volta no j ardim e depois entrar em casa. Venha! Hoj e não vais chorar por causa da m inha crueldade; hoj e serás m eu paj em , e m e darás teu om bro.”

Seu vestido elegante antes estava se arrastando no chão. Agora ela levantou- o com um a das m ãos, e com a outra tocou de leve m eu om bro enquanto cam inhávam os. Dem os m ais duas ou três voltas no j ardim destruído, e para m im ele estava em flor. Se o m ato verde e am arelo que crescia nas fendas do velho m uro fossem as flores m ais preciosas que j am ais se abriram , elas não seriam m ais preciosas na m inha m em ória.

Não havia discrepância em anos entre nós, que a distanciasse m uito de m im ; eram os quase da m esm a idade, em bora, é claro, ela parecesse ser m ais velha do que eu; porém o ar de inacessibilidade que sua beleza e seus m odos lhe atribuíam atorm entava-m e no m eio de m eu enlevo, e no auge de m inha confiança senti que nossa protetora nos havia escolhido um para o outro. Infeliz rapaz!

P or fim voltam os para dentro da casa, e lá ouvi, surpreso, que m eu tutor tinha vindo de Londres para discutir assuntos de negócios com a sra. Havisham , e voltaria para o j antar. Os velhos ram os hibernais dos candelabros da sala onde ficava a m esa cheia de

podridão haviam sido acendidos enquanto estavam os no jardim , e a sra. Havisham estava em sua cadeira esperando por mim .

Foi com o se eu em purre a cadeira de volta para o passado, quando dem os início ao velho circuito lento em torno das cinzas da festa de casamento. Porém

Estella, naquela sala fúnebre, com aquela figura saída do túmulo inclinada na cadeira olhando-a fixamente, parecia mais luminosa e bela do que antes, e o encanto que exercia sobre mim ficou ainda mais forte.

O tempo passou tão depressa que já se aproximava a hora do jantar da sra. Havisham , que jantava cedo, e Estella foi preparar-se. Haviam os parado perto do centro da mesa com pride, e a sra. Havisham , com um de seus braços irradiados estendidos para fora da cadeira, pousou o punho cerrado sobre a toalha de mesa amarelada. Enquanto Estella olhava para trás antes de sair da sala, a sra. Havisham beijou a sua mão em direção a ela, com uma intensidade ávida que, à sua maneira, era verdadeiramente terrível.

Então, depois que Estella saiu e nós dois ficamos a sós, ela virou-se para mim e disse, num sussurro:

“Ela é bonita, graciosa, alta? Tu admiras?”

“Todos que a veem admiram , senhora Havisham .”

Ela pôs o braço em torno de meu pescoço e aproximou minha cabeça da dela, sem se levantar da cadeira. “Am-a-a, am-a-a, am-a-a! Com o ela te trata?”

Antes que eu pudesse responder (se pudesse responder uma pergunta tão difícil), ela repetiu: “Am-a-a, am-a-a, am-a-a! Se ela te aceitar, am-a-a. Se ela te me agoar, am-a-a. Se ela despedaçar teu coração — e à medida que ele ficar mais velho e mais forte, há de se despedaçar mais a fundo — am-a-a, am-a-a, am-a-a!”.

Eu já mais vi uma avidez tão passional quanto a que ela exprimiu ao pronunciar essas palavras. Sentia os músculos do braço fino em torno do meu pescoço incharem com a veemência que ela possuía.

“Ouve-me, Pip! Eu adotei-a para ela ser amada. Criei-a e eduquei-a para ser amada. Fiz com que se tornasse o que ela é hoje e para ser amada. Am-a-a!”

Ela repetia aquela palavra muitas vezes, e não podia haver dúvida que era isso mesmo o que ela queria dizer; mas se a palavra tão repetida fosse em vez de amor desespero — vingança — morte cruel — não poderia ter soado mais sinistra, com o um a maldição, em seus lábios.

“Vou dizer-te”, ela prosseguiu, com o mesmo sussurro rápido e passional, “o que é o verdadeiro amor. É devoção cega, é humilhar-se sem questionar nada, submeter-se por completo, confiar e crer

contra ti próprio e contra todo o mundo, é entregar todo o teu coração e tua alma a quem te golpeia — tal com o eu fiz!”

Quando ela disse essas palavras, e soltou um grito enlouquecido, segurei-a pela cintura. Pois ela se levantara da cadeira, com aquele vestido que era mais uma mortalha, e pôs-se a golpear o ar com o se quisesse jogar-se contra a parede e matar-se.

Tudo isso se passou em uns poucos segundos. Quando a fiz sentar-se outra vez em sua cadeira, senti um perfume que conhecia bem, e ao virar-me deparei com meu tutor, ali mesmo na sala.

Ele sempre levava no bolso (ainda não mencionei esse fato, creio) um lenço de seda fina e proporções impressionantes, que lhe era muito útil em sua profissão. Já o vi encher de terror um cliente ou uma testemunha desdobrando cerimoniosamente esse lenço com o se estivesse prestes a assoar o nariz, e então fazendo uma pausa, com o se soubesse que não teria tempo de assoá-lo antes que

o cliente ou a testemunha se entregasse, de tal modo que a pessoa em questão imediatamente se entregava, inevitavelmente. Quando o vi ali na sala, ele segurava aquele lenço expressivo com as duas mãos, e olhava para nós. Ao encontrar meu olhar, disse com naturalidade, fazendo uma pausa momentânea e silenciosa em sua atitude: “Deveras? Curioso!”, e em seguida

utilizou seu lenço para sua finalidade apropriada de modo extraordinariamente eficaz.

A sra. Havisham o vira no mesmo momento que eu, e (com o todo mundo) tinha medo dele. Fez uma tentativa heroica de recuperar o autocontrole e com entou, gaguejando, que ele fora pontual como sempre.

“Pontual como sempre”, ele repetiu, aproximando-se de nós. “(Como vai, Pip? Quer que eu empurre um pouco, senhora Havisham? Uma volta com a pleta?) Quer dizer que você está aqui, Pip?”

Eu lhe disse quando havia chegado, e que a sra. Havisham manifestara a vontade de que eu viesse ver Estella. Ao ouvir isso, ele exclamou: “Ah! Um jovem de qualidade!”. Em seguida, começou a empurrar a cadeira da sra. Havisham com uma de suas manzorras, ficando com a outra no bolso da calça, como se o bolso estivesse cheio de segredos.

“Mas sim, Pip! Quantas vezes você já viu a senhorita Estella antes?”, perguntou-me ele, quando parou.

“Quantas vezes?”

“Ah! Quantas vezes. Dez mil vezes?” “Ah, não! Muito menos, certamente.” “Duas vezes?”

“Jaggers”, interrompeu a sra. Havisham, para grande alívio meu, “deixe em paz o meu Pip, e vá jantar com ele.”

Ele obedeceu, e juntos descemos, tateando, a escada escura. Enquanto ainda estávamos a caminho daqueles aposentos que ficavam do outro lado do pátio de fundos, ele me perguntou quantas vezes eu já vira a sra. Havisham comer e beber; com o sempre, ofereceu-me as opções de cem vezes e uma só vez.

Pensei e respondi: “Nunca”.

“E nunca vai ver, Pip”, ele retorquiu, com um sorriso carrancudo. “Ela já me permitiu que ninguém a visse fazendo tais coisas, desde que começou a levar a vida que leva agora. À noite fica a andar pela casa, e é então que come o que encontra.”

“Por favor”, repliquei, “posso fazer uma pergunta?”

“Pode”, respondeu, “e posso me recusar a responder. Faça a sua pergunta.” “O sobrenome de Estella. É Havisham ou...?”, eu não tinha nada mais a

acrescentar.

“Ou o quê?”, ele perguntou. “É Havisham?”

“É Havisham.”

A essa altura, já estávamos chegando à mesa de jantar, onde ela e Sarah Pocket nos aguardavam. O sr. Jaggers ficou na cabeceira, Estella sentou-se à sua frente e eu fiquei em frente à minha amiga

verde e amarela. Com em os minutos bem , e fomos servidos por uma criada que eu já me via em todas as minhas andanças pela casa, mas que podia muito bem ter vivido naquela casa misteriosa

desde sempre. Depois do jantar, uma garrafa de finíssimo vinho do Porto envelhecido foi colocada diante de meu tutor (sem dúvida, ele conhecia bem aquele vinho), e as duas senhoras se levantaram da mesa.

Reticência tão determinada quanto a do sr. Jaggars naquela casa já me vi em nenhum lugar, nem sequer nele. Ele controlava até mesmo o olhar, e praticamente não pôs os olhos no rosto de Estella uma única vez durante o jantar. Quando ela se dirigia a ele, o sr. Jaggars escutava, e depois de algum tempo respondia, mas já me via olhava, até onde eu o percebesse. Por outro lado, Estella olhava-o repetidamente, com interesse e curiosidade, sem não desconfiança, mas o rosto dele já me traiu a enorme consciência do fato. Durante todo o jantar ele se divertiu fazendo Sarah Pocket ficar ainda mais verde e mais amarela, com referências a minhas perspectivas, dirigindo-se a mim ; porém nisso, também , ele não demonstrava nenhuma consciência, e até mesmo dava a impressão de que arrancava — e era o que de fato fazia, em boca eu não sabia dizer com o — essas referências de minha própria boca inocente.

E quando eu e ele ficamos a sós, o sr. Jaggars permitiu-me com um tal ar de estar guardando para si informações que possuía, que quase não conseguia me conter. Ele era capaz de interrogar até o vinho que tomava, não havendo nada mais apropriado à sua frente. Segurava a taça diante da vela, saboreava o vinho do Porto, deixava que ele resvasse sobre a língua, engolia-o, olhava para a taça mais uma vez, cheirava o vinho, provava-o, bebia-o, voltava a encher a taça e mais uma vez interrogava-a, até que fiquei tão nervoso quanto ficaria se soubesse que o vinho estava lhe falando mal de mim. Três ou quatro vezes senti uma vontade débil de puxar assunto; mas sempre que ele percebia que eu ia lhe perguntar alguma coisa, olhava para mim com a taça na mão, fazendo o vinho resvalar sobre a língua, como se para que eu entendesse que não adiantava, pois ele não ia responder-me nada.

Creio que a sra. Pocket tinha consciência de que a minha presença era capaz de fazê-la correr o risco de enlouquecer, talvez a ponto de arrancar a touca — a qual era horrenda, mais parecendo um esfregão de musselina — e jogar seus cabelos no chão — pois aqueles cabelos certamente não haviam crescido na cabeça dela. Ela não apareceu quando, mais tarde, subimos para o quarto da sra.

Havisham, e ficamos os quatro a jogar uíste. Nesse ínterim, a sra. Havisham, a seu modo extravagante, havia colocado algumas das jóias mais belas que tinha em sua penteadeira no cabelo de

Estella, em seu colo e seus braços; e percebi que até mesmo o meu tutor olhava para ela por baixo de suas sobranceiras espessas e as arqueava um pouco, quando a beleza da jovem estava à sua frente, com aqueles toques magníficos de brilho e cor.

A respeito do modo e do grau com o qual tomou nossos trunfos e terminou com cartas de baixo valor, diante das quais a glória de nossos reis e damas foi fragorosamente derrotada, nada direi, tal como nada direi a respeito da sensação que tive ao me dar conta de que ele nos encarava como se fossem os três enigmas muito óbvios que ele já havia resolvido há muito tempo. O que me causava sofrimento era a incompatibilidade entre a presença fria de meu tutor e meus sentimentos em relação a Estella. Não por eu saber que não suportaria falar-lhe a respeito de Estella, por saber que não suportaria ouvi-lo fazer suas

botas ranger para ela, por saber que não suportaria vê-lo lavar as mãos após o contato com ela; era por estar minha admiração a um metro de distância dele — por estarem meus sentimentos no mesmo lugar que ele — era isso que me torturava.

Jogamos até as nove horas, e então foi com binado que quando Estella fosse a

Londres eu seria avisado, e viria recebê-la quando chegasse sua diligência; em seguida, despedi-me dela, e toquei-a, e afastei-me dela.

Meu tutor, no Javali, estava hospedado no quarto ao lado do meu. Até altas horas da madrugada, as palavras da sra. Havisham — “Am a-a, am a-a, am a-a!”

— soavam nos meus ouvidos. Adaptei-as para minha própria repetição, e disse ao meu travesseiro — “Am o-a, am o-a, am o-a!” — centenas de vezes. E um sentimento de gratidão apossou-se de mim, por ela me ser destinada, a mim que fora outrora aprendiz de ferreiro. E pensei que se ela, com o meu tempo, ainda não se sentisse nem um pouco grata por eu lhe ser destinado, então quando é que começaria a se interessar por mim? Quando eu haveria de despertar aquele coração que agora estava mudo e adormecido?

Ai de mim! Tais emoções me pareciam grandes e elevadas. Mas nunca me ocorreu que fosse pequena e baixa minha atitude de afastar-me de Joe, porque eu sabia que ela haveria de desprezá-lo. Apenas um dia antes Joe fizera lágrimas brotar em meus olhos; elas haviam secado logo — que Deus me perdoe — haviam secado logo.

CAPÍTULO XXX

Depois de pensar bem na questão enquanto me vestia no Javali Azul, na manhã seguinte, resolvi dizer a meu tutor que, na minha opinião, Orlick não era a pessoa indicada para ocupar um cargo de confiança na casa da sra. Havisham. “Ora, é claro que ele não é a pessoa indicada, Pip”, respondeu meu tutor, que já tinha opinião formada sobre o assunto, “porque a pessoa que preenche um cargo de confiança nunca é a pessoa indicada.” Ele parecia bastante animado pela constatação de que aquele cargo em particular não era uma exceção à regra sobre pessoas apropriadas, e ficou a escutar-me com uma expressão satisfeita enquanto eu lhe dizia o que sabia a respeito de Orlick. “Muito bem, Pip”, observou ele quando concluí; “vou lá pagar nosso amigo e despachá-lo.” Um tanto preocupado com essa ação sumária, argum entei que seria bom esperar um pouco, e até mesmo o dei a entender que nosso amigo talvez criasse dificuldades. “Ah, não há perigo”, disse meu tutor, indicando sua carteira com absoluta confiança; “eu gostaria de vê-lo discutir o assunto comigo.”

Com o íam os voltar juntos para Londres na diligência do meio-dia, e com o fiz-me desajeitado com tanto pavor de Pipum blechook que mal conseguia segurar a xícara, isso me deu uma oportunidade de dizer que gostaria de fazer uma caminhada, que eu iria seguindo pela estrada de Londres enquanto o sr. Jaggars

realizava sua tarefa, e de pedir-lhe que avisasse o cocheiro que eu tomaria meu lugar quando a diligência me alcançasse. Assim, pude fugir do Javali Azul imediatamente após o desjejum. Dando uma volta de cerca de três quilômetros pelo campo aberto, passando por trás da loja de Plumbechhook, retornei à High-street um pouco à frente daquele lugar perigoso, e senti-me relativamente salvo.

Era interessante ver-me de volta na minha velha aldeia silenciosa, e não era desagradável de vez em quando ser reconhecido de súbito e tornar-me alvo de olhares atentos. Um ou dois comerciantes chegaram mesmo a sair correndo de suas lojas e caminhar pouco à minha frente, para depois dar meia-volta e passar por mim frente a frente — ocasiões nas quais não sei dizer quem era o pior fingidor, eu ou os comerciantes; eles fingindo que não estavam fazendo o que estavam fazendo, e eu fingindo que não os via a fazê-lo. Fosse com o fosse, o fato é que eu era uma pessoa distinta, e isso não me desagradava em absoluto, até que o destino pôs no meu caminho aquele patife indomável, o empregado de Trabb.

Lançando um olhar à minha frente num determinado ponto da minha trajetória, vi o empregado de Trabb se aproximando, debatendo-se com uma

sacola azul vazia. Imaginando que contemplá-lo com ar sereno e indiferente seria o mais adequado, e a atitude que melhor

poderia deter seus propósitos malignos, segui em frente com tal expressão no rosto, e já estava me felicitando pelo meu sucesso quando de repente os olhos do empregado de Trabb começaram a entrecostar-se, seu cabelo levantou-se, seu boné caiu, ele começou a estremecer violentamente da cabeça aos pés e saiu para o meio da rua, camaleando e gritando para o populacho: “Me segurem! Estou apavorado!”, fingindo estar num paroxismo de terror e contrição causado pela dignidade da minha pessoa. Quando passei por ele, o empregado de Trabb batia o queixo ruidosamente, e em seguida, com todos os sinais de extrema ilhação, prostrou-se no chão.

Isso era difícil de suportar, mas ainda não era nada. Eu não havia avançado mais do que cem metros quando, para meu indizível terror, minha surpresa e indignação, mais uma vez vi o empregado de Trabb se aproximando. Ele dobrava uma esquina estreita. A sacola azul estava jogada sobre o ombro, os olhos brilhavam de industriosa honesta, o passo rápido indicava a determinação alegre de chegar logo ao local de trabalho. Com espanto, percebi minha presença, e teve outro ataque semelhante ao anterior; mas dessa vez o movimento foi rotativo, e ele ficou a girar em torno de mim, camaleando, os olhos ainda mais trêmulos, com as mãos levantadas, como se implorando piedade. Seus sofrimentos foram saudados do modo

m ais efusivo por um grupo de espectadores, e senti-me e completamente perplexo.

Eu não havia chegado ainda sequer até os correios quando m ais um a vez vi o em pregado de Trabb sair de um a transversal. Agora ele estava de todo m udado. Levava a sacola azul com o eu levava m eu sobretudo e cam inhava pela calçada em direção a m im pelo outro lado da rua, acom panhado por um grupo de j ovens am igos deliciados para os quais de vez em quando ele exclam ava, gesticulando: “Não conheço ’ocês não!”. Não tenho palavras para exprimir a indignação e a m ortificação que o em pregado de Trabb m e proporcionou quando, passando a m eu lado, levantou o colarinho da cam isa, retorceu os cabelos, pôs um a m ão na cintura e, com um sorriso afetadíssimo, sacudindo os cotovelos e o corpo, rosnou para seus acom panhantes: “Não conheço ’ocês, não conheço ’ocês, j uro por Deus que não conheço ’ocês!”. A vergonha que senti quando logo em seguida ele se pôs a cacarejar, correndo atrás de m im na ponte com o se fosse um galo extremamente aborrecido, que m e conhecera no tem po em que eu era ferreiro, foi o ultraje final que m arcou m inha saída da cidade, sendo, por assim dizer, expulso por ela para o cam po aberto.

Mas a m enos que eu m atasse o em pregado de Trabb naquela ocasião, realmente não sei até hoje o que eu poderia ter feito senão suportar tudo. Atracar-me com ele na rua, ou arrancar dele qualquer recompensa m enor do que seu sangue vital, teria sido

inútil e degradante. Além disso, ele era um rapaz que ninguém conseguia machucar; um a serpente invulnerável e arisca que, quando encurralada, escapulia por entre as pernas do agressor, gritando com escárnio. Contudo, no dia seguinte escrevi para o sr. Trabb, dizendo que doravante o sr. Pip não poderia mais usar os serviços de alguém que, desprezando os melhores interesses da sociedade, empregava um rapaz que despertava asco em todas as pessoas respeitáveis.

A diligência, com o sr. Jagers dentro, chegou no tempo devido, e retomei meu assento junto ao cocheiro, e cheguei a Londres a salvo — mas não são, pois meu coração estava destruído. Tão logo cheguei, com o fim de penitência mandei entregar um bacalhau e um barril de ostras na casa de Joe (por não ter ido lá pessoalmente) e em seguida fui para o Barnard's Inn.

Encontrei Herbert comendo frios, e ele me recebeu efusivamente. Tendo despachado o vingador para começar mais cedo no café, senti-me impelido a me abrir naquela mesma noite com meu amigo e com panheiro. Com o seria impossível fazer confidências com o vingador no corredor, o qual haveria de funcionar com o antessala para o buraco da fechadura, mandei-o ir ao teatro. Não poderia haver melhor prova da severidade da minha escravidão em relação àquele capataz do que as medidas degradantes a que eu era reduzido. Meu desespero era tal que por vezes eu o fazia ir até a esquina do Hyde Park para

saber que horas eram .1

Terminado o jantar, estavam os sentados com os pés no guarda-fogo quando eu disse a Herbert: “Meu caro Herbert, tenho uma confissão a te fazer, muito em particular”.

“Meu caro Handel”, ele respondeu, “ouvirei tua confidência com estima e respeito.”

“Diz respeito a mim, Herbert”, prossegui, “e a outra pessoa.”

Herbert cruzou as pernas, olhou para o fogo com a cabeça inclinada para um lado e, tendo esperado algum tempo em vão, virou-se para mim, por eu permanecer calado.

“Herbert”, disse eu, pondo a mão em seu olho. “Eu amo — eu adoro — Estella.”

Em vez de ficar estarecido, ele respondeu num tom perfeitamente natural: “Certo. E então?”.

“E então, Herbert? É tudo que me dizes? E então?”

“Então, o que é que vais fazer?”, perguntou Herbert. “Porque isso eu já sabia.”

“Como assim, já sabias?”, indaguei. “Como assim, Handel? Ora, através de ti.” “Eu nunca te disse isso.”

“Nunca me disseste! Tu nunca me dizes quando cortas o cabelo, mas eu tenho olhos para ver. Tu sempre a adoraste, desde que o conheço. Trouxeste tua adoração junto com a tua valise para cá. Nunca me disseste! Ora, não fazes outra coisa senão dizê-lo o dia inteiro. Quando me contaste a tua história, disseste-me com todas as letras que comeces a adorá-la a primeira vez em que a viste, quando ainda eras bem menino.”

“Está bem”, concordei, em bora isso para mim fosse algo de novo e não muito agradável, “nunca deixei de adorá-la. E ela voltou, uma criatura belíssima e elegantíssima. E estive com ela ontem. E se antes já a adorava, agora eu a adoro em dobro.”

“Sorte tua então, Handel”, disse Herbert, “teres sido escolhido para ela e

atribuído a ela. Sem pisarmos em território proibido, podem os dizer que não há dúvida quanto a esse fato. E já fazes alguma ideia do que Estella pensa a respeito de ser adorada?”

Sacudi a cabeça, melancólico. “Ah! Ela está a milhares de quilômetros de mim.”

“Paciência, meu caro Handel: dá tempo ao tempo, dá tempo ao tempo. Mas tens mais alguma coisa a dizer?”

“Tenho vergonha de dizê-lo”, respondi, “e, no entanto, dizer não é pior do que pensar. Dizes que sou um sujeito de sorte. É claro que

sou. Ainda ontem eu era aprendiz de ferreiro; e agora sou... sou o quê?”

“Um bom sujeito, se queres uma expressão adequada”, com pletou Herbert, sorrindo e pondo sua mão sobre a minha, “um bom sujeito, im petuoso e hesitante, ousado e tímido, ativo e sonhador, uma mistura curiosa.”

Parei por um momento para pensar se realmente existia tal mistura no meu caráter. De modo geral, eu não concordava com aquela análise, mas concluí que não valia a pena discutir o assunto.

“Quando pergunto o que sou hoje, Herbert”, prossegui, “estou te transmitindo o que se passa pela minha cabeça. Tu me dizes que tenho sorte. Sei que não fiz nada para subir na vida, e que apenas o fado me elevou; é isso que é ter sorte. E no entanto, quando penso em Estella...”

(“E quando é que não pensas nela?”, com entou Herbert, olhando para o fogo;

um comentário que me pareceu bondoso e solidário.)

“... Então, meu caro Herbert, eu não saberia exprimir o quanto me sinto dependente e inseguro, e exposto a centenas de eventualidades. Para evitar o território proibido, com o fizeste ainda há pouco, posso dizer que é da constância de uma pessoa (a qual não identifico) que dependem todas as minhas esperanças. E na melhor das hipóteses, com o é indefinido e frustrante, saber

apenas de modo tão vago quais elas são!” Ao dizer isso, aliviei-me e de um fardo que carregava em minha mente mais ou menos desde sempre, mas em particular desde a véspera.

“Ora, Handel”, respondeu Herbert, com seu jeito alegre e esperançoso, “a meu ver, no desânimo causado pelos sentimentos mais tenros, estamos examinando com uma lupa os dentes do cavalo dado. Do mesmo modo, creio que, ao nos determos nesse exame, deixamos de lado umas das melhores qualidades do animal. Não me disseste que o teu tutor, o senhor Jaggars, desde o início deixou claro que o que tens não são apenas esperanças? E mesmo que ele não tivesse dito isso — o que é uma concessão muito grande — acreditarias que, de todas as pessoas que há em Londres, o senhor Jaggars haveria de manter contigo as relações que antes se não tivesse certeza de onde está pisando?”

Respondi que não podia negar que isso era uma qualidade. Disse isso (pessoas costumam fazê-lo em casos assim) com o quem faz uma concessão relutante à verdade e à justiça — com o se quisesse negá-lo!

“Eu diria que é sem dúvida uma qualidade”, prosseguiu Herbert, “e diria também que seria difícil imaginar uma qualidade maior. No mais, tens que esperar o tempo que teu tutor achar necessário, tal como ele tem de esperar o tempo que o cliente dele achar necessário. Quando menos esperares, já estarás com

pletando vinte e um anos, e então quem sabe não ficarás sabendo um pouco

mais. Seja lá com o for, mais dia, menos dia isso vai acontecer.”

“Mas tu tens mesmo um ânimo otimista!”, exclamou ele, com gratidão.

“Tenho que ter otimismo”, disse Herbert, “pois não tenho muito mais do que isso. Preciso reconhecer, aliás, que o bom senso do meu comentário vem não de mim, e sim de meu pai. A única observação que eu ouvi fazer a respeito do teu caso foi esta: ‘A coisa está decidida, senão o senhor Jaggars não estaria envolvido’. E agora, antes que eu diga mais alguma outra coisa a respeito de meu pai, ou do filho de meu pai, fazendo um comentário de confiança para corresponder à tua, vou dizer uma coisa que vai me tornar profundamente desagradável para ti por um momento — realmente repulsivo.”

“Não vais conseguir”, disse eu.

“Ah, mais vou, sim!”, ele insistiu. “Um, dois, três, e lá vou eu. Handel, meu caro” — embora seu tom fosse alegre, ele estava falando muito sério — “estou pensando, desde que começamos esta conversa com os pés apoiados no guarda-fogo, que Estella certamente não pode ser uma condição da tua herança, se ela nunca foi mencionada pelo teu tutor. É verdade, quanto ao que me disseste, que ele já mais se referiu a ela, de modo direto ou indireto, em

nenhum a ocasião? Jamais deu a entender, por exemplo, que o teu protetor talvez tivesse algum plano com relação ao teu casamento?”

“Jamais.”

“Ora, Handel, eu não sou homem de dizer, como disse a raposa, que as uvas estão azedas, palavra de honra! Como não estás comprometido com Estella, não podes desligar-te dela? Eu avisei que seria desagradável.”

Virei a cabeça para o lado, pois, num assomo súbito, como os velhos ventos que vinham do mar e varriam o charco, um sentimento como o aquele que havia me dominado no dia em que fui embora da ferraria, quando a névoa se elevava solene, quando pus a mão no poste indicador no final da aldeia, dominou meu coração outra vez. Fez-se o silêncio entre nós por algum tempo.

“Sim ; porém , meu caro Handel”, prosseguiu Herbert, como se tivessem os dito algo e não permanecido calados, “o fato de que a coisa tem raízes tão profundas no peito de um rapaz que a natureza e as circunstâncias tornaram tão romântico, torna-a muito séria. Pensa no modo como ela foi criada, e pensa na senhora Havisham . Pensa no que ela é, ela própria (agora estou sendo repulsivo, e você me abomina). Isso pode terminar em muito sofrimento.”

“Eu sei, Herbert”, respondi, ainda virado para o outro lado, “mas não posso fazer nada.”

“Não podes desligar-te?” “Não. É impossível!”

“Não podes tentar, Handel?” “Não. É impossível!”

“Pois bem!”, exclamou Herbert, levantando-se e sacudindo-se com energia, como se estivesse acordando, e atirando o fogo. “Agora vou tentar voltar a ser agradável!”

Assim, ficou a andar pelo recinto, sacudindo as cortinas, recolocando as cadeiras em seus lugares, arrumando nas prateleiras os livros e outras coisas que estavam espalhadas; olhou para o corredor, examinou a caixa de correspondência, fechou a porta e voltou para sua cadeira junto à lareira: e sentou-se, segurando a perna esquerda com os dois braços.

“Eu ia dizer uma ou duas coisas, Handel, sobre o meu pai e o filho de meu pai. Acho que o filho de meu pai nem precisa dizer que a casa de meu pai não prima pelas contas em ordem.”

“Nunca falta nada, Herbert”, disse eu, para fazer algum comentário animador.

“Ah, é verdade! É o que diz o lixeiro, creio eu, com muita ênfase, e também a loja de artigos para navios da rua de trás. Falando sério, Handel, pois o assunto é sério, tu sabes como é, tão bem quanto

eu. Creio houve um a época em que m eu pai não havia entregado os pontos; m as se houve, ela j á passou. P osso te perguntar se j á tiveste oportunidade de observar, lá na tua terra, que os filhos de casais não m uito bem casados são sem pre os que têm m ais pressa de casar?”

A pergunta era tão singular que a respondi com outra pergunta: “Isso é verdade?”.

“Não sei”, respondeu Herbert. “É isso que quero saber. P orque certam ente é o que acontece conosco. Minha pobre irm ã, Charlotte, que vinha logo antes de m im e m orreu quando ainda nem tinha catorze anos, é um exem plo claro. A pequena Jane é outro. Ela tem tanta vontade de se casar que quem vê até im agina que ela passou toda a sua breve existência na constante contem plação da felicidade conj ugal. A pequena Alick j á com binou que vai casar-se com um rapaz adequado de Kew. Aliás, acho que todos nós j á estamos os noivos, m enos o bebê.”

“Quer dizer que você está noivo?”, perguntei. “Estou, sim ”, Herbert respondeu; “m as é segredo.”

P rom eti-lhe que guardaria o segredo, e im plorei para que m e desse m ais detalhes. Ele falara de m odo tão sensato e sentido a respeito da m inha fraqueza que eu queria saber algum a coisa sobre a sua força.

“Pode perguntar o nome?”, indaguei. “O nome é Clara”, disse Herbert. “Mora em Londres?”

“Mora. Talvez eu deva dizer”, respondeu Herbert, que curiosamente ficara cabisbaixo e humilde desde que haviam os entrado naquele assunto interessante, “que ela está muito abaixo das exigências absurdas de minha mãe a respeito de famílias. O pai dela trabalhava na área de abastecimento de navios de passageiros. Creio que era uma espécie de tesoureiro.”

“E agora ele é o quê?”, perguntei. “Um inválido”, Herbert.

“Ele vive...?”

“No andar de cima”, respondeu Herbert. Não fora esse, em absoluto, o sentido da minha pergunta, e sim seu meio de vida. “Nunca vi o pai, pois ele não sai do quarto dele lá em cima, desde que conheci a Clara. Mas eu o ouço constantemente. Ele cria os maiores tumultos — grita, e bate no chão com algum instrumento assustador.” Olhando para mim e depois rindo-se gostosamente, Herbert por algum tempo recuperou seu jeito animado costumeiro.

“Não pretendes jamais vê-lo?”, perguntei.

“Claro, estou sempre achando que vou vê-lo”, respondeu Herbert, “porque cada vez que o ouço tenho a impressão de que ele vai desabar do andar de cima, por um buraco no teto. Mas não sei

quanto tem po ainda os caibros vão aguentar.” Depois de rir-se gostosam ente m ais um a vez, tornou a ficar hum ilde, e disse- m e que, assim que com eçasse a acum ular algum capital, tinha intenção de desposar essa m oça. Acrescentou, com o se fosse um a proposição de veracidade óbvia, e desanim adora: “Mas não se pode casar, tu sabes, enquanto ainda se está olhando à volta”.

Enquanto contem plávam os o fogo, e eu pensava o quanto era difícil acum ular capital às vezes, pus as m ãos nos bolsos, e um pedaço de papel que havia num deles atraiu m inha atenção; desdobrei-o e vi que era um program a do espetáculo teatral que m e fora entregue por Joe, a apresentação do célebre am ador provinciano de renom e rosciano. “E olha só”, acrescentei em voz alta, “é hoj e!”

Desse m odo, m udam os de assunto na m esm a hora, e decidim os apressadam ente ir assistir à peça. Assim , depois que m e com prom eti a confortar e aj udar Herbert em suas questões am orosas por todos os m eios práticos e im praticáveis, e depois que Herbert m e disse que sua noiva j á m e conhecia por m inha reputação e que eu seria apresentado a ela, e depois que trocam os um aperto de m ãos caloroso, selando nossa confiança m útua, sopram os as velas, apagam os o fogo da lareira, trancam os a porta e saím os em busca do sr. Wopsle

e da Dinam arca.2

CAPÍTULO XXXI

Quando chegaram os à Dinamarca, encontram os o rei e a rainha instalados em duas poltronas colocadas sobre uma mesa de cozinha, cercados por sua corte. Toda a nobreza do país estava presente; ela consistia num rapaz jovem que calçava botas de camurça herdadas de algum ancestral gigantesco, um venerável par do reino de cara suja que parecia ter-se destacado do populacho a uma altura avançada da vida, e a cavalaria dinamarquesa com um pente no cabelo e meias de seda branca, tendo todo o conjunto uma aparência bem feminina. Meu talentoso conterrâneo guardava certa distância dos outros, melancólico, de braços cruzados, e desejava que seus cachos e sua testa fossem um pouco mais verossímeis.

Uma série de pequenas circunstâncias curiosas veio à tona enquanto a ação se desenrolava. Ao que parecia, o falecido rei do país não apenas sofria de uma tosse insistente no momento de sua morte, com o também a havia levado para o túmulo, de onde ela emergia com ele. O fantasma real levava também um manuscrito espectral enrolado em seu porrete, e parecia consultá-lo, com um ar de ansiedade e uma tendência a perder o lugar da leitura que pareciam indicar um estado de mortalidade. Creio que foi isso que levou a galeria do teatro a aconselhar o espectro: “Vira a página!” — uma recomendação que ele recebeu muito mal.

Observava-se tam bém que essa m aj estosa aparição, em bora sem pre aparecesse dando a im pressão de que estivera fora há m uito tem po e cam inhara um a distância im ensa, na verdade vinha de um a parede bem perto dali. P or esse m otivo, os terrores dessa criatura eram recebidos com gargalhadas irreverentes. A rainha da Dinam arca, um a senhora de carnes m uito abundantes, tinha igual abundância de adereços de latão; seu queixo estava unido ao diadem a por um a faixa larga feita desse m etal (com o se ela estivesse acom etida de um a dor de dentes suntuosa), um a faixa sem elhante lhe cingia a cintura e duas outras lhe adornavam os braços, o que levou o público a caracterizá-la abertam ente com o “a latoeira”. O rapaz nobre das botas ancestrais era incoerente; encarnava quase sim ultaneam ente um m aruj o, um ator itinerante, um coveiro, um sacerdote e um a personagem da m aior im portância num duelo de esgrim a na corte, cuj o olho clínico e perícia profissional fundam entavam avaliações precisas de cada golpe. Esse fato gradualm ente teve o efeito de granj ear-lhe antipatia, a qual culm inou — no m om ento em que ele foi visto em traj es clericais, recusando-se a m inistrar um serviço fúnebre — num a indignação geral, que assum iu a form a de um a saraivada de nozes. P or fim , Ofélia sofria de um a loucura m usical de tal verdeza que quando ela por fim conseguiu retirar sua estola de m usselina branca, dobrá-la e enterrá-la, um hom em m al-hum orado que j á estava há algum tem po refrescando o nariz im paciente

encostando-o à barra de ferro que circundava a galeria, rosnou: “Agora que puseram o bebê na cama, vamos jantar!”. Um comentário, no mínimo, impertinente.

Todos esses incidentes acumularam-se sobre meu infeliz conterrâneo, com efeito hilariante. Sem prever que aquele príncipe indeciso era obrigado a fazer uma pergunta ou exprimir uma dúvida, o público ajudava. Assim, por exemplo, diante da questão de ser ou não mais nobre na mente sofrer, alguns gritaram que sim, outros que não, e ainda outros, indecisos, sugeriram: “Tira na cara ou coroa!”, o que deu origem a um acalorado debate. Quando ele perguntou o que fazia uma criatura com o ele a rastejar entre a terra e os céus, a plateia reagiu com gritos animados de “Isso mesmo!”. Quando ele apareceu com a meia fora do lugar (o que foi representado, com o mandado a tradição, por uma dobra muito cuidadosa no alto da meia, que sempre parece ter sido feita com um ferro de passar), entreouveu-se uma conversa na galeria a respeito da palidez de sua perna, que possivelmente teria sido causada pelo susto levado diante do fantasma. Quando o príncipe pegou uma flauta doce — muito semelhante a uma pequena flauta negra que fora recentemente tocada na orquestra e entregue pela porta — houve um clamor unânime, pedindo que ele tocasse a canção patriótica “Rule, Britannia”. Quando ele aconselhou o ator a não gesticular de modo exagerado, o homem em silêncio interveio: “Segue tu mesmo esse conselho; és m

uito pior do que ele!”. E lam ento acrescentar que gargalhadas gostosas saudaram o sr.

Wopsle em cada um a dessas ocasiões.

P orém ele enfrentou suas piores provações no cem itério, o qual parecia um a floresta prim eva, equipada com um a espécie de pequena lavanderia eclesiástica de um lado e um a barreira de pedágio do outro. Quando surgiu o sr. Wopsle, com um a capa negra abrangente, j unto à barreira, o coveiro foi devidam ente alertado por um a voz sim pática: “Cuidado! Lá vem o agente funerário, para ver se estás trabalhando direitinho!”. Creio que todos sabem num país civilizado que não seria possível o sr. Wopsle m anusear um crânio, após filosofar a respeito dele, sem depois lim par os dedos num lenço branco retirado do bolso; m as até m esmo esse gesto inocente e indispensável evocou um com entário: “Garçom !”. A chegada do corpo a ser enterrado (num a caixa preta vazia cuj a tam pa caiu no chão) foi o sinal para um a m anifestação de j úbilo geral, o qual se intensificou ainda m ais quando foi verificada, entre os hom ens que carregavam o esquife, a presença de um indivíduo cuj a identificação causou indignação. Esse j úbilo acom panhou o sr. Wopsle durante todo o decorrer de sua luta com Laertes à beira da orquestra e da sepultura, e prosseguiu até que ele derrubou o rei da m esa de cozinha e foi m orrendo aos poucos, dos calcanhares para cim a.

Nós dois havíamos esboçado frágeis tentativas de aplaudir o sr. Wopsle no início, todavia era inútil insistir. Assim, assistimos ao espetáculo sentindo muita pena dele, porém ao mesmo tempo rindo sem parar. Embora tentasse me conter, ri o tempo todo, pois era tudo muito engraçado; e, no entanto, tinha a impressão latente de que havia algo de realmente belo na elocução do sr. Wopsle — não se tratava de nostalgia, creio eu, e sim do fato de ele falar de modo muito arrastado,

muito lúgubre, subindo e descendo, com o homem em algum, em quaisquer circunstâncias de vida ou morte, jamais se manifestaria a respeito de qualquer assunto. Depois que terminou a tragédia, e que ele foi chamado ao palco e recebeu vaias, dirigime a Herbert: “Vam os embora logo, para não haver perigo de nos encontrarmos com ele”.

Descemos a escada com toda a velocidade, mas não corremos o bastante. Parado à porta, um judeu com sobrancelhas anormalmente acentuadas olhou-me nos olhos e disse, quando nos aproximamos dele:

“Senhor Pip e amigo?”

Confessamos nossas identidades de sr. Pip e amigo.

“O senhor Waldengarver”, apresentou-se o homem, “gostaria de ter a honra.”

“Waldengarver?”, repeti — quando então Herbert me urrou em meu ouvido: “Deve ser Wopsle”.

“Ah!”, exclamei. “Sim. Devem os segui-lo?”

“É logo ali, por favor.” Quando estavam os num beco transversal, ele virou-se e perguntou: “O que o senhor achou da aparência dele? Fui eu que o vesti”.

Eu não sabia o que dizer; a aparência dele evocara um enterro, com o acréscimo de um enorme sol ou estrela da Dinamarca pendurado em seu pescoço por uma fita azul, o que lhe dera a aparência de alguém que era segurado por um extraordinário corpo de bombeiros.¹ Porém respondi que o achei muito bem.

“Quando ele chegou na cova”, disse nosso guia, “ele me mostrou a capa muito bem. Mas, depois, vendo lá dos bastidores, achei que quando ele viu o fantasma no quarto da rainha, ele podia ter me mostrado o melhor das coisas.”

Concordei, com modestia, e todos nós entramos por uma porta de vaivém pequena e sujá e entramos num espécie de caixote quente. Dentro dele, o sr. Wopsle estava tirando suas roupas dinamarquesas, e ali havia apenas o espaço necessário para que olhassem os para ele um por cima dos ombros do outro, mas só se manifestassem os abertos a porta, ou tampá, daquele caixote.

“Senhores”, disse o sr. Wopsle, “estou orgulhoso por vê-los. Espero, senhor Pip, que me desculpe por tê-los chamado. Tenho a

felicidade de o haver conhecido outrora, e essa tragédia sempre foi admirada pelos nobres e prósperos.”

Enquanto isso, o sr. Waldengarver, suando profusamente, tentava livrar-se de seus negros trajes principescos.

“Puxe a meia para baixo, senhor Waldengarver”, disse o proprietário das roupas em questão, “senão vai rasgar. Se rasgar é trinta e cinco xelins. Nem mesmo o Shakespeare teve uma meia melhor que essa. Fique sentado aí que eu mesmo tiro.”

Dizendo isso, ajoelhou-se e começou a esfolar sua vítima; a qual, no momento em que foi retirada a primeira meia, só não caiu para trás com cadeira e tudo porque não havia espaço para tal.

Até aquele momento, eu estava tendo a hora de fazer algum comentário a respeito do espetáculo. Mas o sr. Waldengarver nos dirigiu um olhar

complacente e perguntou:

“Senhores, o que acharam da peça, vista lá da frente?”

Herbert respondeu, atrás de mim (e me cutucando ao mesmo tempo): “Excelente”. Assim, repeti: “Excelente”.

“E o que acharam da minha leitura do personagem, senhores?”, perguntou o sr. Waldengarver num tom quase, ainda que não completamente, superior.

Herbert respondeu, atrás de mim (mais uma vez me cutucando): “Abrangente e concreta”. Assim, respondi, com o se eu tivesse tido a ideia, e me visse obrigado a insistir nela: “Abrangente e concreta”.

“Agrada-me contar com a sua aprovação, senhores”, disse o sr. Waldengarver, com um ar de dignidade, em bora estivesse sendo empurrado contra a parede no momento, segurando-se no assento da cadeira.

“Mas vou lhe dizer uma coisa, senhor Waldengarver”, interveio o homem ao olhar, “sobre essa sua leitura que eu não gostei. Escute só! E se alguém não concordar, paciência; é o que eu acho. O senhor não lê o Hamlet direito quando mostra as pernas de perfil. O último Hamlet que vesti fez o mesmo erro no ensaio, aí eu pus um pedaço de lacre vermelho grande em cada canela dele, e aí naquele ensaio (que era o último) fui lá pra plateia, junto da orquestra, e toda vez que ele ficava de perfil eu gritava: ‘Não estou vendo os lacres, não!’. E de noite a leitura dele foi muito boa.”

O sr. Waldengarver sorriu para mim, com o quem diz: “Um fiel servidor — eu perdoo sua tolice”; em seguida, disse em voz alta: “Minha leitura é um tanto clássica e filosófica demais para eles aqui, mas eles vão entender, vão entender”.

Herbert e eu dissemos juntos: “Ah, sem dúvida, eles iriam entender”.

“Os senhores observaram”, com entou o sr. Waldengarver, “que havia um hom em na galeria tentando achincalhar o culto — quer dizer, o espetáculo?”

Respondem os, cínicos, que tinham os a vaga im pressão de ter percebido tal coisa. Acrescentei: “Ele estava bêbado, certam ente”.

“Ah, não, senhor”, corrigiu o sr. Wopsle, “não estava bêbado, não. O patrão dele não deixa. O patrão dele não deixaria que ele ficasse bêbado.”

“O senhor conhece o patrão dele?”

O sr. Wopsle fechou os olhos e voltou a abri-los, realizando am bas as cerim ônias m uito lentam ente. “Os senhores devem ter constatado, se m e perm item o galicism o”, disse ele, “a presença de um idiota ignorante, de voz áspera e expressão vil e m aligna, que interpretou — se é possível usar o term o em tal contexto — o papel de Cláudio, rei da Dinam arca. Este é o patrão dele, senhores. Esta é a profissão dele!”

Sem saber bem se deveria sentir m ais pena do sr. Wopsle se ele estivesse desesperado, eu sentia tanta pena dele naquela situação que aproveitei o m om ento em que ele nos deu as costas para colocar os suspensórios — o que nos obrigou a sair pela porta afora — para perguntar a Herbert se ele achava que devíam os convidá-lo para j antar conosco em nossa casa. Herbert respondeu que seria um a cortesia fazê-lo; assim , convidei-o, e ele acom

panhou-nos até o Barnard's Inn, agasalhado até os olhos, e esforçamos-nos ao máximo para agradar-lhe, e ele ficou conosco até as duas da madrugada, analisando seu sucesso e expondo seus planos. Já não me lembro bem dos detalhes, mas de

modo geral ele ia com êxito reavivando a arte dramática e terminar esmagando-a, pois que sua morte a deixaria inteiramente desprovida de qualquer oportunidade e esperança.

Profundamente infeliz, deitei-me, e profundamente infeliz pensei em Estella, e profundamente infeliz sonhei que todas as minhas esperanças haviam sido canceladas, e que eu seria obrigado a desposar a Clara de Herbert, ou então a representar o papel de Hamlet, sendo o fantasma encarnado pela sra. Havisham, diante de uma plateia de vinte mil pessoas, sem saber de cor nem vinte palavras do texto.

CAPÍTULO XXXII

Um dia, estando eu ocupado com meus livros e com o sr. Pocket, recebi um bilhete entregue pelo correio, e só de olhar para o envelope fiquei profundamente perturbado, pois, em bora já mais tivesse visto a letra com que ele estava endereçado, adivinhei a quem ela pertencia. Não havia no bilhete nenhuma introdução, com o Caro sr. Pip, ou Caro Pip, ou Caro Senhor, ou Caro Alguma Coisa, porém seu teor era o seguinte:

Chego a Londres depois de amanhã na diligência do meio-dia. Ficou combinado que você me receberia, não? Seja como for, é essa a impressão da sra. Havisham, e escrevo em obediência a ela. A sra. Havisham manda-lhe saudações.

Com estima, Estella.

Se houvesse tempo, provavelmente eu teria encomendado vários trajes para essa ocasião; mas como não havia, era necessário contentar-me com as roupas que tinha. Meu apetite desapareceu no mesmo instante, e não tive mais paz de espírito até que chegou o dia. Não que a chegada do dia me trouxesse a paz; na verdade, fiquei pior do que nunca, e comecei a rondar o escritório das

diligências na Wood-street, Cheapside, antes mesmo o que a carruagem partisse do Javali Azul na nossa aldeia. Muito embora soubesse que isto não era necessário, mesmo assim eu sentia que não devia afastar-me do escritório das diligências por mais de cinco minutos; e nesse estado irracional havia gasto a primeira meia hora de uma espera de quatro ou cinco horas quando Wemmick deu comigo.

“Ora, ora, senhor Pip”, disse ele, “como está? Já mais imaginei que o senhor frequentasse este lugar.”

Expliquei que estava esperando alguém que chegaria na diligência, e perguntei-lhe como estavam o castelo e o idoso.

“Os dois vão muito bem, obrigado”, disse Wemmick, “especialmente o idoso. Está em plena forma. Vai completar oitenta e dois anos. Estou pensando em disparar oitenta e dois tiros, se a vizinhança não reclamar, e se aquele canhão aguentar tanta pressão. Mas isso não é conversa que se tenha em Londres. Aonde o senhor acha que eu estou indo?”

“Ao escritório?”, indaguei, pois ele se encaminhava nessa direção.

“Bem ao lado dele”, respondeu sr. Jaggers. “Estou indo a Newgate. Estam os

no momento cuidando de um caso que envolve um pacote de um banqueiro, e fui dar uma olhada no local, e agora preciso conversar um pouco com nosso cliente.”

“O seu cliente cometeu o roubo?”, perguntei.

“Deus me livre, não”, respondeu Wemnick, muito seco. “Mas está sendo acusado do roubo. Com o qual poderia ser eu ou o senhor. Qualquer um de nós pode ser acusado, o senhor sabe.”

“Só que nem eu nem o senhor fomos os acusados”, observei.

“Isso mesmo!”, exclamou Wemnick, pondo o indicador no peito.

“O senhor é muito esperto, senhor Pip! Gostaria de ir até Newgate? Tem algum tempo sobrando?”

Eu tinha tanto tempo que a proposta me causou alívio, muito embora fosse incompatível com meu desejo latente de ficar de olho no escritório das diligências. Murmurei que ia indagar se teria tempo bastante para ir com ele, entrei no escritório e obtive do funcionário, com muita precisão e muito autocontrole da parte dele, um esclarecimento a respeito da primeira hora em que poderia chegar a diligência — coisa que eu já sabia tão bem quanto ele. Então fui ter outra vez com o sr. Wemnick, e fingindo que consultava meu relógio e me surpreendia com a informação que me fora fornecida, aceitei seu convite.

Chegam os a Newgate em poucos minutos, passando pela guarita onde algemas pendiam das paredes nuas em meio aos

regulam entos da instituição, e chegam os ao interior da cadeia. Naquele tem po, as cadeias eram m uito negligenciadas, e o período de reação exagerada diante dos m alfeitos das autoridades — e que é sem pre sua punição m ais pesada e m ais prolongada — ainda estava distante. Assim , as acom odações e a alim entação dos presidiários não eram m elhores que as dos soldados (para não falar nos indigentes), e eles raram ente ateavam fogo a suas prisões com o obj etivo desculpável de m elhorar

o sabor de sua sopa.¹ Era hora de visitação quando Wem m ick m e levou lá; e um em pregado de taverna estava entregando cervej a; e os prisioneiros, atrás das grades no pátio, estavam com prando cervej a e conversando com os am igos; era um a cena sórdida, feia, caótica e deprim ente.

Ocorreu-m e que Wem m ick cam inhava em m eio aos prisioneiros tal com o um j ardineiro entre suas plantas. Essa ideia surgiu em m inha cabeça quando o vi observando um broto que havia surgido durante a noite e dizendo: “O quê? Capitão Tom ? Você por aqui? Ora, essa!”, e tam bém : “Aquele ali atrás da

cisterna é o Black Bill? P orque não procurei você nos últim os dois m eses? E com o está você?”. Tam bém quando parava j unto às grades e escutava cochichos ansiosos — sem pre um de cada vez — Wem m ick, com sua caixa de correio em estado de im obilidade, olhava para eles enquanto os ouvia com o se estivesse observando

o progresso que haviam feito desde a última observação, preparando-se para aparecer em plena floração no tribunal.

Ele era muito popular, e reparei que era responsável pelo departamento familiar dos negócios do sr. Jaggars, se bem que algo da inépcia do sr. Jaggars também pairava em torno dele, impedindo uma aproximação além de certos

limites. Seu reconhecimento pessoal de cada cliente sucessivo manifestava-se através de um aceno de cabeça e do gesto de ajustar o chapéu na cabeça com as duas mãos; em seguida, estreitava a caixa postal e punha as mãos nos bolsos. Em um ou dois casos, surgiu uma dificuldade a respeito de um acréscimo nos honorários, e então o sr. Wemnick, recuando ao máximo do dinheiro insuficiente oferecido, dizia: “Não adianta, meu rapaz. Sou apenas um subordinado. Não posso aceitar. Não adianta insistir com um subordinado. Se você não consegue cobrir a quantia, meu rapaz, é melhor dirigir-se diretamente a um advogado; há muitos advogados, você sabe, e o que não interessa a um pode interessar a outro; é essa a recomendação que lhe posso dar, falando na posição de subordinado. Não adianta tentar medidas inúteis. Para quê? Mas sim, quem é o próximo?”.

Assim, fomos caminhando pela estufa de Wemnick, até que ele se virou para mim e disse: “Observe o homem a quem vou apertar a mão agora”. Eu haveria de observá-lo mesmo sem essa

preparação, pois até aquele momento ele não apertara a mão de ninguém.

Quase imediatamente depois que ele Wem m ick, um homem corpulento, em pertigado (o qual vejo agora, no momento em que escrevo), trajando uma sobrecasaca verde-oliva bem gasta, com uma palidez estranha sobrepondo-se à tez rubicunda, e olhos que ficavam a rodar quando ele tentava fixá-los, aproximou-se de um canto das grades e levou a mão ao chapéu — cuja superfície era ensebada e gordurosa, com o caldo de carne frio — numa continência militar meio a sério, meio de brincadeira.

“Coronel, salve!”, saudou-o Wem m ick. “Com o vai?” “Vou bem, senhor Wem m ick.”

“Tudo que podia ser feito foi feito, mas as provas eram fortes demais pra nós, coronel.”

“Eram fortes demais, sim, senhor — mas eu não me importo.”

“Não, não”, disse Wem m ick, imperturbável, “o senhor não se importa.” Em seguida, virando-se para mim: “Serviu a sua majestade, este homem. Foi soldado, serviu e pagou pra ter baixa”.

Eu disse: “É mesmo?”, e os olhos do homem viraram-se para mim, e depois

olharam por cima de minha cabeça, depois a meu redor, e por fim ele passou a mão pelos lábios e riu.

“Acho que vou sair daqui na segunda-feira, senhor”, disse ele a Wem ick. “Talvez”, meu amigo, “mas não há como saber.”

“Agradeço a oportunidade de me despedir do senhor”, disse o homem, e estendeu a mão por entre as grades.

“Obrigado”, disse Wem ick, apertando-lhe a mão. “O mesmo o da minha parte, coronel.”

“Se o que eu tinha comigo quando fui preso fosse de verdade, senhor Wem ick”, disse o homem, sem querer soltar a mão do outro, “eu haveria de lhe pedir o favor de usar mais um anel — em reconhecimento a seu esforço.”

“Aceito a intenção com o se fosse o ato”, disse Wem ick. “A propósito, o senhor era um grande criador de pombo.2” O homem olhou para o céu. “Soube

que o senhor tinha uma raça notável de pombo voadores.2
Será que podia

falar com um amigo seu para me trazer um casal, se não for precisar mais deles?”

“Vou atendê-lo, senhor Wem ick.”

“Muito bem”, disse Wemmick, “eles vão ser bem cuidados. Boa tarde, coronel. Adeus!” Trocaram outro aperto de mãos, e enquanto nos afastávamos

Wemmick me disse: “Um moedeiro, um artesão excelente. O relatório do juiz sai hoje, e é certo que ele seja executado na segunda-feira. Seja como for, como o senhor sabe, dois pontos não deixam de ser valores portáteis”. Tendo dito isso, olhou para trás e acenou com a cabeça para aquela planta morta, e olhou à sua volta enquanto saía do pátio, como se pensasse qual o vaso que ficaria melhor no lugar daquele.

Ao sairmos da prisão através da guarita, observei que a grande importância de meu tutor era reconhecida pelos carcereiros, tanto quanto por aqueles que eles mantinham presos. “Diga lá, senhor Wemmick”, perguntou o carcereiro que nos antevia entre os dois portões reforçados e encimados por espigões, e que cuidadosamente trancou um antes de destrancar o outro, “o que o senhor Jaggery vai fazer com aquele assassinato à beira-rio? Vai fazer virar um homicídio culposo, ou o quê?”

“Por que você mesmo não pergunta a ele?”, devolveu Wemmick. “Até parece!”, disse o carcereiro.

“Com eles tem que ser assim, senhor Pip”, comentou Wemmick, virando-se para mim com sua caixa de correio alongada. “Eles

perguntam qualquer coisa a mim, o subordinado; mas nunca fazem pergunta nenhum a mim eu patrão.”

“Esse jovem cavalheiro é um dos aprendizes lá da sua firma?”, perguntou o carcereiro, com um sorriso irônico provocado pelo gracejo do sr. Wemmick.

“Está vendo? Lá vai ele outra vez!”, exclamou Wemmick. “Eu não disse? Fazendo a segunda pergunta pro subordinado quando a primeira ainda está no ar! Pois bem, e se o senhor Pip for um deles?”

“Ora, nesse caso”, disse o carcereiro, sorrindo outra vez, “ele sabe com o que é o senhor Jaggars.”

“Aah!”, exclamou Wemmick, batendo de repente no carcereiro de brincadeira, “você é tão burro quanto essa porta quando se trata do meu patrão, você sabe que é. Abra esse portão para nós, sua raposa velha, se não eu faço o homem processá-lo por cárcere privado.”

O carcereiro riu, e desejou-nos bom-dia, e ficou rindo de nós por cima dos espigões do portão enquanto desciam os a escada em direção à rua.

“Olhe, senhor Pip”, disse Wemmick ao pé de mim ouvido num tom sério, enquanto segurava meu braço para falar de modo mais confidencial; “o senhor Jaggars faz muito bem de se manter tão altivo. Ele é sempre muito altivo. Sua altivez constante é coerente

com suas imensas capacidades. O tal do coronel não ousaria se despedir dele, tal com o esse carcereiro não ousaria perguntar a ele quais as suas intenções em relação a um caso. Então, entre a altitude dele e essas pessoas, ele coloca o subordinado — está entendendo? — e desse modo controla-os por com pleto, corpo e alma.”

Fiquei muito impressionado, e não pela primeira vez, com a sutileza de meu

tutor. Para ser franco, desejei com todas as minhas forças, e não pela primeira vez, que meu tutor fosse um homem de meus anos e capacidade.

Eu e o sr. Wick nos despedimos no escritório na Little Britain, onde havia o contingente de sempre de suplicantes do sr. Jaggeres perambulando na rua, e retomei minha vigília nas imediações do escritório das diligências, tendo ainda três horas para esperar. Consumi todo esse tempo pensando com o era estranho que eu estivesse sempre envolvido por essa nódoa de prisão e crime; que, na minha infância, nos nossos charcos solitários numa noite de inverno, eu a houvesse encontrado pela primeira vez; que ela tivesse reaparecido em duas ocasiões, com o um a nódoa desbotada, mas não desaparecida; que, desta nova maneira, ela me impregnasse minha fortuna e minha ascensão. Enquanto minha mente estava ocupada com tais ideias, pensei na

bela e jovem Estella, orgulhosa e refinada, vindo em direção a mim, e pensei com horror profundo no contraste entre a cadeia e ela. Lamentei que Wemmick se tivesse encontrado comigo, e que eu houvesse aceito seu convite de me juntar a ele, para que, justamente nesse dia, de todos os dias do ano, eu não tivesse o ar de Newgate no meu hálito e nas minhas roupas. Bati os pés no chão, enquanto andava de um lado para o outro, para me livrar da poeira da prisão, e sacudi minhas roupas com o mesmo objetivo, tal com o esvaziei o ar de meus pulmões. Então contaminei-me e sentia, pensando em quem estava vindo ter comigo, que a diligência acabou chegando depressa, tanto assim que eu ainda não estava livre da consciência maculada da estufa do sr. Wemmick quando vi o rosto de Estella à janela da carruagem, e sua mão acenando para mim.

O que seria, então, a sombra sem nome que mais uma vez, naquele momento, passou por mim?

CAPÍTULO XXXII

Com seu vestido de viagem forrado de pele, a beleza delicada de Estella parecia maior até do que me parecera antes, mesmo vista pelos meus olhos. Suas maneiras para comigo eram mais sedutoras do que nunca, e julguei ver nessa mudança o dedo da sra. Havisham. Estávamos os parados no pátio da estalagem, e ela indicou para mim sua bagagem, e depois que todas as peças foram recolhidas me dei conta — pois até então me havia esquecido de tudo que não fosse ela — de que nada sabia a respeito de seu destino.

“Vou para Richmond”, ela me informou. “O que nos disseram é que existem duas Richmonds, uma em Surrey e outra em Yorkshire, e que a minha é a de Surrey. São doze quilômetros até lá. Devo alugar uma carruagem, e tu deves levar-me. Eis aqui minha carteira, e deves pagar os custos com o dinheiro que está dentro dela. Ah, tens de aceitar o dinheiro! Não tens escolha, eu e tu, porém tens de seguir nossas instruções. Não tens liberdade de fazer nossas próprias escolhas, eu e tu.”

Enquanto olhava para mim ao me entregar a carteira, eu desejava que houvesse um sentido oculto em suas palavras. Ela as pronunciara num tom depreciativo, mas não com desprazer.

“Tem os que me andar vir um a carruagem , Estella. Queres descansar aqui um pouco?”

“Sim , devo descansar um pouco, e devo tomar chá e tu deves tomar conta de mim .”

Ela tomou o meu braço, com o se aquilo tivesse de ser feito, e chamou um garçom , que estava olhando para a carruagem com o se nunca tivesse visto tal coisa na vida, para lhe pedir que nos levasse a um a sala de espera particular. Ao ouvir isso, ele sacou um guardanapo, com o se fosse um a pista mágica sem a qual ele não poderia encontrar o caminho do andar de cima, e levou-nos até o buraco negro do estabelecimento: lá havia um espelho que diminuía as imagens (um artigo um tanto supérfluo, levando-se em conta as proporções do buraco), um a galheta contendo o olho de anchova e um par de tamancos que alguém deixara ali. Quando reclamou da escolha do lugar, ele nos levou a outro cômodo onde havia um a mesa de jantar com trinta lugares, e na grelha via-se um a folha queimada arrancada de um caderno sob um a pilha de pó de carvão. Após contemplar aquele fogo morto e sacudir a cabeça, ele anotou o meu pedido, o qual, sendo apenas “um chá para a senhora”, o fez sair da sala em estado de profunda depressão.

Julguei, e julgo até agora, que o ar daquele recinto, com sua combinação intensa de cheiro de cavalaria com cheiro de sopa, poderia levar à conclusão de que o departamento de carruagens

não gozava de boa situação, e que o proprietário estava cozinhando os cavalos para servi-los aos fregueses. No entanto, aquela sala era tudo para mim, porque Estella estava dentro dela. Pensei que, em sua companhia, eu teria sido feliz lá para sempre. (Observe-se que naquele momento eu não estava de modo algum feliz, e tinha perfeita consciência do fato.)

“Aonde vais, em Richmond?”, perguntei a Estella.

“Vou me orar”, respondeu ela, “pagando uma pequena fortuna, com uma senhora de lá que tem o poder — ou, ao menos, é o que ela diz — de me levar a lugares, e apresentar a pessoas e apresentar pessoas a mim.”

“Imagino que vás gostar de tanta variedade e admiração, não é?”

“Imagino que sim.”

Ela respondeu com tanta anha indiferença que me levou a dizer: “Tu falas sobre ti própria como se falasses de outra pessoa”.

“Onde ficaste sabendo como é que eu falo de outras pessoas? Ora, ora”, disse Estella, com um sorriso delicioso, “não há de querer que eu vá à escola contigo; falo do jeito que falo. E como estás te saindo com o senhor Pocket?”

“É muito agradável me orar lá; quer dizer...” Eu tinha a impressão de que estava perdendo uma oportunidade.

“Quer dizer?”, repetiu Estella.

“Tão agradável quanto é possível ser para mim um lugar longe de ti.” “Menino bobo”, disse Estella, com perfeito autocontrole, “com o podes dizer

tam anha bobagem ? Teu amigo, o senhor Matthew, creio eu, é superior ao resto da família?”

“Muito superior. Seu único inimigo...”

“Não diga que é ele mesmo”, interrompeu Estella, “pois detesto esse tipo de homem. Mas ele realmente é uma pessoa desinteressada, muito acima de ciúmes e despeitos mesquinhos, pelo que ouvi dizer, não é?”

“Tenho todos os motivos para dizer que sim.”

“Mas não tens todos os motivos para dizer o mesmo do resto da família”, disse Estella, com uma expressão ao mesmo tempo séria e provocadora, “pois os outros vivem fazendo à senhora Havisham insinuações e relatos desabonadores a teu respeito. Eles te observam, mentem sobre ti, escrevem cartas sobre ti (algumas delas anônimas), e tu és o tormento e a ocupação da vida deles. Nem imaginas o ódio que essas pessoas têm de você.”

“Elas não me prejudicam, espero?”, perguntei.

Em vez de me responder, Estella caiu na gargalhada. Achei essa reação muito estranha, e fiquei a olhar para ela na mais completa perplexidade. Quando ela terminou — e não fora um riso lânguido,

e sim um a gargalhada — com entei, da m aneira tím ida que eu adotava com ela:

“Espero poder presumir que não acharias graça se eles me prejudicassem de fato.”

“Não, não, podes ter certeza disso”, disse Estella. “Estejas certo de que estou rindo porque eles não conseguem. Ah, essas pessoas que vivem em torno da

senhora Havisham, os suplícios que elas sofrem!” Ela riu outra vez, e me esmoreço agora, depois de me ter explicado a razão, seu riso continuava sendo muito estranho para mim, pois eu não duvidava que fosse autêntico, e, no entanto, me parecia excessivo. Parecia-me que deveria haver alguma coisa ali que eu não sabia; ela leu meus pensamentos e respondeu a eles.

“Não é fácil nem mesmo para ti”, disse Estella, “saber a satisfação que me dá ver aquelas pessoas frustradas, nem como é agradável ver o quanto elas são ridículas quando são ridicularizadas. Porque não foste criado naquela casa desde pequeno: eu fui. Tu não tiveste de desenvolver as tuas defesas enfrentando as intrigas delas contra ti, oprimido e indefeso, disfarçadas de manifestações de carinho e de tudo o que há de suave e terno: eu tive. Tu não foste obrigado a amadurecer arregalando cada vez mais teus olhos de criança diante de uma impostora a calcular o estoque de paz de espírito

que acum ulava para quando ela acordasse no meio da noite: eu fui.”

Agora Estella não estava rindo, nem estava evocando aquelas lembranças de nenhum lugar superficial. Apesar de todas as minhas esperanças, certamente não era eu quem estava provocando aquela expressão no rosto dela.

“Posso dizer-te duas coisas”, ela prosseguiu. “Em primeiro lugar, apesar do provérbio de que água mole em pedra dura tanto bate até que fura, podes ter certeza de que essas pessoas já mais — nem mesmo se dispusessem de cem anos

— vão conseguir abalar a opinião que a senhora Havisham tem a teu respeito, em relação a qualquer aspecto, pequeno ou grande. Em segundo lugar, sou grata a ti por tê-las mantido tão ocupadas com suas maldades em vão, e estendo-te a minha mão por isso.”

Ela o fez de modo jocoso — pois o estado de espírito sombrio fora momentâneo — e eu tomei-lhe a mão e levei-a aos lábios. “Menino ridículo”, disse Estella. “Será que não aprendes? Ou beijas minha mão com o mesmo espírito com que uma vez eu te deixei me beijar o rosto?”

“Que espírito?”, perguntei.

“Deixe-me pensar um momento. Um espírito de desprezo pelos bajuladores e intrigantes.”

“Se eu disser que sim, posso beijar teu rosto de novo?”

“Devia ter perguntado antes de pegar na minha mão. Mas pode, sim, se quiser.”

Abaixei-me, e seu rosto tranquilo parecia uma estátua. “Agora”, disse Estella, afastando-se de mim no momento em que toquei seu rosto, “tens que arranjar um chá para mim, e depois levar-me para Richmond.”

Quando a ouvi reassumir aquele tom, com o seu sorriso associando-nos fosse imposta à força e não passassem os de fantoches, doeu-me o coração; mas tudo que se passava entre nós me fazia doer o coração. Qualquer que fosse o tom que ela adotasse comigo, eu não podia confiar nele, nem nutrir quaisquer esperanças; e, no entanto, eu seguia em frente, mesmo sem confiança, mesmo sem esperança. Por que repeti-lo mil vezes? Era sempre assim.

Toquei a campainha e pedi chá, e o garçom, reaparecendo com sua pista mágica, começou a trazer, paulatinamente, cerca de cinquenta utensílios associados àquela bebida; mas quanto ao chá propriamente dito, nada. Um a

bandeja, xícaras, pires, pratos, facas e garfos (inclusive facas de cortar carne), colheres (variadas), saleiros, um humilde bolinho cuidadosamente confinado sob uma forte tampa de ferro, Moisés em meio aos junco representado por um pedacinho de manteiga molhada no meio de uma abundância de salsa,¹ um pão pálido com

um a peruca em poada, duas im pressões das barras da lareira da cozinha feitas em pedaços triangulares de pão, e por fim um a chaleira do tam anho de um a urna m ortuária, carregando a qual o garçom entrou cam baleante, a exprimir no rosto esforço e sofrim ento. Depois de um a longa ausência a essa altura dos acontecim entos, ele por fim voltou, trazendo um escrínio de aparência preciosa, contendo alguns gravetos. Mergulhei esses gravetos em água quente, e de todos esses aparatos extraí um a xícara de não sei o quê, para Estella.

Tendo sido paga a conta, e lem brado o garçom , sem esquecer o palafreheiro, e levando tam bém em conta a cam areira — em sum a, tendo subornado todo o estabelecim ento, suscitando em todos sentim entos de desprezo e anim osidade, e deixando bem m ais leve a carteira de Estella — tom am os nossa diligência e partim os. Ao entrar em Cheapside e subir pela Newgate-street, logo passam os pelas m uralhas que tanto m e envergonhavam .

“Que lugar é esse?”, Estella perguntou-m e.

Tolam ente, fingi não reconhecê-lo de início, e em seguida disse a ela o que era. Estella olhou, recolheu a cabeça e m urm urou: “Desgraçados!”. Eu não teria sido capaz de confessar que estivera lá naquela tarde por nada neste m undo.

“O senhor Jaggars”, observei, para associar o local a outra pessoa, “tem a reputação de conhecer melhor os segredos desse lugar lúgubre do que qualquer homem em Londres.”

“Ele conhece os segredos de todos os lugares, creio eu”, disse Estella, em voz baixa.

“Costumava vê-lo com frequência, imagino?”

“Costumava vê-lo com intervalos irregulares, desde que me conheci e tenho por gente. Mas não o conheço melhor agora do que no tempo em que ainda não havia aprendido a falar direito. Que experiência tens dele? Estás fazendo progressos com ele?”

“Desde que me acostumei com seu jeito desconfiado”, respondi, “tenho-me saído muito bem.”

“Tornaram-se íntimos?” “Já jantei na casa dele.”

“Imagino”, disse Estella, recuando, “que seja um lugar curioso.” “É um lugar curioso.”

Eu devia ter o cuidado de não falar sobre meu tutor tão abertamente, nem me esmorecer com ela; mas teria prosseguido e relatado o jantar na Gerrard-street se nesse momento não tivessem os passados por uma súbita explosão de luz de gás. Tudo parecia estar iluminado e vivo, enquanto durou, com aquela sensação inexplicável que eu já tivera antes; e quando passaram os do lugar,

fiquei por alguns momentos tão aturdido com o que me viu pagar tivesse caído em mim.

Assim, passaram os a falar sobre outros assuntos, principalmente nosso meio de transporte e as regiões de Londres pelas quais passávamos, e coisas assim. A

metrópole era quase uma novidade para ela, Estella me revelou, pois já mais havia saído do bairro da sra. Havisham até o dia em que foi para a França, e apenas passara por Londres na ida e na volta. Perguntei-lhe se meu tutor cuidara dela enquanto ela estivera lá. Ao ouvir isso, exclamou enfática: “Deus me livre!”, e nada mais disse.

Era-me impossível não reparar que ela fazia questão de me atrair, que se fazia sedutora, e que me teria conquistado mesmo se essa tarefa exigisse algum esforço. No entanto, isso não me tornava mais feliz, pois mesmo se ela não tivesse assumido aquele tom de que estavam os apenas cumprindo ordens de terceiros, eu teria sentido que ela tinha meu coração na mão por puro cálculo, não porque ele lhe proporcionasse algum sentimento terno, e sim para me agarrar e jogá-lo fora.

Quando passaram por Hammersmith, indiquei-lhe onde morava o sr. Matthew Pickett, e disse-lhe que não era longe de Richmond e que eu esperava vê-la de vez em quando.

“Ah, sim, debes-me visitar; debes vir sem pre que julgar apropriado; debes ser mencionado para a família; aliás, já estás sendo mencionado.”

Perguntei se a família de que ela ia fazer parte era grande.

“Não; são apenas duas pessoas, mãe e filha. A mãe é uma dama com certa projeção, creio eu, mas com alguma necessidade de aumentar sua renda.”

“Causa-me espanto que a senhora Havisham seja capaz de separar-se de ti outra vez tão cedo.”

“Isso faz parte dos planos dela para mim, Pip”, disse Estella, com um suspiro, como se estivesse cansada; “tenho de escrever-lhe constantemente e visitá-la regularmente, e mantê-la informada sobre meus sucessos — meus e das jóias — pois agora quase todas elas são minhas.”

Era a primeira vez que ela me chamava pelo nome. É claro que ela o fizera de propósito, e sabia o valor que eu daria ao fato.

Chegam os a Richmond depressa demais, e nosso destino lá era uma casa junto ao parque, uma casa velha e sóbria, onde saias-balões e perucas empoadas e máscaras de enfeite outrora desfilaram muitas vezes. Algumas árvores venerandas à frente da casa ainda estavam podadas em formas tão rígidas e artificiais quanto as saias-balões e perucas; mas seus lugares marcados na grande procissão dos mortos não estavam distantes, e

elas em breve iriam ocupá-los e me ergulhar no silêncio, com todos os outros.

Um dia caminha com uma voz antiga — a qual, imagino, no passado muitas

vezes dissera à casa: Eis as anquinhas verdes, eis a espada com punho de brilhantes, eis os sapatos de saltos vermelhos e a gravata azul — sou circunspecta ao luar, e duas criadas cor-de-cereja vieram correndo receber Estella. Logo a porta da frente absorveu sua bagagem, ela me deu a mão e um sorriso e disse boa-noite, e foi igualmente absorvida. Ainda fiquei parado olhando para a casa, pensando como eu seria feliz se vivesse lá com ela, sabendo que já antes era feliz com ela, porém sofreria sem pre.

Entre na carruagem para ser levado de volta a Hammersmith, entrei com uma dor no coração e saí com uma dor no coração maior ainda. Chegando à porta da nossa casa, deparei com a pequena Jane Pocket, voltando de um passeio

com um pequeno grupo, acompanhada de seu namorado; e invejei seu namorado, em bora ele tivesse de obedecer a Fopson.

O sr. Pocket não estava em casa; havia saído para dar uma conferência, pois ele falava muito bem sobre economia doméstica, e seus tratados a respeito dos cuidados com os filhos e os criados eram conhecidos com os melhores sobre tais temas. P

orém a sra. P ocket estava em casa, e via-se em apuros por estar o bebê a brincar com um a caixa de agulhas, para que não desse trabalho durante a inexplicável ausência de Millers (que fora visitar um parente m em bro da infantaria). E havia desaparecido um número de agulhas que não podiam ser muito saudáveis para um a criança de tão tenra idade, nem se aplicadas externamente nem se ingeridas com o tônico.

Com o o sr. P ocket era tão justamente reconhecido por dar conselhos práticos excelentes, por ter um a visão tão clara e sensata das coisas e um a mente tão judiciosa, cheguei a pensar, tamanha era a dor em meu coração, em implorar-lhe para que ouvisse minhas confidências. Porém, quando levantei a vista e percebi que a sra. P ocket estava lendo seu livro sobre a nobreza depois de recomendar a cama com o um santo remédio para o bebê, pensei: Bem ... não, melhor não.

CAPÍTULO XXXIII

À medida que me acostumava com minhas esperanças, eu comecei a perceber, pouco a pouco, o efeito delas sobre mim mesmo e os que me cercavam. Quanto à sua influência sobre o meu próprio caráter, ocultava-a de mim mesmo tanto quanto possível, mas sabia muito bem que não era de todo boa. Eu vivia num estado de mal-estar crônico com relação a meu comportamento para com Joe. Minha consciência não estava de modo algum tranquila quanto a Bidy. Quando acordava no meio da noite — tal com o Camilla

— punha-me a pensar, com uma espécie de desânimo, que eu seria mais feliz e uma pessoa melhor se nunca tivesse visto o rosto da sra. Havisham, e se houvesse chegado à idade adulta contente por ser sócio de Joe na velha e honesta ferraria. Muitas vezes, à noite, quando ficava sozinho olhando para o fogo, ocorria-me o pensamento de que, no final das contas, não havia fogo igual ao da ferraria e ao da cozinha da nossa casa.

No entanto, era tão impossível separar Estella de toda a minha inquietude e desconforto mental que eu me orgulhava num estado de confusão quando pensava nos limites de minha própria responsabilidade por esse estado de espírito. Isto é, supondo-se que minhas esperanças não existissem, e mesmo assim m

e preocupasse com Estella, não me era possível convencer-me e de que eu me sairia muito melhor. Ora, quanto à influência da minha situação sobre os outros, eu não tinha essa espécie de dificuldade, e, portanto, percebia — ainda que, talvez, de modo não muito claro — que ela não era boa para ninguém, e acima de tudo, não era boa para Herbert. Meus hábitos perdulários levavam sua natureza dócil a incorrer em gastos acima de suas possibilidades, corrompiam a simplicidade de sua vida e perturbavam sua paz de espírito com ansiedades e arrependimentos. Eu não tinha qualquer remorso por ter levado, sem intenção de fazê-lo, os outros membros da família Pocket a recorrerem àquelas tristes artes que praticavam: porque essa mesquinhez era sua tendência natural, e teria sido provocada por qualquer outra pessoa, se não fosse eu. Mas o caso de Herbert era muito diferente, e muitas vezes o remorso me pungia ao pensar que lhe fizera mal atulhando seus aposentos quase nus com móveis estofados incoerentes, e colocando o vingador, com seu traj e cor de canário, à sua disposição.

Assim, agora, com o método infalível de fazer com que as pequenas preocupações se tornassem grandes, comecei a contrair uma quantidade de dívidas. Naturalmente, bastava que eu comesse para que Herbert me seguisse, e foi o que de fato logo aconteceu. Por sugestão de Startop, candidatamo-nos a um clube chamado Tentilhões do Arvoredo, uma instituição cujos objetivos já mais entendi, a menos que fosse apenas realizar

um a dispendiosa reunião dos membros um a vez a cada quinzena, brigar uns com os outros tanto quanto possível após o jantar, e fazer com que seis garçons se embriagassem na escada. Só sei que esses gratificantes fins sociais eram atingidos tão invariavelmente que eu e Herbert não víamos outro sentido que não esse no primeiro brinde permanente da sociedade, o qual era o seguinte: “Senhores, que a atual promoção de bons sentimentos sem preponderância entre os Tentilhões do Arvoredo”.

Os Tentilhões gastavam dinheiro de modo imprudente (o hotel em que jantávamos ficava em Covent-garden), e o primeiro Tentilhão que vi quando tive a honra de entrar para o Arvoredo foi Bentley Drumhale, o qual no momento estava rodando pela cidade num cabriolé de sua propriedade, causando grandes danos aos postes nas esquinas. De vez em quando ele se projetava de seu veículo, de cabeça, caindo por cima da lona; e numa ocasião vi-o entregar sua própria pessoa à porta do Arvoredo dessa maneira não intencional — com o se ele fosse uma porção de carvão. Mas estou me adiantando um pouco, pois eu ainda não era um Tentilhão, nem podia ser, de acordo com as sagradas leis da sociedade, enquanto não atingisse a maioridade.

Com a confiança que tinha em meus próprios recursos, de bom grado teria assumido as despesas de Herbert; porém, Herbert era orgulhoso, e eu não conseguia fazer uma tal proposta a ele.

Assim , ele acumulava problemas em todas as direções, e continuava a olhar à sua volta. Quando aos poucos fomos adquirindo o hábito de sair e receber até tarde, percebi que ele olhava à sua volta com desânimo na hora do desjejum ; que começava a fazê-lo com mais esperança por volta do meio-dia; que desanimava quando vinha para o jantar; que parecia entrever o Capital ao longe com bastante clareza, depois do jantar; que praticamente conseguia obter o tal Capital em torno da meia-noite; e que mais ou menos às duas da madrugada voltava a ficar de tal modo desanimado que chegava a falar em comprar uma espingarda e ir para a América, com a intenção geral de obrigar os búfalos a lhe proporcionarem uma fortuna.

Eu costumava passar cerca de metade da semana em Hammersmith, e quando lá estava fazia visitas recorrentes a Richmond: sobre isso, falarei mais adiante. Herbert vinha muito a Hammersmith quando eu estava lá, e creio que nessas oportunidades seu pai de vez em quando tinha alguma consciência de que a oportunidade que ele vivia procurando ainda não surgira. Mas na confusão geral da família, a confusão específica de seu filho era algo que haveria de se resolver de alguma maneira. Nesse ínterim , o sr. Pocket ficava cada vez mais grisalho, e tentava com cada vez mais frequência arrancar-se a si próprio de suas perplexidades puxando-se pelos cabelos. Enquanto isso, a sra. Pocket fazia sua família tropeçar em seu escabelo, lia seu livro sobre títulos de

nobreza, perdia seu lenço, falava-nos sobre seu avô e ensinava os jovens a desabrochar, m andando-

os para a cam a assim que eles atraíam sua atenção.¹

Com o estou agora tecendo generalizações em torno de um período de m inha vida com o objetivo de lim par o cam inho à m inha frente, nada m elhor do que com pletar a descrição de nossos hábitos costum eiros no Barnard's Inn.

Gastávamos o m áximo de dinheiro possível, obtendo o m ínimo que as pessoas nos quisessem dar em troca. Estávamos o tempo todo m ais ou m enos infelizes, e a m aioria de nossos conhecidos se encontrava no m esmo estado. Entre nós, m antínhamos a alegre ficção de que nos divertíamos, ocultando o esqueleto da verdade de que j am ais o fazíamos. P or tudo que sei, nosso caso era, sob todos os aspectos, bastante com um .

Todos os dias de m anhã, com um ar sem pre renovado, Herbert ia à City para

olhar à sua volta. Muitas vezes eu o visitava numa saleta de fundos escura, onde ele se ocupava com um tinteiro, um cabide de chapéus, um depósito de carvão, uma caixa de barbante, um almanaque, uma escrivaninha e um banco, e uma régua; e não m e lem bro de vê-lo fazer outra coisa que não olhar à sua volta. Se todos nós fizéssemos o que pretendíamos fazer com tanto afinco quanto Herbert o fazia, viveríamos talvez numa república das

virtudes. Ele não tinha outra ocupação, coitado, senão, a um a certa hora da tarde, “ir ao Lloy d’s” — para cum prir a cerim ônia de ver seu patrão, im agino. Nunca fez qualquer outra coisa relacionada com o Lloy d’s, que eu saiba, senão voltar de lá. Quando concluía que seu caso estava m ais sério do que de costum e, e que realm ente precisava de um a oportunidade, ia à Bolsa num a hora de intensa atividade, e lá ficava a entrar e sair, dançando um a espécie de quadrilha m elancólica em m eio aos m agnatas reunidos. “P ois a m eu ver”, disse Herbert a m im , vindo alm oçar em casa num a dessas ocasiões especiais, “a verdade, Handel, é que a oportunidade não vem até nós, e sim nós é que tem os que ir até ela — e foi o que fiz.”

Se tivéssem os m enos am izade um pelo outro, creio que sentiriam os um ódio m útuo regularm ente, todas as m anhãs. Eu detestava m eus aposentos de tal m odo que nem posso exprim i-lo, durante esse período de arrependim ento, e não suportava sequer olhar para a libré do vingador, a qual tinha um a aparência m ais cara e m enos lucrativa nesse m om ento do que em qualquer outra das vinte e quatro horas do dia. À m edida que nos endividávam os m ais e m ais, o desj ej um se tornava um a form alidade cada vez m ais vazia, e num a ocasião em que essa refeição foi am eaçada (via correio) por um processo legal, “de certo m odo relacionado”, com o diria o j ornalzinho de m inha terra, “à aquisição de j oias”, cheguei m esm o a agarrar o vingador pelo colarinho azul, levantá-lo do

chão a sacudi-lo — de modo que ele ficou realm ente no ar, com o um Cupido de botas

— por ter ele presum ido que nós queriam os pães.

Em certas ocasiões — na verdade, ocasiões incertas, pois dependiam de nosso hum or — eu dizia a Herbert, com o se fosse um a descoberta notável:

“Meu caro Herbert, vam os m al.”

“Meu caro Handel”, retrucava Herbert, com toda sinceridade, “hás de m e acreditar se eu te disser que, por um a estranha coincidência, eu ia dizer exatam ente isso.”

“Nesse caso, Herbert”, respondia eu, “vam os exam inar a nossa situação.” Sem pre nos dava um a satisfação profunda m arcar um a reunião com esse

obj etivo. Sem pre m e parecia que era assim que se fazia, era assim que se enfrentava o problem a, atacando o inim igo pela jugular. E sei que Herbert pensava o m esm o.

P ediam os algum a coisa especial para o j antar, j untam ente com um a garrafa

de algo fora do com um , a fim de fortalecer nossas m entes para a ocasião, e para que ficássem os à altura do que nos era exigido. Findo o j antar, pegávam os um m aço de canetas, um a quantidade generosa de tinta e um bom provim ento de papel alm aço e m

ata-borrão. Pois havia algo de muito tranquilizador na abundância de material de papelaria.

Então eu pegava uma folha de papel e escrevia, no alto, com uma letra caprichada: “Memorando das dívidas de Pip”, acrescentando “Barnard’s Inn” e a data, com todo o cuidado. Herbert também pegava uma folha de papel e, com uma formalidade semelhante, nela escrevia: “Memorando das dívidas de Herbert”.

Em seguida, cada um de nós consultava uma pilha confusa de papéis a seu lado, papéis que haviam sido jogados em gavetas, enfiados em buracos nos bolsos, parcialmente queimados ao acender velas, grudados durante semanas no espelho, e danificados de outras maneiras. O som de nossas penas riscando o papel nos animava sobremaneira, tanto assim que por vezes era difícil, para mim, traçar uma distinção entre essa tarefa edificante e o ato em si de pagar a dívida. Consideradas como ações meritórias, as duas coisas pareciam mais ou menos iguais.

Depois de escrever alguma coisa, eu perguntava a Herbert com o ele estava se saindo. Na maioria das vezes Herbert estava coçando a cabeça melancolicamente ao ver as cifras que se acumulavam.

“Estão acumulando, Handel”, dizia Herbert; “palavra de honra que estão acumulando.”

“Seja firme, Herbert”, eu respondia, manejando minha caneta com muito afinco. “Encare a coisa de frente. Examine os seus problemas. Olhe para eles com firmeza que eles baixam os olhos.”

“É a minha intenção, Handel, só que eles me olham e quem baixa os olhos sou eu.”

Porém minha determinação surtira efeito, e Herbert retomava o trabalho. Depois de um tempo ele desistia outra vez, argumentando que lhe faltava a conta de Cobb, ou de Lobb, ou de Nobb, conforme o caso.

“Então, Herbert, faça uma estimativa, uma estimativa com números redondos, e anote o valor.”

“Mas com o você é cheio de recursos!”, replicava meu amigo, com admiração. “Realmente, você tem muito talento para os negócios.”

Eu também pensava que tinha. Nessas ocasiões, eu fortalecia em mim mesmo minha reputação de homem de negócios — ágil, decidido, enérgico, direto, sereno. Uma vez listadas todas as minhas responsabilidades, eu comparava cada uma delas com a respectiva conta e fazia uma marca a seu lado. O sentimento de autoaprovação que me proporcionava o gesto de assinalar cada item da lista era uma sensação realmente voluptuosa. Quando não restava mais algum, eu dobrava todas as minhas contas de modo uniforme, identificava cada uma delas

resum idam ente no verso e prendia-as todas num m aço sim étrico. Depois fazia o m esm o para Herbert (o qual observava, m odesto, que não tinha o m eu gênio para questões adm inistrativas), julgando ter esclarecido sua situação financeira para ele.

Minhas práticas de contabilidade possuíam outra característica positiva, que eu denom inava “deixar um a m argem ”. P or exem plo: digam os que as dívidas de Herbert totalizassem cento e sessenta e quatro libras, quatro xelins e dois pence. Eu dizia então: “Deixe um a m argem e anote duzentos”. Ou então se a m inha fosse quatro vezes m aior, eu deixava um a m argem , e anotava setecentos. A prática de deixar um a m argem m e parecia um a excelente ideia, m as hoj e, olhando para trás, sou levado a reconhecer que era um dispositivo um tanto dispendioso. P ois sem pre incorriam os em novas dívidas im ediatam ente, de m odo a alcançar a tal m argem , e às vezes, m ovidos pela sensação de liberdade e solvência, rapidam ente nos aproxim ávam os de um a nova m argem .

Entretanto, havia um a tranquilidade, um repouso, um a pausa virtuosa, após esses exam es de nossa situação, e consequentem ente eu ficava por algum tem po com um a excelente opinião a respeito de m im m esm o. Apaziguado por m eus esforços, por m eu m étodo e pelos elogios de Herbert, eu contem plava m eu m aço sim étrico e o dele lado a lado em m eio ao m aterial de papelaria e sentia-m e um a espécie de banco, e não um a pessoa física.

Nessas ocasiões solenes, fechávamos a porta da rua para que não fôssemos interrompidos. Eu estava num desses estados de serenidade um dia noite quando ouvimos um a carta sendo colocada na fenda da referida porta, e caindo no chão. “É para você, Handel”, disse Herbert, saindo e voltando com a carta na mão, “e espero que não seja nenhum problema.” Esse comentário era uma alusão ao pesado lacre preto e à borda negra do envelope.

A carta era assinada por Trabb & Cia., e ela dizia apenas que eu, estimado senhor, estava sendo notificado de que a sra. J. Gargery havia falecido na última segunda-feira, às dezoito horas e vinte minutos, e que minha presença era solicitada para o enterro na próxima segunda-feira, às quinze horas.

CAPÍTULO XXXIV

Era a primeira vez que uma sepultura se abria na estrada da minha vida, e o rombo que ela formou na superfície lisa era extraordinário. A imagem de minha irmã sentada em sua cadeira junto à lareira da cozinha me perseguia dia e noite. A possibilidade de que aquele lugar não fosse ocupado por ela era algo que minha mente parecia incapaz de compreender; e muito embora minha irmã quase nunca figurasse em meus pensamentos últimos, passei agora a ter a estranha impressão de que ela vinha em minha direção da rua, ou que estava prestes a bater à minha porta. Também nos meus aposentos, com os quais ela já jamais tivera qualquer associação, havia ao mesmo tempo o vazio da morte e a constante insinuação do som de sua voz ou de seu rosto ou de seu vulto, como se ela ainda estivesse viva e houvesse frequentado aquele lugar com regularidade.

Qualquer que fosse minha situação na vida, dificilmente eu poderia lembrar minha irmã com muita ternura. Mas creio que há um choque de arrependimento que pode existir sem haver muita ternura. Sob sua influência (e talvez para compensar a ausência de sentimentos mais ternos) fui tomado por uma violenta indignação voltada para o agressor que lhe causara tanto sofrimento; e parecia-me que, se houvesse provas

suficientes, para vingar-me e eu seria capaz de perseguir Orlick, ou quem quer que fosse, até as últimas consequências.

Depois de escrever para Joe, para lhe oferecer minhas condolências e garantir que eu estaria presente ao funeral, passei os dias que se seguiram no curioso estado mental que esbocei acima. Fui para minha cidadezinha de manhã bem cedo, e saltei em frente ao Javali Azul com bastante tempo para ir a pé até a ferraria.

Era verão outra vez, o tempo estava bom, e enquanto caminhava, o tempo em que eu era uma criaturinha indefesa, e minha irmã não me poupava, voltou-me à lembrança com muita nitidez. Porém voltou-me num tom mais suave, tanto assim que até mesmo o impacto do pau-de-cócega parecia atenuado. Pois agora, até o cheiro de feijão e o de trevo diziam a meu coração que algum dia seria bom para minha mãe e órfã que outros, ao caminhar no sol, também tivessem pensamentos suaves quando se lembrassem de mim.

Por fim vi a casa, e vi que Trabb & Cia. haviam realizado uma verdadeira

execução funerária nela.¹ Duas pessoas extraordinariamente ridículas, cada uma delas exibindo de modo ostensivo uma muleta envolta em bandagens pretas — com o se esse instrumento pudesse proporcionar conforto a alguém — estavam

posicionadas à porta da frente; um a delas, reconheci, era um postilhão que fora despedido do Javali Azul por ter jogado um jovem casal dentro de um buraco na manhã após a noite de núpcias, porque, por estar em briagado, conduziu um cavalo abraçando-lhe o pescoço com os dois braços. Todas as crianças da aldeia, e a maior parte das mulheres, estavam admirando esses guardiões de negro e as janelas fechadas da casa e da ferraria; e quando me aproximei, um dos dois guardiões (o postilhão) bateu à porta — dando a entender que, de tão exaurido de dor, eu não tinha forças suficientes para bater à porta.

Outro guardião de preto (um carpinteiro, que uma vez com era dois gansos inteiros para ganhar uma aposta) abriu a porta e me levou para a melhor sala. Ali, o sr. Trabb havia se sentado à melhor mesa, tendo-a alongado com todas as suas tábuas de extensão, e estava realizando uma espécie de bazar negro, com o auxílio de uma quantidade de alfinetes negros. No momento em que cheguei, ele havia terminado de envolver o chapéu de alguém em panos negros, com o que fosse um bebê africano; assim, estendeu a mão para que eu lhe desse o meu. Porém, sem compreender o sentido do gesto, e sentindo-me confuso naquela situação, tomei sua mão e apertei-a com todas as minhas ostras de profundo afeto.

Meu querido Joe, coitado, emaranhado numa pequena capa preta presa num grande laço debaixo do queixo, estava isolado das outras pessoas, na outra extremidade da sala; sem dúvida, fora

posto ali, na condição de pessoa central do velório, por Trabb. Quando me abaixei e lhe disse: “Meu caro Joe, com o estás?”, ele respondeu: “Pip, meu velho, tu conhecias ela no tempo que ela era uma bela de uma...”, segurou minha mão e nada mais disse.

Biddy, muito asseada e discreta com seu vestido preto, andava silenciosamente de um lado para outro, muito prestativa. Depois de falar com Biddy, julgando que não era hora de conversas, fui sentar-me ao lado de Joe, e comecei a pensar em que cômodo da casa o corpo — minha irmã — estaria. O ar da sala recendia a bolo, e resolvi procurar a mesa do lanche; só consegui enxergá-la depois que minha vista se acostumou com a escuridão, e então vi que sobre a mesa havia um bolo de frutas fatiado, e também laranjas cortadas em pedaços, e sanduíches, e biscoitos, e duas garrafas ornamentais que eu conhecia muito bem com o enfeite, mas que nunca vira serem usadas em toda a minha vida, uma com vinho do Porto e a outra com xerez. Diante da mesa, percebi a presença do servil Plumblehook envolto numa capa negra e metros e metros de fita de chapéu, ora devorando comida, ora fazendo gestos obsequiosos numa tentativa de atrair minha atenção. No momento em que logrou seu intento, aproximou-se de mim (com um bafejo de xerez e bolo) e disse, em voz baixa: “Posso, meu caro senhor?”, e fez o que queria fazer. Então vi o sr. e a sra. Hubble, a qual estava num digno paroxismo de mudez num canto. Estavam os dois preparando para “acom

panhar o féretro”, e estavam os todos sendo devidam ente em pacotados (por Trabb) em grupos ridículos.

“Quer dizer, P ip”, Joe cochichou para mim enquanto estavam os sendo “form ados”, no dizer do sr. Trabb, na sala de visitas, dois a dois — e a coisa parecia um a horrenda preparação para um a dança m acaba — “quer dizer, sabe, eu preferia bem m ais levar ela pra igrej a, com m ais três ou quatro gente am iga que viesse de vontade própia, m as diz que a vizinhança não ia achar direito, que era falta de respeito.”

“Lenços a postos, todo m undo!”, exclamou o sr. Trabb neste m om ento, com um a voz com pungida e eficiente. “Lenços a postos! Estam os prontos!”

Assim , todos nós levam os nossos lenços ao rosto, com o se estivéssem os com um sangram ento no nariz, e saím os da casa aos pares: eu e Joe, Bidy e P um blehook, o sr. e a sra. Hubble. Os restos m ortais da m inha pobre irm ã haviam sido carregados pela porta da cozinha, e com o a cerim ônia da funerária exigia que os seis hom ens carregando o caixão ficassem sufocados e cegos sob um horrível dossel de veludo preto com borda branca, a coisa toda m ais parecia um m onstro cego com doze pernas hum anas, arrastando-se confusam ente sob a liderança de dois am estradores — o postilhão e seu cam arada.

A vizinhança, porém, aprovou enfaticamente esse cerimonial, e fomos muito admirados enquanto percorremos a aldeia; os membros mais jovens e vigorosos da comitiva saíam correndo à nossa frente de vez em quando, pondo-se à nossa espera para nos interceptar em lugares estratégicos. Nessas ocasiões, os membros exuberantes entre eles gritavam, excitados, quando nos víamos emergir em alguma esquina: “Lá vêm eles!”, “Olha eles aí!”, e só faltava nos aplaudirem. No decorrer desse percurso, muito me incomodou o abjeto Poblehook, o qual, estando atrás de mim, ficou o tempo todo ajustando a fita do meu chapéu sacudida pelo vento e alisando meu manto. Meus pensamentos eram também desviados pelo orgulho excessivo do sr. e da sra. Hubble, os quais exibiam uma arrogância e uma vanglória extraordinárias por estarem participando de um cortejo tão distinto.

E agora a extensão do charco se apresentava a nossos olhos, com as velas dos navios no rio destacando-se ao longe; e entramos no campo-santo, até chegar às sepulturas de meus pais desconhecidos, Philip Pirrip, paroquiano, e também Georgiana, esposa do acima. E ali minha irmã foi enterrada silenciosamente enquanto as cotovias cantavam no alto do céu, e a brisa a recobria de belas sombras de nuvens e árvores.

A respeito do comitamento do undano Poblehook durante esses procedimentos, direi apenas que todo ele era

dirigido a minha pessoa; e que até mesmo quando foram lidas as nobres passagens que lembram à humanidade que

ela nada traz ao mundo e nada tira dele, e foge com o um a sombra e não permanece, eu o ouvi resmungar que havia exceções, no caso de um jovem cavalheiro que inesperadamente herdou uma extensa propriedade. Quando voltamos, ele teve a desfaçatez de me dizer que lamentava não ter minha irmã sabido que eu a honrara tanto, e deu a entender que ela julgaria que sua morte teria sido um preço razoável para conquistar tal honra. Depois disso, bebeu todo o resto do xerez, e o sr. Hubble bebeu o vinho do Porto, e os dois ficaram a conversar (coisa que já tive oportunidade de verificar ser costumeira em tais ocasiões) com o se não pertencessem à mesma espécie que a falecida, e fossem sabidamente imortais. Por fim, ele foi-se embora com o sr. e a sra. Hubble — para fazer uma noitada, sem dúvida, e contar a todos os fregueses da Barqueiros Alegres que fora ele o fundador da minha fortuna e meu primeiro benfeitor.

Depois que todos se foram, e que Trabb e seus homens — mas não seu criado: procurei por ele — haviam enfiado seus apetrechos em sacos e ido

embora também, a atmosfera da casa ficou mais agradável. Pouco depois, eu, Bidy e Joe jantamos os frios; mas comemos na melhor sala, e não na velha cozinha, e Joe foi tão cuidadoso ao manusear os talheres e o saleiro e tudo o mais que nos sentimos

muito constrangidos. Mas após o jantar, quando o convenci a pitar seu cachimbo, e fui com ele até a ferraria, e nos sentamos lado a lado na grande pedra que ficava do lado de fora, comecemos a nos entender melhor. Notei que depois do funeral Joe mudara de roupa, adotando uma indumentária intermediária entre o traje de domingo e a roupa de trabalho: e assim vestido meu querido amigo parecia mais natural, parecia o homem que de fato era.

Ele ficou muito satisfeito quando lhe perguntei se podia dormir no meu velho quartinho, e eu também fiquei, pois sentia que realizara um grande feito ao fazer esse pedido. Quando as sombras da noite começaram a descer, aproveitei a oportunidade para ir ao jardim com Bidy para conversar um pouco.

“Bidy”, eu disse, “acho que tu poderias me ter escrito contando essas coisas tristes.”

“É mesmo, senhor Pip?”, ela replicou. “Eu teria escrito se soubesse disso.” “Não pense que estou sendo cruel, Bidy, se eu disser que acho que devias

saber disso.”

“É mesmo, senhor Pip?”

Ela era tão discreta e tinha um jeito tão educado, bondoso e agradável que a ideia de fazê-la chorar outra vez não me animava. Depois de olhar um pouco para ela, caminhando ao meu lado de olhos baixados, resolvi não insistir mais naquele ponto.

“Acho que agora vai ser difícil para ti continuar aqui, não é, minha cara

Biddy?”

“Ah! Não posso ficar, senhor Phipps”, disse Biddy, num tom de lamentação, porém mesmo assim marcado por uma discreta convicção.

“Estive conversando com a senhora Hubble, e vou visitá-la amanhã. Espero que eu e ela, juntas, possam tomar conta do senhor Gargery, até ele tomar prumo.”

“Como é que vais viver, Biddy? Se precisares de dinheiro...”

“Como é que vou viver?”, ela repetiu, enfática, com um toque de vermelho no então no rosto. “Vou lhe dizer, senhor Phipps. Vou tentar conseguir a vaga de professora na nova escola que estão quase terminando de construir aqui. Todos os vizinhos vão me dar boas recomendações, e espero conseguir ser trabalhadeira e paciente, e ensinar a mim mesmo a do mesmo tempo que ensino aos outros. O senhor sabe”, prosseguiu Biddy, com um sorriso, levantando os olhos e olhando para mim, “as escolas novas não são como as antigas, mas de lá para cá aprendi muita coisa com o senhor, e tenho tido tempo depois disso para melhorar ainda mais.”

“Acho que tu haverias de melhorar, Biddy, em quaisquer circunstâncias.” “Ah! Menos o lado ruim da minha natureza”, murmurou ela.

Era menos uma queixa do que uma espécie de pensamento em voz alta irreprimível. Bem! Achei melhor não insistir naquele ponto também. Assim, caminhei mais um pouco com Bidy, olhando em silêncio para seus olhos voltados para baixo.

“Ainda não sei nada a respeito dos detalhes da morte de minha irmã, Bidy.”

“Há muito pouco a dizer, coitada. Ela andava numa de suas fases ruins — embora nos últimos tempos estivesse melhorando e não piorando — há quatro dias, quando melhorou à tarde, na hora do chá, e disse de maneira muito clara:

‘Joe’. Com o que ela não dizia uma palavra há muito tempo, saí correndo e fui chamar o senhor Gargery lá na ferraria. Ela fez sinal para mim que queria que ele se sentasse perto dela, e queria que eu pusesse os braços dela em torno do pescoço dele. Foi o que fiz, e ela pousou a cabeça no ombro dele e ficou muito contente. E assim, pouco depois voltou a dizer ‘Joe’, e uma vez ‘Perdão’, e uma vez ‘Pip’. E nunca mais levantou a cabeça, e uma hora depois nós a deitamos na cama, porque vimos que havia falecido.”

Bidy chorou; o jardim cada vez mais escuro, e a rua, e as estrelas que surgiam no céu, turvaram-se na minha vista.

“Nada foi descoberto, Bidy?” “Nada.”

“Sabes que fim levou Orlick?”

“A julgar pela cor das roupas dele, deve estar trabalhando na pedreira.” “Então tu o tens visto? Por que estás olhando para aquela árvore escura na rua?”

“Eu o vi ali, na noite em que ela morreu.” “E não foi a última vez, não, certo?”

“Não; eu o vi ali, enquanto estavam os caminhando aqui — não adianta”, disse Bidy, pondo a mão no meu braço, pois eu estava prestes a sair correndo, “eu não iria enganá-lo; ele ficou ali menos de um minuto, e já foi em bora.”

Fiquei extremamente indignado de saber que ela continuava sendo perseguida por aquele sujeito, e senti um ódio inveterado dele. Foi o que disse a Bidy, e disse também que seria capaz de gastar o dinheiro que fosse preciso e empenhar todos os esforços necessários para expulsá-lo da região. Pouco a pouco ela foi me fazendo falar de maneira mais equilibrada, e disse-me que Joe gostava muito de mim, que Joe jamais se queixava de nada — ela não disse: de mim, pois eu sabia o que ela queria dizer — porém cumprida as suas obrigações, com mão forte, boca calada e coração terno.

“Realmente, qualquer elogio que se faça a ele é pouco”, concordei; “e, Bidy, precisamos falar muito sobre essas coisas,

pois é claro que agora vou vir aqui sem pre. Não vou deixar o pobre Joe sozinho.”

Biddy não disse palavra. “Biddy , não estás m e ouvindo?” “Estou, senhor P ip.”

“E essa história de m e cham ar de senhor — isso m e parece de m au gosto, Biddy — o que queres dizer com isso?”

“O que eu quero dizer?”, indagou Biddy , tím ida.

“Biddy ”, insisti, num tom vigoroso e virtuoso, “peço que m e digas o que queres dizer com isso!”

“Com isso?”, repetiu Biddy .

“Ora, não fiques repetindo”, retorqui. “Tu não fazias isso, Biddy .”

“Não fazia isso!”, disse Biddy . “Ah, senhor P ip! Não fazia!”

Bem ! pensei. Tam bém não insistiria naquele ponto. Depois de m ais um a

volta silenciosa no j ardim , voltei à questão inicial.

“Biddy ”, disse eu, “com entei ainda há pouco que viria aqui sem pre, para ver o Joe, e tu recebeste m eu com entário com um silêncio pronunciado. Faze-m e o favor, Biddy , de m e dizer por quê.”

“Então é m esm o certo que o senhor virá vê-lo sem pre?”, perguntou Biddy, parando na estreita alam eda do j ardim e

olhando para mim à luz das estrelas com seus olhos limpidos e honestos.

“Ah, meu Deus!”, exclamei, com o se desistisse de Bidy em desespero. “Isso é mesmo o um lado muito mau da natureza humana! Não me diga mais nada, por favor, Bidy. Estou muito chocado.”

Por esse motivo razoável, mantive distância de Bidy durante a ceia, e quando subi para meu velho quartinho, despedi-me dela da maneira mais formal que me pareceu, no meu íntimo ressentido, com patível com a ida ao cemitério e o evento do dia. Durante toda a noite, sempre que me sentia inquieto, o que ocorria a cada quarto de hora, eu pensava na maldade, no insulto, na injustiça do que Bidy fizera comigo.

No dia seguinte, de manhã cedo, eu haveria de partir. E de manhã cedo, saí de casa, e fiquei olhando para dentro sem ser visto, por uma das janelas de madeira da ferraria. Assim me detive por alguns minutos, olhando para Joe, já imerso no trabalho, com um tal brilho de saúde e força no rosto que era como se o sol brilhante que a vida lhe reservava o estivesse iluminando.

“Adeus, querido Joe! Não — não limpe a mão, pelo amor de Deus, quero-a tal como está, enegrecida! Vou voltar em breve, e vou voltar sempre.”

“Venha logo, senhor”, disse Joe, “e venha sempre, Pip!”

Biddy estava esperando por mim à porta da cozinha, com um caneco de leite fresco e um pedaço de pão. “Biddy”, eu disse, quando lhe dei a mão na despedida, “não estou zangado, mas estou magoado.”

“Não, não fique magoado”, ela me plorou, patética; “eu é que devo ficar magoada, se tiver sido pouco generosa.”

Mais uma vez, a névoa começou a dissipar-se quando eu me afastava da casa. Se ela me revelasse, com o que imagino ter feito, que eu não voltaria, e que Biddy tinha toda a razão, tudo que posso dizer é que talvez a névoa tenha toda a razão.

CAPÍTULO XXXV

Herbert e eu íam os de m al a pior, aum entando nossas dívidas, exam inando nossa situação, deixando m argens e realizando transações exem plares da m esm a espécie; e o tem po passava, fosse com o fosse, com o sói acontecer; e tornei-m e m aior de idade — cum prindo a previsão de Herbert, segundo a qual eu atingia a m aioridade antes de m e dar conta do fato.

O próprio Herbert j á se havia tornado m aior de idade, oito m eses antes de m im . Com o no seu caso a m aioridade não im plicava o recebim ento de nenhum a herança, o acontecim ento não causou nenhum a sensação profunda no Barnard's Inn. P orém estávam os aguardando com m uitas especulações e previsões a chegada de m eus vinte e um anos, pois nós dois im aginávam os que m eu tutor certam ente não poderia deixar de fazer algum pronunciam ento definitivo em tal ocasião.

Eu fizera questão de deixar claro, em Little Britain, qual a data de m eu aniversário. Na véspera, recebi um com unicado oficial de Wem m ick, inform ando-m e que o sr. Jaggars gostaria que eu o visitasse às dezessete horas desse dia auspicioso. Isso nos convenceu de que algo de grandioso haveria de acontecer, e assim eu estava num a agitação incom um quando fui ao escritório de m eu tutor, um m odelo de pontualidade.

Na antessala, Wem m ick deu-m e parabéns, e por acaso esfregou no nariz um pedaço de papel dobrado cuja aparência m e agradou. Entretanto, ele nada disse a respeito do papel e com um gesto convidou-m e a entrar na sala de m eu tutor. Era novem bro, e o sr. Jagers estava em pé diante da lareira, as costas apoiadas no console, as m ãos em baixo das abas do paletó.

“Bem , P ip”, disse ele, “hoj e tenho de cham á-lo de senhor P ip. P arabéns, senhor P ip.”

Trocamos um aperto de m ão — os apertos de m ão do m eu tutor eram notavelm ente breves — e agradeci.

“Sente-se, senhor P ip”, disse m eu tutor.

Depois que m e sentei, tendo ele perm anecido em pé, a cabeça abaixada em direção às botas, senti-m e num a posição de desvantagem , lem brando-m e do dia em que fui colocado em cima de um a lápide. As duas m áscaras de gesso horrendas estavam num a prateleira perto dele, e a expressão naqueles rostos parecia indicar que eles estavam tentando, de m odo idiota e apoplético, acom panhar a conversa.

“Meu j ovem am igo”, com eçou m eu tutor com o se eu fosse um a testem unha

num j ulgam ento, “preciso lhe dizer algum as coisas.” “Sim , senhor.”

“Na sua avaliação”, disse o sr. Jaggars, curvando-se para a frente e mirando o chão, e depois jogando a cabeça para trás e contemplando o teto, “na sua avaliação, quanto totalizam suas despesas costumeiras?”

“Quanto totalizam?”

“Quanto”, repetiu o sr. Jaggars, ainda olhando para o teto, “totalizam — suas

— despesas?” Em seguida, correu os olhos por toda a sala e fez uma pausa com o lenço na mão, a meio caminho do nariz.

Eu havia examinado minha situação tantas vezes que já não tinha a menor ideia de qual ela era exatamente. Com relutância, confessei-me de todo incapaz de responder à pergunta. Minha resposta pareceu agradar ao sr. Jaggars, que retrucou: “Tal com o eu pensava!”, e assoou o nariz com um ar de satisfação.

“Bem, eu lhe fiz uma pergunta, mas eu também vou”, disse o sr. Jaggars.

“E você, tem alguma pergunta a me fazer?”

“É claro que para mim seria um alívio lhe fazer algumas perguntas, mas lembre-se que o senhor me fez uma proibição.”

“Faça uma pergunta”, insistiu o sr. Jaggars.

“Hoje vou ser informado da identidade de meu benfeitor?” “Não. Faça outra.”

“Essa revelação me será feita em breve?”

“Vam os adiar essa por um m om ento”, respondeu m eu tutor, “e faça outra.” Olhei à m inha volta, m as concluí que não havia com o evitar esta indagação:

“Eu... vou... receber algum a coisa, senhor?”. Ao ouvir isso, o sr. Jaggars exclam ou, triunfante: “Era o que eu pensava!”, e m andou Wem m ick trazer aquele papel. Wem m ick veio, entregou-o e saiu.

“Bem , P ip”, disse o sr. Jaggars, “por favor, preste atenção. Você tem vindo aqui realizar saques com frequência; seu nom e aparece m uitas vezes no livro de registro de Wem m ick; m as está endividado, não é m esm o?”

“Infelizm ente, tenho que responder na afirm ativa, senhor.”

“Você sabe que tem que responder na afirm ativa, não é?”, insistiu o sr. Jaggars.

“Sim , senhor.”

“Não vou lhe perguntar quanto você deve, porque você não sabe; e se soubesse, não m e diria; diria m enos. Sim , isso m esm o, m eu am igo”, exclam ou o sr. Jaggars, de dedo em riste para m e deter, quando fiz m enção de protestar. “É bem provável que você pense que não faria isso, m as faria, sim . Você há de m e desculpar, m as eu entendo m elhor dessas coisas. P ois bem , pegue esse pedaço de papel. Muito bem . Agora desdobre-o e diga-m e o que é.”

“É um cheque”, respondi, “no valor de quinhentas libras.”

“É um cheque”, repetiu o sr. Jaggars, “no valor de quinhentas libras. É um a quantia bem polpuda, a m eu ver. Você concorda?”

“E com o poderia não concordar?”

“Ah! Mas responda à pergunta”, insistiu o sr. Jaggars. “Sem dúvida.”

“P ara você, trata-se sem dúvida de um a quantia polpuda. P ois essa quantia

polpuda, P ip, é sua. É um presente de aniversário, por conta das suas esperanças. E esta é a quantia anual, e só esta, que você terá para gastar, até que o seu benfeitor se m anifeste. Ou sej a, doravante você vai cuidar de seu dinheiro pessoalm ente, e vai receber de Wem m ick cento e vinte cinco libras por trim estre, até que tenha contato direto com a fonte, e não apenas o agente. Com o j á lhe disse, sou apenas o agente. Cum pro m inhas ordens, e sou pago para fazê- lo. A m eu ver, essas ordens não são razoáveis, m as não estou sendo pago para dar m inha opinião a esse respeito.”

Com ecei a m anifestar m inha gratidão a m eu benfeitor, pela sua grande generosidade, quando o sr. Jaggars m e deteve. “Não estou sendo pago, P ip”, disse ele, frio, “para transm itir suas palavras a outrem ”; em seguida recolheu as abas do paletó, com o para encerrar o assunto, e ficou a encarar as botas de cenho franzido, com o se suspeitasse que elas estavam tram ando contra ele.

Após um a pausa, insisti:

“Ainda há pouco, senhor Jaggars, fiz um a pergunta que o senhor m e pediu que adiasse por um m om ento. Espero não estar fazendo nada de errado ao repeti-la.”

“Que pergunta?”

Eu deveria ter previsto que ele j am ais m e aj udaria, porém não esperava ter de form ular a pergunta outra vez, com o se fosse um a novidade. “É provável”, com ecei, após hesitar, “que m eu benfeitor, a fonte que o senhor m encionou ainda há pouco, em breve...”, e nesse ponto m e detive, por delicadeza.

“Em breve o quê?”, indagou o sr. Jaggars. “Isso não é um a pergunta, ainda.” “Em breve virá a Londres”, prossegui, após buscar um a form ulação exata,

“ou m e m andaré ir a algum lugar?”

“Vej a bem ”, respondeu o sr. Jaggars, fixando em m im pela prim eira vez seus olhos escuros e fundos, “voltem os àquela prim eira noite em que nos encontram os na sua aldeia. O que foi que eu lhe disse nessa ocasião, P ip?”

“O senhor m e disse que talvez essa pessoa só aparecesse depois de vários anos.”

“Exatam ente”, replicou o sr. Jaggars; “essa é a m inha resposta.”

Enquanto nos encarávamos frontalmente, senti que minha respiração estava ofegante, por efeito de minha forte vontade de arrancar alguma coisa dele. E, sentindo que estava ofegante, e sentindo que ele o estava percebendo, dei-me conta de que era menos provável do que nunca que eu conseguisse arrancar alguma coisa dele.

“O senhor acha que ainda vai levar alguns anos, senhor Jagger?”

O sr. Jagger fez que não com a cabeça — não respondendo à pergunta na negativa, e sim negando a própria possibilidade de que fosse meu dar uma resposta — e as duas horrendas carantonhas deformadas de gesso olharam para mim, quando meus olhos subiram até elas, tal com o se sua atenção suspensa tivesse chegado a um momento de crise, e elas estivessem prestes a espirrar.

“Ora!”, exclamou o sr. Jagger, aquecendo as coxas com as costas da mão, que estavam aquecidas, “vou ser direto com você, meu amigo Pip. Essa pergunta não deve ser feita. Você vai compreender melhor se eu lhe disser que ela pode ter o efeito de comprometer a minha situação. Ora! Vou um pouco mais

longe; vou me abrir um pouco mais com você.”

Abaixou-se tanto, para encarar as botas de cenho franzido, que durante essa pausa pôde coçar as panturrilhas.

“Quando essa pessoa se revelar”, disse o sr. Jaggars, em pertigando-se, “você e essa pessoa vão acertar suas contas. Quando essa pessoa se revelar, minha participação nesse caso vai encerrar-se. Quando essa pessoa se revelar, não precisarei saber nada a respeito de nada. É tudo que eu tenho a dizer.”

Entreolhamo-nos até que desviei a vista, e fiquei a olhar para o chão, pensativo. Com base nessa última fala, concluí que a sra. Havisham, por algum motivo ou sem motivo algum, não havia revelado a ele que me destinara a Estella; que esse fato o incomodava, e o tornava ciumento; ou então que ele realmente não aprovava tal plano, e fazia questão de não ter nenhum envolvimento com ele. Quando voltei a levantar a vista, verifiquei que esse tempo todo ele estivera a me dirigir seu olhar arguto, e que continuava a fazê-lo.

“Se isso é tudo que o senhor tem a dizer”, observei, “então a mim não resta mais nada a dizer.”

Ele concordou com um aceno, sacou do bolso aquele relógio que os ladrões tanto temiam e me perguntou onde eu ia jantar. Respondi que o faria nos meus próprios aposentos com Herbert. Senti-me obrigado a convidá-lo a nos honrar com sua presença, e ele de pronto aceitou o convite. Porém insistiu em caminhar comigo até minha morada, para que eu não fizesse nenhum preparativo especial para ele, só que antes tinha de escrever uma ou duas

cartas e (é claro) lavar as mãos. Assim, respondi que eu iria para a antessala, para conversar com Wemmick.

O fato é que, depois que pus no bolso as quinhentas libras, surgiu na minha cabeça uma ideia que já me ocorrera muitas vezes; e pensei que Wemmick seria a pessoa adequada a quem pedir um conselho a esse respeito.

Ele já havia trancado seu cofre e feito seus preparativos para ir embora. Havia se levantado de sua mesa, colocado seus dois castiçais sebosos ao lado das espevitadeiras numa prateleira junto à porta, prontos para serem apagadas as velas; havia abafado as brasas da lareira, deixado bem à mão o chapéu e o sobretudo, e estava a bater no próprio peito com a chave do cofre, à guisa de exercício atlético após o trabalho.

“Meu caro Wemmick”, disse eu, “quero pedir sua opinião. Eu gostaria muito de ajudá-lo a fazer um negócio.”

Wemmick estreitou sua caixa de correio e sacudiu a cabeça, como se fosse radicalmente contrário a qualquer fraqueza fatal dessa espécie.

“O negócio em questão”, prossegui, “está tentando se estabelecer no mundo dos negócios, porém não tem dinheiro, e está sendo difícil e desanimador para ele dar os primeiros passos. Pois bem, quero fazer alguma coisa no sentido de ajudá-lo a dar os primeiros passos.”

“Com dinheiro à vista?”, disse Wemmick, com uma voz mais seca do que serragem.

“Um pouco de dinheiro à vista”, respondi, pois uma imagem nada

tranquilizadora surgiu em minha mente daquela pilha simétrica de papéis na minha sala; “um pouco de dinheiro à vista, e talvez um adiantamento da renda

que vou herdar.”

“Senhor Pip”, disse Wemmick, “eu gostaria de contar nos dedos com o

senhor as diversas pontes¹ daqui até Chelsea Reach. Vejamos: a ponte London, uma; a Southwark, duas; Blackfriars, três; Waterloo, quatro; Westminster, cinco; Vauxhall, seis.” Ele assinalava cada ponte batendo com a chave do cofre na palma da mão. “Com o senhor vê, tem seis pontes pra escolher.”

“Não estou entendendo”, respondi.

“Escolha uma ponte, senhor Pip”, prosseguiu Wemmick, “e vá até ela, e jogue o seu dinheiro dentro do Tâmbisa do arco central, e o senhor sabe o que acontece com ele. Ajude seu amigo com esse dinheiro, e o senhor também sabe o que acontece com ele — só que é uma coisa menos agradável e menos lucrativa.”

Ele escancarou a boca de tal modo que daria para pôr no correio um jornal inteiro dentro dela.

“Você está me desanimando”, observei. “É minha intenção”, retrucou Wemmick.

“Quer dizer que, na sua opinião”, comecei a perguntar, com alguma indignação, “nunca se deve...”

“Investir valores portáteis num amigo?”, comecei a perguntar, com alguma indignação.

“De modo algum. A menos que se tenha a intenção de se livrar do amigo — nesse caso, a questão é saber quantos valores portáteis vale a pena gastar para se livrar do amigo.”

“Então é essa a sua opinião pensada, Wemmick?”

“É essa”, ele respondeu, “a minha opinião pensada neste escritório.”

“Ah!”, exclamei, pois imaginei ver ali uma possibilidade, e insisti: “Mas seria essa a sua opinião em Walworth?”

“Senhor Pip”, ele respondeu, muito sério, “Walworth é um lugar, e este escritório é outro. Do mesmo modo com o velho é uma pessoa e o senhor Jaggers é outra. Não se pode fazer confusão entre uma coisa e a outra. Os meus sentimentos em Walworth devem ser recebidos em Walworth; apenas os meus sentimentos oficiais devem ser recebidos neste escritório.”

“Muito bem”, disse eu, com grande alívio, “então vou procurá-lo em

Walworth, o senhor pode contar com isso.”

“Senhor Pip”, ele retrucou, “o senhor vai ser bem recebido lá, enquanto pessoa física.”

Esta conversa toda se deu em voz baixa, pois sabíamos os dois muito bem que os ouvidos de meu tutor eram extremamente aguçados. Neste momento ele apareceu à porta de sua sala, enxugando as mãos numa toalha, quando então Wemmick vestiu seu sobretudo e levantou-se para apagar as velas. Nós três saímos juntos, e chegando à porta da rua, Wemmick foi para um lado, enquanto eu e o sr. Jagger fomos para o outro.

Naquela noite, não pude conter o desejo, mais de uma vez, de que o sr. Jagger tivesse um idoso na Gerrard-street, ou um a Poderosa, ou alguém ou alguma coisa que o fizesse relaxar um pouco a testa franzida. Era um tanto incômodo pensar, no dia em que eu completava vinte e um anos de idade, que atingir a maioridade não parecia valer muito a pena num mundo tão cauteloso e

desconfiado, tal com o que ele me apresentava. Meu tutor era muitas vezes mais bem informado e mais inteligente do que Wemmick, e, no entanto, eu preferiria muitas vezes jantar com Wemmick. E o sr. Jagger não fez com que apenas eu ficasse profundamente

elancólico, pois, depois que ele se foi, Herbert, com os olhos fixos na lareira, observou que devia ter cometido um crime e de cujos detalhes se esquecera, para se sentir de tal modo abatido e culpado.

CAPÍTULO XXXVI

Julgando que domingo seria o melhor dia para conhecer os sentimentos walworthianos do sr. Wemnick, dediquei a tarde do domingo seguinte a uma peregrinação ao castelo. Ao chegar diante das ameias, encontrei a bandeira britânica desfraldada e a ponte levadiça levantada; porém, sem deixar que essa demonstração de desafio e resistência me desanimasse, toquei a campainha e fui recebido do modo mais pacífico pelo idoso.

“O meu filho”, disse o velho, após levantar a ponte levadiça, “imaginou que talvez o senhor aparecesse hoje, e me andou dizer que voltava logo da caminhada da tarde. Ele é muito sistemático quanto a essas caminhadas, o meu filho. É muito sistemático em tudo, o meu filho.”

Concordei com um aceno de cabeça, tal como o próprio Wemnick teria feito, entrei e sentei-me junto à lareira.

“O senhor conheceu o meu filho”, disse o velho, efusivo como sempre, enquanto aquecia as mãos no fogo, “no escritório dele, imagino?” Assenti com a cabeça. “Ah! me disseram que o meu filho é muito bom no que ele faz, não é?” Assenti com ênfase. “Sim; é o que me dizem. Ele trabalha com advocacia?” Assenti com ainda mais ênfase. “O que me admira”, disse o velho, “pois meu filho não foi criado pra ser advogado, e sim provador de vinho.”¹

Curioso para saber até onde o ancião estava informado a respeito da reputação do sr. Jaggars, gritei seu nome para ele. Sua resposta deixou-me completamente confuso; ele riu gostosamente e me disse, com muita animação: “Não, sem dúvida; o senhor tem razão”. E até hoje não tenho a menor ideia do que ele quis dizer, nem qual foi o gracejo que me atribuiu.

Como eu não podia ficar eternamente sentado naquela poltrona balançando a cabeça para ele, sem fazer nenhuma outra tentativa de interessá-lo, perguntei-lhe aos gritos se ele também havia trabalhado com o “provador de vinho”. Após berrar a expressão mais vezes e dar tapinhas no peito do velho para associar o sentido dela à pessoa dele, por fim consegui fazê-lo me entender.

“Não”, respondeu ele; “nos armazéns, nos armazéns. Primeiro, lá pra aqueles lados”, com um gesto que parecia indicar a chaminé, mas que entendi com o um a referência a Liverpool; “e depois aqui em Londres. Porém, por ter uma deficiência — pois sou um tanto louco, meu senhor...”

Em silêncio, manifestei grande espanto.

“Sim, um tanto louco; e por conta dessa deficiência, meu filho meteu-se na advocacia e encarregou-se de mim, e pouco a pouco conseguiu essa propriedade

tão bonita. Mas, pra voltar ao que o senhor disse”, insistiu o velho, mais uma vez rindo gostosamente, “digo e repito: não, sem dúvida; o senhor tem razão.”

Eu estava a me perguntar, modesto, se, recorrendo a toda a minha argúcia, teria conseguido fazer um comentário que o faria rir a mesma idade do que ele rira daquele gracejo imaginário, quando levei um susto ao ouvir um estalido súbito vindo da chaminé, e fantasmagoricamente abriu-se uma portinhola de madeira com o nome “John” escrito nela. O velho, seguindo a direção de meu olhar, exclamou triunfante: “Meu filho chegou!”, e fomos os dois até a ponte levadiça.

A cena era impagável: Wemmick me saudando com um aceno do outro lado da vala quando poderia com a maior facilidade ter trocado um aperto de mãos comigo. O idoso menejava a ponte levadiça com tanto prazer que não me ofereci para ajudá-lo, porém permaneci em silêncio até que Wemmick atravessou a ponte e me apresentou à sra. Skiffins, que o acompanhava.

A sra. Skiffins tinha uma aparência rígida, e, tal com o cavalheiro que a acompanhava, uma caixa de correio no lugar da boca. Teria talvez dois ou três anos menos que Wemmick, e deu-me a impressão de que possuía alguns valores portáteis. O corte de seu vestido da cintura para cima, tanto à frente quanto atrás, fazia com que sua silhueta lembrasse um papagaio de papel; e eu diria talvez que o vestido era um pouco laranja demais, e as luvas um

pouco verdes dem ais. Porém parecia uma pessoa simpática e demonstrou muita consideração pelo idoso. Não demorou para que eu percebesse que ela visitava o castelo com frequência; pois, assim que entramos, e elogiei o método engenhoso através do qual Wemmick anunciava sua chegada, ele pediu-me que fixasse minha atenção por um momento no outro lado da chaminé, e desapareceu. Em seguida ouviu-se outro estalido, e outra portinhola se abriu, com o nome “Sra. Skiffins”; depois a sra. Skiffins se fechou e John se abriu; em seguida a sra. Skiffins e John se abriram juntos, e por fim fecharam-se juntos. Quando Wemmick reapareceu, após demonstrar suas invenções mecânicas, manifestei grande admiração por elas, e ele comentou: “Ora, essas coisas são agradáveis e úteis pro idoso. E vale a pena dizer, meu caro, que, de todas as pessoas que chegam a esse portão, o segredo dessas portinholas só é do conhecimento do idoso, da senhora Skiffins e de mim!”.

“E o senhor Wemmick as fez”, acrescentou a sra. Skiffins, “com suas próprias mãos, e foi tudo tirado de sua própria cabeça.”

Enquanto a sra. Skiffins retirava a touca (as luvas verdes ela manteve nas mãos durante toda a noite, com o sinal externo e visível de que havia uma visita presente), Wemmick convidou-me para dar uma volta na propriedade com ele, para que eu visse como ficava a ilha no inverno. Pensando que isso me daria uma

oportunidade de conhecer os seus sentimentos walworthianos, toquei no assunto assim que saíam os do castelo.

Tendo pensado na questão com cuidado, introduzi o tema com o seu pai o tivesse mencionado antes. Disse a Wemmick que a situação de Herbert Pocket me preocupava, e contei-lhe como nós havíamos conhecido, narrando nossa luta. Falei rapidamente sobre a família de Herbert, seu caráter e sua dependência financeira em relação ao pai, cujo auxílio era incerto e nada pontual. Mencionei o quanto me fora vantajoso, quando eu ainda era muito cru e ignorante, o contato

com ele, e confessei talvez não haver retribuído de modo suficiente, e que talvez ele tivesse saído melhor se não fossem eu e minhas esperanças. Sem fazer qualquer alusão à sra. Havisham, ainda assim dei a entender que nós dois talvez tivéssemos disputado o mesmo patrocínio, e afirmei ter certeza de que ele possuía uma alma generosa e que estava muito acima de quaisquer desconfianças, retaliações ou tramais mesquinhas. Por todos esses motivos (disse eu a Wemmick), e porque ele era meu jovem com panheiro e amigo, e eu tinha muito afeto por ele, era minha intenção fazer com que minha boa sorte tivesse algum impacto sobre ele, e assim sendo recorria aos conselhos de Wemmick, pessoa experiente, que conhecia os homens e os negócios, para saber qual seria a melhor maneira de tentar, com base em meus recursos, ajudar Herbert a obter algum

a renda imediata — coisa de cem libras por ano, para me antê-lo esperançoso e animado — e pouco a pouco lhe dar uma participação em alguma pequena sociedade. Em conclusão, insisti para que Wemmick compreendesse que minha ajuda deveria ser dada a Herbert sem que ele soubesse ou sequer desconfiasse, e que não havia outra pessoa no mundo com quem eu poderia me aconselhar. Terminei pondo a mão em seu ombro e dizendo: “Sou obrigado a me abrir com você, em bora saiba que deste modo estou a incomodá-lo; mas a culpa é sua, por ter me trazido aqui pela primeira vez”.

Wemmick permaneceu calado por algum tempo, e em seguida disse, com certo sobressalto: “Olhe, senhor Pip, uma coisa eu tenho de lhe dizer. O senhor é generoso com o diabo”.

“Então me ajude a ser generoso”, retruquei.

“Ah”, disse Wemmick, sacudindo a cabeça, “não é esse o meu trabalho.” “E aqui não é seu lugar de trabalho”, devolvi.

“O senhor tem razão”, ele concordou. “Acertou na mosca. Senhor Pip, vou pôr a cachola pra funcionar, e acho que o que o senhor quer fazer pode ser feito aos poucos. O Skiffins (o irmão dela) é contador e agente. Vou falar com ele e comêçar a trabalhar pro senhor.”

“Agradeço muitíssimo.”

“Pelo contrário”, disse ele, “eu é que agradeço, pois se bem que estão os atuando estritamente com as pessoas físicas, não há com o não ver que tem um as teias de aranha de Newgate por aqui, e desse modo a gente acaba com elas.”

Depois de conversar mais um pouco sobre o assunto, voltam ao castelo, onde encontram os a sra. Skiffins preparando o chá. A responsabilidade pelas torradas foi delegada ao idoso, e esse excelente cavalheiro estava de tal modo absorto na tarefa que parecia correr o risco de derreter seus próprios olhos. A refeição que iam os fazer não era apenas uma formalidade, e sim uma realidade vigorosa. O idoso preparou tamanha pilha de torradas amantoadas que mal dava para vê-lo por trás delas, colocadas sobre um suporte de ferro preso na barra superior da lareira; e a sra. Skiffins fez uma tal quantidade de chá que o porco no quintal ficou muito alvoroçado, e repetidamente manifestou seu desejo de participar da festa.

A bandeira foi içada, o canhão foi disparado, na hora apropriada, e senti-me confortavelmente isolado do resto de Walworth, com o se a vala tivesse dez metros de largura e outros tantos de profundidade. Nada perturbava a paz do

castelo, senão o ruído das portinholas de John e da sra. Skiffins a abrir-se de vez em quando, pois o mecanismo era sujeito a uma enfermidade espasmódica que me proporcionava um incômodo reativo, até que me acostumei. Concluí, com base na natureza m

etódica dos gestos da sra. Skiffins, que ela preparava chá ali todas as noites de domingo; e desconfiei que o broche clássico que ela usava, representando o perfil de uma mulher indesejável com um nariz muito reto e uma lua muito nova, era um valor portátil que lhe fora dado por Wem ick.

Com em os todas as torradas e bebem os chá na mesma proporção, e foi delicioso perceber o quanto todos nós ficamos aquecidos e lambezados depois. O idoso, em particular, poderia muito bem passar pelo velho chefe de uma tribo selvagem, limpo e recém-ungido. Depois de uma breve pausa para descanso, a sra. Skiffins — na ausência da criadinha, a qual, ao que parecia, recolhia-se ao seio da família nas tardes de domingo — lavou a louça, com ares de dama que se entrega a uma atividade na qualidade de amadora, de modo a não cometer nenhum de nós. Em seguida voltou a calçar as luvas, reunimo-nos em torno da lareira e Wem ick disse: “Agora, pai idoso, leia o jornal pra nós”.

Wem ick explicou-me, enquanto o idoso punha os óculos, que isso era uma tradição, e que o ancião ficava satisfeítissimo quando lia as notícias em voz alta. “Não lhe peço desculpas”, prosseguiu Wem ick, “porque a ele já não restam muitos prazeres — não é, pai idoso?”

“Está bem, John, está bem”, respondeu o velho, vendo que lhe dirigiam a palavra.

“Basta acenar com a cabeça pra ele de vez em quando, sem pre que ele levantar a vista do jornal”, disse Wemmick, “que ele vai ficar feliz com o um rei. Estam os todos prestando atenção, idoso.”

“Está bem, John, está bem!”, respondeu o velho, tão ocupado e tão alegre que a cena era realmente encantadora.

A leitura do idoso me fez lembrar as aulas na casa da tia-avó do sr. Wopsle, com a peculiaridade ainda mais agradável de que ela parecia vir de um buraco de fechadura. Com o idoso queria que as velas ficassem perto dele, e com o estava sem pre correndo o risco de enfiar a cabeça ou o jornal nas chamas, ele exigia tanta atenção cuidadosa quanto uma fábrica de pólvora. Porém Wemmick era tão incansável quanto delicado em sua vigilância, e o idoso não interrompeu sua leitura, não se dando conta dos constantes atos de resgate. Sem pre que olhava para nós, todos manifestavam o mesmo interesse e espanto, e balançavam os a cabeça até que ele retomasse a leitura.

Com o Wemmick e a sra. Skiffins estavam sentados lado a lado, e eu me colocara num canto mais escuro, observei um lento e gradual alongamento da boca do sr. Wemmick, que indicava claramente estar ele lenta e gradualmente colocando o braço na cintura da sra. Skiffins. Depois de algum tempo, vi sua mão surgir do outro lado daquela senhora; mas nesse momento a sra. Skiffins o deteve à perfeição com a luva verde, livrou-se do braço dele com o quem se despediu de uma peça de vestuário e colocou-o na mesa

à sua frente. A tranquilidade da sra. Skiffins enquanto realizava esse gesto foi uma das coisas mais notáveis que eu já avisei, e se me fosse possível conceber que aquele ato prescindia da volição, eu teria concluído que ela agira de modo mecânico.

Algum tempo depois, percebi que o braço do sr. Wemmick começava a desaparecer outra vez, gradualmente, até sumir de todo. Logo em seguida, sua boca voltou a alargar-se. Após um intervalo de suspense para mim, fascinante e quase doloroso, vi sua mão aparecer do outro lado da sra. Skiffins. No mesmo instante ela a deteve com a precisão de um boxeador plácido, retirou aquela espécie de cinta tal como antes e colocou-a na mesa. Tomando a mesa com o representante do caminho da virtude, posso afirmar que, durante todo o tempo da leitura do idoso, o braço de Wemmick ficou o tempo todo a desviar-se do caminho da virtude, sendo nela repostado pela sra. Skiffins. Por fim, de tanto ler o idoso acabou cochilando. Foi nesse momento que Wemmick pegou uma pequena chaleira, uma bandeja com taças e uma garrafa negra com uma rolha afixada a uma peça de porcelana, representando um dignitário clerical de aspecto rubicundo e sociável. Com a ajuda desses elementos, todos nós voltamos a beber algo de quente, inclusive o idoso, que logo acordou. A sra. Skiffins preparou as bebidas, e observei que ela e Wemmick usavam a mesma taça. Naturalmente, não me ofereci para levar a sra. Skiffins em casa, e dadas as circunstâncias julguei melhor ser o primeiro a partir:

o que fiz, despedindo-me e cordialmente do idoso, tendo passado uma noite agradável.

Antes que se passasse uma semana, recebi um bilhete de Wemmick, enviado de Walworth, dizendo que esperava ter avançado um pouco em relação àquela questão que nos dizia respeito com as pessoas físicas, e que gostaria que eu voltasse a visitá-lo para discutir o assunto. Assim, lá fui eu de novo a Walworth, e outra vez, e mais outra, e mais arqueei encontros com ele no centro de Londres diversas vezes, porém jamais comentei o assunto com ele em Little Britain, nem em seus arredores. Com o resultado, encontramos um jovem comerciante ou agente de embarque, honesto e ainda se iniciando no mundo dos negócios, que precisava de um auxiliar inteligente e precisava de capital, e que, no decorrer do tempo, haveria de precisar de um sócio. Eu e ele assinamos as cláusulas secretas referentes a Herbert, e paguei-lhe metade das quinhentas libras que havia recebido, e com prometi-me a fazer uma série de outros pagamentos: alguns deles venceriam em certas datas com base em minha renda; outros, apenas quando eu recebesse toda a herança. O irmão da sra. Skiffins encarregou-se das negociações. Wemmick esteve o tempo todo atuando nos bastidores, mas seu nome jamais apareceu em nenhum papel.

Toda a transação foi realizada de maneira tão engenhosa que Herbert jamais suspeitou que eu estivesse envolvido. Nunca me

esquecerei do sorriso radiante com que ele chegou em casa num a tarde e me disse, com o se fosse um a grande notícia, que se havia envolvido com um tal de Clarriker (o jovem comerciante), e que Clarriker havia manifestado um interesse extraordinário por ele, e que finalmente parecia ter surgido sua oportunidade. A cada dia, à medida que suas esperanças se tornavam mais sólidas e seu sorriso mais radiante, ele deve ter-me julgado um amigo cada vez mais afetuoso, pois era com muita dificuldade que eu continha minhas lágrimas de triunfo ao vê-lo tão feliz. Por fim, fechado o negócio, tendo ele se tornado sócio de Clarriker, e tendo conversado comigo a noite inteira, animado pelo prazer e pelo sucesso, cheguei mesmo a chorar quando me recolhi, de pensar que minhas esperanças haviam trazido algo de bom para alguém.

Um grande acontecimento da minha vida, um momento decisivo de minha vida, agora se descortina. Porém, antes que eu possa relatá-lo, preciso dedicar um capítulo a Estella. Não é muita coisa, considerando-se que o tempo ocupou por tanto tempo meu coração.

CAPÍTULO XXXVII

Se aquela casa velha e grave perto do rossio de Richm ond vier a ser assom brada depois que eu m orrer, certam ente será pelo m eu fantasm a. Ah, as m uitas e m uitas noites e dias em que o espírito intranquilo dentro de m im assom brou aquela casa no tem po em que Estella nela m orava! Estivesse onde estivesse m eu corpo, m eu espírito estava sem pre vagando, vagando, vagando em torno daquela casa.

A pessoa com quem Estella estava m orando, um a certa sra. Brandley, era um a viúva que tinha um a filha alguns anos m ais velha do que Estella. A m ãe parecia j ovem , e a filha, velha; a tez da m ãe era rosada, e a da filha, am arelada; a m ãe representava a frivolidade, e a filha, a teologia. As duas tinham o que é considerado um a boa posição, e visitavam e eram visitadas por m uita gente. Havia pouca ou nenhum a com unhão de sentim entos entre elas duas e Estella, m as havia um entendim ento de que Estella precisava delas e elas precisavam de Estella. A sra. Brandley fora am iga da sra. Havisham no tem po em que esta ainda não se havia isolado do m undo.

Dentro ou fora da casa da sra. Brandley , eu sofria todas as form as e graus de tortura que Estella era capaz de m e infligir. A natureza das m inhas relações com ela, que m e concedia fam iliaridade sem

me e garantir sua preferência, levava-me à loucura. Ela usava-me para provocar os outros admiradores, e lançava mão da familiaridade que havia entre nós para me enosprezar constantemente minha dedicação a ela. Se eu fosse seu secretário, meu irmão, meu pai-pobre — nem mesmo se fosse um irmão mais velho de seu noivo — eu não teria sentido mais distante de minhas esperanças quanto mais próximo estivesse dela. O privilégio de chamá-la pelo nome e ouvi-la chamar-me pelo meu tornou-se, naquelas circunstâncias, um fator agravante de meu sofrimento; e se isso provavelmente quase enlouquecia seus outros pretendentes, não tenho dúvida de que quase enlouqueceu a mim.

Estella tinha uma infinidade de admiradores. Certamente meus ciúmes transformavam em admiradores todos os que dela se aproximavam, mas mesmo sem mim eles seriam numerosos.

Eu a via com frequência em Richmond, dela ouvia falar com frequência na cidade, e com frequência a levava a passear de barco juntamente com as Brandley; eram piqueniques, festas ao ar livre, idas ao teatro, à ópera, às salas de concerto, bailes, todos os tipos de prazeres, em meu pai aos quais eu a perseguia — e todos eram para mim verdadeiras torturas. Jamais gozei de uma única hora de

felicidade em sua presença, e, no entanto, minha consciência passava as vinte e quatro horas do dia sonhando com a felicidade de tê-la ao meu lado até a morte.

Durante essa fase de nosso relacionamento — a qual durou, com o tempo se verá, um período que na época me pareceu bem longo — ela habitualmente adotava aquele tom que dava a entender que nossa ligação nos fora imposta à força. Havia outras ocasiões em que esse tom e todos os outros inúmeros tons que ela adotava eram interrompidos de súbito, e Estella parecia apiedar-se de mim.

“Pip, Pip”, disse-me ela certa vez, numa dessas interrupções, quando estavam os sentados afastados um do outro sob uma janela, ao anoitecer, na casa de Richmond, “será que nunca vais te acautelar?”

“Quanto a quê?” “Quanto a mim.”

“Não devo-me sentir atraído por ti, é isso que queres dizer, Estella?”

“Se é isso que quero dizer! Se não sabes o que quero dizer, estás cego.”

Eu deveria ter respondido que o Amor costumava ser representado com o um cego, não estivesse eu constantemente constrangido — e não era este o maior dos meus sofrimentos — pelo sentimento de que seria falta de generosidade da minha parte em por-me a ela, quando ela sabia que era obrigada a obedecer à sra. Havisham

. Eu sempre temia que essa consciência da parte de Estella me colocasse numa situação muito desvantajosa em relação ao meu orgulho, e me tornasse causador de sentimentos de rebeldia em meu coração.

“Seja com o for”, respondi, “não há como eu me acautelar desta vez, pois tu me escreveste pedindo-me que viesse te ver.”

“É verdade”, disse Estella, com um sorriso frio e indiferente que sempre me gelava a alma.

Depois de contemplar o crepúsculo por algum tempo, ela prosseguiu: “Chegou o momento em que a senhora Havisham quer que eu passe um dia

com ela na Casa Satis. Ela pede que tu me leves lá e me tragas de volta, se quiseres. Ela não gosta que eu viaje sozinha, e não quer receber minha criada, pois sua sensibilidade a faz horrorizar-se só de pensar que uma pessoa desse tipo vai depois falar dela. Podes me levar?”

“Se eu posso levar-te, Estella!”

“Então podes? Depois de amanhã, por favor. Todas as despesas serão pagas com o dinheiro da minha bolsa. Estás ciente das condições de tua ida?”

“E tenho que obedecer”, respondi.

Foi essa toda a preparação que recebi para essa visita, com o sempre ocorria em casos assim : a sra. Havisham já me escrevia; aliás, eu já virava a letra dela. Fomos os dois dias depois, e a encontramos no quarto em que eu a vi pela primeira vez, e é desnecessário dizer que nada havia mudado na Casa Satis.

A sra. Havisham estava ainda mais terrivelmente apaixonada por Estella do que da última vez em que eu as vi juntas; repito a palavra em plena consciência, pois havia mesmo algo de terrível no modo enérgico com o qual ela a olhava e abraçava. Ela entregava-se à beleza de Estella, a suas palavras, a seus gestos, e ficava a mover seus próprios dedos trêmulos enquanto a contemplava, como se estivesse devorando o belo ser que havia criado.

Voltava a vista de Estella para mim, com um olhar penetrante que parecia

chegar ao coração e perscrutar suas feridas. “Como te trata ela, Pip, como te trata ela?”, perguntava-me, com sua avidez de bruxa, mesmo quando Estella estava presente. Porém, era quando ficávamos sentados ao lado dela junto à lareira, à noite, que a sra. Havisham agia de modo mais insólito; pois, me antendo a mão de Estella presa em seu braço e agarrando-a com a sua, arrancava da jovem, valendo-se do que ela lhe havia contado nas cartas que lhe enviava com regularidade, o nome e a condição social de cada um dos homens que ela fascinara; e a sra. Havisham, detendo-se nesse inventário com a intensidade de um amante tom

ada por um ferimento e uma doença mortais, conservava a outra mão apoiada na bengala, e o queixo apoiado na mão, e os olhos mórbitos e luzidios fixos em mim, um verdadeiro espectro.

Nesses momentos eu percebia, por mais que isso me tornasse infeliz, e despertasse em mim a consciência amarga da situação de dependência, de degradação, mesmo, em que me encontrava — eu percebia que Estella estava sendo usada pela sra. Havisham para se vingar dos homens, e que ela não me seria concedida enquanto a velha não gozasse essa vingança por um bom tempo. Eu percebia a razão pela qual Estella me fora atribuída. Ao enviá-la ao mundo para atrair, atormentar e torturar, a sra. Havisham fazia-o com a certeza maligna de que ela estaria fora do alcance de todos os admiradores, e de que todos que apostassem nela estavam fadados a ser derrotados. Eu percebia que também era atormentado pelo que havia de perverso naquele engenho, muito embora o prêmio estivesse reservado a mim. Percebia por que motivo eu era alvo de uma proteção tão demorada, e por que motivo meu antigo tutor se recusava a admitir que tinha conhecimento formal de tal plano. Em suma, eu percebia como era a sra. Havisham, tal como a tinha diante de meus olhos, e sempre a tivera diante de meus olhos; e percebia com clareza o que havia de sombrio e malsão na casa em que ela vivia sua vida escondida do sol.

As velas que iluminavam aquele quarto ficavam em castiçais na parede. Elas situavam-se a uma altura considerável do chão e ardiam com aquele brilho constante e sem vida de uma luz artificial num ar raramente renovado. Enquanto eu olhava para elas, e para a penumbra fraca que elas geravam, e para o relógio parado, e para as peças fenecidas do traje de noiva que ficavam espalhadas sobre a mesa e pelo chão, e para a figura terrível daquela mulher, com seu reflexo espectral lançado pelo fogo, em tamanho ampliado, no teto e na parede, percebia em tudo aquilo a estrutura que minha mente havia construído, repetida e jogada de volta para mim. Meus pensamentos penetraram no salão do outro lado do patamar da escada, onde a mesa estava posta, e eu a via como se estivesse escrita nas teias de aranha que desciam do centro da mesa, no rastejar das aranhas sobre a toalha, nas trajetórias dos camundongos que corriam atrás dos lambris com seus coraçõezinhos acelerados, e nos movimentos espasmódicos das baratas no soalho.

Nesta visita, aconteceu de Estella e a sra. Havisham trocarem algumas palavras ásperas. Era a primeira vez que eu as via discutir.

Estavam os sentados junto à lareira, tal como relatei ainda há pouco, e a sra. Havisham ainda mantinha o braço de Estella preso no seu, e ainda agarrava a mão de Estella, quando a moça pouco a pouco começou a desprender-se dela. Já

m anifestara sua impaciência orgulhosa mais de uma vez, e sua atitude em relação àquele afeto feroz era mais tolerância do que aceitação ou retribuição.

“O quê!”, exclamou a sra. Havisham, voltando o olhar faiscante para ela. “Estás cansada de mim?”

“Só um pouco cansada de mim mesma”, respondeu Estella, soltando o braço e caminhando até o enorme console, onde ficou a contemplar o fogo.

“Diz a verdade, sua ingrata!”, gritou a sra. Havisham, batendo com a bengala no chão com toda a força. “Estás cansada de mim.”

Estella olhou-a com absoluta tranquilidade e voltou a olhar para o fogo. Seu vulto gracioso e seu belo rosto manifestavam uma calma indiferença à fúria da outra que chegava a ser cruel.

“És pau, és pedra!”,¹ exclamou a sra. Havisham. “Teu coração é de gelo, gelo!”

“O quê?”, retrucou Estella, mantendo a atitude indiferente enquanto se encostava no console, movendo apenas os olhos. “A senhora me acusa de ser fria? A senhora?”

“E não és?”, foi a resposta feroz.

“A senhora há de saber”, disse Estella, “pois sou o que a senhora fez de mim. Todo o mérito é seu, e toda a culpa também; todo o sucesso é seu, e todo o fracasso; em suma, sou sua.”

“Vejam só, vejam só!”, exclamou a sra. Havisham, com amargura. “Vejam só, tão dura e ingrata, diante da lareira onde ela foi criada! Onde eu a apertei contra esse meu peito infeliz, ainda sangrando das punhaladas recebidas, e onde por tantos anos eu derramei carinhos sobre ela!”

“Porque eu não assenti ao que foi combinado”, replicou Estella, “pois se eu soubesse andar e falar, quando tudo foi combinado, era tudo que eu poderia ter feito. Mas o que a senhora quer de mim? A senhora tem sido muito boa para mim, e eu lhe devo tudo que tenho e sou. O que a senhora quer?”

“Amor”, respondeu a outra. “Porque a senhora o tem.”

“Não tenho”, disse a sra. Havisham.

“Mãe adotiva”, prosseguiu Estella, sem jamais abrir mão de sua atitude serena e graciosa, sem jamais levantar a voz com o fazia sua interlocutora, “mãe adotiva, eu já disse que lhe devo tudo. Tudo que possuo é seu. Tudo que a senhora me deu, pode voltar a ser seu se a senhora assim desejar. Fora isso, nada mais tenho. E se a senhora me pede que eu lhe dê o que jamais me foi dado, minha gratidão e meu dever não podem fazer o que é impossível.”

“Então eu nunca lhe dei amor!”, exclamou a sra. Havisham, virando-se enfurecida para mim. “Então eu nunca lhe dei um amor candente, inseparável do ciúme e às vezes, e da dor mais intensa, enquanto ela me fala desse jeito! Ela que me chama de louca, que me chama de louca!”

“Por que eu haveria de chamá-la de louca”, retrucou Estella, “logo eu? Haverá alguém vivo que conheça melhor do que eu os seus objetivos na vida? Haverá alguém vivo que conheça melhor do que eu a sua memória implacável? Eu, que me sentei diante dessa lareira naquele banquinho que está agora mesmo ao seu lado, aprendendo as suas lições e olhando para o seu rosto, quando o seu

rosto era desconhecido e me assustava!”

“Tempos logo esquecidos!”, gemeu a sra. Havisham. “Logo esquecidos!” “Não, não foram esquecidos”, retorquiu Estella. “Não foram esquecidos,

porém guardados com carinho na minha memória. Quando foi que traí seus ensinamentos? Quando foi que demonstrei esquecer as suas lições? Quando foi que a senhora me viu admitir aqui”, e levou a mão ao peito, “alguma coisa que a senhora proibisse? Não seja injusta comigo.”

“Tão orgulhosa, tão orgulhosa!”, gemeu a sra. Havisham, jogando para trás com as duas mãos o cabelo grisalho.

“Quem me ensinou a ser orgulhosa?”, devolveu Estella. “Quem me elogiou quando aprendi minha lição?”

“Tão dura, tão dura!”, gemeu a sra. Havisham, repetindo o gesto anterior. “Quem me ensinou a ser dura?”, replicou Estella. “Quem me elogiou quando

aprendi minha lição?”

“Mas ser orgulhosa e dura comigo!”, a sra. Havisham praticamente gritou,

enquanto estendia os braços. “Estella, Estella, Estella, orgulhosa e dura comigo!” Estella olhou-a por um momento com uma espécie de perplexidade

tranquila, mas fora isso não parecia perturbada; passado o momento, voltou a

olhar para o fogo.

“Não consigo entender”, disse ela, levantando a vista após alguns momentos de silêncio, “por que a senhora age de modo tão pouco razoável quando venho visitá-la depois de estarmos há algum tempo separadas. Nunca me esqueci do seu ressentimento, e do que o causou. Nunca fui infiel à senhora nem aos seus ensinamentos. Nunca demonstrei nenhuma fraqueza de que eu possa me confessar culpada.”

“Seria uma fraqueza corresponder a meu amor?”, exclamou a sra. Havisham. “Mas é claro que sim, ela diria que sim!”

“Com efeito a achar”, disse Estella, pensativa, depois de mais um momento de perplexidade tranquila, “que estou quase entendendo o que está acontecendo. Se a senhora tivesse criado sua filha adotiva sempre nessas condições escuras e fechadas, e se jamais tivesse dito a ela que existia a luz do dia, à qual ela jamais viu o seu rosto — se a senhora tivesse feito tal coisa, e então, por algum motivo, quisesse que ela entendesse o que era a luz do dia e soubesse tudo a seu respeito, a senhora ficaria decepcionada e zangada?”

A sra. Havisham, com a cabeça nas mãos, gemia baixinho e balançava-se em sua cadeira, mas nada disse em resposta.

“Ou então”, disse Estella, “para dar um exemplo mais apropriado, se a senhora lhe houvesse ensinado, desde que ela começou a entender as coisas, com toda a energia e vigor, que existia, sim, a luz do dia, mas que era uma coisa inimiga e destrutiva, e que ela devia sempre se voltar contra essa luz, pois essa luz causara a sua ruína e também causaria a dela, se ela não se cuidasse; se a senhora tivesse agido assim, e então, por algum motivo, quisesse que ela aceitasse com naturalidade a luz do dia, e ela não conseguisse fazê-lo, a senhora ficaria decepcionada e zangada?”

A sra. Havisham a escutava (ou ao menos parecia, pois eu não podia ver seu

rosto), mas permanecia sem dar resposta.

“Assim”, disse Estella, “há que me aceitar tal como fui feita. O sucesso não é meu, o fracasso não é meu, mas eu sou a combinação dos dois.”

A sra. Havisham havia-se sentado, sem que eu entendesse bem como, no soalho, em meio às relíquias desbotadas de seu noivado ali espalhadas. Aproveitei-me da oportunidade — eu estava à procura de tal coisa desde o início

— para sair do recinto, depois de atrair a atenção de Estella, com um gesto, para a sra. Havisham. Quando saí, Estella continuava parada junto ao enorme console, tal como antes. O cabelo grisalho da sra. Havisham estava esparramado no chão, em meio aos outros destroços do noivado, e era uma cena deplorável.

Foi com o coração pesado que fiquei a caminhar à luz das estrelas por uma hora, ou mais, no pátio, e na cervejaria, e no jardim abandonado. Quando por fim criei coragem de voltar para o quarto, encontrei Estella sentada diante da sra. Havisham, alinhavando uma daquelas velhas peças de vestuário que estavam caindo aos pedaços, e que tantas vezes me são trazidas à lembrança quando vejo os restos desbotados e esfarrapados de velhas bandeiras nas paredes das catedrais. Depois, eu e Estella jogamos

cartas, tal com o outrora — só que agora, mais sofisticados, jogavam os jogos franceses — e assim a noite transcorreu, e fui-me a deitar.

Meu quarto ficava naquele prédio separado do outro lado do pátio. Era a primeira vez que eu me deitava para dormir na Casa Satis, e o sono se recusava a se aproximar de mim. Eu era assombrado por aquelas senhoras Havisham. Ela estava deste lado do travesseiro e daquele, à cabeceira, ao pé da cama, atrás da porta sem abertura do toucador, dentro do toucador, no quarto do andar de cima, no quarto do andar de baixo — por toda parte. Por fim, quando a noite se arrastava lentamente em direção às duas da madrugada, senti que realmente não conseguia mais suportar aquele lugar como um lugar em que me deitar, e que precisava-me levantar. Assim, levantei-me, vesti-me e saí para o quintal, chegando ao longo corredor de pedra, com o objetivo de ir até o pátio externo e ficar-me inhando lá, para aliviar minha mente. Porém, tão logo cheguei ao corredor, apaguei minha vela, pois vi a sra. Havisham-me inhando nele como um fantasma, gemendo baixinho. Segui-a a certa distância, e vi-a subindo a escada. Ela levava na mão uma vela nua, a qual provavelmente pegara num dos castiçais de seu quarto, e à luz dessa vela constituía uma visão das coisas insólitas. Parado ao pé da escada, senti o ar bolorento que vinha do salão de festa, sem vê-la abrir a porta, e ouvi-a-me inhando no salão, e depois voltar para seu quarto, e depois para o

salão, sem pre gem endo baixinho. Após algum tem po, tentei, naquela escuridão, sair dali ou voltar atrás, m as não consegui fazer nem um a coisa nem outra, até que a prim eira luz do dia m e m ostrou onde pôr as m ãos. Durante todo esse tem po, sem pre que m e aproxim ava do pé da cam a eu via a luz da vela passando lá em cim a, e ouvia o gem ido incessante.

Antes de irm os em bora no dia seguinte, não voltou a ocorrer nenhum conflito entre a sra. Havisham e Estella, nem tal coisa reocorreu em qualquer outra ocasião sem elhante; e houve quatro ocasiões sem elhantes, se não m e falha a m em ória. Tam pouco sofreu qualquer m udança a atitude da sra. Havisham em relação a Estella, tirando, creio eu, o fato de que um a espécie de m edo veio

som ar-se às características anteriores.

Seria im possível virar essa página da m inha vida sem colocar nela o nom e de Bentley Drum m le; se fosse possível, eu o faria, com m uito prazer.

Em certa ocasião em que os Tentilhões estavam reunidos em peso, e em que os bons sentim entos estavam sendo prom ovidos da m aneira usual, todos discordando de todos, o Tentilhão que presidia a reunião cham ou todo o Arvoredos à ordem , lem brando que o sr. Drum m le ainda não havia feito um brinde a um a senhora, o que, segundo a constituição solene da sociedade, cabia àquele

bruto fazer naquela ocasião. Julguei ver em seu rosto um olhar de deboche dirigido a mim no momento em que as garrafas estavam passando de mão em mão, mas como não havia nenhuma amizade a nos unir, isso era bem possível. Qual não foi minha surpresa tingida de indignação quando ele pediu que os comensais se unissem a ele num brinde a “Estella!”

“Que Estella?”, perguntei.

“Não importa”, retorquiu Drummond.

“Estella de onde?”, insisti. “Isso você tem que responder.” E, de fato, como

Tentilhão, ele era obrigado a fazê-lo.

“De Richmond, senhores”, disse Drummond, ignorando a mim, “e de uma beleza inigualável.”

“Como se aquela besta quadrada entendesse alguma coisa de belezas inigualáveis!”, cochichei para Herbert.

“Conheço essa dama”, disse Herbert do outro lado da mesa, depois do brinde.

“Conhece?”, perguntou Drummond.

“Eu também”, acrescentei, com o rosto vermelho. “Conhece?”, perguntou Drummond. “Ah, meu Deus!”

Era essa a única reação — se não fosse um copo, um prato arremessado — de que a lerda criatura era capaz; porém fiquei

indignadíssimo, com o se tivesse sido alvo de um sarcasmo ferino, e na mesma hora levantei-me e disse que era típico da insolência do nobre Tentilhão em questão vir ao Arvoredo — sem pre falávamos em vir ao Arvoredo, com o se fosse uma expressão parlamentar precisa — vir ao Arvoredo e brindar uma dama sobre a qual ele nada sabia. Ao ouvir isso, o sr. Drummond levantou-se e perguntou o que eu queria dizer com tal coisa. Em seguida, respondi, da maneira mais extremada, que julgava que ele soubesse onde me encontrar.²

Se era possível, num país cristão, proceder sem derramamento de sangue depois disso, era uma questão a respeito da qual os Tentilhões se dividiram. O debate tornou-se tão animado, aliás, que ao menos mais seis nobres membros disseram a outros seis, durante a discussão, que eles julgavam que os outros soubessem onde encontrá-los. Foi, porém, decidido por fim (pois que o Arvoredo era um tribunal de honra) que, se o sr. Drummond trouxesse a maior prova que fosse de que ele tinha a honra de conhecer a dama em questão, o sr. Phipps teria que pedir desculpas, com o cavalheiro e com o Tentilhão, por “ter sido dominado por um impulso que...”.³ Decidiu-se que a prova deveria ser entregue no dia seguinte (para que nossa honra não pegasse um resfriado nesse ínterim), e no dia

seguinte Drum m le com pareceu com um docum ento pequeno e delicado, escrito na letra de Estella, em que ela afirm ava ter tido a honra de dançar com ele algum as vezes. Assim , é claro, não m e restou outra opção senão desculpar-m e por “ter sido dom inado por um im pulso que...”, e repudiar com o insustentável a ideia de que seria possível encontrar-m e em algum lugar. Eu e Drum m le ficam os então bufando um para o outro por um a hora, cada um em sua cadeira, enquanto o Arvoredo se envolvia em contradições indiscrim inadas, e por fim afirm ou-se que os bons sentim entos haviam sido prom ovidos de m odo extraordinário.

Narro esse episódio em tom j ocoso, m as para m im a coisa era m uito séria. P ois nem sei com o exprim ir quanto sofrim ento m e causava a ideia de que Estella tivesse m anifestado algum interesse por um pateta desprezível, desaj eitado e m al-hum orado, alguém tão abaixo da m édia. Até hoje, creio que foi um a espécie de fogo puro de generosidade e desinteresse de m eu am or por ela que tornava insuportável a ideia de que ela pudesse rebaixar-se ao nível daquele cachorro. Sem dúvida, eu teria m e sentido infeliz qualquer que fosse a pessoa por quem ela dem onstrasse interesse, porém alguém m ais m erecedor m e teria causado um sofrim ento diferente em gênero e grau.

P ara m im foi fácil descobrir, com o o fiz em pouco tem po, que Drum m le havia com eçado a segui-la com afinco, e que ela lhe perm itia tal coisa. Não dem orou para que ele passasse a persegui-

la o tem po todo, e assim eu e ele passam os a nos cruzar dia sim , dia não. Ele persistia, com um a obstinação cega, e Estella o estim ulava, ora incentivando-o, ora desanim ando-o, ora quase lisonj eando-o, ora desprezando-o abertam ente, ora reconhecendo-o m uito bem , ora m al se lem brando de quem ele era.

O Aranha, com o o apelidara o sr. Jagers, estava acostum ado a viver à espreita, porém , e possuía a paciência dos seres da sua espécie. Além disso, tinha um a confiança estúpida em seu dinheiro e na grandeza de sua fam ília, os quais por vezes de fato lhe valiam — quase substituindo a concentração e a determ inação. Assim , o Aranha, vigiando Estella obstinadam ente, sustentava-se por m ais tem po do que m uitos outros insetos m ais inteligentes que ele, e m uitas vezes descia de sua teia e aparecia em cena no m om ento exato.

Em certo baile de assem bleia⁴ em Richm ond (naquela época, havia bailes desse tipo na m aioria dos lugares), no qual a beleza de Estella se im pusera a todas as outras, o lam entável Drum m le ficou de tal m odo a acercar-se dela, e com tanta tolerância de sua parte, que resolvi falar com Estella a esse respeito. Aproveitei a prim eira oportunidade, que ocorreu quando ela aguardava que a sra. Brandley a levasse para casa, sentada longe das outras pessoas em m eio a algum as flores, pronta para

partir. Eu estava com ela, pois quase sem pre as acom panhava quando elas iam e vinham de tais lugares.

“Estás cansada, Estella?” “Bastante, P ip.”

“E não adm ira que estej as.”

“Seria m elhor se disseses que eu não devia estar, pois tenho que escrever m inha carta para a Casa Satis antes de m e deitar.”

“Relatando o triunfo de hoje?”, perguntei. “Um triunfo bem m edíocre,

Estella.”

“O que queres dizer? Não estou sabendo de triunfo nenhum .”

“Estella”, disse eu, “olha para aquele suj eito ali no canto, que está olhando para nós.”

“Olhar para ele por quê?”, ela retrucou, voltando a vista para m im . “O que há naquele suj eito ali no canto — para usar as tuas palavras — que m ereça o m eu olhar?”

“P ois é j ustam ente essa pergunta que eu quero te fazer”, disse eu.

“P ois ele passou a noite inteira esvoaçando em torno de ti.”

“Mariposas e outras criaturas feias de toda espécie”, replicou Estella, olhando-o de relance, “ficam esvoaçando em torno de um a vela acesa. O que pode fazer a vela?”

“Nada”, respondi, “m as a Estella não pode fazer algum a coisa?”

“Ora!”, retrucou ela, rindo, após um momento, “Talvez. Sim. O que quiseres que eu faça.”

“Mas Estella, ouve-me. Fico consternado ao ver-te dar confiança a um homem tão desprezado por todos quanto o Drummele. Tu sabes o quanto ele é desprezado.”

“E então?”, exclamou ela.

“Sabes que ele é tão feio por dentro quanto é por fora. Um sujeito limitado, mal-humorado, ranzinza, estúpido.”

“E então?”, exclamou Estella.

“Sabes que ele não tem nenhuma qualidade senão a de ter dinheiro, e uma lista ridícula de ancestrais desmiolados; sabes disso, não é?”

“E então?”, ela repetiu; e cada vez que dizia isso arregalava os belos olhos mais um pouco.

Para vencer o obstáculo daquela resposta lacônica, apropriei-me dela e disse, repetindo-o com ênfase: “E então? Pois é justamente por isso que fico arrasado”.

Ora, se eu pudesse acreditar que ela dava confiança a Drummele com intenção de me fazer sofrer, a mim, eu teria encarado a coisa com mais

equanimidade; mas Estella, à sua maneira habitual, me excluiu de consideração de tal forma que eu não podia supor tal hipótese.

“P ip”, disse Estella, olhando à sua volta, “não sejas ridículo, de falar sobre seu efeito em ti. Pode ter efeito sobre outras pessoas, e talvez seja esta a intenção. Não vale a pena falar nisso.”

“Vale a pena, sim”, insisti, “porque para mim é insuportável imaginar que as pessoas digam: ‘Ela jogou fora sua graça e seus atrativos num boçal, o ser mais baixo em toda essa maldade’.”

“Pois para mim não é”, disse Estella.

“Ah! Não sejas tão orgulhosa, Estella, e tão inflexível.”

“Chama-me de orgulhosa e inflexível ao mesmo tempo!”, exclamou Estella, abrindo as mãos. “E isso logo depois de criticar-me e por-me a rebaixar a dar atenção a um boçal!”

“Quanto a isso, não há dúvida”, disse eu, um tanto apressadamente, “pois já te vi dirigindo olhares e sorrisos a ele ainda há pouco, olhares e sorrisos do tipo

que já mais diriges... a mim.”

“Então queres de mim”, disse Estella, virando-se de súbito com um olhar fixo e sério, se não zangado, “que eu te engane e te atormentente?”

“Quer dizer que tu o enganas e o atormentas, Estella?”

“Sim, e a muitos outros também — a todos, menos a ti. Eis que chega a senhora Brandley. Não digo mais nada.”

E tendo dedicado um capítulo ao tema que tanto ocupava meu coração, e que tantas vezes o fazia doer vez após vez, passo a relatar, sem intervalo, o evento que pairava sobre mim há meses tempo ainda; o evento que começara a ser urdido antes mesmo o que eu soubesse que havia um a Estella no mundo, e no tempo em que sua inteligência infantil começava a ser distorcida pelas mãos engelhadas da sra. Havisham .

Na história oriental,⁵ o pesado bloco de pedra que cairia sobre a cabeça do conquistador no momento da vitória era lentamente retirado da pedreira, o túnel por que passaria a corda em que ele seria pendurado era lentamente escavado por léguas e léguas de rocha, o bloco era lentamente levantado e encaixado no teto, a corda era afixada a ele e lentamente passada por léguas e léguas de túnel até chegar ao grande aro de ferro. Depois que tudo isso era preparado com tanto trabalho, chegada a hora, o sultão era despertado na calada da noite, e o machado afiado que cortaria a corda do aro de ferro era posto em sua mão, e o sultão dava o golpe, e a corda rompia-se e fugia, e o teto desabava. Assim foi no meu caso; todo o trabalho, de perto e de longe, que culminaria naquele fim, fora realizado; e num instante o golpe foi desferido, e o teto de minha fortaleza desabou sobre mim .

CAPÍTULO XXXVIII

Tinha eu vinte e três anos de idade. Nem uma palavra me fora dita a respeito do assunto das minhas esperanças, e uma semana já se passara desde meu aniversário. Haviam os mudado do Barnard's Inn mais de um ano antes, e agora estavam os no Temple.¹ Nossos aposentos ficavam em Garden-court, perto do rio.

O sr. Pocket e eu já não mantinhamos há algum tempo nossos vínculos originais, embora continuássemos a nos dar muito bem um com o outro. Apesar da minha incapacidade de me decidir por alguma coisa — a qual, espero eu, era uma decorrência da natureza intranquila e incompleta da minha posse sobre meus bens — eu gostava de ler, e lia regularmente algum as horas por dia. Os negócios de Herbert continuavam em andamento, e minha situação permanecia sob todos os aspectos tal com o estava no final do capítulo anterior.

Os negócios haviam levado Herbert a empreender uma viagem a Marselha. Eu estava sozinho e tinha a consciência incômoda de que estava sozinho. Desanimado e ansioso, esperando há muito tempo que no dia seguinte ou na semana seguinte as coisas ficassem claras para mim, e há muito tempo decepcionado, faziam-me falta o rosto alegre e o jeito prestimoso de meu amigo.

Fazia um tempo horrível; chuvoso e úmido, chuvoso e úmido; e lama, lama, muita lama em todas as ruas. Dia após dia, um véu extenso e pesado, vindo do leste, cobria toda a Londres, e não parava de vir, como se houvesse para os lados do leste uma eternidade de nuvem e vento. Eram tão furiosas as lufadas que chegavam a arrancar o chumbo dos telhados dos edifícios mais altos da cidade; e no campo, árvores eram arrancadas, e pás de moinos eram levadas para longe; do litoral, chegavam notícias trágicas de naufrágios e mortes. A fúria do vento vinha acompanhada de aguaceiros violentos, e o dia que terminei no momento em que me sentei para ler tinha sido o pior de todos.

De lá para cá, ocorreram mudanças naquela parte do Templo, e agora ele não tem mais um aspecto tão remoto quanto tinha na época, nem é tão exposto ao rio. Moravam os no andar de cima do último prédio, e o vento que vinha do rio sacudia a estrutura na noite em questão como se fossem disparos de canhão, ou ondas do mar a se quebrar. Quando a chuva começou a fustigar as janelas, pensei, levantando a vista e olhando para as vidraças a estremecer, que era como se eu estivesse num farol em plena tempestade. De vez em quando a fumaça descia da chaminé, como se nem ela suportasse sair numa noite assim; e quando abri as portas e olhei escada abaixo, vi que os lampeões da escada tinham sido

apagados pelo vento; e quando, fazendo som bra com as m ãos, olhei pelas j anelas negras (abri-las, m esm o que fosse apenas um a fresta, estava fora de questão, com aquela chuva e aquele vento), percebi que tam bém os lam piões do pátio tinham sido apagados, e que os lam piões das pontes e do litoral estrem eciam , e que o fogo que ardia nas fornalhas de carvão das barcas no rio estava sendo lançado para a frente pelo vento, form ando m anchas de um verm elho ígneo na chuva.

Eu lia com m eu relógio sobre a m esa, tendo decidido fechar o livro às onze horas. Quando o fiz, os sinos da catedral de São P aulo, e os de todas as outras m uitas igrejas da cidade — uns antecipando-se a eles, outros acom panhando-os, e outros ecoando-os — deram as horas. O som era curiosam ente deform ado pelo vento; e eu estava a escutar, e a pensar em com o o vento o atacava e despedaçava, quando ouvi passos subindo a escada.

Se um a fantasia nervosa m e levou a sobressaltar-m e, e a associar o ruído, de um m odo horrendo, ao passo de m inha irm ã m orta, isso não im porta. A ideia só durou um instante, e voltei a escutar com atenção, e ouvi os passos tropeçarem na escada. Lem brei então que as luzes estavam apagadas, e assim peguei m eu lam pião de leitura e fui até o alto da escada. Fosse quem fosse a pessoa que estava lá em baixo, ela parou ao ver m inha luz, pois fez-se silêncio.

“Há alguém aí em baixo, não?”, perguntei em voz alta, olhando para a escuridão.

“Há, sim”, disse uma voz na escuridão. “Que andar você procura?”

“O último. O senhor Phipps.” “Sou eu — algum problema?”

“Problema nenhum”, respondeu a voz. E o homem recomenceou a subir. Permaneci com o lampião colocado no corredor, e pouco a pouco o homem

surgiu no círculo de luz. Havia um quebra-luz no lampião, para que apenas o livro fosse iluminado, e o círculo de luz era muito reduzido; assim, o homem só se tornou visível por um breve instante, e logo em seguida voltou à sombra. Naquele instante, eu vi um rosto que me era estranho, olhando para cima com um ar incompreensível de estar emocionado e satisfeito por me ver.

Deslocando o lampião à medida que o homem subia, vi que ele estava bem vestido, mas com roupas rudes; era como um viajante num navio. Que tinha cabelos longos, grisalhos, cor de ferro. Que teria cerca de sessenta anos de idade. Que era musculoso, bronzeado e endurecido pela exposição ao tempo. Quando ele subia os dois últimos lanços, e a luz de meu lampião nos incluiu a ambos, vi, com uma espécie de perplexidade parva, que ele estendia as duas mãos para mim.

“Por favor, o que o traz aqui?”, perguntei-lhe.

“O que me traz aqui?”, ele repetiu, fazendo uma pausa. “Ah! Sim. Vou explicar o que me traz, com sua permissão.”

“Quer entrar?”

“Quero”, ele respondeu. “Quero entrar, sim, senhor.”

Eu fizera a pergunta num tom nada hospitaleiro, pois não me agradava a expressão alegre e satisfeita de reconhecimento que ainda estava estampada em

seu rosto. Não me agradava porque parecia dar a entender que ele esperava que eu correspondesse. Porém recebi-o no cômodo de que havia saído ainda há pouco, e depois que pus o lampião sobre a mesa pedi-lhe, no tom mais educado que me foi possível adotar, que se explicasse.

Ele olhou à sua volta com um ar muito estranho — um ar de contentamento perplexo, como se tivesse tido alguma participação naquelas coisas que admirava

—, despiu o sobretudo grosseiro e tirou o chapéu. Vi então que sua cabeça era calva, coberta de sulcos, e que os longos cabelos grisalhos só cresciam dos lados. Mas nada do que eu via proporcionava qualquer explicação. Pelo contrário, ele mais uma vez estendeu as duas mãos para mim.

“O que é isso?”, exclamei, imaginando que talvez fosse um louco.

Ele parou de olhar para mim e lentamente esfregou a mão direita na cabeça. “É meio decepcionante”, disse ele, com uma voz áspera e trêmula, “após de tanta expectativa, e de vir de tão longe, mas não é sua culpa — nem minha. Eu me explico em meio minuto. Por favor, me dê meio minuto.”

Ele sentou-se numa cadeira colocada diante da lareira e cobriu a testa com as mãos grandes e morenas, cobertas de veias. Olhei-o com atenção, e sentindo um pouco de repulsa; porém eu não o conhecia.

“Não tem ninguém aqui por perto”, disse ele, olhando para trás, “tem?” “Como é que um estranho, chegando à minha casa a esta hora da noite, me

faz uma pergunta dessas?”, retruquei.

“O senhor é esperto”, ele respondeu, sacudindo a cabeça para mim de modo calculadamente afetuoso, um gesto ao mesmo tempo ininteligível e profundamente irritante. “É bom ver que o senhor cresceu e ficou esperto! Mas não vá partir pra cima de mim, não. Depois o senhor ia se arrepender.”

Desisti da intenção que ele percebera, pois o reconheci! Ainda não conseguia identificar um único traço seu, mas o reconheci! Se o vento e a chuva tivessem levado para longe todos os anos que haviam decorrido, espalhando todos os objetos que se interpunham, levando-nos de volta para o campo-santo onde

haviám os ficado face a face pela prim eira vez, em níveis tão diferentes, eu não teria reconhecido o m eu forçado de m odo m ais nítido do que o fazia agora, na cadeira diante da lareira. Nem era necessário que ele tirasse do bolso um a lim a e a m ostrasse a m im ; nem era necessário que tirasse o lenço do pescoço e o am arrasse em torno da cabeça; nem era necessário que abraçasse o próprio corpo com os dois braços e andasse a estrem ecer de frio, olhando para m im para que eu o reconhecesse. Reconheci-o antes m esm o que ele m e desse a prim eira dessas pistas, em bora m om entos antes eu não tivesse a m enor ideia a respeito de sua identidade.

Ele voltou para o lugar onde eu estava, e m ais um a vez estendeu as duas m ãos. Sem saber o que fazer — pois de tão atônito eu perdera m eu autocontrole

— com relutância estendi as duas m ãos para ele. Ele as agarrou com avidez, levou-as aos lábios e beij ou-as, e continuou a segurá-las.

“Tu agiste de m odo nobre, m eu m enino”, disse ele. “Nobre, P ip! E eu nunca m e esqueci!”

Algum a coisa em seu j eito indicou que ele ia m e abraçar, e pus a m ão para afastá-lo.

“Espere!”, exclam ei. “Não se aproxim e! Se o senhor se sente grato pelo que fiz quando era m enino, espero que tenha dem onstrado

sua gratidão mudando de vida. Se veio aqui para me agradecer, não era necessário. Seja com o for que você me encontrou, há algo de bom no sentimento que o trouxe aqui, e não vou expulsá-lo; mas certamente tem que entender que... eu...”

Minha atenção foi de tal modo atraída pelo que havia de singular no seu modo de olhar-me e fixam-me que as palavras correram em minha língua.

“Estavas dizendo”, depois de ficarmos a nos entreolhar em silêncio, “que eu certamente tenho de entender. Tenho de entender o quê?”

“Que eu não posso querer renovar um contato que tivemos por acaso há tantos anos, em circunstâncias tão diferentes. Alegro-me e de imaginar que o senhor se arrependeu e mudou de vida. Alegro-me e dizer-lhe isso. Alegro-me e de ver que, julgando que eu mereço um agradecimento, tenha vindo me agradecer. Mas nossos caminhos são diferentes, assim mesmo. O senhor está me olhado e parece cansado. Quer beber alguma coisa antes de sair?”

Ele havia recolocado o lenço no pescoço frouxamente, e em pé, observando-me com atenção, me discava a ponta do lenço. “Eu acho”, ele respondeu, ainda com o lenço na boca e ainda a me observar, “que aceito, sim, tomar alguma coisa (obrigado) antes de ir em bora.”

Havia uma bandeja pronta num aparador. Fui pegá-la e coloquei-a sobre a mesa perto da lareira, e perguntei ao homem o que ele

queria tom ar. Tocou num a das garrafas sem olhar para ela nem dizer nada, e preparei-lhe rum com água. Eu tentava m anter a m ão firm e enquanto preparava a bebida, m as o olhar do hom em , confortavelm ente sentado em sua cadeira com a ponta do lenço com prido e m olhado entre os dentes — sem dúvida, ele se esquecera do lenço — tornava m uito difícil m antê-la firm e. Quando por fim levei-lhe o copo, vi atônito que seus olhos estavam rasos d'água.

Até aquele m om ento, eu perm anecera de pé, para não disfarçar m inha vontade de que ele fosse em bora logo. P orém , vendo que ele am olecia, eu próprio am oleci, e senti um pouco de arrependim ento. “Espero”, disse eu, rapidam ente vertendo algum a bebida num copo para m im e puxando um a cadeira para j unto da m esa, “que não pense que fui áspero ainda há pouco. Não tive essa intenção, e peço-lhe desculpas se foi o que aconteceu. Desej o-lhe tudo de bom , e felicidade!”

Quando levei m eu copo aos lábios, ele olhou com espanto para a ponta do lenço, o qual caiu de sua boca quando ele a abriu, e m e estendeu a m ão. Retribuí o gesto, e então ele bebeu, e passou a m anga da cam isa nos olhos e na testa.

“Com o o senhor ganha a vida?”, perguntei-lhe.

“Já criei ovelhas, vacas, e fiz outras coisas tam bém , lá no Novo Mundo”, ele respondeu; “m ilhares de léguas de m ar feroz daqui.”

“Teve sucesso, espero?”

“Muito sucesso. Tem gente que foi pra lá junto comigo e também se deu bem, mas ninguém chegou nem perto de mim. Fiquei famoso pelo sucesso que tive.”

“Alegro-me de saber disso.”

“É bom te ouvir dizendo isso, meu querido menino.”

Sem parar para tentar entender essas palavras e o tom em que elas foram ditas, resolvi mencionar algo que acabara de me ocorrer.

“O senhor conhece o mensageiro que me mandou uma vez”, perguntei, “já que ele assumiu essa responsabilidade?”

“Nunca vi o sujeito. Não tinha com o.”

“Ele veio fielmente, e me entregou as duas notas de uma libra. Eu era um menino pobre na época, com o que o senhor sabe, e para um menino pobre era uma pequena fortuna. Mas, tal com o senhor, tive sucesso desde então, e peço-lhe que me permita devolver a quantia. Pode usá-la em prol de algum outro menino pobre.” Tirei as notas da minha carteira.

Ele ficou a olhar-me e quando pus a carteira sobre a mesa e abri-a, e ficou a olhar-me enquanto eu separava as duas notas de uma libra. Eram limpas e novas, eu desdobrei-as e entreguei-as a ele. Sem prestando atenção para mim, o homem colocou-as uma sobre a

outra, dobrou-as no sentido do com prim ento, torceu-as, queim ou-
as no lam pião e pôs as cinzas na bandej a.

“Se m e perm ites”, disse ele então, sorrindo com o quem franze a
testa, e franzindo a testa com o quem sorri, “posso te perguntar
com o foi que te saístes tão bem , depois daquele dia em que eu e
tu estava tiritando de frio lá no charco?”

“Com o?” “Ah!”

Ele esvaziou o copo e pôs-se de pé j unto ao fogo, com a m ão
bronzada e pesada sobre o console. P ôs um dos pés sobre um a
das grades, para esquentá-lo, e a bota úm ida com eçou a em itir
vapor; m as ele nem olhou para a bota nem para o fogo, porém
ficou a olhar fixam ente para m im . Foi só então que com ecei a
trem er.

Quando m eus lábios se entreabriram , e form aram algum as
palavras sem som , obriguei-m e a dizer ao hom em (em bora não
conseguisse fazê-lo de m odo claro) que eu fora escolhido para
herdar um a propriedade.

“Será que um bandido com o eu pode perguntar que propriedade é
essa?”, ele indagou.

Gaguej ei: “Não sei”.

“Será que um bandido com o eu pode perguntar de quem
é essa propriedade?”, ele indagou.

Gaguej ei de novo: “Não sei”.

“P osso então tentar adivinhar”, disse o presidiário, “a renda que recebes desde a m aioridade? Só o prim eiro núm ero. Cinco?”

Com o coração batendo com o se fosse um m artelo pesado e descontrolado, levantei-m e da m inha cadeira e apoiei a m ão no espaldar, olhando para o hom em com olhos esgazeados.

“E o tutor”, ele prosseguiu. “Tinha que ter um tutor, ou coisa que o valha, enquanto eras m enor de idade. Um adevogado, talvez. A prim eira letra do nom e do adevogado — não seria J?”

Toda a verdade a respeito da m inha situação surgiu diante de m im de súbito; e o que nela havia de decepção, perigo, vergonha, conseqüências de todo tipo, tudo isso veio de roldão, de tal m odo que m e senti esm agado, e era com esforço que conseguia respirar.

“Im agina”, resum iu ele, “que o criente do tal adevogado com nom e que com eça com J, que pode bem ser Jaggars — im agina que ele veio de navio a P ortsm outh, e desem barcou lá, e quer encontrar-te. ‘Sej a com o for que o senhor m e encontrou’, disseste ainda há pouco. P ois bem ! Com o foi que te encontrei? Ora, escrevi pra um a pessoa em Londres pedindo teu endereço. O nom e da tal pessoa? Ora, Wem m ick.”

Eu não teria conseguido pronunciar um a única palavra, nem que fosse para salvar m inha própria vida. P erm aneci parado, com um a das m ãos no espaldar da cadeira e a outra no peito, pois eu

parecia estar sufocando — permitia assim, com o olhar esgazado voltado para o homem, até que me agarrei à cadeira, pois todo o recinto começou a rodar à minha volta. Ele segurou-me, levou-me até o sofá, recostou-me nas almofadas e apoiado sobre um dos joelhos pôs aquele rosto que agora eu lembro bem, e que me fazia estremecer, bem junto ao meu.

“Isso mesmo, Pip, meu querido menino, fiz um cavalheiro de ti! Foi eu que fiz isso! Eu jurei naquele tempo que se algum dia eu ganhasse um guinéu, que fosse, esse guinéu havia de ser teu. Jurei depois, que se algum dia eu fizesse especulação e enricasse, tu havias de enricar também. Vivi uma vida dura, para que tu vivesses na moleza; me matei de trabalhar para tu não precisar trabalhar. Quem diria, hein, meu menino? Pensas que te conto isso agora para tu sentires que me deve alguma coisa? Nada disso. Te conto para tu saberes que aquele cachorro sem dono que não deixaste morrer naquele monte de lixo, ele conseguiu subir tanto na vida que pôde fazer de alguém um cavalheiro — e, Pip, esse alguém é tu!”

O horror que eu sentia por aquele homem, o pavor que tinha dele, a repugnância com que eu me esquivava dele não poderiam ter sido maiores se ele fosse uma fera terrível.

“Olha aqui, Pip. Eu sou teu segundo pai. Tu és meu filho — és mais para mim que qualquer filho. Eu guardei dinheiro só para que pudesses gastar. Quando eu

era pastor de ovelha contratado² vivendo sozinho numa cabana, só vendo cara de ovelha, tanto que quase que cheguei a esquecer com o que era cara de homem ou de mulher, eu só via a sua. Muitas vezes eu larguei a faca quando eu almoçava ou jantava naquela cabana e falei pra mim mesmo assim : ‘Lá está o menino me olhando de novo, enquanto eu estou comendo e bebendo!’ Eu te vi muitas vezes, que nem que te vi aquela vez no chaco, no meio da neblina. ‘Que Deus me mate no cortincho!’ , eu dizia todas as vezes — e saía da cabana pra dizer isso ao céu aberto

—, ‘se, depois que eu ganhar minha liberdade e ganhar dinheiro, eu não fizer daquele menino um cavalheiro!’ E foi o que eu fiz. Olha só pra ti, meu querido menino! Olha só esse lugar onde moras, que podia ser a casa de um lordes! De um lordes? Ah! Há de apostar dinheiro com os lordes, e sair ganhando!”

Na empolgação de seu triunfo, e consciente de que por um triz eu não desmaiara, ele não percebia de que modo eu recebia todas essas informações. Era a única coisa que me aliviava.

“Olha aqui!”, ele prosseguiu, tirando de meu bolso meu relógio, e virando para si um anel que eu tinha no dedo, enquanto eu me esquivava do contato com ele com o se de uma cobra, “é de ouro, e é uma beleza: isso é coisa de

cavalheiro, é ou não é? Um brilhante cercado de rubi: isso é coisa de cavalheiro, é ou não é? Olha só a tua camisa; coisa fina e bonita!

Olha essas tuas roupa; m elhor não há! E os teus livro, tam bém ”, olhando à sua volta, “enchendo as estante, um m onte de livro! E tu lês tudo isso, não é? Vi que estavas lendo quando cheguei. Ha, ha, ha! Hás de ler esses livros pra m im , m eu querido m enino! E se estiver escrito em língua de estranj a que eu não sei falar, vou m e sentir tão orgulhoso que nem se entendesse tudo.”

Mais um a vez, tom ou m inhas duas m ãos e levou-as aos lábios, enquanto m eu sangue gelava nas veias.

“Não precisa falar, não, P ip”, disse ele, depois de novam ente passar a m anga da cam isa nos olhos e na testa, com aquele estalo na garganta que eu lem brava bem — e quanto m aior sua sinceridade, m aior o horror que ele m e inspirava, “o m elhor a fazer é m esm o ficar calado, m eu querido m enino. Tu não ficaste tanto tem po esperando este m om ento, com o eu fiquei; não estavas preparado pra ele, com o eu estava. Mas nunca pensaste que podia ser eu?”

“Ah, não, não, não”, respondi. “Nunca, nunca!”

“P ois é, m as foi eu, sim , sozinho. Ninguém m ais nessa história, só eu e o

senhor Jagers.”

“Não havia m ais ninguém ?”, perguntei.

“Não”, disse ele, com uma expressão de surpresa; “e quem havia de ser? E, meu querido menino, estás mesmo o um belo de um rapagão! Em algum lugar, tem alguém de olhinhos vivos — não tem? Alguém de olhinhos vivos que tu estás sem pre pensando nela?”

Ah, Estella, Estella!

“Esses olhinhos não de ser teus, meu menino, se eles tiver preço em dinheiro. Não que um cavalheiro como tu, tão bem na vida como tu, precise de dinheiro pra conquistar esses olhinhos; mas que o dinheiro ajuda, isso ajuda! Deixa só eu terminar o que te estava contando, meu querido menino. Graças àquela cabana e àquele trabalho, ganhei o dinheiro que meu amado me deixou (pois ele morreu, e antes ele era que nem eu), e ganhei minha liberdade e fui fazer minha vida. Tudo que eu fiz, foi por ti que eu fiz. ‘Que Deus faça tudo ir pros ares’, eu dizia, fosse o que fosse, ‘se não for por ele!’ E tudo deu muito certo. Que nem eu te disse ainda há pouco, fiquei até famoso. Foi o dinheiro que eu herdei, e os lucros dos primeiros anos que mandei pro senhor Jaggars — tudo pra ti — e aí ele foi te procurar, que nem que eu mandei ele fazer na minha carta.”

Ah, se ele já mais tivesse me procurado! Se me tivesse deixado na ferraria

— nem um pouco contente, e, no entanto, em comparação com o que eu era agora, feliz!

“E sabes, meu querido menino, era uma recomendação pra mim, entendes, saber que em segredo eu estava fazendo de alguém um cavalheiro. Os cavalos puro-sangue dos colonos jogava pó em cima de mim quando eu caminhava; o que é que eu dizia? Eu dizia pros meus botões: ‘Eu estou fazendo de alguém um cavalheiro muito mais distinto do que tu já mais há de ser!’. Quando um deles dizia pro outro: ‘Esse aí era um prisioneiro uns anos atrás, e agora tem muita sorte de ser um trabalhador qualquer, ingenuidade’, o que é que eu dizia? Eu dizia pros

meus botões: ‘Se eu não sou um cavalheiro, e se ainda não tenho estudo, eu sou dono de um. Vocês todos têm gado e terra; qual de vocês tem um cavalheiro bem criado em Londres?’. Era assim que eu seguia em frente. E assim eu dizia sempre a mim mesmo o que um dia eu ia vir até aqui pra ver o meu menino, e me revelar pra ele, na casa dele.”

Ele pôs a mão no meu ombro. Estremeci de pensar que aquela mão podia muito bem estar manchada de sangue.

“Não foi fácil pra mim, não, Pip, vir lá daquela terra, e também ainda é perigoso. Mas eu cismei que vinha, e quanto mais difícil era, mais eu me esforçava, porque eu estava decidido, mais do que decidido. E finalmente eu consegui. Meu querido menino, eu consegui!”

Tentei pôr ordem nas minhas ideias, porém sentia-me e aturdido. O tempo todo eu parecia prestar mais atenção ao vento e à chuva do que ao que ele dizia; naquele exato instante, não me era possível separar a voz dele daquelas vozes, em bora elas fossem tonitruantes e ele estivesse calado.

“Onde vais me pôr?”, ele perguntou-me e depois de algum tempo. “Tens que me pôr em algum lugar, meu querido menino.”

“Para dormir?”, perguntei.

“Isso. E dormir um bom tempo”, ele respondeu; “pois passei meses e meses num navio, jogado de um lado pro outro, com água pra todo lado.”

“Meu amigo e com panheiro”, disse eu, levantando-me do sofá, “viajou;

pode ficar no quarto dele.”

“Ele não volta amanhã, não?”

“Não”, respondi, de modo quase mecânico, por mais que me esforçasse; “não volta amanhã, não.”

“Porque, sabes, meu querido menino”, disse ele, baixando a voz, e pondo o dedo com prido no meu peito de modo expressivo, “há que ter cuidado.”

“Como assim? Cuidado?”

“Meu Deus, é coisa de vida ou morte!” “Como, ‘morte’?”

“Fui degredado pro resto da vida. Voltar é m orrer. 3 Muita gente tem voltado nos últim os anos, e se m e pegam é forca na certa.”

Só faltava m esm o isto: o desgraçado, depois de m e desgraçar com suas cadeias de ouro e prata por tantos anos, arriscara a própria vida para m e ver, e era eu que a protegia agora! Se ele m e inspirasse am or e não horror; se ele m e inspirasse m uita adm iração e afeição, em vez de um a repugnância fortíssim a, não teria sido pior do que era. P elo contrário, seria m elhor, porque m eu coração naturalm ente haveria de querer preservá-lo.

Minha prim eira precaução foi fechar os estores, para que a luz não fosse vista da rua, e depois fechar e trancar as portas. Enquanto isso, ele ficou em pé diante da m esa bebendo rum e com endo biscoitos; e vendo-o de tal m odo ocupado, voltei a ver m eu forçado no charco fazendo sua refeição. Eu quase o im aginava prestes a abaixar-se para lim ar os grilhões da perna.

Fui ao quarto de Herbert e fechei todas as com unicações entre ele e a escada além da sala em que transcorrera nossa conversa, e então lhe perguntei se não queria deitar-se. Ele disse que sim , m as pediu-m e “um a roupa de cavalheiro”

para vestir no dia seguinte. Separei algum as peças para ele, e m ais um a vez m eu sangue gelou nas veias quando ele m ais um a vez tom ou-m e as duas m ãos para m e dar as boas-noites.

Afastei-me e dele, sem saber com o que fiz, ajuntei a lenha na lareira da sala onde haviam os estado juntos e sentei-me junto ao fogo, com medo de me deitar. Passei uma hora ou mais tão aturdido que nem conseguia pensar; e foi só quando comecei de fato a pensar que me dei conta o quanto estava arrasado, o quanto estava despedaçado o navio em que eu me barcara.

As intenções da sra. Havisham a mim eu respeito, tudo apenas um sonho; Estella, não mais destinada a mim; na Casa Satis eu não passava de um utensílio, um punitivo para parentes ávidos, um modelo com coração mecânico para servir de objeto na falta de outros; essas foram as primeiras pontadas de dor que senti. Mas a dor mais intensa e profunda de todas — fora por causa do forçado, culpado de sabia-se lá quais crimes, que podia a qualquer momento ser retirado daqueles aposentos, onde eu estava a pensar, e ser enforcado junto à porta de Old Bailey — era que eu abandonara Joe.

Agora eu não voltaria para Joe, não voltaria para Bidy, por motivo algum; simplesmente, creio eu, porque a consciência do meu comportamento desprezível para com eles era maior do que qualquer outro motivo. Nenhum a sabedoria deste mundo poderia me dar o conforto que me deveria ter sido proporcionado pela simplicidade e fidelidade deles dois; mas eu já mais, já mais, já mais poderia desfazer o que havia feito.

Em cada uivo de vento e pancada de chuva eu ouvia perseguidores. Por duas vezes, teria sido capaz de jurar que ouvira alguém batendo e cochichando à porta da rua. Dominado por esses temores, comeci a imaginar ou lembrar que havia tido prenúncios misteriosos da vinda desse homem. Que, nas últimas semanas, eu cruzara com rostos na rua que me pareceram semelhantes ao dele. Que esses rostos semelhantes se haviam tornado mais e mais numerosos à medida que o navio em que ele vinha se aproximava. Que seu espírito maligno de algum modo me enviara aqueles mensageiros ao meu, e que agora, naquela noite de tempestade, ele estava cumprindo o prometido, e viera ter comigo.

Juntamente com essas reflexões vinha a consideração de que, com meus olhos de criança, eu vira o quanto ele era desesperadamente violento; que eu ouvira o outro presidiário dizer mais de uma vez que ele tentara matá-lo; que eu o vira dentro da vala brigando e debatendo-se com o um a fera selvagem. De lembranças tais eu trouxe à luz da lareira o medo sem inconsciente de que talvez fosse perigoso estar fechado junto com ele, sozinho, naquela madrugada tempestuosa. Esse medo foi inchando até tomar conta de toda a sala, imitando-me a pegar uma vela e ir olhar para meu terrível hóspede.

Ele havia enrolado um lenço em torno da cabeça, e o rosto estava fixo e tenso, imerso no sono. Mas estava mesmo dormindo, e em

silêncio, em bora houvesse um a pistola sobre o travesseiro. Tendo feito essa verificação, sem fazer ruído retirei a chave da porta de seu quarto e a pus do lado de fora, e tranquei-o lá dentro antes de voltar a sentar-me junto à lareira. Pouco a pouco fui escorregando da cadeira e me deitando no chão. Quando acordei, sem ter me livrado durante o sono de minha sensação de desgraça, os relógios das igrejas

para o leste estavam dando as cinco horas, as velas haviam de todo se extinguido, a lareira estava apagada, e o vento e a chuva intensificavam a escuridão negra e espessa.

fim da segunda parte

das grandes esperanças de pip

CAPÍTULO XXXIX

Foi sorte minha eu ter de tomar precauções para garantir (até onde isso me era possível) a segurança daquele terrível visitante, pois essa ideia, dominando minha consciência a partir do momento em que despertei, fazia os outros pensamentos permanecerem numa multidão confusa, à distância.

A impossibilidade de me antê-lo oculto em meus aposentos era evidente. Não havia como conseguir tal coisa, e qualquer tentativa nesse sentido inevitavelmente geraria suspeitas. Era bem verdade que eu não tinha mais o vingador a meu serviço, porém dependia dos serviços de uma velha exeriqueira, auxiliada por uma mulher desmazelada que ela chamava de sobrinha, e manter um quarto escondido das duas seria um convite à curiosidade e mexericos. Ambas tinham a vista fraca, fato que eu atribuía a seu hábito crônico de ficar espiando pelo buraco da fechadura, e estavam sempre por perto quando sua presença não era desejada; aliás, era essa a sua única qualidade infalível, além do hábito de furtar. A fim de não criar um mistério para essas pessoas, decidi dizer-lhes naquela manhã que meu tio havia inesperadamente chegado do interior.

Tomiei essa decisão tateando no escuro, tentando encontrar algo que me permitisse acender uma luz. Não encontrando nada, j

ulguei m elhor ir ao prédio adj acente e pedir ao vigia de lá que viesse com sua lanterna. Ao descer a escada no escuro, caí por cima de alguma coisa, e essa alguma coisa era um homem acorrido num canto.

Com o ele não respondesse quando lhe perguntei o que estava fazendo ali, porém se esquivasse de meu contato em silêncio, fui correndo até a guarita e pedi ao vigia que viesse depressa, relatando-lhe o incidente no caminho. O vento continuava tão feroz como antes, e não arriscamos ao acender a chama da lanterna reacendendo os lampiões apagados da escada, porém olhamos para os degraus de baixo para cima, e não vimos ninguém ali. Ocorreu-me a possibilidade de que o homem tivesse entrado em meus aposentos; assim, acendendo minha vela na do vigia e deixando-o parado à porta, examinei-os com cuidado, inclusive o quarto em que meu fiel hóspede dormia. Tudo estava tranquilo, e certamente não havia ninguém naqueles cômodos.

Percebi que talvez tivesse havido alguém na escada, precisamente naquela noite, e perguntei ao vigia, na esperança de obter alguma explicação útil, enquanto eu lhe servia um trago à porta, se ele havia deixado entrar pelo portão algum cavalheiro que parecia ter jantado fora. Sim, ele respondeu; em diferentes

momentos da noite, três cavalheiros. Um morava em Fountain Court e os outros dois na Lane, e ele viu todos três irem para casa. O único outro homem que morava na casa onde ficavam meus

aposentos estava no interior havia algum as sem anas; e ele sem dúvida não voltara durante aquela noite, pois víram os a sua porta fechada com sua tranca ao subirm os a escada.

“O tem po estava tão ruim ”, disse o vigia, devolvendo o copo, “que quase ninguém apareceu no portão. Fora os três que eu falei, só m e lem bro de outro que veio depois das onze horas, um desconhecido perguntando pelo senhor.”

“Meu tio”, m urm urei. “Sim .” “O senhor viu esse?”

“Sim . Claro.”

“E tam bém a pessoa que veio com ele?” “P essa que veio com ele!”, repeti.

“Im aginei que estava com ele”, explicou o vigia. “A pessoa parou, quando ele parou para m e perguntar, e a pessoa veio pra cá quando ele veio pra cá.”

“Que espécie de pessoa?”

O vigia não havia prestado atenção; diria que era um trabalhador; ao que lhe parecia, usava roupas em poeiradas, com um casaco escuro por cim a. O vigia não dava tanta im portância à coisa quanto eu, naturalm ente, pois não tinha os m eus m otivos para se preocupar.

Depois que m e librei dele, o que achei m elhor fazer sem prolongar as explicações, m inha m ente ficou profundam ente

perturbada por essas duas circunstâncias tomadas juntas. Se era fácil dar uma explicação inocente às duas em separado — por exemplo, alguém que fora jantar fora, ou mesmo o que jantara em casa, e que não passara por perto do portão daquele vigia, talvez tivesse adormecido na minha escada — e meu visitante sem nome talvez tivesse trazido uma pessoa consigo para que ela lhe indicasse o caminho — consideradas conjuntamente elas eram preocupantes, para alguém que, por efeito de mudanças ocorridas em poucas horas, se tornara desconfiado e temeroso com o eu.

Acendi a lareira, que ardia fracamente naquela hora da madrugada, e cochilei diante dela. Tive a impressão de ter dormido por toda uma noite quando os relógios deram seis horas. Com o ainda faltava uma hora e meia para que o dia clareasse, voltei a cochilar; ora despertando inquieto, com conversas prolixas sobre coisa alguma em meus ouvidos; ora transformando em trovão o vento na chaminé; e por fim mergulhando num sono profundo do qual a luz do dia me arrancou sobressaltado.

Durante todo esse tempo eu não conseguia pensar na minha própria situação, e mesmo agora não era capaz de fazê-lo. Ainda não tinha forças para tal. Sentia-me profundamente desalentado e angustiado, porém de um modo incoerente e geral. Quanto a elaborar um plano para o futuro, isso era para mim tão difícil quanto seria fabricar um elefante. Abrindo os estores e contem

plando a manhã úm ida e tem pestuosa, cor de chumbo; andando de um cômodo para o outro; voltando a sentar-me, tiritando, diante da lareira, aguardando a chegada da lavadeira; eu pensava na minha infelicidade, mas dificilmente saberia dizer por quê, ou há quanto tempo, eu era tão infeliz, ou em que dia da semana estava

fazendo tal reflexão, ou sequer quem era eu, que a fazia.

Por fim, chegaram a velha e a sobrinha — esta com uma cabeça que não era fácil de distinguir de sua vassoura poeirenta — manifestando surpresa ao ver a mim e o fogo aceso. Expliquei-lhes que meu tio chegara durante a noite e estava dormindo, e que portanto os preparativos para o desjejum teriam de ser modificados. Em seguida, lavei-me e vesti-me enquanto elas esbarravam nos móveis e levantavam poeira; e assim, numa espécie de sonho ou sonambulismo, dei por mim mais uma vez sentado diante da lareira, esperando que — ele — viesse fazer o desjejum.

Por fim, a porta do quarto abriu-se e ele saiu. Para mim era insuportável olhar para ele, e tive a impressão de que seu aspecto era ainda pior à luz do dia.

“Eu nem sei”, disse eu, em voz baixa, quando ele se sentou à mesa, “que nome lhe dar. Eu disse que o senhor é meu tio.”

“Isso mesmo, meu menino querido! Me chama de tio.” “O senhor adotou um nome, imagino, no navio?” “Adotei, sim, meu menino querido. O nome de Provvis.” “E pretende conservá-lo?”

“Sim, claro, meu menino querido, é um nome tão bom quanto outro qualquer

— a menos que prefiras outro.”

“Qual o seu nome verdadeiro?”, perguntei, num cochicho.

“Magwitch”, ele respondeu, no mesmo tom; “o nome de batismo é Abel.” “O senhor foi criado para ser o quê?”

“Um bandido, meu menino querido.”

Falava sério, usando a palavra com o se ela denotasse alguma profissão. “Quando o senhor chegou ao Templo ontem à noite...”, disse eu, fazendo

uma pausa para perguntar a mim mesmo se fora de fato na véspera, pois me parecia fazer muito tempo.

“Sim, meu menino querido?”

“Quando o senhor chegou ao portão e perguntou ao vigia onde eu morava, havia alguém com o senhor?”

“Comigo? Não, meu menino querido.” “Mas havia alguma outra pessoa?”

“Não prestei muita atenção”, disse ele, hesitante, “por não conhecer o lugar. Mas acho que tinha uma pessoa, sim, que chegou junto comigo.”

“O senhor é conhecido em Londres?”

“Espero que não!”, ele respondeu, passando um dedo indicador no pescoço com um gesto súbito que me afogueou o rosto e nauseou-me.

“Já foi conhecido em Londres, outrora?”

“Não muito, meu menino querido. Eu passava mais tempo no interior.” “O senhor foi... julgado... em Londres?”

“Qual das vezes?”, ele perguntou, com um olhar penetrante. “A última.”

Ele fez que sim com a cabeça. “Foi assim que eu conheci o senhor Jaggars. Foi ele que me defendeu.”

Eu estava prestes a lhe perguntar por que me otivo fora a julgamento, porém ele pegou uma faca, brandiu-a, exclamou: “E pelo que eu fiz, já paguei!”, e

atacou seu desajeitado.

Comia com uma avidez muito desagradável, e todos os seus gestos eram grosseiros, ruidosos e sôfregos. Alguns de seus dentes se haviam perdido depois do dia em que eu o vira comendo no charco, e enquanto ele revirava a comida na boca e inclinava a

cabeça para que seus dentes mais poderosos entrassem em ação, ele lembrou-se terrivelmente de um cachorro velho e faminto. Se eu estivesse com apetite, ele me teria feito perdê-lo, e teria ficado tal como de fato fiquei — tomado por uma aversão impossível de conter, olhando melancólico para a toalha da mesa.

“Eu com o muito, mesmo, meu menino querido”, disse ele, como que pedindo desculpas, ao terminar a refeição, “mas sempre fui assim. Se eu fosse de comensais, quem sabe eu entrava em comensais encrenca. Também fumo muito. A primeira vez que me deram trabalho de pastor de ovelha, lá do outro lado do mundo, acho que só num virei carneiro também, um carneiro maluco de tanta tristeza, graças ao meu cachimbo.”

Enquanto falava, levantou-se da mesa e, pondo a mão no bolso interno do jaquetão de lã, pegou um punhado de fumo solto do tipo denominado “cabeça-

de-negro”.¹ Tendo enchido o cachimbo, pôs de volta no bolso o resto do fumo, como se o bolso fosse uma gaveta. Depois pegou uma brasa na lareira, usando as tenazes, e com ela acendeu o cachimbo, e depois se virou, dando as costas para o fogo, e repetiu seu gesto predileto, o de estender as duas mãos para mim.

“Este aqui”, disse ele, acariciando minhas mãos enquanto tirava uma bafurada do cachimbo, “e este aqui é o cavalheiro que eu fiz! Um cavalheiro de verdade! Me faz muito bem olhar pra ti, P

ip. Tudo o que eu quero é ficar parado olhando pra ti, meu menino querido!”

Soltei minhas mãos assim que pude, e me dei conta de que eu estava com o pé preso e não conseguia me mexer, pouco a pouco, minha situação. Com o pé preso a que eu estava acorrentado, com correntes muito fortes, enquanto ouvia aquela voz áspera e contemplava aquela calva cheia de sulcos, circundada por cabelos grisalhos cor de ferro.

“Não quero ver o meu cavalheiro andando na lama da rua; não quero ver a lama na bota dele. Meu cavalheiro precisa de cavalo, Pip! Cavalo pra montar, cavalo pra puxar carruagem, pro criado dele também. Então um colono qualquer pode ter um cavalo (e puro-sangue ainda por cima, meu Deus!) e o meu cavalheiro de Londres não pode? De jeito nenhum. A gente quer te ver com um sapato melhor do que esse, não é, Pip?”

Ele tirou do bolso uma carteira grande e grossa, cheia a ponto de estourar, e jogou-a sobre a mesa.

“Nessa carteira aí tem bastante pra gastar, meu menino querido. Ela é tua. Tudo que eu tenho não é meu; é teu. Pode pegar sem medo. Não se preocupa que tem mais. Eu voltei aqui pra terrinha pra ver o meu cavalheiro gastando dinheiro que nem um cavalheiro. O prazer é meu. O meu prazer é ver ele

gastando. E vocês todos que se danem !”, ele resumiu, olhando à sua volta e estalando os dedos ruidosamente, “que se danem todos vocês, desde o juiz com a peruca dele até o colono cavucando a terra, que eu vou mostrar pra vocês um cavalheiro que vale mais que vocês todos juntos!”

“Um momento!”, exclamou ele, quase num paroxismo de medo e repulsa, “quero falar com o senhor. Quero saber o que fazer. Quero saber com o protegê-lo, quanto tempo vai ficar aqui, quais são os seus planos.”

“Olha, Pip”, disse ele, pondo a mão no meu braço de uma maneira subitamente alterada, contida; “antes de mais nada, olha aqui. Eu perdi a cabeça inda há pouco. O que eu falei foi muito vulgar; isso mesmo, vulgar. Olha, Pip. Esquece o que eu disse. Eu não vou mais ser vulgar.”

“Antes de mais nada”, insisti, quase gemendo, “quais as precauções tomar para que o senhor não seja reconhecido e preso?”

“Não, meu menino querido”, disse ele, no tom de antes, “antes que isso tem outra coisa. Tem a mesquinhez. Eu não passei esses anos todo fazendo um cavalheiro sem saber o respeito que ele merece. Olha, Pip. Eu fui vulgar; fui sim, vulgar. Esquece o que eu disse, meu menino querido.”

A consciência do que havia de grotesco e terrível naquilo me fez rir nervosamente, enquanto eu respondia: “Eu já esqueci. Pelo amor de Deus, não se fala mais nisso!”.

“É, mas olha só”, ele insistiu. “Meu menino querido, eu não vim de tão longe pra ser vulgar. Mas podes continuar, meu menino querido. Estavas dizendo...”

“Com o protegê-lo do perigo que o ameaça?”

“Ora, meu menino querido, o perigo não é tão grande assim. Pelo que dizem, até que não é muito perigo não. Fora o Jaggars, o Wemick e tu, quem mais que está sabendo?”

“Não há nenhuma pessoa que possa identificá-lo na rua?”, indaguei.

“Bom”, ele respondeu, “não tem muita gente não. Não vou sair por aí

anunciando no jornal que o A. M. voltou de Botany Bay ;² e tanto tempo passou, quem é que vai ganhar alguma coisa com isso? Mas enfim, olha aqui, Pip. Mesmo que o perigo fosse cinquenta vezes maior, eu vinha te ver, ouviu?”

“E quanto tempo vai ficar?”

“Quanto tempo?”, disse ele, tirando da boca o cachimbo preto e baixando o queixo, enquanto me olhava fixamente. “Eu não volto mais, não. Vim pra ficar.”

“Onde o senhor vai m orar?”, perguntei. “O que há de se fazer com o senhor? Onde vai estar em segurança?”

“Meu m enino querido”, ele respondeu, “o dinheiro com pra peruca pra disfarçar, e polvilho pra pôr no cabelo, e óculos, e roupa preta — culote, essas coisa. Tem gente que j á fez isso antes de m im , e se com eles deu certo, com igo tam bém há de dar. E quanto ao lugar que eu vou ficar, e do que eu vou viver, m eu m enino querido, m e diz o que tu achas.”

“Agora o senhor diz que não há perigo”, argum entei, “m as ontem à noite a coisa era m uito séria, e o senhor j urou que podia m orrer.”

“E m orro m esm o”, disse ele, recolocando o cachim bo na boca, “m orro enforcado, no m eio da rua, pertinho daqui, e é bom que tu leves isso a sério. Mas o que está feito, feito está. Estou aqui. Voltar agora seria tão perigoso quanto ficar

— seria m ais perigoso ainda. Além disso, P ip, estou aqui porque fiz o que fiz por ti, esses anos todos. E se estou correndo perigo, sou um pássaro velho que j á caiu em m uita arapuca na vida, e não vai ser um espantalho qualquer que há de m e

dar m edo. Se a m orte está escondida dentro dele, então ela que venha pra fora, que eu olho ela no olho e vou acreditar nela, m as só nessa hora. E agora m e deixa olhar pro m eu cavalheiro de novo.”

Mais uma vez, ele tomou-me e pelas duas mãos e encarou-me com um ar de quem admira sua propriedade: fumando com muita complacência o tempo todo.

Pareceu-me que o melhor que eu podia fazer seria arranjar-lhe um lugar discreto para ficar bem perto dali, para onde ele haveria de se mudar quando Herbert voltasse, o que eu imaginava que aconteceria dentro de dois ou três dias. Que o segredo teria de ser confidenciado a Herbert por uma questão de necessidade inevitável, mesmo se eu não levasse em conta o alívio imenso que seria para mim abrir-me com ele, era algo que a mim me parecia claro. Entretanto, não estava de modo algum muito claro para o sr. Provis (decidi chamá-lo assim), o qual afirmou que só concordaria com a participação de Herbert depois que o visse e fizesse um juízo favorável de sua fisionomia. “E mesmo assim, meu querido menino”, disse ele tirando do bolso uma pequena Bíblia enfiada, de capa preta, com fecho de metal, “vamos fazer ele jurar.”

Afirmar que meu terrível protetor levava aquele livrinho preto consigo com o único objetivo de fazer as pessoas jurarem em caso de emergência seria afirmar algo que nunca pude determinar — isto, porém, posso afirmar: jamais o vi usá-lo para qualquer outro fim. O livro em si parecia ter sido roubado de algum tribunal, e talvez por conhecer seus antecedentes, e também por ter tido alguma experiência própria nesse sentido, ele confiava em seus

poderes com o um a espécie de encantamento ou talismã legal. Nessa primeira ocasião em que sacou um livro, lembrei-me e de que ele me fizera jurar fidelidade no campo santo, tantos anos antes, e que na noite anterior dissera que fazia o juramento quando tomava suas decisões na solidão do degredo.

Como no momento estava usando traje de marinheiro, dando a impressão de que estaria vendendo papagaios e charutos, resolvi conversar com ele sobre as roupas que deveria usar. Ele tinha uma crença extraordinária nas virtudes dos culotes com o disfarce, e já havia mentalmente esboçado um vestuário que lhe daria uma aparência intermediária entre um deão e um dentista. Foi só com muita dificuldade que o convenci a utilizar um traje mais semelhante ao de um fazendeiro próspero, e com binóculos que ele cortaria o cabelo bem curto e o

em poaria.³ Por fim, como ele ainda não fora visto pela lavadeira nem pela sobrinha, decidimos que ele não se apresentaria a elas enquanto não mudasse de traje.

Tomar decisões a respeito de tais precauções pode parecer uma coisa simples, porém eu estava de tal modo aturdido, para não dizer transtornado, que o processo se arrastou tanto que só saí de casa para começar a pôr em prática o plano às duas ou três da tarde. O sr. Provis ficaria fechado nos meus aposentos enquanto eu estivesse na rua, e não abriria a porta em hipótese alguma.

Sabendo que havia um a pensão respeitável na Essex-street, os fundos da qual davam para o Temple, tanto assim que eu quase podia vê-la das minhas janelas, antes de mais nada fui lá e tive a sorte de poder alugar o segundo andar para meu tio, o sr. P rovis. Em seguida, fui de loja em loja, comprando os apetrechos que eram necessários para mudar a aparência dele. Feito isso, dirigi-me, por conta

própria, a Little Britain. O sr. Jaggars estava sentado à sua mesa, mas ao me ver entrar levantou-se imediatamente e postou-se diante da lareira.

“Bem , Pip”, disse ele, “tenha cuidado.”

“Certamente”, respondi. Pois eu havia pensado no que lhe dizer ao ir para lá. “Não se comprometa”, disse ele, “e não comprometa ninguém . Entendeu?”

Ninguém . Não me diga nada: não quero saber de nada; não sou curioso.” Estava claro que ele sabia que o homem havia chegado.

“Eu só queria, senhor Jaggars”, disse eu, “certificar-me de que é verdade o que me foi dito. Não tenho esperança de que seja mentira, mas posso pelo menos me certificar.”

O sr. Jaggars assentiu com a cabeça. “Mas você disse ‘o que me foi dito’ ou

‘o que me foi informado?’”, ele me perguntou, inclinando a cabeça para o lado e sem olhar para mim, e sim, com ar de quem estava escutando, para o chão. “O que me foi dito’ parece implicar comunicação oral. É impossível comunicar-se oralmente com um homem que está em Nova Gales do Sul, você sabe.”

“Direi então ‘informado’, senhor Juggers.” “Bom.”

“Fui informado, por um homem chamado Abel Magwitch, que ele é o benfeitor cuja identidade desconheço há tanto tempo.”

“O homem é esse mesmo”, disse o sr. Juggers, “lá de Nova Gales do Sul.” “Somente ele?”, perguntei.

“Somente ele”, respondeu o sr. Juggers.

“Não sou insensato a ponto de julgar que o senhor é de algum modo responsável pelos meus equívocos e pelas conclusões erradas que tirei, mas sempre imaginei que fosse a senhora Havisham.”

“Com o mesmo disse, Pip”, respondeu o sr. Juggers, encarando-me com frieza, e movendo o indicador, “não sou de modo algum responsável por isso.”

“E, no entanto, parecia muito que fosse”, implorei, com o coração nas mãos. “Não havia nenhum indício concreto, Pip”, disse o sr. Juggers, sacudindo a cabeça e juntando as abas da casaca. “Jamais se guie pelas aparências; sempre

se funde em dados concretos. Não há regra melhor do que essa.”

“Não tenho mais nada a dizer”, prossegui, com um suspiro, depois de permanecer em silêncio por algum tempo. “Certifiquei-me do que me foi informado, e ponto final.”

“E agora que Magwitch — em Nova Gales do Sul — por fim se revelou”, disse o sr. Jagers, “você compreenderá, Pip, que durante todo esse tempo, em minhas comunicações com você, sempre me ative estritamente aos fatos. Jamais me afastei, por um milímetro que fosse, dos fatos. Você tem consciência disso?”

“Tenho, sim, senhor.”

“Comuniquei a Magwitch — em Nova Gales do Sul — quando ele me escreveu pela primeira vez — de Nova Gales do Sul — a ressalva de que ele não deveria esperar de mim que eu jamais me afastasse dos fatos. Também fiz outra ressalva. Ele pareceu dar a entender vagamente sua intenção de algum dia vir visitá-lo aqui na Inglaterra. Deixei claro que não queria mais ouvir falar de tal coisa; que não era nem um pouco provável que ele conseguisse obter um perdão;

que ele haveria de ficar no degredo todo o resto de sua vida; e que se ele voltasse a este país, estaria cometendo um crime, o que o deixaria exposto à pena mais extrema. Fiz esse alerta a Magwitch”, disse o sr. Jagers olhando para mim fixamente;

“escrevi para Nova Gales do Sul. Ele certamente terá seguido minha orientação.”

“Certamente”, concordei.

“Fui informado por Wemmick”, prosseguiu o sr. Jiggers, ainda olhando fixamente para mim, “de que ele recebeu uma carta, enviada de Portsmouth, por um colono chamado Purvis, ou...”

“Ou Purvis”, sugeri.

“Ou Purvis — obrigado, Pip. Talvez seja mesmo o Purvis? Talvez você saiba que é Purvis?”

“Isso mesmo”, respondi.

“Você sabe que é Purvis. Uma carta, enviada de Portsmouth, por um colono chamado Purvis, pedindo o seu endereço, a mando de Magwitch. Wemmick mandou-lhe a informação pedida, pelo que sei, via correio. Provavelmente foi através do Purvis que você recebeu a explicação de Magwitch — de Nova Gales do Sul?”

“Foi através do Purvis, sim”, respondi.

“Até logo, Pip”, disse o sr. Jiggers, estendendo a mão; “foi um prazer vê-lo. Quando escrever para o Magwitch — em Nova Gales do Sul — ou o Purvis, tenha a bondade de lhe dizer que os detalhes e os documentos serão enviados, juntamente com o saldo, pois ainda resta um saldo. Até logo, Pip!”

Trocaram os um aperto de mãos, e ele ficou a olhar-me e fixaram entre si até me perder de vista. Virei-me e para trás ao chegar à porta, e ele continuava-me olhando fixamente, enquanto as duas máscaras horrendas na prateleira pareciam estar tentando levantar as pálpebras e arrancar de suas gargantas inchadas: “Ah, mas que homem, esse!”.

Wem me tinha saído, e me esqueci o que estivesse sentado a sua mesa não poderia ter feito nada por mim. Voltei direto para o Templo, onde encontrei o terrível Parris bebendo grogue e fumando cabeça de negro, tranquilo.

No dia seguinte, todas as roupas que eu me andara fazer foram entregues, e ele experimentou-as. Cada peça que vestia (era essa a minha impressão desanimadora) assentava-lhe menos do que a anterior. Tinha eu a impressão de que alguma coisa nele frustrava qualquer tentativa de disfarçá-lo. Quanto mais eu o vestia, mais ele parecia aquele fugitivo trôpego no charco. Esse efeito sobre minha mente fantasiosa e ansiosa era em parte causado, sem dúvida, pelo fato de que seu rosto e seu jeito estavam se tornando familiares para mim; creio, porém, que além disso ele arrastava uma das pernas com o se ainda tivesse um grilhão preso a ela, e dos pés à cabeça ele era essencialmente um forçado.

Ademais, ele ainda conservava sinais da vida solitária que levava naquela cabana, e isso lhe em prestava um ar selvagem que roupa

algun a seria capaz de dom esticar; ostentava tam bém os sinais de hom em m arcado, egresso da vida que levara posteriorm ente; e coroando tudo isso, havia sua consciência de que estava fugindo e se escondendo ainda agora. Em todas as suas posturas, sentado e em

pé, com endo e bebendo — andando de um lado para outro a cismar, de um j eito relutante, com os om bros em pertigados — tirando do bolso seu enorm e canivete de cabo de chifre, limpando a lâmina na perna e cortando a carne — levando aos lábios copos e xícaras leves com o se fossem canecos grosseiros — cortando um a fatia de pão e pegando com ela os últim os restos do m olho, dando voltas e m ais voltas no prato, com o se para aproveitar ao m áxim o sua ração, e depois limpando nela as pontas dos dedos e por fim com endo-a — nesses gestos, e num a infinidade de outros exem plos sem nom e a cada m inuto do dia, lá estava o prisioneiro, o crim inoso, o forçado, plenam ente visível para qualquer um .

Fora sua a ideia de em poar o cabelo, e eu aceitei-a depois de dissuadi-lo de usar culotes. P orém o efeito do polvilho nele só pode ser com parado, a m eu ver, ao efeito provável do ruge no rosto de um defunto; era terrível com o tudo aquilo que nele se queria ocultar irrom pia através daquela fina cam ada de fingim ento, e parecia explodir no seu cocuruto. Abandonam os o polvilho após a prim eira tentativa, e ele passou a usar o cabelo grisalho cortado curto.

Não há palavras que possam exprimir a consciência que eu tinha, na época, do terrível mistério que ele representava para mim. Quando adormecia à noite, as mãos nodosas agarradas aos braços da espreguiçadeira, a cabeça calva tatuada com sulcos profundos caída sobre o peito, eu ficava a olhar para ele, perguntando a mim mesmo o que ele teria feito, e atribuindo-lhe todos os

crimes do Calendar,⁴ até ser dominado por um poderoso impulso que me fazia levantar de repente e fugir dele. A cada hora aumentava o horror que ele me inspirava, tal modo que eu teria cedido a esse impulso assim que ele se manifestou, apesar de tudo que aquele homem fizera por mim, e dos riscos que correria, não fosse a consciência de que Herbert em breve estaria de volta. De certa feita cheguei mesmo a levantar-me no meio da noite e comêçar a vestir as piores roupas que tinha, com a intenção de fugir às pressas, deixando para ele todas as minhas outras posses, e alistar-me com o soldado raso para ir servir na Índia.

Creio que nem mesmo um fantasma me teria apavorado mais, sozinho naqueles aposentos, durante as noites intermináveis, com a chuva e o vento incessantes. Um fantasma não poderia ser preso e enforcado por minha culpa, e a consciência de que isso poderia acontecer com ele, e o pavor de que tal acontecesse aumentavam ainda mais o horror que eu sentia. Quando ele não estava dormindo, nem jogando uma forma complicada de

paciência com seu baralho de cartas gastas — um jogo que nunca vi antes nem depois, e no qual ele registrava os pontos que acumulava cravando o canivete na mesa — quando não estava fazendo nem uma coisa nem outra, pedia-me que lesse para ele: “Em língua de estrangeira, meu menino querido!”. Eu obedecia, e ele, sem entender palavra da minha leitura, ficava parado diante da lareira contemplando-me com ares de exibidor, e eu o via, por entre os dedos da mão com a qual eu cobria meu rosto, gesticulando para a mãe, e pedindo-lhe que atentasse para minha proficiência. O estudante imaginário perseguido pela criatura disforme por ele criada, do modo mais ímpio, não poderia ser mais desgraçado do que eu, perseguido pela criatura que me criara, e dela fugindo com uma repulsa que se tornava cada vez mais forte quanto mais ele me admirava e afeiçoava-se a mim.

Ao relatar esses fatos, percebo que dou a impressão de que tudo durou um ano. Durou cerca de cinco dias. Sem nenhuma expectativa da chegada de Herbert, eu não ousava sair de casa, senão após o pôr do sol, quando levava Provvis para tomar um pouco de ar. Até que uma noite, finalmente, depois do jantar, quando eu havia começado a cochilar, exausto — pois minhas noites eram agitadas, e meu descanso era interrompido por sonhos terríveis — fui despertado pelo som alvissareiro de passos na escada. Provvis, que também estava dormindo, levantou-se trôpego de sono com o

barulho que eu fizera, e no instante seguinte vi seu canivete brilhando em sua mão.

“Silêncio! É o Herbert!”, disse eu; e Herbert entrou efusivamente, o frescor de mil quilômetros de França no rosto.

“Handel, meu caro, com o vais, e com o vais, e com o vais? Parece que estive fora por um ano! E deve ter sido isso mesmo, pois estás tão magro e pálido! Handel, meu... Eh! Perdão.”

Interrompeu sua fala e o gesto de apertar minha mão quando viu P rovis. Este, encarando-o com atenção, estava guardando lentamente o canivete, enquanto procurava em outro bolso alguma outra coisa.

“Herbert, meu amigo”, disse eu, fechando as portas duplas, enquanto Herbert me olhava sem entender, “uma coisa muito estranha aconteceu. Este aqui um é... uma visita minha.”

“Tudo bem, meu querido menino!”, disse P rovis, aproximando-se com seu livrinho de capa preta e dirigindo-se a Herbert: “Segure na sua mão direita. Que Deus o mate na mesma hora se você fizer alguma traição! Beije!”

“Faze o que ele pede”, disse eu a Herbert. E assim, Herbert, voltando para mim um olhar amistosíssimo cheio de preocupação e espanto, obedeceu, e P rovis, imediatamente apertando sua mão, disse: “Agora você jurou. E não acredite no meu juramento se P ip não fizer de você um cavalheiro de verdade!”

CAPÍTULO XL

Seria inútil tentar descrever o espanto e a inquietude de Herbert, quando eu, ele e P rovis nos sentam os diante da lareira e revelei-lhe todo o segredo. Basta dizer que vi m eus próprios sentimentos refletidos no rosto de Herbert, e dentre eles, em particular, a repugnância que m e inspirava o homem em que tanto fizera por m im .

O que por si só teria estabelecido uma divisão entre aquele homem e nós, se não houvesse nenhuma outra circunstância a nos separar, era a sensação de triunfo que lhe inspirava m eu relato. Fora o desconforto que m anifestou por ter sido “vulgar” numa ocasião após sua volta — o qual passou a com unicar a Herbert tão logo concluí m inha revelação — ele não via nenhum m otivo para que eu m e queixasse de m inha boa sorte. Quando se vangloriava de ter feito um cavalheiro de m im , e de ter vindo para m e ver representar esse papel graças a sua prosperidade, vangloriava-se por m im tanto quanto por si próprio; e que tal circunstância era m uito agradável para nós dois, e m otivo de grande orgulho para am bos, era uma conclusão firme em ente estabelecida em sua m ente.

“Se bem que, olhe aqui, cam arada do P ip”, disse ele a Herbert, depois de ter discorrido por algum tempo, “sei m uito bem que um

a vez, depois que eu voltei — por meio inuito — eu fui vulgar. Eu falei pro Pip: eu sei que fui vulgar. Mas não se preocupa com isso, não. Se eu fiz do Pip um cavalheiro, e se ele vai fazer um cavalheiro d'ocê, eu sei muito bem que 'ocês dois merecem respeito. Meu querido menino, e com a ajuda de Pip, 'ocês dois podem contar comigo, que eu vou sempre usar uma mordaza de educação. Use a mordaza desde aquele meio inuito em que recaí na mesquinhez, e estou com ela agora, e assim hei de ficar daqui pra frente.”

Disse Herbert: “Certamente”, mas a expressão em seu rosto dava a entender que para ele aquilo não representava nenhum consolo, e ele permaneceu perplexo e desanimado. Estávamos os dois ansiosos para que aquele homem fosse logo para seus aposentos e nos deixasse juntos, mas ele, sem dúvida por estar enciumado, não queria nos deixar a sós, e ficou conosco até tarde. Já era meia-noite quando fui levá-lo até a Essex-street e o deixei em segurança diante de sua porta às escuras. Quando a porta se fechou, vivi meu primeiro momento de alívio desde a noite em que ele chegara.

Nunca inteiramente livre da lembrança inquietante do homem na escada, eu sempre olhava a minha volta quando levava meu hóspede para passear após o pôr do sol, e quando o trazia de volta; e foi o que fiz agora. Por mais difícil que seja evitar, numa cidade grande, a suspeita de que se está sendo observado

quando a mente tem consciência de tal perigo, eu não conseguia convencer a mim mesmo o que houvesse alguém entre as pessoas a minha volta interessado em meus movimentos. As poucas pessoas que passavam seguiam cada um a seu próprio caminho, e a rua estava vazia quando cheguei de volta ao Templo. Ninguém saíra pelo portão conosco, ninguém entrou pelo portão comigo. Quando passei pela fonte, vi as janelas dos fundos dos aposentos dele, iluminadas e silenciosas, e quando parei por alguns instantes à porta do prédio onde eu morava, antes de subir a escada, o Garden-court continuava tão silencioso e vazio quanto a escada, quando comecei a subi-la.

Herbert recebeu-me de braços abertos, e eu já mais sentira antes, com tanta força, a felicidade que é ter um amigo. Depois que ele me dirigiu algumas palavras sensatas de solidariedade e estímulo, sentamos-nos para examinar a questão: o que fazer?

Com a cadeira que fora ocupada por Parris ainda permanecia no mesmo lugar de antes — pois ele tinha o hábito, característico de quem já viveu em uma cabana, de se estabelecer num lugar e lá permanecer inquieto, às voltas com seu cachimbo, seu fumo, seu canivete, seu baralho e não sei o que mais, com o se todas essas atividades lhe estivessem prescritas numa lousa — com a sua cadeira, dizia eu, permanecia no lugar de antes, Herbert sentou-se nela sem se dar conta do que fazia, mas logo em seguida levantou-se de súbito, empurrou-a para o lado e instalou-se noutra. Depois

disso, não teve oportunidade de dizer que sentia uma aversão por mim e meu protetor, nem eu tive ocasião de confessar idêntico sentimento. Trocamos essa confiança sem pronunciar uma única sílaba.

“Mas”, disse eu a Herbert, depois que ele se sentou em outra cadeira, “o que se há de fazer?”

“Meu pobre e caro Handel”, respondeu ele, segurando a cabeça, “estou aturdido demais para pensar.”

“Era assim que eu estava, Herbert, ao primeiro impacto do golpe. Mesmo assim, alguma coisa tem de ser feita. Ele está decidido a fazer mais despesas — cavalos, carruagens, luxos de toda espécie. É preciso impedir-lo de alguma modo.”

“Queres dizer que não podes aceitar...?”

“E com o que eu poderia fazê-lo?”, interrompeu, quando Herbert fez uma pausa. “Pensa só nele! Olha só para ele!”

Um arrepiamento involuntário se apossou de nós dois.

“No entanto, infelizmente, creio que a terrível verdade, Herbert, é que ele é apegado a mim, fortemente apegado a mim. Onde já se viu destino semelhante!”

“Meu pobre e caro Handel”, repetiu Herbert.

“Além disso”, prossegui, “pensando bem, mesmo se eu parasse por aqui, e nunca mais aceitasse um tostão dele, pense só no quanto já lhe devo! E mais: estou muito endividado — muitíssimo

o para um a pessoa com o eu, que agora não tem mais esperanças — e que não aprendeu nenhum ofício, e não presta para coisa algum a.”

“Ora, ora, ora!”, ralhou Herbert. “Não me digas que não prestas para coisa algum a!”

“Então para que é que eu presto? Só sei de um a coisa que posso fazer: sentar

praça. E se ainda não fiz isso, meu caro Herbert, é só porque ainda me restava a possibilidade de recorrer a teus conselhos, tua amizade e teu afeto.”

É claro que, neste momento, meus olhos encheram-se de lágrimas; e é claro que Herbert, ao não ser por apertar minha mão calorosamente, fez de conta que não o percebeu.

“Seja como for, meu caro Handel”, disse ele, após uma pausa, “virar soldado não resolve nada. Se renunciasses à proteção e aos favores dele, creio que o farias na vaga esperança de um dia poderes pagar o que já deves. Tal esperança seria mesmo muito vaga se virasses soldado! Além disso, é absurdo. Ficarias bem melhor na firma de Clarriker, ainda que ela seja pequena. Estou trabalhando para me tornar sócio, bem o sabes.”

Pobre rapaz! Mal sabia ele com que dinheiro o fazia.

“Mas há outra questão”, disse Herbert. “Esse homem é um ignorante determinado, que há muito tempo tem uma ideia fixa. Mais do que isso, ele me parece (mas posso estar julgando-o mal) um homem desesperado e feroz.”

“É mesmo, disso eu não tenho dúvida”, concordei. “Vou te dizer as provas que tenho.” E relatei-lhe o que não havia mencionado na minha narrativa: aquele encontro com o outro forçado.

“Vê, então”, disse Herbert; “pensa só! Ele vem aqui correndo risco de vida, para realizar sua ideia fixa. No momento em que a realiza, depois de tanto esforço e tanta espera, tu puxas o tapete debaixo dos pés dele, destróis sua ideia e fazes com que suas realizações não tenham nenhum valor para ele. Não imaginas o que ele pode fazer, sob o impacto dessa decepção?”

“Imagino, sim, Herbert, e desde a noite fatal em que ele chegou tenho sonhado com isso. Não há nada que tenha ocupado meus pensamentos tanto quanto a ideia de ele se deixar prender.”

“Então podes ter certeza”, disse Herbert, “que o risco de que ele faça isso é muito grande. Esse é o poder que ele tem sobre ti enquanto permanecer na Inglaterra, e seria essa a imprudência que ele cometeria se tu o desiludisses.”

Tam anho foi o horror que me causou essa possibilidade, a qual me onerava desde o início, e que me faria ver a mim mesmo, de algum modo, com o culpado de sua morte, que não consegui ficar

sentado na minha cadeira, porém pus-me a andar de um lado para o outro. Nesse ínterim, disse a Herbert que, mesmo se P rovis fosse reconhecido e preso involuntariamente, eu mesmo sentiria muito infeliz por ter sido a causa de seu infortúnio, por mais inocente que fosse. Sim; muito embora eu mesmo sentisse tão infeliz por estar ele à solta e perto de mim, e muito embora eu preferisse mil vezes passar o resto de meus dias trabalhando na ferraria a viver tal situação!

Mas não havia com o escapar da pergunta: o que fazer?

“A primeira coisa a fazer, e a mais importante”, disse Herbert, “é tirá-lo da

Inglaterra. Terás que ir com ele, e assim será possível fazê-lo ir.”

“Mas ainda que eu consiga fazê-lo ir, eu poderia simplesmente pedi-lo de voltar?”

“Meu bom Handel, então não está claro que, com Newgate logo ali na esquina, é muito mais perigoso abrir-se com ele, e desse modo fazê-lo agir de modo estouvado, aqui do que em qualquer outro lugar? Se fosse possível utilizar

com o pretexto para tirá-lo da Inglaterra o outro forçado, ou outra coisa qualquer de sua vida...”

“Aí está!”, exclamei eu, detendo-me diante de Herbert com as mãos espalmadas, como se elas contivessem todo o desespero

da situação. “Não sei nada sobre a vida dele. Quase enlouqueci ao passar a noite aqui vendo-o à minha frente, tão envolvido com a minha sorte e a minha desgraça, e ao mesmo tempo nada saber sobre ele, a não ser que foi ele o miserável que me apavorou durante dois dias de minha infância!”

Herbert levantou-se, tomou-me o braço, e lentamente ficaram os dois a andar juntos de um lado para o outro, contemplando o tapete.

“Handel”, disse Herbert, parando, “tens certeza de que não podes mais aceitar nada das mãos dele, não tens?”

“Absoluta. Certamente tu também terias, se estivesses em meu lugar.” “E tens certeza de que precisas romper com ele?”

“Herbert, como podes perguntar uma coisa dessas?”

“E tu tens, e tens de ter, a consideração pela vida que ele arriscou por ti, e sentes que tens de impedir-lo, se possível, de jogar fora essa vida. Nesse caso, é preciso tirá-lo da Inglaterra antes de tomar qualquer iniciativa no sentido de desligar-te dele. Feito isso, desliga-te dele, pelo amor de Deus, que depois nós damos um jeito juntos, meu querido amigo.”

Foi um conforto para mim trocar um aperto de mãos com ele depois disso, e voltar a andar de um lado para o outro, tendo feito apenas isso.

“Bem , Herbert”, disse eu, “quanto a obter algum a inform ação sobre a vida dele, só sei de um a m aneira de fazê-lo. O j eito é lhe perguntar, à queim a-roupa.” “Isso m esm o. P ergunta a ele”, disse Herbert, “no desj ej um , am anhã de m anhã.” P ois ele dissera, ao despedir-se de Herbert, que viria fazer o desj ej um conosco.

Tendo tom ado essa decisão, fom os nos deitar. Tive os sonhos m ais delirantes a respeito do hom em , e despertei nem um pouco descansado; além disso, quando acordei voltou a apossar-se de m im o m edo que eu havia perdido durante a noite, de que viesse à tona que ele era um degredado que voltara ilegalm ente à Inglaterra. Um a vez desperto, esse m edo não m e dava trégua.

Ele chegou na hora com binada, tirou do bolso o canivete e sentou-se para com er. Estava cheio de planos para que seu cavalheiro se m ostrasse a todos com o o cavalheiro que era, e insistiu para que eu com eçasse logo a gastar o dinheiro contido na carteira que ele deixara com igo. Considerava m eus aposentos e os dele com o residências tem porárias, e aconselhou-m e a procurar im ediatam ente “um a m aloca elegante” perto do Hy de P ark, onde houvesse um lugar em ele pudesse “tirar um a pestana”. Quando term inou seu desj ej um e se pôs a lim par a lâm ina do canivete na calça, eu lhe disse, sem rodeios:

“Depois que o senhor foi em bora ontem à noite, contei a mim meu amigo que os soldados o encontraram brigando no charco, quando chegaram os. O senhor se lembra?”

“Se me lembra?”, ele retrucou. “E com o!”

“Querem os saber alguma coisa sobre aquele homem — e sobre o senhor. É

estranho não saber nada sobre ele e sobre o senhor, particularmente sobre o

senhor, senão o que fui capaz de contar a mim meu amigo ontem. Esta não seria uma boa ocasião para saber mais?”

“Bem !”, ele exclamou, depois de pensar um pouco. “Você está jurado, não é, camarada do Pip?”

“Certamente”, respondeu Herbert.

“Quanto a tudo que eu disser, você sabe”, ele insistiu. “O juramento se aplica a tudo.”

“Estou ciente disso.”

“E veja bem ! Tudo que eu fiz, eu já paguei por isso, com meu trabalho”, ele voltou a insistir.

“Assim seja.”

Ele pegou o cachimbo preto e ia enchê-lo de fumo cabeça-de-negro quando, contendo o punhado de fumo que tinha na mão

ão, pareceu concluir que aquilo talvez o fizesse perder o fio da meada. Guardou-o no bolso outra vez, enfiou o cachimbo na casa de um botão do casaco, apoiou um a mão espalmada em cada joelho e, depois de voltar um olhar feroz para o fogo por alguns momentos de silêncio, olhou para nós e relatou o que se segue.

CAPÍTULO XLI

“Meu querido menino e camaráda do Pip. Não vou contar minha história com o se fosse um a canção ou um conto de fadas. Mas pra não perder tempo vou dizer tudo de uma a vez só: entrei na prisão e saí da prisão, entrei na prisão e saí da prisão, entrei na prisão e saí da prisão. Pronto, é só isso. A minha vida é quase que só isso, até a hora que me levaram em bora, depois que o Pip se mostrou meu amigo.

“Já fizeram comigo quase tudo nesse mundo — me enos me enforcar. Já fui trancado tantas vezes quanto um bule de chá de prata. Já fui levado de carroça de um lado pro outro, expulso de tudo quanto é cidade, posto no pelourinho, chicoteado, torturado e arrastado. Quanto ao lugar em que eu nasci, sei tanto quanto vocês — ou me enos ainda. A lenda branca mais antiga que eu tenho é eu, em Essex, ganhando a vida roubando nabos. Alguém tinha me abandonado — um homem — um latoeiro — levando o fogo consigo, e me deixando com muito frio.

“Eu sabia que meu nome era Magwitch, e que me batizaram Abel. Com o que eu sabia isso? Mais ou me enos com o eu sabia os nomes dos passarinhos que eu via nas sebes, tentilhão, tordo, pardal. Eu podia muito bem achar que tudo era mentira, mas aí vi que os

nom e dos passarinho eram m esm o aqueles, e daí pensei que o m eu tam bém devia ser esse.

“Desde que m e tenho por gente, todo m undo que viu o pequeno Abel Magwitch, m esm o quando era bem pequeno, ou m orria de m edo dele, ou enxotava ele, ou prendia ele. Me prenderam um a vez, duas vez, três vez, e assim foi que m ais ou m enos cresci preso.

“Foi assim que, quando eu era um a criaturinha esfarrapada de dar dó (não que eu m e visse no espelho, porque quase nunca que eu entrava em casa que tivesse m obília), com eçaram a dizer que eu era incorregível. ‘Esse aí é totalm ente incorregível’, diziam a quem vinha visitar a prisão, apontando pra m im . ‘Esse aí praticam ente m ora na prisão, esse m enino.’ Então olhavam pra

m im , e eu olhava pra eles, e eles m edia m inha cabeça,¹ às vezes — eles devia m as era m edir m eu estôm ago — e tinha uns outro que m e dava uns folheto que eu não sabia ler, e m e fazia discurso que eu não conseguia entender. Eles sem pre falavam no diabo. Mas que diabo eu podia fazer? Eu tinha que pôr algum a coisa no estôm ago, é ou não é? — Mas estou sendo vulgar, e sei que devo respeito a

’ocês. Meu querido m enino e cam arada do P ip, não preocupa, não, que não vou ser vulgar.

“Vagabundeando, mendigando, roubando, trabalhando às vezes quando conseguia — mas isso era raro, o que vocês vai entender se parar para pensar se

vocês iam querer me ensinar a pregar se me visse — fazendo de tudo um pouco, de caçador, operário, carroceiro, ceifeiro, mascate, quase tudo que paga pouco e termina em confusão, me fiz homem. Um soldado desertor num abrigo pra vagabundo, tatuado até o queixo, me ensinou a ler; e um gigante de feira, que ganhava um pêni cada vez que assinava o nome, me ensinou a escrever. Nessa época eu não era preso tantas vezes quanto antes, mas mesmo assim assim gastei muito latão de chave de cadeia.

“Nas corridas de Epson, coisa de mais de vinte anos atrás, conheci um homem que eu rachava a cabeça dele com esse atizador, com o se fosse um a pata de lagosta, se ela estivesse aqui nessa lareira. O nome de verdade dele era Compeyson; e foi com esse homem, meu querido menino, que tu me viste brigando naquela vala, tal qual tu contaste a tua caminhada depois que me despedi ontem à noite.

“Ele se fazia passar por cavalheiro, o tal do Compeyson, e tinha estudado numa escola de gente rica, ele tinha estudo. Sabia falar bem e conhecia as maneiras da gente rica. Era bonito também. Foi na véspera do grande páreo, quando eu encontrei o tipo na charneca, numa taberna que eu conhecia. Ele e mais uns estava sentado numa mesa quando eu entrei, e o taberneiro (que me

conhecia, e que era do mesmo ramo) chamou ele e falou assim :
'Acho que este homem é o que 'ocê quer' — apontando pra mim .

“O Compeyson olha pra mim com muita atenção, e eu pra ele. Ele tem relógio com corrente, anel, alfinete de gravata e roupa bonita.

“A julgar pelas aparências, 'ocê não tem tido sorte', diz ele a mim .

“Sim , senhor, sorte é coisa que nunca tive.” (Eu estava saindo da cadeia de

Kingston por vagabundagem . Podia até ter sido por outra coisa, mas não foi.) “A sorte muda', diz o Compeyson; 'talvez a sua esteja prestes a mudar.' “Aí eu digo: 'Espero que mude mesmo. Está precisando'.

“O que é que 'ocê sabe fazer?' pergunta o Compeyson.

“Comer e beber', eu respondo, 'se o senhor providenciar os materiais.'

“O Compeyson riu, olhou pra mim outra vez com muita atenção, me deu cinco xelins e combinou de encontrar comigo na noite seguinte. No mesmo lugar. “Fui encontrar com o Compeyson na noite seguinte, no mesmo lugar, e ele

me tomou como parceiro. E qual era o negócio dele, que eu seria parceiro? O negócio do Compeyson era fraude, falsificar assinatura, passar nota roubada, e por aí vai. Todo tipo de falcatura

que ele inventava na cabeça dele, só que não sujava as mãos, o lucro ia pro bolso dele e outra pessoa ia pra cadeia — era esse o negócio do Compeyson. O coração dele era mais duro que uma lâmina de ferro, ele era frio que nem a morte, e a cabeça dele era com o a do tal diabo de quem falei ainda há pouco.

“Tinha um outro que trabalhava com o Compeyson, que ele chamava de Arthur — não com o se fosse nome de batismo, e sim sobrenome. Estava mal de saúde, e parecia um fiapo de gente. Ele mais o Compeyson tinha passado a perna numa mulher rica uns anos antes, e ganharam um bom dinheiro; mas o Compeyson apostava e jogava; ele era capaz de perder todo o tesouro da Coroa

na mesa verde. Então o tal do Arthur estava morrendo, e morrendo pobre, com tremedeira de bebida ainda por cima, e a mulher do Compeyson (que vivia apanhando do Compeyson) ajudava o Arthur quando podia, e o Compeyson não tinha pena de ninguém e de nada.

“Só de olhar pro Arthur, eu devia de tomar tenência, mas não; e a verdade é que nessa época eu topava qualquer coisa — e com o é que eu podia ficar escolhendo, meu querido menino e camarada do Pip? E assim comecei a trabalhar com o Compeyson, e virei um joguete na mão dele. O Arthur morava no sótão da casa do Compeyson (que ficava perto de Brentford), e o Compeyson anotava tudo que gastava com ele de casa e com ida, porque se

um dia ele ficasse bom , ele havia de pagar tudo com trabalho. Mas o Arthur em pouco tempo liquidou a conta dele. A segunda ou terceira vez que eu vi o sujeito, ele entrou correndo na sala do Compeyson tarde da noite, só com uma camisa de flanela, o cabelo encharcado de suor, dizendo pra mulher do Compeyson: ‘Sally, ela está mesmo lá em cima junto comigo, agora, e eu não consigo mandá-la em bora. Ela está toda de branco’, diz ele, ‘com uma fita branca no cabelo, e está uma fera, leva uma manta no braço, e diz que vai me enrolar nela às cinco da manhã.’

“Diz o Compeyson: ‘Seu idiota, não sabe que ela tem corpo? Como é que ela podia estar lá em cima sem ter passado pela porta, ou pela janela, ou pela escada?’

“Não sei como ela chegou lá’, diz o Arthur, estremecendo de delírio, ‘mas o fato é que ela está lá, ao pé da cama, e está uma fera. E ali, onde o coração dela partiu — e foi você que partiu! — tem gotas de sangue.’

“O Compeyson falava duro, mas sem pre foi um covarde. ‘Vai lá em cima com esse doente’, diz ele à mulher, ‘e você, Magwitch, vá ajudar também , por favor.’ Mas ele mesmo é que nunca ia lá.

“Eu e a mulher do Compeyson fomos levar o Arthur pra cama, e ele delirava o tempo todo. ‘Olhem só para ela!’, ele gritava. ‘Ela está sacudindo a manta pra mim ! Vocês não estão vendo? Vejam só os olhos dela! Não é horrível, essa raiva toda?’ Depois ele

gritou: ‘Ela vai pôr a m ortalha em m im , e aí eu vou m orrer! Tira a m ortalha dela, tira a m ortalha dela!’. E ele se agarrou a nós, falando com ela o tem po todo, respondendo a ela, até que no fim eu j á quase achava que estava vendo a tal m ulher tam bém .

“A m ulher do Com pey son, que j á estava acostum ada com ele, deu-lhe um trago pra passar o delírio, e aos poucos ele foi se acalm ando. ‘Ah, ela foi em bora! Será que o guarda veio buscar?’, ele perguntou. ‘Isso m esm o’, respondeu a m ulher do Com pey son. ‘Você disse a ele que a trancasse?’ ‘Disse, sim ’, ela respondeu. ‘E que tirasse aquela coisa horrível dela?’ ‘Disse, sim ,’ ela respondeu. ‘Você é um a pessoa boa’, ele disse, ‘por favor não m e abandone, aconteça o que acontecer, e m uito obrigado!’

“Ele descansou até quase as cinco da m anhã, e então acordou de repente gritando, gritando: ‘Ela está aí! Ela voltou com a m ortalha. Está desdobrando a m ortalha. Está vindo do canto do quarto. Está chegando perto da cam a. Me segurem , ’ocês dois — um de cada lado — não deixem ela encostar essa coisa em m im . Ah! ela não conseguiu dessa vez. Não deixem ela j ogar a coisa em cim a de m im . Ela está m e levantando. Me segurem !’. Então ele se levantou de

repente, e m orreu.

“O Com pey son achou m elhor assim , pra ele e pro próprio Arthur. Logo adespois nós com eçam o a trabalhar, e antes ele m e fez j

urar (ele não era bobo) em cima do meu livrinho — este livrinho preto aqui, meu querido menino, que eu fiz o seu casamento jurar nele.

“Pera não entrar nas coisas que o Compeyson planejou e eu fiz — era assunto pra uma semana — só vou te dizer aqui, meu querido menino, e a você, casamento do Pip, que o homem me endividou tanto que eu acabei virando o preto escravo dele. Eu sempre lhe devia dinheiro, estava sempre nas mãos dele, sempre trabalhando, sempre correndo perigo. Ele era mais moço que eu, mas sabia das coisas, tinha estudo, e me punha no bolso com a maior facilidade, e não tinha piedade. Eu e a minha mulher, nós passava... Cala-te, boca! Eu não falei nela...”

Olhou à sua volta, confuso, como se tivesse perdido o lugar em que estava no livro de suas lembranças; e virou o rosto para o fogo, e espalmou as mãos sobre os olhos, e levantou-as e pousou-as de novo.

“Não carece de falar nisso”, disse ele, olhando a seu redor mais uma vez. “O tempo que eu passei com o Compeyson foi quase que o pior de todos; dito isso, não carece de dizer mais nada. Eu contei que fui julgado, sozinho, por contravenção, no tempo em que eu estava com o Compeyson?”

Respondi que não.

“Pois bem!”, exclamou ele, “fui julgado então, e fui julgado culpado. Agora, isso de ser preso por suspeita, foi duas ou três vezes nos quatro ou cinco anos que a coisa durou; mas não tinha prova, não. Por fim, prenderam eu e o Compeyson, pelo crime de pôr em circulação nota roubada — e teve outras acusações também. Aí o Compeyson disse pra mim: ‘Defesas separadas, sem comunicação’ — e foi só. E eu estava tão na miséria que vendi todas as roupas que eu tinha, menos a que eu estava vestindo, antes de procurar o Jagers.

“Quando me puseram no banco dos réus, a primeira coisa que eu reparei era com o que o Compeyson parecia um cavalheiro, com aquele cabelo cacheado, aquela roupa preta, e aquele lenço branco no bolso, e com o eu parecia um vagabundo miserável. Quando a acusação começou a mostrar as provas, reparei que tudo apontava pra mim, e quase nada pra ele. Quando começaram os depoimentos, reparei que era sempre eu que me apresentava à vítima, sempre eu que fechava o negócio, sempre eu que recebia o pagamento, sempre eu que parecia fazer tudo e ficar com o lucro. Mas aí, quando entrou o advogado de defesa, aí eu entendi bem a trapaça; porque então o defensor do Compeyson disse: ‘Meritíssimos cavalheiros, aqui tens a vossa frente dois homens que podes ver bem separados; um deles, o mais jovem, que teve boa criação e que assim será referido; o outro, o mais velho, que teve má criação e que assim será referido; um, o m

o mais jovem, raramente visto aqui nestas transações, e apenas com o suspeito; o outro, o mais velho, sempre visto nelas e sempre julgado culpado. Pode haver dúvida que, se só um deles está envolvido, só pode ser um, e que se estão os dois envolvidos, só um pode ser de longe o pior?'. E por aí fora. E quanto ao caráter, não era o Com pey son que tinha estudado em escola, e que tinha colega ocupando cargo aqui e ali, e não era ele que tinha sido visto pelas

testemunhas nesse clube e naquela sociedade, e nunca fazendo nada de errado? E não era eu que já tinha sido julgado, e era muito bem conhecido em tudo que era prisão e xilindró? E em matéria de fazer discurso, não era o Com pey son que sabia falar com eles, escondendo o rosto naquele lenço branco de vez em quando

— ah! e recitando verso também no meio da fala dele — e não era eu que só sabia dizer: 'Senhores, este homem ao meu lado é um pulha descarado'? E quando saiu o veredicto, não é que o Com pey son pegou uma recomendação de piedade por ter bom caráter e mãos com panhais, desde que ele desse tudo que era informação contra mim, enquanto que eu só ganhei uma palavra — 'culpado'? E quando eu falei pro Com pey son: 'Quando sair deste tribunal, hei de te quebrar a cara', não é que o Com pey son pede ao juiz pra ser protegido, e aí dois carcereiros ficam entre eu e ele? E quando sai a sentença, não é que ele pega sete anos e eu catorze, e o juiz fica com pena dele, porque ele tinha tudo pra se dar bem, e diz que eu

sou um criminoso invertido, dominado por paixões violentas, que ainda vai acabar fazendo coisas mais piores?”

Ele estava agora muito excitado, porém se conteve, respirou fundo duas ou três vezes, engoliu duas ou três vezes, e estendendo a mão em minha direção disse, com o seu braço para mim e tranquilizar: “Não vou ser vulgar, não, meu querido menino!”.

Ele estava de tal modo acalorado que tirou o lenço e enxugou o rosto, a cabeça, o pescoço e as mãos, antes de poder continuar.

“Eu tinha dito pro Comandante que ia quebrar a cara dele, e jurei que faria isso, senão que o Senhor quebrasse a minha! Nós fomos os primeiros no navio-prisão, mas eu nunca conseguia ficar perto dele muito tempo, se bem que eu tentei. Por fim cheguei por trás e bati no rosto dele pra ele virar e eu poder acertar a cara dele em cheio, mas aí me viraram e me pegaram. O calabouço daquele navio não era dos mais fortes, pra alguém que entendia de calabouço e sabia nadar e mergulhar. Fugi pra praia, e estava escondido no meio das sepulturas, invejando os que estavam enterrados dentro delas, já com tudo terminado, quando eu vi o meu menino!”

Olhou-me com um olhar afetuoso que quase voltou a fazer-me sentir aversão por ele, em bora ele tivesse me inspirado muita piedade.

“Através do meu menino, fiquei sabendo que o Compeyson também estava no charco. Juro que sou capaz de acreditar que ele fugiu de mim, para escapar de mim, sem saber que era eu que tinha fugido do navio. Eu fui atrás dele, e quebrei a cara dele. ‘E agora’, disse eu, ‘com a pior coisa que eu posso fazer, e pouco se importa com o que acontecer comigo, vou te levar de volta para lá.’ Era o que eu ia fazer mesmo, nadar até o navio puxando ele pelos cabelos, se os soldados não me pegam.

“É claro que ele levou a melhor até o fim — porque o caráter dele era tão bom. Ele tinha fugido quando estava quase maluco de tanto medo que tinha de mim e da minha tenção de matar ele; e pegou um castigo leve. Eu fui posto a ferro, levado a julgamento outra vez, e peguei a pena de degredo perpétuo. Só que não esperei até o fim, meu querido menino e camarada de Pip, e vim para cá.”

Ele enxugou-se outra vez, tal como antes, e em seguida lentamente tirou um

punhado de fumo do bolso, e pegou o cachimbo que estava preso na casa do botão, lentamente encheu-o e comêçou a fumar.

“Ele morreu?”, perguntei, após uma pausa. “Ele quem, meu menino querido?”

“O Compeyson.”

“Se estiver vivo, aposto que está rezando para que eu não esteja”, com um

olhar feroz. “Nunca mais ouvi falar dele.”

Herbert estava escrevendo com o lápis na capa de um livro. Discretamente, empurrou o livro em minha direção, enquanto Proulx, em pé, ficou ali olhando para o fogo, e eu li estas palavras:

O nome do jovem Havisham era Arthur. Com certeza é o homem em quem se fez de apaixonado pela sra. Havisham .

Fechei o livro, fiz um discreto sinal de cabeça para Herbert, e pus o livro sobre a mesa; mas nem eu nem ele disseram uma palavra, e ficamos ali olhando para Proulx, que ficou ali junto à lareira.

CAPÍTULO XLII

Que adiantaria fazer uma pausa para me perguntar até que ponto a repulsa que me inspirava P rovis teria origem em Estella? Que adiantaria retardar minha caminhada, a fim de com o estado mental em que eu tentara me livrar do estigma da prisão, antes de me encontrar com ela no escritório da diligência, com o estado mental em que, agora, eu refletia sobre o abismo que havia entre a bela e orgulhosa Estella e o forçado repatriado que eu abrigava? Minha caminhada não seria facilitada por isso, o fim da caminhada não melhoraria em nada, P rovis não ganharia nada, nem seria eu escusado.

Um novo medo se formara em meu espírito por efeito da narrativa de P rovis; melhor dizendo, sua narrativa dera uma forma e um sentido ao medo que já estava lá. Se Compeyson estivesse vivo e descobrisse que P rovis voltara, não havia dúvida sobre quais seriam as consequências. Que Compeyson morria de medo dele, nenhum dos dois sabia melhor do que eu; e que um homem como Compeyson, tal como ele me fora descrito, hesitaria em livrar-se de uma vez por todas de um inimigo temível pelo simples recurso de se tornar um delator, seria simplesmente impensável.

Eu já me dissera nada, e já me viria a dizer nada — foi essa a decisão que tomei — a respeito de Estella e P rovis. Porém ,

observei a Herbert que só poderia ir para o estrangeiro depois de ir ter com Estella e a sra. Havisham . Tivemos essa conversa quando ficamos a sós na noite do dia em que P rovis nos contou sua história. Resolvi ir a Richmond no dia seguinte, e fui.

Quando me apresentei na casa da sra. Brandley, a empregada de Estella foi chamada e me disse que Estella tinha ido para o interior. Para onde? Para a Casa Satis, com o sempre. Não com o sempre, respondi, pois ela já antes tinha ido lá antes sem mim ; quando ficara de voltar? A empregada assumiu um ar de reserva ao responder, o que aumentou minha perplexidade; e a resposta que me deu foi que achava que Estella só voltaria por pouco tempo. Essa resposta me deixou no escuro; a única coisa que entendi era que o objetivo era mesmo o deixar-me no escuro, e assim voltei para casa de todo desconcertado.

Outra conversa noturna com Herbert depois que P rovis foi para sua casa (eu sempre o levava lá, e sempre ficava a olhar com cuidado à minha volta) nos levou à conclusão de que eu não devia dizer nada a respeito da viagem ao estrangeiro enquanto não voltasse da casa da sra. Havisham . Nesse ínterim , Herbert e eu iríamos pensar cada um por sua conta o que seria a melhor coisa a dizer; se seria melhor fingirmos que estávamos com medo de que ele estivesse

sendo observado por alguma pessoa suspeita, ou se eu, que nunca tinha saído do país, deveria propor uma viagem . Nós dois sabíamos

os que ele aceitaria qualquer coisa que eu propusesse. Concordam os que seria impensável ele permanecer por muito tempo na situação perigosa em que se encontrava.

No dia seguinte, com toda a baixeza de dizer que havia prometido visitar Joe; em relação a Joe e a seu nome, porém, eu era capaz de quase qualquer baixeza. Provavelmente teria de ser muito cuidadoso durante minha ausência, e Herbert ficaria encarregado de cuidar dele tal como eu estava cuidando. Minha ausência seria por uma noite apenas, e ao voltar comeria a satisfazer seu desejo ansioso de que eu começasse a levar uma vida de cavalheiro em escala mais grandiosa. Ocorreu-me então — e, como fiquei sabendo depois, ocorreu também a Herbert

— que este seria o melhor pretexto para fazê-lo atravessar o canal da Mancha:

uma viagem para fazer compras, ou coisa parecida.

Tendo desse modo preparado o caminho para a minha ida à casa da sra. Havisham, parti na primeira diligência da manhã, quando ainda estava escuro, e eu já me encontrava em campo aberto quando o dia foi nascendo aos poucos, hesitante, gemendo e estremecendo, envolto em retalhos de nuvem e farrapos de névoa, com um maldito endigo. Quando chegamos ao Javali Azul, depois de viajar algum tempo debaixo de garoa, quem eu vejo saindo pelo

portão, com um palito na mão, e olhando para a diligência, senão Bentley Drum me le!

Com o ele fingiu não me ver, tam bém fingi que não o via. O fingimento era muito pouco convincente das duas partes; menos ainda porque nós dois entramos no salão de chá, onde ele havia acabado de fazer seu desjejum e eu pedi que trouxessem o meu. Para mim, sua presença na aldeia era venenosa, porque eu sabia muito bem o que o levaria lá.

Fingindo que lia um jornal sujeito de muitos dias atrás, que em matéria de notícias locais não tinha nada que fosse mais legível que as manchas de café, pickles, olho de peixe e de carne, manteiga derretida e vinho, manchas que salpicavam toda a superfície do papel, como se o jornal tivesse contraído uma variedade altamente irregular de sarampo, instalei-me numa mesa enquanto ele permanecia de pé junto à lareira. Pouco a pouco foi se tornando insuportável para mim vê-lo diante da lareira, e levantei-me, decidido a aproveitar o fogo tam bém. Fui obrigado a pôr a mão atrás de suas pernas para pegar o atizador quando me aproximei da lareira para avivar o fogo, mas continuei fingindo que não o reconhecia.

“Está me ignorando?”, disse o sr. Drum me le.

“Ah!”, exclam ei, com o atizador na mão; “é o senhor? Com o tempo passado? Eu estava me perguntando quem estaria bloqueando a lareira.”

Tendo dito isso, pus-me a atizar o fogo com muita energia, e depois me plantei ao lado do sr. Drummele, com os ombros eretos e de costas para o fogo.

“O senhor acaba de chegar?”, perguntou o sr. Drummele, em purrando-me um pouco com o ombro.

“Sim”, respondi, em purrando-o um pouco com o ombro.

“Lugar horrível”, comentou Drummele. “O senhor é desta região, não é?” “Sou”, respondi. “Segundo me dizem, é muito parecida com a sua terra,

Shropshire.”¹

“Nem um pouco parecida”, retrucou Drummele.

Nesse ponto o sr. Drummele olhou para suas botas, e eu olhei para as minhas, e então o sr. Drummele olhou para as minhas botas, e eu olhei para as dele.

“Está aqui há muito tempo?”, perguntei, decidido a não lhe ceder um centímetro do fogo.

“Tempo suficiente para já estar cansado do lugar”, respondeu Drummele, fingindo bocejar, porém igualmente decidido.

“Vai ficar aqui muito tempo?”

“Não sei”, respondeu Drum m le. “E o senhor?” “Não sei”, respondi.

Senti nesse m om ento, por um frêm ito no sangue, que, se o om bro do sr. Drum m le tivesse ocupado m ais um m ilím etro de espaço, eu o teria jogado pela j anela afora; senti tam bém que, se o m eu om bro tivesse esboçado sem elhante gesto, o sr. Drum m le m e teria em purrado para dentro do reservado m ais próxim o. Ele assobiou um pouco. Fiz o m esm o.

“Muitos charcos na região, não é?”, com entou Drum m le. “É, sim . E daí?”, devolvi.

O sr. Drum m le olhou para m im , olhou para m inhas botas e depois exclam ou: “Ah!”, e riu-se.

“Está se divertindo, senhor Drum m le?”

“Não m uito”, respondeu. “Hoj e vou sair a cavalo. Quero explorar esses charcos para m e distrair. Há um as aldeias perdidas por aí, segundo m e dizem . Um as tabernas curiosas — e ferrarias — coisas assim . Garçom !”

“Sim , senhor.”

“Meu cavalo está pronto?”

“Já está à sua espera à porta.”

“Sei. Escute. A m oça não vai sair a cavalo hoj e; o tem po não está bom .” “Sim , senhor.”

“E não venho almoçar, porque vou almoçar na casa da minha mãe.”

“Sim, senhor.”

Então Drum me olhou para mim de relance, com um ar de triunfo insolente naquele rosto de bochechas caídas que me atingiu no fundo do coração, por mais insosso que ele fosse, e de tal modo me irritou que me senti inclinado a agarrá-lo

e (como fez o ladrão com a velha, segundo o livro)² fazê-lo sentar-se no fogo.

Uma coisa estava clara para nós dois: enquanto não viesse alguém quebrar aquele impasse, nem eu nem ele abririam os olhos do fogo. E assim ficaram os dois em pé, um junto ao outro, ombro a ombro, pé diante de pé, as mãos para trás, sem ceder um centímetro. Via-se o cavalo à porta, na garagem; meu desjejum foi posto sobre a mesa; os restos do desjejum de Drum me foram levados para a cozinha, o garçom me convidou a comer, fiz que sim com a cabeça, e nós dois mantivemos as nossas posições.

“O senhor voltou ao Arvoredo depois daquela reunião?”, indagou Drum me. “Não”, respondi; “a última vez que estive lá me cansei dos Tentilhões.”

“Foi quando tivemos os nossos pontos de vista diferentes?” “Foi”, respondi, muito secamente.

“Ora, ora! Até que não foram muito duros com o senhor”, zombou

Drum m le. “Não devia ter perdido a cabeça.”

“Senhor Drum m le”, retruquei, “não lhe reconheço com petência para dar conselhos sobre esse assunto. Quando perco a cabeça (não que eu adm ito ter pedido a cabeça naquela ocasião), eu não j ogo copos em ninguém .”

“Eu j ogo”, disse Drum m le.

Depois de olhar de relance para ele um a ou duas vezes, num estado de ferocidade crescente, eu disse:

“Senhor Drum m le, não procurei esta conversa, e não a j ulgo agradável.”

“De fato, não é, com certeza”, ele replicou, com arrogância, olhando para m im por cim a do om bro; “eu nem penso nela.”

“Assim sendo”, prossegui, “com sua perm issão, vou sugerir que doravante nos abstenham os de m anter qualquer espécie de com unicação.”

“É tam bém a m inha opinião”, disse Drum m le, “e é o que eu teria sugerido

— ou, o que é m ais provável, teria feito sem nem m esm o sugeri-lo. Mas não perca a cabeça. O senhor j á não perdeu o bastante?”

“O que o senhor quer dizer?”

“Gar-çom !”, disse Drum m le, à guisa de resposta. O garçom apareceu.

“Escute aqui. Você entendeu que a moça não vai andar a cavalo hoje, e que eu vou almoçar na casa da moça?”

“Perfeitamente, sim, senhor.”

Depois que o garçom verificou, com a palma da mão, que meu chá estava rapidamente esfriando, e me dirigiu um olhar de súplica, e saiu em seguida, Drummele, tomando cuidado para não me over o ombro a meu lado, pegou um charuto no bolso e arrancou-lhe a ponta com os dentes, mas não deu nenhum sinal de sair do lugar. Em bora fervendo de raiva, eu sentia que não poderíamos trocar mais nem uma palavra sem que o nome de Estella fosse mencionado, e eu não suportaria ouvi-lo pronunciar esse nome; assim sendo, olhando fixamente para a parede à minha frente, com o se não houvesse ninguém a meu lado, obriguei-me a ficar calado. Não sei dizer quanto tempo poderíamos ter ficado nessa situação ridícula, se não tivessem entrado na sala de chá três prósperos fazendeiros — trazidos pelo garçom, imagino — os quais chegaram desabotoando seus sobretudos e esfregando as mãos, e assim, quando eles se aproximaram da lareira, fomos obrigados a lhes ceder o lugar.

Vi Drummele pela janela, agarrando a crina do cavalo e montando nele com seu modo bruto e desajeitado, e se afastando com um movimento para o lado e para trás. Achei que tinha ido em bora, quando então ele voltou, pedindo para que acendessem o charuto

que tinha na boca, coisa que ele se esquecera de fazer. Um homem com um a roupa coberta de pó apareceu trazendo o que ele queria — eu não sabia dizer de onde o homem surgira, se do pátio da taverna, da rua ou de outro lugar qualquer — e quando Drum me se abaixou da sela e acendeu o charuto, rindo, com um movimento de cabeça em direção à janela da sala de chá, os ombros caídos e os cabelos em desalinho desse homem, que estava de costas para mim, me fizeram pensar em Orlick.

Indignado demais para verificar no momento se era mesmo ele, e para tomar meu desjejum, lavei a poeira da viagem do rosto e das mãos e saí em

direção à velha casa memorável, na qual teria sido muito melhor para mim se eu jamais tivesse posto o pé, muito melhor se eu jamais a tivesse visto.

CAPÍTULO XLIII

No quarto da penteadeira, onde havia velas de cera ardendo em candelabros nas paredes, encontrei a sra. Havisham e Estella; a sra. Havisham estava sentada num sofá perto da lareira, e Estella num almofada a seus pés. Estella fazia tricô, enquanto a outra assistia. As duas levantaram a vista quando entrei, e ambas perceberam que eu estava diferente. Foi o que concluí com base no olhar que elas trocaram.

“E que ventos”, disse a sra. Havisham, “te trazem aqui, Pip?”

Embora ela olhasse fixamente para mim, percebi que estava um tanto constrangida. Estella, parando de tricotar por um instante e olhando para mim, e em seguida retomando o trabalho, deu-me a impressão, com base no movimento de seus dedos, uma impressão tão nítida com o se ela estivesse usando o alfabeto dos surdos-mudos, de que percebera que eu havia descoberto a identidade real de meu benfeitor.

“Senhora Havisham”, comeci, “fui ontem a Richmond para falar com

Estella, e ao saber que algum vento a trouxera aqui, vim para cá.”

Com o a sra. Havisham fizesse sinal pela terceira ou quarta vez para que eu me sentasse, escolhi a cadeira da penteadeira, que eu vira

ocupada por ela tantas vezes. Com tantas ruínas a meu pé e a meu redor, naquele dia o lugar me parecia bem adequado a mim.

“O que eu tinha a dizer a Estella, senhora Havisham, vou dizer à senhora e a ela, daqui a pouco. Não vai surpreendê-las, nem desagradá-las. Sou tão infeliz quanto vocês duas sem pre quiseram que eu fosse.”

A sra. Havisham continuava a olhar fixamente para mim. Eu percebia, pelo movimento de seus dedos enquanto trabalhava, que Estella prestava atenção em minhas palavras, porém ela não levantou a vista.

“Descobri quem é meu protetor. Não foi uma descoberta feliz, e não deve aumentar minha reputação, condição social, fortuna, nada. Tenho motivos para não dizer mais nada a esse respeito. Não se trata de um segredo meu, e sim de outra pessoa.”

Com o permissionário calado por algum tempo, olhando para Estella e pensando em como prosseguir, a sra. Havisham repetiu: “Não se trata de um segredo seu, e sim de outra pessoa. Sim?”

“Quando a senhora me chamou aqui pela primeira vez, no tempo em que eu morava lá na aldeia — aldeia essa da qual eu já mais devia ter saído — imagino que vim aqui tal como poderia ter sido qualquer outro menino, como um a

espécie de criado, para atender a um a veleidade ou um capricho, e ser pago por isso, não foi?”

“Sim , Pip”, respondeu a sra. Havisham , balançando a cabeça; “foi isso mesmo.”

“E o senhor Jaggars...”

“O senhor Jaggars”, disse a sra. Havisham , completando minha frase num tom de firmeza, “não teve nada a ver com isso, e não sabia de nada. O fato de que ele é meu advogado, e também é do teu protetor, é uma coincidência. Ele oferece seus serviços profissionais a muitas outras pessoas, de modo que se trata de uma coincidência perfeitamente razoável. Seja como for, ela aconteceu, e não foi obra de ninguém .”

Qualquer um poderia ver naquele rosto envelhecido que nada estava sendo ocultado nem disfarçado, até aquele momento.

“Mas quando cheguei à conclusão errada, na qual persisti por tanto tempo, a senhora deixou que eu persistisse no erro?”, perguntei.

“Sim ”, ela respondeu, mais uma vez balançando a cabeça, “deixei.” “Isso foi um ato de bondade?”

“Quem sou eu”, exclamou a sra. Havisham , batendo com a bengala no chão e explodindo de raiva de modo tão súbito que Estella olhou para ela atônita, “quem sou eu, pelo amor de Deus, para cometer atos de bondade?”

Essa queixa era uma confissão de fraqueza, e não fora a minha intenção obrigá-la a fazê-la. Foi o que eu disse, quando ela me orgulhou no momento depois dessa explosão.

“Ora, ora!”, disse ela. “O que me mais?”

“Fui muito bem pago pelo trabalho que fiz aqui”, prossegui, para apaziguá-la, “pagando o meu aprendizado, e só fiz essas perguntas para meu próprio esclarecimento. O que vou perguntar agora tem outro objetivo (me mais desinteressado, espero). Ao deixar que eu persistisse no erro, senhora Havisham, a senhora queria punir — intrigar — talvez a senhora queira escolher a palavra que melhor exprime a sua intenção, sem ofensa — seus parentes interesseiros?”

“Sim. Mas era o que eles mesmos queriam! E tu também. Com a vida que tive, porque haveria eu de pedir a eles, ou a ti, que não vissem a situação dessa maneira? Vocês prepararam suas próprias armadilhas. Não eu.”

Esperei que ela se aquietasse — pois também essa fala foi dita numa explosão súbita de raiva — e prossegui.

“Tenho convivido muito com uma família aparentada com a senhora, desde que fui para Londres. Sei que estavam sinceramente iludidos, tanto quanto eu. E seria falsidade e baixeza da minha parte se eu não lhe dissesse, seja isso aceitável ou não para a senhora, e quer a senhora acredite em mim, quer não, que a

senhora está sendo profundamente injuriada com o senhor Matthew Pocket e com o filho dele, Herbert, se imagina que eles não são pessoas generosas, honestas, francas e incapazes de qualquer ato interesseiro ou mesquinho.”

“Eles são meus amigos”, retrucou a sra. Havisham .

“Eles se tornaram meus amigos”, respondi, “embora acreditassem que eu havia caído nas suas boas graças no lugar deles, enquanto Sarah Pocket, a senhora Georgina e a senhora Camilla não eram minhas amigas, creio eu.”

Esse contraste entre os dois grupos, tive o prazer de observar, pareceu favorecer meus amigos junto à sra. Havisham . Ela me dirigiu um olhar penetrante por algum tempo, e depois disse, em voz mais baixa:

“O que queres para eles?”

“Apenas”, respondi, “que a senhora não os confunda com os outros. Eles podem ter o mesmo sangue, mas — creia-me — não têm a mesma natureza.”

Ainda me olhando de modo penetrante, a sra. Havisham repetiu:

“O que queres para eles?”

“Não sou tão astuto, como a senhora pode ver”, respondi, percebendo que corava um pouco, “a ponto de conseguir esconder, mesmo o que fosse essa minha intenção, que quero alguma coisa

para eles, sim . Se a senhora pudesse dispor de um a certa quantia para dar a meu amigo Herbert um auxílio que lhe valerá pelo resto da vida, mas que, dadas as circunstâncias, terá de ser entregue a ele sem seu conhecimento, posso demonstrar com o fazer isso.”

“Por que sem seu conhecimento?”, ela indagou, apoiando as mãos na bengala para poder me olhar de modo ainda mais atento.

“Porque fui eu”, respondi, “que com exceção de ajudá-lo há mais de dois anos, sem que ele soubesse, e não quero que ele descubra esse fato. Por que motivo não posso continuar a ajudá-lo, isso não posso dizer. Faz parte do segredo que é de outra pessoa e não me eu.”

Pouco a pouco ela desviou o olhar de mim e fixou-o no fogo. Depois de contemplá-lo por um tempo que, naquele silêncio e à luz das velas que se consumiam gradualmente, pareceu ser muito longo, ela voltou a si quando algumas brasas desabaram na lareira, e voltou a olhar para mim — de início, com um olhar vago — e depois com uma atenção cada vez mais concentrada. Nesse ínterim , Estella continuava a tricotar. Tendo fixado a atenção em mim , a sra. Havisham disse, falando com o se nossa conversa não tivesse sido interrompida:

“O que mais?”

“Estella”, disse eu, voltando-me para ela agora, e tentando conter o tremor da voz, “sabes que te amo. Sabes que te amo muito, há muito tempo.”

Ela levantou os olhos para meu rosto, quando me ouviu dirigir-me a ela, e seus dedos continuaram a trabalhar, enquanto ela me contemplava com uma expressão inalterada. Vi que o olhar da sra. Havisham se desviou de mim para ela, e dela para mim.

“Eu já devia ter-te dito isso antes, mas não o fiz por estar equivocado. Meu erro levou-me a nutrir esperanças de que a senhora Havisham quisesse nos destinar um ao outro. Por achar que não tinhas escolha quanto a isso, por assim dizer, evitei confessar meu amor. Mas agora tenho que fazê-lo.”

Mantendo a fisionomia inalterada, e com os dedos ainda trabalhando, Estella fez que não com a cabeça.

“Eu sei”, respondi a seu gesto; “eu sei. Não tenho esperança de que algum dia possa chamar-te minha, Estella. Não sei o que vai acontecer comigo no futuro próximo, se vou ficar muito pobre, para onde vou. Mas o fato é que eu te amo. Amo-te desde que te vi pela primeira vez nesta casa.”

Olhando para mim com perfeita indiferença e com os dedos ocupados, ela

voltou a sacudir a cabeça.

“Teria sido crueldade da parte da senhora Havisham , um a crueldade horrível, aproveitar-se da suscetibilidade de um menino pobre, e torturar-me todos esses anos com uma esperança vã e uma causa perdida, se ela tivesse refletido sobre a gravidade do que estava fazendo. Mas creio que ela não o fez. Creio que, tendo de suportar seu próprio sofrimento, ela esqueceu-se de mim, Estella.”

Vi que a sra. Havisham levou a mão ao coração e a mim antevia ali, e que continuava olhando ora para Estella, ora para mim .

“Creio”, disse Estella, muito plácida, “que há sentimentos, fantasias — não sei que nome lhes dar — que não consigo compreender. Quando dizes que me amas, entendo o significado de tuas palavras enquanto tais, mas só isso. Não dizes nada a meu coração, não tocas nada ali. O que dizes não me importa nem um pouco. Tentei alertar-te quanto a isso; não é verdade?”

Respondi, profundamente contrito: “É”.

“Porque é. Mas tu não ouviste meus alertas, pois pensavas que eu não falava a sério. Não é verdade?”

“Eu pensava, e esperava, que não estivesses falando a sério. Uma moça tão jovem , inexperiente, e bela, Estella! Sem dúvida, isso não é algo natural.”

“É natural para mim”, ela retrucou. E em seguida acrescentou, enfatizando

suas palavras: “É natural para a pessoa que me tornei. Ao te dizer essas coisas que te digo, traço uma diferença profunda entre ti e todas as outras pessoas. Mais do que isso não posso fazer”.

“Não é verdade”, arguiu então, “que Bentley Drum me está aqui, à tua procura?”

“É a pura verdade”, respondeu ela, referindo-se a Drum me com a indiferença nascida do total desprezo.

“Não é verdade que tu lhe alimentas as esperanças, passeias a cavalo com ele, e que ele vem almoçar contigo hoje mesmo?”

Ela apareceu um pouco surpresa ao ver que eu sabia essas coisas, porém mais uma vez respondeu: “É a pura verdade”.

“Não é possível que o ames, Estella!”

Seus dedos se imobilizaram pela primeira vez, e ela disse, num tom de irritação: “Mas o que foi que acabei de te dizer? Continuas a pensar, apesar do que eu disse, que não estou falando a sério?”.

“Não é possível que vás casar-te com ele, Estella?”

Estella olhou para a sra. Havisham, e por um momento ficou a pensar, com a costura nas mãos. Então respondeu: “Por que não te dizer logo a verdade? Vou casar-me com ele, sim”.

Abaixei o rosto e cobri-o com as mãos, mas não consegui controlar-me melhor do que eu poderia imaginar, levando-se em conta a agonia que suas palavras me causaram. Quando voltei a levantar

o rosto, a expressão da sra. Havisham era tão terrível que me causou forte impressão, em bora eu estivesse tão perturbado e afobado.

“Estella, minha querida, minha querida Estella, não deixes que a senhora

Havisham a leve a dar esse passo fatal. Recusa-me e em caráter definitivo — é

isso que fizeste, sei muito bem disso — mas guarda-te para um homem mais merecedor de ti que Drummond. A senhora Havisham entrega-te a ele com o maior punição e ofensa que pode ser imposta aos muitos homens meliores que ele que te admiram, e aos poucos que te amam de verdade. Entre esses poucos, pode haver um que te ama tanto, ainda que não há tanto tempo, quanto eu. Escolhe esse homem, que vou poder suportá-lo melhor, para teu próprio bem!”

Meu tom grave despertou nela uma sensação de espanto que talvez a fizesse sentir com paixão, se lhe fosse possível apreender o sentido do que eu lhe dizia.

“Vou casar-me com ele”, ela repetiu, com uma voz mais suave. “Os preparativos para o casamento estão em andamento, e a cerimônia será realizada em breve. Por que mencionas minha mãe adotiva de forma tão injuriosa? A decisão é minha.”

“A decisão é tua, Estella? A decisão de se jogar nos braços de um brutamontes?”

“Em que braços devo então me jogar?”, ela retorquiu, com um sorriso. “Nos de um homem que em pouco tempo perceberia (se é que as pessoas sentem mesmo tais coisas) que eu não sentia nada por ele? Ora! A coisa está decidida. Vai ser bastante bom para mim, e também bom para ele. Quanto ao que dizes sobre a senhora Havisham ter me levado a dar isso que chamamos de passo fatal, por ela eu haveria de esperar mais, e não me casar agora; mas estou cansada da vida que tenho levado, que para mim tem muito poucos atrativos, e estou disposta a mudar de vida. Não digas mais nada. Jamais haverem os de nos entender.”

“Um brutamontes mesmo, e ainda por cima um boçal!”, insisti, em desespero.

“Não se preocupe: não vou fazê-lo feliz”, disse Estella; “esse perigo não existe. Ora! Dá-me tua mão, e vamos nos despedir, menino — ou homem — sonhador.”

“Ah, Estella!”, repliquei, enquanto minhas lágrimas amargas jorravam em sua mão, por mais que eu as tentasse refrear, “mesmo se eu permanecesse na Inglaterra e pudesse manter a cabeça erguida, com o poderia eu ver-te casada com Drummond?”

“Bobagem”, ela respondeu, “Bobagem. Isso há de passar logo.”

“Nunca, Estella!”

“Hás de te esquecer de mim em um a sem ana.”

“Esquecer-me e de ti! Tu és parte da minha existência, parte de mim mesmo. Estás presente em cada linha que li, desde que cheguei aqui pela primeira vez, um menino grosseiro cujo pobre coração tu machucaste já naquele dia. Estás presente em toda paisagem que vi desde então — no rio, nas velas dos navios, nos charcos, nas nuvens, na luz, na escuridão, no vento, no bosque, no ar, nas ruas. És a concretização de todas as fantasias belas que minha mente já conheceu. As pedras de que são feitos os mais sólidos prédios de Londres não são mais reais, nem mais impossíveis de ser deslocadas por tuas mãos, do que tua presença e tua influência sobre mim, lá e em toda parte, no passado e no futuro. Estella, até a última hora de minha vida, tu hás de ser uma parte de meu caráter, do pouco que há de bom em mim, e do que há de mau. Mas neste momento de separação só te associio ao que há de bom, e sempre hei de me apegar a isso com fidelidade, pois

certamente tu me fizeste muito mais bem do que mal, por mais intensa que seja a minha dor agora. Que Deus te abençoe, que Deus te perdoe!”

Em que êxtase de dor consegui arrancar de mim essas palavras descosidas, não sei. Esse galimatias brotou no meu íntimo, com o sangue de uma ferida interna, e saiu num jorro. Beijei-a mão de Estella por alguns instantes, e assim me separei dela. Mas depois lembrei-me — e pouco depois a lembrei-me veio com

mais razão ainda — que enquanto Estella me olhava apenas com espanto e incredulidade, a figura espectral da sra. Havisham, a mão ainda posta no peito, parecia transfigurada, num esgar terrível de piedade e remorso.

Tudo feito, tudo findo! Tantas coisas estavam feitas e findas que quando saí pelo portão à luz do dia me pareceu ter um matiz mais escuro do que tivera no momento em que eu entrara. Por algum tempo, escondi-me em becos e

travessas remotas, e depois resolvi seguir a pé até Londres.¹ Pois àquela altura eu havia-me convencido de que não conseguiria voltar à estalagem e encontrar Drumme lá; que não suportaria ter de falar com alguém na diligência; que a melhor coisa que eu podia fazer era extenuar-me ao máximo.

Já passava de meia-noite quando atravessei a ponte London. Seguindo a rede estreita e intrincada das ruas que, naquele tempo, seguiam para o oeste perto da margem de Middlesex do Tâmisa, meu acesso mais próximo ao Templo ficava bem perto do rio, passando por Whitefriars. Não me esperavam senão para o dia seguinte, mas eu levava minhas chaves, e se Herbert já estivesse recolhido eu poderia deitar-me sem incomodá-lo.

Com o era raro eu entrar pelo portão de Whitefriars depois da hora em que fechavam o Templo, e com o eu estava muito enlameado e cansado, não me importei de constatar que o porteiro noturno

me examinou com muita atenção ao abrir uma das portas para que eu entrasse. Para lhe refrescar a memória, identifiquei-me.

“Eu não estava bem certo, senhor, mas era quem eu pensava ser. Tenho um bilhete para o senhor. O mensageiro que o trouxe pediu-lhe que fizesse o obséquio de lê-lo à luz de minha lanterna.”

Muito espantado com esse pedido, peguei o bilhete. Era dirigido ao sr. Philip Phipps, e acima do cabeçalho liam-se as palavras: “por favor leia isto aqui”. Abri-o, enquanto o porteiro levantava a lanterna, e li, na letra de Wemnick:

“não vá para casa.”

CAPÍTULO XLIV

Afastando-me do portão do Templo tão logo li a mensagem, fui nem sei como até Fleet-street, lá aluguei um fiacre retardatário e tomei a direção do Hummuns¹ em Covent Garden. Naquela época, podia-se arranjar uma cama lá a qualquer hora da noite; o porteiro, abrindo para mim o portão, acendeu a vela que era a próxima da fila em sua prateleira e levou-me diretamente até o quarto que era o próximo da lista. Era uma espécie de socavão nos fundos do térreo, onde uma monstruosa e despótica cama de quatro colunas ocupava todo o espaço, com um de seus pés arbitrários na lareira e outro na porta, relegando o miserável lavabo a um canto apertado, com o se exercendo o direito divino dos reis.

Eu pedira uma lamparina, e o porteiro me trouxe, antes de recolher-se, uma tradicional vela de junco daqueles tempos virtuosos — um objeto que era como o fantasma de uma bengala, capaz de partir-se imediatamente se fosse tocado, no qual não se podia acender coisa alguma, e que era colocado numa espécie de solitária no fundo de uma torre de lata alta, cheia de furos redondos que projetavam nas paredes um padrão luminoso capaz de manter qualquer um acordado. Quando me deitei, com os pés doídos, exausto e infeliz, constatei que era tão impossível fechar meus olhos quanto seria fechar os olhos daquele Argos

insensato.² E assim , na escuridão e no silêncio da noite, ficam os um a olhar para o outro.

Que noite terrível! Noite de angústia e sofrimento, interminável! Havia no quarto um cheiro nada hospitaleiro de fuligem fria e poeira quente; e, quando eu olhava para os cantos do dossel da cama, ficava a imaginar quantas moscas- varejeiras do açougue, e lacraias dos mercados, e larvas do campo deveriam estar repousando ali, à espera do próximo verão. Isso me fez pensar se às vezes elas não caíam lá do alto, e então comecei a imaginar que sentia uns toques leves no rosto — uma ideia desagradável, que me fez imaginar outras presenças ainda mais asquerosas, atrás de mim . Depois de permanecer algum tempo deitado em vigília, aquelas vozes extraordinárias que abundam no silêncio começaram a se fazer ouvir. O armário cochichava, a lareira suspirava, o pequeno lavabo estalava, e uma corda de violão de vez em quando soava dentro da cômoda. Mais ou menos ao mesmo tempo, os olhos projetados na parede assumiram uma nova expressão, e em cada um daqueles círculos luminosos eu via escritas estas palavras: “não vá para casa”.

Quaisquer que fossem as outras fantasias noturnas e os outros ruídos noturnos

que me assaltavam , nada atenuava aquele não vá para casa. As palavras se insinuavam em todos os meus pensamentos, tal com o fazia uma dor física. Não muito tempo antes, eu lera nos j

ornais que um cavalheiro desconhecido chegara à noite ao Hum m uns, deitara-se e dera fim à própria vida, sendo encontrado na manhã seguinte imerso em sangue. Ocorreu-me a ideia de que ele teria ocupado aquele mesmo socavão em que eu estava, e levantei-me e dei uma volta para verificar se não havia manchas de sangue à minha volta; então abri a porta e olhei para o corredor, animando-me com a companhia de uma luz longínqua, perto da qual, eu sabia, o porteiro estava cochilando. O tempo todo, porém, perguntava-me: Por que não podia eu ir para casa? O que teria acontecido lá em casa? Quando eu poderia voltar para lá? E Provavelmente estaria em segurança? e ocupavam a minha mente de tal modo que era de se esperar que não coubesse mais nenhum pensamento dentro dela. Mesmo quando eu pensava em Estella e lembrava-me que nos haviam despedido pela última vez naquele dia, lembrando todas as circunstâncias de nossa despedida, e a aparência dela, e seu tom de voz, e os movimentos de seus dedos enquanto ela tricotava — mesmo nesses momentos eu continuava a repetir incessantemente: não vá para casa. Quando por fim adormeci, de pura exaustão mental e física, a frase transformou-se num verbo imperativo e sombrio que eu era forçado a conjugar. Modo imperativo, tempo presente: não vás para casa, que ele não vá para casa, que nós não vamos para casa, que vós não vades para casa, que eles não vão para casa. Então, potencialmente: não posso ir para casa; não devo ir para casa; não quero ir para casa; até sentir que estava enlouquecendo, e, a cabeça girando sobre o travesseiro,

eu abria os olhos e voltava a ver aqueles círculos de luz a me olharem nas paredes.

Eu pedira que me despertassem às sete horas, pois estava claro para mim que eu devia falar com Wemrick antes de procurar qualquer outra pessoa, e estava igualmente claro que apenas os seus sentimentos de Walworth deveriam ser consultados. Foi um alívio sair daquele quarto onde eu passara uma noite tão terrível, e não foi necessário que batessem à minha porta mais de uma vez para que eu me levantasse daquela cama intranquila.

As ameias do castelo surgiram diante de meus olhos às oito horas. Com o por acaso a criadinha estava entrando na fortaleza naquele momento com dois pãezinhos quentes, passei pelo portão e pela ponte levadiça acompanhada por ela, e assim cheguei sem ser anunciado à presença de Wemrick, no momento em que ele preparava chá para si próprio e para o idoso. Uma porta aberta me concedeu uma visão do idoso em sua cama.

“Olá, senhor Pip!”, saudou-me Wemrick. “Então o senhor voltou para casa, não?”

“Voltei, sim”, respondi, “mas não entrei nela.”

“Muito bem”, disse ele, esfregando as mãos. “Deixei um recado para o senhor em cada um dos portões do Templo, para não haver erro. Em qual portão o senhor chegou?”

Respondi-lhe a pergunta.

“Vou passar nos outros hoje e destruir os bilhetes”, disse Wem m ick; “é uma boa regra nunca deixar provas documentais, se possível, porque nunca se sabe quando alguém vai usá-las. Vou tomar uma liberdade. O senhor se incomodaria

de assar esta linguiça para o idoso?” Respondi que seria um prazer.

“Então podes cuidar dos teus afazeres, Mary Anne”, disse ele à criadinha; “e com isso ficam os aqui só nós, não é, senhor Pip?” acrescentou, com uma piscadela, enquanto ela se afastava.

Agradei-lhe a amizade e a cautela, e nossa conversa prosseguiu em voz baixa, enquanto eu assava a linguiça do idoso e ele passava a manteiga no pão do idoso.

“Mas sim, senhor Pip”, disse Wem m ick, “nós dois nos entendemos. Estamos falando em caráter privado e pessoal, e estivemos envolvidos numa transação confidencial ontem. Os sentimentos oficiais são uma coisa. Nós somos os extraoficiais.”

Assenti cordialmente. Estava tão nervoso que cheguei a acender a linguiça do idoso como se fosse um archote, e fui obrigado a soprá-la.

“Ouvi dizer por acaso, ontem de manhã”, disse Wem m ick, “estando eu num certo lugar onde uma vez o levei — mesmo estando aqui só nós dois, não vale a pena mencionarmos quando não é estritamente necessário...”

“Não vale a pena, não”, concordei. “Com preendo.”

“Pois lá ouvi dizer, por acaso, ontem de manhã”, disse Wemmick, “que um a certa pessoa não desprovida de vínculos com as colônias, e não de todo desprovida de valores portáteis... não sei exatamente de quem se trata de fato... não vamos os dar nome e a esta pessoa...”

“Não é preciso”, concordei.

“... causou certo rebuliço em certa parte do mundo aonde muita gente vai, nem sempre por vontade própria, e não sem levar o governo a incorrer em certas despesas...”

Observando o rosto de Wemmick, fiz da linguíça do idoso um verdadeiro fogo de artifício, o que teve o efeito de desconcentrar em muito tanto a minha atenção quanto a dele, pelo qual pedi desculpas.

“... ao desaparecer do tal lugar, e nunca mais dar notícias a ninguém. A partir do quê”, prosseguiu Wemmick, “fizeram-se conjecturas e elaboraram-se teorias. Soube também que seus aposentos em Garden-court, no Temple, haviam estado sob vigia, e talvez voltassem a ser vigiados.”

“Por quem?”, perguntei.

“Melhor não entrar nisso”, disse Wemmick, esquivo, “pois pode entrar em choque com minhas responsabilidades oficiais. Foi o que

ouvi dizer, com o já ouvi dizer outras coisas curiosas no mesmo o lugar em outros momentos. Não estou me fundando em informações que tenha recebido. Ouvi dizer.”

Enquanto falava, tomou-me das mãos o garfo em que estava espetada a linguiça e dispôs o desjejum do idoso numa pequena bandeja. Antes de colocá-la diante dele, foi até seu quarto com um guardanapo branco limpo e amarrô-o sob o queixo do ancião, sentou-o na cama e pôs a touca que ele usava de um lado da cabeça, dando-lhe uma aparência bem jovial. Em seguida, pôs a bandeja à sua frente com muito cuidado, dizendo: “O senhor está bem, não está, pai idoso?”. E o alegre ancião respondeu: “Muito bem, John, meu rapaz, muito bem!”. Com o parecia haver um acordo tácito no sentido de que o idoso não

estava apresentável, e, portanto, devia ser considerado invisível, fingi não ter nenhum conhecimento dessas atividades.

“Isso de vigiarem meus aposentos (coisa que já tive motivo para suspeitar)”, disse eu a Wemick quando ele voltou, “está ligado à pessoa a quem o senhor aludiu, não está?”

Wemick fez uma cara muito séria. “Eu não poderia dizer tal coisa, com base no que sei. Isto é, eu não poderia dizer que sim de saída. Mas ou há uma ligação, ou haverá, ou há um grande perigo de que possa vir a haver.”

Percebendo que sua lealdade para com Little Britain impedia-o de dizer tudo que sabia, e cômico, com muita gratidão, do quanto ele se expunha para dizer o que dizia, eu não podia pressioná-lo. Porém, após me editar um pouco olhando para o fogo, disse-lhe que gostaria de lhe fazer uma pergunta, a qual ele poderia responder ou não, conforme julgasse melhor, e que estava certo de que sua decisão seria acertada. Ele parou de comer e, cruzando os braços, beliscando as mangas da camisa (para ele, o máximo do conforto que se permitia em casa era despir o paletó), fez que sim com a cabeça, para que eu lhe dirigisse minha pergunta.

“O senhor ouviu falar de um homem de má índole, cujo nome verdadeiro é

Compton?”

Ele respondeu com outro aceno de cabeça. “Ele está vivo?”

Outro aceno.

“Está em Londres?”

Ele fez que sim mais uma vez, apertando bem sua caixa de correio, acenou pela última vez e voltou a comer.

“Bem”, disse Wemick, “terminada a seção de perguntas”, enfatizando e repetindo esse ponto para minha orientação, “fiz o que fiz depois de ouvir o que ouvi. Fui até Garden-court para

conversar com o senhor; não o encontrando lá, fui à firma de Clarriker para falar com o senhor Herbert.”

“E o senhor o encontrou?”, perguntei, com muita ansiedade.

“Encontrei-o, e sem mencionar nenhum nome nem entrar em nenhum detalhe, dei-lhe a entender que se ele soubesse de alguém — fulano, beltrano ou sicrano — que estivesse nos seus aposentos, ou na vizinhança, era bom ele tirar fulano, beltrano ou sicrano de lá enquanto o senhor estivesse fora.”

“Ele ficou muito perplexo a respeito do que fazer?”

“Ficou muito perplexo a respeito do que fazer; mais ainda quando eu lhe disse que, na minha opinião, não era seguro tentar levar fulano, beltrano ou sicrano para muito longe no momento. Senhor Pip, vou lhe dizer uma coisa. Nas atuais circunstâncias, o melhor lugar para se estar é uma grande cidade, quando já se está nela. Não saia da toca tão cedo. Fique onde está. Espere até as coisas ficarem mais tranquilas, antes de partir para outros ares, até mesmo os ares estrangeiros.”

Agradei o conselho valioso e perguntei-lhe o que Herbert fizera.

“O senhor Herbert”, disse Wemick, “depois de ficar estupefato por meia hora, elaborou um plano. Contou-me um segredo — que está cortejando uma moça cujo papai, com o qual o senhor certamente há de saber, é inválido. Este papai,

que já foi tesoureiro de navios, vive deitado numa cama diante de uma janela arredondada pela qual ele pode ver os navios subindo e descendo o rio. O senhor conhece a moça, decerto?”

“Não pessoalmente”, respondi.

A verdade é que ela me via com o meu irmão com panhia para Herbert, pois eu o levava a gastar muito dinheiro, e que, na primeira vez em que Herbert se propôs a apresentar-me a ela, a moça recebeu a proposta com tão pouco entusiasmo que Herbert se viu obrigado a me confidenciar a situação, para que eu esperasse um pouco até vir a conhecê-la. Quando comecei a ajudar Herbert sem seu conhecimento, consegui suportar essa situação com bom humor; ele e sua prometida, por sua vez, naturalmente não estavam muito sequiosos de introduzir a presença de uma terceira pessoa em seus encontros; e assim, embora ele me garantisse que eu subira no conceito de Clara, e embora eu e ela há muito tempo trocassem as saudações em caráter regular através de Herbert, ainda não a vira nenhuma vez. Porém, não importei Wemmesick com tais detalhes.

“Com a casa da janela arredondada”, disse Wemmesick, “fica à beira-rio, perto do Pool, entre Limehouse e Greenwich, e está aos cuidados, pelo que sei, de uma viúva muito respeitável, a qual tem um andar superior que pretende alugar, o senhor Herbert me perguntou se eu achava que seria boa ideia instalar lá por uns tempos fulano, beltrano ou sicrano. Pois respondi que me parecia um

a ótima ideia, por três motivos, que vou lhe expor. Em primeiro lugar: fica bem longe dos lugares frequentados pelo senhor, e também das ruas mais movimentadas, grandes e pequenas. Em segundo lugar: sem ter de ir lá pessoalmente, o senhor poderia ficar sabendo se fulano, beltrano ou sicrano estava em segurança, através do senhor Herbert. Em terceiro lugar: depois de algum tempo, quando tal fosse oportuno, caso o senhor quisesse pôr fulano, beltrano ou sicrano a bordo de um navio estrangeiro, ele já estaria bem localizado para tal.”

Muito confortado por essas considerações, agradei Wem mais uma vez após vez, e pedi-lhe encarecidamente que prosseguisse.

“Pois bem! O senhor Herbert entregou-se à tarefa com vontade, e às nove da noite de ontem abrigou fulano, beltrano ou sicrano — seja lá quem for — eu e o senhor não queremos os saber — com muito êxito. Na sua antiga moradia, foi-lhe dito que sua presença era requerida em Dover, e de fato ele foi levado pela estrada de Dover, e de lá foi encaminhado à nova morada. Ora, eis mais uma vantagem de tudo isso: as coisas foram feitas sem a sua presença, e se alguém vier a se interessar pelas suas atividades, virá à tona que o senhor estava longe daqui, ocupado com outros assuntos. Isso afasta as suspeitas e as confunde; pelo mesmo motivo, recomendei-lhe que, mesmo se voltasse para casa ontem à noite, não deveria entrar nela. A coisa fica ainda mais confusa, se o que se quer é confundir.”

Wem m ick, tendo terminado seu desjejum, neste momento consultou o relógio e começou a vestir o casaco.

“E agora, senhor Pip”, disse ele, ainda com as mãos dentro das mangas, “creio que fiz o máximo o que posso fazer; mas, se por acaso puder fazer mais — de um ponto de vista de Walworth, e em caráter estritamente privado e pessoal

—, eu o farei com prazer. Eis o endereço. Não há problema algum se o senhor quiser ir lá hoje e à noite para ver com seus próprios olhos se fulano, beltrano ou sicrano está bem, antes de voltar para casa — o que é mais um motivo para o senhor não ter voltado ontem. Mas depois de ir para casa, não volte aqui. O senhor é muito bem-vindo, é claro, senhor Pip”; suas mãos agora já estavam fora das mangas, e eu estava a apertá-las; “e deixe-me lhe dizer mais uma coisa importante.” Pôs as mãos nos meus ombros e acrescentou, num cochicho sério: “Aproveite esta noite para apossar-se dos valores portáteis dele. O senhor não sabe o que vai acontecer com ele. Não deixe que nada aconteça com os valores portáteis dele”.

Não tendo qualquer esperança de fazer com que Wem m ick compreendesse de que modo eu encarava essa questão, abstive-me de tentar fazê-lo.

“Está na minha hora”, disse Wem m ick, “e tenho de sair. Se o senhor não tiver nada de mais urgente a fazer do que ficar aqui até

anoitecer, é o que o aconselho que faça. O senhor parece muito preocupado, e lhe faria bem passar um dia absolutamente tranquilo com o idoso — ele deve se levantar em breve — e provar um pouco do... o senhor se lembra do porco?”

“Claro”, respondi.

“Por isso bem, provar um pouco dele. Aquela linguiça que o senhor assou era dele, e ele era sob todos os aspectos um porco de primeira. Prove um pouco, mesmo que seja apenas por se tratar de um velho conhecido seu. Até logo, pai idoso!”, gritou, alegre.

“Muito bem, John; muito bem, meu rapaz!”, veio a vozinha do velho do quarto.

Logo em seguida adormeci diante da lareira de Wemnick, e eu e o idoso aproveitamos um a com panhã do outro cochilando diante do fogo mais ou menos o dia todo. Com em os lombos de porco no almooço, e verduras da horta da propriedade, e eu acenava com a cabeça para o idoso com boa intenção sempre que não conseguia fazê-lo com sono. Quando já estava bem escuro, deixei o idoso preparando o fogo para fazer torradas; e com base no número de xícaras, bem com o nos olhares que ele dirigia às duas pequenas portas na parede, inferi que a sra. Skiffins estava sendo esperada.

CAPÍTULO XLV

Já tinham dado as oito quando adentrei o ambiente impregnado do cheiro, não desagradável, de maravalhas e serragem dos estaleiros e fabricantes de mastros, remos e picadeiros. Toda aquela região beira-rio em torno do Pool,* a jusante da ponte London, era um território desconhecido para mim, e quando cheguei à margem do Tâmisa constatei que o lugar que procurava não ficava onde eu o supunha, e não era de modo algum fácil de achar. Chamava-se Mill Pond Bank, Chinks's Basin; e a única orientação de que eu dispunha para chegar a Chinks's Basin era a informação de que ficava perto da Old Green Copper Rope-Walk.¹

Pouco importa saber os nomes dos navios que estavam em reparo no dique seco entre os quais me perdi, os navios velhos cujos cascos estavam sendo despedaçados, o lodo e limo e demais detritos trazidos pela maré, os estaleiros e demais odores de navios, as âncoras enferrujadas a afundar às cegas no chão após anos de abandono, as pilhas de barris e tábuas amontoados, as cordoarias que não eram a Old Green Copper. Depois de recuar algumas vezes antes de chegar a meu destino, e de ultrapassá-lo outras tantas vezes, inesperadamente, ao virar uma esquina, deparei com Mill Pond Bank. Era um lugar arejado, dadas as circunstâncias, onde o vento que vinha do rio tinha espaço para fazer a curva; havia duas ou três árvores, e também o toco de um mocho de vento, e

a Old Green Copper Rope-Walk, cuja forma com prida e estreita pude divisar à luz da lua, uma série de estacas de madeira fincadas no chão que lembravam ancinhos gastos, que de tão velhos tivessem perdido a maior parte dos dentes.

Escolhendo, dentre as poucas casas estranhas que havia em Mill Pond Bank, uma com fachada de madeira e três andares de janelas arredondadas, olhei para a placa na porta e li: senhora Whimple. Com o era esse o nome que eu procurava, bati, e uma senhora idosa, de aparência agradável e próspera, veio atender. Foi, porém, imediatamente substituída por Herbert, que em silêncio me levou até a sala e fechou a porta. Era uma sensação curiosa ver esse rosto bem conhecido tão à vontade naquele cômodo e naquele bairro nada conhecidos; e dei por mim olhando para ele tal como olhava para a cristaleira no canto, as conchas sobre o console da lareira e as gravuras coloridas na parede, representando a morte do

capitão Cook,² o lançamento de um navio e sua majestade, o rei Jorge III, vestido com trajes do cocheiro real — peruca, calções de couro e botas de cano com prido, no terraço do castelo de Windsor.

“Está tudo bem, Handel”, disse Herbert, “e ele está plenamente satisfeito,

ainda que ansioso para falar contigo. Minha querida Clara está com o pai; e se esperares que ela desça, vou apresentar-te a ela, e depois vamos lá em cima. — Isso é o pai dela.”

Eu estava atentando para uns grunhidos assustadores que vinham do andar de cima, e provavelmente dera sinais disso com a expressão de meu rosto.

“Lamento dizer que ele é um velho sem-vergonha”, disse Herbert, sorrindo, “mas nunca o vi. Não sentes o cheiro de rum? Ele não larga o copo.”

“Rum?”, perguntei.

“Isso mesmo”, respondeu Herbert, “e bem podes imaginar o efeito que tem sobre a gota dele. Além disso, ele insiste em guardar todas as provisões em seu quarto, e distribuí-las pessoalmente. Guardas em prateleiras em cima da cama, e faz questão de pesar tudo. Imagino que o quarto deve parecer um verdadeiro armazém.”

Enquanto Herbert falava, os grunhidos foram crescendo até se transformarem num urro prolongado, que em seguida foi morrendo aos poucos.

“Isso é o que dá”, explicou Herbert, “de ele insistir em cortar o queijo. Um homem com gota na mão direita — e no resto do corpo —

tentando cortar um queijo Gloucester duplo só pode acabar se machucando.”

Ao que parecia, ele se machucara bastante, pois soltou outro urro furioso. “Para a senhora Wimple, conseguir alugar o andar de cima para o Pervis foi

um golpe de sorte”, disse Herbert, “pois é claro que as pessoas, em geral, não suportam esse barulho. Lugar curioso, Handel, não é?”

Era mesmo um lugar muito curioso, porém muito limpo e arrumado.

“A senhora Wimple”, disse Herbert, quando fez essa observação, “é uma excelente dona de casa, e realmente não sei o que faria a minha Clara sem a ajuda maternal dela. Pois a Clara não tem mãe, Handel, nem nenhum outro parente no mundo além do velho Gruffandgrim.”**

“Esse não é o nome dele, não é, Herbert?”

“Não, não”, ele respondeu; “é o apelido que lhe pus. Ele se chama senhor Barley. Mas que felicidade para o filho de meu pai e minha mãe amar uma moça que não tem parentes, e que jamais poderá se aborrecer, nem aborrecer os outros, por conta da família!”

Herbert me contara em ocasiões anteriores, e agora me fez lembrar, que conheceu Clara Barley quando ela estava concluindo sua

educação numa escola em Hammersmith, e que, ao ser chamada de volta para casa a fim de cuidar do pai, ela e ele haviam revelado o afeto que os unia à maternal sra. Whimple, a qual desde então o estimulava e regulava com bondade e discrição em quantidades iguais. Decidiu-se que nenhuma informação referente a assuntos amorosos poderia ser confidenciada ao velho Barley, por não ser ele capaz de compreender quaisquer assuntos de natureza mais psicológica que a gota, o rum e o fornecimento de víveres.

Enquanto conversavam os em voz baixa, ao mesmo tempo que os grunhidos do velho Barley faziam vibrar a viga que cruzava o teto, abriu-se a porta da sala e entrou uma moça muito bonita, pequenina, de olhos negros, com cerca de vinte anos de idade, trazendo na mão uma cesta; carinhoso, Herbert logo encarregou-se da cesta e apresentou-me a moça, ruborizada, dizendo: “Clara”. Era sem dúvida uma jovem encantadora, a qual bem podia ser uma fada cativa, que aquele ogro truculento, o velho Barley, obrigava a servi-lo.

“Veja”, disse Herbert, mostrando-me a cesta, com um sorriso compassivo e terno depois que conversamos um pouco, “eis o jantar da pobre Clara, que lhe é entregue todas as noites. Eis a porção dela de pão, de queijo, e de rum — o qual sou eu que bebo. Eis o desejo do senhor Barley de amanhã, a ser preparado. Duas costeletas de carneiro, três batatas, ervilha, um pouco de farinha,

cinquenta gramas de manteiga, uma pitada de sal e toda esta quantidade de pimenta do reino. Tudo a ser cozinhado junto, e ingerido quente; imagino que deve fazer muito bem para a gota!”

Havia algo de tão natural e cativante no olhar resignado que Clara dirigia a cada um desses ingredientes, à medida que Herbert os mencionava — e algo de tão confiante, amoroso e inocente, no modo recatado com o qual ela aceitava o braço de Herbert que a estreitava — e algo de tão doce nela, algo que pedia proteção em Mill Pond Bank, perto de Chinks’s Basin e da Old Green Copper Rope-Walk, com os grunhidos do velho Barley fazendo a viga tremer — que eu não teria desfeito o noivado entre ela e Herbert nem por todo o dinheiro contido naquela carteira que eu já mais abria.

Eu estava a olhar para ela com prazer e admiração quando de repente os grunhidos se transformaram num urro outra vez, e ouviu-se um baque assustador, como se um gigante com perna de pau estivesse tentando furar o teto com a perna para chegar a nós. Ao ouvir isso, Clara disse a Herbert: “O papai está me chamando, querido!”, e saiu correndo.

“Um velho rabugento e muito exigente!”, disse Herbert. “O que será que ele quer agora, Handel?”

“Sei lá”, respondi. “Algo para beber?”

“Isso mesmo!”, exclamou Herbert, como se eu tivesse feito uma adivinhação extraordinariamente arguta. “Ele guarda

o grogue já preparado num barrilzinho sobre a mesa. Espera um pouco, que logo vais ouvir Clara levantando-o para que ele vá beber um pouco. — Lá vai ele!” Mais um urro, culminando com uma sacudidela prolongada. “Agora”, disse Herbert, quando se fez silêncio, “ele está bebendo. Agora”, quando os grunhidos começaram a fazer a viga tremer, “ele deitou-se de novo!”

Pouco depois, Clara voltou, e Herbert acompanhou-a até o andar de cima para ver os Provis. Quando passaram pela porta do quarto do sr. Barley, ouvimos o velho urrar com voz rouquenha, numa melodia que subia e descia com o vento, o refrão que se segue, no qual as bênçãos substituem palavras com sentido contrário.***

“Ó de bordo! Benditos os seus olhos, cá está o velho Bill Barley. Cá está o velho Bill Barley, benditos os seus olhos. Cá está o velho Bill Barley, deitado numa cama, por Deus. Deitado numa cama, feito um linguado morto à deriva, cá está o velho Bill Barley, benditos os seus olhos. Ó de bordo! Benditos sejam.”

Com essa melodia consoladora, Herbert informou-me, o invisível Barley conversava com seus botões dia e noite sem parar; muitas vezes enquanto ainda era dia claro, estando, ao mesmo tempo, um de seus olhos colado a um

telescópio que era levado a sua cama, para que ele pudesse vasculhar o rio.

Em seus dois cômodos no andar superior do prédio, frescos e arejados, e onde o barulho do sr. Barley era menos intenso do que no térreo, encontrei Parris muito bem instalado. Ele não expressava nenhuma preocupação, e parecia não ser atormentado por nenhuma que valesse a pena mencionar, porém observei que algo nele havia amolecido — algo de indefinível, pois eu não seria capaz de dizer o quê, e posteriormente não consegui relembrar a sensação, quanto tentei fazê-lo; mas alguma coisa nele sem dúvida mudara.

A oportunidade de reflexão que me dera aquele dia de descanso levaram-me a tomar a firme decisão de não contar a Parris nada a respeito de Compton. Pelo que eu sabia, o ódio que o outro lhe inspirava poderia levá-lo a ir a seu encalço e desse modo provocar sua própria destruição. Assim, quando Herbert e eu nos sentamos a seu lado diante da lareira, perguntei-lhe antes de mais nada se ele confiava no discernimento e nas fontes de informação de Wemick.

“Claro, claro, meu menino querido!”, ele respondeu, com um aceno circunspecto. “A gente do Jaggars sabe o que faz.”

“Pois então, estive com o Wemick”, disse eu, “e vim lhe transmitir as medidas de cautela que ele recomenda, e os conselhos que nos dá.”

Foi o que fiz, de modo preciso, com a ressalva que mencionei ainda há pouco; e disse-lhe que Wemwick ouvira dizer, na prisão de Newgate (eu não sabia se o ouvira de policiais ou de prisioneiros), que alguma suspeita recaía sobre ele, e que meus aposentos estavam sendo vigiados; Wemwick recomendara que ele se mantivesse recluso por algum tempo, e eu me afastasse dele; relatei-lhe também o que Wemwick dissera a respeito de sua ida ao exterior. Acrescentei que, naturalmente, quando chegasse a hora, eu viajaria com ele, ou o seguiria logo depois, dependendo do que Wemwick julgasse mais seguro. Quanto ao que sucederia em seguida, não fiz nenhum comentário; na verdade, eu próprio não sabia o que haveria de acontecer, nem gostava de pensar no assunto, agora que via Parris em seu novo estado suavizado, correndo perigo por minha causa. Quanto a alterar meu modo de vida, de modo a aumentar minhas despesas, perguntei-lhe se não lhe parecia que, nas nossas atuais circunstâncias instáveis e difíceis, isso não seria ridículo, ou coisa pior ainda?

Ele não tinha com o discordar dessa avaliação; de fato, o tempo todo mostrou-se muito razoável. Sua volta à Inglaterra era uma aventura, observou, e sempre soubera que seria uma aventura. Não faria nada que tivesse o efeito de transformá-la numa aventura desesperada, e preocupava-se muito pouco com sua segurança quando estava tendo uma ajuda tão preciosa.

Herbert, que até então estava a olhar para o fogo e a m editar, neste ponto observou que a sugestão de Wem m ick lhe inspirara um a ideia a qual talvez valesse a pena considerar. “Nós dois som os bons rem adores, Handel, e podem os levá-lo de barco quando chegar a hora. Não seria necessário alugar um barco nem contratar barqueiros; isso j á rem overia um a fonte de suspeitas, e sem pre é bom dim inuir suspeitas. Em bora a estação do ano não sej a a m ais propícia, não achas que seria um a boa ideia se passasses agora m esm o a m anter um barco no em barcadouro do Tem ple, e adquirisses o hábito de rem ar no rio? Um a vez que passas a fazê-lo habitualm ente, ninguém repara m ais. Vais rem ar vinte vezes ou

cinquenta vezes, e aí não há nada de especial quando o fazes pela vigésim a prim eira, ou quinquagésim a prim eira.”

Gostei da ideia, e P rovis ficou entusiasm ado com ela. Concordam os que deveria ser posta em prática, e que P rovis não deveria reconhecer-nos se viéssem os a j usante da ponte London e passássem os por Mill P ond Bank. Com binam os tam bém que ele deveria sem pre baixar a corrediça do lado da sua j anela que dava para o leste sem pre que nos visse e tudo estivesse bem .

Finda aquela reunião, e tudo tendo sido acordado, levantei-m e para ir em bora, dizendo a Herbert que era m elhor eu e ele não irm os j untos para casa, e que eu sairia m eia hora à frente dele. “Não m e agrada deixá-lo aqui”, disse eu a P rovis, “em bora estej

a certo de que aqui o senhor está mais protegido do que perto de mim. Adeus!”

“Meu menino querido”, ele respondeu, apertando-me as mãos, “não sei quando voltaremos a nos ver, e não me agrada esse ‘adeus’. Diga ‘boa noite!’”

“Boa noite! Herbert será nosso interm-diário sem pre, e quando chegar a hora pode estar certo de que eu estarei preparado. Boa noite, boa noite!”

Julgamos o melhor que ele ficasse em seus aposentos, e o deixamos no parapeito da escada junto à porta, segurando um lampião acima da grade da escada de modo a iluminá-la para nós. Olhando para trás e vendo P rovis, lembrei-me da noite em que ele chegou, em que ocupávamos as posições opostas às atuais, e pensei que naquela noite eu mal imaginava que meu coração estaria tenso e ansioso ao despedir-me dele como estava agora.

O velho Barley estava a grunhir e praguejar quando voltamos a passar por sua porta, aparentemente sem ter feito nenhuma pausa e sem manifestar intenção de fazê-la. Chegando ao pé da escada, perguntei a Herbert se ele havia divulgado o nome P rovis. Ele respondeu que não, absolutamente; o nome do inquilino era Campbell. Disse-me que tudo que se sabia na casa a respeito do sr. Campbell era que ele, Herbert, fora encarregado de cuidar do sr.

Cam pbell, e tinha m uito interesse em que ele fosse bem cuidado, e vivesse em recolhimento. Assim , quando entram os na sala onde a sra. Whim ple e Clara estavam trabalhando, não fiz nenhum comentário sobre minhas próprias relações com o sr. Campbell.

Depois que me despedi da mocinha bonita e delicada de olhos negros, e da mulher maternal que não deixara que um amor sincero diminuisse seu apoio honesto e solidário, tive a impressão de que Old Green Copper Rope-Walk se havia transformado num lugar bem diferente. O velho Barley era tão velho quanto o tempo, e praguejava com o um batalhão inteiro, mas havia juventude, confiança e esperança suficientes em Chinks's Basin para encher o lugar até transbordar. Em seguida, pensei em Estella, e na nossa despedida, e fui para casa numa tristeza profunda.

Tudo no Temple estava tão tranquilo quanto sempre estivera. As janelas dos cômodos antes ocupados por Provvis estavam escuras e silenciosas, e não havia nenhuma presença esquiada no Garden-court. Passei pela fonte duas ou três vezes antes de descer a escada que me levava a meus aposentos, e me vi completamente a sós. Herbert, que veio até minha cama quando chegou — pois me deitei logo que pus os pés em casa, desanimado e exausto —, me fez idêntico

relato. Abrindo uma das janelas depois disso, olhou para a calçada enlaurada e disse que estava tão vazia quanto uma catedral qualquer àquela hora.

No dia seguinte fui arranjar um barco. Logo o fiz, e o barco foi levado até o embarcadouro do Templo, ficando num lugar aonde eu poderia chegar em um ou dois minutos. Então comecei a remar, com o seu para praticar o esporte: por vezes sozinho, por vezes com Herbert. Muitas vezes eu remava no frio, com chuva ou granizo, mas ninguém me dava muita atenção desde que essas minhas saídas se tornaram habituais. De início, eu não chegava nem mesmo à ponte Blackfriars; mas, à medida que a maré foi mudando, comecei a ir até a ponte

London. Naquele tempo, ainda era a ponte velha,³ e quando a maré estava em determinadas condições formava-se uma correnteza turbulenta que dava muita fama ao lugar. Mas eu sabia muito bem passar por baixo da ponte, depois que vira tal coisa ser feita, e assim comecei a remar por entre os navios do Pool, indo até Erith. A primeira vez que passei por Mill Pond Bank, eu e Herbert estavam remando juntos; e tanto na ida quanto na volta vimos a correnteza voltada para o leste ser baixada. Herbert quase sempre ia lá no mínimo três vezes por semana, e nunca me trouxe notícias preocupantes. Mesmo assim, eu sabia que havia motivo para preocupação, e não conseguia me livrar da certeza de que estava sendo vigiado. Uma vez que se formasse tal ideia, ela se

torna um a obsessão; eu não saberia dizer quantas pessoas inocentes suspeitei que estavam a observar-me.

Em suma, eu vivia temendo pelo homem imprudente que vivia escondido. Herbert por vezes me dissera que lhe era agradável pensar, quando se punha junto a uma das nossas janelas à noite, numa hora em que a maré estava baixando, que aquela água estava fluindo, com tudo que nela havia, em direção a Clara. Eu, porém, pensava com horror que o rio fluía em direção a Magwitch, e que todo e qualquer ponto negro em sua superfície poderia bem ser aqueles que o perseguiam, seguindo céleres, silenciosos, implacáveis, para capturá-lo.

* Pool: trecho do rio Tâmisa com preendido entre a ponte London e o Cherry

Garden Pier, onde há um grande número de embarcadouros. (n. t.)

** Gruffandgrim: gruff quer dizer “áspero, rude”; grim, “cruel, soturno”. (n. t.)

*** uma palavra com sentido contrário: nos países de língua inglesa, no século XIX, o verbo damn (amaldiçoar, maldizer) e seus derivados eram considerados termos indelicados demais para serem utilizados num romance. (n. t.)

CAPÍTULO XLVI

Passaram-se algumas semanas sem que nada acontecesse. Esperávamos por Wemnick, e ele não dava nenhum sinal. Se eu já não o tivesse visto fora de Little Britain, e já não o tivesse desfrutado o privilégio de ter uma relação pessoal com ele no castelo, talvez desconfiasse dele; porém, conhecendo-o como o conhecia, minha confiança era completa.

Minha situação financeira começou a ficar preocupante, e mais de um credor veio fazer-me cobrança. Até eu comecei a sentir falta de dinheiro (isto é, dinheiro vivo no bolso), e por isso comecei a converter em dinheiro algumas jóias de que não podia prescindir com facilidade. Entretanto, estava decidido que seria uma desonestidade cruel aceitar mais dinheiro de meu protetor, dado o atual estado de incerteza de meus pensamentos e meus planos. Assim, eu lhe devolvera a carteira através de Herbert sem já não tê-la aberto, para que ele próprio a guardasse, e sentia certa satisfação — se falsa ou verdadeira, eu próprio não sei dizer — ao pensar que não havia tirado proveito de sua generosidade desde que ele se revelara a mim.

Com o passar do tempo, fui-me convencendo cada vez mais de que Estella havia casado. Tendo uma confirmação, embora fosse apenas uma convicção minha, eu evitava os jornais, e im

plorava a Herbert (a quem eu confidenciara as circunstâncias de nosso último encontro) que já me mencionasse o nome dela em minha presença. Por que motivo guardei este último farrapo miserável do manto de esperança que já se rasgara e fora entregue aos ventos, já me saberei. Por que motivo o leitor cometeu uma incoerência semelhante no ano passado, no mês passado, na semana passada?

Minha vida se tornara infeliz, e a ansiedade que me dominava acima de todas as outras, com o um a montanha que se destaca da cordilheira, já me sumia de vista. Não obstante, não surgiu nenhum motivo adicional para temores. Por mais que me levantasse de repente da cama assustado com a ideia de que ele poderia ter sido descoberto; por mais que ficasse escutando com ouvidos temerosos o passo de Herbert voltando à noite, temendo que estivesse mais apressado que de costume e por trazer más notícias — o fato é que, apesar de tudo isso, e de tantas outras circunstâncias semelhantes, a vida seguia normal. Condenado à inação e a um estado constante de inquietude e suspense, eu saía para remar em meu barco e esperava, esperava, esperava, da melhor maneira de que era capaz.

Por vezes a maré era tal que, quando eu já estava no meio do passeio, não

me era mais possível voltar pelos arcos e por entre os esporões da velha ponte London; então deixava meu bote no embarcadouro

perto da alfândega, para que depois ele fosse trazido até o Templo. Isso não era para mim um inconveniente, pois servia para fazer com que eu e meu barco nos tornássemos conhecidos entre os barqueiros da região. A partir de um desses incidentes surgiram dois encontros que agora me cometo a relatar.

Uma tarde, já no final de fevereiro, cheguei ao embarcadouro à hora do pôr do sol. Eu havia ido até Greenwich na baixa da maré, e voltara com ela. O dia tinha sido de sol, porém se tornara nevoento à medida que escurecia, e na volta eu fui obrigado a me mover com muita cautela em meio às embarcações. Tanto na ida quanto na volta eu vi o sinal na janela de Provis, indicando que tudo estava bem.

O tempo agora não estava bom e eu sentia frio, e por isso resolvi jantar imediatamente; com o tempo seguido teria horas de depressão e solidão se voltasse para casa, resolvi ir ao teatro depois do jantar. O teatro em que o sr. Wopsle gozara seu triunfo questionável ficava naquela região ribeirinha (ele não existe mais), e foi para lá que me encaminhei. Eu tinha consciência de que o sr. Wopsle não havia conseguido renovar a arte dramática; pelo contrário, participara de seu declínio. Ele aparecera nos programas, de modo não muito alvissareiro, no papel de um negro fiel, associado a um ameno de sangue nobre e um macaco. Além disso, Herbert foi visto com um tártaro predador, uma figura cômica com um rosto que parecia um tijolo vermelho e um chapéu ridículo cheio de guizos.

Jantei num lugar que eu e Herbert chamávamos de restaurante geográfico

— pois havia umas xícaras traçadas por umas arcas de copos de cerveja em todas as toalhas, e umas peças de um olho de carne em cada uma das facas — até hoje, não há praticamente nenhum restaurante nos domínios do lorde prefeito que não seja geográfico — e fiz hora cochilando sobre os restos de pão, olhando para o lam-pião de gás e sendo cozido pelo bafo quente que vinha da cozinha. Depois de algum tempo, despertei e fui ao teatro.

Lá, vi um virtuoso contratado para o serviço de sua majestade — um homem excelente, ainda que eu preferisse que suas calças não fossem tão apertadas em certos lugares nem tão largas em outros — o qual enterrava os chapéus dos homens até os olhos, em bora fosse muito generoso e bravo, e não suportava a ideia de que alguém pagasse impostos, em bora fosse muito patriótico. Tinha no bolso um saco cheio de dinheiro, com o qual pudim envolto em pano, e graças a

essa fortuna desposou uma jovem fantasiada de camélia, para o júbilo geral; toda a população de Portsmouth (nove habitantes ao todo, segundo o último recenseamento) veio à praia para esfregar as mãos e apertar as mãos dos outros, cantando “Vira, vira!”. Um certo grumete de tez escura, porém, que não queria virar, nem fazer mais nada que lhe fosse proposto, e cujo coração

(segundo o contramestre) era tão negro quanto seu rosto, propôs a dois outros grumetes que criassem problemas para toda a humanidade; o que foi feito com tanta eficiência (pois a classe dos grumetes tinha grande influência política) que as coisas levaram metade da noite para serem resolvidas, e assim apenas graças à intervenção de um merceiro honesto de chapéu branco, pernas pretas e nariz vermelho, o qual entrou num relógio, com uma grelha na mão, e ficou a escutar,

e depois saiu de lá e derrubou pelas costas com a grelha todos aqueles que ele não conseguiu convencer com base no que havia escutado em seu esconderijo. Por esse motivo, o sr. Wopsle (que até então não fora mencionado) entrou, ostentando uma estrela e a insígnia da Ordem da Jarreteira, com o agente plenipotenciário enviado diretamente do almirantado, dizendo que todos os grumetes seriam presos imediatamente, e que ele trazia uma bandeira britânica para o contramestre, em reconhecimento aos seus serviços prestados ao público. O contramestre, pela primeira vez comovido, respeitosamente enxugou as lágrimas no lábio e depois, animando-se, dirigiu-se ao sr. Wopsle e, tratando-o de vossa excelência, pediu-lhe permissão para segurar-lhe a mão. O sr. Wopsle lhe estendeu a mão com dignidade, sendo imediatamente levado para um canto cheio de poeira enquanto todo mundo dançava uma dança de m

arinheiros; e daquele canto, contem plando o público com um olhar descontente, ele me viu.

A segunda peça era a mais recente pantomima cômica de Natal, em cuja cena de abertura julguei perceber, constrangido, a figura do sr. Wopsle, com as pernas cobertas de lã vermelha e um pedaço de franja de cortina vermelha na cabeça, fabricando relâmpagos numa máquina, e com portando-se com muita covardia quando seu amigo gigantesco surgiu (muito rouquenho) para almoçar. Mas logo depois ele se mostrou em circunstâncias mais dignas, pois o gênio do amor juvenil, precisando de ajuda — por causa da brutalidade paterna de um fazendeiro ignorante que se opunha à escolha feita pelo coração da filha, jogando o escolhido, dentro de um saco de farinha, pela janela —, convocou um mago sentencioso; este, vindo do outro lado do mundo com pernas um tanto inseguras, após uma viagem aparentemente violenta, revelou-se ninguém menos que o sr. Wopsle com um chapéu pontudo, com um tratado de necromancia em um único volume debaixo do braço. Com a ocupação desse mago no mundo consistia principalmente em deixar que falassem com ele, cantassem para ele, esbarrassem nele, dançassem para ele e acendessem diante de seu rosto fogos de cores variadas, ele tinha muito tempo livre. E observei, com grande surpresa, que ele dedicava boa parte desse tempo à atividade de olhar na minha direção, como se estivesse atônito.

Havia algo de tão notável no olhar cada vez mais penetrante do sr. Wopsle, e ele parecia estar pensando sobre tantas coisas e confundindo-se tanto, que eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Eu ainda estava pensando nisso muito tempo depois de ele subir às nuvens dentro de um grande estojão de relógio, e continuava sem entender. Ainda pensava no assunto quando saí do teatro uma hora depois e encontrei-o à minha espera junto à porta.

“Com o vai?”, disse eu, trocando um aperto de mãos com ele enquanto virávamos a rua. “Vi que o senhor me tinha visto.”

“Se o vi, senhor Pip!”, exclamou ele. “Claro que o vi. Mas quem mais estava lá?”

“Quem mais?”

“É muito estranho”, disse o sr. Wopsle, voltando a assumir seu olhar perdido;

“e no entanto eu seria capaz de jurar que o vi.”

Percebendo, insisti para que o sr. Wopsle explicasse o que queria dizer.

“Se eu o teria percebido caso o senhor não estivesse lá”, disse o sr. Wopsle

ainda com o olhar perdido, “isso não posso garantir; mas acho que teria, sim.” Num gesto involuntário, olhei à minha volta, com o estava acostumado a

fazer quando voltava para casa; pois aquelas palavras misteriosas me provocaram um arrepio.

“Ah! Ele não pode estar por perto”, disse o sr. Wopsle. “Ele saiu antes de mim, eu o vi sair.”

Tendo os motivos que tinha para estar desconfiado, cheguei-me mesmo a suspeitar daquele pobre ator. Imaginei que aquilo fosse uma estratégia para me levar a abrir-me com ele. Assim, fiquei a olhá-lo enquanto caminhávamos os lado a lado, porém permaneci em silêncio.

“Formei a ideia ridícula de que ele estaria em sua companhia, até que percebi que o senhor não tinha consciência da presença dele, sentado atrás do senhor, como um fantasma.”

Voltei a ter um arrepio, mas estava decidido a não falar ainda, pois era perfeitamente possível, a julgar por suas palavras, que ele estivesse tentando me levar a associar aquelas referências a Parris. Naturalmente, eu tinha certeza absoluta de que Parris não estivera presente.

“Entendo por que o senhor está espantado com isso, senhor Phipps; dá para perceber. Mas é tão estranho! O senhor talvez nem acredite no que vou lhe dizer. Eu próprio dificilmente acreditaria, se o senhor me dissesse.”

“É mesmo?” , exclamou ele.

“Sem dúvida. O senhor se lembra quando, muitos anos atrás, no Natal, quando ainda era bem pequeno, fui jantar na casa do Gargery, e alguns soldados vieram querendo consertar um par de algemas?”

“Lembro-me muito bem .”

“E o senhor lembra que deram um a busca por dois forçados, e nós fomos juntos, e que o Gargery o carregou nas costas, e que eu saí disparado na frente, e vocês mal conseguiram me acompanhar?”

“Lembro-me de tudo muito bem .” Melhor do que ele imaginava — menos o último detalhe mencionado.

“E o senhor lembra que encontraram os dois numa vala, e que estavam lutando, e um deles havia machucado muito o outro, no rosto?”

“É como se visse a cena à minha frente.”

“E que os soldados acenderam archotes, e puseram os dois no meio, e que os acompanhamos até o fim , caminhando pelo charco

escuro, o fogo iluminando os rostos deles — lembro-me bem disso; o fogo iluminando os rostos deles, e a noite escura a nosso redor?”

“Lembro, sim”, respondi. “Lembro-me de tudo isso.”

“Pois bem, senhor Pip, um daqueles dois forçados estava sentado atrás do senhor hoje. Eu o vi atrás do seu ombro.”

“Calm a lá!”, pensei. Em seguida, perguntei-lhe: “Qual dos dois o senhor julga ter visto?”

“O que estava machucado”, ele respondeu sem hesitar, “juro que o vi! Quanto mais penso nele, mais certeza tenho de que era ele.”

“Isto é muito curioso!”, exclamei, tentando o melhor que podia dar a entender que aquilo não significava nada para mim. “É mesmo muito curioso.”

Impossível exprimir a angústia acentuada que essa conversa me proporcionou, e o terror específico que me causava a ideia de que Compeyson estivera sentado atrás de mim “como um fantasma”. Pois se eu havia ficado alguns momentos sem pensar nele desde que comegara toda aquela história de esconder-me eu protetor, fora justamente naqueles momentos em que ele estivera mais próximo a mim; e ao pensar que eu estava de todo inconsciente de sua presença e despreocupado após tantos cuidados, era como se eu tivesse fechado toda uma avenida de cem portas para mim pedi-lo de entrar e depois descobrisse que ele

estava a meu lado. Era impossível duvidar que ele de fato estava lá, porque eu também estava, e por um enorme que fosse a aparência de perigo à nossa volta, o perigo estava sempre próximo e ativo.

Dirigi ao sr. Wopsle perguntas como: quando o homem havia entrado? Ele não soube me responder; vira-me na plateia e, atrás de mim, percebera o homem. Foi só algum tempo depois de vê-lo pela primeira vez que comecei a identificá-lo; mas desde o início de algum modo associou sua figura a minha pessoa, e também a alguma coisa ocorrida nos velhos tempos, na aldeia. Como estava ele vestido? Como uma pessoa próspera, mas nada que chamasse a atenção; todo de preto, ele julgava. Seu rosto estava de algum modo desfigurado? Não, ele achava que não. E quanto a isso eu estava de acordo, pois, em bora absorto com o estava eu não houvesse reparado nas pessoas a meu redor, parecia-me que um rosto desfigurado haveria de ter me chamado a atenção.

Depois que o sr. Wopsle me transmitiu tudo aquilo de que se lembrava ou tudo que pude arrancar dele, e depois que o regalei com uma colação que com pensasse o cansaço da noite, despedim-nos. Era entre meia-noite e meia e uma da manhã quando cheguei ao Templo, e os portões estavam fechados. Não havia ninguém perto de mim quando entrei e fui para casa.

Herbert já havia chegado, e tivemos uma conversa muito séria junto à lareira. Mas não havia nada a fazer, senão contar a

Wem m ick o que eu descobrira, e lem brá-lo de que estavam os aguardando suas instruções. Com o eu achava que poderia com prom etê-lo se fosse com m uita frequência ao castelo, com uniquei-m e com ele através de um a carta. Escrevi-a antes de m e deitar, e saí para colocá-la na caixa de correio; e, m ais um a vez, não havia ninguém por perto. Eu e Herbert concordam os que a única coisa que podíam os fazer era ter m uita cautela. De fato, ficam os m uito cuidadosos — m ais ainda do que j á estavam os antes, se tal coisa era possível —, e eu, de m inha parte, j am ais m e aproxim ava de Chinks's Basin, senão quando passava por lá de barco, e nessas circunstâncias olhava para Mill P ond Bank tal com o olhava para qualquer outra coisa.

CAPÍTULO XLVII

O segundo dos dois encontros mencionados no último capítulo ocorreu cerca de uma semana depois do primeiro. Como antes, eu havia deixado meu barco no ancoradouro adjacente da ponte London; e, sem conseguir me decidir onde jantar, fui caminhando pela Cheapside, e lá fiquei a vagar, certamente a pessoa mais intranquila em toda aquela movimentada avenida, quando uma manzorra pousou em meu ombro, a mão de alguém que vinha atrás de mim e me alcançou. Era o sr. Jaggars, e ele tomou-me o braço.

“Como vamos na mesma direção, Philip, podemos caminhar juntos. Para onde você está indo?”

“Para o Templo, eu acho”, respondi. “Você não sabe?”, indagou o sr. Jaggars.

“Não sei, não”, retruquei, satisfeito por poder ao menos uma vez sair-me bem em seu interrogatório, “pois ainda não me decidi.”

“Você vai jantar?”, perguntou o sr. Jaggars. “Imagino que isso, ao menos, você não se incomoda de reconhecer, não é?”

“Não”, respondi, “Não me incomoda.” “E está sozinho?”

“Também não me incomoda de reconhecer que estou sozinho.”

“Nesse caso”, disse o sr. Jaggars, “venha jantar comigo.”

Eu ia rejeitar o convite com um pedido de desculpas quando ele acrescentou: “O Wemmick também vai.”

Assim, transformei minha rejeição numa aceitação — as poucas palavras que eu já havia pronunciado serviriam tanto para uma resposta quanto para a outra — e assim seguimos por Cheapside e depois para Little Britain, enquanto luzes fortes se acendiam nas vitrines das lojas, e os acendedores de lâmpadas, encontrando com dificuldade um lugar para colocar suas escadas no meio da multidão vespertina, subiam e desciam, e iam e vinham correndo, abrindo na neblina cada vez mais espessa mais olhos vermelhos do que minha torre de luzes do Hummuns abria olhos brancos na parede espectral.

No escritório em Little Britain, repetiu-se a rotina de sempre de escrever cartas, lavar as mãos, apagar as velas e trancar o cofre, a rotina que assinalava o fim de mais um dia de trabalho. Enquanto eu aguardava junto à lareira do sr. Jaggery, vi que a chama, ao subir e descer, dava a impressão de que as duas máscaras na prateleira estavam fazendo um diabólico jogo de esconde-esconde comigo; as duas velas grossas que iluminavam a mesa do sr. Jaggery, enquanto

ele escrevia num canto, estavam enfeitadas com mortaishas sujas, com o seu em em ória de tantos clientes enforcados.

Fomos à Gerrard-street, os três juntos, num fiacre de aluguel, e tão logo chegaram o jantar foi servido. Embora nem me ocorresse a possibilidade de fazer, em tal lugar, a referência mais indireta, através de uma expressão dirigida a Wemmick, aos sentimentos de Walworth, eu teria gostado de receber da parte dele um ou outro olhar simpático. Mas tal não ocorreu. Sempre que levantava a vista da mesa, ele olhava para o sr. Juggers, e em relação a mim se comportava de uma maneira seca e distante, como se houvesse dois Wemmicks gemêos, e aquele fosse o irmão errado.

“Você enviou aquele bilhete da senhora Havisham ao senhor Pip, Wemmick?”, perguntou o sr. Juggers, assim que começamos a comer.

“Não, senhor”, respondeu Wemmick; “eu ia despachá-lo quando o senhor entrou no escritório com o senhor Pip. Está aqui.” Entregou a mimissiva a seu superior, e não a mim.

“É um bilhete de duas linhas, Pip”, disse o sr. Juggers, repassando-o a mim, “que a senhora Havisham me enviou por não saber direito qual o seu endereço. Ela diz que gostaria de lhe falar a respeito do assunto que você mencionou a ela. Você vai lá?”

“Vou”, respondi, olhando de relance o bilhete, cujo teor era exatamente aquele.

“Quando pretende ir?”

“Tenho um com prom isso urgente”, disse eu, olhando para Wem m ick, que estava despachando peixe em sua caixa de correio, “e por isso não sei direito quando vou. Acho que vou im ediatam ente.”

“Se o senhor P ip tem intenção de ir im ediatam ente”, disse Wem m ick ao sr. Jagggers, “ele não precisa responder o bilhete.”

Entendendo que esse com entário queria dizer que era m elhor agir depressa, resolvi ir no dia seguinte e disse isso a eles. Wem m ick bebeu um a taça de vinho e olhou com um ar de satisfação irônica para o sr. Jagggers, m as não olhou para m im .

“P ois é, P ip! Nosso am igo, o Aranha”, observou o sr. Jagggers, “fez sua j ogada. Ele ganhou a partida.”

Não pude fazer outra coisa senão concordar.

“Ah! Ele é um suj eito prom issor — lá a sua m aneira — m as pode não conseguir tudo que quer. O m ais forte vai vencer no final, m as prim eiro é preciso saber quem é o m ais forte. Se ele resolver bater nela...”

“Não é possível”, interrom pi, com um ardor no rosto e no coração, “que o senhor realm ente acredite que ele é canalha o bastante para fazer um a coisa dessas, senhor Jagggers?”

“Não foi isso que eu disse, P ip. Estou só im aginando um a hipótese. Se ele resolver bater nela, talvez se torne o m ais forte; se for por um a questão de intelecto, certam ente que não. Não há com o

prever com o um sujeito desse tipo vai agir em tais circunstâncias, pois os dois resultados são igualmente prováveis.”

“Pode perguntar quais são eles?”

“Um sujeito com o nome do nosso amigo, o Aranha”, respondeu o sr. Jagers, “ou

bate ou rasteja. Ele pode rastejar e resmungar, ou rastejar sem resmungar; mas as opções são bater ou rastejar. Pergunte a Wemmick qual a opinião dele.”

“Ou bate ou rasteja”, respondeu Wemmick, não se dirigindo a mim de modo algum.

“Então, à saúde da senhora Bentley Drummond”, disse o sr. Jagers, pegando no aparador uma garrafa de vinho da melhor qualidade, e enchendo nossas taças e a sua, “e que a questão de quem é o mais forte seja resolvida em favor da mulher! Pois em favor da mulher e do marido é que não vai ser. Mas Molly,

Molly, Molly, Molly, com o você está lerda hoje!”

Ela estava ao lado dele nesse momento, pondo uma travessa na mesa. Quando recolheu as mãos, deu um ou dois passos para trás, murmurando uma desculpa nervosa. E certo movimento de seus dedos, enquanto ela falava, chamou minha atenção.

“O que foi?”, perguntou o sr. Jagers.

“Nada. É que o assunto do qual falávamos”, expliquei, “era um tanto doloroso para mim.”

O movimento dos dedos de Molly parecia o de alguém que tricotasse. Ela olhava para o patrão, sem saber se estava livre para recolher-se ou se ele teria mais alguma coisa para lhe dizer, e a chamaria se ela se afastasse. Tinha uma expressão muito atenta no rosto. Sem dúvida, eu vi exatamente aqueles olhos e aquelas mãos, numa ocasião memorável muito recente!

O sr. Jagers despachou-a, e ela saiu da sala. Porém continuei a vê-la à minha frente, tal com o se não tivesse saído. Olhei para aquelas mãos, olhei para aqueles olhos, olhei para aqueles cabelos soltos; e com parei-os com outras mãos, outros olhos, outros cabelos, os quais eu conhecia, e com o que eles talvez viessem a se tornar depois de vinte anos de uma vida tempestuosa junto a um marido bruto. Olhei de novo para aquelas mãos e aqueles olhos da governanta, e pensei no sentimento inexplicável que me dominara na última vez em que eu caminhara — e não a sós — no jardim abandonado, e na cervejaria deserta. Pensei que o sentimento voltara quando vi um rosto olhando para mim, e uma mão acenando para mim, da janela de uma diligência; o sentimento voltara com o um relâmpago quando passei, numa carruagem — e não a sós — por algum brilho súbito numa rua escura. Pensei que um elo nessa cadeia de associações me ajudara a fazer essa identificação no teatro, e que esse elo, que antes

faltava, encaixara-se com precisão na corrente, quando por um acaso passei da m enção do nome de Estella àqueles dedos que pareciam tricotar e àqueles olhos atentos. E tive certeza absoluta de que aquela mulher era a mãe de Estella.

O sr. Jaggars já me vira com Estella, e provavelmente teria percebido os sentimentos que eu sequer tentara ocultar. Ele acenou com a cabeça quando observei que o assunto era doloroso para mim, deu-me um tapinha nas costas, serviu-me mais um a rodada de vinho e continuou a comer.

Apenas mais duas vezes a governanta voltou a aparecer, ficou muito pouco tempo na sala, e o sr. Jaggars foi ríspido com ela. Mas as mãos eram as mãos de Estella, e os olhos eram os olhos de Estella, e se ela tivesse reaparecido cem vezes eu não teria nem mais nem menos certeza de que minha convicção era acertada.

O jantar foi um tanto monótono, pois Wemnick recebia o vinho que lhe era oferecido de modo mecânico — tal com o receberia o salário ao ser pago — e, com os olhos em seu patrão, permanecia num estado de prontidão perpétua, aguardando o interrogatório. Quanto à quantidade de vinho, sua caixa de correio era tão indiferente quanto qualquer outra caixa de correio em relação à quantidade de cartas nela colocada. Do meu ponto de vista,

ele era o irmão gêmeo errado, e apenas exteriormente se assemelhava ao Wemmick de Walworth.

Despedimo-nos cedo e saímos juntos. Já enquanto procurávamos os nossos chapéus em meio ao depósito de botas do sr. Jagers percebi que o irmão certo estava voltando; e quando não haviam os ainda caminhado dez metros pela Gerrard-street, no sentido de Walworth, dei-me conta de que estava caminhando de braço dado com o outro irmão, o certo, e que o errado se havia desvanecido na noite.

“Bem”, disse Wemmick, “acabou! Ele é um homem maravilhoso, que não tem igual no mundo; mas sinto que tenho de ficar todo amarrado quando junto com ele — e é mais confortável jantar desamarrado.”

Achei que aquela definição era correta e transmiti-lhe esse pensamento.

“Eu não diria isso a ninguém que não fosse o senhor”, respondeu ele. “Sei que o que dizem os um ao outro fica entre nós.”

Perguntei-lhe se já vira alguma vez a filha adotiva da sra. Havisham, a esposa de Bentley Drummle. Ele disse que não. Para não ser abrupto demais, falei então sobre o idoso, e sobre a sra. Skiffins. Ele adquiriu um ar maroto quando mencionei esta senhora, e parou de repente para assoar o nariz, com um movimento

ento de cabeça e um floreio que não eram totalm ente isentos de bazófia.

“Wem m ick”, disse eu, “você lem bra que m e disse, antes de eu ir pela prim eira vez à casa do senhor Jaggars, que prestasse atenção na governanta?”

“Eu disse isso?”, ele retrucou. “É verdade”, disse, “sim . Mas que diabo”, ele acrescentou de repente, “eu sei que disse isso. P elo visto, ainda não estou inteiram ente desam arrado.”

“Você disse que ela era um a fera selvagem dom ada.” “E o senhor, com o a descreveria?”

“Tal com o você. Com o foi que o senhor Jaggars a dom ou, Wem m ick?” “Isso é segredo dele. Ela trabalha para ele há m uitos anos.”

“Eu queria que você m e contasse a história dela. Tenho m uito interesse. Você sabe que o que dizem os um ao outro fica entre nós.”

“Bem ”, respondeu Wem m ick, “não sei a história dela — quer dizer, não sei a história toda. Mas o que sei, vou lhe contar. Afinal, estam os falando em caráter privado e pessoal, é claro.”

“É claro.”

“Há cerca de vinte anos, essa m ulher foi julgada em Old Bailey por assassinato, e foi absolvida. Era um a m oça m uito bonita, e creio que tem um pouco de sangue cigano. Sej a com o

for, o sangue dela ficava bastante quente quando ela se exaltava, com o o senhor pode imaginar.”

“Mas ela foi absolvida.”

“O senhor Jagers foi quem a defendeu”, prosseguiu Wemmick, com um olhar carregado de significados, “e ele trabalhou no caso de uma maneira espantosa. Era um caso considerado perdido, e ele ainda estava no começo da carreira, e a defesa que realizou foi admirada por todos; aliás, quase se pode dizer que foi assim que ele conquistou sua reputação. Ele mesmo ia à delegacia, todos os dias, por um bom tempo, tentando evitar até mesmo que ela fosse detida; e no julgamento, não podendo atuar em sua defesa pessoalmente, auxiliou o advogado de defesa, e — com o todos sabiam — foi ele que lhe ‘soprou’ tudo. A vítima era uma mulher; uma mulher uns bons dez anos mais velha, muito mais, e muito, muito mais forte. Era um caso de ciúmes. As duas viviam na vagabundagem, e a nossa conhecida de Gerrard-street havia se casado muito mais cedo, casado na igreja verde¹ (como se diz), com um vagabundo, e estava furiosa de ciúmes. A mulher assassinada — bem mais velha que o homem, aliás

— foi encontrada morta num celeiro perto de Hounslow Heath. Tinha havido um conflito violento, talvez uma luta. Ela estava cheia de contusões, arranhões e cortes, e fora agarrada pelo pescoço e estrangulada. Ora, não havia indícios razoáveis que apontassem para nenhuma outra pessoa que não essa mulher, e foi com base

no argum ento de que para ela teria sido im possível com eter o crim e que o senhor Jagers fundou sua defesa. O senhor pode ter certeza”, disse Wem m ick, tocando-m e na m anga, “que naquela ocasião ele não pôs tanta ênfase na força das m ãos dela, em bora faça isso às vezes agora.”

Contei a Wem m ick que ele fizera questão de exibir a nós os punhos de Molly naquele jantar.

“P ois bem !”, prosseguiu Wem m ick. “Aconteceu — o senhor entende? — aconteceu que essa m ulher foi vestida com m uito cuidado desde o m om ento em que foi presa, de m odo que parecesse bem m ais fraca do que era na verdade; em particular, as m angas de seu vestido eram sem pre feitas de tal m odo que os braços parecessem bem delicados. Em seu corpo havia apenas um as poucas contusões — com o é de se esperar num a m ulher sem eira nem beira — m as as costas de suas m ãos estavam arranhadas, e a pergunta era esta: seriam m arcas de unhas? P ois bem , o senhor Jagers m ostrou que ela havia atravessado um a quantidade de sarças que não chegavam até a altura de seu rosto, m as que ela não poderia ter atravessado sem usar as m ãos; de fato, as sarças em questão foram exam inadas e verificou-se que alguém havia passado por elas, e foram encontrados pedacinhos de seu vestido e pequenas m arcas de sangue aqui e ali. Mas o lance m ais ousado dele foi este: para provar que ela estava com ciúmes, alegou-se que ela, m ais ou m enos na época do assassinato, havia

num momento de loucura matou sua própria filha, cujo pai era o tal homem — uma criança de três anos de idade — para vingarse dele. O raciocínio do senhor Jaggery foi este:

‘Afirmamos que essas marcas não foram feitas por unhas, e sim por espinhos de sarças, e mostramos as sarças. Os senhores afirmam que são marcas de unhas, e lançam a hipótese de que ela matou a criança. É preciso aceitar todas as consequências dessa hipótese. Pelo que sabemos, é possível que ela tenha matado a criança, e que a criança, agarrando-se a ela, tenha arranhado suas mãos. E então? Os senhores não estão acusando-a de ter matado a criança. Por que não o fazem? Quanto a este caso, se de fato há arranhões, afirmamos que, pelo que

sabemos, talvez os senhores tenham uma explicação para eles, pressupondo-se, para fins de alguma razão, que não foram os senhores que os inventaram?’. Em resumo”, disse Wemyck, “o senhor Jaggery foi decisivo para os jurados, e eles entregaram os pontos.”

“Ela trabalha para ele desde então?”

“Trabalha; mas não é só isso”, disse Wemyck. “Ela começou a trabalhar para ele assim que foi absolvida, exatamente tal como está agora. De lá para cá ela foi aprendendo a fazer uma coisa e outra em seu ofício de governanta, mas ficou sempre esticada desde o começo.”

“Então a criança era um a m enina?” “Dizem que era.”

“Você não tem m ais nada a m e dizer por hoj e?” “Nada. Recebi sua carta e j á a destruí. Nada.”

Despedim o-nos cordialm ente e fui para casa, com questões novas a pensar, em bora os pensam entos antigos não m e dessem trégua.

CAPÍTULO XLVIII

Quando no bolso o bilhete da sra. Havisham, para que me servisse de credencial que justificasse minha volta à Casa Satis tão cedo, pois por um capricho ela bem poderia manifestar surpresa ao me ver, voltei lá de carruagem no dia seguinte. Porém, saltei numa estalagem no meio do caminho, onde fiz o desjejum, e segui a pé, porque meu objetivo era chegar à aldeia de modo discreto e pela via menos esperada, e partir de lá da mesma maneira.

A luz do dia já começava a diminuir quando passei pelos pátios vazios, onde meus passos ecoavam, atrás da High-street. Os recantos nas ruínas onde outrora os monges tinham seus refeitórios e jardins, e onde as paredes fortes agora serviam a humilde galpões e estrebarias, estavam quase tão silenciosos quanto os velhos monges em suas sepulturas. Os sinos da catedral agora tinham um som ao mesmo tempo mais triste e mais remoto para mim, enquanto eu apressava o passo, evitando ser observado, do que já mais tiveram antes; assim também os acordes do velho órgão soavam em meus ouvidos com o som música fúnebre; e as gralhas, que revoavam em torno da torre cinzenta e pousavam nas árvores altas, despidas de folhas, do jardim do priorado, pareciam-me dizer que o lugar estava mudado, e que Estella partira de lá para sempre.

Um a m ulher idosa, que eu j á vira antes e sabia ser um a das criadas que m oravam no prédio anexo atrás do pátio dos fundos, veio abrir o portão. A vela acesa estava no corredor escuro, tal com o antigam ente, e eu peguei-a para subir a escada sozinho. A sra. Havisham não estava em seu quarto, porém na sala m aior do outro lado do patam ar da escada. Depois de bater à porta em vão, abri- a e olhei para dentro, e vi a anciã sentada num a cadeira rota, bem perto da lareira cheia de cinzas, im ersa na contem plação do fogo.

Com o fizera tantas vezes antes, entrei e parei com a m ão no velho console, onde ela pudesse m e ver quando levantasse a vista. Havia nela um ar de solidão absoluta que m e inspiraria piedade, m esm o se ela houvesse voluntariam ente m e causado um sofrim ento m ais profundo do que qualquer m al de que eu pudesse acusá-la. Enquanto eu a olhava cheio de com paixão, pensando que, com o passar do tem po, tam bém eu viera a m e tornar parte das esperanças destruídas daquela casa, seu olhar pousou em m im . Ela olhou-m e fixam ente e disse, em voz baixa: “É ele, m esm o!”.

“Sou eu, o P ip. O senhor Jaggers m e deu o seu bilhete ontem , e vim na m esm a hora.”

“Obrigada. Obrigada.”

Peguei outra cadeira rota, coloquei-a perto do fogo e sentei-me, percebendo uma expressão nova no rosto da sra. Havisham, com o se ela estivesse com medo de mim.

“Quero retomar”, disse ela, “aquele assunto que levantaste da última vez que vieste aqui, e mostrar-te que não sou totalmente insensível. Mas talvez não possas mais acreditar, agora, que há alguma coisa de humano no meu coração?”

Quando respondi com algumas palavras tranquilizadoras, ela estendeu a mão direita trêmula, com o se fosse me tocar; porém recolheu-a antes que eu compreendesse o sentido do gesto, ou decidisse como reagir a ele.

“Tu me disseste, falando por teu amigo, que podias me mostrar como fazer algo de bom e útil. Algo que gostarias que fosse feito, não é?”

“Algo que eu gostaria muito que fosse feito.” “O que é?”

Comecei a contar-lhe a história secreta da sociedade de Herbert. Não havia avançado muito na narrativa quando julguei perceber, com base no olhar de minha interlocutora, que ela estava pensando mais em mim do que no que eu estava dizendo. Meu juízo pareceu estar correto, pois quando parei de falar foi só depois de um longo intervalo que ela demonstrou ter consciência da interrupção.

“Tu te calaste”, perguntou-me e então, de novo parecendo ter medo de mim, “porque me odeias tanto que nem consegues falar comigo?”

“Não, não”, respondi; “mas com o a senhora pode pensar uma coisa dessas! Calei-me e porque achei que a senhora não estava prestando atenção nas minhas palavras.”

“Talvez eu não estivesse, mesmo”, disse ela, levando a mão à cabeça. “Começa de novo, e deixa-me olhar para outra coisa. Espera! Agora podes falar.”

Pos a mão na bengala, com o jeito decidido que às vezes assumia por força do hábito, e ficou a olhar para o fogo com uma expressão enfática, de quem se obriga a prestar atenção. Depois prosseguimos então a minha explanação, e disse-lhe de que modo eu tivera esperanças de completar a transação com base em meus próprios recursos, quanto a isso, porém, me frustrara. Essa parte da história (lembrá-lhe) envolvia questões sobre as quais eu nada podia dizer, pois faziam parte de segredos importantes de outra pessoa.

“Pois bem!”, exclamou ela, acenando com a cabeça, mas sem olhar para mim. “E quanto falta para completar a quantia?”

Eu tentava responder a essa pergunta, pois a quantia me parecia vultosa. “Novecentas libras.”

“Se eu te der o dinheiro necessário para esse fim , tu guardarás m eu segredo tal com o guardas o teu?”

“Com a m esm a fidelidade.” “E ficarás m ais tranquilo?” “Muito m ais.”

“Estás m uito infeliz agora?”

Fez a pergunta ainda sem olhar para m im , m as com um tom involuntário de com iseração. Não pude responder de imediato, porque m inha voz falhou. Ela pousou o braço esquerdo no castão da bengala e lentamente encostou a testa nele.

“Não estou de m odo algum feliz, senhora Havisham , m as tenho outros m otivos para sofrer além dos que a senhora conhece. São os tais segredos a que m e referi.”

Depois de algum tem po, ela levantou a cabeça e voltou a olhar para o fogo. “É generoso da tua parte m e dizer que tens outros m otivos de infelicidade. É

m esm o verdade?”

“A pura verdade.”

“Então só posso aj udar-te, P ip, aj udando teu am igo? Um a vez feito isso, não há nada que eu possa fazer por ti?”

“Nada. Agradeço-lhe a pergunta. Agradeço-lhe ainda m ais o tom em que foi feita a pergunta. Mas não há nada, não.”

Após um instante, ela levantou-se e correu os olhos pela sala devastada, procurando algo com que escrever. Nada encontrou, tirou do bolso um conjunto

de pequenas lousas de marfim, encadernadas em ouro embaçado, e nelas escreveu com um lápis guardado num estojo de ouro embaçado que ela usava pendurado ao pescoço.

“Ainda tens relações de amizade com o senhor Jaggars?” “Tenho, sim. Ontem mesmo jantei com ele.”

“Isto é uma autorização para que ele te dê o dinheiro que tu cederás, irresponsavelmente, a teu amigo. Não guardo dinheiro aqui, mas se preferes que o senhor Jaggars não fique sabendo de nada, posso enviá-lo a ti.”

“Obrigado, senhora Havisham, não faço nenhuma objeção a receber o dinheiro através dele.”

Ela leu para si o que havia escrito: o texto era direto e claro, fora escrito com a intenção evidente de se isentar de qualquer suspeita de que o dinheiro viesse a ser utilizado em seu proveito. Ela entregou-lhe as lousas, e sua mão tremeu de novo, e tremeu ainda mais quando tirou do pescoço o cordão a que estava preso o lápis e o pôs na mão. Fez tudo isso sem olhar para si.

“Meu nome está na primeira folha. Se puderes escrever em baixo do meu nome ‘Eu a perdoo’, ainda que muito depois de meu coração partido virar pó — eu te peço que o faça.”

“Ah, senhora Havisham ”, disse eu, “posso fazê-lo agora mesmo. Erros sérios foram cometidos; vivi às cegas e sem rumo, e eu próprio preciso de perdão e orientação, tanto que não posso guardar rancor da senhora.”

Ela voltou o rosto para mim pela primeira vez desde que o desviara, quando então, para meu espanto — e, devo acrescentar, para meu pavor — caiu de joelhos a meus pés; com as mãos unidas levantadas para mim tal como, quando seu pobre coração era jovem, fresco e intacto, certamente tantas vezes levantou-as para o céu, ajoelhada junto à mãe.

Vê-la, com os cabelos encanecidos e o rosto engelhado, ajoelhada a meus pés fez com que um tremor me percorresse todo o corpo. Implorei-lhe que se levantasse, e abracei-a para ajudá-la; porém ela limitou-se a apertar a minha mão que estava mais a seu alcance e, baixando a cabeça, pôs-se a chorar. Eu já mais a vi verter uma única lágrima que fosse, e, na esperança de que o alívio lhe fizesse bem, curvei-me sobre ela sem nada dizer. Ela não estava mais ajoelhada, porém continuava no chão.

“Ah!”, exclamava, em desespero. “O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?”

“Se a senhora quer saber o que fez de mim para mim, posso lhe responder: muito pouco. Eu teria amado a Estella em quaisquer circunstâncias. Ela casou-se?”

“Casou-se.”

A pergunta era desnecessária, pois havia naquela casa desolada um toque novo de desolação que já a respondia.

“O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?” Ela retorcia as mãos e amassava os cabelos brancos, e repetia a frase sem parar.

“O que foi que eu fiz?”

Eu não sabia com o responder, nem com o consolá-la. Que ela fizera uma coisa terrível ao tomar uma criança impressionável e moldá-la, de modo a vingar seu ressentimento feroz, seu afeto rejeitado e seu orgulho ferido, disso eu sabia muito bem. Mas que, ao expulsar da casa a luz do dia, ela expulsara uma infinidade de coisas adicionais; que, na sua reclusão, ela se afastara de muitas influências naturais que poderiam tê-la ajudado a se recuperar; que seu espírito, ao remoer suas mágoas na solidão, se tornara doentio, como acontece com todo e qualquer espírito que faça o contrário do que ordena seu Criador — disso eu também sabia. E como seria possível a mim imcomtemplá-la sem com paixão, vendo-a punida na ruína em que se encontrava, profundamente inadaptada àquele mundo em que fora colocada, na vaidade do sofrimento que se tornara uma mania dominante, com a vaidade da penitência, a vaidade do remorso, a vaidade da humildade, e as outras vaidades monstruosas que vêm assolando este mundo?

“Até o momento em que tu falaste com ela, e até o momento em que me vi num espelho que me mostrava o que eu própria sentira uma vez, eu não sabia o que havia feito. O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?” E assim por diante, vinte, cinquenta vezes mais: o que fizera ela?

“Senhora Havisham”, disse eu, quando ela se aquietou, “quanto a mim, sua consciência pode ficar em paz. Mas Estella é um caso diferente, e se a senhora puder desfazer o mínimo que seja do mal que fez ao afastá-la de uma parte de sua própria natureza, isso será melhor do que passar cem anos lamentando o passado.”

“Eu sei, eu sei. Mas, Pip — meu querido Pip!” Havia uma nota de compaixão feminina verdadeira naquele novo afeto. “Meu querido Pip! Acredita-me: quando ela veio a mim, de início eu queria salvá-la de um sofrimento igual ao meu. De início, era só isso que eu queria.”

“Bem!”, exclamei. “Espero que sim.”

“Mas à medida que ela foi crescendo, e que percebi que haveria de ficar muito bonita, pouco a pouco comecei a fazer coisa pior, e com meus elogios, com minhas jóias, com meus ensinamentos, e com minha imagem diante dela para servir de alerta e fortalecer minhas lições, roubei-lhe o coração e pus em lugar dele uma pedra de gelo.”

“Seria melhor”, não pude evitar o comentário, “deixá-la com um coração natural, mesmo o que viesse a ser ferido ou partido.”

Ao ouvir isso, a sra. Havisham dirigiu-me um olhar transtornado por alguns instantes, e logo voltou a exclamar: “O que foi que eu fiz?”.

E insisti: “Se soubesses toda a minha história, terias alguma compaixão por mim e me entenderias melhor”.

“Senhora Havisham”, respondi, do modo mais delicado de que era capaz, “creio poder afirmar que já conheço a sua história, desde a primeira vez que vim aqui. Ela me inspirou muita consideração, e creio que compreendo, e compreendo as influências que exerceu. O que se passou entre nós me dá alguma desculpa para lhe fazer uma pergunta sobre a Estella? Não tal com ela é hoje, mas tal com ela era quando chegou aqui.”

A anciã estava sentada no chão, com os braços sobre a cadeira rota, e a cabeça apoiada neles. Ela olhava-me nos olhos quando eu disse isso, e respondeu: “Faz tua pergunta”.

“Quem é a mãe da Estella?” Ela fez que não com a cabeça. “A senhora não sabe?”

Ela repetiu o gesto.

“Mas foi o senhor Jagger que a trouxe aqui, ou apenas a mandou para cá?” “Ele a trouxe.”

“A senhora poderia me dizer com o foi que a coisa aconteceu?”

Ela respondeu num sussurro cauteloso: “Eu já estava encerrada nesses cômodos há muito tempo (não sei quanto tempo; bem sabes quais são as horas que os relógios daqui marcam), quando eu lhe disse que queria uma menina para criar e amarrar, e salvar-me de meu destino. Eu o vi pela primeira vez quando o chamaram para transformar esta casa numa desolação; eu vi seu nome nos jornais, antes de me afastar do mundo. Ele disse-me que procuraria uma órfã para mim. Uma noite ele a trouxe adormecida, e dei a ela o nome de Estella”.

“Posso lhe perguntar que idade ela teria?”

“Dois ou três anos. Ela própria nada sabe, apenas que se tornou órfã e que eu a adotei.”

Tam anha era a minha convicção de que Molly era a mãe de Estella que eu próprio não precisava de provas que me persuadissem. Mas para qualquer um, pensei então, a ligação agora estava clara e direta.

De que adiantaria prolongar aquela entrevista? Eu havia obtido a ajuda para Herbert, a sra. Havisham me dissera tudo que sabia a respeito de Estella, e eu dissera e fizera o possível para apaziguar sua consciência. Não é preciso relatar as palavras adicionais com que nos despedimos, o fato é que nos despedimos.

Já anoitecia quando desci a escada e saí para o ar natural. Disse à mulher que abrisse o portão para mim que não precisaria dela por enquanto, pois pretendia caminhar pela propriedade antes de ir embora. Pois tinha eu o pressentimento de que nunca mais haveria de voltar lá, e senti que a luz do crepúsculo era a mais adequada para minha última visão do lugar.

Atravessando a selva de barris pela qual eu caminhara anos atrás, e na qual anos de chuva haviam caído, fazendo a madeira apodrecer em muitos lugares, e deixando pequeninos pântanos e poças d'água nos que ainda estavam em pé, fui

caminhando rumo ao jardim em ruínas. Percorri-o todo, passando pelo recanto onde eu e Herbert haviam lutado, passando pelos caminhos que eu e Estella haviam trilhado. Tudo tão frio, tão deserto, tão melancólico!

Voltando pela varanda, levantei o trinco enferrujado de uma portinha que a ligava ao jardim, e entrei. Ia eu sair pela outra porta — agora difícil de abrir, pois a madeira úmida estava inchada, as dobradiças estavam cedendo e a soleira estava coberta de cogumelos — quando me virei e olhei para trás. Uma associação infantil voltou-me com uma força extraordinária no momento em que esbocei o gesto, e imaginei por um momento que via a sra. Havisham dependurada na trave. Tão forte foi a impressão que fiquei parado debaixo da trave, com um tremor a percorrer-

me o corpo dos pés à cabeça, até me convencer de que era apenas uma fantasia — me esmorei assim, fui até lá de um salto.

O que havia de lúgubre no lugar e na hora, e o terror enorme proporcionado por essa ilusão, ainda que me entenebra, me proporcionaram um medo indescritível quando saí pelo portão de madeira onde uma vez eu ficara a puxar os cabelos depois que Estella feriu meu coração. Chegando ao pátio da frente, fiquei sem saber se chamava a mulher para que ela abrisse o portão da frente, cuja chave estava em sua posse, ou se primeiro voltava à sala para ver se a sra. Havisham continuava tal como estava quando eu dela me despedira. Escolhi a segunda alternativa e subi a escada.

Push a cabeça dentro da sala onde eu a deixara, e vi-a sentada na cadeira rotajunto à lareira, de costas para mim. No momento em que eu recolhia minha cabeça para ir-me embora em silêncio, vi um clarão súbito. No mesmo momento, vi-a correndo em minha direção, aos gritos, com um torvelinho de fogo à sua volta, as chamas elevando-se acima dela a uma altura equivalente a sua estatura.

Eu estava usando um casaco espesso, e levava no braço outro sobretudo pesado. Sei que me livrei deles, fui até ela, deitei-a no chão e cobria-a com os casacos; que como mesmo objetivo arranquei daquela grande toalha, arrastando para o chão o monte de podridão que havia no meio dela, e todas as criaturas

horrendas que ali se abrigavam ; que ficam os a lutar no chão com o se fôsem os inimigos mortais, e quanto mais eu a cobria, com mais ferocidade ela gritava e tentava livrar-se de mim ; sei que tudo isso ocorreu com base no resultado de meus atos, mas não a partir de nada que eu sentisse, nem pensasse, nem soubesse que fiz. Quando dei por mim , estava deitado com ela no chão junto da mesa enorme, com fagulhas ainda flutuando no ar enfumado, restos do que fora seu desbotado vestido de noiva.

Então olhei à minha volta e vi as baratas e aranhas assustadas fugindo pelo chão, e as criadas entrando na sala aos gritos. Eu continuava a segurá-la com força com o se ela fosse uma prisioneira que quisesse fugir; e creio que eu próprio não sabia quem ela era, nem o motivo pelo qual haviam os lutado, nem que ela havia pegado fogo, nem que as chamas estavam extintas, até o momento em que vi os farrapos que haviam sido as roupas dela, não mais ardendo, porém caindo, numa chuva negra, a nosso redor.

A anciã estava desacordada; achei melhor não removê-la, nem sequer tocar

nela. Pedi os ajuda, e segurei-a até que nosso pedido fosse atendido, com o se acreditasse insensatamente (e acho que eu de fato acreditava) que se a soltasse o fogo recomençaria e a consumiria. Quando me levantei, com a chegada do médico e outras

peçoas, verifiquei atônito que em inhas duas mãos estavam queimadas, pois até então eu não sentira nada.

O médico examinou-a e afirmou que ela sofrera queimaduras sérias, mas que seu estado não era de modo algum desesperador; o principal perigo era o choque nervoso. Por ordem do médico, sua cama foi levada para a sala e colocada sobre a mesa, a qual era bem adequada para nela cuidarem de suas feridas. Quando voltei a vê-la, uma hora depois, ela estava no exato lugar onde eu a vira bater sua bengala, dizendo que era ali que seu corpo seria estendido.

Embora de seu vestido não sobrasse nenhum vestígio, segundo me disseram, ela ainda guardava algo de sua aparência de noiva espectral; pois haviam-na recoberto de algodão até o pescoço; assim, deitada sob um lençol branco de algodão, ela ainda preservava o ar fantasmagórico de algo que existira, mas sofrera uma mudança.

Fiquei sabendo, através da criada, que Estella estava em Paris, e o médico prometeu-me que mandaria uma carta para ela pelo próximo correio. Eu próprio encarreguei-me de notificar os parentes da sra. Havisham; decidi que avisaria apenas o sr. Matthew Pocket, e deixaria que ele resolvesse quem mais receberia a notícia. Foi o que fiz no dia seguinte, através de Herbert, tão logo voltei para a aldeia.

Naquela noite, houve um momento em que ela falou de modo equilibrado sobre o que havia acontecido, ainda que com uma vivacidade terrível. Por volta de meia-noite começou a variar, e a partir daí passou a repetir incessantemente, num tom grave e em voz baixa: “O que foi que eu fiz?”. E depois: “De início eu queria salvá-la de um sofrimento igual ao meu”. E depois: “Tom o lápis e escreve em baixo do meu nome: ‘Eu a perdoo!’”. Nunca mudava a ordem dessas três frases, mas às por vezes omitia uma palavra numa delas; já mais acrescentava nenhuma palavra, porém deixava um espaço em branco e passava para a palavra seguinte.

Com o que nada mais poderia fazer ali, e com o que tinha, mais perto de minha casa, outro momento sério para preocupações e temores que nem mesmo o desvario da sra. Havisham conseguia me fazer esquecer, resolvi no meio da noite que voltaria na manhã seguinte pela primeira diligência: caminharia mais de um quilômetro e tomaria a carruagem já longe da aldeia. Por volta das seis da manhã, pois, debrucei-me sobre ela e encostei meus lábios nos seus, no momento exato em que eles diziam, sem se deterem ao serem tocados: “Tom o lápis e escreve em baixo do meu nome: ‘Eu a perdoo!’”.

CAPÍTULO XLIX

Minhas mãos tinham sido pensadas duas ou três vezes durante a noite, e mais uma vez pela manhã. Meu braço esquerdo estava bem queimado até a altura do cotovelo, e com menos gravidade até o ombro; doía muito, porém as chamas se haviam fixado naquela direção, de modo que poderia ter sido pior. Minha mão direita não estava tão queimada a ponto de eu não poder mexer os dedos. Também estava com curativos, é claro, mas as bandagens incomodavam menos do que as da mão e do braço esquerdo, que eu precisava apoiar numa tábua; fui obrigado a usar o casaco jogado sobre os ombros com o um manto, solto nos ombros e preso ao pescoço. Meu cabelo fora atingido pelo fogo, mas não tinha cabeça nem meu rosto.

Quando Herbert voltou de Hamersmith, onde foi falar com o pai, voltou para nossos aposentos e passou o dia cuidando de mim. Revelou-se o mais dedicado dos enfermeiros: nas horas certas trocava os curativos, mergulhava-os no líquido refrigerante que era um antídoto à mão e recolocava-os, com uma ternura e uma paciência que me tornaram muito grato.

De início, enquanto eu jazia inerte no sofá, era para mim dolorosamente difícil, até impossível, livrar-me da pressão do brilho das chamas, sua avidéz e seu rugido, e o terrível cheiro de

queimado. Quando eu cochilava por um minuto, logo era despertado pelos gritos da sra. Havisham, vendo-a a correr em minha direção ardendo em chamas. Esse sofrimento mental era muito mais difícil de combater do que qualquer dor física que eu sentisse; e Herbert, percebendo esse fato, fazia o possível para me distrair.

Nem eu nem ele falávamos sobre o respeito do barco, porém ambos pensávamos no assunto. Isso ficou claro porque evitávamos o tema, e pelo nosso acordo — tácito — no sentido de fazer com que eu pudesse voltar a usar as mãos em horas, e não em semanas.

A primeira pergunta que fiz a Herbert tão logo o vi foi, é claro, se tudo estava bem em Mill Pond Bank. Com o respondeu na afirmativa, com total confiança e bom humor, só retomamos a questão ao final do dia. Porém nessa ocasião, ao trocar os curativos, valendo-se mais da luz do fogo do que da luz do dia, ele próprio puxou o assunto.

“Conversei com o Parris ontem à noite, Handel, por umas boas duas horas.” “Onde estava a Clara?”

“A minha querida Clara!”, disse Herbert. “Ela passou a noite toda subindo e descendo, cuidando do Gruffandgrim. O velho começava a bater no chão assim

que ela saía de perto dele. Mas acho que ele já está perto do fim. Com todo aquele rum e aquela pim enta — e a pim enta e o rum — ele não vai ficar batendo no chão por muito mais tempo.”

“E então te casarás com ela, Herbert?”

“De que outra maneira eu posso cuidar dessa menina querida? — Estende o braço no encosto do sofá, meu caro, que eu me sento aqui e tiro o curativo tão devagar que nem há de sentir quando ele sair. Eu estava falando do Provis. Sabes, Handel, que ele está cada vez melhor?”

“Eu te disse que achei que algo nele havia acontecido na última vez que o vi.” “É verdade. E tinhas razão. Ontem ele estava muito comunicativo e contou-

me mais sobre sua vida. Lembra que ele havia começado a falar, aqui em casa, sobre uma mulher que lhe dera muito trabalho. — Machuquei-te?”

Eu fizera um movimento súbito, mas não por causa do curativo, e sim por efeito das palavras de Herbert.

“Eu havia me esquecido disso, Herbert, mas agora que o mencionas, lembro-me, sim.”

“Pois bem, ele me contou esse trecho de sua vida, e a história é negra e assustadora. Quer que te conte? Ou isso seria mais uma preocupação para ti agora?”

“Conta-me, por favor. Conta-me tudo.”

Herbert inclinou-se para a frente a fim de olhar-me mais de perto, com o seu olhar resposta tivesse sido mais apressada ou mais ansiosa do que ele antecipava. “Tua cabeça não está quente?”, perguntou, tocando-a.

“Não”, respondia. “Conta-me o que Parris te disse, meu caro Herbert.”

“Ao que parece”, respondeu Herbert, “— este curativo saiu muito bem, e agora vou pôr o refrescado — de início dói, não é, meu caro? Mas logo fica agradável — ao que parece, a mulher era jovem, e ciumenta, e vingativa; vingativa, Handel, ao grau máximo.”

“Ao grau máximo? Com o assim?”

“A ponto de cometer assassinato. — Está frio demais?”

“Não estou sentindo. Assassinato? Com o foi? Quem ela assassinou?”

“Bem, o que ela fez talvez não mereça um nome tão terrível”, disse Herbert, “mas ela foi a julgamento, e o sr. Jaggars a defendeu, e a reputação dessa defesa foi o que fez seu nome chegar até Parris. A vítima foi outra mulher, mais forte que ela, e houve uma luta — num celeiro. Quem provocou a luta, e quem tinha razão, ou

não tinha, não está claro; mas quanto ao resultado da luta não há dúvida, pois a vítima foi encontrada estrangulada.”

“A mulher foi condenada?”

“Não; foi absolvida. — Meu pobre Handel, eu te machuquei!”

“Pelo contrário, és muito cuidadoso, Herbert. Mas sim! O que mais?”

“A mulher que foi absolvida e o P rovis”, disse Herbert, “tinham uma filha: uma criancinha a quem o P rovis era muitíssimo apegado. Na noite em que apareceu estrangulada a vítima do ciúme dela, com o te disse, a jovem esteve antes com o P rovis rapidamente e jurou-lhe que mataria a criança (a qual estava com ela) e que ele nunca mais a veria; em seguida, desapareceu. — Agora o braço mais queimado está de novo bem acomodado na tipóia, e só falta a mão

direita, que é bem mais fácil. Para mim, é melhor trabalhar a essa luz do que a uma luz mais forte, porque minha mão fica mais firme e quando não vejo com muita clareza essas queimaduras. — Não achas que tua respiração está afetada, meu caro? Parece estar respirando rápido demais.”

“Pode ser, Herbert. A mulher cum priu o juramento?”

“Agora vem o pior da história da vida do P rovis. Ela cum priu, sim.” “Quer dizer, ele diz que ela cum priu.”

“Mas é claro, meu caro”, respondeu Herbert, num tom de surpresa, mais um a vez se inclinando para mim e ver-me mais de perto. “É ele que diz tudo. Não tenho outras fontes.”

“Claro, claro.”

“Agora”, prosseguiu Herbert, “se ele havia maltratado a mãe da criança ou não, isso o Provis não diz; mas ela passou quatro ou cinco anos da vida miserável, que ele me relatou, ao seu lado, e ele parece ter sentido com paixão por ela, e ter sido paciente com ela. Assim, temendo que fosse chamado a depor a respeito da morte da criança, e portanto ser visto como o motivador do crime, ele escondeu-se (por mais sofresse com a morte da criança), ficou na sombra, como ele diz, fora do alcance da justiça, e seu nome só veio à tona de modo muito vago, com o um certo Abel que teria sido a causa dos ciúmes. Depois de ser absolvida, a mulher desapareceu, e assim Provis perdeu a criança e a mãe da criança.”

“Eu queria te perguntar...”

“Só um momento, meu caro”, insistiu Herbert, “que já estou terminando. Aquele gênio do mal, o Compeyson, o pior dos canalhas entre tantos canalhas, sabendo que ele estava escondendo-se nessa época, e sabendo o que o levava a esconder-se, é claro que a partir daí passou a utilizar o conhecimento desse fato com o uma maneira de mantê-lo na pobreza, e de explorá-lo ao máximo.”

Ficou claro ontem à noite que foi isso que aum entou o ódio do P rovis.”

“Eu queria saber”, disse eu, “exatam ente, Herbert, se ele te disse, quando foi que isso aconteceu?”

“Exatam ente? Deixa-m e pensar o que ele disse. As palavras que usou foram :

‘Bem uns vinte anos atrás, quase logo depois que eu com ecei a trabalhar pro

Com pey son’. Que idade tinhas quando o encontraste no cem itério?” “Creio que tinha sete anos.”

“Certo. A coisa havia acontecido três ou quatro anos antes, segundo ele, e ao te ver ele pensou na m enininha que perdera em circunstâncias tão trágicas, a qual estaria m ais ou m enos com a tua idade.”

“Herbert”, disse eu, após um a pausa breve, num tom ansioso, “podes m e ver m elhor à luz da j anela ou à luz do fogo?”

“À luz do fogo”, respondeu Herbert, aproxim ando-se de m im outra vez. “Olha para m im .”

“Estou olhando, m eu caro.” “P õe a m ão em m im .” “P ronto.”

“Não te pareço estar com febre? Minha cabeça parece estar perturbada pelo acidente de ontem ?”

“N-não, m eu caro”, disse Herbert, após m e exam inar por alguns instantes.

“Estás um tanto nervoso, m as não fora de ti.”

“Sim , estou perfeitam ente lúcido. E o hom em que estam os escondendo é o pai de Estella.”

CAPÍTULO L

Que objetivo eu tinha em vista quando me empenhava para descobrir quem eram os pais de Estella, eu não saberia dizer. Em breve ficará claro que a pergunta só se colocou com clareza a mim quando ela me foi formulada por alguém mais sábio do que eu.

Porém, quando eu e Herbert tivemos essa conversa importante, fui dominado pela convicção febril de que era importante investigar a questão a fundo — de que eu não deveria deixá-la de lado, e sim procurar o sr. Jagers e chegar à verdade nua e crua. Na verdade, não sei se sentia que fazia isso por amor a Estella ou se meu objetivo era transferir para o homem em cuja preservação tanto me preocupava alguns vestígios do interesse romântico que há tanto tempo eu nutria por ela. Talvez essa segunda possibilidade seja a que está mais próxima à verdade.

Seja com o for, sentia-me com medo de ir à Gerrard-street naquela noite. Apenas o argumento de Herbert segundo o qual, se eu fosse, provavelmente teria de ficar de cama depois, quando a segurança do nosso fugitivo dependia de mim, teve o efeito de conter minha impaciência. Foi preciso deixar mais do que claro, e repetir muitas vezes, que acontecesse o que acontecesse eu iria visitar o sr. Jagers no dia seguinte, para que eu por fim

concordasse em permanecer em repouso, a fim de que ele cuidasse de minhas feridas. Na manhã seguinte, bem cedo, saímos juntos, e na esquina de Giltspur-street com Smithfield deixei que Herbert fosse a seu escritório na City enquanto eu seguia para Little Britain.

Periodicamente, o sr. Jagers e Wemmick examinavam as contas da firma, verificavam os recibos e organizavam tudo. Nessas ocasiões, Wemmick levava seus livros e papéis para a sala do sr. Jagers, e um dos escreventes do segundo andar ia para a antessala. Ao deparar com um desses funcionários ocupando o posto de Wemmick, compreendi o que estava acontecendo; porém não imaginei que o sr. Jagers e Wemmick estivessem juntos, pois nessa oportunidade Wemmick ficaria sabendo que eu não dissera nada que o comprometesse.

Fui favorecido pela minha aparência, o braço na tija e o casaco solto sobre os ombros. Embora eu tivesse enviado ao sr. Jagers um relato sucinto do acidente tão logo cheguei a Londres, fui obrigado a lhe dar todos os detalhes; por esse motivo nossa conversa foi menos seca e dura, e menos regulada pelas convenções jurídicas, do que costumava ocorrer. Enquanto eu fazia meu relato, o sr. Jagers permaneceu em pé junto à lareira, com o de hábito. Wemmick, em sua cadeira, olhava para mim fixamente, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, a

caneta presa na horizontal em sua caixa de correio. As duas máscaras brutais, que na minha mente estavam sempre associadas

às nossas conversas oficiais, pareciam estar perguntando a si próprias se não estariam sentindo cheiro de queimado.

Finda a minha narrativa, e respondidas todas as perguntas que me foram feitas, apresentei o documento da sra. Havisham que me autorizava a receber as novecentas libras para Herbert. Os olhos do sr. Juggers afundaram-se um pouco mais em suas órbitas quando lhe entreguei as lousas, mas logo ele as passou a Wemmick, dizendo-lhe que preparasse o cheque para que ele o assinasse. Fiquei olhando para Wemmick enquanto ele obedecia, e o sr. Juggers, equilibrando-se e balançando-se sobre suas botas bem engraxadas, ficou a olhar para mim. “Lamento, Pip”, disse ele, quando pus o cheque no bolso, depois que ele o assinou, “não fazemos nada por você.”

“A senhora Havisham teve a bondade de me perguntar”, retruquei, “se ela não podia fazer algo por mim, e respondi-lhe que não.”

“Cada um cuida de seus interesses”, disse o sr. Juggers. E percebi que os lábios de Wemmick formavam a expressão “valores portáteis”.

“Eu não teria dito ‘não’ a ela se fosse você”, insistiu o sr. Juggers; “mas cada um é que sabe quais são seus interesses.”

“Os interesses de cada um”, disse Wemmick, em tom de reprovação, “são os valores portáteis.”

Pensando que chegara o momento de levantar a questão que me interessava, virei-me para o sr. Jiggers:

“Mas fiz um pedido à senhora Havisham, sim. Pedi-lhe que me desse algumas informações a respeito de sua filha adotiva, e ela me disse tudo que sabia.”

“É mesmo?” perguntou o sr. Jiggers, inclinando-se para a frente, olhando para as botas e em seguida em pertigando-se. “Ah! Creio que eu não teria feito isso, se eu fosse a senhora Havisham. Mas ela deve saber melhor do que ninguém quais são os interesses dela.”

“Sei mais sobre a história da filha adotiva da senhora Havisham do que a própria senhora Havisham sabe. Sei quem é a mãe dela.”

O sr. Jiggers dirigiu-me um olhar inquisidor e repetiu: “A mãe dela?”. “Vi a mãe dela nos últimos três dias.”

“Sim?”, exclamou o sr. Jiggers.

“E o senhor também a viu. E a viu ainda mais recentemente.” “Sim?”, exclamou o sr. Jiggers.

“Talvez eu saiba mais sobre a história de Estella até mesmo do que o senhor sabe”, prossegui. “Sei também quem é o pai dela.”

Um momento de silêncio dominou o sr. Jiggers — ele era controlado demais para mudar de expressão, mas não conseguiu evitar que seu estado de atenção imobilizasse — o que para mim deixou claro

que ele não sabia quem era o pai de Estella. Isso eu já desconfiava, porque P rovis dissera (segundo me contara Herbert) que havia ficado na som bra; liguei essa informação ao fato de que ele próprio só se tornara cliente do sr. Jagggers cerca de quatro anos depois, quando

não teria mais motivo de revelar sua identidade. Porém antes eu não tinha certeza de que o sr. Jagggers não sabia disso; agora não havia mais dúvida.

“Então você sabe quem é o pai da moça, Pip?”, perguntou o sr. Jagggers. “Sei, sim”, respondi. “O nome dele é P rovis — ele é de Nova Gales do Sul.” O sr. Jagggers não pôde conter um movimento súbito de espanto ao ouvir

essas palavras. O movimento foi o menor, o mais cuidadosamente reprimido e mais rapidamente contido que se pode imaginar, porém eu o percebi, embora o sr. Jagggers o disfarçasse tirando do bolso o lenço. Com o Wem ick recebeu essa informação, não sei dizer, pois eu temia olhar para ele naquele momento, para que o perceptivo sr. Jagggers não detectasse que houvera alguma comunicação entre nós da qual ele não tivesse conhecimento.

“E quais as provas, Pip?”, perguntou o sr. Jagggers, com perfeita tranquilidade, fazendo uma pausa antes de levar o lenço ao nariz. “É o próprio P rovis que o diz?”

“Ele não diz nada”, respondi, “nem nunca disse, nem sequer sabe ou imagina que sua filha esteja viva.”

Pela primeira vez, o poderoso efeito do lenço não funcionou. Minha resposta foi de tal modo inesperada que o sr. Jaggars colocou-o no bolso sem completar o gesto habitual que começara a esboçar, cruzou os braços e olhou para mim com uma atenção severa, embora o rosto permanecesse impassível.

Então lhe relatei tudo que sabia, e expliquei como obtivera essas informações; apenas deixei que ele inferisse que fora através da sra. Havisham que eu ficara sabendo o que na verdade me fora dito por Wemmick. Quanto a esse detalhe, fui muito cuidadoso. Além disso, só olhei para Wemmick quando terminei meu relato, e depois de permanecer por algum tempo encarando o sr. Jaggars em silêncio. Quando por fim voltei o olhar para Wemmick, vi que ele havia retirado a caneta de sua caixa de correio e estava concentrado em seu trabalho.

“Ah!”, exclamou sr. Jaggars por fim, aproximando-se dos papéis da mesa. “Onde estavam os meus, Wemmick, quando o Pip entrou?”

Mas recusei-me a ser despachado daquela maneira e dirigi a ele um apelo passional, quase indignado, no sentido de que ele fosse mais franco e destemido comigo. Lembrei-o das falsas esperanças de que eu fora vítima, o longo tempo em que elas

havam perdurado, a descoberta que eu fizera; e aludi ao perigo que me pesava na alma. Afirmei que eu certamente era uma pessoa que merecia um pouco de confiança de sua parte, em troca da confiança nele que eu acabava de manifestar. Afirmei que eu não o acusava de nada, nem nutria qualquer sentimento de desconfiança em relação a ele, porém esperava dele alguma confirmação. E se me perguntasse por que motivo eu queria tal confirmação, e por que eu imaginava ter direito a ela, minha resposta era que, por menos importância que ele desse a esses sonhos vãos, eu amara Estella profundamente e por muito tempo, e que, em bora a tivesse perdido e fosse obrigado a viver em sofrimento, tudo que dizia respeito a ela ainda me importava mais do que qualquer outra coisa no mundo. E vendo que o sr. Jagers permanecia imóvel e silencioso, aparentemente indiferente a meu apelo, voltei-me para Wemnick: “Wemnick, sei que você é um homem de bom coração. Estive na sua casa agradável, conheci o seu velho pai e sei com que diversões inocentes e alegres você descansa de sua vida profissional. Peça-lhe encarecidamente que diga uma palavra em meu favor junto ao senhor Jagers, e lhe mostro que, dadas todas as circunstâncias, ele devia ser menos reservado comigo!”.

Nunca vi dois homens se entreolharem com tanto espanto quanto o fizeram o sr. Jagers e Wemnick depois dessa minha apóstrofe. De início, cheguei a temer que Wemnick fosse im-

ediam ente dem itido; porém essa preocupação se dissipou quando vi que o sr. Jaggars relaxava a ponto de quase sorrir, e que Wem m ick tornara-se m ais ousado.

“Que história é essa?”, exclam ou o sr. Jaggars. “Você e o seu velho pai, e as suas diversões inocentes?”

“Ora!”, respondeu Wem m ick. “Se não trago essas coisas pra cá, qual o problem a?”

“P ip”, disse o sr. Jaggars, pousando a m ão no m eu braço e sorrindo abertam ente, “este hom em deve ser o im postor m ais ladino de toda a Londres.”

“Absolutam ente”, retrucou Wem m ick, cada vez m ais ousado. “Creio que o senhor é que é.”

Mais um a vez, eles trocaram um olhar de espanto; ao que parecia, um continuava tem endo estar sendo passado para trás pelo outro.

“Você tem um a casa agradável?”, exclam ou o sr. Jaggars.

“Com o ela não interfere no trabalho”, respondeu Wem m ick, “não vej o problem a. Agora, eu olho para o senhor, e não m e surpreenderia nem um pouco se descobrisse que o senhor tem planos de ter tam bém um a casa agradável, um dia desses, quando se cansar de todo este trabalho.”

O sr. Jagers concordou com a cabeça, retrospectivamente, duas ou três

vezes, e chegou mesmo a suspirar. “Pip”, disse ele, “não vamos os falar sobre

‘sonhos vãos’; você entende mais dessas coisas do que eu, tendo vivências bem mais recentes dessa espécie. Mas quanto a essa outra questão, vou-lhe apresentar uma hipótese. Veja bem, não estou admitindo nada.”

Ele esperou que eu declarasse estar ciente de ter ele afirmado expressamente que não estava admitindo nada.

“Por isso então, Pip”, prosseguiu o sr. Jagers, “imagine a seguinte hipótese. Imagine que uma mulher, nas circunstâncias mencionadas por você, mantinha a filha escondida e foi obrigada a comunicar o fato a seu advogado, quando ele insistiu que era importante ele saber, até para atuar em sua defesa, qual a real situação da criança. Imagine que ao mesmo tempo ele foi encarregado de procurar uma criança para ser adotada por uma mulher rica e excêntrica.”

“Entendo, senhor.”

“Imagine que esse advogado vivia num ambiente marcado pelo mal, onde ele via crianças serem geradas em grande número, fadadas à morte certa. Imagine que ele com frequência via crianças sendo solenemente julgadas por crimes em tribunais,

sendo expostas ao público; imagine que ele sabia que era com um
elas serem presas, açoitadas, degredadas, abandonadas,
expulsas, sob todos os aspectos preparadas para a forca,
crescendo para serem enforcadas. Imagine que praticam entre
todas as crianças que ele via no seu cotidiano

profissionais podiam ser encaradas com o filhotes de peixes que mais cedo ou mais tarde haveriam de cair em sua rede — para serem processadas, defendidas, renegadas, transformadas em órfãs, infernizadas de uma maneira ou outra.”

“Entendo, senhor.”

“Imagine, Phip, que no meio de todas essas crianças havia uma menina bonita que era possível salvar; uma criança cujo pai a dava por morta e tinha medo de informar-se a respeito dela; e a cuja mãe o advogado podia afirmar o que se segue: ‘Eu sei o que você fez, e com o você o fez. Você chegou assim, atacou a vítima assim, ela se defendeu assim, você fez isso e mais isso, e agiu assim para evitar suspeitas. Eu levantei todos esses fatos, que agora relato a você. Abra mão da criança, a menos que seja necessário apresentá-la para provar sua inocência, caso em que ela será apresentada. Entregue a criança a mim, e eu farei o possível para que você seja absolvida. Se eu conseguir, a criança também será salva; se não conseguir, ainda assim sua filha estará salva’. Imagine que isso foi feito, e que a mulher foi absolvida.”

“Entendo o senhor perfeitamente.”

“Mas entende que não estou admitindo nada?”

“O senhor não está admitindo nada.” E Wemmick repetiu: “Não está admitindo nada”.

“Imagine, Pip, que a paixão e o pavor de morrer tiveram o efeito de abalar bastante a mente dessa mulher, e que, quando ela foi posta em liberdade, o medo levou-a a afastar-se do mundo e recorrer ao advogado em busca de abrigo. Imagine que ele lhe deu abrigo, e que reprimia sua natureza violenta e selvagem toda vez que ela dava sinais de irromper, afirmando seu poder sobre ela repetindo tudo o que sabia a seu respeito. Você entende esse caso hipotético?”

“Perfeitamente.”

“Imagine que a menina cresceu e casou-se por interesse. Que a mãe ainda estava viva. Que o pai ainda estava vivo. Que a mãe e o pai, um sem saber do outro, estavam vivendo a poucos quilômetros, ou até metros, de distância um do outro. Que o segredo continuava a ser um segredo, só que você o descobrira. Essa última hipótese, peço que examine com muito cuidado.”

“É o que estou fazendo.”

“Peço a Wemmick que examine também com muito cuidado.” E Wemmick respondeu: “Eu também”.

“Em prol de quem você revelaria o segredo? Do pai? Creio que ele não ganharia nada sabendo da mãe. Da mãe? Creio que, se ela tivesse cometido tal ato, seria melhor ficar onde está. Da filha? Creio que não seria bom para ela que o marido ficasse conhecendo a identidade de seus pais, pois ela seria arrastada para a ignomínia, depois de vinte anos de liberdade, com uma boa probabilidade de assim permanecer o resto da vida. Mas, se você imaginar também que uma ou essa moça, Pip, e em torno dela teceu aqueles ‘sonhos vãos’ que, em uma ou outra ocasião, já brotaram nas cabeças de tantos homens, bem mais do que você imagina, então eu lhe digo que seria melhor — e você há de concordar comigo quando pensar mais sobre o assunto — cortar fora a sua mão esquerda envolta em ataduras com a mão direita, também envolta em ataduras, e depois passar a

faca para o Wemwick, para que ele corte fora também a direita.”

Olhei para Wemwick, que tinha o semblante muito sério. Ele levou o indicador aos lábios num gesto grave. Eu fiz o mesmo. O sr. Jagers fez o mesmo. “Mas sim, Wemwick”, disse o sr. Jagers então, no seu tom normal, “onde mesmo nós estávamos os quando o senhor Pip entrou?”

Permaneci por algum tempo vendo os dois a trabalhar, e observei que os olhares estranhos que eles antes trocavam de quando em quando se repetiram várias vezes, só que agora cada um deles parecia desconfiado, ou mesmo certo, de que se havia exposto ao

outro num momento de fraqueza nada profissional. Por esse motivo, imagino, agora estavam inflexíveis um com o outro: o sr. Jaggars agia como um ditador, e Wemmick se justificava do modo mais obstinado sempre que surgia o menor problema. Eu nunca os vi em tamanho desacordo; pois de modo geral eles se davam muito bem.

Porém, por sorte, surgiu oportunamente Mike, o cliente do boné de pele que costumava enxugar o nariz na manga, o qual eu vi pela primeira vez em que veio ao escritório. Esse indivíduo, que pelo visto estava sempre em apuros (ou seja, em Newgate), ou ele ou algum membro da sua família, entrou dizendo que sua filha mais velha havia sido detida sob a acusação de ter cometido um furto numa loja. Enquanto ele relatava essa melancólica circunstância a Wemmick, e o sr. Jaggars, olímpico, postava-se junto à lareira sem tomar conhecimento do que acontecia, o brilho de uma lágrima surgiu no olho de Mike.

“Mas o que é isso?”, exclamou Wemmick, indignadíssimo. “Como você me vem aqui choramingando?”

“Não foi por querer, senhor.”

“Mas é o que você fez”, retrucou Wemmick. “Como você ousa? Você não está em condições de vir aqui, se não consegue entrar aqui vazando feito uma pena defeituosa. Que história é essa?”

“A gente não consegue conter os sentimentos, senhor Wemmick”,
im plorou

Mike.

“Conter o quê?”, perguntou Wemmick, com ferocidade. “Diga
isso de novo!”

“Escute uma coisa, meu caro”, disse o sr. Jiggers, aproximando-se e apontando para a porta. “Saia desse escritório. Nada de sentimentos aqui. Rua.”

“Bem feito”, disse Wemmick. “Rua.”

E assim, o infeliz Mike retirou-se com muita humildade, e o sr. Jiggers e Wemmick pareceram voltar às boas, retomando o trabalho com ânimo renovado, como se tivessem acabado de almoçar.

CAPÍTULO LI

De Little Britain fui, com o meu cheque no bolso, falar com o irmão da sra. Skiffins, o contador; e depois que o irmão da sra. Skiffins, o contador, foi direto à firma de Clarriker e trouxe Clarriker até mim, tive o grande prazer de concluir essa transação. Foi a única coisa boa que fiz, e a única coisa que levei a cabo, desde que tivera ciência das minhas grandes esperanças.

Com o Clarriker me informasse nessa ocasião que a firma estava progredindo, que ele agora poderia abrir uma pequena filial no Oriente a qual era muito necessária para que ele expandisse seus negócios, e que Herbert, agora na condição de sócio, iria encarregar-se dela, dei-me conta de que já devia estar preparado para separar-me de meu amigo, mesmo não estando minha própria situação mais estabelecida. E agora tive a impressão de que minha última âncora estava sendo levantada, e que em pouco tempo eu estaria sendo levado pelos ventos e correntezas.

Porém eu seria recom pensado ao ver a felicidade com que Herbert chegaria em casa em breve falando-me dessas mudanças, sem imaginar que não estaria me contando novidade nenhuma, e tecendo fantasias em que ele levaria Clara

Barley à terra das Mil e um a noites,¹ eu iria juntar-me a eles (numa caravana de camelos, imagine) e todos nós subiríamos o Nilo, onde veríamos maravilhas. Sem muito otimismo quanto à minha participação nesses planos mirabolantes, eu sentia que o caminho de Herbert estava cada vez mais desimpedido, e que bastava que o velho Bill Barley não economizasse rum e pimenta para que sua filha em pouco tempo se visse muito bem instalada.

Já estavam os em arco. Meu braço esquerdo, embora não houvesse nenhum sintoma mais sério, levou tanto tempo para sarar da maneira natural que eu ainda não podia vestir o casaco. Meu braço direito estava mais ou menos bom: desfigurado, porém razoavelmente funcional.

Numa manhã de segunda-feira, quando eu e Herbert fazíamos o desjejum, recebi a seguinte carta de Wemick, entregue pelo correio.

Walworth. Queime este bilhete imediatamente após a leitura. No início da semana, no máximo na quarta-feira, faça o que o senhor deve fazer, se se sentir disposto a tentar. Queime agora.

Depois que mostrei a carta a Herbert e a pus no fogo — mas não sem antes

que nós dois decorássemos seu conteúdo — ficam os pensando no que fazer. Pois era preciso levar em conta o fato de que eu ainda estava incapacitado.

“Pensei e repensei no assunto, vez após vez”, disse Herbert, “e acho que agora tive uma ideia melhor do que contratar um barqueiro do Tâmesa. Leva o Startop contigo. Um bom sujeito, bom remador, gosta de nós, entusiasmado e honrado.”

Eu havia pensado nele, mais de uma vez. “Mas o que lhe dirias, Herbert?”

“Só é preciso lhe dizer muito pouco. Podem os dizer que é apenas um capricho, porém que é preciso manter segredo, até que chegue o dia; então diremos a ele que há um motivo urgente para levar o Provis para o estrangeiro. Vais com ele?”

“Sem dúvida.” “Para onde?”

Para mim, em meio às muitas reflexões angustiadas que eu fizera em torno do problema, nosso porto de destino era quase indiferente — Hamburgo, Roterdã, Antuérpia — o lugar pouco importava, desde que Provis fosse tirado da Inglaterra. Qualquer vapor estrangeiro que encontrássemos e nos aceitasse haveria de servir. Eu sempre havia pensado em descer com ele um bom trecho do rio no barco: sem dúvida, ir bem além de Gravesend, um lugar crítico para uma investigação ou um inquérito se houvesse suspeitas. Com os vapores estrangeiros partiriam de Londres

ais ou menos na hora da maré alta, nosso plano seria descer o rio na maré baixa anterior, e ficar à espera em algum lugar discreto até podermos abordar um navio. Não seria difícil calcular com bastante precisão a hora em que passaria um vapor por perto do lugar onde estaríamos, fosse esse lugar onde fosse, se antes nos informássemos de modo adequado.

Herbert concordou com todos esses pontos, e imediatamente após o desjejum fomos fazer nossas investigações. Verificamos que um vapor com destino a Hamburgo era o que melhor nos serviria, e optamos por ele. Porém anotamos também os outros navios estrangeiros que partiriam na mesma maré, e fizemos questão de nos familiarizar com a forma e a cor de cada um. Em seguida, separamo-nos por algumas horas; fui tirar os passaportes, enquanto Herbert foi ter com Startop em sua residência. Fizemos tudo que era necessário fazer sem maiores problemas, e voltamos a nos encontrar à uma da tarde para trocar relatos. Eu, de minha parte, já trazia os passaportes; Herbert havia falado com Startop, o qual estava mais do que pronto para nos ajudar.

Eles dois cuidariam dos remos, resolvemos, enquanto que eu me encarregaria do leme. Nosso fugitivo seria apenas passageiro, e ficaria quieto em seu canto; com a velocidade não era importante, haveríamos de chegar a nosso destino em tempo hábil. Combinamos que Herbert não voltaria em casa para jantar

antes de passar em Mill Pond Bank; que ele não iria lá na noite do dia seguinte, terça-feira; que ele prepararia Provis para descer até o rio num trecho bem perto da casa na quarta-feira, quando visse que estavam os chegando, não antes disso; que tudo seria combinado com ele naquela noite de segunda-feira; e que nada mais lhe seria dito enquanto ele não estivesse no barco.

Tendo tomado todas essas precauções com Herbert, fui para casa.

Ao abrir a porta de nossos aposentos com minha chave, encontrei uma carta dirigida a mim na caixa de correspondência; uma carta muito curta, em bora não mal escrita. Fora entregue em mãos (certamente depois que eu saíra de casa), e seu teor era o seguinte:

Se você não tem medo de ir ao charco hoje à noite, ou amanhã, às nove horas, à casa do guarda da eclusa junto ao forno de cal, então é bom que venha. Se quer informações a respeito do seu tio Provis, é importante que venha sem dizer nada a ninguém e sem perder tempo. É preciso vir sozinho. Leve esta carta consigo.

Eu já tinha preocupações suficientes antes de receber essa estranha carta. Era difícil decidir o que fazer agora. E o pior era que a decisão teria de ser tomada rapidamente, senão eu perderia a diligência vespertina, que me permitiria chegar lá a tempo. No dia seguinte seria impossível ir, pois já estaria quase na hora

da partida. E havia uma possibilidade de que as tais informações tivessem implicações para minha fuga.

Mesmo que eu tivesse bastante tempo para decidir, creio que teria ido assim mesmo. Não dispondo de tempo — o relógio indicava que a diligência partiria em meia hora — resolvi ir. Certamente não o teria feito se não fosse a referência a meu tio Parris; esse fato, juntamente com a carta de Wemick, e as preparações frenéticas daquela manhã levaram-me a tomar a decisão.

É tão difícil compreender com clareza o sentido de quase qualquer carta quando se está muito apressado que tive de ler aquela misteriosa outra vez, e mais outra, até me dar conta, de modo mecânico, de que ela me impunha segredo. E foi de modo igualmente mecânico que reagi a essa posição, deixando um bilhete a lápis para Herbert, dizendo que estava de partida, não sabia por quanto tempo, para ver com o que estava a sra. Havisham, mas que tentaria voltar logo. Mal tive tempo de vestir o sobretudo, trancar as portas e sair em direção ao escritório das diligências pelo caminho mais curto. Se tivesse tomado um fiacre e seguido pelas vias principais, não teria chegado a tempo; pelo caminho que escolhi, lá cheguei no momento exato em que a carruagem estava saindo. Quando me dei conta, vi que era o único passageiro dentro dela, a sacolejar-me, com as pernas afundadas na palha até a altura dos joelhos.

Na verdade, desde o momento em que recebera aquela carta eu não tinha pleno controle de meus atos; após a azáfama daquela manhã, sua leitura me deixara perplexo. A agitação mental fora grande, pois, em bora estivesse aguardando há muito tempo e com muita ansiedade o aviso de Wernick, quando o aviso finalmente veio fui tomado de surpresa. E agora com eei a perguntar a mim mesmo por que motivo estava naquela carruagem, se havia de fato razão suficiente para estar ali, se não seria melhor saltar e voltar, se não era a ideia atender ao chamado de uma carta anônima; em suma, passei por todas aquelas fases de contradição e indecisão que, imagino, todo aquele que já se viu agindo com muita pressa conhece muito bem. Mas a referência nominal a Provins fora o fator predominante. Raciocinei, tal como já fizera antes sem me dar conta

de que o fizera — se é possível chamar aquilo de raciocínio — que se algum mal vitimasse Provins por não ter atendido àquele chamado, como poderia eu me perdoar depois?

Já estava escuro quando chegaram os, e a viagem pareceu longa e monótona para mim, que pouco podia ver de dentro da carruagem, e que não podia viajar do lado de fora por estar com o braço machucado. Evitando o Javali Azul, fui a uma estalagem menos recomendada do outro lado da cidade, e pedi que me preparassem o jantar. Nesse ínterim, fui até a Casa Satis inform

ar-me a respeito da sra. Havisham ; ela ainda estava muito mal, em bora um pouco melhor.

A estalagem em que eu estava fora outrora parte de um convento, e fui jantar num pequeno refeitório octogonal, com o um a pia batismal. Vendo que eu não conseguia cortar a carne, o estalajadeiro, um velho com um a calva luzidia, veio ajudar-me. Começamos a conversar, e ele teve a bondade de brindar-me com minha própria história — naturalmente, contendo o detalhe conhecido segundo o qual P um blechook fora meu primeiro benfeitor e o responsável por minha fortuna.

“O senhor conhece o rapaz?”, indaguei.

“Se o conheço?”, exclamou o velho. “Desde que era deste tamanho.”

“Ele costumava vir aqui?”

“Vem, sim”, disse o velho, “pra falar com os amigos, de vez em quando, e dar as costas pro homem que mais ajudou ele.”

“Que homem?”

“Aquele de quem falei”, ele respondeu. “O senhor P um blechook.”

“É só com ele que o rapaz é ingrato?”

“É, porque não tem mais ninguém”, retrucou o homem. “E sabe por quê? Porque o P um blechook é que fez tudo por ele.”

“É isso que o P um blehook diz?” “Que ele diz? Nem precisa dizer.”

“Mas ele diz isso?”

“Só de ouvir ele falar, o sangue da gente vira vinagre branco, m eu senhor”, disse o estalaj adeiro.

P ensei: “No entanto, tu, Joe, tu j am ais falas nisso. Joe, tão injustiçado e am oroso, tu j am ais te queixas. Nem tu, Bidy , tão bondosa!”.

“P elo visto, o acidente tirou sua fom e”, disse o hom em , indicando com o olhar m eu braço envolto em ataduras sob o casaco. “P rove um pedaço bem m acio.”

“Não, obrigado”, respondi, afastando-m e da m esa para ir m atutar j unto ao fogo. “Não consigo com er m ais. P or favor, pode levar.”

Eu nunca sentira com tanta intensidade m inha ingratidão para com Joe com o agora, em contraste com a im postura descarada de P um blehook. Quanto m ais falso ele era, m ais fiel era Joe; quanto m ais vil ele era, m ais nobre era Joe.

Com o coração profunda e m erecidam ente hum ilhado, fiquei m ais de um a hora a m editar j unto ao fogo. Quando o relógio deu a hora, voltei a m im , porém não haviam dim inuído m inha depressão e m eu rem orso; levantei-m e, pedi que prendessem m eu casaco em torno do pescoço, e saí. Antes eu havia procurado a carta nos

em meus bolsos, para consultá-la novamente, porém não conseguira

encontrá-la; preocupava-me a possibilidade de que ela tivesse caído na palha do chão da carruagem. Eu sabia muito bem, porém, que o lugar com binado era a casa do guarda da eclusa perto do forno de cal no charco, e que o encontro estava marcado para as nove horas. Segui então diretamente para o charco, não tendo tempo a perder.

CAPÍTULO LII

Era um a noite escura, em bora a lua cheia se elevasse no m om ento em que m e afastei das terras cultivadas e adentrei o charco. Além da linha escura do alagado havia um a faixa de céu lím pido, tão estreita que nela m al cabia o grande disco verm elho da lua. Em poucos m inutos ela ascendeu, saindo daquele trecho lím pido de céu e perdendo-se em m eio às m ontanhas de nuvens.

Havia um vento m elancólico, e o charco estava m uito desolador. P ara um forasteiro, seria insuportável, e m esm o para m im o cenário era tão opressor que hesitei, m eio inclinado a voltar atrás. Mas eu conhecia bem aquela região, e teria encontrado o cam inho de volta num a noite bem m ais escura, e não tinha desculpa para voltar, j á estando lá. Assim , tendo vindo contra m inha própria inclinação, contra ela insisti e segui adiante.

A direção que tom ei não era a do m eu antigo lar, nem aquela que seguiram os em busca dos foragidos. Eu cam inhava dando as costas para as presigangas distantes; em bora eu ainda pudesse ver os velhos faróis ao longe nas pontas de areia, para isso era preciso olhar por cim a do om bro. Eu conhecia o forno de cal tão bem quanto conhecia a velha bateria, porém um ficava separado do outro por quilôm etros de distância; assim , se um a

luz estivesse acesa em cada um desses dois lugares à noite, haveria um a longa faixa de horizonte vazio entre os dois pontos luminosos.

De início, tive que fechar algumas das porteiras depois de passar por elas, e de vez em quando era obrigado a detê-me enquanto os bois que se escarrapachavam no caminho levantavam-se e arrastavam-se por entre o capim e os junco. Mas depois de algum tempo toda a baixada parecia pertencer apenas a mim.

Levei mais meia hora para chegar aos arredores do forno. A caldeia com um cheiro lerdo e sufocante, porém quem acendera o fogo fora em bora, porque não havia nenhum trabalhador à vista. Bem perto do forno havia uma pequena pedreira. Ela ficava exatamente no meu caminho, e haviam trabalhado nela naquele dia, pois vi ferramentas e carrinhos de mão largados por lá.

Voltando ao nível do charco ao sair dessa escavação — pois a pista passava por dentro dela — vi uma luz acesa na casa do guarda da eclusa. Apressei o passo e bati à porta com a mão. Aguardando uma resposta, olhei à minha volta, e percebi que a eclusa estava abandonada e quebrada, e que o casebre de madeira, com telhado de telhas, não proporcionaria proteção das intempéries por muito mais tempo, se é que ainda o fazia agora, e que a lama estava coberta de cal, e

que o vapor sufocante que saía do forno aproximava-se de mim com o um fantasma. Não tendo resposta, voltei a bater à porta. Também não houve resposta, e pus a mão no trinco.

O trinco levantou-se, e a porta abriu-se. Olhando dentro da casa, vi uma vela acesa sobre uma mesa, um banco e um colchão num estrado baixo. Vendo que havia um sótão, gritei: “Há alguém em casa?”, mas não tive resposta. Então olhei para o relógio e, percebendo que já passava das nove horas, voltei a perguntar: “Há alguém em casa?”. Não havendo resposta mais uma vez, saí da casa, sem saber o que fazer.

Com eçava a chover forte. Não tendo mais nada a ver além do que já fora visto, voltei para dentro da casa e fiquei à porta, olhando para a noite lá fora. Ocorreu-me então que alguém estivera ali recentemente e deveria voltar em breve, senão a vela não estaria acesa, e resolvi verificar se o pavio era longo. Virei-me e para fazê-lo, e já havia segurado a vela quando ela foi apagada por um choque violento, e quando dei conta de mim um laço forte fora jogado sobre minha cabeça por detrás.

“Agora”, disse uma voz contida, praguejando, “te peguei!”

“O que é isso?”, gritei, debatendo-me. “Quem é? Socorro! Socorro!”

Não apenas meus braços foram apertados contra meu corpo como também a pressão sobre o braço ferido causou-me uma dor intensa. Ora a mão de um homem forte, ora o peito de um homem

em forte eram apertados contra minha boca para amortecer meus gritos, e sentindo um hálito quente sem pressa junto a mim, debati-me e em vão no escuro, enquanto era amarrado com força à parede. “E agora”, disse a voz contida com meus ares uma imprecação, “grita de novo e dou cabo de ti!”

Sentindo-me fraco e indisposto com a dor no braço, confuso por ter sido apanhado de surpresa, e no entanto percebendo que aquela amarração poderia ser posta em prática com facilidade, parei de resistir e tentei liberar meu braço um pouco que fosse. Porém ele estava amarrado com muita força. Era como se, tendo sido queimado antes, agora estivesse sendo fervido.

Quando a noite foi subitamente substituída por uma escuridão negra, dei-me conta de que o homem havia fechado a janela. Depois de tatear um pouco, ele encontrou a pederneira e o pedaço de aço que procurava e pôs-se a tentar acender a vela. Forcei a vista olhando para as faíscas que caíam sobre a mecha, enquanto o homem soprava e soprava, com um pavio na mão, porém eu só podia ver os lábios dele, e o azul da ponta do pavio; e mesmo assim, apenas de relance. A mecha estava úmida — como era de se esperar, naquele lugar — e uma por uma as fagulhas morriam.

O homem não tinha pressa, e meus ares uma vez tomou a pederneira e o aço. À medida que as fagulhas abundantes brotavam a seu redor, pude ver suas mãos e algo do rosto, e percebi que ele estava

sentado e debruçado sobre a mesa, mas só isso. Depois de algum tempo vi seus lábios azulados outra vez, soprando a mecha, e então uma chama súbita acendeu-se, revelando-me o rosto de Orlick.

Quem eu esperava ver, não sei. Certamente não Orlick. Ao vê-lo, compreendi que eu estava correndo perigo de fato, e fixei a vista nele.

Orlick acendeu a vela com muito cuidado e deixou o pavio cair no chão,

pisando nele para apagá-lo. Então pôs a vela sobre a mesa para que pudesse me ver, sentou-se com os braços cruzados sobre a mesa e ficou a olhar-me. Concluí que eu fora amarrado a uma escada forte, perpendicular, afastada alguns centímetros da parede — uma escada que ficava fixa ali, dando acesso ao sótão.

“Agora”, disse ele, depois de nos entreolharmos por algum tempo, “eu te peguei.”

“Desamarrame. Solta-me!”

“Ah!”, ele respondeu. “Vou te soltar. Vou te deixar ir pra lua, pras estrelas. Quando chegar a hora certa.”

“Por que me fizeste vir até aqui?”

“Não sabes?”, disse ele, com um olhar feroz. “Por que me atacaste no escuro?”

“Porque pretendo fazer tudo sozinho. Para guardar um segredo, melhor um só do que dois. Ah, meu inimigo, meu inimigo!”

No momento com o qual ele apreciava o espetáculo que eu lhe proporcionava, estando ele sentado com os braços cruzados sobre a mesa, sacudindo a cabeça para mim e abraçando o próprio corpo, havia uma malignidade que me fez tremer. Enquanto eu o olhava em silêncio, ele estendeu a mão para um canto e de lá tirou uma arma com coronha de latão.

“Conheces isto?”, perguntou, fazendo menção de apontar a arma para mim. “Sabes onde a viste antes? Fala, lobo!”

“Sei”, respondi.

“Foi por culpa tua que perdi aquele em prego. Foi, sim. Fala!” “O que mais eu podia fazer?”

“Fizeste isso, o que já seria bastante. Com o ousaste me separar da moça que eu gostava?”

“Quando foi que fiz isso?”

“E quando não o fizeste? Foste tu, com o sempre, quem fez o velho Orlick ficar com a fama junto a ela.”

“Fizeste por merecer a tua fama. Eu não poderia prejudicar-te se tu não prejudicasses a ti mesmo.”

“Mentira. És capaz de fazer qualquer coisa, gastar o que tiveres de gastar, para me expulsar daqui, não é?”, disse ele, repetindo as

palavras que eu dissera a Bidy na última vez em que estivera com ela. “Poris vou te dizer uma coisa. Hoje é que seria a melhor ocasião para me expulsares daqui. Ah! Valeria a pena mesmo que tivesses que gastar vinte vezes todo o dinheiro que tens, até o último tostão!” Ele sacudiu a mão pesada em minha direção, rosnando como um tigre, e senti que aquilo era verdade.

“O que vais fazer comigo?”

“Eu vou”, disse ele, batendo o punho cerrado na mesa com energia e levantando-se ao fazê-lo, para que o golpe tivesse ainda mais força, “eu vou te matar!”

Inclinou-se para a frente, encarando-me, e lentamente foi abrindo a mão, passando-a na boca depois, como se estivesse salivando de antegozo, e voltou a sentar-se.

“Sempre atrapalhaste o velho Orlick, desde que eras pequeno. Hoje isso vai

acabar. Ele nunca mais vai te ver. Estás morto.”

Tive a impressão de estar à beira da minha própria sepultura. Por um momento olhei à minha volta, em pânico, tentando encontrar uma possibilidade de fugir; mas não havia nenhuma.

“Mais que isso”, disse ele, cruzando os braços outra vez, “de ti não há de sobrar nem um farrapo, nem um osso, neste mundo. Vou jogar teu corpo dentro do forno — eu era capaz de carregar dois de

ti — e as pessoas que fiquem a imaginar o que quiserem, pois nunca vão de saber o que aconteceu.”

Minha mente, com uma rapidez inconcebível, elaborou todas as consequências de uma tal morte. O pai de Estela acreditaria que eu o havia abandonado, seria preso e me orreria me acusando; até mesmo o Herbert teria dúvidas a meu respeito, quando com parasse a carta que eu deixara para ele com o fato de que eu só estivera por um instante junto ao portão da casa da sra. Havisham; Joe e Biddy jamais saberiam o quanto eu me arrependera naquela noite; ninguém jamais saberia o que eu sofrera, com o que eu pretendia ser fiel, a que agonia eu fora submetido. A morte que me aguardava era terrível, porém muito mais terrível do que a morte era o terror de deixar uma lem branca após a morte. E eram tão rápidos os meus pensamentos que me imaginei desprezado pelas gerações futuras — os filhos de Estela, e os filhos deles — enquanto as palavras daquele facínora ainda estavam em seus lábios.

“Agora, lobo”, disse ele, “antes de eu te matar com o que me mata um bicho

— e é isso que vou fazer, e foi por isso que te amarei assim — vou olhar bem para ti e saborear o momento. Ah, meu inimigo!”

Passara por minha cabeça a ideia de gritar por socorro outra vez, ainda que poucos soubessem, com o que sabia eu, o quanto era isolado

aquele lugar, e com o era inútil pedir ajuda. Mas ao vê-lo regozijar-se por me ver preso, deram-me forças o ódio e o desprezo que ele me inspirava, e isso me fez calar. Acima de tudo, decidi que não iria plorar, e que me resistiria de algum modo a ele, ainda que sem esperanças. Embora meus pensamentos em relação a todas as outras pessoas fossem elevados naquele momento extremo, em que eu pedia humildemente perdão aos céus, e me doía o coração ao pensar que eu não me despedira, e nunca, nunca mais teria oportunidade de me despedir, daqueles que me eram caros, com o que também não poderia me explicar a eles, nem lhes pedir com paixão por meus erros miseráveis, ainda assim, se eu pudesse matá-lo, mesmo no instante da morte, eu o teria feito.

Orlick havia bebido, e seus olhos estavam vermelhos. De seu pescoço pendia um frasco de metal, tal como eu o vira tantas vezes fazer com sua comida e bebida. Ele levou o frasco aos lábios e bebeu um gole ardente; senti o cheiro da bebida forte que lhe fez o rosto corar.

“Lobo!”, disse ele, voltando a cruzar os braços. “O velho Orlick vai te contar uma coisa. Foste tu quem matou a megera da tua irmã.”

Mais uma vez me inclinei, com a mesma rapidez inconcebível de antes, esgotou todo o assunto da agressão sofrida por minha irmã, seu estado de invalidez, sua morte, antes mesmo o

que sua fala lerda e hesitante term inasse de articular aquelas palavras.

“Foste tu, canalha”, retruquei.

“Eu te digo que foste tu — a coisa foi feita através de ti”, ele insistiu, pegando a arma e dando um a coronhada no ar vazio que nos separava. “Eu vim por detrás, que nem fiz ainda há pouco contigo. E acertei nela! Deixei ela m orrendo, e se tivesse um forno de cal pertinho com o tem hoje, ela não ia sobreviver, não. Mas não foi o velho Orlick que fez a coisa, foste tu. Tu eras favorecido, e ele vivia levando descom postura e apanhando. O velho Orlick levava descom postura e apanhava, não é? Agora vais pagar por isso. Tu o fizeste, e agora vais pagar.”

Ele bebeu mais, e sua ferocidade aumentou. Vi, pelo ângulo em que o frasco era inclinado, que não restava muito dentro dele. Compreendi com clareza que Orlick estava se em briagando para criar coragem de me matar. Eu sabia que cada gota ali contida era uma gota de minha vida. Sabia que, quando eu fosse transformado em parte do vapor que se havia aproximado de mim pouco antes, com o se fosse meu próprio fantasma e alertar, Orlick faria tal com o fizera na noite do ataque à minha irmã — iria correndo para a aldeia, para ser visto a arrastar-se de uma taverna a outra, bebendo. Em minha mente, acompanhei-o num último até a aldeia, vi a imagem de Orlick andando pelas ruas, e contrastei as

luzes e a vida da aldeia com o charco isolado e o vapor branco que vagava no ar, no qual eu estaria dissolvido.

Não era apenas que eu evocasse anos e anos enquanto ele pronunciava um a dezena de palavras: o que ele dizia criava imagens em minha mente, e não só palavras. No estado de excitação nervosa de meu cérebro, eu não conseguia pensar num lugar sem que o visse, nem em pessoas sem que as visse. Impossível exprimir o quanto eram vívidas essas imagens, e, no entanto, eu estava o tempo todo observando Orlick atentamente — e quem deixaria de observar atentamente o tigre prestes a dar o bote? — de tal modo que percebia o menor movimento de seus dedos.

Depois de beber pela segunda vez, ele levantou-se do banco em que se sentara e empurrou a mesa para o lado. Então pegou a vela, cobrindo-a com a mão de modo a concentrar toda a luz sobre mim, e ficou em pé a mim e contemplar, regozijando-se com o que via.

“Lobo, vou te contar outra coisa. Foi no velho Orlick que tropeçaste na escada da tua casa aquela noite.”

Vi a escada com os lampiões apagados. Vi as sombras dos pesados corrimãos, lançadas pela lanterna do vigia sobre a parede. Vi os aposentos que já mais voltaria a ver; aqui, uma porta entreaberta; ali, uma porta fechada; e todas as peças de mobília em seus lugares.

“E por que o velho Orlick estava lá? Vou te contar mais uma coisa, lobo. Tu e ela conseguiste mesmo expulsar daqui, tanto que eu não consegui mais arranjar trabalho fácil, e assim achei novos com panheiros e novos patrões. São eles que escreve as minhas cartas quando eu quero escrever — gostaste? — eles que escreve as minhas cartas, lobo! Eles escreve com cinquenta letras diferentes, e não sem pre a mesma, com o tu fazes, im postor que és. Eu resolvi que ia te matar desde a vez que vieste aqui pro enterro da tua irmã. Ainda não tinha descoberto um jeito de trazer-te aqui, e fiquei te vigiando pra conhecer teus hábitos. Mas o velho Orlick dizia sem pre com seus botões: ‘Eu hei de dar um jeito de pegar ele!’. E não é que de tanto te procurar eu acabo encontrando o teu tio

Provis?”

Mill Pond Bank, e Chink’s Basin, e Old Green Copper Rope-Walk, tudo tão vívido! Provis em seus aposentos, o sinal que agora nada mais significaria, a bela Clara, a boa matrona maternal, o velho Bill Barley deitado na cama, tudo aquilo passou por mim, com o se estivesse na correnteza rápida de minha vida, correndo célere rumo ao mar!

“Então tinhas um tio! Ora, eu te conhecia lá do Gargery desde que eras um lobinho tão pequeno que eu podia te estrangular com o polegar e este dedo (pensei em fazer isso mais de uma vez, ao ver-te andando em meio aos bois nos domínios), e naquele tem

po não tinhas tio nenhum . Não tinha, não! Mas quando o velho Orlick ficou sabendo que era quase certo que o teu tio P rovis era o hom em que levava nas perna os ferro que o velho Orlick lim ou aqui nesse charco tantos anos atrás, e que ele guardou até que acertou tua irm ã com eles, com o se fosse um boi no m atadouro, que nem ele vai te acertar — hein? — assim que ele — hein?”

No m eio daquela provocação feroz, ele aproxim ou-m e do rosto a vela de tal m odo que m e virei para o lado, para não m e queim ar. “Ah”!, exclam ou ele, rindo, depois de repetir o gesto, “gato escaldado tem m edo de água fria! O velho Orlick sabia que tu te queim aste, o velho Orlick sabia que estavas a esconder o teu tio P rovis, o velho Orlick é m uito m ais esperto que tu e sabia que tu virias cá hoj e! Agora vou te contar m ais um a coisa, lobo, e depois term inou. Tem uns aí que é m ais esperto que o teu tio P rovis, que nem eu sou m ais esperto que tu. Ele que se cuide, despois que o sobrinho dele m orrer! Ele que se cuide quando ninguém encontrar nem um fiapo da roupa do sobrinho queridinho dele, nem m esm o um osso! Tem uns aí que não suporta ver o Magwitch — isso m esm o, eu sei o nom e dele! — vivinho e na m esm a terra que eles, e que sabia m uito bem do paradeiro dele quando ele estava nas estranj a, tanto assim que ele não tinha nada que voltar pra cá e am eaçar eles. Vai ver que é o m esm o que escreve com cinquenta letras diferentes, e que não é que nem um im postor com o tu, que

só escreve com um a. Cuidado com o Com pey son, Magwitch, cuidado com a força!”

Ele aproximou a vela de mim outra vez, chamuscando-me o rosto e o cabelo, e cegando-me por um instante; depois virou para mim as costas fortes e recolocou a vela sobre a mesa. Em minha mente, rezei uma prece e vi-me com Joe, Biddy e Herbert, antes que ele voltasse a virar-se para mim.

Havia um espaço vazio de alguns metros entre a mesa e a parede. Nesse espaço, ele ficou a andar de um lado para o outro. Sua enorme força parecia estar mais concentrada do que nunca, e ele caminhava com os braços pesados soltos, olhando-me com ferocidade. Não me restava mais nenhum vestígio de esperança. Por maior que fosse minha agitação interior, e por mais extraordinária a força das imagens que jorravam em minha mente em vez de pensamentos, ainda assim eu compreendia muito bem que, se Orlick não estivesse decidido a me atar-me e nos próximos instantes a fazer com que ninguém jamais soubesse o que acontecera, ele não teria de modo algum me dito o que me dissera.

De repente Orlick parou, tirou do frasco a rolha e jogou-a fora. Embora a

rolha fosse leve, ouvi-a cair com o se fosse um peso de chumbo. Ele engoliu a bebida devagar, inclinando a garrafa pouco a pouco,

e não voltou a olhar para mim. Verteu as últimas gotas na palma da mão e lambeu-a. Então, num súbito frenesi de violência, e com as mãos horrendas imprecisas, jogou fora a garrafa e abaixou-se; e vi em sua mão um macho pesado, de cabo com prido.

Permancei fiel à minha decisão, pois sem articular uma única palavra vinda de apelo a ele dirigida, gritei a plenos pulmões e debati-me com toda minha força. Só me era possível mover a cabeça e as pernas, e o fiz valendo-me de um vigor que até então não sabia existir em mim. No mesmo instante ouvi vozes em resposta, vi vultos e um feixe de luz entrarem de repente pela porta, ouvi vozes e um tumulto, e vi Orlick emergir do meio de um conflito, com o de um torvelinho de água, saltar por cima da mesa e fugir na noite.

Depois de um intervalo em branco, dei por mim desamarrado, deitado no chão, no mesmo lugar, com a cabeça no joelho de alguém. Meus olhos estavam fixos na escada encostada na parede, quando recuperei os sentidos — os olhos se abriram antes que a mente enxergasse — e assim, à medida que fui recobrando a consciência, compreendi que estava no mesmo lugar onde a havia perdido.

Indiferente demais, de início, para sequer olhar à minha volta e ver quem apoiava minha cabeça, fiquei olhando para a escada, quando surgiu entre meus olhos e ela um rosto. O rosto do empregado de Trabb!

“Acho que ele está bem”, disse o empregado de Trabb, com um a voz séria; “mas o com o ele está branco!”

Ao ouvir essas palavras, o rosto da pessoa que me apoiava a cabeça olhou para meu rosto, e vi que era...

“Herbert! Meu Deus!”

“Calm a”, disse Herbert. “Devagar, Handel. Não te precipites.”

“E o nosso velho colega, Startop!”, exclamei, quando também ele se debruçou sobre mim.

“Lembra-te da ajuda que ele nos vai dar”, disse Herbert, “e fica calmo.”

Ao ouvir essa alusão, levantei-me de um salto; logo, porém, voltei a deitar-me, por efeito da dor no braço. “Não perdem os a oportunidade, não, Herbert? Que dia é hoje? Há quanto tempo estou aqui?” Pois eu tinha a estranha e forte impressão de que estava deitado ali há muito tempo — um dia e uma noite — dois dias e duas noites — se não mais.

“Não perdem os a oportunidade, não. Hoje ainda é segunda-feira.”

“Graças a Deus!”

“E tens todo o dia de amanhã, terça-feira, para descansar”, disse Herbert. “Mas entendo que não consigas deixar de gemer, meu caro Handel. Estás muito ferido? Consegues ficar de pé?”

“Claro, claro”, respondi. “E tam bém andar. A única dor que sinto é neste braço, que latej a.”

Desnudaram m eu braço e fizeram o que foi possível. Estava m uitíssimo inchado e inflam ado, e eu m al suportava que o tocassem . Porém rasgaram seus lenços para fazer novas bandagens, e cuidadosamente o recolaram na tipoia, enquanto não chegássem os à aldeia, onde haveria um a loção refrescante para nele passar. Em pouco tempo saím os e fecham os a porta da casinha escura e vazia, e j á passávam os pela pedreira, no cam inho de volta. O m enino que trabalhava para Trabb — que agora j á era um rapazola crescido — ia à nossa frente com um a lanterna; fora ela a luz que eu vira entrando pela porta. Mas a lua estava m ais alta, um a diferença de um as boas duas horas desde a últim a vez em que eu vira o céu, e a noite, em bora chuvosa, estava bem m ais límpida. O vapor branco do forno passou por nós enquanto cam inhávam os, e tal com o antes eu rezara em pensam ento, agora eu dava graças a Deus m entalm ente.

Insisti para que Herbert m e contasse com o viera m e salvar, o que de início ele se recusara term inantem ente a fazer, repetindo que eu m e acalm asse; agora, porém , fiquei sabendo que com a pressa de partir eu deixara cair a carta, aberta, em nossos aposentos, e Herbert, ao entrar, trazendo Startop, com quem se encontrara na rua a cam inho de casa, encontrou-a, pouco depois de eu ter saído. O tom da carta deixou-o preocupado, ainda m ais por efeito da

incoerência entre o teor dela e o da carta apressada que eu deixara para ele. Com o sua preocupação só fez aum entar, em vez de dim inuir, após quinze minutos de deliberação, ele partiu em direção ao escritório das diligências, acompanhado de Startop, que se ofereceu para ir também, e lá perguntou a que horas partiria a próxima carruagem. Ao saber que a diligência vespertina já havia partido, e percebendo que, mais do que preocupado, estava agora alarmado, à medida que iam surgindo obstáculos, Herbert decidiu tomar um carro da posta. Assim, ele e Startop chegaram ao Javali Azul, julgando que lá iam encontrar alguma notícia mínhas; nada achando, foram à casa da sra. Havisham, onde perderam meu rastro. Então voltaram ao hotel (sem dúvida, por volta da hora em que eu estava ouvindo a popular versão local de minha própria história), para jantar e encontrar um guia que os conduzisse pelo charco. Um dos homens que vadiavam sob o arco do Javali era o empregado de Trabb — fiel a seu velho hábito de estar em todos os lugares onde nada tinha a fazer — o qual me viu saindo da casa da sra. Havisham e indo ao lugar onde jantei. Assim, o empregado de Trabb atuou com o guia, e com ele foram até a casa do guarda da eclusa, porém pelo caminho da aldeia, que eu evitara. Enquanto seguiam, Herbert refletiu que era mesmo o possível que eu tivesse vindo numa missão genuína que visasse à segurança de P rovis, e raciocinando que nesse caso uma interrupção seria prejudicial, deixou que o guia e Startop ficassem à entrada da pedreira e seguiu sozinho a sós,

contornando a casa duas ou três vezes, tentando descobrir se dentro dela tudo estava bem. Com o só ouvir os sons indistintos de um a única voz grave e áspera (foi o período em que minha mente estava muito ocupada), comecei a duvidar que eu estivesse lá, quando de repente gritei bem alto, e ele respondeu aos gritos, e entrou de súbito, seguido logo depois pelos outros dois.

Quando contei a Herbert o que havia ocorrido dentro da casa, ele opinou que fossem imediatamente procurar um magistrado na aldeia, apesar do avançado na hora, a fim de obter um mandado. Eu, entretanto, já concluíra que tal decisão, mantendo-nos ali, ou obrigando-nos a voltar, talvez viesse a ter consequências fatais para Provis. Não havia como refutar esse argumento, e assim desistimos de perseguir Orlick por ora. Dadas as circunstâncias, julgamos prudente apresentar ao empregado de Trabb uma versão atenuada da situação, pois estou certo de que ele ficaria muito decepcionado se soubesse que sua intervenção me

salvara do forno de cal. Não que o empregado de Trabb fosse maligno por natureza, porém tinha um excesso de vivacidade ociosa, e era dado a querer variedade e agitação às custas de quem quer que fosse. Quando nos despedimos, dei-lhe dois guinéus (o que ele aprovou) e disse-lhe que lamentava ter feito mau juízo dele outrora (o que não lhe causou qualquer impressão).

Com o quarta-feira estava tão próxima, resolveram voltar a Londres naquela noite, nós três no carro da posta; mais ainda

porque desse modo estaríamos longe da aldeia antes que a aventura daquela noite começasse a ser comentada. Herbert colocou um frasco grande de sedativo para mim no braço, e as aplicações constantes desse medicamento me permitiram suportar a dor durante toda a viagem. Já era dia claro quando chegamos ao Templo; deitei-me e imediatamente e passei todo o dia acordado.

Não sabia, com meu terror de adoecer e não poder viajar no dia seguinte era tão grande que não sei como ele não me fez adoecer. Isso certamente teria acontecido, em conjunção com o sofrimento mental por que eu passara, não fosse a tensão que me proporcionava a ideia do amanhã. Um dia antecipado com tanta ansiedade, pleno de consequências tais, com resultados impossíveis de prever, embora tão próximos os.

Claramente, por motivo de precaução não podíamos nos comunicar com Provis naquele dia, porém esse fato teve o efeito de aumentar ainda mais minha inquietação. Qualquer passo, qualquer som provocava em mim um sobressalto, fazendo-me pensar que ele fora descoberto e preso, e que o ruído que eu ouvia era a aproximação do mensageiro que vinha trazer tal notícia. Convenci-me de que sabia que ele já fora preso; que o que me atormentava era mais do que um temor ou um pressentimento; que a coisa já acontecera, e eu misteriosamente tinha conhecimento do fato. À medida que o dia transcorria e não vinha nenhum

a notícia má, que escurecia e a noite se instalava, meu terror de não poder partir no dia seguinte por motivo de saúde dom inou-me e por completo. Meu braço queimado latejava, minha cabeça febril pulsava, e eu temia que estivesse começando a delirar. Contei até um número elevado, para me tranquilizar, e fiquei a repetir trechos que conhecia de cor, em prosa e verso. Por vezes ocorria que, apenas por estar exausto, eu cochilava por alguns momentos, ou sucumbia ao esquecimento; então exclamava a mim mesmo, assustado: “Pronto, começou o delírio!”.

Meus amigos me obrigaram a descansar o dia todo, mantendo meu braço em bandagens, servindo-me bebidas frescas. Sempre que adormecia, eu acordava com a mesma impressão que tivera na casa do guarda da eclusa: um longo tempo se passara e a oportunidade de salvar Provis fora perdida. Por volta de meia-noite, levantei-me e fui ter com Herbert, convicto de que eu dormira por vinte e quatro horas e que a quarta-feira já ficara para trás. Foi meu último ato de esgotamento nervoso, pois depois disso me ergulhei num sono profundo.

A madrugada de quarta-feira estava raiando quando olhei pela janela. As luzes das pontes, a piscar, já estavam desmaiando, e o sol ainda por vir era com o um charco de fogo no horizonte. O rio, escuro e misterioso, era cruzado por pontes que assumiam um tom frio de cinzento, recebendo aqui e ali, nas partes mais altas,

um toque cálido do céu em fogo. Enquanto eu contemp lava os

telhados amontoados, os cam panários e pináculos de igrejas elevando-se num céu excepcionalmente limpo, o sol nasceu, e um véu pareceu ser levantado do rio, e milhares de faíscas explodiram nas suas águas. Também para mim foi como se um véu se levantasse, e senti-me forte e revigorado.

Herbert dormia em sua cama, e nosso antigo colega estava adormecido no sofá. Eu não podia vestir-me sem ajuda, porém aticei o fogo, que ainda ardia, e preparei café para eles. Pouco depois os dois também despertaram, fortes e revigorados como eu, e abrimos as janelas para que entrasse o ar fresco da manhã, e olhamos para a manhã, que ainda fluía em direção a nós.

“Quando derem as nove horas”, disse Herbert, alegre, “esteja pronto e à nossa espera, você que está aí em Mill Pond Bank!”

CAPÍTULO LIII

Era um desses dias de m arço em que o sol é quente e o vento é frio, quando é verão ao sol e inverno na som bra. Levávam os nossos capotes, e eu tam bém tinha um a valise. De todas as m inhas posses deste m undo, levei apenas os poucos obj etos necessários que cabiam nela. Aonde eu iria, o que faria e quando voltaria, eram perguntas cuj a resposta eu desconhecia por com pleto; nem sequer m e im portunava com elas, pois a única coisa im portante era a segurança de P rovis. Foi apenas por um instante, quando m e detive à porta e olhei para trás, que perguntei a m im m esm o em que circunstâncias eu voltaria a ver aqueles côm odos, se é que tal viria m esm o a acontecer.

Descem os sem pressa o ancoradouro do Tem ple, e lá ficam os parados, com o se não tivessem os ainda nos decidido a efetuar o nosso plano. Naturalm ente, eu havia providenciado para que o barco estivesse pronto e tudo estivesse em ordem . Após um curto hiato de indecisão, que foi testem unhado apenas por duas ou três criaturas anfíbias que frequentavam o lugar, em barcam os e partim os; Herbert ia à proa e eu com andava o lem e. A m aré estava alta — eram oito e m eia.

Nosso plano era o que se segue. Com o a m aré com eçaria a baixar às nove e nos favoreceria até as três, pretendíam os continuar

seguindo-me e depois que ela virasse, e remar contra a correnteza até o anoitecer. A essa altura, já estaríamos naquele trecho extenso abaixo de Gravesend, entre Kent e Essex, onde o rio é largo e deserto, onde há muito poucos habitantes ribeirinhos, e onde encontraríamos um ou outro albergue esparsos, num dos quais nos recolheríamos. Ali ficaríamos a noite toda. O vapor de Hamburgo e o de Roterdã partiriam de Londres por volta das nove da manhã de quinta-feira. Saberíamos a que hora cada um deles passaria, dependendo de onde estivessemos, e faríamos o sinal para o primeiro; se por algum acaso não nos aceitassem, teríamos outra oportunidade. Conhecíamos bem as características distintivas de cada navio.

Para mim, era tão grande a sensação de alívio por estar finalmente pondo em prática meu plano que me parecia difícil imaginar a situação em que eu vivera apenas poucas horas antes. O ar fresco, o sol, o movimento do barco, o próprio rio em movimento — aquela estrada que corria conosco, parecendo estar no nosso lado, a nos animar e estimular — tudo isso fez renascer minhas esperanças. Mortificava-me e poder fazer tão pouca coisa no bote, mas seria difícil achar remadores melhores que meus dois amigos, e eles remavam num ritmo uniforme que se manteve durante todo o dia.

Naquele tempo, o tráfego de vapores no Tâmisa era muito menos intenso do que hoje em dia, e eram muito mais numerosos os

barcos a remo. Em matéria de chatas, carvoeiros e navios de cabotagem, havia talvez tantos quanto agora, porém o número de navios a vapor, grandes e pequenos, era menos de um décimo, de um vigésimo, do atual. Embora ainda fosse cedo, havia um grande número de botes com dois remadores indo de um lado para o outro naquela manhã, e também chatas sendo levadas pela maré; navegar pelo rio entre as pontes, num barco descoberto, era naquele tempo coisa bem mais fácil e com um do que agora; e assim fomos tocando em frente, em meio a esquifes e barcas, rapidamente.

A velha ponte London em pouco tempo ficou para trás, e também o velho mercado de Billingsgate, com seus barcos para pesca de ostras e seus holandeses, e a Torre Branca, e o Portão dos Traidores, e logo nos vimos entre as fileiras de navios. Lá estavam os vapores de Leith, Aberdeen e Glasgow, carregando e descarregando mercadorias, parecendo elevar-se da superfície da água a uma altura imensa quando passavam os por eles; dezenas e mais dezenas de carvoeiros, onde os homens desciam o carvão em molinetes enquanto os contrapesos subiam, sendo depois trazidos para dentro do barco; lá estava, atracado, o vapor de Roterdã que partiria no dia seguinte, o qual observamos com atenção; e lá estava o vapor de Hamburgo que partiria no dia seguinte; passamos por baixo de seu gurupés. Então

eu, instalado na popa, vi, com o coração batendo mais forte, Mill Pond Bank e seu ancoradouro.

“Ele está lá?”, perguntou Herbert. “Ainda não.”

“Certo! Ele só devia descer quando nos visse. Vês se ele está dando o sinal?” “Daqui não enxergo bem, mas acho que sim. — É ele, sim! Parem de

remar. Devagar, Herbert. Levantar remos!”

Mal tocamos no ancoradouro por um rápido momento, ele subiu a bordo, e partimos outra vez. Ele levava consigo um capote de marinheiro e um amálgama de lona preta; parecia um piloto de rio, tal com o eu desejava.

“Meu menino querido!”, disse ele, pondo o braço no meu ombro ao sentar-se. “Meu amigo fiel, tudo perfeito. Obrigado, obrigado!”

Mais uma vez, vimos-nos em meio a fileiras de navios, entrando e saindo, esquivando-nos de correntes enferrujadas, amarras esfiapadas e boias flutuantes, afundando momentaneamente cestas quebradas, dispersando maravalhas e cavacos, rasgando a camada de carvão que cobria a água, passando sob as figuras de proa de John de Sunderland, a fazer um discurso para os ventos (com o fazem tantos Johns), e de Betsy de Yarmouth, com uma formalidade rígida nos seios e olhos redondos que se destacavam cinco centímetros da cabeça; seguiamos, ao som de martinetes nos estaleiros, serrotes serrando madeira, m

áquinas ruidosas chocando-se contra coisas desconhecidas, bombas a esvaziar navios que faziam água, cabrestantes a girar, navios a fazer-se ao largo, criaturas do mar a bradar imprecisões ininteligíveis por cima das amuradas, sendo respondidos por barqueiros, seguiam os — até por fim chegar lá onde o rio estava mais desimpedido, onde os grumetes podiam recolher as defensas, não estando mais pescando em águas turbulentas, onde as velas se enfunavam ao vento.

No ancoradouro onde nosso fugitivo subira a bordo, e desde então, eu estava atento para qualquer sinal de que estivessem os sendo vigiados. Não vi nada. Certamente não haviam os sido acompanhados nem seguidos por nenhum barco, tal como não estavam os sendo seguidos agora. Se houvesse alguma embarcação em nosso encalço, teriam os detido nosso curso, obrigando-a a seguir viagem ou então a tornar óbvias suas intenções. Porém seguiam os a sós, aparentemente sem serem molestados.

Ele vestira seu capote de marinheiro, e parecia, tal como já observei, fazer parte do cenário. Era curioso observar (mas talvez isto se explicasse pela vida miserável que levava) que ele era o menos preocupado entre nós. Não que fosse indiferente, pois havia com entado comigo que esperava viver para ver o seu cavalheiro tornar-se um dos melhores cavalheiros num país estrangeiro; não me parecia ser uma pessoa passiva ou resignada; porém não era homem de antecipar medidas de cautela. Quando ocorria

um a situação de perigo, enfrentava-a, mas era preciso que o perigo se manifestasse para que ele fizesse alguma coisa.

“Se soubesses, meu menino querido”, disse-me ele, “o que é poder estar sentado ao lado do meu menino querido, pitando meu cachimbo, depois de passar tanto tempo fechado entre quatro paredes, tu havias de ter inveja de mim. Mas não sabes o que é isso.”

“Creio que conheço as delícias da liberdade”, respondi.

“Ah”, ele exclamou, sacudindo a cabeça, sério. “Mas não sabes que nem eu sei. Só quem já esteve trancafiado, meu menino querido, é que sabe que nem eu

— mas não vou ficar triste, não.”

Ocorreu-me que era uma incoerência de sua parte deixar-se levar por uma ideia fixa a ponto de arriscar sua liberdade e até mesmo a própria vida. Refleti, porém, que talvez a liberdade isenta de qualquer perigo fosse algo tão inusitado para sua experiência de vida que não representasse para ele o que era para as outras pessoas. Essas reflexões foram de certo modo confirmadas pelo que ele disse, após fumar um pouco:

“Sabes, meu menino querido, quando eu estava lá pras outras bandas do mundo, eu vivia pensando na banda de cá; e a vida por lá ficou sem graça, apesar que eu estava enricando. Todo mundo conhecia o Magwitch, e o Magwitch podia ir ou ficar que

ninguém nem pensava nele. Aqui eles não ia ser tão indiferente, meu menino querido — quer dizer, se eles soubesse onde eu estou.”

“Se tudo correr bem”, repliquei, “o senhor vai estar perfeitamente livre e protegido outra vez, dentro de umas poucas horas.”

“Bem”, disse ele, respirando fundo, “é o que eu espero.” “E é o que o senhor pensa?”

Ele me ergulhou a mão na água e disse, sorrindo, com aquela aparência mais suave que eu já vira nele antes:

“Acho que sim, meu menino querido. Seria difícil estar mais tranquilo do que estou agora. Mas — é tão agradável a gente deslizar rio abaixo que acho que é por isso que eu tive uma ideia — eu estava pensando, enquanto fumava ainda há pouco, que é tão difícil enxergar o que vai acontecer daqui a umas horas quanto é enxergar o fundo desse rio. E também é tão impossível segurar a margem dos acontecimentos quanto deter a correnteza do rio. A água passou pelos meus dedos e sumiu, está vendo?”, disse ele, exibindo a mão que pingava.

“Se não fosse pela expressão em seu rosto, eu diria que o senhor está um pouco desanimado.”

“Nada disso, meu querido menino! É só porque estou deslizando nesse rio tão tranquilo, e aquele marmulho na proa do bote até parece música. Vai ver que é também porque estou ficando velho.”

Recolocou o cachimbo na boca com uma expressão serena, parecendo tão calmo e contente com o se já tivesse saído da Inglaterra. No entanto, permanecia tão receptivo a conselhos quanto se estivesse sob terror constante, pois quando saltam os do barco por um minuto para comprar as garrafas de cerveja e ele fez um esforço de acompanhar-nos, com certeza que a meu ver seria mais seguro ele ficar onde estava. Disse ele: “É mesmo, meu menino querido?”. E voltou a sentar-se.

Estava frio no barco, porém o tempo estava bom, e o sol muito nos alegrava. A correnteza era forte, eu a aproveitava ao máximo, e com o ritmo constante dos remadores seguiamos sem problemas. Pouco a pouco, à medida que a maré enfraquecia, deixávamos para trás os bosques e morros e nos aproximávamos dos baixios de lama, mas a vazante ainda nos impedia quando chegamos à altura de Gravesend. Com o nosso fugitivo estava envolto em seu capote, fiz questão de passar bem perto da alfândega flutuante, e em seguida voltei à correnteza, passando ao lado de dois navios de emigrantes e à frente de um transporte grande, com soldados na proa olhando do alto para nós. Pouco depois a correnteza foi perdendo força, as naus que estavam ancoradas começaram a manobrar, e logo estavam todas viradas no sentido contrário; assim, as embarcações que pretendiam aproveitar a enchente da maré para seguir rumo ao Polo antártico foram empurradas para o nosso redor, enquanto mantínhamos o nosso bote o

mas próximos da margem que podíamos, para nos afastar da correnteza, evitando com cuidado os baixios e os bancos de lama. Os remadores estavam bem descansados, pois de vez em quando haviam deixado que a correnteza levasse o barco por um minuto ou dois, de modo que lhes bastou um quarto de hora de repouso. Saltamos para a margem, em meio a algumas pedras escorregadias, com eles e bebemos o que haviam nos trazido conosco, e olhamos à nossa volta. Ali era semelhante ao charco onde eu fora criado, uma terra plana e monótona, com um horizonte indistinto, enquanto o rio dava voltas e voltas, e as grandes boias giravam e giravam, e tudo mais quedava imóvel. Por ora, o último dos navios já contornara a última ponta de areia que haviam nos contornado; e a última chata verde, com seu carregamento de palha e sua vela parda, seguira viagem; e algumas dragas, que pareciam rabiscos toscos traçados por uma criança que tentasse desenhar um barco pela primeira vez, jaziam afundadas no lodo; um pequeno farol, construído sobre estacas, destacava-se da lama com o um aleijado que se apoiasse em muletas; outras estacas destacavam-se da lama, e pedras escorregadias destacavam-se da lama, e balizas e marcos vermelhos destacavam-se da lama, e um embarcadouro velho e uma construção velha, sem telhado, afundavam na lama, e tudo à nossa volta era estagnação e lama.

Partimos outra vez, e avançamos o quanto podemos. Agora era muito mais difícil navegar, porém Herbert e Startop perseveravam, remando, remando, remando, até que o sol se pôs. Nesse ínterim, o rio havia subido um pouco, de modo que podíamos ver acima da margem. Lá estava o sol vermelho, rente ao plano da margem, numa névoa arroxada que rapidamente enegrecia; o charco deserto nos cercava; e ao longe víamos o terreno mais elevado, entre o qual e nós não parecia haver nenhum ser vivo, salvo aqui e ali, no primeiro plano, uma gaivota melancólica.

Com a noite descia depressa, e a lua, já tendo comecado a minguar, não haveria de nascer tão cedo, fizemos uma rápida reunião: rápida, pois claramente o que tínhamos a fazer era aguardar no primeiro albergue isolado que encontrássemos. Assim, os remadores retomaram seu trabalho, e eu fiquei atento para o primeiro vulto que parecesse ser uma casa. Prosseguiu por algum tempo, falando pouco, avançando sete ou oito quilômetros tediosos. O frio era intenso, e um barco carvoeiro que passou por nós, com a fornalha acesa e fumegante, pareceu-nos um lar acolhedor. A essa altura, a noite estava tão escura quanto haveria de ficar até o amanhecer; e a pouca luz que havia parecia vir mais do rio do que do céu, quando os remos, ao mergulharem na água, atingiam os reflexos de algumas estrelas.

Nessa hora lúgubre, evidenciou-se que todos nós estávamos os possuídos pela ideia de que alguém nos seguia. A maré crescente batia pesada, em intervalos irregulares, contra a margem; e cada vez que ouvíamos esse som, um de nós invariavelmente olhava assustado naquela direção. Aqui e ali, o impacto da correnteza havia formado pequenas enseadas na margem, e todos nós encarávamos esses lugares com desconfiança e nervosismo. Vez por outra, um de nós sussurrava: “O que foi isso?”. Ou então: “Aquilo ali é um barco?”. Em seguida, mergulhávamos num silêncio sepulcral, e eu ficava a pensar, com impaciência, com o eram barulhentos os remos em suas toleteiras.

Por fim divisamos uma luz e um telhado, e pouco depois paramos junto a um pequeno molhe feito com pedras recolhidas nas redondezas. Deixando os outros no bote, desembarquei e constatei que a luz vinha da janela de uma taberna. Era um lugar bem sujo, provavelmente conhecido por aventureiros e contrabandistas, mas havia um bom fogo ardendo na cozinha, ovos e toucinho para comer, e diversas bebidas alcoólicas. Havia também dois quartos, cada um com duas camas — “É pegar ou largar”, disse o taberneiro. Lá não estava mais ninguém além do taberneiro, a mulher dele e uma criatura grisalha do sexo masculino, Jack, o “pau para toda a obra” do pequeno molhe, tão escorregadio e enlameado com o próprio molhe.

Acom panhado por esse assistente, voltei ao barco, e todos nós desembarcamos, trazendo conosco os remos, o leme, o croque e tudo o mais, e puxamos o bote para a terra. Fizemos uma ótima refeição junto à lareira da cozinha e depois nos dispusemos nos quartos: Herbert e Startop ocuparam um deles, eu e nosso fugitivo o outro. Constatamos que em ambos os aposentos o ar era cuidadosamente excluído, como se fosse um elemento fatal à vida; e debaixo das camas havia uma quantidade de roupas sujas e chapeleiras que me pareceu excessiva para aquela família. Não obstante, julgávamos que tínhamos tido sorte, pois teria sido difícil encontrar um lugar mais isolado do que aquele.

Enquanto relaxávamos junto à lareira após a refeição, Jack — que estava sentado num canto, e que calçava um par de sapatos inchados, o qual ele exibira para nós enquanto comíamos os ovos com toucinho, com as relíquias interessantes que retirara, alguns dias antes, dos pés de um marinheiro morto trazido pela maré — perguntou-me se tínhamos visto uma galeota de quatro remos subindo com a correnteza. Quando respondi que não, ele disse que nesse caso o barco provavelmente teria descido o rio; no entanto, ao sair dali, ele estava subindo.

“Eles devem ter mudado de ideia por algum motivo”, disse Jack, “e resolveu descer.”

“Um a galeota de quatro rem os, foi o que você disse?”, perguntei.
“Quatro rem ando”, respondeu o homem, “e dois passageiro.” “Eles desembarcaram aqui?”

“Eles vieram com um a jarra de dez litro, pegar cerveja. Se eu pudesse, eu bem que punha veneno dentro da cerveja”, disse o homem, “ou então alguma outra coisa assim.”

“Por quê?”

“Eu sei por quê”, respondeu o homem. Falava com uma voz úmida, como se tivesse muita lama na garganta.

“Ele acha”, disse o taberneiro, um homem vagamente pensativo com olhos claros, que parecia confiar muito no seu Jack, “ele acha que eles era o que não era.”

“Eu sei o que eu acho”, respondeu Jack.

“Achas que eles era da alfândega, Jack?”, indagou o taberneiro.
“Acho, sim”, respondeu ele.

“Então estás enganado, Jack.” “Estou nada!”

Dada essa resposta com uma infinidade de significados, com sua desmedida confiança nas próprias opiniões, Jack descalçou um dos sapatos inchados, olhou dentro dele, jogou no chão da cozinha algumas pedras que lá encontrou e voltou a calçar-se. Fez isso com o ar de quem tem tanta certeza do que diz que pode fazer o que bem entender.

“Ora, então o que foi que eles fez com os botão deles, Jack?”, perguntou o taberneiro, hesitando vagam ente.

“O que eles fez com os botão?”, devolveu o hom em . “Jogou n’água. Engoliu. P lantou na horta. Ora, o que eles fez com os botão!”

“Olha o respeito, Jack”, repreendeu-o o taberneiro, num tom m elancólico e patético.

“Funcionário da arfândega sabe o que fazer com os botão”,¹ repetindo a palavra detestável com o m aior desprezo, “quando atrapalha eles. Um barco de quatro rem ador e m ais dois passageiro não fica subindo e descendo por aí, com a m aré ou contra ela, se a arfândega não estiver m etida na história.” Tendo dito isso, saiu do recinto, desdenhoso; e o taberneiro, não tendo m ais ninguém em quem confiar, j ulgou im praticável continuar a discutir o assunto.

O diálogo deixou-nos todos nervosos, a m im em particular. O vento soturno

m urm urava em torno da casa, a m aré açoitava a m argem do rio, e eu tinha a sensação de que estávam os enj aulados e am eaçados. Um a galeota de quatro rem os rondando o lugar de m odo tão pouco costum eiro que chegava a atrair as atenções era um a circunstância incôm oda que eu não conseguia deixar de lado. Depois que consegui convencer P rovis a deitar-se, saí com m eus dois com panheiros (a essa altura, Startop j á estava

inteirado da situação) e realizam os outra reunião. A questão discutida era se deveriam os ficar na estalagem até a hora em que chegasse o vapor, por volta de um a da tarde, ou se seria m elhor partir de m anã cedo. Concluím os que era m elhor ficarm os onde estávam os até que faltasse cerca de um a hora para a chegada do vapor, quando então sairiam os em sua direção, seguindo com facilidade no sentido da correnteza. Tendo tom ado essa decisão, entram os e fom os nos deitar.

Fui para a cam a quase inteiram ente vestido e dorm i bem por algum as horas. Quando despertei, estava ventando ainda m ais, e a placa da estalagem (cham ada A Nau) estava rangendo e debatendo-se, provocando sons que m e assustaram . Levantei-m e em silêncio, pois nosso fugitivo estava ferrado no sono, e fui espiar pela j anela. Dela via-se o m olhe onde haviam os deixado o bote, e à m edida que m inha visão foi se adaptando à luz da lua por trás das nuvens, vi dois hom ens olhando para dentro dele. Eles passaram pela j anela, sem olhar para o outro lado, e não foram até o desem barcadouro, o qual, percebi, estava vazio, porém seguiram pelo charco em direção do Nore.2

Meu prim eiro im pulso foi despertar Herbert e m ostrar-lhe os dois hom ens se afastando. Entretanto, antes de entrar no quarto dele, que ficava nos fundos da casa, ao lado do m eu, refleti que ele e Startop tiveram um dia m ais trabalhoso que o m eu e estavam exaustos; assim , m udei de ideia. Voltando à m inha j anela, vi os

dois homens atravessando o charco. Naquela penumbra, porém, em pouco tempo perdi-os de vista, e sentindo muito frio voltei para a cama, a pensar sobre o ocorrido, e adormeci outra vez.

Levantamos cedo. Enquanto andávamos de um lado para outro, os quatro, antes do desjejum, julguei que seria bom contar a meus companheiros o que eu vira. Mais uma vez, nosso fugitivo foi quem ficou conosco preocupado. Era bem provável que os homens fossem funcionários da alfândega, disse ele em voz baixa, e que não estivessem procurando por nós. Tentei convencer-me de que era isso mesmo — o que, aliás, poderia muito bem ser verdade. Propus, no entanto, que eu e ele caminhassem juntos até um ponto distante que podíamos ver dali, e que o barco fosse nos pegar lá, ou o mais perto possível de lá, por volta do meio-dia. Todos acharam que era uma precaução razoável, e assim, pouco após o desjejum, nós dois saímos, sem dizer nada na estalagem.

Ele fumava seu cachimbo enquanto caminávamos, parando de vez em quando para me dar um tapa de leve no ombro. Quem nos visse poderia pensar que era eu que estava amedrontado, não ele, e que ele me tranquilizava. Falávamos muito pouco. Quando nos aproximamos do local escolhido, pedi-lhe que ficasse num local protegido enquanto eu fazia o reconhecimento do lugar, pois fora naquela direção que os homens haviam seguido naquela noite. Ele concordou, e segui em frente sozinho. Não havia nenhum

barco ali, nem por perto, nem sinais de que os homens tivessem em barcado nas redondezas. Por outro lado, a maré estava alta, e era possível que tivessem ficado pegadas debaixo d'água.

Quando olhou de seu esconderijo ao longe e viu que eu lhe acenava com o chapéu para que ele se aproximasse, Provis veio juntar-se a mim, e assim ficam os dois à espera: ora deitados na margem, envoltos em nossos agasalhos, ora andando de um lado para outro para nos aquecer, até que vim os nosso barco chegar. Entram os no bote sem problemas e saímos ao encalço do vapor. Faltavam apenas dez minutos para a uma da tarde, e começam os a ficar atentos para a fumaça do navio.

Porém só a divisamos à uma e meia, e pouco depois vimos a fumaça de outro vapor vindo atrás do primeiro. Com o ambos vinham a toda velocidade, pegam os nossas bagagens e nos despedimos de Herbert e Startop. Trocam os apertos de mãos cordiais, e nem bem meus olhos e os de Herbert haviam secado quando vi uma galeota de quatro remos surgir de repente da margem, de um ponto um pouco à frente de nós, vindo na mesma direção.

Ainda havia um trecho de margem entre nós e a fumaça do vapor, por efeito da curva do rio; agora, porém, o navio estava visível, vindo diretamente para onde estavam os. Gritei a Herbert e

Startop que perm anecessem à frente do vapor, para que ele nos visse ali, e disse a P rovis que perm anecessesse im óvel, envolto em seu capote. Ele respondeu, alegre: “Confia em m im , m eu m enino querido”, e ficou im óvel com o um a estátua. Nesse ínterim , a galeota, m anej ada com m uita habilidade, cruzou nosso cam inho, perm itiu que a alcançássem os e perm aneceu a nosso lado. Deixando apenas espaço suficiente para os rem os, continuou j unto de nosso bote, seguindo com a correnteza quando parávam os de rem ar, e dando um a ou duas rem adas quando o fazíam os. Dos dois passageiros, um com andava o lem e e olhava para nós atentam ente — com o fazíam todos os rem adores; o outro passageiro estava envolto em seus agasalhos tal com o P rovis, e parecia encolher-se, e cochichar instruções ao hom em do lem e enquanto ele olhava para nós. Ninguém dizia palavra nos dois botes.

Startop conseguiu, depois de alguns m inutos, descobrir qual dos dois vapores vinha à frente, e disse-me “Ham burgo” em voz baixa, sentados que estávam os um de frente para o outro. O navio se aproxim ava m uito depressa, e o ruído de suas rodas era cada vez m ais alto. Sua som bra j á se proj etava sobre nós quando a galeota nos abordou. Respondi.

“Vocês têm aí um degredado que voltou ao país”, disse o hom em do lem e. “É aquele ali, em brulhado no capote. Ele se cham a Abel

Magwitch, tam bém conhecido com o P rovis. Dou voz de prisão a esse hom em , e vocês têm que entregá-lo a m im .”

Ao m esm o tem po, sem dar nenhum a instrução a seus rem adores, a galeota encostou em nosso bote. Eles haviam avançado um pouco, recolhido os rem os e encostado, e agarrado nossa am urada, antes que nos déssem os conta do que estavam fazendo. Isso causou m uita confusão no vapor, e ouvi os que estavam a bordo dele gritando para nós, e ouvi a ordem de parar as m áquinas; ouvi o navio parar, m as senti que ele se aproxim ava de nós com ím peto irresistível. No m esm o instante, vi o hom em do lem e da galeota pôr as m ãos nos om bros do prisioneiro, e vi que os dois botes estavam rodopiando ao sabor da correnteza, e que toda a tripulação do vapor corria para a proa num frenesi. Ainda no m esm o

instante, vi o prisioneiro levantar-se, inclinar-se em direção a seu captor e arrancar o capote do pescoço do passageiro que estava encolhido na galeota. Ainda no m esm o instante, vi que o rosto revelado era o rosto do outro forçado, de tantos anos antes. Ainda no m esm o instante, vi o rosto inclinar-se para trás com um terror lívido nele estam pado, o qual j am ais esquecerei, ouvi um a gritaria vinda do vapor e o barulho de algum a coisa caindo na água, e senti que o bote afundava sob m eus pés.

Durante um instante apenas, j ulguei estar a debater-m e com m il represas e m il explosões de luz; no instante seguinte fui recolhido

pela galeota. Lá estava Herbert, lá estava Startop; mas nosso bote havia desaparecido, e os dois prisioneiros haviam desaparecido.

Com a gritaria que vinha do vapor, e o ruído furioso de seus apitos, e o movimento contínuo do vapor e da galeota, de início eu não conseguia distinguir o que era céu do que era água e do que era margem; mas os tripulantes da galeota mais que depressa corrigiram sua rota e, dando algumas remadas rápidas para a frente, em seguida largaram os remos e ficaram todos olhando, silenciosos e atentos, para a água atrás do barco. Pouco depois surgiu um objeto escuro, vindo em direção a nós no sentido da correnteza. Ninguém disse nada, mas o homem do leme levantou a mão, e todos os remadores remaram para trás lentamente, mantendo a galeota imóvel. À medida que o vulto se aproximava, vi que era Magwitch, nadando, porém com dificuldade. Ele foi recolhido a bordo do barco, e imediatamente lhe algemaram os punhos e os tornozelos.

A galeota permanecia no mesmo lugar, e todos voltaram a olhar atentos para a água. Porém o vapor de Roterdã aproximava-se, e sem entender o que estava acontecendo, vinha com velocidade. Depois que se fez sinal para ele, os dois vapores se afastaram, e ficaram os dois balançando na esteira do navio. Continuamos a vigiar a água, ainda por um bom tempo depois que a agitação cessou e os dois vapores foram-se em bora; mas

àquela altura todos já haviam percebido que não havia esperanças.

Por fim desistimos e desembarcamos perto da taberna onde haviam os passado a noite, onde fomos recebidos com muito espanto. Ali, consegui que cuidassem de Magwitch — não mais Parris — que recebera um ferimento grave no peito e um corte profundo na cabeça.

Ele me disse que julgava ter passado por baixo da quilha do vapor, e ter batido com a cabeça nela ao subir à tona. O ferimento no peito (que doía muito quando ele respirava) ele pensava ter ocorrido quando se chocou contra a amurada da galeota. Acrescentou que não saberia dizer o que fizera ou não fizera com Compton, mas que no momento em que puxou seu capote para identificá-lo, o canalha levantara-se e recuara, e os dois caíram n'água juntos; o ato de arrancar Magwitch de nosso bote e os esforços de seu captor no sentido de segurá-lo tiveram o efeito de fazer com que nosso barco virasse. Num sussurro, Magwitch contou-me que eles dois haviam afundado cingidos num abraço feroz e lutado debaixo d'água, ele conseguira desvencilhar-se, golpeara o outro e subira à tona.

Nunca tive motivo de questionar a veracidade de suas palavras. O homem do leme e da galeota fez idêntico relato do momento em que os dois caíram n'água.

Quando pedi a esse policial permissão para mudar o traje e o olhar do prisioneiro, adquirindo algumas roupas na estalagem, o homem me autorizou de imediato, observando apenas que eu teria de me responsabilizar por todos os objetos que estivessem em posse do prisioneiro. Assim, a carteira de dinheiro que outrora estivera em minhas mãos foi entregue ao policial. Ele permitiu-me também que eu acompanhasse o prisioneiro até Londres, mas não estendeu a autorização a meus dois amigos.

Jack, o homem d'A Nau, foi levado ao lugar onde o afogado havia desaparecido, e pôs-se a procurar o corpo nos lugares onde era mais provável que ele fosse encontrado. Seu interesse pareceu acentuar-se bastante quando lhe foi dito que o afogado estava usando meias. Pelo visto, seriam necessários mais de dez afogados para lhe proporcionar um guarda-roupa completo; talvez fosse por isso que as diferentes peças de seu vestuário estavam em diferentes graus de putrefação.

Ficamos na estalagem até a virada da maré, quando então Magwitch foi levado à galeota. Herbert e Startop decidiram voltar a Londres por terra assim que pudessem. Nossa despedida foi melancólica, e quando me sentei ao lado de Magwitch senti que doravante meu lugar seria sempre aquele, enquanto ele estivesse vivo.

Pois agora a repugnância que ele me inspirava havia desaparecido por completo, e naquela criatura perseguida, ferida

e acorrentada que tomava minha mão na sua eu via apenas um homem que pretendia ser meu benfeitor, e que fora afetuoso, grato e generoso para comigo com muita constância durante anos. Eu via nele apenas um homem que fora muito melhor do que eu fora para com Joe.

Sua respiração se tornou cada vez mais difícil e dolorosa ao cair da tarde, e muitas vezes ele não conseguia conter um gemido. Tentei apoiá-lo no meu braço sã, em alguma posição confortável; mas era terrível pensar que, no fundo, eu não podia imaginar que ele estivesse muito ferido, pois sem dúvida seria melhor se ele morresse. Eu não duvidava que ainda vivessem pessoas que eram capazes de identificá-lo, e estavam dispostas a fazê-lo, e não tinha esperanças de que ele viesse a ser tratado com leniência. Fora pintado com as piores cores no tribunal; escapara da prisão e fora preso novamente; voltara do degredo apesar de ter recebido pena de exílio perpétuo; e causara a morte do homem que levava a sua apreensão.

Enquanto voltávamos em direção ao sol poente que haviam os deixado para trás na véspera, e a correnteza de nossas esperanças parecia estar refluindo por completo, eu lhe disse o quanto lamentava ter ele voltado à Inglaterra por minha causa.

“Meu menino querido”, respondeu-me, “estou satisfeito de ter corrido esse risco. Eu pude ver meu menino, e ele há de conseguir se tornar um cavalheiro sem mim.”

Não. Eu pensara nisso, enquanto estavam os dois sentados lado a lado. Não. Independentemente de minhas próprias inclinações, eu compreendia agora o que Wemwick dera a entender. Parecia-me claro que, quando Magwitch fosse condenado, todos seus bens seriam confiscados pela Coroa.

“Olha só, meu menino”, disse ele. “Com o cavalheiro, é melhor que tu não me conheças mais de agora em diante. Só venhas me visitar se por acaso estiveres com o Wemwick. Fica onde eu possa te ver, quando eu for julgamento pela última vez, depois de tantas vezes, e eu não peço mais nada.”

“Jamais vou deixá-lo”, respondi, “desde que me permitam que fique perto do senhor. Se Deus quiser, hei de lhe ser tão fiel quanto o senhor tem sido fiel a mim!”

Senti que sua mão tremia, ao apertar a minha, e ele virou-se para o lado, ao deitar-se no fundo do barco, e ouvi aquele velho som em sua garganta — suavizado agora, com o tudo o mais. Foi bom que ele tocasse nesse assunto, pois me fez pensar em algo que talvez só viesse a me ocorrer tarde demais: Magwitch não deveria jamais saber que suas esperanças de me tornar rico haviam fracassado.

CAPÍTULO LIV

Ele foi conduzido ao tribunal no dia seguinte, e só não foi levado a julgamento de imediato porque era necessário mandar vir um oficial que tivesse trabalhado na prisão da qual ele fugira, para confirmar sua identidade. Ninguém tinha dúvida quanto a ela; porém, Compton, que pretendia dar seu depoimento, estava ao sabor das marés, morto, e por acaso não havia lá no momento nenhum funcionário da prisão que pudesse dar o testemunho necessário. Eu recorrera diretamente ao sr. Jaggars, indo à sua casa na noite mesmo em que cheguei a Londres, para pedir sua ajuda, e ele se recusara a admitir o que quer que fosse em benefício do prisioneiro. Nada havia a fazer, pois, segundo ele, o caso seria encerrado dentro de cinco minutos depois que chegasse a testemunha, e não havia no mundo alguém que tivesse o poder de impedir que o depoimento fosse contrário a nós.

Expliquei ao sr. Jaggars que tentava ocultar do prisioneiro o destino que teria sua fortuna. O advogado ficou indignado com isso por ter eu deixado que o dinheiro “escapulisse por entre meus dedos”, e disse-me que mais tarde haveríamos de fazer um requerimento, e ao menos tentar de algum modo conseguir uma parte dele. Não me ocultou, porém, que, em bora houvesse muitos casos em que o confisco não era feito, no caso em questão não havia circunstâncias que favorecessem tal desfecho. Isso eu

entendia muito bem. Não tinha eu nenhum grau de parentesco com o criminoso, nem qualquer vínculo reconhecido com ele; o homem não deixara nenhuma declaração por escrito em meu favor antes de ser preso, e fazê-lo agora seria inútil. Eu não tinha nenhum direito àquela fortuna, e por fim decidi, uma decisão à qual desde então me mantive fiel, que jamais me importaria a tarefa vã de tentar provar que tinha tal direito.

Não havia motivo para supor que o delator afogado esperasse receber com o recompensado a parte do dinheiro confiscado, nem que ele soubesse detalhes precisos sobre a situação financeira de Magwitch. Quando encontraram seu corpo, muito longe do lugar onde ele morrera, e tão horrivelmente desfigurado que só puderam reconhecê-lo com base no que havia em seus bolsos, ainda havia anotações legíveis dentro de uma pasta que ele levava. Entre elas estava o nome de um estabelecimento bancário em Nova Gales do Sul onde fora depositada uma quantia, e uma relação de terras de valor considerável. Ambas essas informações estavam numa lista que Magwitch, no tempo em que estivera preso, dera ao sr. Jaggars, contendo os bens que ele imaginava que eu herdaria. Sua

ignorância terminou sendo boa para ele; o pobre-diabo jamais desconfiou de que minha herança estivesse bem protegida, com a ajuda do sr. Jaggars.

Após três dias, durante os quais a promotoria aguardou a chegada da testemunha da presiganga, o caso foi facilmente resolvido com o depoimento esperado. O julgamento foi programado para a próxima sessão do tribunal, que ocorreria em um mês.

Foi nessa triste época de minha vida que Herbert chegou do trabalho uma noite um tanto desanimado, e me disse:

“Meu caro Handel, infelizmente creio que terei de deixar-te em breve.” Com o seu sócio já me havia preparado para essa notícia, fiquei menos

surpreso do que ele esperava.

“Perderem os uma ótima oportunidade se eu adiar minha ida ao Cairo, e tem o ter que ir em bora, Handel, quando tu mais precisas de mim.”

“Herbert, sem precisarei de ti, porque sem serás meu amigo querido;

mas minha necessidade não é maior agora do que em qualquer outra ocasião.” “Ficarás muito sozinho.”

“Não tenho tempo para me preocupar com isso”, repliquei.

“Sabes que estarei com ele todo o tempo que me permitirem, e que ficaria com ele o dia inteiro, se pudesse. E quando eu não estiver com ele, sabes que estarei pensando nele sem pre.”

A situação terrível em que Magwitch se encontrava de tal modo nos horrorizava que preferíamos não mencioná-la de modo mais direto.

“Meu caro”, disse Herbert, “dada a proximidade de nossa separação — pois ela está muito próxima — peço-te que me deixes perguntar-te uma coisa: tens pensado no teu futuro?”

“Não, pois tenho medo de pensar no futuro, no meu ou em qualquer outro.” “Mas não há como não pensar no teu; não, meu queridíssimo Handel,

é impossível não pensar nisso. Gostaria que o fizesses agora, a ponto de trocar umas poucas palavras comigo.”

“Certo”, concordei.

“Nesta nossa filial, Handel, vamos precisar de um ...”

Vi que, por delicadeza, ele evitava usar a palavra correta, e assim completei: “Um caixeiro”.

“Um caixeiro. E espero não ser de todo improvável que ele venha um dia (tal como aconteceu com um caixeiro teu conhecido) a se tornar também sócio da firma. Portanto, Handel — em suma, meu querido amigo, vens trabalhar conosco?”

Havia algo de encantador na cordialidade, de cativante na maneira como, após dizer “Portanto, Handel”, como se, em meio a

um sério preâmbulo de um pronunciamento profissional, ele de repente abandonasse aquele tom, estendesse sua mão honesta e falasse com o meu colega.

“Eu e a Clara tem conversado muito sobre isso”, insistiu Herbert, “e aquela criaturinha querida im plorou hoje mesmo, com lágrimas nos olhos, que eu te dissesse que, se vieres morar conosco quando estivermos juntos, ela fará o possível para te fazer feliz, e para convencer o amigo de seu marido que ele é amigo dela também. Nós nos daríamos os dois bem, Handel!”

Agradei efusivamente, a ele e a ela também, mas respondi que ainda não lhe podia dizer com certeza se aceitava sua generosa oferta. Primeiro, porque minha cabeça estava tão cheia de preocupações que eu ainda não podia pensar no assunto com clareza. Segundo... sim! Segundo, porque eu tinha alguma coisa vaga permeando meus pensamentos, a qual virá à tona quase no final desta minha despretensiosa narrativa.

“Mas se pensas, Herbert, que poderias, sem prejudicar tua família, deixar a questão em aberto por um tempo...”

“Por um tempo que quiseres”, exclamou ele. “Seis meses, um ano!”

“Nem tanto assim”, respondi. “Dois ou três meses, no máximo.”

Herbert ficou satisfeítíssimo quando trocamos um aperto de mãos para selar o acordo, e disse que agora tinha coragem de me dizer que partiria no final da semana.

“E a Clara?”, indaguei.

“A criaturinha querida”, respondeu-me e, “fica ao lado do pai enquanto ele durar; mas não há de durar muito tempo. A senhora Whimple me confidenciou que ele já está por um fio.”

“Sem querer ser insensível”, comentei, “é o que ele tem de melhor a fazer.” “Infelizmente, tenho que concordar contigo”, disse Herbert. “Quando isso

acontecer, venho buscar a minha criaturinha querida, e eu e ela vamos discretamente à igreja mais próxima. Não esqueças! A minha abençoada

criaturinha não tem família, meu caro Handel, e nunca abriu o livro vermelho,¹ e não faz ideia de quem terá sido o avô dela. Que belo destino para o filho de minha mãe!”

No sábado dessa mesma semana, despedi-me de Herbert — cheio de esperanças alegres, porém triste por ter de me deixar — quando ele já estava dentro de uma das carruagens que levam ao cais do porto. Entrei num café e escrevi um bilhete para Clara, dizendo-lhe que ele partiria com mil juras de amor para ela, e então voltei para minha casa vazia — se é que merecia tal nome, pois não era mais um lar para mim, e eu não tinha mais lar em parte alguma.

Na escada encontrei Wemnick, que estava descendo, tendo tentado sem sucesso aplicar os nós dos dedos à minha porta. Eu

não o via sozinho desde aquela desastrada tentativa de fuga, e ele viera, em caráter particular e pessoal, para me dar uma breve explicação a respeito daquele fracasso.

“O falecido Compton”, disse Wem ick, “havia aos poucos levantado a metade dos fatos a respeito do assunto em questão, e a partir do que disseram alguns dos homens dele que estavam em apuros (pois há sempre alguns homens dele em apuros) fiquei sabendo do que soube. Mantive os ouvidos bem abertos, dando a impressão de que estavam fechados, até ouvir dizer que ele estava fora, e julguei então que seria a melhor hora de fazer a tentativa. Só posso concluir, agora, que ele tinha o hábito, homem muito inteligente que era, de enganar seus próprios assessores. Espero que não ache que a culpa foi minha, não, senhor Phipps? Garanto que tentei ajudá-lo, com todo o meu empenho.”

“Disso tenho tanta certeza, Wem ick, quanto você mesmo tem, e agradeço muito seu interesse e sua amabilidade.”

“Obrigado, muito obrigado. Foi um serviço perfeito”, disse Wem ick,

coçando a cabeça, “e lhe garanto que há muito tempo não me sinto tão apenado. O que me quizila é perder tantos valores portáteis. Que coisa!”

“O que incomoda a mim, Wem ick, é pensar no proprietário desses valores.”

“Claro, claro”, disse Wemmick. “Compreende-se que o senhor tenha pena dele, e eu seria capaz de gastar cinco libras do meu próprio bolso para tirá-lo de lá. Mas olhe só com o meu olho a situação. Tendo o falecido Compeyson tido ciência de que ele havia voltado para a Inglaterra, e estando decidido a fazer com que ele fosse preso, a meu ver não havia jeito de salvá-lo. Por outro lado, os valores portáteis podiam muito bem ter sido salvos. Essa é a diferença entre os valores e o proprietário, o senhor entende?”

Convidei Wemmick a subir e tomar um copo de grogue antes de voltar a pé para Walworth. Ele aceitou. Enquanto tomava uma dose moderada, após dar mostras de certa inquietação, sem mais nem menos saiu-se com esta:

“O que o senhor acha de minha ideia de tirar uma folga na segunda-feira, senhor Pip?”

“Ora, imagino que você não faça isso há doze anos.”

“Doze anos, na verdade”, disse Wemmick. “Pois é. Vou tirar uma folga. Mais ainda: vou dar uma caminhada. Mais ainda: vou convidá-lo a dar uma caminhada comigo.”

Estava eu prestes a esquivar-me daquele convite, alegando que no momento eu não faria boa companhia, quando ele se antecipou a mim:

“Sei dos seus com promissos, e sei o quanto o senhor está abalado. Mas se pudesse me fazer esse obséquio, eu lhe ficaria grato. Não é um a caminhada muito longa, e seria de manhã cedo. Digam os que iria ocupá-lo (com o desejo um incluído na caminhada) das oito ao meio-dia. O senhor não poderia fazer um esforço, senhor Pip?”

Wemnick fizera tanto por mim, em diversas ocasiões, que o que ele me pedia para fazer por ele era muito pouco. Respondi que poderia, sim, que o acompanharia, e ele ficou tão alegre com minha aceitação que também me alegrei. Atendendo a seu pedido, combinei de encontrar-me com ele no castelo às oito e meia da manhã de segunda-feira, e em seguida nos despedimos.

Pontualmente, bati ao portão do castelo na manhã de segunda, e fui recebido pelo próprio Wemnick, que me pareceu mais bem vestido do que de hábito, usando um chapéu mais elegante. Na sala havia dois copos de leite com rum e dois biscoitos. O idoso, ao que parecia, levantara-se cedo, pois ao olhar de relance para seu quarto observei que a cama estava vazia.

Havendo nos fortificado após beber o rum com leite e comer os biscoitos, estando assim preparados para a caminhada, qual não foi meu espanto ao ver Wemnick pegar um caniço de pesca e levá-lo ao ombro. “Então vamos pescar?”, perguntei. “Não”, respondeu-me Wemnick, “mas gosto de caminhar com um caniço.”

Achei isso estranho, mas nada disse, e partimos. Seguimos os em direção a Cambridge Green, e quando já nos aproximávamos do parque Wemmick exclamou de repente:

“Ora! Uma igreja!”

Não havia nada de espantoso no fato; mais uma vez, entretanto, fiquei um tanto surpreso quando ele disse, com o animado por uma ideia brilhante:

“Que tal entrar?”

Entramos, depois que Wemmick largou seu caniço no átrio, e ficamos olhando à nossa volta. Nesse ínterim, Wemmick estava procurando alguma coisa nos bolsos do paletó e terminou pegando um em brulho.

“Ora!”, exclamou. “Dois pares de luvas! Que tal calçá-las?”

Com elas eram luvas de pelicas brancas, e com ela a caixa de correio de Wemmick estava agora escancarada ao máximo, com ele a ficar muito desconfiado. Minhas suspeitas foram confirmadas quando vi o idoso entrar por uma porta lateral, acompanhando uma senhora.

“Ora!”, exclamou Wemmick. “É a senhora Skiffins! Que tal um casamento?”

A discreta donzela usava seus trajes habituais, com a única diferença de que estava no momento ocupada em substituir suas

luvas de pelica verdes por luvas brancas. Também o idoso estava no momento preparando um sacrifício

semelhante para o altar de Himeu.² Para o ancião, porém, era tão difícil calçar as luvas que Wemmick foi obrigado a encostá-lo num pilar e puxá-las, enquanto eu o segurava em torno da cintura para que ele resistisse a esses esforços. Graças a esse engenhoso recurso, suas luvas foram por fim calçadas à perfeição.

O acólito e o pároco então chegaram, e fomos dispostos ao longo daquela balaustrada fatal. Levando às últimas consequências a pretensão de estar agindo o tempo todo de improviso, Wemmick disse a si próprio, tirando algo do bolso do colete antes do início da cerimônia: “Ora! Uma aliança!”.

Atuei com o padrinho do noivo, enquanto uma empregadinha da igreja, uma moça flácida com uma touca com as que usam os bebês, fez de conta que era amiga do peito da sra. Skiffins. A responsabilidade de levar a noiva ao altar coube ao idoso, o que teve o efeito não intencional de escandalizar o clérigo, e a coisa se deu assim: Quando ele perguntou — “Quem dá esta mulher com o esposa a este homem?” —, o ancião, não fazendo a menor ideia do momento da cerimônia a que haviam os chegado, permaneceu mudo, contemplando sorridente os desmandamentos. O pároco insistiu: “quem dá esta mulher com o esposa a este homem?”. Com o ancião permanecesse em seu estado

de tranquila inconsciência, o noivo exclamou, com sua voz costumeira: “Caro idoso, o senhor sabe muito bem ; quem é que dá?”. Respondeu o idoso, com muita presteza, antes de dizer que era ele quem dava: “Está bem , John, está bem , meu rapaz!”. E o pároco fez uma pausa tão funesta que por um momento cheguei a pensar que dificilmente conseguiríamos realizar o casamento naquele dia.

Porém , a coisa foi levada a cabo, e quando saíram os da igreja Wemmick destampou a pia batismal, pôs as luvas brancas dentro dela e fechou-a de novo. A sra. Wemmick, pensando no futuro, guardou no bolso as suas luvas brancas e voltou a calçar as verdes. “Diga-me lá, senhor Pip”, disse Wemmick, recolocando no ombro o caniço, com um gesto triunfal, ao saírem os da igreja, “se alguém seria capaz de imaginar que estamos com em orando um casamento!”

Ele já havia encomendado um desjejum numa taverna pequena e agradável, a menos de dois quilômetros dali, numa colina do outro lado do parque; e nessa taverna havia uma mesa de bagatelle,* para se por acaso quisessem os nos descontraírem depois da solenidade. Percebi, com prazer, que a sra. Wemmick agora não desenroscava mais o braço de Wemmick quando ele se adaptava às curvas de seu corpo, porém , sentada numa cadeira de encosto alto junto à parede, com o um violoncelo

em seu estoj o, submetia-se àquele abraço, tal com o o melodioso instrumento o faria.

Fizem os uma excelente refeição, e sempre que alguém recusava algo Wemmick dizia: “Foi incluído na encomenda; pode comer sem medo!”. Brindei o novo casal, o idoso, o castelo, saudei a noiva na hora das despedidas, e fui tão simpático quanto consegui ser.

Wemmick veio até a porta comigo, e mais uma vez troquei com ele um aperto de mãos, e desejei-lhe felicidades.

“Brigado!”, exclamou Wemmick, esfregando as mãos. “Ela é uma excelente administradora de aves, o senhor não imagina. Vou lhe dar uns ovos, e o senhor vai poder julgar. Veja lá, senhor Pip!”, ele chamou-me de volta e disse, em voz baixa: “Este sentimento é inteiramente de Walworth, por favor”.

“Compreendo. Não é para ser mencionado em Little Britain”, retruquei. Wemmick concordou com a cabeça. “Depois do que o senhor revelou

naquele dia, melhor o senhor Jagers não ficar sabendo de nada. Ele pode pensar que estou ficando com o mío mole, ou coisa parecida.”

* Bagatelle: jogo em que se utilizam um taco e nove bolas, numa mesa retangular com bolas e obstáculos. (n. t.)

CAPÍTULO LV

Na prisão, ele permaneceu deitado, muito doente, durante todo o intervalo entre o momento em que foi detido e o início da sessão do júri. Havia fraturado duas costelas, as quais feriram um de seus pulmões, e respirava com muita dor e dificuldade, que aumentavam a cada dia. Em consequência do ferimento, falava tão baixo que mal se conseguia ouvi-lo; por esse motivo, falava muito pouco. Mas estava sempre disposto a me ouvir; e passou a ser meu principal dever dizer-lhe, e ler para ele, o que eu sabia que ele deveria ouvir.

Por estar doente demais para permanecer numa prisão com um , depois de um ou dois dias foi transferido para a enfermaria. Isso me deu uma oportunidade de passar mais tempo fazendo-lhe companhia do que me teria sido permitido em outras circunstâncias. Ademais, não fosse sua doença, ele teria sido posto a ferros, por ser considerado um fugião pertinaz, e não sei que outras coisas.

Embora eu o visse todos os dias, era por pouco tempo apenas; portanto, os intervalos regulares que separavam minhas visitas eram longos o bastante para que eu pudesse perceber em seu rosto quaisquer sinais sutis de alterações ocorridas em seu estado físico. Não me lembro de ter visto uma única vez algum

a m udança para m elhor; ele definhava, tornando-se m ais fraco e m ais doente, a cada dia, desde que foi encerrado no cárcere.

A espécie de submissão ou resignação que demonstrava era a de um homem exaurido. Por vezes me parecia, com base em seu aspecto ou em uma ou duas palavras que escapavam de seus lábios, que ele estava a se perguntar se não poderia ter sido um homem melhor, dadas circunstâncias melhores. Porém, jamais se justificou com nenhum argumento indireto desse teor, nem tentou distorcer a forma que o passado assumira por toda a eternidade.

Aconteceu duas ou três vezes, na minha presença, de uma ou outra pessoa que cuidava dele aludir a sua terrível reputação. Nesses momentos um sorriso brotava em seu rosto, e ele voltava os olhos para mim com uma expressão confiante, como se para afirmar que sabia que eu vira nele alguma pequena qualidade positiva, mesmo que fosse tantos anos antes, quando eu era criança. No mais, era humilde e contrito, e jamais o ouvi queixar-se.

Quando foi aberta a sessão do júri, o sr. Jagers requereu que o julgamento

fosse adiado para a sessão seguinte.¹ O pedido foi feito, claramente, com base na certeza de que o prisioneiro não viveria tanto tempo, e foi indeferido. O julgamento teve início de imediato,

e quando ele foi levado ao banco dos réus, sentaram -no num a cadeira. Perm itiram que eu m e sentasse perto dele, ainda que do lado de fora da grade, e segurasse a m ão que ele estendia a m im .

O j ulgam ento foi m uito curto e m uito direto. Tudo que podia ser dito em seu favor foi dito — que ele se tornara trabalhador, e obtivera a prosperidade graças ao trabalho legal e honesto. Mas não havia com o negar o fato de que ele voltara do degredo, e estava ali, na presença do j uiz e do j úri. Não havia com o j ulgá-lo pelo crim e de retornar do desterro e não declará-lo culpado.

Naquela época, era habitual (com o fiquei sabendo a partir da terrível vivência daquelas sessões) dedicar o últim o dia da sessão à leitura das sentenças, e causar grande efeito term inando com a sentença de m orte. Não fosse a im agem indelével que ficou gravada na m inha m em ória, eu m al conseguiria acreditar, no m om ento em que escrevo estas palavras, que vi trinta e dois hom ens e m ulheres levados diante do j uiz para receber tal sentença j untos. O prim eiro de todos era ele; sentado, a fim de que pudesse respirar o suficiente para não m orrer.

Toda a cena se desenrola outra vez diante de m eus olhos, nas cores vívidas do m om ento, até m esm o as gotas das chuvas de abril nas j anelas do tribunal, brilhando ao sol de abril. Confinados ao banco dos réus, estando eu do lado de fora, segurando a m ão dele,

estavam os trinta e dois homens e mulheres: uns arrogantes, uns paralisados de terror, uns soluçando e chorando, uns cobrindo os rostos, uns lançando olhares soturnos à sua volta. Algumas das prisioneiras gritaram, porém foram obrigadas a calar-se, e o silêncio se fez. Os xerifes, com suas longas correntes e flores na lapela, outros petrechos e monstros cívicos, pregoeiros, meirinhos, uma enorme galeria cheia de gente — uma numerosa plateia de teatro — assistia ao confronto solene entre os trinta e dois e o juiz. Então o juiz dirigiu-se a eles. Uma das criaturas miseráveis à sua frente a quem ele tinha de dar um destaque especial era um homem que quase desde a primeira infância vivera com o foradalei; que, após várias prisões e castigos, fora por fim condenado ao exílio por um determinado período; e que, em circunstâncias de extrema violência e ousadia, conseguira fugir e recebera com o punição o degredo perpétuo. Este miserável parecera por algum tempo ter tomado consciência de seus erros, estando muito afastado do cenário de seus crimes de juventude, e vivendo uma vida tranquila e honesta. Porém, num momento fatal, cedendo a suas velhas inclinações e paixões, as quais o haviam portanto transformado num flagelo da sociedade, ele abandonara seu refúgio de repouso e arrependimento, voltando ao país do qual fora banido. Antes de ser denunciado, por algum tempo conseguiu escapar da Justiça, mas quando por fim foi capturado, em plena fuga, não só ofereceu resistência com o também

— só ele próprio sabia se propositalmente ou se na cegueira de seu atrevimento

— causou a morte daquele que o denunciara, o qual era conhecedor de toda sua carreira criminosa. A punição prescrita para o crime de retornar ao país de onde ele fora banido era a pena de morte, e no seu caso, com todos os agravantes, ele teria de preparar-se para morrer.

O sol entrava pelos janelões do tribunal, atravessando as gotas d'água reluzentes que escorriam pelas vidraças, lançando um feixe largo de luz entre os trinta e dois e o juiz, juntando aqueles a este, e talvez trazendo à lembrança de alguns dos espectadores que tanto aqueles quanto este um dia seriam submetidos,

em termos de absoluta igualdade, ao Juízo mais elevado, que tudo sabe e jamais erra. Levantando-se por um momento, o rosto um ponto a brilhar na luz, o prisioneiro disse: “Meritíssimo, recebi minha sentença de morte do Todo-poderoso, porém submeto-me à sua”, e voltou a sentar-se. Ouviram-se alguns “psius”, e o juiz continuou dizendo o que tinha a dizer aos outros condenados. Em seguida, a sorte de todos foi finalmente lançada; alguns precisaram de apoio para sair do recinto, e outros saíram com passo confiante e uma expressão feroz de coragem no rosto; uns poucos acenaram com a cabeça para a galeria, dois ou três trocaram apertos de mão, e outros saíram mascarando fragmentos das plantas aromáticas que havia no recinto. Ele foi o último

o a sair, porque precisava de ajuda para se levantar da cadeira e porque caminhava muito devagar; e ficou segurando minha mão enquanto todos os outros eram retirados, e enquanto a plateia se levantava (ajustando as roupas, como se estivessem na igreja ou em outro lugar qualquer) e apontava para este ou aquele criminoso, principalmente para ele e para mim.

Eu desejava intensamente e pedia em minhas preces, que ele morresse antes

que o juiz fizesse seu relatório;² temendo, porém, que sobrevivesse, comecei naquela mesma noite a redigir uma petição dirigida ao Secretário para os Assuntos Internos, explicando de que modo eu o conhecera e relatando que ele voltara à Inglaterra por mim. Adotei o tom mais fervoroso e patético possível, e após concluí-la e enviá-la, escrevi outras petições dirigidas às autoridades que me pareciam ser as mais misericordiosas, até mesmo à própria Coroa. Por alguns dias e noites após a sentença de morte, eu só encontrava descanso quando adormecia sentado em minha cadeira; dedicava-me em tempo integral a esses documentos. E depois que os despachei, não conseguia afastar-me dos lugares onde haviam sido entregues, porém tinha a impressão de que eles possuíam mais chances e se tornavam menos inúteis quando eu estava perto deles. Nesse estado de inquietude irracional e sofrimento mental, eu caminhava pelas ruas à noite, na vizinhança das repartições e

casas onde eu deixara as petições. Até hoje, as ruas do oeste de Londres, numa noite fria e poeirenta de primavera, com suas mansões severas fechadas e suas longas fileiras de lâmpadas, despertam sentimentos melancólicos em mim.

As visitas diárias que me eram permitidas agora eram mais curtas, e ele era vigiado de forma mais severa. Percebendo, ou imaginando, que suspeitavam que eu planejasse levar veneno para o prisioneiro, pedi que me revistassem antes que eu me sentasse à sua cabeceira, e disse ao carcereiro cuja presença era constante que estava disposto a fazer qualquer coisa para convencê-lo de que eu não tinha segundas intenções. Ninguém era ríspido com ele, nem comigo. Havia um dever a cumprir, o qual era cumprido, mas sem rispidez. O carcereiro sempre me garantia que a saúde dele havia piorado, e alguns dos outros prisioneiros doentes que também estavam ali, bem como os prisioneiros que deles cuidavam com os enfermeiros (malfeitores, sim, porém capazes de gestos de bondade, graças a Deus!), sempre confirmavam essa avaliação.

À medida que os dias passavam, eu percebia que ele se tornava mais e mais inerte, olhando placidamente para o teto branco, sem nada que lhe iluminasse o rosto, até que alguma palavra dita por mim acendesse uma luz por um instante,

mas em seguida ela voltava a se apagar. Em certas ocasiões ele mal conseguia falar, ou de fato emudecia; então ele me respondia

com pequenas pressões em minha mão, e aprendi a compreender muito bem o que ele queria dizer.

Quando já se haviam passado dez dias, vi nele uma mudança maior do que as que tinham ocorrido até então. Seus olhos estavam voltados para a porta, e brilharam quando entrei.

“Querido menino”, disse ele, quando me sentei ao lado da cama, “pensei que te atrasavas. Mas eu sabia que isso não podia ser.”

“Cheguei à hora de sempre”, disse eu. “Esperei no portão até o momento de entrar.”

“Tu sempre esperas lá no portão, não é, meu menino querido?”

“Sim. Para não perder um único instante.”

“Brigado, meu menino querido, brigado. Deus te abençoe. Tu nunca que me abandonaste, não.”

Apertei sua mão em silêncio, pois não conseguia esquecer que outrora pretendia abandoná-lo.

“É o melhor de tudo”, disse ele, “é ver que estás mais à vontade do meu lado depois que o céu escureceu pra mim do que estavas antes, quando o sol estava brilhando. Isso é que é o melhor de tudo.”

Ele estava deitado de costas, respirando com muita dificuldade. Por mais que tentasse, por maior que fosse o amor que tinha por

em mim, a luz de seu rosto apagou-se para sempre, e um véu desceu sobre o olhar tranquilo voltado para o teto.

“A dor acabou muito hoje?”

“Não me queixo de nada, não, meu menino querido.” “O senhor já amais se queixa.”

Aquelas foram suas últimas palavras. Ele sorriu, e compreendi pelo seu toque que queria levantar minha mão e pô-la sobre seu peito. Foi o que fiz, e ele voltou a sorrir, e pôs as duas mãos sobre a minha.

O tempo que me era permitido esgotou-se enquanto estavam os ocupados desse modo; quando, porém, olhei para trás, vi o diretor da prisão perto de mim, e ele cochichou: “Não é necessário sair agora”. Agradei com fervor e perguntei: “Posso falar com ele, se ele ainda puder me ouvir?”.

O diretor afastou-se um pouco e fez sinal para que o carcereiro fosse em bora. Essa mudança, em bora silenciosa, fez com que o véu descobrisse os olhos plácidos voltados para o teto, e ele dirigiu a mim um olhar afetuoso.

“Meu caro Magwitch, preciso lhe dizer uma coisa, agora, finalmente. Está entendendo o que digo?”

Uma pressão sutil em minha mão.

“Sei que teve um a filha querida, e perdeu-a.” Um a pressão m ais forte.

“Ela sobreviveu e fez am igos poderosos. Está viva. Tornou-se um a dam a, e é belíssim a. E eu a am o!”

Com um débil esforço derradeiro, que nada teria logrado se não contasse com m inha aquiescência e m eu auxílio, ele levantou m inha m ão até seus lábios. Em seguida, delicadam ente recolocou-a em seu peito e pousou suas m ãos sobre

ela. Novam ente voltou o olhar plácido para o teto e assim faleceu, e sua cabeça pendeu sobre o peito.

Lem brando-m e, então, do que haviam os lido j untos, pensei nos dois hom ens

que entraram no Tem plo para rezar,³ e entendi que não havia palavras m elhores que eu pudesse dizer j unto a seu leito do que estas: “Ó Deus, tem m isericórdia de m im , pecador!”.

CAPÍTULO LVI

Agora que eu estava totalmente só, avisei que tinha intenção de entregar meus aposentos no Templo tão logo expirasse o prazo do contrato de aluguel, e que nesse ínterim iria sublocá-los. De imediato pus anúncios nas janelas, pois eu estava endividado, quase não tinha dinheiro algum, e com certeza a ficar seriam muito preocupado com o estado de minhas finanças. Melhor dizendo, eu deveria estar alarmado, se tivesse energia e concentração suficientes para perceber com clareza qualquer verdade além do fato de que eu estava ficando muito doente. A tensão recente que sofrera me permitira adiar a doença, mas não me livrar dela; eu sabia que agora ela haveria de me vitimar, e não sabia mais quase nada além disso, e não pensava a sério nem mesmo o nesse pouco que sabia.

Durante um ou dois dias, permaneci deitado no sofá, ou no chão — em qualquer lugar onde estivesse no momento em que fraquejava — com um peso na cabeça e dor nos membros, sem ânimo e sem forças. Então veio uma noite que me pareceu muito longa, cheia de ansiedade e horror; e quando, de manhã, tentei sentar-me na cama e pensar no ocorrido, constatei que não conseguia fazê-lo.

Se eu havia de fato descido até o Garden-court, altas horas da noite, tentando às apalpadelas encontrar o barco que eu imaginava que estivesse lá; se duas ou três vezes havia recuperado a consciência na escada, apavorado, sem saber com o havia me levantado da cama; se dera por mim acendendo o lampião, atormentado pela ideia de que Magwitch estaria subindo a escada, e que o vento apagara as luzes; se eu fora indizivelmente perturbado pelos ruídos enlouquecidos de alguém falando, rindo e gemendo, e me perguntara se não seria eu mesmo o quem produzia esses ruídos; se havia um a fornalha de ferro fechada num canto escuro do quarto, e um a voz gritara vez após vez que a sra. Havisham estava ardendo dentro dela — eram essas as questões que eu tentava determinar e pôr em ordem, deitado na cama naquela manhã. Porém, o vapor de um forno de cal interpunha-se entre mim e elas, em baralhando tudo, e foi através desse vapor, por fim, que vi dois homens olhando para mim.

“O que vocês querem?”, perguntei, assustado. “Não os conheço.”

“Bem”, respondeu um deles, abaixando-se e tocando-me no ombro, “trata-se de uma questão que o senhor logo resolverá, parece-me; mas o senhor está preso.”

“De quanto é a dívida?”

“Cento e vinte e três libras, quinze xelins e seis pence. Devida a um joalheiro, creio eu.”

“O que fazer?”

“Melhor vir para minha casa”,¹ disse o homem. “Minha casa é muito confortável.”

Fiz uma tentativa de levantar-me e vestir-me. Quando me dei conta dos homens outra vez, estavam parados a uma pequena distância da cama, olhando para mim. Eu continuava deitado.

“Vocês veem o estado em que estou”, disse eu. “Eu iria com vocês se pudesse, mas na verdade não tenho como fazê-lo. Se me tirarem daqui, acho que vou morrer no caminho.”

Talvez eles tenham respondido, ou algum entado comigo, ou tentado me convencer de que eu estava melhor do que supunha. Mas como eles só vivem na minha lembrança por esse único fio tênue, não sei o que fizeram; sei apenas que não me rememberam da cama.

Que tive febre e as pessoas me evitavam, que sofri muito, que com frequência perdi o uso da razão, que o tempo parecia interminável, que eu confundia existências impossíveis com minha própria identidade; que eu era um tijolo na parede e no entanto implorava que me soltassem do lugar rodopiante em que os pedreiros me haviam instalado; que eu era uma barra de aço numa máquina enorme, a girar ruidosamente à beira de um abismo, e no entanto implorava com o ser humano que parassem a máquina, e que minha peça nela fosse arrancada a m

arteladas; que passei por todas essas fases da doença, tudo isso sei com base na minha própria experiência, e até certo ponto tive consciência disso na ocasião. Que por vezes eu me debatia com pessoas de carne e osso, julgando serem assassinos, e que de repente entendia que elas queriam me bem, e então me entregava exausto a seus braços, e permitia que me deitassem, disso tive consciência na ocasião. Mas, acima de tudo, eu sabia que havia uma tendência constante nessas pessoas — as quais, quando eu me sentia muito mal, apresentavam extraordinárias transformações do rosto humano, e assumiam proporções inusitadas — acima de tudo, dizia eu, eu sabia que havia uma tendência extraordinária nessas pessoas a assumir, mais cedo ou mais tarde, as feições de Joe.

Quando passou a pior fase de minha doença, com exceção de perceber que, em boca todas as suas outras características mudassem, essa persistia de modo coerente. Quem quer que se aproximasse de mim acabava se transformando em Joe. Eu abria os olhos durante a noite e via, na poltrona à cabeceira da cama, Joe. Abria os olhos de dia e, sentado à janela aberta, com a cortina baixada, fumando seu cachimbo, via ainda Joe. Pedia uma bebida refrescante, e a mão querida que a levava aos meus lábios era a de Joe. Deixava a cabeça cair de volta no travesseiro depois de beber, e o rosto que olhava para mim, cheio de esperança e ternura, era o rosto de Joe.

Por fim, um dia, criei coragem e perguntei: “É mesmo o Joe?”.

E aquela voz querida, dos tempos de outrora, respondeu: “O cujo, ele mesmo, meu velho”.

“Ah, Joe, tu partes meu coração! Olha para mim com ar de zangado, Joe. Bate em mim, Joe. Chamam-me de ingrato. Não sejas assim tão bom comigo!”

Pois Joe chegara ao ponto de pousar a cabeça no travesseiro ao meu lado e abraçar meu pescoço, tão feliz ficou ao ver que eu o reconhecia.

“Meu Pai querido, meu velho”, disse Joe, “eu e tu sempre fomos amigos. E quando estiveres bom de novo pra dar uma volta — vai ser uma patuscada e tanto!”

Dito isso, Joe voltou para junto da janela e ficou de costas para mim, enxugando os olhos. E com o minha extrema fraqueza me impedia de levantar-me e ir até ele, permaneci deitado, murmurando, penitente: “Que Deus o abençoe! Que Deus abençoe este homem doce e cristão!”.

Os olhos de Joe estavam vermelhos quando o vi de novo junto a mim; eu, porém, estava segurando sua mão, e nós dois estávamos felizes.

“Quanto tempo, meu querido Joe?”

“O que queres dizer, Pip, é quanto tempo durou a tua doença, não é, meu velho?”

“Isso mesmo, Joe.”

“Estam os no final de maio, Pip. Amanhã é primeiro de junho.” “E estiveste aqui todo esse tempo, meu querido Joe?”

“Quase todo, meu velho. Pois, com o que eu falei pra Biddy quando chegou a carta dizendo que estavas doente, a carta foi trazida pelo carteiro, que antes era solteiro e agora está casado, se bem que ganha pouco, pro tanto que ele anda e mais o que ele gasta de sola de sapato, mas a riqueza não era o que ele queria não, e casar era o que ele mais queria do fundo do coração...”

“É tão bom te ouvir, Joe! Mas interrompe o que dizias a Biddy.”

“O que”, ele prosseguiu, “foi que talvez tu estavas no meio de gente estranha, e que eu e tu sempre fomos amigos, uma visita agora quem sabe não seria má ideia. E a Biddy, ela virou pra mim e falou assim: ‘Vá ter com ele sem perder mais tempo’. Em suma, eu acho que não estaria te enganando”, Joe acrescentou, após um momento de reflexão séria, “se te disser que as palavras exatas da coisa foi isso: ‘sem perder nem mais um minuto’.”

Neste ponto, Joe interrompeu-se, dizendo-me que lhe haviam recomendado falar comigo apenas com muita moderação, e alimentar-me aos poucos e em intervalos curtos, tendo eu apetite ou não, e que eu devia fazer tudo que ele mandasse. Assim, beijei-

lhei a mão e calei-me, enquanto ele redigia um bilhete para Bidy, no qual eu lhe mandava minhas saudações.

Pelo visto, Bidy ensinara-o a escrever. E estando eu deitado na minha cama, olhando para ele, ao pensar nisso, em meu estado de fraqueza, chorei mais uma vez, de alegria, por ver o orgulho com que ele com punha sua carta. Minha cama, sem o dossel, fora levada, estando eu deitado nela, para a sala, por ser o cômodo mais arejado e mais amplo, e o tapete fora retirado, e a sala era mantida sempre limpa e arrumada, dia e noite. Era à minha escrivania, em purrada para um canto e coberta de frascos de remédios, que Joe estava sentado para realizar seu grande feito, primeiro escolhendo uma pena no estojo com o se fosse uma caixa de ferramentas, e arregaçando as mangas com o se fosse em punhar um pé-de-cabra ou uma marreta. Joe precisou apoiar-se

pesadamente na mesa com o cotovelo esquerdo, e dobrar bem a perna direita, para poder comêçar, e quando por fim comêçou, desenhava cada traço descendente com tanta lentidão que dava a impressão de estar fazendo um risco de dois metros de comprimento, e a cada traço ascendente eu ouvia sua pena arranhando bem alto. Curiosamente, ele julgava que o tinteiro estava do lado em que não estava, e a toda hora mergulhava a pena no ar, parecendo muito satisfeito com o resultado. De vez em quando esbarrava em algum obstáculo ortográfico, mas de modo geral

saiu-se muito bem, e depois que assinou o nome, e transferiu um borrão final do papel para seu cocuruto com os dois indicadores, levantou-se e ficou a rodear a escrivaninha, contemplando o fruto de seu trabalho de diversos pontos de vista, com uma satisfação ilimitada.

Não querendo preocupar Joe por falar demais, mesmo não podendo falar demais nem se quisesse, resolvi só pedir notícias da sra. Havisham no dia seguinte. Ele fez que não com a cabeça quando lhe perguntei se ela se recuperara.

“Ela morreu, Joe?”

“Ora, meu velho”, disse Joe, num tom de admiração, com o semblante tentando ir aos poucos, “eu não iria ao ponto de falar uma coisa dessa, porque isso é dizer muito; mas ela não está...”

“Viva, Joe?”

“É mais ou menos isso”, disse Joe; “ela não está mais viva.” “Ela levou muito tempo para morrer, Joe?”

“Depois que tu adoceste, ela levou mais ou menos, se me mandassem dizer quanto era, assim uma semana”, disse Joe, ainda decidido, para me proteger, a ir aos poucos.

“Meu querido Joe, sabes o que vai ser da propriedade dela?”

“Bom, meu velho”, disse Joe, “diz que ela tinha destinado a maior parte dela

à senhora Estella. Mas ela tinha escrito um codicilo,² de próprio punho, um ou dois dias antes do acidente, no qual ela deixava quatro mil libras limpas pro senhor Matthew Pocket. E sabe por quê, Pip, ela deixou essas quatro mil libras limpas pra ele? ‘Por causa do que o Pip falou a respeito do dito Matthew.’ Foi o que a Biddy me disse que ela escreveu”, disse Joe, repetindo aquele detalhe com o se ele lhe fizesse um bem incomparável, “a respeito do dito Matthew.’ Quatro mil libras limpas, Pip!”

Jamais descobri com quem Joe aprendeu a destacar a limpa das quatro mil libras, mas o adjetivo parecia aumantar a quantidade para ele, e estava claro que lhe dava prazer insistir nesse ponto.

Este relato muito me alegrou, pois aumantava o valor da única coisa boa que eu fizera. Perguntei a Joe se ele ficara sabendo se algum outro parente recebera algum legado.

“A senhora Sarah”, disse Joe, “ganhou vinte e cinco libras por ano pra comprar remédio, por causa que ela sofre do fígado. A senhora Georgiana ganhou vinte libras, só. A senhora... com o é que chamamos nome daquele bicho que tem corcova, meu velho?”

“Como?” respondi, sem entender por que ele haveria de querer saber tal coisa.

Joe fez que sim com a cabeça. “A senhora Como ela”, que logo entendi ser uma referência a Camilla, “ganhou cinco libras pra com

prar um a lam parina pra ela se anim ar quando ela acordar no m eio da noite.”

A precisão desses detalhes era óbvia para mim, e fiz-me ter plena confiança nas informações trazidas por Joe. “E agora”, disse Joe, “ainda estás fraco, meu velho, e por isso só mais uma novidade por hoje. O velho Orlick andou arrom bando um a casa de família.”

“Casa de quem?”, indaguei.

“É bem verdade que ele é meio chegado a se prostrar”, disse Joe, com o que se desculpando, “mas mesmo assim, a casa de um inglês é o castelo dele, e castelo só se arromba em caso de guerra. E por mais defeito que ele tem, no fundo do coração ele sempre foi um negociante de cereal.”

“Foi a casa de Plum blehook que arrombaram, então?”

“Isso mesmo, Plum”, disse Joe, “e levaram o dinheiro dele, e beberam o vinho dele, e comeram a comida dele, e deram um tapa na cara dele, e puxaram o nariz dele, e amarraram ele na cama, e deram uns sopapos nele, e encheram a boca dele de sem ente de frô pra ele não gritar. Mas ele reconheceu o Orlick, e o Orlick agora está na cadeia.”

E foi assim que chegaram os a ter uma conversa sem restrições. Demorei para recuperar minhas forças, mas pouco a pouco fui m

elhorando; Joe ficou comigo, e imaginei que eu voltara a ser o pequeno Pip de outrora.

Pois a ternura de Joe era de tal modo adequada à minha necessidade que eu era com o mesmo a criança em suas mãos. Sentado ao meu lado, ele falava-me com a confiança de outrora, e a simplicidade de outrora, com seu jeito despretensioso e protetor de outrora, e eu quase chegava a crer que toda a minha vida desde que eu saíra da nossa velha cozinha era um dos efeitos mentais da febre que havia passado. Ele fazia tudo por mim, menos os trabalhos domésticos, para os quais contratou uma mulher muito decente, depois de pagar e dispensar a lavadeira assim que chegou. “A cuj a, eu te garanto, Pip”, ele dizia sempre, para justificar a liberdade que tomara, “eu peguei furando a cama de hóspede, que nem se fosse um barril de cerveja, e punhando as penas num balde pra vender. Ia acabar furando a tua cama também, pra tirar as penas contigo deitado nela, e levando o carvão na sopeira e na travessa de legumes, e levando o vinho e o rum nas tuas botas de cano alto.”

Aguardávamos com muita paciência o dia em que eu poderia sair para dar um passeio, como outrora aguardávamos o dia em que eu me tornaria aprendiz. E quando o dia chegou, veio uma carruagem descoberta, Joe agasalhou-me, pegou-me no colo, carregou-me escada abaixo e colocou-me dentro da

carruagem , com o se eu ainda fosse a criaturinha indefesa à qual ele dera com tanta abundância a riqueza de sua natureza pródiga.

E Joe sentou-se a m eu lado, e j untos saím os em direção ao campo, onde o verão luxuriante j á se m anifestava nas árvores e na gram a, e doces perfum es estivais estavam no ar. P or acaso, era um dom ingo, e ao contem plar a beleza à m inha volta, e pensar que tudo aquilo crescera e m udara, e que as florezinhas silvestres se haviam form ado, e as vozes dos passarinhos se haviam fortalecido, enquanto eu, pobre de m im , ardia de febre e m e debatia em m inha cam a, a

sim ples lem branca de ter ardido de febre e m e debatido na cam a perturbou m inha paz de espírito. Quando, porém , ouvi os sinos dom inicais, e olhei m ais um pouco para a beleza que se espalhava a m eu redor, senti que m inha gratidão ainda era m uito insuficiente — que ainda estava fraco dem ais para sequer ser grato — e apoiei a cabeça no om bro de Joe, tal com o eu fazia tantos anos antes quando ele m e levava à feira ou a qualquer outro lugar, e o cenário que m e cercava era dem ais para m eus sentidos ainda tenros.

Após algum tem po, tranquilizei-m e um pouco m ais, e ficam os a conversar com o fazíam os antigam ente, deitados na gram a na velha bateria. Joe não m udara nem um pouco. Exatam ente o que ele fora antes nos m eus olhos, ele continuava a ser agora; igualm ente fiel, e igualm ente bom .

Quando, na volta, ele me levantou outra vez, e me carregou — com muita facilidade — cruzando o pátio e subindo a escada, pensei naquele Natal tão acidentado em que ele me carregara pelo charco afora. Até aquele momento, não haviam os tocado no assunto dos reveses por mim sofridos, e eu não sabia até que ponto ele estava informado a respeito dos últimos acontecimentos. Agora eu duvidava tanto de mim mesmo, e sentia tanta confiança em Joe, que não conseguia me decidir se deveria falar nisso, vendo que ele não o fazia.

“Acaso soubeste, Joe”, perguntei-lhe naquela noite, depois de pensar mais um pouco, enquanto ele fumava seu cachimbo junto da janela, “quem era meu protetor?”

“Ouvi dizer”, respondeu ele, “que não era a senhora Havisham, meu velho.” “Soubeste quem era, Joe?”

“Bom, ouvi dizer que foi a pessoa que mandou aquela pessoa te entregar aquele dinheiro lá na Barqueiros, Pip.”

“E foi mesmo.”

“Espantoso!”, disse Joe, num tom absolutamente tranquilo.

“Soubeste que ele morreu, Joe?”, perguntei depois de algum tempo, cada vez mais hesitante.

“Quem? O que mandou entregar o dinheiro?” “Ele mesmo.”

“Acho”, disse Joe, depois de me editar por um bom tempo, e de dirigir um olhar um tanto esquivo para a janela, “que ouvi dizer alguma coisa mais ou menos assim, que ele tinha mais ou menos horrível, sim.”

“Soubeste das circunstâncias em que ele morreu, Joe?” “Soube muita coisa não, Pip.”

“Se quiseres saber mais, Joe...”, com efeito, quando Joe se levantou e veio até meu sofá.

“Olha aqui, meu velho”, disse Joe, debruçando-se sobre mim. “A gente continua amigo, não é, Pip?”

Tive vergonha de responder.

“Muito bem, pois”, disse Joe, com o que eu tivesse de fato respondido; “está bem, isso está acertado. Entences pra que entrar em detalhe, meu velho, já que entre amigo não tem precisão dessas coisa? A gente tem muito assunto pra falar, não precisa falar nessas coisa que não tem precisão. Meu Deus! Quando eu penso na sua irmã, coitada, e com o ela ficava espumando! E te lembras do pau-de-cosca?”

“Se me lembras, Joe.”

“Olha aqui, meu velho”, disse Joe, “eu fiz o que pude pra que tu e o pau-de-cosca ficasse separado um do outro, mas nem sem pre

eu conseguia fazer o que eu queria. Pois quando a tua irmã, coitada, resolvia partir pra cima de ti, o pobrem a”, prosseguiu Joe, naquele seu tom de argum entação favorito, “não era que ela partia pra cima de mim se eu ficava contra ela, não, mas que aí mesmo é que ela caía em cima de ti com toda a vontade. Isso eu percebia. Não era por medo dela puxar minha barba, nem me dar uns dois safanão (coisa que a tua irmã tinha todo o direito de fazer) que um homem ia deixar de proteger um menino. Mas se o menino ainda vai apanhar mais por conta daquele puxão na barba ou daquele safanão, entonces o homem pergunta pros botão dele: ‘Que é que adianta fazer isso? Sei o mal que vai causar’, diz o homem, ‘e não sei qual é o bem. Me diga lá qual é o bem, meu senhor.’”

“O homem diz isso?”, perguntei, enquanto Joe fazia uma pausa para que eu dissesse algo.

“O homem diz isso”, concordou ele. “E o homem tem razão?”
“Querido Joe, ele tem sem pre razão.”

“Entonces, meu velho”, disse Joe, “fia-te no que tu mesmo dizes. Se o homem tem sem pre razão (se bem que quase sem pre ele se engana), entonces ele tem razão quando fala assim : — Quando eras pequeno, guardavas pra ti teus pobrem inhas, porque sabias que o J. Gargery nem sem pre conseguia me manter-te separado do pau-de-cosca. Assim sendo, não penses mais nessas coisa entre nós, e não vam os falar sobre essas coisa que não tem precisão de falar. A Biddy teve muito trabalho, antes de eu vir pra

cá (porque eu sou muito bronco), pra me convencer que eu devia de encarar as coisa desse jeito, e também pra me ensinar com o que eu devia de falar, depois que eu já via as coisa com o era pra ver. Agora que eu consegui as duas coisa”, disse Joe, encantado com sua própria lógica, “agora eu te digo, falando com o amigo: não inzagera, não, com e o teu jantar, toma o teu vinho com água e vai pra cama.”

A delicadeza com que Joe pôs de lado o assunto, e o tato e a bondade com que Bidy — a qual, com sua argúcia de mulher, descobrira tudo — preparara-o para conversar comigo, muito me impressionaram. Mas se Joe sabia o quanto eu estava pobre, e que minhas grandes esperanças se haviam dissipado tal com o as névoas de nosso charco quando o sol esquentava, disse eu não fazia ideia.

Eis outra coisa a respeito de Joe que eu não compreendi quando com ele surgiu, mas que não demorei a entender, e lembrar: à medida que eu ficava mais forte e melhor de saúde, Joe ficava menos à vontade comigo. Quando eu estava fraco e de todo dependente dele, meu querido Joe assumia o velho tom de antes, e me chamava pelos velhos nomes, “Pip, meu velho”, “meu velho”, que agora eram música nos meus ouvidos. Eu também assumia meu jeito antigo, e sentia-me feliz e grato por ele me permitir tal coisa. Imperceptivelmente, porém, embora eu me apegasse a esse meu jeito com unhas e dentes,

Joe foi abrindo mão do seu; e se de início eu não compreendia o que estava acontecendo, logo ficou claro que a causa do fenômeno estava em mim, e que a culpa era toda minha.

Ah! Então eu não dera a Joe motivo para duvidar de minha constância, para levá-lo a crer que, quando próspero, eu me tornaria frio com ele e o afastaria? Não dera eu a seu coração inocente nenhum motivo para sentir instintivamente que, à medida que eu ficasse mais forte, seu domínio sobre mim haveria de diminuir, e que seria melhor ele relaxá-lo e deixar que eu me afastasse, antes que eu próprio me livrasse dele?

Foi na terceira ou quarta vez em que fui caminhar nos Temple Gardens, amparado pelo braço de Joe, que percebi essa mudança nele com muita clareza. Estávamos sentados ao sol quente, olhando para o rio, e quando nos levantamos juntos, por acaso: “Vê, Joe! Estou andando muito bem. Verás que agora na volta vou caminhar sem ajuda.”

“É melhor não zangar”, disse Joe, “mas vou gostar muito de ver que o senhor consegue.”

Aquele “o senhor” incomodou-me, mas com o poder eu censurá-lo! Andei até o portão do jardim, e então fingi que me sentia fraco, e pedi a Joe que me apoiasse. Ele me estendeu o braço, porém ficou pensativo.

Eu, de minha parte, também fiquei pensativo; sentia-me e perplexo e cheio de remorso, tentando encontrar a melhor maneira de deter essa mudança gradual em Joe. Que eu tinha vergonha de lhe dizer exatamente qual era minha situação, e a que eu fora reduzido, não vou tentar negar; espero, porém, que essa relutância não seja de todo censurável. Ele haveria de querer-me ajudar, recorrendo a suas pequenas economias, eu sabia, e eu sabia também que ele não deveria-me ajudar, e que eu não deveria permitir que ele o fizesse.

Naquela noite ficam os pensativos os dois. Mas antes de nos deitarmos, eu havia decidido que esperaria o dia seguinte, que seria domingo, e na manhã seguinte seguiria um novo caminho. Na manhã de segunda-feira eu falaria a Joe a respeito dessa mudança, eu poria de lado esse último vestígio de reserva, diria a ele o que eu tinha em mente (aquele “Segundo...”, a que ainda não chegara), e por que eu não resolvera ir trabalhar com Herbert; assim, a mudança seria realizada em caráter definitivo. À medida que eu-me tranquilizava, Joe também parecia tranquilizar-se, e era como se ele, por uma faculdade de simpatia, tivesse também tomado uma decisão.

Passamos um domingo tranquilo, tomamos um carro, saímos da cidade e ficamos a caminho pelo campo.

“Dou graças a Deus por ter adoecido, Joe”, observei.

“P ip, m eu velho, cam arada velho, o senhor j á está quase bom .”

“P ara m im , foram dias m em oráveis, Joe.”

“Tam bém pra m im , tanto quanto pro senhor.”

“P assam os j untos alguns dias, Joe, que j am ais hei de esquecer. Dias houve, eu sei, que de fato esqueci, por algum tem po; m as estes, eu nunca vou esquecer.” “P ip”, disse Joe, parecendo um pouco afobado e preocupado, “foi grandes

patuscadas. E, m eu caro senhor, o que a gente fez... a gente fez.”

À noite, depois que m e deitei, Joe entrou em m eu quarto, com o vinho fazendo sem pre durante m eu período de convalescença. Perguntou-m e se eu estava certo de que m e sentia tão bem quanto m e sentira pela m anã.

“Estou bem , sim , m eu querido Joe.”

“E está cada vez m ais forte, m eu velho?” “Estou, sim , m eu querido Joe, cada vez m ais.”

Joe deu tapinhas no m eu om bro por cim a da coberta, com sua m anzorra honesta, e disse, com um a voz que m e pareceu rouquenha: “Boa noite!”.

Quando m e levantei pela m anã, reanim ado e ainda m ais forte, só pensava na m inha decisão de m e abrir com Joe, sem dem ora. Eu conversaria com ele antes do desj ej um . Haveria de vestir-m e im ediatam ente, ir ao quarto dele e surpreendê-lo, pois era a prim

eira vez que eu acordava cedo. Fui até seu quarto, e ele não estava lá. Joe não estava mais lá, e seu baú também não.

Corri até a mesa do desjejum, e lá encontrei uma carta. Ela dizia apenas isto:

Sem querer me entrometar fui embora pois agora estás bem outra vez querido Pip e fico melhor sem
jo.

P. S. Sem pre grandes amigos.

Junto com a carta, encontrei um recibo referente à dívida e aos gastos que haviam levado à minha ordem de prisão. Até aquele momento eu supunha, na minha ignorância, que meu credor havia retirado sua queixa, ou que a suspendera enquanto eu estivesse doente. Jamais imaginara que Joe havia saldado a dívida; porém ele o fizera, e o recibo estava em seu nome.

Que mais me restava agora, senão ir atrás dele, rumo à minha querida ferraria, e lá abrir-me de todo com ele, e penitenciar-me, e aliviar minha mente e meu coração revelando aquele “Segundo...”, que começara com uma vaga ideia em minha cabeça, e que se cristalizara numa firme decisão?

O que eu decidira era que voltaria a Bidy , e haveria de lhe mostrar o quanto eu estava humilde e arrependido, contar-lhe de que modo perdera todas as minhas esperanças, e lembrar-lhe as confidências que haviam os trocado nos tempos de minha primeira infelicidade. Então eu lhe diria: “Bidy, creio que gostavas muito de mim , quando meu coração inconstante, muito embora se afastasse de ti, era mais tranquilo e melhor contigo do que jamais voltou a ser. Se ainda consegues gostar de mim a esta idade do que gostavas antes, se consegues me aceitar com todos os meus defeitos e decepções, se poderes receber comigo a criança perdoada (e, de fato, estou muito arrependido, Bidy, e preciso de uma voz que me tranquilize e uma mão que me acaricie), espero ser um pouco mais merecedor de ti do que antes — não muito, mas um pouco. E, Bidy, caberá a ti decidir se devo trabalhar na ferraria com Joe, ou se devo tentar encontrar algum outro tipo de trabalho em nossa aldeia, ou se devemos ir para algum lugar distante onde me aguarda uma oportunidade, a qual deixei de lado quando me foi oferecida, enquanto eu não soubesse qual seria a tua resposta. E agora, querida Bidy, se poderes me dizer que seguirás pelo mundo comigo, certamente farás do mundo um lugar melhor para mim , e farás de mim um homem melhor, e hei de esforçar-me ao máximo para fazer do mundo um lugar melhor para ti”.

Era essa a minha decisão. Após mais três dias de convalescença, voltei à

minha velha aldeia para realizar meu intento; e o que se passou comigo é tudo que ainda tenho para relatar.

CAPÍTULO LVII

A notícia de minha derrocada espetacular havia chegado à minha aldeia natal e suas redondezas antes que eu lá chegasse. Descobri que o Javali Azul já estava em posse dessa informação, e também que ela em muito alterara a atitude do estabelecimento. Se o Javali cultivara a minha estima com cálida assiduidade quando eu estava começando a gozar a minha propriedade, ele estava excepcionalmente frio, agora que eu não tinha mais propriedade nenhuma.

Era noite quando cheguei, exaurido por aquela viagem que eu fizera tantas vezes antes com facilidade. O Javali não pôde-me conceder meu quarto habitual, que estava ocupado (provavelmente por alguém que tinha grandes esperanças), e coube-me apenas um quarto bem inferior, em meio aos pombo e às diligências do pátio. Entretanto, dormi tão profundamente ali quanto no melhor aposento que o Javali me pudesse ter concedido, e a qualidade de meus sonhos foi mais ou menos a mesma que teria sido no melhor dos quartos.

De manhã cedo, enquanto preparavam meu desjejum, fui dar uma caminhada na vizinhança da Casa Satis. Havia cartazes impressos no portão, e em pedaços de tapete pendurados das janelas, anunciando a venda, em leilão, de móveis e outros artigos,

na semana seguinte. A casa em si seria vendida com o material de construção, e demolida. Lia-se 1o lote, em letras tortas escritas em cal, na parede da cervejaria, e 2o lote na parte principal do prédio, que ficara tanto tempo fechada. Outros lotes estavam assinalados em outras partes da estrutura, e a hera fora arrancada para dar lugar às inscrições; boa parte dela estava caída no chão de terra, já murcha. Entrando por um momento pelo portão aberto, com o ar pouco à vontade de um desconhecido que não tinha por que estar ali, vi o funcionário do leiloeiro andando por cima dos barris e contando-os em voz alta, enquanto um compilador fazia suas anotações à caneta, usando com o escrivão uma cadeira com rodas que eu tantas vezes empurrara, ao som da canção do velho Clem.

Quando voltei ao Javali para comer, encontrei o sr. Plumbehook conversando com o taverneiro. O sr. Plumbehook (cuja aparência não havia melhorado por efeito de sua recente aventura noturna) estava à minha espera e dirigiu-se a mim nos seguintes termos:

“Meu jovem, lamentavelmente arruinado. Mas o que mais se poderia esperar! Que mais se poderia esperar!”

Com o ele me estendeu a mão com um magnífico ar de perdão, e como eu estava enfraquecido pela doença e incapaz de brigar, aceitei-a.

“William”, disse o sr. P um blechook ao garçom, “ponha um muffin* sobre a mesa. Então a coisa acabou assim! A coisa acabou assim!”

De cara amarrada, sentei-me e comeci a comer. O sr. P um blechook, em

pé, serviu-me o chá — antes que eu tivesse tempo de pegar o bule — com o ar de um benfeitor decidido a ser fiel até o fim.

“William”, disse o sr. P um blechook, com uma voz triste, “traga o sal. Em tempos mais felizes”, dirigindo-se a mim, “creio que você usava açúcar? E leite? Sim, açúcar e leite. William, traga um pouco de agrião.”

“Obrigado”, disse eu, seco, “mas não com o agrião.”

“Não com o agrião”, retrucou o sr. P um blechook, suspirando e balançando a cabeça várias vezes, com o se já esperasse aquilo, com o se não com o agrião fosse coerente com minha derrocada. “É verdade. Os frutos simples da terra. Não. Não precisa trazer, não, William.”

Continuei a comer, e o sr. P um blechook permaneceu em pé ao meu lado, com seu olhar fixo de peixe e respirando ruidosamente, com o de hábito.

“Só pele e ossos!”, murmurava ele, em voz alta. “E no entanto quando ele partiu daqui (posso acrescentar, com minha bênção), e eu abri

para ele minha humilde loja, ele estava rechonchudo com o um pêssego!”

Isso me fez pensar na diferença incrível entre a maneira servil com que ele me oferecera o pão, quando eu acabara de me tornar próspero, indagando: “Posso?”, e a clemência ostensiva com que ainda há pouco exibira os meus cinco dedos.

“Ah!” exclamou ele, entregando-me o pão com minha antiga. “E vai agora ter com o Joseph?”

“Pelos amor de Deus”, exclamei, sem conseguir mais me controlar, “o que lhe importa aonde vou? Largue esse bule.”

Foi a pior coisa que eu poderia ter feito, porque deu a Plumbehook a oportunidade que ele queria.

“Sim, meu jovem”, disse ele, soltando o bule e afastando-se um passo de minha mesa, e falando de modo a ser ouvido pelo taverneiro e pelo garçom à porta, “vou largar o bule, sim. Você tem razão, meu jovem. Pela primeira vez, você tem razão. Foi por distração que eu me interessei pelo seu desajeitamento, para que você alim entasse seu organismo, exaurido pelos efeitos debilitantes da prodigialidade, com a com ida salutar dos seus antepassados. E no entanto”, disse Plumbehook, virando-se para o taverneiro e o garçom, apontando-me com o braço esticado, “era com ele que eu brincava no tempo de sua infância feliz! Me digam que não pode ser; pois eu afirmo que é ele mesmo!”

Um m urm úrio discreto dos outros dois lhe deu resposta. O garçom parecia particularm ente afetado.

“Era ele m esm o”, disse P um blechook, “que eu levava na m inha carroça. Ele, que eu criei com a m ão. Ele, de cuj a irm ã m e tornei tio por afinidade, cuj a m ãe dela era Georgiana M’ria, ele que o negue se for capaz!”

O garçom parecia convencido de que eu não podia negá-lo, e que isso tornava a coisa ainda m ais séria.

“Meu j ovem ”, disse P um blechook, virando a cabeça para m im à sua m aneira de outrora, “você vai ter com o Joseph. O que m e im porta, você

pergunta, aonde você vai? E eu lhe digo: m eu caro, você vai ter com o Joseph.”

O garçom tossiu, com o se convidando, m odestam ente, a responder a tal desafio.

“Ora”, disse P um blechook, e tudo isso com o ar m ais irritante de dizer na causa da virtude o que era perfeitam ente convincente e conclusivo, “vou lhe falar o que dizer ao Joseph. Aqui está o proprietário do Javali, conhecido e respeitado nesta cidade, e aqui está o William , cuj o nom e do pai era P otkins, se não m e engano.”

“Isso m esm o, senhor”, disse William .

“Na presença deles”, prosseguiu P um blechook, “vou lhe dizer, meu jovem, o que dizer ao Joseph. Diga o seguinte: ‘Joseph, hoje estive com meu primo benfeitor e fundador da minha fortuna. Não vou dizer quem é, Joseph, mas é assim que o chamam na cidade, e eu estive com esse homem’.”

“Juro que não o estou vendo aqui”, disse eu.

“Diga isso também”, retorquiu P um blechook. “Diga que você disse isso, e até mesmo o Joseph vai se surpreender.”

“Então o senhor não o conhece”, disse eu. “Eu o conheço bem.”

“Diga você”, prosseguiu P um blechook. “Joseph, eu estive com esse homem, e ele não me deseja mal, nem a ti nem a mim. Ele te conhece bem, Joseph, conhece bem a tua teimosia e a tua ignorância; e ele me conhece bem, Joseph, conhece bem a minha ingratidão. Sim, Joseph’, diga você”, e nesse ponto P um blechook sacudiu a cabeça e a mão para mim, “ele conhece bem minha total deficiência em matéria de gratidão humana. Ele a conhece, Joseph, melhor

do que ninguém. Tu não a conheces, Joseph, não tendo tido oportunidade disso, mas esse homem a conhece.”

Mesmo sabendo que ele era um asno falastrão, fiquei pasmo de ver que ele era capaz de dizer tal coisa na minha cara.

“Diga você: ‘Joseph, ele me deu um pequeno recado, que vou te transmitir agora. É que, ao me ver humilhado, ele viu o dedo da Providência. Ele reconheceu esse dedo ao vê-lo, Joseph, e ele o viu com clareza. E o dedo apontava para a seguinte inscrição, Joseph: Castigo pela ingratidão para com seu

primeiro benfeitor, e fundador de sua fortuna . Mas esse homem disse que não se arrependia do que havia feito, Joseph. Nem um pouco. Foi a coisa certa a fazer, foi a coisa boa a fazer, foi um ato de benevolência, e ele faria outra vez’.”

“É um ato de pena”, disse eu, com sarcasmo, terminando meu desejo um

interrompido, “que o homem não tinha dito o que foi que ele fez e faria outra vez.”

“Proprietário do Javali”, um blechok agora se dirigia ao taverneiro, “e William ! Não me oponho a que os senhores mencionem , na aldeia ou seu entorno, se assim o desejarem , que foi certo, bom e benevolente fazer a coisa que eu fiz, e que eu a faria outra vez.”

Com essas palavras, o ministro apertou a mão dos dois homens, com ares de importância, e saiu, deixando-me muito mais atônito do que deliciado pelas virtudes da “coisa” indefinida. Saí da taberna não muito tempo depois que ele saiu, e quando descii a High-street vi-o discursando (sem dúvida sobre o mesmo

tem a) à porta de sua loja para um grupo seletivo, o qual me agraciou com olhares muito desfavoráveis quando passei pela calçada oposta.

Isso, porém, tornava ainda mais agradável a perspectiva do encontro com Bidy e Joe, cuja imensa generosidade brilhava ainda mais do que antes, se tal fosse possível, em contraste com aquele farsante descarado. Eu caminhava devagar, pois meus membros estavam fracos, mas com uma sensação de alívio crescente à medida que me aproximava deles, e a sensação de estar deixando para trás, cada vez mais longe, a arrogância e a falsidade.

Era junho, e o tempo estava magnífico. O céu estava azul, as cotovias voavam bem alto sobre o trigo verdejante, todo o campo me parecia muito mais belo e pacífico do que eu já me lembro. Ao longo do caminho, distraíam-me muitas imagens agradáveis da vida que eu haveria de levar ali, e da mudança para o melhor que sofreria meu caráter quando eu tivesse ao meu lado uma presença que me guiaria, com uma fé simples e uma sabedoria natural que eu bem conhecia. Elas despertavam em mim uma emoção terna, pois meu coração estava suavizado por aquele retorno, e era tal a mudança ocorrida em mim que eu me sentia como o viajante que volta para casa descalço depois de uma longa viagem, com muitos anos de duração.

Eu nunca vira a escola onde Bidy lecionava; mas o caminho indireto que eu tomara para chegar à aldeia, a fim de ter um caminho mais tranquilo, levou-me até ela. Decepcionei-me ao ver que era um feriado; não havia nenhuma criança lá, e a casa de Bidy estava fechada. Eu havia imaginado encontrá-la ocupada com seus afazeres cotidianos, e essa expectativa frustrou-se.

Mas a ferraria era bem perto dali, e para lá fui à procura das doces tílias verdejantes, tentando ouvir as marteladas de Joe. Quando eu já devia estar a ouvi-las há um bom tempo, e quando eu já imaginara tê-las ouvido há um bom tempo, tudo permanecia silencioso. Lá estavam as tílias, e os pilriteiros, e as castanheiras, e suas folhas farfalhavam em harmonia quando eu parava para escutar; porém o som das marteladas de Joe não vinha no vento estival.

Quase ao fim do caminho, sem saber por quê, divisei a ferraria, vi-a por fim, e estava fechada. Não havia fogo, nem fagulhas reluzentes, nem ressoava o ronco do fole; tudo fechado e silencioso.

Entretanto, a casa não estava vazia, e a sala de visitas de cerimônia parecia estar sendo usada, pois havia cortinas brancas esvoaçando na janela, a qual estava aberta e enfeitada com flores. Aproximei-me em silêncio, pensando em olhar por cima das flores, quando vi Joe e Bidy à minha frente, de braços dados.

De início Bidy deu um grito, como se julgasse ver uma aparição, mas no instante seguinte abraçou-me. Chorei ao vê-la, e ela chorou ao ver-me; eu, porque sua aparência era tão fresca e agradável; ela, porque eu parecia tão cansado e pálido.

“Mas, querida Bidy, como estás elegante!” “É, meu querido Pip.”

“E Joe, como tu estás elegante!”

“É, Pip, como arada velho.”

Olhei para os dois, de um para o outro, e então...

“Hoje é o dia do meu casamento”, exclamou Bidy, numa explosão de

felicidade, “e me casei com o Joe!”

Eles me levaram à cozinha, e eu pousei a cabeça na velha mesa de pinho. Bidy levava uma de minhas mãos aos lábios, e a mão confortadora de Joe tocava-me o ombro. “É que ele ainda não está forte pra aguentar uma surpresa assim, querida”, disse Joe. E Bidy disse: “Eu devia ter pensado nisso, meu querido Joe, mas eu estava feliz demais”. Os dois estavam felicíssimos por me ver, orgulhosos por me ver, emocionados por eu ter vindo a eles, deliciados por eu ter chegado por acaso para tornar aquele dia completo!

O primeiro pensamento que me ocorreu foi de grande alívio por não ter comunicado a Joe essa minha última esperança frustrada. Quantas vezes, quando ele estava comigo em minha convalescença, as palavras não haviam subido a meus lábios! Com o tempo teria sido irrevogável para ele essa revelação, se tivesse permanecido comigo mais uma hora, apenas!

“Querida Biddy”, disse eu, “tens o melhor marido do mundo, e se pudesses vê-lo à minha cabeceira tu... mas não, não poderias amá-lo mais que o amas.”

“Não, não poderia, não”, disse Biddy.

“E tu, meu querido Joe, tens a melhor esposa do mundo, e ela há de te fazer tão feliz quanto mereces ser, meu querido Joe, tão bom, tão nobre!”

Joe olhou-me e com o lábio trêmulo, e chegou a levar a manga da camisa aos olhos.

“E Joe e Biddy, vocês que estiveram hoje na igreja, e sentem caridade e amor por toda a humanidade, recebam meu humilde agradecimento por tudo que fizeram por mim, e pelo qual eu lhes recompensei tão mal! E quando eu lhes disser que estou partindo dentro de uma hora, pois em breve vou para o estrangeiro, e que não descansarei enquanto não conseguir ganhar com meu trabalho o dinheiro que comprou minha liberdade, e enviá-lo a vocês, não pensem, queridos Joe e Biddy, que me esqueço se eu

pagasse mil vezes essa quantia seria possível para mim saldar um milésimo do tanto que lhes devo, ou que eu o faria se pudesse fazê-lo!”

Os dois se emocionaram ao ouvir essas palavras, e ambos imploraram que eu não dissesse mais nada.

“Mas tenho que dizer mais. Querido Joe, espero que vocês tenham filhos para amar, e que um dia um menino se sente aqui no canto da lareira numa noite de inverno, e que ele te faça lembrar de um outro menino que daqui partiu para sempre. Não digas a ele, Joe, que fui ingrato; não digas a ele, Biddy, que fui tão pouco generoso e tão injusto; digam-lhe apenas que eu tive muita estima por vocês dois, por serem tão bons e fiéis, e que, com o filho de vocês, afirmarei que era natural que ele se tornasse um homem muito melhor que eu.”

“Não vou dizer a ele”, retrucou Joe, falando por detrás da mangada da cama, “nada disso, não, Philip. Nem a Biddy não vai. Ninguém vai dizer nada disso.”

“E agora, embora eu saiba que vocês já fizeram isso no fundo de seus corações bondosos, por favor me digam, vocês dois, que me perdoem! Por favor, deixem-me ouvir essas palavras, para que eu possa levá-las comigo, e então possa acreditar que vocês podem confiar em mim, e ter-me em melhor conta no futuro!”

“Ah, querido Pip, meu velho”, exclamou Joe. “Deus sabe que te perdoo, se tem alguma coisa pra mim perdoar!”

“Amém! E Deus sabe que eu também o faço!”, ecoou Biddy.

“Agora deixem-me subir e ver meu velho quartinho, e repousar lá a sós por alguns minutos, e então, depois que eu comer e beber com vocês, levem-me até o poste indicador, queridos Joe e Biddy, para lá nos despedirmos!”

Vendi tudo que tinha, e economizei o quanto pude para entrar num acordo com meus credores — os quais me deram bastante tempo para saldar minhas dívidas por completo — e fui trabalhar com Herbert. Em menos de um mês, parti da Inglaterra, e em menos de dois meses estava trabalhando com o caixeiro da Clarriker & Cia., e em menos de quatro meses assumi toda a responsabilidade pela sucursal pela primeira vez. Pois a vigia do teto em Mill Pond Bank já não tremia com os grunhidos do velho Bill Barley e estava em paz, Herbert fora à Inglaterra para desposar Clara, e fiquei sozinho responsável pela sucursal oriental da firma até ele voltar com ela.

Muitos anos se passaram até que eu me tornasse sócio, mas fui feliz, morando com Herbert e sua esposa e levando uma vida frugal; liquidei minhas dívidas, e mantive uma correspondência constante com Biddy e Joe. Foi só quando me

tornei o terceiro sócio da firma a que Clarriker cometeu uma traição, contando tudo a Herbert; ele, porém, afirmou que o segredo do que possibilitara a ascensão de Herbert pesava-lhe há muito tempo na consciência, e que ele precisava revelá-lo. Assim, ele abriu-se: Herbert ficou tão comovido quanto atônito, e nossa amizade não se tornou menor por conta desse segredo mantido por tanto tempo. Que não se pense que nos tornamos uma grande empresa, nem que ganhamos dinheiro a rodo. Não negociávamos em escala grandiosa, mas tínhamos um bom nome na praça, trabalhávamos muito para ganhar nosso dinheiro e damos-nos muito bem. Devíamos tanto à disposição alegre de Herbert para o trabalho que muitas vezes eu me perguntava como poderia já mais duvidar de sua capacidade, até que um dia a questão se esclareceu quando me ocorreu a reflexão de que a incapacidade talvez já mais tivesse sido um atributo dele, e sim em eu.

* Muffin: massa de pão cortada em fatias redondas cozinhada na chapa, servida com manteiga. (n. t.)

CAPÍTULO LVIII

Fazia onze anos que eu não via Joe nem Bidy com meus olhos corpóreos —

em bora os dois estivessem sempre presentes na minha imaginação, no Oriente

— quando, numa noite de dezembro, uma ou duas horas depois do pôr do sol, pousei a mão silenciosamente na maçaneta da velha porta da cozinha. Meu toque foi tão leve que ninguém me ouviu, e olhei dentro da casa sem que me vissem. Lá, fumando seu cachimbo no lugar de sempre junto à lareira, saudável e forte com o sempre, ainda que um pouco grisalho, estava Joe; e lá, encurralado no canto da cozinha pela perna de Joe, sentado no meu banquinho, olhando para o fogo, estava... eu de novo!

“A gente deu a ele o nome de Philip em tua homenagem, meu velho”, disse Joe, muito contente, quando me sentei em outro banco ao lado do menino (mas não lhe despenteei o cabelo), “e a gente espera que ele fique um pouco com o ti

quando crescer, e a gente acha que ele vai ficar, sim.”

Eu também pensava assim, e saí para caminhar com ele na manhã seguinte, e conversamos os mais divertidos, com preendo um ao outro à perfeição. E levei-o até o campo-santo, e o pus sobre

um a certa lápide de lá, e ele m e m ostrou do alto dela qual pedra era dedicada à m em ória de P hilip P irrip, paroquiano de lá, e tam bém Georgiana, esposa do acim a.

“Biddy ”, disse eu quando fui conversar com ela depois do j antar, enquanto a filha pequena dorm ia em seu colo, “tens que m e dar o P ip, um dia desses, ou pelo m enos em prestá-lo.”

“Não, senhor”, disse ela, carinhosa. “Tens que te casar.”

“É o que dizem Herbert e Clara, m as acho que nunca vou m e casar, Biddy. Já m e acostum ei tanto a m orar com eles, que isso não é m ais provável. Já m e tornei um solteirão.”

Biddy olhou para a criança, levou sua m ãozinha aos lábios e depois pôs sua boa m ão de m atrona, com que ela a tocara, na m inha m ão. Havia algo naquele ato, e na leve pressão da aliança em seu dedo, que continha um a linda eloquência.

“Querido P ip”, disse Biddy , “tens certeza de que não sofres m ais por ela?” “Ah, não — creio que não, Biddy .”

“Fala com igo com o a um a velha am iga. Esqueceste-a por com pleto?” “Querida Biddy, não esqueci nada que ocupou um lugar im portante na

m inha vida, e quase nada de qualquer coisa que m e tenha ocorrido. Mas aquele sonho vão, com o eu o cham ava outrora, se esvaeceu com pletam ente, Biddy,

com pletam ente!”

Não obstante, eu sabia, no momento em que dizia essas palavras, que pretendia em segredo visitar o lugar onde antes ficava o casarão, naquela mesma noite, sozinho, por ela. Sim, apesar de tudo. Por Estella.

Eu ficara sabendo que ela tivera uma vida muito infeliz, tendo se separado do marido, que fora muito cruel com ela, e que se tornara famoso por sua combinação de orgulho, avareza, brutalidade e mesquinhez. E soubera também da morte dele, num acidente causado pelos maus-tratos que ele infligira a um cavalo. Estella tornara-se livre cerca de dois anos antes; talvez tivesse voltado a casar-se.

Com o jantar na casa de Joe era cedo, tive bastante tempo, mesmo após uma conversa demorada com Bidy, para caminhar até o lugar da casa velha antes que escurecesse. Durante a caminhada, porém, parei muitas vezes para ver coisas antigas e pensar nos tempos antigos; assim, quando cheguei ao meu destino já estava escurecendo bastante.

Agora não havia mais casa, nem cervejaria, nem prédio nenhum, apenas o muro do velho jardim. O terreno baldio era delimitado por uma cerca grosseira, e olhando por cima dela vi que alguns ramos da velha hera haviam criado raízes novas, e agora estavam

verdej antes por cima de montes de entulho. O portão da cerca estava entreaberto, abri-o por completo e entrei.

Uma névoa friorenta descera sobre a tarde, e a lua ainda não nascera para dissipá-la. Porém as estrelas brilhavam por trás da névoa, a lua já estava quase nascendo, e a noite não estava escura. Pude identificar o local em que ficara cada parte da velha casa, onde os portões, onde os barris. Tendo feito isso, fiquei contemplando o desolado caminho do jardim quando vi um vulto solitário dentro dele.

O vulto demonstrou que percebia minha presença, à medida que me aproximava. Antes o vulto vinha em minha direção, mas agora estava parado. Chegando mais perto, vi que era uma mulher. Quando me aproximei ainda mais, ela fez um esforço de se afastar, mas então parou e deixou-me chegar até ela. Então hesitou, como se atônita, e pronunciou meu nome, e gritei:

“Estella!”

“Mudei muito. Não sei como me reconheceste.”

De fato, o frescor de sua beleza se havia desvanecido, mas um a indescritível majestade e um indescritível encanto permaneciam. Esses seus atributos eu já vira antes; o que eu já mais vira era aquela luz suavizada e melancólica nos olhos outrora orgulhosos; o que já mais sentira antes era o toque simpático da mão outrora insensível.

Sentam o-nos num banco perto dali, e eu disse: “Depois de tantos anos, é estranho que voltem os a nos encontrar, Estella, aqui onde nos vim os pela primeira vez! Costum as voltar aqui sempre?”.

“Nunca mais voltei.” “Nem eu.”

A lua começava a subir no céu, e pensei naquele olhar plácido voltado para o teto, que já não existia. A lua começava a subir no céu, e pensei na pressão em minha mão depois que pronunciei as últimas palavras que ele ouviu neste mundo.

Foi Estella quem rompeu o silêncio que se instaurara entre nós.

“Muitas vezes desejei e tentei vir aqui, mas fui impedida por uma série de circunstâncias. Sobre casa velha!”

A névoa prateada agora era tocada pelos primeiros raios de luar, e os mesmos raios tocaram as lágrimas que caíram de seus olhos. Não sabendo que eu as via e tentando livrar-se delas, Estella disse em voz baixa:

“Por acaso estavas pensando, ao caminhar por aqui, como foi que o lugar acabou nesse estado?”

“Estava, sim, Estella.”

“O terreno é meu. É a única propriedade de que não abri mão. Tudo mais que tinha perdi, pouco a pouco, mas isto permanece.”

Foi a única coisa que me levou a oferecer resistência em todos esses anos de desgraça.”

“Vão construir no terreno?”

“Finalmente. Vim aqui para me despedir dele, antes da mudança que vai ocorrer. E tu”, disse ela, com aquele tom de interesse que se sente por um viandante, “ainda vives no estrangeiro?”

“Ainda.”

“E vives bem, sem dúvida?”

“Trabalho muito para ter o suficiente, de modo que... Sim, vivo bem.” “Tenho pensado muito em ti”, disse Estella.

“É muito?”

“Muito, ultimamente. Durante muito tempo, um tempo muito difícil, mantive afastada a lembrança do que joguei fora quando não conhecia ainda seu valor. Mas com o tempo nada havia no reconhecimento dessa lembrança que fosse incompatível com meus deveres, terminei por lhe dar um lugar no meu coração.”

“Tu sempre tiveste um lugar no meu coração”, repliquei. E ficaram os dois em silêncio de novo, até que ela voltou a falar.

“Jamais imaginei”, disse ela, “que iria te dizer adeus ao dizer adeus deste lugar. É muito bom que seja assim.”

“Muito bom dizer adeus outra vez, Estella? Para mim, dizer adeus é uma coisa dolorosa. Para mim, a última vez em que nos despedimos sempre foi melancólica e dolorosa.”

“Mas tu me disseste”, retorquiu Estella, muito séria, “Que Deus te abençoe, que Deus te perdoe!” E se pudeste dizê-lo naquele dia, não hesitarás em dizer o mesmo a mim agora — agora, depois que o sofrimento me deu uma lição mais forte do que qualquer outra, e me ensinou a lidar com o que era outrora o meu coração. A vida me dobrou, me quebrou, mas espero que me tenha tornado uma pessoa melhor. Sê tão compreensivo e bom comigo quanto foste antes, e diz-me que somos amigos.”

“Somos amigos”, disse eu, levantando-me e debruçando-me sobre Estella, enquanto ela se levantava também.

“E continuaremos amigos à distância”, disse ela.

Tom ei-lhe a mão, e saímos daquelas ruínas; e tal como as névoas matinais se haviam dissipado tantos anos antes, quando parti da ferraria pela primeira vez,

assim também as névoas vespertinas se dissipavam agora,¹ e naquela extensão

de luz tranquila que elas me revelavam, não vi nenhum sinal de um adeus a

Estella

InfoLivros.org

